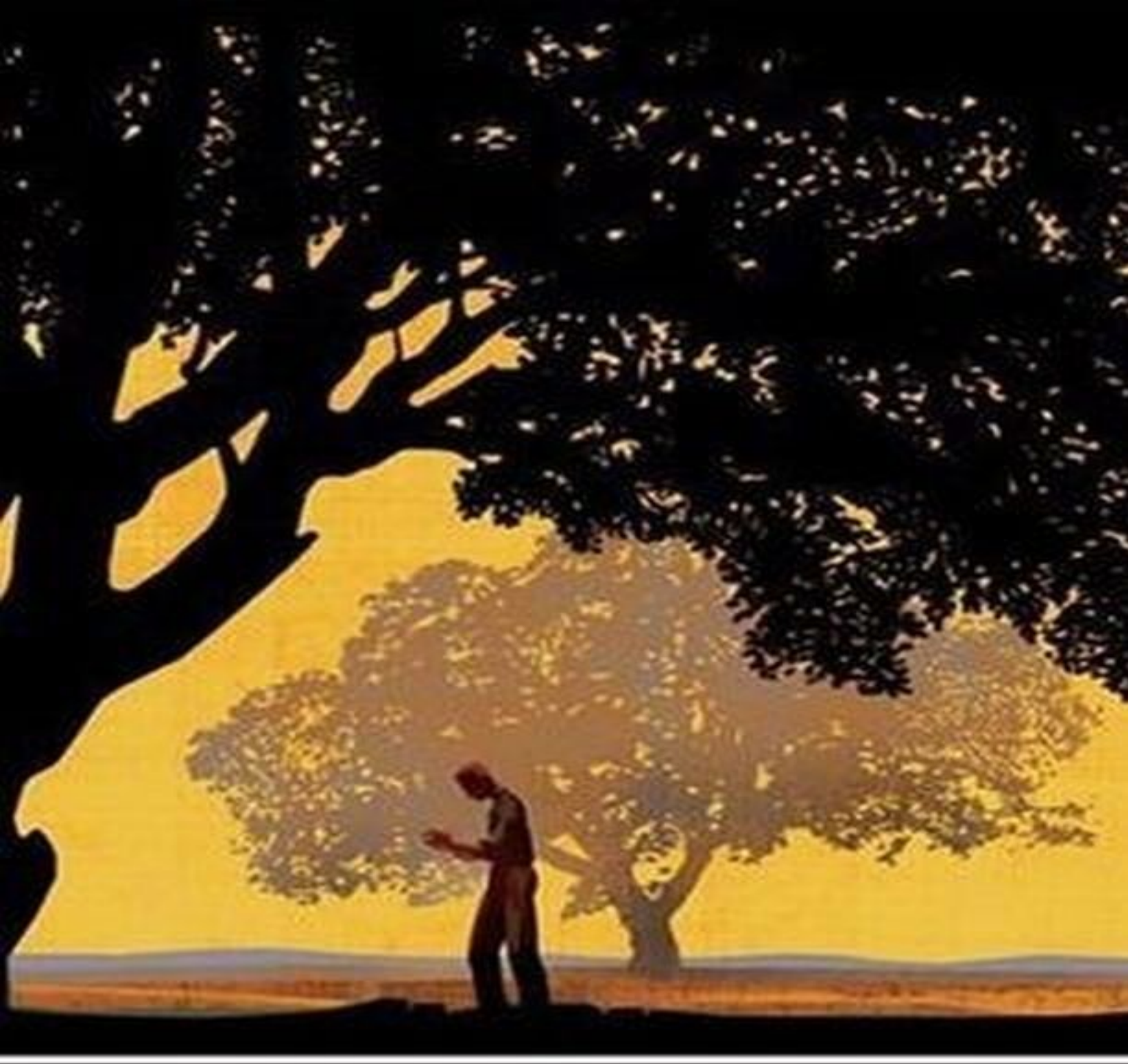




JOHN STEINBECK

A Leste do Éden



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do

***conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo
nível."***

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

JOHN STEINBECK

(1902-1968)

A Leste do Éden

Título original americano

EAST OF EDEN

1952

Tradução

JOÃO B. VEGAS

Edição Portuguesa

Capa adaptada MICK WIGGINS para Penguin

Título da edição original:

EAST OF EDEN

Autor: JOHN STEINBECK

Tradução:

JOÃO B. VIEGAS

Revisão:

MOURA VITÓRIA

Capa:

A. PEDRO

Copyright (c) 2001 by Livros do Brasil

Reservados todos os direitos pela legislação em vigor

Última edição - Lisboa - Setembro de 2001

ISBN 972-38-0002-0

VENDA INTERDITA NA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

EDITORA LIVROS DO BRASIL

O Autor

O americano John Ernst Steinbeck, Jr. — Salinas, Califórnia, 27 de fevereiro de 1902-Nova Iorque, 20 de dezembro de 1968 recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1962. Suas principais obras são *A Leste do Éden* — *East of Eden*, 1952 e *As Vinhas da Ira* — *The Grapes of Wrath*, 1939.

Ainda muito jovem, por influência dos pais, lia Dostoievski, Milton, Flaubert e George Eliot. Terminou o curso secundário na Salinas High School, em 1919. No ano seguinte, ingressou na Universidade de Stanford, exercendo várias profissões para custear os estudos. Em 1925, empregou-se no jornal *American* de Nova York, e vasculhou a cidade em busca de um editor para seus livros ainda não escritos. Estreou na literatura com *A Taça de Ouro* — 1929, biografia romanceada do bucaneiro Henry Morgan, já marcada por seu característico estilo alegórico.

Publicou em seguida *Pastagens do céu* — 1932 e *A um Deus Desconhecido* — 1939. Esses primeiros livros não lhe asseguraram a profissionalização como escritor. Em 1935 firmou-se como autor de prestígio com *Boêmios Errantes*, que recebeu a medalha de ouro do Commonwealth Club de São Francisco como melhor livro californiano do ano. Os três mais importantes romances de Steinbeck foram escritos entre 1936 e 1938: *Luta Incerta* — 1936, que descreve greve de trabalhadores agrícolas na Califórnia; *Ratos e Homens* — 1937, que analisa as complexas relações entre dois trabalhadores migrantes; *As Vinhas da Ira* — 1939, sua obra-prima, conta a exploração dos boias-frias na história da família Joad, que migra para a Califórnia atraída por sua ilusória fartura. Essa trágica odisséia recebeu o prêmio Pulitzer e foi levada à tela por John Ford em 1940.

A obra de Steinbeck inclui ainda *Caravana de Destinos* — 1944, *A Pérola* — 1945/47, *O Destino Viaja de Ônibus* — 1947, *Doce Quinta-feira* — 1954, *O Inverno de Nossa Desesperança* — 1961, *Viagens com Charley* — 1962. Steinbeck teve 17 de suas obras adaptadas por Hollywood. Alcançou também grande sucesso como roteirista, tendo sido indicado em 1944 ao Oscar pelo script de *Um Barco e Nove Destinos* — *Lifeboat*, de Alfred Hitchcock. — Wiki

Sinopse

Publicado originalmente em 1952, *A LESTE DO ÉDEN* foi o projeto mais ambicioso de John Steinbeck, que passou 11 anos se preparando para a empreitada. Na prática, o livro consumiu um ano de trabalho ininterrupto, 25 dúzias de lápis, cerca de três dúzias de resmas de papel almaço e 350 mil palavras — antes dos cortes. No final desse esforço hercúleo, o autor tinha um calo no dedo médio da mão direita e, dizem alguns, seu melhor livro. No romance, Steinbeck entrelaça a história de sua família, a de seu país e da própria condição humana, condenada a um mundo trágico do qual Deus partiu. Steinbeck escreveu o romance para os filhos, a fim de que entendessem as origens de sua família de emigrantes europeus que atravessaram mares em busca do jardim do éden e que, no paraíso californiano, foram picados pela mesma serpente que por um lado incita os filhos de Deus ao pecado e por outro lhes dá o inalienável direito humano da escolha. Um hino ao individualismo emersoniano, tão americano quanto a prosaica torta de maçã.

PASCAL COVICI*

Querido Pat,

Você me surpreendeu quando esculpia uma figurinha de madeira e disse:

— Por que você não faz uma coisa para mim?

Perguntei o que você queria e você respondeu: — Uma caixa.

— Para quê?

— Para guardar coisas.

— Que coisas?

— Tudo o que você tiver.

Então, aqui está sua caixa. Pus nela quase tudo o que tinha e não está cheia.

Tem dor e prazer, bons ou maus sentimentos, pensamentos maus e pensamentos bons — o prazer de modelar, algum desespero e a alegria indescritível de criar. E, acima de tudo isto, minha gratidão e todo o meu amor por você.

Nem assim a caixa ficou cheia.

JOHN

*Pascal "Pat" Covici — 1885-1964 foi editor e grande amigo de John Steinbeck por longos anos.

Primeira Parte

Capítulo I

1

O vale do Salinas fica na Califórnia do Norte. É um sulco longo e plano entre duas cadeias de montanhas, e o rio Salinas desliza e serpenteia pelo centro até desaguar na baía de Monterey.

Recordo-me dos meus nomes de infância para as plantas e para as flores secretas, do esconderijo de cada sapo e da hora a que os pássaros acordavam no verão — das árvores e das estações do ano — das pessoas e do seu aspecto; recordo-me até do cheiro que tinham. A memória olfativa é muito rica.

Recordo que as montanhas Gabilanes, a leste do vale, eram alegres e cheias de sol, lindas, tendo um ar de convite que despertava em nós o desejo de subir pelas suas veredas cálidas, quase como quem sobe para o colo da mãe bem-amada. Eram montanhas atraentes envoltas no seu manto de erva ruça. Para o lado do Ocidente, recortava-se no céu a serra de Santa Lucias, muralha escura e taciturna, inamistosa e ameaçadora, entre o vale e o mar. Sempre tive medo do Oeste, sempre gostei do Leste. Não saberei dizer donde me vem tal ideia; só se for por a manhã vir dos cumes dos Gabilanes e a noite cair das cristas de Santa Lucias. Pode muito bem ser que o nascimento e a morte do dia tenham concorrido para a impressão que me ficou dessas duas cordilheiras.

De ambos os lados do vale precipitavam-se pequenas torrentes que iam cair no leito do rio Salinas. Nos invernos chuvosos, as torrentes engrossavam e iam aumentar o Salinas até fazê-lo sair do leito, espumando e furioso, tornando-o destruidor. O rio arrastava a terra das propriedades ribeirinhas; arrancava e levava celeiros e casas; vacas, porcos e carneiros eram apanhados desprevenidos e afogados nas suas águas barrentas que os empurravam para o mar. Depois, com o fim da primavera, o rio regressava ao seu leito e apareciam os bancos de areia. No verão, escondia-se. Do turbilhão invernal, apenas restavam algumas poças junto dos bancos mais altos. A erva recuava e os salgueiros endireitavam-se com os destroços da torrente nos ramos mais altos. O Salinas era apenas um rio

esporádico: o sol do verão fazia-o desaparecer. Não era um rio a valer mas era o único que tínhamos e por isso nos gabávamos dele — por ser perigoso nos invernos chuvosos e por ser seco nos verões secos.

Podemos gabar seja o que for, se nada mais tivermos. Quanto menos se tem, maior é a vontade de o gabar.

O solo do vale do Salinas, entre as cordilheiras e a seguir ao sopé das montanhas, é plano porque este vale constituía o fundo de uma reentrância do mar com mais de cento e cinquenta quilômetros. A foz do rio em Moss Landing era há centenas de anos a entrada deste longo braço de mar. Uma vez, o meu pai abriu um poço a mais de oitenta quilômetros do mar. A sonda começou por encontrar uma camada de húmus, depois cascalho e, por fim, areia branca cheia de conchas e até de bocados de ossos de baleia. Sob a camada de quatro metros de areia, havia novamente terra vegetal. A sonda atravessou um pedaço de sequoia, essa madeira vermelha que não apodrece. Antes de ter sido um mar interior, o vale deve ter sido uma floresta. E, essas coisas aconteceram mesmo debaixo dos nossos pés. Às vezes, à noite, parecia-me que podia sentir o mar e a floresta que existira antes dele.

Sob as terras planas a camada de húmus era espessa e fértil. Bastava um bom inverno chuvoso para que se cobrisse de erva e de flores. A floração da primavera, nos anos unidos, era um espetáculo inacreditável. O fundo do vale e o sopé das colinas pareciam um tapete de tremoços e de papoulas. Uma mulher me disse um dia que as flores coloridas pareceriam ter mais brilho se lhes juntassem algumas flores brancas. As pétalas azuis do tremoço são orladas de branco e por isso um tremoçal é mais azul do que se pode imaginar. No meio disto, havia explosões de papoulas da Califórnia. Estas têm uma cor quente — não laranja, nem ouro, mas se o ouro fosse líquido e emitisse um vapor, esse vapor doirado seria a cor das papoulas. Depois vinha a estação da mostarda amarela. Era tão alta quando o meu avô chegou ao Vale que apenas se conseguia ver a cabeça de um homem que no meio dela passasse a cavalo. Nas terras altas, a erva estava semeada de rainúnculos, de margaridas e de violetas amarelas com o centro negro. E um pouco mais tarde, surgiam os cravos da índia, vermelhos e amarelos. Eram as flores dos grandes espaços expostos ao sol.

Sob os carvalhos, numa atmosfera sempre sombria, cresciam as avencas perfumadas, e à beira dos regatos pendiam cachos de doiradinhas. E depois havia os jacintos, minúsculas lanternas de um branco aveludado e quase pecaminoso, mas eram tão raros que, quando uma criança descobria algum, se sentia privilegiada e esquisita durante todo o dia.

Quando chegava o mês de Junho, a erva estiolava e todo o Vale ficava castanho, mas era um castanho em que só entrava o ouro, o açafão e o vermelho — uma cor indescritível. Então, as terras e os cursos de água secavam até às próximas chuvas. Apareciam fendas no solo. O Salinas era absorvido pelo seu leite de areia. O vento soprava no Vale, erguendo poeira e palha, adquirindo força e tornando-se mais áspero à medida que se aproximava do Sul. À noite parava. Era um vento nervoso e cortante que irritava a pele e queimava os olhos. Os homens que trabalhavam nos campos usavam óculos e protegiam o nariz com um lenço atado em volta da cara.

A terra do Vale era espessa e rica mas, junto às vertentes, tão escassa que mal chegava para alimentar as raízes das ervas.

Quanto mais se subia, mais se adelgaçava, desnudando a rocha, até que, no alto, se transformava num tapete de cascalho que cegava os olhos com o reflexo do sol.

Até aqui só falei dos anos férteis em que as chuvas eram abundantes. Mas havia também anos de estiagem, terror do Vale. As chuvas vinham num ciclo de trinta anos. Primeiro, havia cinco ou seis magníficos anos de chuva com dezenove a vinte e cinco polegadas de água: a vegetação rebentava por toda a parte. Depois, seis ou sete anos regulares com doze a dezesseis polegadas de chuva. Por fim, eram os anos secos com as suas escassas sete ou oito polegadas. A terra endurecia, a vegetação não tinha forças para crescer e surgiam grandes peladas por todo o Vale. Os carvalhos viçosos pareciam petrificados e a artemísia ficava pardacenta. O solo estalava, os ribeiros secavam, o gado fuçava ramos quebradiços; as vacas emagreciam e, às vezes, morriam de fome. As pessoas, se queriam beber, tinham de ir buscar a água em barris. Então os fazendeiros e os criadores de gado amaldiçoavam o Vale. Algumas famílias vendiam tudo por uma ninharia e iam-se embora. Era fatal: durante os anos de estiagem, as pessoas esqueciam os anos prósperos e, assim que voltava a chuva, esqueciam a seca. Sempre foi assim.

2

Assim era o extenso vale do Salinas. A sua história era igual à do resto do Estado. Primeiro houvera índios, mas de uma raça degenerada, sem energia, incapaz de cultivar ou de inventar, alimentando-se de gorgulhos, de gafanhotos e

de mariscos, tão preguiçosa que não caçava nem pescava. Para fazer farinha, moíam bolota amarga; as próprias guerras não passavam de meras pantomimas.

Depois vieram os conquistadores espanhóis, duros, vorazes e realistas, sedentos de ouro e de Deus. Colecionavam almas como colecionavam joias. Acumularam montes e vales, rios e horizontes, do mesmo modo que o homem de hoje obtém licenças para construir lotes de habitações. Alguns deles estabeleceram-se em terras tão grandes como reinos, dons de reis de Espanha que ignoravam o valor do presente. Estes primeiros proprietários viveram uma vida de senhores feudais pobres, deixando que os rebanhos pastassem em liberdade e se multiplicassem. Periodicamente, os donatários matavam os animais para lhes tirar o coiro das botas e o sebo das velas, abandonando a carne aos abutres e aos coiotes.

Quando os Espanhóis chegaram, tiveram que batizar tudo o que viram. É este o primeiro dever de um explorador — um dever e um privilégio. Tem que se batizar um lugar antes de lhe inscrever o nome num mapa desenhado à mão. Tratava-se de gente piedosa, e só os padres, infatigáveis companheiros dos soldados, sabiam ler, escrever, redigir os diários e desenhar os mapas. Os primeiros lugares foram, portanto, crismados com nomes de santos ou de festas religiosas celebradas ao acaso das paragens. Há muitos santos, mas a lista não é inesgotável. Assim, surgem muitas repetições nas primitivas designações: San Miguel, St. Michael, San Ardo, San Bernardo, San Benito, San Lorenzo, San Carlos, San Francisquito. E depois as festas: Natividad — a Natividade; Nacimiento — o Nascimento; Soledad — a Solidão. Mas alguns sítios também foram batizados de acordo com o estado de espírito em que se encontrava a expedição nesse dia: Buena Esperanza — Boa Esperança; Buena Vista, porque a vista era bonita; e Chualar, porque o lugar tinha o seu encanto. Depois seguiam-se os nomes descritivos: Paso de los Robles, por causa dos carvalhos; Los Laureles, porque havia loureiros; Tularcistos, por causa dos caniços de um pântano; e Salinas, por causa do álcali que era branco como o sal.

Depois batizaram os lugares consoante os animais que lá viram: Gabilanes, por causa dos falcões que voavam nas montanhas; El Topo, por causa das toupeiras; Los Gatos, por causa dos gatos selvagens. Certas vezes, a configuração natural sugeria um nome: Tassajara — uma xícara com o pires; Laguna Seca — uma lagoa seca; Corral de Tierra — uma barreira de terra; Paraíso, porque parecia estar-se no Céu.

Depois vieram os Americanos — mais vorazes porque eram em maior número. Apoderaram-se das terras e, para se confinarem na legalidade, refizeram

as leis. As propriedades espraíram-se pela região, primeiro no vale e depois nos contrafortes das montanhas — casinhas de madeira com telhados de sequoia, currais de paus com a extremidade aguçada. Onde quer que irrompesse um fio de água, erguia-se uma casa que abrigava uma família que logo crescia e se multiplicava. Plantaram-se pés de gerânios e de roseiras nos jardinzinhos. As carroças traçaram trilhos nas pistas. O trigo, a aveia e a cevada expulsaram a mostarda amarela. De quinze em quinze quilômetros, ao longo das estradas movimentadas, instalaram-se vendas e ferreiros que se transformaram em núcleos de povoações: Bradley, King City, Greenfield.

Mais ainda do que os Espanhóis, os Americanos tinham tendência para batizar os lugares com nomes descritivos. Esses nomes exercem em mim uma grande fascinação, pois cada um deles sugere uma história esquecida. Estou pensando em Bolsa Nueva — a bolsa nova; Morocojo — o Mouro Coxo — quem era e como foi ali parar?; o Desfiladeiro do Cavalo Selvagem e o da Fralda da Camisa. Os lugares ficam marcados para sempre por aqueles que os batizaram, respeitosos ou irrespeitosos, poéticos ou trocistas. Pode chamar-se San Lorenzo a qualquer coisa, mas Desfiladeiro da Fralda da Camisa ou do Mouro Coxo tem outro sabor.

Para quebrar a violência do vento que ameaçava arrastar as terras lavradas, os fazendeiros plantaram quilômetros e quilômetros de filas de eucaliptos. E era este o aspecto do vale do Salinas quando o meu avô trouxe a mulher e se instalou nas colinas, a Leste de King City.

Capítulo II

1

Para tentar reconstituir a história dos Hamilton, tive de me fiar nos “diz-se”, folhear velhos álbuns de fotografias e evocar recordações, algumas delas imprecisas e muitas vezes recheadas de imaginação, pois, além das certidões de nascimento, de casamento, de propriedade e de óbito, não deixaram mais nenhum vestígio nos arquivos do Vale. Não eram pessoas eminentes.

O jovem Samuel Hamilton e a esposa vieram da Irlanda do Norte. Ele era filho de pequenos lavradores que, há muitas centenas de anos, viviam da terra na sua casa de pedra. Os Hamilton eram muito educados e cultos. E, como acontece

com frequência no seu verde país, eram aparentados a pessoas muito importantes e a pessoas muito simples; dois primos podem ser, baronete, um, e o outro, mendigo. Os Hamilton descendiam dos reis da Velha Irlanda, como todo o irlandês que se preza.

Ignoro por que motivo Samuel abandonou a casa de pedra e os verdes alqueives dos antepassados. Não se entregava à política e é pouco verosímil que tenha sido expulso por atividades antigovernamentais; e, como era intrinsecamente honesto, ficam eliminados os motivos de ordem policial. O amor — dava-se a entender por palavras veladas na minha família — era a causa; mas amor por uma mulher que não era a que desposara. Traduzira-se tal amor num êxito total ou numa derrota? Não o sei. Sempre preferimos optar pela primeira solução. Como se poderia supor que uma camponesa irlandesa tivesse podido repudiar o senhor doutor Samuel? Chegou ao Vale com novas energias, o coração cheio de coragem, inventivo, e respirando atividade. Tinha os olhos muito azuis e, quando estava fatigado, um deles desviava-se levemente para fora. Era um homem robusto mas dotado de uma espécie de delicadeza. Apesar do trabalho emporcalhante da quinta, parecia andar sempre imaculado. Tinha mãos hábeis: bom ferreiro, carpinteiro e serralheiro hábil, podia criar todo o género de coisas com simples bocados de madeira e de ferro. Inventava continuamente novos métodos para fazer melhor e mais depressa o que sempre se fizera de outro modo. Mas nunca teve o dom de ganhar dinheiro. Tinham-no outros homens que enriqueceram explorando as invenções de Samuel. Ele nunca passou de um assalariado.

Não sei porque foi que ele se fixou no vale do Salinas. Era uma escolha estranha da parte de um homem que vinha de um país verdejante. Convém esclarecer que chegou durante o período húmido do ciclo, cerca de trinta anos antes do fim do século. Acompanhava-o a mulher: uma irlandezinha seca e sólida, tão destituída de humor como um frango, uma presbiteriana austera, que vivia fechada num sistema de valores morais que nos tirava toda a vontade de gozar os prazeres da vida.

Não sei onde foi que Samuel a encontrou, nem como a namorou, nem como a desposou. A imagem de uma mulher à sua semelhança devia estar gravada em qualquer parte do seu coração. Samuel respirava o amor, mas nunca correu qualquer boato de que enganasse a mulher.

Quando Samuel e Liza chegaram ao vale do Salinas, já estavam ocupados todos os bons terrenos planos, as encostas férteis e as matas, mas ainda havia

terras marginais. Samuel Hamilton instalou-se a leste da atual King City, no meio das colinas desnudadas.

Seguiu o processo habitual. O governo concedeu-lhe um sesmo para ele, um sesmo para a mulher, e um sesmo para a criança que ia nascer, pois ela estava grávida. Com os anos, nasceram nove filhos — quatro rapazes e cinco moças — e a propriedade aumentou de um sesmo por filho, o que totalizava onze sesmos, ou seja cerca de 900 hectares.

Se a terra tivesse qualquer valor, os Hamilton teriam sido gente rica, mas eram hectares duros e secos. Não havia água e o sílex perfurava a fina camada de húmus. Nem a própria artemísia conseguia vingar em tal terreno e os carvalhos viviam enfezados por falta de humidade.

Mesmo nos anos bons, a erva era tão ruim que o gado se extenuava à procura de pastos. Do alto das suas colinas escavadas, os Hamilton tinham uma bela vista das terras gordas do fundo do Vale e da faixa verde onde corria o Salinas.

Samuel construiu com as próprias mãos uma casa, um celeiro e uma oficina de ferrador. Depressa compreendeu que, mesmo que tivesse dez mil acres de terra naquelas colinas, corria o risco de morrer de fome. Construiu, então, uma broca e foi abrir poços nas propriedades de lavradores mais felizes. Depois, com uma máquina de malhar inventada por ele, foi até ao Vale malhar as colheitas que não podiam germinar no seu próprio solo. Na oficina, afiava relhas de arado, reparava grades de esterroar, soldava cubos de roda quebrados e ferrava cavalos. De todos os lados do Vale, os agricultores levavam-lhe ferramentas para consertar ou para aperfeiçoar. Para mais, gostavam de ouvir Samuel falar de poesia e de filosofia e da evolução das ideias num mundo que continuava a existir no exterior do vale do Salinas. Samuel tinha uma bela voz profunda. Tão bom cantor como orador, não tinha sotaque propriamente dito, mas as inflexões e a cadência da sua voz soavam bem aos ouvidos dos lavradores lá de baixo, gente muito taciturna. Eles traziam uísque e bebiam-no forte sob o olhar desaprovador da Sra. Hamilton, postada atrás da janela da cozinha. Depois, mastigavam grãos de anis silvestre para disfarçar o cheiro do álcool. Quando não havia três ou quatro homens em torno da forja, escutando Samuel e o seu martelo, era um mau dia. — Os lavradores diziam que ele tinha o génio do cómico e repetiam-lhe as histórias. Mas nas suas cozinhas elas já não tinham o mesmo sabor e eles perguntavam a si mesmos como se tinham arranjado para perder uma parte da graça pelo caminho.

Com a broca, a malhadeira e a forja, Samuel poderia ter enriquecido, mas faltava-lhe tino para os negócios. Os fregueses, com falta de dinheiro, prometiam pagar depois da ceifa, após o Natal, a seguir, depois... Depois, esqueciam-se. Samuel ignorava a arte de lembrar. Foi por isso que os Hamilton ficaram pobres.

Todos os anos, regularmente, nascia um filho. Os poucos médicos da região, com trabalho até aos olhos, raramente eram chamados para um nascimento, a não ser que o feliz acontecimento se transformasse em pesadelo. Samuel Hamilton ajudou a nascer todos os seus filhos, cortou e atou os cordões umbilicais, deu palmadas nos rabinhos e limpou toda a trapalhada. Quando o filho mais novo nasceu e começou a sufocar, Samuel colou a boca à do recém-nascido e insuflou-lhe a vida. A sua habilidade e a sua delicadeza eram tão grandes que o chamavam vinte milhas em redor para assistir aos partos — quer se tratasse de uma égua, de uma bezerra ou de uma mulher.

Ao alcance da mão, tinha sempre um grande livro negro com a capa ornada de um título em letras douradas: A Medicina Familiar do Doutor Gunn. Certas páginas estavam falhadas e rasgadas; outras nunca viram certamente a luz do dia. Folhear o Doutor Gunn é um excelente meio para conhecer a história médica dos Hamilton. As páginas usadas tratavam de fraturas, cortes, golpes, anginas, sarampo, espinhela caída, escarlatina, difteria, reumatismos, dores femininas, hérnia — e evidentemente tudo o que dizia respeito à gravidez e ao parto. Quanto aos capítulos sobre a blenorragia e a sífilis, estavam intactos — prova de que os Hamilton tinham muita virtude, ou muita sorte.

Suave no falar e de alma terna, Samuel não tinha quem se lhe comparasse para acalmar as crises de nervos e sossegar uma criança assustada. Era um homem limpo e de espírito imaculado. Os visitantes da forja paravam um instante de praguejar — não porque estivessem constrangidos, mas automaticamente, como se o lugar não se prestasse a tal.

Talvez por causa do ritmo com que falava, Samuel aparentou sempre algo de estrangeiro. Tanto os homens como as mulheres lhe confiavam coisas que nunca teriam dito a um parente ou a um amigo. Estranho à comunidade, Samuel oferecia a segurança de um túmulo.

Apesar de também ser irlandesa, Liza Hamilton era muito diferente. A sua cabecinha redonda estava cheia de ideias feitas. Tinha um nariz arrebitado e um queixinho metido para dentro.

Era uma boa cozinheira, e a sua casa — pois era a sua casa — andava escovada, varrida e lavada. O permanente estado de gravidez não a impedia de

trabalhar, exceto durante as últimas duas semanas. Devia ter uma bacia provida de barbas de baleia, pois todos os filhos foram sempre robustíssimos.

Liza tinha uma noção maravilhosamente desenvolvida do pecado. A ociosidade era um pecado, assim como os jogos de cartas, que eram uma forma de ociosidade a seus olhos. Desconfiava das distrações — quer se apresentassem sob a forma de dança, de canto ou até de riso — porque as pessoas que se divertem são uma presa oferecida ao demônio. E era pena porque Samuel tinha o riso fácil. Mas creio que Samuel, mesmo sério, era uma presa ideal para o demônio. A mulher protegia-o sempre que podia.

Repuxava os cabelos para trás e juntava-os na nuca em carrapito. Se não consigo recordar a maneira como se vestia, é porque usava vestidos a condizer com o caráter. Não possuía a mínima dose de humor e uma saída espirituosa era coisa rara nela. Não teve nenhuma fraqueza de avó e assustou os netos. Suportou heroicamente os sofrimentos da vida, convicta de que tal era a vontade do seu Deus. A recompensa viria mais tarde.

2

Naqueles que primeiro chegaram ao Oeste e, em especial, naqueles que vinham das terrinhas europeias ciosamente protegidas e cadastradas, a vista de toda aquela terra que se podia adquirir assinando um papel e construindo nela uma casa, despertou uma furiosa loucura de propriedade. Queriam terra boa, se possível, mas terra antes de tudo. Talvez se lembrassem inconscientemente de que o poderio feudal repousava na propriedade terrena. Os primeiros chegados apoderaram-se de terras de que não precisavam e que não podiam cultivar, terras sem valor, só pelo prazer de as possuir. Alteraram-se todas as proporções. Um homem que poderia viver à vontade com dez acres na Europa levava uma vida de cão em dez mil acres na Califórnia.

Não foi preciso muito tempo para que todas as colinas escalvadas entre King City e San Ardo fossem divididas entre famílias miseráveis, espalhadas pelos montes, lutando furiosamente para arrancar a subsistência ao solo pedregoso. Essa gente partilha com os coiotes uma vida de desespero, na extremidade do mundo do Vale. Tinham chegado sem um níquel, sem material, sem ferramentas, ignoravam as técnicas da agricultura a aplicar nesse país novo para eles. Pergunto a mim mesmo se eram divinamente estúpidos ou se viviam animados por uma fé imensa. Seja como for, uma aventura coletiva de tal

importância não deve reproduzir-se todos os dias neste pobre globo. As famílias cresceram e multiplicaram-se. Possuíam uma ferramenta ou uma arma que já não se sabe utilizar em nossos dias. Talvez ainda alguém a consiga descobrir. Diz-se que essas pessoas obtinham de um Deus justo e bom a força para viver e que os outros problemas se resolviam por si. Mas eu creio que é porque tinham confiança em si próprios, na sua qualidade de homens, porque sabiam ser, para lá da dúvida, sólidas entidades morais, pelo que podiam oferecer a Deus a sua coragem e a sua dignidade, recebendo-a novamente d'Ele, mas mais fortalecida. Se tais coisas desapareceram é talvez por os homens já não confiarem em si próprios. E se assim é, a única solução que lhes resta é procurarem um homem forte, ignorando a dúvida, e, mesmo que ele não tenha razão, agarram-se às abas do casaco.

Se muitas pessoas chegavam ao Vale sem um tostão; outras, depois de venderem o que lhes pertencia, chegavam com dinheiro para principiar uma vida nova. Compravam terra, mas terra boa, e mandavam construir uma casa de boa madeira. Tinham tapetes e as janelas adornavam-se de pequenos losangos de vidro colorido. Essas famílias eram numerosas. Arrancavam a mostarda e semeavam trigo.

Adam Trask achava-se nessas circunstâncias.

Capítulo III

1

Adam Trask nasceu em 1862 numa propriedade do Connecticut, seis meses depois de o pai se ter alistado num regimento da província. Enquanto cuidava do filho e dirigia a propriedade, a mãe de Adam ainda arranjou tempo para se entregar a uma teosofia primitiva. Pressentindo que o marido seria morto por esses selvagens bárbaros que eram os rebeldes, preparou-se para se lhe juntar naquilo a que chamava o além. O marido voltou ao lar seis semanas após o nascimento de Adam, com a perna direita cortada à altura do joelho, mancando sobre uma tosca perna de pau que fizera com um pedaço de faia. Ao chegar,

tirou do bolso a bala de chumbo que lhe tinham dado a morder, enquanto lhe cortavam a perna.

Cyrus, o pai de Adam, parecia ter o diabo no corpo. Era um selvagem, um desvairado que conduzia o carro de duas rodas a velocidades loucas. Nem a mutilação o acalmara. A perna de pau transformara-se num meio de sedução e chegava quase a causar inveja. A breve carreira militar fora para ele uma fonte de prazer. A sua natureza selvagem pudera expandir-se à vontade, durante o curto período da instrução, com o vinho, o jogo e as mulheres de má vida. Quando foi para o Sul render uma unidade, os prazeres mudaram mas foram, também, intensos. Viu terras novas, roubou frangos e derrubou moças rebeldes em medas de feno. O horror monótono das manobras não o afetava. Avistou o inimigo pela primeira vez numa manhã de primavera, às oito horas. Às oito e meia fora atingido na perna direita por um estilhaço de granada que lhe rasgou os tecidos e desfez os ossos. Teve sorte, os Sulistas recuaram e os médicos evacuaram-no para a retaguarda. Aí, enquanto lhe cortavam os tendões, serravam os ossos e cauterizavam a ferida, Trask viveu cinco minutos de pavor. Aliás, as marcas dos dentes na bala ficaram como prova. Sofreu indizivelmente enquanto o coto cicatrizava nas estranhas condições de assepsia que reinavam então nos hospitais. Mas Cyrus era resistente e enérgico. Mesmo sem perna, resolveu procurar madeira para fazer uma muleta. Atrás de uma pilha de tábuas, encontrou uma preta que lhe assobiou e, mediante dez cêntimos, lhe pregou um violentíssimo escarépio. Assim que fez a nova perna de faia e compreendeu a infelicidade que o atingira, partiu coxeando à procura da preta. Deleitava-se contando aos camaradas do hospital o que faria à moça se lhe pusesse a mão em cima. Tencionava cortar-lhe o nariz e as orelhas e obrigá-la a devolver o dinheiro. Enquanto aperfeiçoava a perna, descrevia aos companheiros o que faria: “E quando tiver acabado, a puta há de ficar com uma rica cara... Nem os índios bêbedos a hão de querer.

A negra dos seus amores deve ter desconfiado do que a esperava, pois desapareceu. Cyrus foi desmobilizado. A blenorragia já não supurava. Quando regressou ao Connecticut, levava apenas o suficiente para contaminar a mulher.

A Sra. Trask era uma mulher pálida e ensimesmada. Nunca nenhum raio de sol lhe tocara as faces e os músculos dos lábios nunca haviam sido contraídos por um verdadeiro sorriso. Empregava a religião como um agente terapêutico para tratar o mundo e a si própria. Se o mal evoluía, adaptava a religião ao mal. Quando compreendeu que a teosofia que arquitetara para comunicar com um esposo morto se mostrava inútil, procurou um outro motivo para sofrer. Depressa

foi recompensada pela infecção que Cyrus trouxera da guerra. Assim que teve a certeza, substituiu a antiga iluminação por uma nova. O deus de contato transformou-se num deus de vingança, o deus mais magnífico de todos os que inventara e o último, pela evolução dos acontecimentos. Não havia dúvida de que a sua miséria física era a punição de certos sonhos que tivera na ausência do marido. Mas a infecção não era um castigo suficiente para os seus desmandos durante o sono. O novo deus era exigente em matéria de castigo. Pedia-lhe um sacrifício.

Procurou a maneira de humilhar a carne e o espírito e, finalmente, com uma espécie de alegria, encontrou a resposta: o deus exigia-lhe o seu próprio sacrifício. Levou duas semanas a emendar os erros de ortografia da carta de despedida, onde confessava crimes que não podia materialmente ter cometido e erros que estavam muito além das suas possibilidades. Depois, uma noite, à luz do luar, envolta numa mortalha confeccionada em segredo, foi afogar-se num charco tão pouco profundo que teve de ajoelhar na lama e manter a cabeça debaixo de água — o que demonstrava uma grande força de vontade. Quando, finalmente, a inconsciência começou a apoderar-se dela, pensou, com uma ponta de aborrecimento, que a mortalha ficaria manchada de lama quando a retirassem da água no dia seguinte. O que não deixou de acontecer.

Cyrus Trask carpiu a mulher com um jarro de uísque e três camaradas de regimento que regressavam ao Maine natal. Adam chorou muito no princípio do velório, pois os quatro homens, ignorantes da puericultura, esqueceram-se de alimentar o bebê. Cyrus resolveu o problema dando-lhe a chupar um trapo molhado em uísque. Adam, após três ou quatro doses, adormeceu. Acordou e chorou várias vezes durante o luto, tendo sempre direito à chupeta. O bebê não se desembebedou durante dois dias e meio. A matéria cinzenta talvez tivesse sofrido, mas o tratamento foi benéfico para o metabolismo: esses dois dias e meio dotaram-no de uma saúde de ferro. Quando, por fim, ao terceiro dia, o pai foi comprar uma cabra, Adam bebeu gulosamente o leite, vomitou, tornou a beber e pareceu satisfeito. O que não teve o condão de alarmar o pai, pois o álcool fazia-lhe o mesmo efeito.

Decorrido um mês, Cyrus Trask já fizera a sua escolha: ela tinha dezessete anos e era filha de lavradores vizinhos. O namoro foi rápido. Ninguém teve dúvidas acerca das intenções do viúvo que eram razoáveis e honestas. O pai da prometida reduziu ao mínimo o tempo de noivado: tinha duas filhas mais novas. Alice nunca tivera mais nenhum pretendente.

Cyrus precisava de uma mulher para criar Adam, tratar da casa e cozinhar. Uma criada custa dinheiro. Cyrus tinha um feitio sólido e precisava de uma mulher na cama. Uma amante custa dinheiro, a não ser que se case com ela. Em duas semanas namorou, desposou, desflorou e emprenhou Alice. Ninguém, na vizinhança, achou que andara depressa de mais. Nessa época, era natural que um homem, enquanto vivo, desse cabo de quatro mulheres.

Alice Trask tinha um grande número de qualidades admiráveis: sabia tratar da casa e o trabalho não a assustava. Não era necessário vigiá-la, pois era feia, com olhos pálidos e dentes irregulares. Era uma mulher saudável apesar do seu aspecto doentio. Suportou a gravidez sem uma queixa. Nunca se soube se gostava dos filhos, porque nunca ninguém lho perguntou e não era mulher que falasse sem que a interrogassem. Era esta a sua melhor qualidade, pensava Cyrus: nunca dava opiniões nem sentenças e, quando estava um homem a falar, ficava-se com a vaga impressão de que ela o ouvia enquanto se entretinha com o trabalho doméstico.

A juventude, a inexperiência e os silêncios de Alice Trask foram um estímulo para Cyrus. Além de continuar a explorar a sua propriedade de acordo com os métodos que se adotavam na região, abraçou uma nova carreira: a de antigo combatente. A mesma energia que o fizera ser um selvagem, deu azo a que se tornasse um homem sensato e refletido. Fora do Ministério da Guerra, ninguém lhe conhecia a folha de serviço. A perna de pau era a garantia de que passara pelas trincheiras e de que nunca mais lá voltaria. Timidamente, começou a contar as suas campanhas a Alice. Mas, assim que dominou a técnica, as batalhas aumentaram de importância e se, ao princípio, soube que mentia, não tardou a esquecê-lo. Ele, que se desinteressara da guerra quando fora soldado, pôs-se a comprar livros históricos e tratados militares, e fez-se assinante dos jornais de Nova Iorque para ler os comunicados. Para consolidar os conhecimentos geográficos, comprou mapas. Finalmente, tornou-se uma autoridade na matéria. Podia não só citar as datas das batalhas e descrever a maneira como se tinham desenrolado, como conhecia os nomes das unidades que haviam participado, os números dos regimentos, os patronímicos dos coronéis e os lugares onde tinham nascido. Acabou por se convencer de que tinha tomado parte nos acontecimentos que narrava.

Esta transformação efetuou-se gradualmente durante o crescimento de Adam e do seu meio-irmão. Adam e o pequeno Charles escutavam religiosamente o pai explicar-lhes as tácticas dos generais, porque tinham cometido erros e como os teriam podido remediar. Chegara mesmo a chamar a

atenção de Grant e de Mac Clellan para os erros que tinham praticado, suplicando-lhes que tomassem em consideração o seu ponto de vista. Invariavelmente, os generais recusavam e só mais tarde é que se davam conta de como ele tinha razão.

Cyrus teve a inteligência de não querer brilhar com divisas ilegais. Soldado raso fora e soldado raso se manteve. Se se fizesse uma ficha das suas atividades, chegava-se à conclusão de que o soldado Trask fora o infante mais móvel da história. Dotado de ubiquidade, encontrava-se, pelo menos, em quatro sítios diferentes ao mesmo tempo. Talvez fosse o instinto que lhe ditasse a necessidade de não contar as suas campanhas por ordem cronológica. Alice e os filhos tinham dele uma imagem completa: um soldado raso orgulhoso da sua posição que, não só participara em todas as batalhas espetaculares ou importantes, mas também tinha acesso ao quartel general, onde emitia opiniões, escutadas com o maior respeito, acerca das decisões dos oficiais generais.

A morte de Lincoln ferira-o como uma punhalada. Sempre se recordou do que sentira quando recebeu a notícia. Não podia evocar o drama sem lhe assomarem as lágrimas aos olhos. Compreendia-se, sem correr o risco de errar, que Cyrus Trask fora o amigo mais querido, mais sincero, mais chegado do Presidente Lincoln. Quando queria conhecer os sentimentos do exército do verdadeiro exército e não do constituído por manequins mascarados — o Sr. Lincoln dirigia-se a Trask. A maneira como Cyrus, sem nunca o afirmar, o dava a entender, era um monumento de insinuação. Ninguém o podia considerar um mentiroso, pois a mentira estava-lhe no sangue e toda a verdade que lhe saía da boca tinha a cor da mentira.

Depressa se pôs a escrever cartas, seguidas de artigos sobre a maneira de conduzir a guerra, e as conclusões eram inteligentes. Deve-se dizer que Cyrus adquirira uma excelente mentalidade militar e que as suas críticas sobre a evolução da guerra e a organização do exército eram penetrantes. Os artigos, publicados em várias revistas, despertaram a atenção. Quando as suas cartas ao Ministério da Guerra foram publicadas simultaneamente por vários jornais, começaram a fazer caso das suas sugestões. Era possível que, se o Grande Exército da República não representasse um corpo eleitoral tão poderoso, a sua voz não tivesse sido tão claramente escutada em Washington, mas não podiam dar-se ao luxo de ignorar o porta-voz de um bloco de cerca de um milhão de votos. E era nisto que se tornara Cyrus Trask em matéria militar. Chegaram a consultá-lo sobre assuntos que diziam respeito à organização do exército, às relações entre oficiais, ao pessoal e ao material. O Sr. Trask é um perito, dizia-se.

Tem o gênio das coisas militares. Transformou o Grande Exército da República numa organização que desempenhava um importante papel na vida nacional. Depois de ter, benevolamente, ocupado vários postos, ofereceram-lhe um secretariado remunerado de que assumiu a chefia até ao fim dos seus dias, viajando pelo país de ponta a ponta, assistindo aos congressos e organizando campos de repouso. Isto, quanto à sua vida pública.

Quanto à vida privada, não passava de uma réplica civil da profissão marcial — Cyrus era homem de uma só ideia. Organizou o lar e a propriedade em bases militares. Exigiu relatórios sobre o andamento da economia familiar. Alice preferia este método, pois não gostaria de falar. Os cuidados com as crianças, a limpeza da casa e a lavagem da roupa davam-lhe muito que fazer. Tinha a preocupação de não desperdiçar as energias, preocupação que não figurava nos relatórios. Às vezes, sentia-se completamente vazia de forças e tinha de se sentar à espera que voltassem. À noite, uma transpiração abundante encharcava as roupas. Sabia perfeitamente que estava tísica. Os ataques de tosse que a deixavam extenuada não passavam de sintomas suplementares. Não sabia quanto tempo lhe restava ainda para viver. Certas pessoas, no mesmo caso, não duravam muito. Mas não havia regra e ela não ousava falar no caso ao marido. Ele tinha uma maneira de curar que se assemelhava muito ao castigo. Uma dor de estômago era atalhada com uma purga tão violenta que só por milagre se lhe sobrevivia. Se ela lhe falasse no seu estado, Cyrus era capaz de lhe infligir um tratamento que a mataria muito tempo antes de ser consumida pela doença. Aliás, para se defender do crescente militarismo civil de Cyrus, Alice aprendia a única técnica que permite ao soldado sobreviver: não se tornar notado; só falar para responder; não dar provas de iniciativa; desprezar as promoções. Nem soldado raso chegava a ser, o que muito simplificava as coisas. Alice recuava, recuava para o fundo do palco para não passar de uma silhueta imprecisa.

Foram os dois garotos que aguentaram com as consequências. Cyrus partia do princípio que só existia uma carreira honrosa para um homem: a das armas, apesar das suas imperfeições. Como a perna de pau o relegava para as reservas, queria filhos no ativo, oficiais que se distinguissem, soldados que aprendessem o Ofício por experiência e não nos manuais. Inculcou-lhes os princípios do manual de infantaria quando eles ainda mal se tinham de pé. Quando entraram para a escola, já haviam aprendido a obediência e o ódio à obediência. Cyrus comandava os exercícios marcando o ritmo na perna de pau. Instituiu o regime das marchas forçadas, com um saco cheio de pedras às costas para enrijar os ombros. Os exercícios de tiro realizavam-se na mata atrás da casa.

2

Quando uma criança vê, pela primeira vez, os adultos tais como são, quando, pela primeira vez, lhe penetra na cabeça a ideia de que os adultos não têm uma inteligência divina, de que os seus juízos nem sempre são acertados, as ideias boas, as frases corretas, todo o seu mundo desaba e dá lugar a um caos aterrador. Os ídolos caem e a segurança desaparece. E quando um ídolo cai, não é só em parte, fica completamente esmagado e estilhaçado ou desaparece sob um monte de estrume. Torna-se, então, difícil reconstituí-lo e, mesmo que o voltem a colocar no pedestal, ficam sempre manchas inapagáveis que denunciam a queda passada. E o mundo da criança já não está intacto. Penosamente, ir-se-á arrastando até ao estado de homem.

Adam compreendeu quem era o pai. Não foi o homem quem descobriu um defeito na couraça, foi a criança quem forjou novas armas. Como todo o animal bem constituído, odiava a disciplina.

Era um mal inevitável como o sarampo, um mal que não se podia recusar nem amaldiçoar, mas apenas odiar. Foi muito simples e rápido — um estalido no cérebro e Adam compreendeu. A educação não era concebida em função dos rapazes, mas unicamente para engrandecer Cyrus. Ora Adam sabia que o pai não era um grande homem. Era, dotado de uma grande vontade, um homenzinho que usava um chapéu grande demais para a cabeça. O que é que põe o mecanismo em movimento no cérebro da criança: um olhar, uma mentira descoberta, uma hesitação? Seja o que for, o ídolo desaba com fragor. Adam foi sempre uma criança obediente. Havia nele algo que o fazia furtar-se à violência, ao que podia fazer desencadear a violência. Desejoso de calma, despojava-se da agressividade, mas era obrigado a dissimular uma parte de si mesmo, pois há sempre um pouco de violência em todos nós. Ocultava as suas ações sob um véu de bruma, mas no fundo dos olhos fervilhava uma vida rica e intensa. Se não se encontrava protegido contra os ataques, tinha uma espécie de imunidade.

O meio-irmão Charles, menos de um ano mais novo, crescia à imagem do pai. Era um atleta nato e possuía um espírito de competição que leva a afrontar os outros para os esmagar — o que, no nosso mundo, é considerado um sinal de êxito.

Quer se tratasse de habilidade, de força pura ou de rapidez de reflexos, o jovem Charles, em competição com Adam, ganhava sempre com uma tal regularidade e uma tal facilidade que depressa se aborreceu e foi procurar novos

adversários entre as outras crianças. Nasceu uma espécie de afeição entre os dois irmãos, mas uma afeição de irmão por irmã. Charles provocava e castigava os que desafiavam ou atacavam o irmão mais velho. Protegia-o do rigor paterno mentindo e arcando com as culpas. Tinha pelo irmão a afeição que se concede a um ser indefeso, cachorro cego ou recém-nascido.

Dissimulado na sua carapaça, através dos longos túneis onde escondia os olhos, Adam examinava os que habitavam o seu mundo. O pai, força natural de uma só perna, presente para aumentar nos meninos a sensação da sua pequenez, para os convencer da sua estupidez. Depois, mais tarde — após a queda do ídolo — um polícia congênito, um agente da policia a quem se pode enganar ou cercar, mas nunca desafiar. No campo dos seus longos olhos — túneis, Adam via a imagem de Charles, um ser de outro gênero, feito de músculos e de ossos, rápido e ágil, vivendo num plano diferente, que se pode admirar como se admira o andar preguiçoso da pantera negra, mas com quem, nem por sombras, se podia comparar; um ser ao qual teríamos tanta vontade de nos confiarmos — dizer a sede das coisas, os sonhos azuis e os prazeres que nascem para cá dos dois túneis — como a uma bela árvore ou a um faisão voando. Adam gostaria de Charles como uma mulher gosta de um grande diamante, e dependia do irmão na medida em que uma mulher depende do seu diamante, da posição social que o seu valor apregoa. Mas ter-lhe amor, afeição, simpatia, não.

Em relação a Alice Trask, Adam nutria um sentimento de calorosa vergonha. Não era mãe dele — demais tinham dito, não por frases categóricas mas pela maneira como se dizem certas outras coisas. Sabia que tivera uma mãe e que ela fizera coisas vergonhosas — como esquecer-se de alimentar as galinhas ou falhar o alvo nos exercícios da mata. E, para castigo das suas faltas, desaparecera. Adam dizia muitas vezes a si mesmo que, se conseguisse descobrir o pecado que ela cometera, se apressaria a cometê-lo para desaparecer por sua vez.

Alice tratava equitativamente os dois rapazes, lavava-os e dava-lhes de comer. O resto era com o pai que dera a entender, de uma vez para sempre, que só a ele respeitava a educação física e espiritual das duas crianças.

As felicitações e os ralhos também eram com ele. Alice nunca se queixava, nem discutia, assim como nunca chorava nem se ria. Aprendera a mostrar um rosto impenetrável — nada tinha a esconder, nem a oferecer. Contudo, um dia, quando ainda era muito pequeno, Adam entrara na cozinha. Alice não o viu, entretida a remendar meias. Sorria. Adam saiu sem ruído e foi esconder-se atrás de um tronco de árvore que descobrira na mata, aninhando-se

no meio das raízes protetoras. Ficara tão surpreendido como se tivesse surpreendido Alice nua. Respirava com força, muito impressionado, faltava-lhe o ar, porque Alice estava nua, completamente despida pelo sorriso. Perguntava a si mesmo porque se teria ela permitido um tal desregramento. Sentiu, então, que um sentimento doloroso, lancinante e cálido, o empurrava para ela. Nunca fora beijado, embalado, acariciado, ele que procurava um seio, uns joelhos a que se agarrar, um pouco de ternura numa voz. A sua paixão compunha-se de todas estas coisas que lhe tinham faltado, mas não o sabia visto que as ignorava. Como lhe poderiam ter feito falta? Pensou, evidentemente, que talvez se tivesse enganado, que fora apenas uma sombra maliciosa o que lhe embaciara o olhar. Procurou a imagem que encerrara na memória e viu que os olhos também sorriam. A sombra podia fazer sorrir uma boca ou uns olhos, mas nunca as duas coisas ao mesmo tempo.

Pôs-se então a espreitar Alice com as mesmas artimanhas que empregava para surpreender as velhas doninhas prudentes que expunham os filhos ao sol. Espreitou Alice, escondido, ou com o rabo do olho. Era verdade: quando estava só ou se julgava só, ela deixava o espírito brincar num jardim e sorria. Era maravilhoso ver como ela conseguia apagar o sorriso, tão depressa como as doninhas escondem os filhos.

Adam dissimulou o seu tesouro no fundo dos túneis, mas sentiu que devia pagar um tributo pelo prazer recebido. Alice, então, passou a encontrar presentes na caixa da costura, na velha mala de mão, debaixo do travesseiro: duas flores de caneleira, uma pena azul de pássaro, meio pauzinho de lacre verde, um lenço roubado. A princípio, Alice ficou admirada mas depressa se habituou e quando, depois, encontrava um desses presentes inesperados, só o sorriso destinado ao jardim lhe iluminava o rosto, sorriso tão breve como o faiscar de um raio de sol nas escamas de um peixe na água. Mas não fez quaisquer perguntas, nem a mínima observação.

Os ataques de tosse tornaram-se tão fortes que Cyrus, resolvido a proteger o seu sono, mandou-a dormir para outro quarto. Mas ia visitá-la com muita frequência, saltitando sobre o único pé descalço e apoiando-se à parede com a mão. Os filhos ouviam e sentiam a sacudidela, quando ele se deixava cair ou saía da cama de Alice.

Adam via aproximar-se o dia em que seria incorporado e esse dia assustava-o. O pai nunca se esquecia de lhe lembrar que tal dia não tardaria. Adam. precisava de ir para a tropa para ser um homem. Charles já era quase um

homem. Um homem perigoso apesar de só ter quinze anos, quando Adam já ia nos dezesseis.

3

A amizade dos dois irmãos crescera com os anos. Nos sentimentos de Charles talvez entrasse um pouco de desprezo, mas era um desprezo protetor. Uma tarde, os dois rapazes estavam jogando ao peewee na cerca. Era um jogo novo para eles: colocava-se um pauzinho esquinado no chão; batia-se numa extremidade com uma espécie de pá; o pauzinho saltava e se batia nele, então, com a pá, para que atingisse a maior distância possível.

Adam era um medíocre jogador mas, por acaso, por falta de visão ou de sincronismo do irmão, ganhou-lhe ao peewee. Quatro vezes em seguida jogou o pauzinho mais longe. O fato era tão inesperado que se apoderou dele uma alegre excitação e se esqueceu de observar Charles como nunca deixava de o fazer. À quinta vez, o pauzinho elevou-se com um zumbido de abelha e desapareceu. Satisfeito, voltou-se para o irmão e a sua alegria dissipou-se subitamente para dar lugar a um grande frio. O ódio que deformava o rosto de Charles meteu-lhe medo.

— Foi por acaso — disse desajeitadamente. — Aposto que não sou capaz de tornar a fazer o mesmo.

Charles pôs no chão o seu peewee, bateu e falhou o pauzinho às voltas no ar. Avançou para Adam, com o olhar frio e inexpressivo. Adam recuou de través, tomado de pânico. Não ousava voltar as costas e fugir porque o irmão corria mais depressa do que ele. Pôs um pé atrás do outro, com o olhar assustado e a garganta seca. Charles aproximou-se e, à queima-roupa, vibrou-lhe uma paulada na cara. Quando Adam levava as mãos ao nariz ensanguentado, Charles agrediu-o com a pá nas costas e na cabeça, deixando-o prostrado. Depois, vendo-o inanimado no chão, deu-lhe um pontapé no estômago e afastou-se.

Adam recuperou os sentidos poucos instantes depois e respirou devagarinho porque lhe doía muito o peito. Tentou sentar-se mas caiu para o lado, torcido pela dor que se enrodilhara na boca do estômago. Viu que Alice o olhava pela janela e o seu rosto exprimia qualquer coisa que nunca vira até então — não era doçura, nem compaixão, talvez fosse ódio. Quando se sentiu observada, Alice deixou cair a cortina e desapareceu. Adam conseguiu, finalmente, erguer-se e dirigiu-se, dobrado em dois, para a cozinha onde

encontrou uma bacia com água quente e uma toalha limpa. A madrasta tossia no quarto.

Charles só tinha uma grande qualidade: nunca lamentava nada. Não falou na sova e pareceu nunca mais ter pensado nela. Mas Adam tomou a precaução de nunca mais ganhar a coisa nenhuma. Se quisesse ter, um dia, a veleidade de ganhar, deveria preparar-se para poder matar o irmão logo a seguir. Charles nada lamentava. Mostrara, simplesmente, aquilo de que era capaz.

Nem Charles, nem Adam, e muito menos Alice, falaram da tarefa a Cyrus que, no entanto, pareceu estar informado. Nos meses que se seguiram, a sua atitude para com Adam foi mais amável. Falou-lhe com mais ternura e não o tornou a castigar.

E se, todas as noites, lhe pregava um sermão, era sem violência. Mas Adam sentia-se muito mais atemorizado pela ternura do que pela violência um sintoma de que o iam sacrificar. As vítimas destinadas aos ídolos são tratadas com todas as considerações. Devem estender-se em cima da pedra e deixar que lhes cortem o pescoço com alegria, porque uma vítima revoltada seria um ultraje aos ídolos.

Cyrus explicava suavemente a Adam o que era um soldado. Se bem que o seu saber fosse mais o fruto de investigações do que de experiências, era rigoroso nas explicações. Avisou o filho da triste dignidade que pode ser conferida ao soldado; disse-lhe quanto ele era necessário para iluminar os erros do homem, castigo das nossas fraquezas. Talvez Cyrus fosse descobrindo essas coisas em si mesmo à medida que as exprimia. Já andava longe do entusiasta que só se interessava pelo brilho das fardas e pelos sentimentos belicosos dos verdes anos. Nenhuma humilhação se poupava ao soldado, no consenso de Cyrus, para que, chegado o dia, aceitasse sem ira demasiada a última humilhação: uma morte ignóbil que para nada serve. Cyrus só se dirigia a Adam e não autorizava Charles a escutá-lo.

Por um fim de tarde, Cyrus levou Adam a passear. As negras conclusões de todos os seus estudos e de todos os seus pensamentos derramaram-se, semeando o pânico no ânimo do filho.

— É preciso que saibas que o soldado é o mais abençoado de todos os seres humanos, por ser o que mais provações sofre. Sim, submetem-no a mais provações do que seja quem for. Vou tentar explicar-te: sempre ensinaram ao homem que matar o próximo é um pecado sem remissão. Um homem que mata deve ser suprimido, porque matar é um grande pecado, talvez o maior de todos. Mas pegamos num soldado, metemos-lhe nas mãos o poder de matar e dizemos-

lhe: “Aprende a servir-te dele. Emprega-o o melhor que puderes.” Não lhe fixamos um limite. “Vai e mata muitos irmãos teus, os que forem designados por nós, e nós te recompensaremos por isso, pois é uma violação da mais terna educação.” Adam molhou os lábios secos e tentou fazer uma pergunta. Não o conseguiu e tentou de novo: — Porque devem eles matar? Porque é necessário matar?

Cyrus estava profundamente comovido e falou como nunca tinha falado.

— Não sei. Estudei as coisas e talvez saiba o que elas são, mas estou muito longe de saber porque são. E não deves esperar encontrar pessoas que te compreendam o que fazem. Tantos atos são instintivos: a abelha fabrica o mel e a raposa caminha no riacho para enganar os cães. A raposa não sabe porque age desse modo, e qual a abelha que se lembra do inverno e prevê que ele há de voltar? Quando compreendi que tinhas de partir, pensei primeiro em deixar-te um futuro virgem onde pudesses descobrir tudo tu por ti mesmo; depois, pareceu-me que ficarias melhor protegido se te desse o pouco que sei. Porque tu vais partir em breve — já atingiste a idade.

— Mas eu não quero — disse rapidamente Adam.

— Vais partir em breve — continuou o pai, que não o escutava. E quero acautelar-te para que não sejas apanhado de surpresa. Primeiro, põem-te nu. Mas não ficam por aí. Destruirão em ti toda a dignidade; perderás o que pensas ser um direito imprescritível: o direito de viver só, o direito à decência. Vão obrigá-lo a viver, a comer, a dormir e a cagar com outros homens. E quando te tiverem vestido, já não consegues distinguir-te dos outros. Nem sequer poderás pregar um papel no peito, dizendo: “Sou eu. Não faço parte deles.” — Mas eu não quero.

— Após algum tempo, os teus pensamentos já não diferirão dos pensamentos dos outros. Deixarás de conhecer as palavras que os outros não pronunciarem. E farás as coisas porque os outros as fazem. Sentirás o perigo contido no não conformismo, o perigo que representará para ti a existência de uma massa com um só pensamento, uma só ação.

— E se eu não me submeter? — É uma coisa que acontece. Muito raramente, aparece um homem que não faz o que lhe mandam. Sabes, então, o que acontece? Toda a máquina se põe em movimento e esmaga friamente todas as saliências do recalcitrante. Mói o cérebro, os nervos e o corpo até se transformarem numa pasta que se adapta às paredes do vaso que a deve conter. Se não te submeteres, a máquina vomita-te e abandona-te. Já não fazes parte dela mas, mesmo assim, não és livre. É melhor submeter-se à sua vontade. Ela só o

exige para se proteger. Uma entidade tão triunfalmente ilógica, tão magnificamente insensível como o exército não pode permitir perguntas que a enfraqueceriam. Uma vez alistado, se não procurares elementos de comparação desfavoráveis, encontrarás no exército — lentamente, seguramente — uma razão, uma lógica e uma assustadora beleza. Um homem que o aceita não é forçosamente inferior, pode até ser um homem melhor. Presta bem atenção ao que te digo, porque tenho pensado muito nisso. Há homens que, depois de terem alcançado a mais profunda e sombria desagregação exigida pelo exército, se confessam vencidos e perdem, então, todas as cores. É preciso que se diga que esses homens começaram por nunca ter tido umas cores muito brilhantes. Talvez tu faças parte desse grupo. Mas há também os que, tendo atingido o fundo, e perdido o pé sob a camada de lama comum, sobem então à superfície e se ultrapassam porque se desvencilharam da mesquinhez feita de vaidade e envergaram a altivez de um grupo. Se puderes descer tão baixo, subirás mais alto do que podes imaginar e conhecerás uma alegria sem igual, saborearás o prazer de uma camaradagem que vale a dos anjos no céu. Só então conhecerás os homens, mesmo que não formem senão uma massa. Mas para saber tudo isso, terás primeiro que tocar no fundo.

Quando se dirigiam para casa, Cyrus virou à esquerda e entrou na mata. Era quase de noite. Adam disse subitamente: — Vês aquele tronco, pai? Escondia-me nas raízes quando me castigavas ou só porque me sentia infeliz.

— Vamos ver — disse o pai.

Adam conduziu-o e Cyrus debruçou-se para a cavidade arranjada nas raízes.

— Já o conhecia há muito tempo — disse. — Num dia em que ficaste por fora muito tempo, pensei que devias ter um esconderijo e procurei-o tentando imaginar antecipadamente qual era o gênero de sítio de que precisavas. Vês como a terra está batida e a erva arrancada? Enquanto estavas aí escondido, arrancavas pedaços da casca que rasgavas em tiras. Soube logo que era este o sítio, mal aqui cheguei.

Adam fitava o pai com um olhar admirado.

— Mesmo assim, nunca me vieste buscar.

Pode-se obrigar um ser humano a chegar muito longe, mas eu nunca o quis fazer. Deve-se deixar sempre um meio de evasão ao homem, antes da sua morte. Recorda-te disto! Não queria levar-te a um extremo porque sentia que te havia fechado todas as saídas, menos uma.

Saíram à pressa da mata.

— Tenho tantas coisas a dizer-te que acabarei por esquecer mais de metade — disse Cyrus. — Quero dizer-te que um soldado desde o dia em que nasce, através de cada acontecimento, por cada lei, por cada direito ou dever, aprende a proteger a vida. É com esse instinto que parte e tudo o vem confirmar. Mas quando se torna soldado, deve aprender a esquecê-lo, deve aprender a viver aceitando a morte. E a sua razão não deve vacilar. Se puderes lá chegar cuidado, muitos são incapazes — terás adquirido a maior das virtudes. Ouve, meu filho... — E a voz tornou-se mais animada. A maioria dos homens tem medo. Ignoram a causa do seu medo: sombras, perguntas, perigos sem nome e sem conta, medo da morte anônima. Se te puderes alçar até olhar de frente, não sombras, mas a morte, a verdadeira morte, a morte tal como a conhecemos, pela bala ou pelo sabre, pela flecha ou pela lança, então deixarás de ter medo ou, pelo menos, de ter medo como antes. Terás direito a um lugar à parte, serás um homem em segurança onde os outros uivam de pavor. É esta a grande recompensa. Talvez seja a única. Talvez seja a pureza derradeira com o seu anel de sujidade. Já é quase noite. Amanhã, falarei novamente contigo, depois de termos pensado no que acabei de te dizer.

Então Adam perguntou: — Porque não falas antes com o meu irmão? O Charles não se importa de ir. Será um bom soldado, muito melhor do que eu.

— O Charles não vai. Não serviria de nada.

— Mas daria um bom soldado? — Aparentemente. O Charles não conhece o medo. Não poderia aprender o que é a coragem. Nada sabe acerca do que há fora de si mesmo, portanto como poderia assimilar as coisas de que te falei? Pô-lo no exército equivaleria a desencadear nele sentimentos que devem, justamente, ser refreados. Não o mandarei alistar-se.

— Nunca o castigas, deixa-o viver à vontade, sempre o encorajavas enquanto me humilhavas, e agora não o queres meter no exército.

Adam deteve-se, assustado com o que dissera, receando que o pai descobrisse a raiva, o desprezo ou a violência que aquelas palavras deixavam transparecer.

O pai não respondeu. Saiu da mata, com a cabeça inclinada e o queixo repousando no peito. A perna de pau desenhava um semicírculo para avançar e a anca soerguia-se sempre que o coto tocava no chão.

Fazia completamente escuro e a luz doirada dos candeeiros saía pela porta aberta da cozinha. Alice saiu e perscrutou a obscuridade, depois, ao ouvir os passos irregulares, tornou a entrar em casa.

Cyrus só se deteve no limiar. Ergueu a cabeça.

— Onde estás? — Aqui, atrás de ti.

— Fizeste uma pergunta. Suponho que devo responder-te Faço bem ou mal em responder? Não sei. Tu não és inteligente. Não sabes o que queres. Ignoras a violência. Deixas-te levar. Às vezes, convenço-me bem de que és um pobre tipo que nunca conseguirá nada. Isto responde à tua pergunta? Gosto mais de ti.

Sempre te preferi a ele. Talvez seja ruim te dizer isso, mas é verdade; gosto mais de ti. Se não fosse isso, porque me teria dado ao trabalho de te fazer mal? Agora, cala a boca e vai jantar. Amanhã à tarde voltaremos a falar. A perna está a doer-me.

4

Ninguém falou durante o jantar. O sossego só foi perturbado pelo sorver da sopa e pelo ruído das mandíbulas. O pai tentava afastar com as costas das mãos as borboletas que voavam em torno do vidro do candeeiro de petróleo. Adam pensava que o irmão o observava disfarçadamente. Ergueu bruscamente os olhos e surpreendeu um clarão no olhar de Alice. Assim que acabou de comer, Adam afastou a cadeira.

— Vou dar uma volta — disse. Charles levantou-se: — Vou contigo.

Alice e Cyrus viram-nos sair e, depois, ela fez uma das suas raras perguntas: — Que fizeste tu? — perguntou nervosamente.

— Nada.

— Vais mandá-lo para lá? — Vou.

— Ele sabe?

Cyrus fitou a obscuridade, para lá da porta:

— Sabe, sim.

— Não há de gostar. Não é bom para ele.

— Não tem importância — disse Cyrus.

Depois repetiu mais alto: — Não tem importância. E o tom da voz significava: “Basta! Não tens nada com isso.” Ficaram silenciosos por um momento e, depois, ele disse, como que a pedir que o desculpassem: — Não é como se fosse teu filho. Alice não respondeu. Na obscuridade, os dois irmãos caminhavam entre os trilhos da estrada.

Ao fundo, algumas luzes indicavam a posição da aldeia.

— Vamos à estalagem ver o que se passa? — perguntou Charles.

— Não era isso o que eu tencionava fazer — disse Adam.

— Então o que é que tu andas a cheirar cá fora, em plena noite? —

Ninguém te pediu para vir.

Charles aproximou-se: — Que foi que ele te disse esta tarde? Vi-os andando juntos. Que te disse ele?

— Falou da tropa, como sempre.

— Não era isso o que parecia — disse Charles, suspeito.

— Vi-o debruçado para ti, a falar-te como costuma falar aos homens. Não contava coisas, estava a falar.

— Contava coisas — disse Adam, pacientemente.

Mas controlou a respiração porque sentia o estômago contraído por um assomo de medo. Aspirou um profundo hausto de ar e guardou-o no peito para empurrar o medo.

— Que foi que ele te contou? — perguntou Charles de novo.

— A tropa e o que é ser soldado.

— Não acredito — disse Charles. — És um mentiroso refinado e um sonso! O que me estás tu a esconder? — Nada — disse Adam

Charles lançou bruscamente:

— A doida da tua mãe atirou-se à água. Se calhar olhou-te de perto e foi por isso.

Adam respirou suavemente; recalando o medo ignóbil. Continuava calado.

— Andas a ver se o atraís. Não sei como é que consegues.

— Hem! o que é que andas a tramar? — Nada — disse Adam.

Charles deu um salto para barrar a passagem a Adam que teve de parar; o seu peito quase tocava no do irmão. Adam recuou, mas com extrema cautela, como se recua diante de uma serpente.

— Por exemplo: vê se te recordas do aniversário dele — berrou Charles.

— Eu tinha seis cêntimos e comprei-lhe um canivete alemão: três lâminas e o saca-rolhas, com um cabo de madrepérola. Onde está o canivete? Já o viste alguma vez servir-se dele? Te deu? Nunca o vi afiá-lo. Tens o canivete aí no teu bolso? Que foi feito dele? Obrigado, me disse ele, sem mais nada. E depois nunca mais se tornou a falar no meu canivete de seis cêntimos.

A fúria deformava sua voz e Adam sentia o medo a inchar dentro de si; mas também sabia que ainda dispunha de um momento. Já vira muitas vezes começar a funcionar a máquina destruidora que esmagava tudo o que encontrava no caminho. Primeiro, vinha a fúria, depois, o frio domínio de si próprio: olhos

sem expressão, sorriso satisfeito, voz sem timbre, segredar. Nessa altura, surgia a morte, mas uma morte hábil e segura de si mesma, uma morte com punhos certos. Adam engoliu a saliva para umedecer a garganta. Nada tinha para dizer que desviasse a máquina, pois sabia que, possuído pela fúria, o irmão não lhe prestaria atenção, nem sequer o ouviria.

Charles postou-se em frente de Adam, mais baixo, mais largo, mais forte, mas não, ainda em posição de ataque. Os lábios unidos brilhavam à luz das estrelas, mas não sorria ainda e a voz continuava a ser timbrada.

— Que fizeste tu no dia dos anos dele? julgas que não vi? Gastaste, por acaso, seis cêntimos, ou mesmo quatro? Trouxeste-lhe um cachorro atravessado que apanhaste na rua. Riste como um imbecil e disseste-lhe que daria um bom cão de caça. É no quarto dele que dorme o cão. Enquanto lê, brinca com o cão. Até o ensinou. E onde está o meu canivete, no meio de tudo isto? “Obrigado” foi tudo o que ele disse, obrigado”.

Charles murmurara estas palavras enquanto baixava os ombros.

Adam deu um salto desesperado para trás e levantou as mãos para proteger a cara. O irmão avançou com precisão e firmou-se nas pernas. Um punho atirado delicadamente para calcular a distância, depois o trabalho, científico de destruição: um murro no estômago para baixar as mãos de Adam, depois quatro murros na cara. Adam sentiu esmagarem-se os ossos e as cartilagens do nariz. Ergueu as mãos e Charles atingiu-o no coração. E, durante todo este tempo, Adam olhou o irmão com o olhar espantado e sem esperança que o condenado dirige ao carrasco.

Subitamente, para sua grande surpresa, Adam lançou em semicírculo um punho ineficaz que não tinha força nem precisão. Charles esquivou-se, rodou, e o braço impotente enrolou-se em volta do pescoço. Adam apertou o irmão nos dois braços e colou-se a ele soluçando. Continuou a agarrar-se, apesar dos dois punhos que o martelavam, apesar da náusea. O tempo não passava. Sentiu que o irmão se movia de lado para o obrigá-lo a afastar as pernas. Sentiu o joelho subir, ultrapassar-lhe os joelhos, roçar-lhe as coxas e depois esmagar-lhe os testículos. Um ferro em brasa abriu uma dor fulgurante que se propagou através de todo o corpo. Abriu os braços, dobrou-se todo e vomitou sob os golpes implacáveis que continuavam a chover.

Adam sentia as punhadas nas fontes, na cara, nos olhos, as pancadas que fendiam e faziam rebentar os lábios; mas a pele parecia-lhe mais espessa, menos sensível, como se estivesse revestida de borracha. Perguntou a si mesmo porque não se lhe vergavam as pernas, porque não caía, porque não ficava inconsciente.

A punição prosseguiu durante uma eternidade. Ouvia o arfar do irmão, o “há” que lhe saía dos lábios como um ferreiro que abate o martelo. Depois, à luz doentia das estrelas, através da cortina de sangue que lhe escorria dos olhos, viu o irmão. Viu o olhar inocente, sem expressão, e o sorrisinho nos lábios molhados. E quando via estas coisas, veio um clarão, logo seguido da noite.

Charles ficou de pé a olhá-lo, engolindo o ar como um cão sem fôlego. Depois voltou-se e afastou-se rapidamente em direção a casa, amassando as falanges doloridas.

Adam depressa recuperou a consciência e, com ela, veio o medo. O cérebro rolava num nevoeiro doloroso. O corpo ficara pesado e desajeitado com a dor. Mas, instantaneamente, esqueceu a dor. Ouvira passos rápidos na estrada. Reagiu com o instinto do rato — medo e ferocidade. Pôs-se de joelhos e atravessou a estrada em direção à valeta. Havia água no fundo da valeta e erva nos bordos. Adam rastejou suavemente para entrar na água sem provocar ruído.

Os passos aproximaram-se, afrouxaram, afastaram-se, tornaram a aproximar-se. Do seu esconderijo, Adam apenas avistava uma sombra na noite. Riscou-se um fósforo e o enxofre ardeu com uma chamazinha azul antes que a madeira, ao pegar, iluminasse por debaixo, de maneira extravagante, o rosto de Charles que ergueu o fósforo e inspecionou a zona iluminada à sua volta. Adam viu-lhe um machadinho na mão.

Quando o fósforo se extinguiu, a noite pareceu mais escura do que antes. Charles avançou lentamente e riscou outro fósforo, depois outro ainda, e continuou a avançar. Procurava pegadas na estrada. Passado pouco tempo, renunciou às pesquisas. A mão direita descreveu um arco de círculo, atirando o machadinho para o meio dos campos. Depois, afastou-se rapidamente em direção às luzes pálidas da aldeia.

Adam ficou muito tempo na água gelada. Imaginava o que pensaria o irmão. Perguntava a si mesmo que sentimento viera substituir a fúria: aflição, pena, remorso ou nada? Adam punha-se no seu lugar. Estava ligado ao irmão pelo canal do pensamento e sofria por ele como noutras circunstâncias fizera por ele os deveres escolares.

Adam saiu cautelosamente da água e endireitou-se. As pancadas cristalizavam em dores agudas e as crostas de sangue acabavam de secar na cara. Pensou que seria melhor ficar na escuridão até que o pai e Alice se fossem deitar. Sentia-se incapaz de responder à menor pergunta, pois não conhecia as respostas. Procurar uma resposta desencadeava furacões no cérebro magoado. Um mal-estar debruado de azul instalou-se na testa e sentiu que ia desmaiar de novo.

Pôs-se a andar com dificuldade, afastando muito as pernas. Chegado ao limiar da casa, deteve-se para olhar. O candeeiro que pendia do teto por uma corrente, gerava um círculo amarelo e alumia Alice sentada à mesa, diante da caixa de costura. O pai, do outro lado, roia a caneta antes de apontar os seus projetos militares numa agenda preta.

Alice, ao erguer a cabeça, viu o rosto ensanguentado de Adam. Levou a mão à boca e os dedos agarraram-se aos incisivos inferiores.

Adam subiu o primeiro degrau, depois o outro, e encostou-se ao alisar. Foi então que Cyrus levantou a cabeça. A sua primeira expressão apenas revelou uma perfeita curiosidade. Só muito lentamente compreendeu de onde provinha a deformação do rosto.

Ergueu-se, pejado de perguntas. Enfiou a caneta no tinteiro e limpou os dedos às calças.

— Porque ele fez isso?— perguntou docemente.

Adam tentou responder, mas os lábios estavam tumefactos e rebentados. Molhou-os com a ponta da língua e o sangue voltou a correr.

— Não sei.

Cyrus precipitou-se para ele e agarrou-lhe o braço com tanta selvageria que Adam fez uma careta e tentou libertar-se.

— Não mintas! Porque fez ele isso? Discutiram?

— Não.

Cyrus puxou o para si. — Fala! Quero saber. Fala. Hás de acabar por dizer. Porque raio tens a mania de o proteger sempre? Julgas que não dou por isso? Tomas-me por idiota? Responde ou juro-te que te obrigo a ficar aqui de pé durante toda a noite.

Adam procurou desesperadamente uma resposta: — Ele pensa que tu não gostas dele.

Cyrus largou o braço e foi coxeando sentar-se na sua cadeira. Enquanto olhava para a agenda com um olhar ausente, ia arranhando o fundo do tinteiro com a caneta.

— Alice, vai pôr o Adam na cama. Há de ser preciso cortar-lhe a camisa. Dá-lhe uma ajuda.

Levantou-se. Num canto da casa estavam as roupas penduradas em pregos. Debaixo das roupas, estava a espingarda. Mexeu na culatra para verificar se estava carregada e, depois, saiu com o seu andar irregular.

Alice levantou a mão para o conter, como se pegasse na ponta de uma corda invisível. A corda quebrou-se e o seu rosto nada deixou transparecer.

— Sobe para o teu quarto — disse. — Vou buscar uma bacia com água.

Adam estava na cama com um lençol descido até à cintura. Alice tratava as feridas com um lenço molhado em água quente. Não disse nada durante um longo momento, depois continuou a frase de Adam como se ele nunca tivesse sido interrompido. Julga que o pai não gosta dele. Mas tu gostas. Sempre gostaste dele. Adam não respondeu. Alice prosseguiu calmamente: — É um rapaz muito esquisito. É preciso conhecê-lo. Todo eriçado por fora, parece que dá cabo de tudo, quando se não conhece — parou para tossir, dobrou-se ao meio, tossiu e, quando a crise acabou, tinha as faces coradas e estava extenuada. — É preciso conhecê-lo — repetiu. — Há muito tempo que me dá presentes, coisas bonitas em que ninguém o julgaria capaz de reparar. Mas não me oferece as coisas assim. Esconde-as onde sabe que as hei de encontrar e pode-se observá-lo durante horas a fio que nunca se trai. É preciso conhecê-lo.

Alice sorriu a Adam. Ele fechou os olhos.

Capítulo IV

1

Charles encontrava-se na estalagem da aldeia. Encostado ao bar, ria deliciado com as histórias cômicas de alguns caixeiros--viajantes que ali tinham ido parar. Tirou a bolsa do tabaco onde guardava os trocos de prata, e ofereceu de beber aos homens para que continuassem a falar. Bamboleou-se, careteou um sorriso e afagou as falanges magoadas. Os caixeiros-viajantes aceitaram a rodada e ergueram os copos dizendo: “À sua!” Charles estava encantado. Encomendou outra rodada para os novos amigos e partiu com eles para ir ofender o céu noutro sítio, de outra maneira.

Cyrus mergulhara na noite, cheio de uma cólera desesperada. Procurara o filho na estrada, depois na estalagem, mas Charles já se fora embora. Se tivesse encontrado o filho nessa noite, matá-lo-ia ou teria tentado fazê-lo. Um ato importante pode deformar a história e é provável que todos os atos exerçam uma influência no seu meio, à sua medida — quer seja a pedra em que se tropeça, a respiração que se sustém quando se vê uma bela moça ou um fragmento de unha no chão do jardim.

Charles não tardou a saber que o pai o procurava, armado de uma espingarda. Escondeu-se durante duas semanas e quando, finalmente, voltou a casa, a ideia de assassinato retrogradara à fase da cólera. Charles assumiu um ar teatralmente humilde e foi punido com um aumento de trabalho.

Adam ficou quatro dias de cama, febril, debatendo-se com o sofrimento. Cada movimento arrancava-lhe um grunhido.

No terceiro dia, o pai trouxe uma prova da influência de que dispunha no exército motivo de orgulho para ele, recompensa para Adam. No seu quarto entraram um capitão de cavalaria e dois sargentos de uniforme azul. Na cerca, dois simples soldados tomavam conta dos cavalos. Adam, amarrado ao leito, foi alistado como cavaleiro de segunda classe. Assinou e prestou juramento sob os olhares de Alice e do pai. Cyrus tinha lágrimas nos olhos.

Depois da partida dos soldados, ficou muito tempo junto do filho.

— Foi voluntariamente que escolhi a cavalaria. A vida de caserna depressa perde o interesse. Mas a cavalaria vai ter muito que fazer, segundo tive o cuidado de me informar. Hás de gostar de ir para o território índio. Parece que vão praticar desporto para esse lado. Não te posso dizer onde foi que obtive a informação. Mas vai haver luta.

— Pois sim, pai — disse Adam.

2

Sempre achei estranho que caiba geralmente a homens como Adam a obrigação de fazer a guerra. Ele não gostaria de lutar e, em vez de aprender a gostar, como acontece a alguns, passou a sentir uma crescente repugnância pela violência. Os seus oficiais desconfiavam de que visava mal de propósito, mas nunca conseguiram apurar fatos concretos. Durante os cinco anos que passou no exército, Adam fez mais faxinas do que qualquer outro homem do esquadrão, mas se matou um inimigo foi em consequência de um ricochete infeliz. Como era um excelente atirador, tinha particular aptidão para falhar o alvo. Nessa época, a guerra com os índios não passava de uma caçada perigosa — as tribos eram obrigadas a revoltar-se, perseguidas, dizimadas, e os deploráveis sobreviventes eram encurralados em reservas onde estouravam de fome. Não era um trabalho limpo, mas a necessidade de expansão do país tornava-o necessário.

Adam, mero executante, não entrevia as possibilidades que se preparavam. Apenas via seres humanos iguais aos que a guerra dilacerava, e

achava isso inútil e revoltante. Quando atirava de propósito para não acertar, sabia que estava traindo, mas não se importava. O sentimento da não violência foi-se fortalecendo nele até se transformar num tormento tão entorpecente como qualquer outra forma de consciência. A simples ideia de atentar contra uma vida, qualquer que fosse o motivo, tornou-se intolerável. Essa obsessão — pois era uma obsessão — não o deixava pensar em mais nada. Contudo, Adam nunca praticou nenhuma covardia. Foi proposto e condecorado três vezes por bravura.

Quanto mais se revoltava contra a violência, mais os seus atos tomavam uma feição oposta. Arriscou várias vezes a vida para trazer feridos para as linhas. Pediu para prestar serviço nos hospitais de campanha fora das horas de serviço. Os companheiros consideravam-no com um desprezo afetuoso mesclado de medo — medo que se tem de sentimentos que não se compreendem.

Charles escrevia regularmente ao irmão. Falava da quinta da aldeia, de uma vaca doente, de uma égua que parira, dos terrenos que tinham comprado, do celeiro atingido por um raio, da morte de Alice, consumida pela tísica, da ida do pai para Washington para prestar serviço no G.A.R. Como a maioria das pessoas que não sabem falar, Charles escrevia abundantemente e em pormenor. Falava na sua solidão e nas suas perplexidades, botava no papel muitas coisas que ignorava sobre si mesmo.

Foi durante o período em que os dois irmãos estiveram separados que se compreenderam melhor. A troca de cartas aproximou-os muito mais do que teriam julgado possível.

Adam aguardou uma carta do irmão, não porque a entendes se inteiramente, mas porque parecia encobrir algo em que ele não podia tocar. “Querido irmão Adam — dizia a carta —, pego na pena para desejar que estejas de boa saúde”. Começava sempre assim para ajudar a inspiração. “Ainda não recebi resposta à minha última carta, mas suponho que tenhas outras coisas a fazer — ah! ah! A chuva veio fora de tempo e destruiu a flor das macieiras. Não haverá muita fruta para comer no inverno que vem. Hei de guardar o que puder. Esta tarde limpei a casa. Está tudo molhado e escorregadio de sabão, e se calhar não ficou mais limpo. Chego a perguntar como fazia a mamãe para conseguir ter a casa limpa.

As coisas já não são como no tempo dela. Há qualquer coisa que se entranha, não sei o que é, mas não consigo raspá-la. Seja como for, uniformizei a sujidade, já é alguma coisa — ah! ah! o pai escreveu-te acerca da sua viagem? Ele foi a San Francisco da Califórnia para tomar parte num acampamento do G.A.R. O Secretário da Guerra também vai, e é o pai quem o apresenta. Mas isto

nada tem de sensacional para o pai, que já esteve com o Presidente três ou quatro vezes e até foi à Casa Branca. Gostaria de a ver. Talvez lá pudéssemos ir os dois, quando tu voltasses. O pai podia receber-nos durante alguns dias e, de resto, deve estar com vontade de te ver. Acho que seria acertado se eu arranjasse uma mulher. Mesmo que não seja um bom partido, uma moça sempre gostaria de ter uma bela quinta como a nossa. Que dizes? Não me disseste se contavas vir viver para casa quando saísses do exército. Espero que sim. Fazes-me falta.” A escrita acabava ali, com um borrão de tinta e um buraco no papel. Depois recomeçava, a lápis desta vez, e com uma grafia diferente.

Os gatafunhos a lápis diziam: “Mais tarde. O aparo partiu-se mesmo aqui. Tenho de ir comprar outro aparo à aldeia.” Depois a caligrafia tornava-se mais calma. “Mais valia esperar até ter o aparo novo e não escrever a lápis. Mas a verdade é que estava aqui, na cozinha, com o candeeiro, e devo ter-me posto a pensar e fez-se tarde — meia-noite, suponho, não vi as horas.

O velho “Zé Preto” começou a cantar na capoeira. Depois a cadeira de balanço da mamãe pôs-se a ranger como se ela lá estivesse. Sabes que não me assusto com este gênero de coisas, mas comecei às voltas com as recordações, sabes como estas coisas acontecem. Tenho a impressão de que vou rasgar esta carta, de que serve escrever coisas assim?” Depois as palavras começavam a correr como se tivessem medo de ser apanhadas. “Se a vou rasgar, mais vale não estar com meias medidas. Parece que toda a casa se pôs a viver e que cresceram olhos em toda a parte e que há pessoas à porta aguardando um instante de distração da minha parte para entrarem.

Estou todo arrepiado. Queria dizer-te — quero dizer-te — enfim, nunca compreendi — enfim, porque fez o nosso pai aquilo? Quero dizer, porque foi que ele não gostou do canivete que lhe comprei pelo aniversário? Por quê? Era um bom canivete e ele precisava de um bom canivete. Se se tivesse servido dele, se o tivesse afiado, se somente o tivesse tirado do bolso e olhado, era tudo o que eu queria. Se tivesse gostado do canivete, não me teria atirado a ti. Mas assim, tinha de me vingar em ti. Parece que a cadeira da mamãe está balançando um pouco. É a luz. Isso não pega comigo. Tenho a impressão de que está qualquer coisa por acabar. Qualquer coisa meio feita e de que não me lembro. Qualquer coisa não foi feita. Eu não devia estar aqui. Devia andar pelo mundo em vez de ficar numa boa quinta a perguntar a mim mesmo se vou casar. Há qualquer coisa que não vai bem, como se tivesse acontecido cedo demais e se tivesse esquecido qualquer coisa. Eu devia estar no teu lugar e tu aqui. Nunca pensei deste modo. É talvez por ser tarde — é mais tarde do que isso. Acabo de olhar pela janela e o

dia já vai nascendo. Acho que não adormeci.— Como foi que a noite passou tão depressa? Agora não me posso deitar. Fosse como fosse, não conseguia dormir.” A carta não estava assinada. Charles talvez tivesse esquecido que a queria destruir e tinha-a enviado. Adam guardou-a durante muito tempo e, sempre que a lia, percorria-o um calafrio e não sabia por quê.

Capítulo V

No rancho os pequenos Hamilton principiaram a crescer e todos os anos nascia um. George era um grande e bonito rapaz meigo e amável, dotado de uma espécie de cortesia natural. Era o que se chama uma “criança sossegada”. Andava sempre limpo e arranjado como o pai, e nunca parecia estar mal vestido, mesmo quando o estava. Levou uma vida sem pecado e, se alguma vez pecou, foi por distração. No meio da sua vida, pouco mais ou menos na época em que tais coisas se descobriram, verificou-se que estava atingido de anemia perniciosa. É possível que tenha alimentado as virtudes com a falta de energia.

Depois de George, vinha Will, atarracado e tacanho, desprovido de imaginação mas cheio de vigor. Menino ainda, já era um trabalhador infatigável desde que lhe dissessem qual era o trabalho que devia fazer. Foi conservador, tanto em política como no resto, repudiando com nojo todas as ideias que julgasse revolucionárias. Will não queria ser criticado e por isso sempre se esforçou por viver como toda a gente.

Talvez o pai tivesse alguma coisa a ver com a desconfiança que Will sentia por todas as modificações ou transformações. Na época da sua adolescência, o pai ainda não vivia há tempo suficiente no Vale para ser considerado como um “antigo”. Era estrangeiro, irlandês, e nessa época não gostavam dos irlandeses na América. Desprezavam-nos, sobretudo na costa oriental, e é natural que o mesmo sentimento tenha germinado no Oeste. Ora Samuel não era apenas um irlandês instável e entusiasta, era também um irlandês inventivo que acreditava nas ideias novas. No seio de uma pequena comunidade isolada do mundo, um tal homem é considerado com desconfiança até que consiga provar que não constitui um perigo para os concidadãos. Um ser excepcional como Samuel podia — pode, aliás — causar muitos aborrecimentos. Podia, por exemplo, mostrar-se demasiado atraente aos olhos das esposas cujos maridos se sabiam destituídos de encantos. Depois, havia a sua educação e a sua cultura, os livros que comprava e pedia emprestados, o seu conhecimento das coisas que não se comem nem se usam, o seu interesse pela música e o seu respeito pelas belas-letras. Se Samuel fosse um homem rico como os Thornes ou os Delmar, que possuíam boas casas e boa terra plana, teria tido uma grande biblioteca.

Os Delmar tinham uma — apenas livros enfileirados em prateleiras de carvalho. Samuel pedira mais livros emprestados do que os lidos pelos Delmar.

Nessa época, admitia-se que um homem rico fosse culto. Podia mandar os filhos para o colégio sem dar que falar, podia usar um casaco, uma camisa e uma gravata em pleno dia e no meio da semana, podia usar luvas e tratar das unhas. Os costumes das pessoas ricas são misteriosos. Não se sabe quais são as suas necessidades. Mas um pobre, para que precisava de poesia, de pintura ou de música que não faz dançar? Tais coisas não lhe rendiam um saco de trigo nem um remendo para pôr nas calças dos filhos. Apesar de tudo, Samuel persistia. Devia ter razões que não sustentavam um exame aturado.

Samuel desenhava as peças das máquinas que tencionava construir. Os planos eram bem feitos e compreensíveis. Invejavam-lhe o talento. Mas, nas margens, fazia outros desenhos, umas vezes árvores, outras vezes caras de animais ou de monstros; às vezes, até, formas que nada queriam dizer. Então os homens tinham um sorriso embaraçado. E depois, sobretudo, nunca se sabia antecipadamente o que Samuel ia dizer, pensar ou fazer — tudo podia acontecer.

Durante os poucos anos que se seguiram à instalação de Samuel no vale do Salinas, os outros pouco se deram com ele. Talvez Will, miúdo ainda, tenha ouvido algum falatório no armazém de San Lucas. Os garotos não gostam que os pais sejam diferentes dos outros homens. Foi provavelmente nessa altura que Will se tornou conservador. Mais tarde, na época em que os outros filhos já eram crescidos, Samuel passou a ser um homem do Vale; o Vale orgulhava-se dele como um homem se orgulha de ter um, pavão. Já não lhe tinham medo porque não lhes seduzia as mulheres nem os arrancava da sua confortável mediocridade. O Vale pôs-se a gostar de Samuel, mas era tarde demais para Will, que já se fizera homem.

Certos seres, se bem que nem sempre o mereçam, são verdadeiramente amados pelos deuses. O que recebem, nunca o devem nem aos seus esforços nem aos seus cálculos. Will Hamilton era um desses seres e recebeu os dons que tinha a possibilidade de apreciar. Will foi protegido desde muito cedo pela sorte. Quanto mais o pai era incapaz de ganhar dinheiro, mais o filho não podia deixar de o ganhar. Quando Will Hamilton comprou galinhas e elas começaram a pôr, o preço dos ovos subiu. Dois amigos dele, donos de um pequeno armazém à beira da falência, pediram a Will, então ainda rapaz, que lhes emprestasse a quantia necessária para pagar as letras vencidas. Em troca disto, os amigos comprometeram-se a entregar-lhe um terço dos lucros. Will não era mesquinho e deu-lhes o que pediam. Um ano depois, o negócio prosperara novamente,

abriram uma sucursal, logo seguida de outra, e o mercado é agora controlado pelos atuais proprietários.

Will aceitou um dia, em pagamento de uma dívida, uma pequena oficina de reparação de bicicletas. Então, algumas pessoas ricas do Vale compraram automóveis e tornaram-se clientes de Will. Foi nessa altura que um poeta materialista que sonhava com cobre, ferro fundido e borracha se dirigiu a ele para realizar um projeto ridículo e talvez ilegal. O poeta chamava-se Henry Ford. Resmungando, Will aceitou o exclusivo da parte sul do Vale. Quinze anos depois, as estradas estavam pejadas de Fords e Will, rico, guiava um Marwin.

Tom, o terceiro filho, assemelhava-se ao pai. Nasceu furioso e viveu como um raio. Mergulhava na vida, de cabeça baixa, sacudido por entusiasmos e por alegrias desmesurados. Não redescobria o mundo e as gentes, recriava-os. Foi o primeiro a ler os livros do pai. O seu mundo era fresco e brilhante, tão ignorante das imposições como o jardim do Paraíso no sexto dia. O seu espírito saltava como um cabrito numa pastagem radiosa e quando, mais tarde, descobriu as vedações, atirou-se a elas até que, por fim, vendo-se encurralado, partiu as vedações e abandonou a nossa pastagem. Os seus desgostos eram tão desproporcionados como as alegrias, e quando lhe morreu o cão, parou o mundo.

Tom era tão inventivo como o pai, mas mais audacioso. Ousava o que o pai nunca teria tentado e era espicaçado por uma concupiscência que o pai ignorava. É possível que o seu comportamento sexual o tenha levado a ficar solteiro. Fazia parte de uma família muito virtuosa. Seria por causa dos seus desejos e da maneira como os satisfazia que se sentia indigno? Que ia ele carpir nas colinas? Tom era uma mistura de violência e de gentileza. Impunha a si mesmo tarefas superiores às suas forças para nelas consumir os desejos que o sufocavam.

Os Irlandeses são pessoas assustadoramente alegres, mas têm um espectro sinistro que lhes cavalga os ombros e lhes perscruta os pensamentos. Se riem muito alto, o espectro mete-lhes o comprido dedo na goela. Condenam-se a si mesmos antes de serem acusados e, por isso, estão sempre na defensiva.

Tom, aos nove anos de idade, afligia-se porque a irmã mais nova, Mollie, tinha um defeito de pronúncia. Pediu-lhe para abrir bem a boca e viu debaixo da língua uma membrana que era a causa do mal. “Posso arranjar-te isso”, disse ele. Levou a irmãzinha a um lugar que só ele conhecia, afiou o canivete numa pedra e cortou a excrescência prejudicial. Depois, fugiu para ir vomitar.

A casa dos Hamilton crescia com a família. Fora concebida para nunca ser acabada, para que lhe pudessem acrescentar mais divisões conforme as

necessidades. Em pouco tempo, deixou de ser possível distinguir a casa original das suas dependências.

Mas Samuel não enriquecia. Sofria de uma doença comum a muitos homens: a “patentite”. Tinha aperfeiçoado uma debulhadora que custava menos e debulhava mais que qualquer outra máquina do mesmo tipo. Para patentear a invenção, despendeu o magro lucro obtido num ano. Depois mandou os planos a um fabricante que teve o cuidado de os copiar antes de os devolver. Samuel moveu-lhe um processo que perdeu num prazo relativamente curto. Foi o que, felizmente, valeu à família, que morria lentamente de fome. Samuel compreendeu pela primeira vez que, sem dinheiro, não se luta contra o dinheiro. Mas já contraíra a “febre das patentes” e, todos os anos, gastava o dinheiro ganho a debulhar ou a forjar nos pedidos de patente. Os pequenos Hamilton andavam de pé descalço, com as roupas remendadas e mal alimentados, mas Samuel continuava a desenhar planos, projeções e cortes transversais em papéis de elevado preço.

Certos homens pensam em grande, outros pensam em pequeno. Samuel e os filhos Tom e Joe pensavam em grande. George e Will pensavam em pequeno. Joe era o quarto filho, uma criança sonhadora, profundamente amada e protegida por toda a família, e que depressa descobrira que uma incapacidade sorridente o punha ao abrigo do trabalho. Os irmãos, sem exceção, eram grandes trabalhadores. Era mais fácil fazer o trabalho de Joe do que convencê-lo a fazê-lo. O pai e a mãe diziam que era um poeta, visto não servir para mais nada. Para lhes dar razão, escreveu alguns versos harmoniosos. Era fisicamente preguiçoso e, provavelmente, também era um preguiçoso mental. Sonhava com a vida e a mãe amava-o mais do que aos outros por o julgar indefeso. Na realidade, ele era quem melhor se defendia, pois obtinha o que queria com um mínimo de esforço. Joe era o benjamim da família.

Nos tempos feudais, um rapaz inapto para o trabalho era destinado à Igreja; nos Hamilton, como Joe era inapto para o trabalho no campo e na forja, foi destinado aos estudos superiores. Não era fraco nem doentio, mas não conseguia desenterrar um pé de batatas. Montava mal e detestava os cavalos. Toda a família era sacudida por um sorriso afetuoso quando evocava as tentativas de Joe atrás da charrua: o primeiro sulco que traçara era tortuoso como um rio de planície e o segundo roçara pelo primeiro para partir logo em direção oposta.

Gradualmente, Joe soube subtrair-se a todos os trabalhos do rancho. A mãe explicava que ele andava nas nuvens, como se isso fosse uma especial

virtude.

Não possuindo nenhum dom fosse para que trabalho fosse, Joe viu que um pai desesperado lhe confiava a guarda de um rebanho de sessenta carneiros. Era a tarefa mais simples, aquela que sempre se entrega, desde que há memória, ao parvinho da aldeia. Joe só tinha uma coisa a fazer: ficar com os carneiros. E Joe perdeu-os — sessenta de uma vez. Foi incapaz de os encontrar. Estavam no fundo de uma ravina, calmamente agrupados à sombra. A dar crédito à história da família, Samuel reuniu todos os seus, filhas e filhos, e obrigou-os a prometer que tomariam conta do irmão quando morresse, porque, abandonado à sua sorte, Joe morreria de fome.

No meio dos rapazes Hamilton vinham cinco moças: Una, a mais velha, uma mocinha morena, secreta e estudiosa; Lizzie — suponho que esta é que devia ser a mais velha, pois tinha o nome da mãe — mas pouco sei de Lizzie; parece que se envergonhou muito cedo da família; casou nova, afastou-se e só a tornaram a avistar nos enterros; Lizzie, fenômeno entre os Hamilton, sabia o que era o ódio e a amargura; teve um filho que casou com uma moça de quem Lizzie não gostava; não lhe falou durante anos.

Depois vinha Dessie que estava sempre a rir. Todos gostavam dela porque se sentiam melhor ao pé dela do que de outra pessoa qualquer.

A seguinte era Olive, a minha mãe. A última era Mollie, uma pequena beleza de cabelos loiros e olhos ametista.

Eram estes os Hamilton. E quase parecia milagre que uma mulher como Liza, seca como uma ameixa, tivesse podido dar, regularmente, ao mundo, um filho todos os anos, e tivesse podido alimentá-los, assar o pão, coser-lhes a roupa e dar-lhes uma boa educação com princípios de ferro.

Liza teve sobre os filhos uma influência de estranhar, pois não tinha nenhuma experiência do mundo, nenhuma cultura e nunca viajara, se excetuarmos a longa viagem da Irlanda para a América. Todos os seus conhecimentos dos homens residiam no marido, dever fatigante e por vezes doloroso. Passou a maior parte da vida a acompanhar e a educar os filhos. A Bíblia era toda a sua bagagem intelectual. Havia ainda as ideias trocadas entre Samuel e os filhos, mas ela recusava-se a escutá-las. A Bíblia só por si era história e poesia, conhecimento do mundo e das coisas. Nela residiam a estética, a moral e a salvação de Liza. Nunca estudava nem discutia a Bíblia; lia-a. Nunca se deixara embarçar pelas suas contradições aparentes e acabou por a saber de cor.

Liza tinha direito à consideração geral, pois era uma boa mãe que sabia educar os filhos. Podia ir para todo o lado de cabeça levantada. O marido, os filhos e os netos respeitavam-na. Ela opunha aos compromissos, às fraquezas, aos erros, o rigor de uma moral de aço. Era admirada como se admira o aço.

Liza tinha um santo horror pelo álcool. Quem quer que provasse o líquido destilado no alambique do diabo, ofendia o Senhor. Não só nunca lhe tocava, como também censurava todos os que dele gostassem. Nestas circunstâncias, — era natural que Samuel e os filhos tivessem um certo fraco pela bebida.

Samuel perguntou, num dia em que estava muito doente: — Liza, não posso beber um copo de uísque para elevar o moral? Ela ergueu a cabecinha redonda: — Serias capaz de comparecer diante de Deus cheirando a uísque? Claro que não eras! Samuel voltou-se para o outro lado e sofreu o seu mal com o moral em baixo.

Liza, por volta dos setenta anos, foi atacada de retenção e o médico receitou-lhe uma colher de café de vinho do Porto, por dia. Para engolir a primeira colherada, apertou o nariz. Não era tão mau como isso. A partir desse dia, o seu hálito passou a cheirar a vinho do Porto. Bebia-o sempre às colherinhas e era sempre um remédio, mas foi uma mulher muito mais feliz assim que atingiu o litro diário.

Todos os filhos de Samuel e de Liza Hamilton já tinham ultrapassado a adolescência quando mudou o século. Era quase uma tribo de Hamiltons que crescia no rancho a leste de King City. Eram jovens americanos. Samuel nunca voltou à Irlanda e acabou por a esquecer. As suas ocupações não lhe deixavam tempo para as saudades. O universo era o seu Vale. Uma vez por ano, ia a Salinas, sessenta milhas ao Norte. Educar, alimentar, vestir a enorme família, explorar o rancho, tomavam-lhe a maior parte do tempo, mas não todo o tempo. Samuel tinha uma grande vitalidade.

A sua filha Una tornara-se uma aluna estudiosa, calada e sombria. Samuel ufanava-se do seu feitio independente. Olive preparava-se para fazer exame após um estágio, no liceu de Salinas. Olive ia ser professora. Para os Irlandeses, uma filha professora é uma honra tão grande como ter um filho padre. Joe ia partir para o colégio visto não servir para mais nada. Will prosseguia com êxito a sua carreira de involuntário homem rico. Tom cortava-se nas asperezas da vida e tratava das feridas. Dessie andava na costura e Mollie, a bonita Mollie, haveria de casar certamente com um bom partido.

A herança não estava em causa, pois as terras nada valiam, apesar da sua extensão. Samuel abria poço após poço e não encontrava água na própria terra. A

água teria feito dos Hamilton pessoas relativamente ricas. A bomba situada junto da casa ia buscar a água às entranhas da terra; havia ocasiões em que o caudal diminuía perigosamente e a nascente secou por duas vezes. O gado, para beber, tinha de atravessar toda a propriedade e, para comer, era obrigado a refazer o trajeto em sentido inverso.

Tudo bem pesado, era uma família como tantas outras, nem mais rica, nem mais pobre, que só desejava viver e prosperar no solo do Vale. Era uma família em que se equilibravam os elementos contrários: conservadores e progressivos; sonhadores e realistas. Samuel só tinha motivos para estar contente com o fruto dos seus amores.

Capítulo VI

1

Depois do alistamento de Adam e da partida de Cyrus para Washington, Charles viveu só no rancho. Por mais que dissesse que procurava uma esposa, não punha em prática o método corrente que consiste em travar conhecimento com uma moça, levá-la ao baile, assegurar-se da sua virtude ou do contrário e, para acabar, deixar-se escorregar preguiçosamente para o casamento. Charles tinha medo das moças. E, como todos os homens tímidos, satisfazia os desejos com uma prostituta anônima. A puta é a mulher que mais segurança oferece ao tímido. Tendo pago, e com antecedência, fica à mercê do homem que pode, à vontade, ser alegre ou brutal; e, sobretudo, o homem não tem que encarar a eventualidade de uma recusa que, só de pensar nisso, dá um nó nas tripas do tímido.

O sistema era simples e razoavelmente secreto. O dono da estalagem tinha três quartos no último andar que alugava às mulheres, por duas semanas. Passadas as duas semanas, novo contingente vinha substituir o anterior. O Sr. Hallam, o estalajadeiro, não recebia nenhuma percentagem. Podia quase garantir, com sinceridade, que ignorava tudo. Contentava-se em receber pelos quartos o quántuplo do preço normal. As mulheres eram escolhidas, procuradas, deslocadas, vigiadas e roubadas por um certo Sr. Edwards, de Boston. As mulheres efetuavam um lento périplo através das pequenas cidades, nunca ficando mais de quinze dias no mesmo sítio. Era um sistema muito eficaz. As

mulheres não habitavam na cidade o tempo suficiente para serem notadas por um habitante ou por um guarda. Raramente saíam dos quartos e evitavam os lugares públicos. Era-lhes proibido, sob pena de chicote, beber, provocar escândalo ou ficar apaixonadas. Serviam-lhes as refeições nos quartos e os fregueses eram cuidadosamente peneirados. Um homem em estado de embriaguez não era autorizado a “subir”. De seis em seis meses, todas as moças tinham direito a um mês de férias, para se embebedarem e pintarem o diabo. Se, durante o trabalho, uma das moça desobedecia aos regulamentos, o Sr. Edwards despia-a, amordaçava-a e zurzia-a sem lhe poupar uma polegada do corpo. Se reincidia, ia parar à prisão por vagabundagem especial.

O estágio de quinze dias tinha outra vantagem. Como a maioria das mulheres estava doente, tinham tempo de desaparecer antes que o presente incubasse no cliente. O homem contaminado não tinha ninguém a quem pedir contas. O Sr. Hallam ignorava tudo e o Sr. Edwards nunca aparecia no exercício das suas funções. Não há dúvida que o circuito era um riquíssimo negócio.

As mulheres pareciam-se todas umas com as outras: fortes, mandrionas e estúpidas. Os frequentadores chegavam a perguntar a si mesmos se, de uma quinzena para a outra, houvera de fato alguma substituição. Charles Trask adquiriu o hábito de ir à estalagem, pelo menos, uma vez por quinzena, subir ao último andar, despachar o negociozinho e voltar ao bar para se embriagar ditosamente.

A casa dos Trask nunca fora muito alegre mas, durante o reinado de Charles, ficou com um ar de sinistra decrepitude. As cortinas de renda estavam cinzentas. O soalho, apesar de varrido, estava pegajoso. As paredes, o teto e as janelas estavam cobertos de uma camada de gordura produzida pelos fritos.

O constante esfregar das mulheres que ali tinham vivido e a grande limpeza bianual haviam triunfado da sujidade. Charles contentava-se geralmente em varrer. Renunciou aos lençóis e passou a dormir só com mantas. Para que serve limpar uma casa que ninguém vê? Os únicos dias em que Charles se lavava e mudava de roupa eram os dias da estalagem.

Charles sentia necessidade de se mexer, mal rompia o sol. A solidão dava-lhe forças. O irmão fazia-lhe mais falta do que a mãe e o pai. Antes da partida do irmão, eram os bons tempos, e a sua memória imprecisa dava-lhe razão. Charles desejava que esses tempos voltassem.

Nunca esteve doente durante esse período, se excetuarmos as indigestões crônicas que eram e continuam a ser a cruz dos solitários. Uma forte purga, “o elixir de vida do Tio George”, curava-lhe as perturbações gástricas.

No decurso do terceiro ano de solidão, teve um acidente quando arrancava pedras para construir um muro. Um dos blocos era difícil de mover. Charles fez uma alavanca com uma comprida barra de ferro. A rocha recusava-se a sair do buraco e tornava sempre a cair. Charles ficou furioso. Assomou-lhe aos lábios o sorrisinho e lutou com a pedra como se fosse um homem. Animado de uma raiva silenciosa, introduziu a barra debaixo da rocha e empurrou com toda a força. A barra escorregou e foi bater-lhe na testa. Charles ficou inconsciente por um momento, depois levantou-se a vacilar e dirigiu-se para casa, meio cego. O ferro arrancara-lhe uma longa tira de carne, desde a nascedoura dos cabelos até às sobrancelhas. A ferida infectou e Charles andou de cabeça atada durante algumas semanas. Mas não se preocupou. Nessa altura, uma formação de pus queria dizer que a ferida estava a cicatrizar bem. Na, realidade, deixou-lhe na testa uma comprida marca encrespada. Geralmente, uma cicatriz é mais clara do que o tecido que a rodeia, mas a de Charles coloriu de castanho-escuro. Talvez a barra estivesse enferrujada e se tivessem incrustado partículas de ferrugem sob a pele, formando tatuagem.

Charles não se preocupava com a ferida, mas a cicatriz atormentava-o. Dir-se-ia ter na testa um traço de dedo sujo. Olhava-se muitas vezes ao espelho pendurado ao lado do fogão e penteava-se para a frente para esconder a cicatriz o mais possível. A cicatriz envergonhava-o e pôs-se a odiá-la. Ficava inquieto se alguém a olhava e enfurecia-se se lhe faziam perguntas. Numa carta ao irmão, definiu os seus sentimentos.

“Dir-se-ia que fui marcado como um animal. Esta porcaria está cada vez mais escura. Quando voltares, talvez já esteja preta. Só me falta outra de través para ter o ar de um Papista em Quarta-Feira de Cinzas. Não sei porque é que isto me aborrece tanto. Tenho muitas outras cicatrizes. Tenho a impressão de estar marcado. Quando vou à vila, à estalagem por exemplo, todos me observam.

Ouçó-os falar quando acham que não estou ouvindo. Gostaria de saber que curiosidade é a deles. É por isso que já não tenho vontade de ir à vila.” 2 Adam foi desmobilizado em 1885 e encetou a caminhada de regresso a casa. Aparentemente, pouco mudara. Não tinha aparência militar. Na cavalaria, é diferente, apreciam-se os ares importantes.

Adam sentia-se em estado de sonambulismo. É difícil abandonar uma profunda vida de rotina, mesmo que se odeie essa rotina. Na primeira manhã de civil, ao, acordar, aguardou por instantes o toque de clarim. Os polainitos já não lhe apertavam os jarretes e sentia o pescoço nu sem o colarinho rijo. Chegado a Chicago, alugou, por uma semana, sem razão, um quarto mobiliado ocupou-o

durante dois dias e partiu para Buffalo, mas, tendo mudado de opinião, dirigiu-se para as Quedas do Niágara. Não queria voltar a casa e adia a altura de o fazer o mais que podia. A casa não era um lugar agradável, na sua opinião. O que lá sentira já morrera nele e não tinha vontade de o fazer ressuscitar. Observou as Quedas na altura propícia. O seu estrondo deixou-o estupefato e hipnotizado.

Uma noite fez-lhe imensa falta a promiscuidade dos homens nas casernas e nas tendas. Sentia-se só. O primeiro sítio habitado que encontrou foi um pequeno bar fumarento. Suspirou de prazer e aninhou-se no calor humano. Pediu um uísque, bebeu-o e deixou-se invadir pelo calor. Sentia-se bem. De todos os seus sentimentos, o único que funcionava era o gosto. Contentava-se em absorver e ser absorvido.

Quando começou a fazer-se tarde e os consumidores se retiraram, assaltou-o o receio de voltar a casa. Ficou só com o patrão que esfregava o balcão e tentava, com o olhar e o gesto, pô-lo fora.

— Mais um — disse Adam.

O patrão foi buscar a garrafa. Adam encarou-o pela primeira vez. Tinha um sinal na testa.

— Não sou cá do sítio — disse Adam. As Quedas atraem muita gente. Acabo de sair do exército. Cavalaria.

— Pois é — disse o patrão.

Adam sentiu subitamente que devia impressionar o homem, atrair sua simpatia.

— Andei a combater os índios. Passamos maus bocados.

O homem não respondeu.

— O meu irmão tem um sinal na testa.

O patrão levou a mão ao sinal.

— Um sinal de nascença. Cresce com os anos. O seu irmão tem um?

— Não. É um ferimento. Foi o que me escreveu.

— Reparou que o meu tem a forma de um gato?

— É isso mesmo, é.

— E a minha alcunha: o Gato. Foi sempre assim que me chamaram. Diz-se que a minha velhota se deve ter assustado com um gato quando me trazia na barriga.

— Vou a caminho de casa. Andei muito tempo por fora. Quer tomar alguma coisa? — Não, obrigado. Onde está hospedado? — Na casa da Sra. May. Na pensão.

— Bem sei. Parece que enche os hóspedes de sopa para que não comam muita carne.

— Todos os ofícios têm os seus truques.

— É claro. O meu tem muitos.

— Não duvido — disse Adam.

— Mas há um que eu não conheço.

— Qual?

— A maneira de o obrigar a sair para eu poder fechar.

Adam fitou-o sem nada dizer.

— Estava brincando — disse o patrão embaraçado.

— Volto amanhã de manhã para minha casa. A minha verdadeira casa.

— Felicidades — disse o patrão.

Adam atravessou a cidade sombria, caminhando cada vez mais depressa, como se fosse perseguido pela solidão. Quando subiu os degraus da pensão, a madeira gemeu como um sinal. A entrada mal estava iluminada por um candeeiro de petróleo, com a torcida tão baixa que a chama parecia prestes a expirar.

A dona estava no corredor. A sombra do nariz alongava-se até ao queixo. Os seus olhos frios seguiram Adam como os olhos de um retrato de frente e ela estendeu o nariz para apanhar o cheiro do uísque.

— Boa noite — disse Adam. Chegado ao patamar, Adam voltou-se. A mulher tinha a cabeça levantada e o queixo projetava uma sombra na garganta. Os olhos já não tinham pupilas.

O quarto de Adam cheirava a poeira e mofo. Riscou um fósforo e transmitiu a chama ao bocado de vela que emergia da palmatória japonesa. A cama era informe, coberta com uma manta de retalhos e o avesso de algodão estava esfrangalhado nos bordos.

Os degraus gemeram de novo. Adam sentiu que a mulher já estava no corredor, preparada para envolver de inospitalidade o recém-chegado.

Adam sentou-se numa cadeira, descansou os cotovelos nos joelhos e encravou o queixo nas palmas da mão. Uma tosse inextinguível veio de baixo, para destruir a calma da noite.

Adam compreendeu que não podia regressar a casa. Ouvira velhos soldados explicando a razão do que ele ia fazer.

“Não conseguia aguentar. Não tinha para onde ir. Não conhecia ninguém. Andei por aí às voltas e de repente senti medo, como uma criança, e, quando dei por mim, estava diante do sargento a pedir que me reincorporasse por mais cinco

anos — como se fosse um favor.” De regresso a Chicago, Adam voltou ao serviço e pediu para ser incorporado a seu antigo regimento. No trem que o levava para o Oeste, evocou as caras dos camaradas de quem já sentia saudades.

Enquanto esperava pela ligação em Kansas City, ouviu que o chamavam pelo nome. Entregaram-lhe uma mensagem: instruções para se apresentar em Washington, no gabinete do Ministro da Guerra. Durante os cinco anos de serviço, Adam absorvera a ideia de que as ordens não se discutem. Os longínquos ídolos de Washington não passavam de uns doidos e se um soldado queria conservar o seu juízo, mais valia que pensasse o menos possível no general.

Ao chegar ao Ministério, Adam deu o nome a um funcionário e foi sentar-se numa antecâmara. Foi aí que o pai o encontrou.

2

Adam teve de fazer um esforço para o reconhecer. Cyrus transformara-se num grande homem: casaco e calças pretos, chapéu preto, sobretudo com gola de veludo, bengala de ébano que manejava como uma espada. Cyrus comportava-se como um grande homem: fala lenta e harmoniosa, comedida e senhora de si; os gestos eram largos. Os dentes novos davam-lhe à boca um sorriso desproporcionado com a emoção que o provocava.

Mesmo depois de ter compreendido que aquele grande homem era seu pai, Adam ficou perplexo. Subitamente, baixou o olhar: a perna de pau desaparecera. Lá estava a perna, dobrada no joelho, e o pé mergulhava num sapato preto engraxado. Quando Cyrus se deslocava, coxeava ligeiramente, mas em nada se parecia com o bamboleio anterior.

Cyrus viu o olhar.

— É mecânica — disse. — É articulada. Tem uma mola. Se eu quiser, nem sequer coxeio. Hei de mostrar-te quando a tirar. Vem comigo.

— Tenho de me apresentar ao coronel Wells, meu pai.

— Bem sei. Disse ao Wells que esperasse. Segue-me.

Adam sentia-se embaraçado. — Se não visses inconveniente nisso, pai, preferia ir apresentar-me ao coronel. O pai voltou-se para trás.

— Queria pôr-te à prova — disse ele com ar suficiente. — Queria ver se a disciplina continuava a ser a mesma. Estou satisfeito. Bem sabia que te havia de fazer bem. Estás um homem e um soldado, meu rapaz.

— Tenho de ir para o meu regimento, pai.

Aquele homem era um estranho. Adam sentiu-se invadir por uma leve repugnância. Havia qualquer coisa de falso em tudo aquilo. E a rapidez com que as portas se abriram ao coronel, a solicitude do oficial, as palavras “o Senhor Ministro vai recebê-lo imediatamente”, não conseguiram modificar a impressão de Adam.

— Aqui está o meu filho, Senhor Ministro, soldado, tal como eu, soldado do exército dos Estados Unidos.

— Fui licenciado como cabo — disse Adam.

Mal ouviu a troca dos cumprimentos. Pensava, “O Ministro não percebe que o meu pai está a representar uma comédia? É extraordinário que o Ministro não perceba. Que lhe terá acontecido?” Pelo caminho que levava ao seu pequeno hotel, Cyrus foi designando os panoramas interessantes, os monumentos e os lugares históricos com a facúndia de um guia.

— Moro no hotel — — disse. — Podia ter comprado uma casa, mas faço tantas viagens que não vale a pena. Ando sempre por montes e vales.

O porteiro do hotel inclinou-se diante de Cyrus, tratou-o por senhor Senador e garantiu que se arranjaría um quarto para Adam, nem que tivessem de pôr fora um hóspede.

— Mande levar uma garrafa de uísque para o meu quarto, se faz favor.

— Com gelo moído?

— Gelo! — disse Cyrus. — O meu filho é um soldado. — Com a bengala bateu na perna, que produziu um som oco. Eu também fui soldado. Raso. Não precisamos de gelo.

Adam ficou estupefato com o luxo em que Cyrus vivia. Não só tinha um quarto com banheiro, como também uma sala contígua.

Cyrus deixou-se cair numa poltrona e suspirou. Arregaçou a perna da calça para que Adam pudesse ver o engenhoso mecanismo de ferro, aço e madeira, depois desapertou a correia que mantinha a perna artificial no seu lugar e colocou-a de pé ao lado da cadeira.

— Há ocasiões em que magoa de uma forma insuportável.

Sem a perna, Cyrus voltava a ser o mesmo. Adam tornava a encontrar o pai da infância. No princípio do encontro, sentira um leve desprezo, mas agora renasciam o medo, o respeito e a animosidade, era novamente o garoto que procura adivinhar o estado de espírito do pai para evitar qualquer aborrecimento.

Cyrus preparou a bebida, bebeu o uísque e desabotoou o colarinho.

— Então? — perguntou, fitando Adam.

- Pai?
- Por que te voltaste a te alistar?
- Não sei, pai. Deu vontade.
- Não gostas do exército, Adam?
- Não, pai.
- Então, por que voltas?
- Não queria ir para casa.

Cyrus suspirou e esfregou a ponta dos dedos nos braços da cadeira. — Tencionas fazer carreira no exército?

- Não sei, pai.
- Eu posso fazer com que entres para West Point. Tenho influência. Se quiser, anulam a nova incorporação e vais para West Point.
- Não quero ir para lá.
- Estás tentando me desafiar? — perguntou calmamente Cyrus.

Adam levou muito tempo para responder, mas não havia maneira de iludir a pergunta: — Estou, sim, pai..

— Dá-me um pouco de uísque. — Uma vez servido, continuou:. Pergunto a mim mesmo se tens alguma noção da influência que eu realmente possuo. A eleição de um candidato depende do apoio do G. A. R. Ora sou eu quem resolve se havemos de conceder ou não os nossos votos. Até o próprio Presidente me pede a minha opinião acerca dos negócios públicos. Posso demolir um senador e os lugares bem pagos é a mim que os pedem. Posso fazer um homem e posso dar cabo dele. Sabias tudo isto? Adam sabia mesmo mais. Sabia que Cyrus ameaçava para se defender.

- Sabia, sim, pai.
- Posso destacar-te para Washington. Posso exigir que sejas minha ordenança para te desemburrar.
- Prefiro ingressar no meu regimento, pai.
- Viu a sombra da derrota passar pelo rosto do pai.
- Talvez eu tenha cometido um erro. Tu aprendeste a resistência imbecil do soldado. — Suspirou. Voltas para o teu regimento. Hás de apodrecer numa caserna.

- Obrigado, pai.
- Passado um momento, Adam perguntou: — Por que não mandas vir o Charles para perto?
- Porque eu... Não o Charles está melhor lá onde está.

Adam teve muito tempo para se recordar do tom da voz e da expressão do pai, pois apodreceu, de fato, numa caserna. Teve tempo para se lembrar de que Cyrus estava só e sofria, e sabia-o.

3

Charles, decorridos os cinco anos, começara a aguardar o regresso de Adam. Pintara a casa e o celeiro e, quando se aproximou o grande dia, contratou uma mulher para limpar a casa a fundo.

A mulher era velha, asseada e agressiva. Mal olhou para as cortinas que apodreciam sob uma crosta de porcaria, deitou-as fora e fez outras. Esfregou o fogão coberto de uma camada de sebo que datava da morte de Alice, e atirou-se às paredes onde se entranhara a gordura da cozinha e a fuligem dos candeeiros de petróleo. Lavou o chão com lixívia e mergulhou os cobertores numa solução de soda. O trabalho não a impedia de se queixar continuamente.

— Os homens são todos uns porcos! Mais porcos do que os porcos. Deixam-se apodrecer no molho que fabricam. Gostaria de saber porque é que as mulheres casam com eles. Até parece que cheira a mortos. Olhem-me para este forno, tem calda de torta que vem de Matusalém.

Charles refugiara-se num telheiro onde as suas narinas estavam ao abrigo dos cheiros desagradáveis da barrela, da soda, do amoníaco e do sabão azul. Tinha a impressão de que aquela boa mulher não aprovava a sua concepção de limpeza doméstica. Quando a velha, finalmente, se foi embora a resmungar e deixando a casa limpa, Charles ficou no telheiro. Queria guardar a casa limpa para Adam. No sítio onde dormia estavam arrumados todos os instrumentos de lavoura e o ferramental para os reparar. Charles verificou que podia cozer ou fritar as refeições mais depressa na forja do que no fogão da cozinha. Graças ao fole, podia ativar a combustão do coque e não tinha de esperar que o fogão aquecesse. Porque não teria pensado nisso mais cedo? Charles esperou por Adam e Adam não veio. Talvez tivesse vergonha de escrever. Foi Cyrus, com uma carta furiosa, quem informou Charles de que Adam se realistara contra a sua vontade. Cyrus também dizia que Charles o poderia ir visitar a Washington, mas nunca mais tornou a convidá-lo.

Charles reinstalou-se na casa e lançou-se com fúria numa vida de porcaria, sentindo prazer em destruir o trabalho da velha.

Passou-se mais de um ano antes que Adam escrevesse a Charles uma carta embaraçada em que justificava a sua coragem dizendo: “Não sei porque assinei. Parecia que era outro que assinava em meu lugar. Escreve assim que puderes e dá-me notícias tuas.” Charles esperou que chegassem quatro cartas ansiosas para, enfim, responder com a maior frieza: “que nunca contara muito com o regresso do irmão”. Seguiam-se contas pormenorizadas do rancho e dos animais.

O tempo realizara a sua obra. Depois disto, Charles limitou-se a enviar as Boas-Festas depois do primeiro dia do ano e passou a receber do irmão uma carta escrita na mesma altura. Nunca houvera nada de comum entre eles e o silêncio fez-se sem perguntas nem comentários.

Charles arranjou, uma após outra, várias mulheres desmazeladas. Quando começavam a destruir seus nervos, desfazia-se delas como se vendesse um porco. Não tinha a mínima afeição por elas e nunca o interessaram os sentimentos que elas nutriam. Passou a viver afastado da aldeia. Os únicos contatos que mantinha eram a estalagem e o carteiro. Se a gente da aldeia desaprovava a sua maneira de viver, via-se, contudo, obrigada a reconhecer-lhe uma qualidade que, a seus olhos, o recompensava de uma vida tão lamentável: a quinta nunca estivera tão próspera. Charles desbravou terrenos, construiu muros, melhorou as drenagens e adquiriu novas terras. Além disso, pôs-se a plantar tabaco e construiu ao lado da casa um impressionante barracão para a secagem. Era por isso que os vizinhos continuavam a respeitá-lo. Um lavrador não pode pensar muito mal de um bom lavrador. Charles gastava quase todo o dinheiro e as energias no rancho.

Capítulo VII

1

Adam passou os cinco anos seguintes a fazer as coisas em que o exército emprega os homens para evitar que fiquem doidos: limpeza interminável de metais e couros; paradas, exercícios, juramentos de bandeira — bailado frenético para homens ociosos. Em 1886, estalou a grande greve em Chicago. Chamaram o regimento de Adam, mas a greve acabou antes que tivesse entrado em ação. Em 1888, os Seminoles, que não tinham assinado tratado de paz, principiaram a

agitar-se e de novo se apelou para a cavalaria. Mas os Seminoles regressaram aos seus pântanos e nunca mais deram que falar de si, de modo que a tropa voltou ao ramerrame habitual.” A noção do tempo decorrido é uma coisa estranha e por vezes contraditória. Seria razoável admitir que, anos passados na rotina, ou que não tenham sido animados por algum acontecimento, possam parecer intermináveis. Assim deveria ser, mas não é. São os anos vazios os que não deixam vestígios. Um período de ação atravessado pelas feridas do drama ou pelas fendas da alegria, deixa uma impressão de tempo na memória, pois é preciso tempo para se recordar o que assinalou esse período. Os acontecimentos são os marcos da memória. De um marco ao outro, há tempo passado. De nada a nada, só há espaço vazio.

Adam chegou ao termo do segundo período de cinco anos sem dar por isso. Era no fim de 1890. Foi desmobilizado no Presídio de San Francisco com o posto de sargento. Adam e Charles só muito raramente se correspondiam, mas Adam, antes de ser desmobilizado, enviou um bilhete: “Desta vez, regresso a casa.” Charles não tornaria a ouvir falar nele durante três anos.

Adam deixou passar o inverno e subiu o rio lentamente até Sacramento. Depois de errar pelo vale de San Joaquim durante uns tempos, viu-se sem dinheiro. Entretanto, chegara a primavera. Enrolou a manta e partiu lentamente para Leste, ora a pé, ora nos eixos dos vagões de mercadorias, na companhia de outros homens. À noite, dormia em acampamentos de acaso para vagabundos, à entrada das cidades. Aprendeu a mendigar, não dinheiro, mas o seu alimento. Sem dar por isso, tornara-se um autêntico vadio.

Tais indivíduos são agora raros mas, por alturas de 1900, encontravam-se em grande número vagabundos solitários que tinham escolhido o seu destino. Alguns fugiam às responsabilidades; outros julgavam-se injustamente excluídos da sociedade. Trabalhavam um pouco, mas não por muito tempo. Roubavam um pouco, mas apenas o seu alimento ou, quando muito, uma peça de roupa de que precisavam. Eram homens de toda a espécie — homens instruídos, homens ignorantes, homens asseados, homens sujos — mas todos tinham de comum a inquietação. Iam atrás do calor, mas receavam tanto a canícula como a geada. Seguiam a primavera para Leste e eram atirados para o Oeste e o Sul pelos primeiros frios. Eram irmãos do coio que vive perto dos homens e dos seus galinheiros: paravam junto das cidades mas não entravam nelas. Associavam-se em grupo por uma semana ou por um dia e, depois, eram irremediavelmente separados pelos seus destinos.

Em torno das fogueiras onde preparavam o guisado comum, ouviam-se todas as maneiras de falar, mas nunca se exprimiam na primeira pessoa do singular. Adam soube da criação dos I. W. W. — International Workers of the World. Organização sindical revolucionária criada nos Estados Unidos no fim do século XIX. e dos seus anjos coléricos. Escutou discussões filosóficas, metafísicas, estéticas, e narrativas de experiências impessoais. Os companheiros de uma noite podiam ser um assassino, um padre renegado, um professor expulso de um emprego tranquilo por uma Faculdade estúpida, um infeliz solitário fugindo às recordações, um arcanjo decaído ou um aprendiz de demônio. Cada um deles alimentava o fogo com achas de pensamentos, do mesmo modo que contribuía para o guisado comum com cenouras, batatas, cebolas ou carne. Adam aprendeu a barbear-se com um caco de vidro, a avaliar uma casa antes de bater para pedir auxílio, a evitar a polícia hostil ou a colaborar com ela e a julgar uma mulher pelo coração.

Adam amava esta nova vida. Quando o outono atingiu as árvores, chegara a Omaha. Então, sem motivo, sem se interrogar, obliquou para o Oeste e o Sul, atravessou as montanhas e atingiu com alívio a Califórnia do Sul. Vindo do Norte, foi andando à beira-mar até San Luís Obispo. Aprendeu a pescar as enguias, os mexilhões e as percas nas poças deixadas pela maré vazia; aprendeu a cavar a areia para encontrar moedas perdidas e a caçar coelhos das dunas com laços de fio de pesca. E deitava-se ao sol na areia quente, contando as ondas.

A primavera empurrou-o de novo para Leste, mas mais lentamente desta vez. O verão era fresco nas montanhas, e os montanheseiros eram amáveis como todas as pessoas que vivem sós.

Adam empregou-se em casa de uma viúva perto de Denver. Humildemente, compartilhou da mesa e da cama dela, até que o frio o atirou de novo para o Sul. Seguiu o curso do Rio Grande para ML de Albuquerque e de El. Paso, através do Big Bend e de Laredo, até Brownsville. Aprendeu as palavras da língua espanhola para a fome e o prazer; aprendeu que mesmo as pessoas muito pobres têm alguma coisa para dar e a vontade de dar. Aprendeu a amar os pobres e amou-os como nunca o teria podido fazer se ele próprio não tivesse conhecido a pobreza. Transformara-se num vagabundo hábil cujo modo de existência era a humildade. Estava magro e queimado pelo sol, e sabia disfarçar a própria personalidade ao ponto de não despertar cólera nem ciúme. A voz suavizara-se; misturava na conversa palavras de diversos dialetos, de modo que nunca era um estranho, fosse onde fosse. Era esta a grande segurança do vagabundo, o seu véu protetor. Raramente utilizava os trens de mercadorias,

receando a vaga de cólera que alastrava contra os vadios, por causa da violência dos I. W. W., agravada por ferozes represálias. Adam foi preso por vagabundagem. A rápida brutalidade da polícia e dos prisioneiros assustou-o. Resolveu nunca mais viajar em grupo. Passou a andar só, tendo o cuidado de se barbear e de se mostrar limpo.

Quando chegou a primavera, mais uma vez, partiu para o Norte. Sentia que terminara o tempo — do descanso e da paz. O seu objetivo era Charles e as memórias desvanecidas da infância. Adam atravessou rapidamente a interminável parte Leste do Texas, depois a Luisiana e os confins do Mississippi e do Alabama. Quando chegou à Florida, sentiu que não podia ali ficar. Os negros eram suficientemente pobres para serem hospitaleiros, mas não podiam depositar confiança num branco, por muito pobre que fosse; e o pobre branco tinha medo dos estranhos.

Perto de Tallahassee foi detido por vagabundagem e condenado a seis meses de trabalhos forçados numa estrada. Era assim que se construíam as estradas. Soltaram-no ao fim de seis meses, para logo o tornarem a prender e condenarem a mais seis meses. Foi então que ficou a saber até que ponto o homem pode considerar o homem como um animal e que a única maneira de sobreviver é portar-se como um animal. Uma cara asseada e franca, um olhar que se ergue para encontrar outro olhar atraíam a atenção e, portanto, o castigo. Adam compreendia que um homem que comete um ato brutal se fere a si mesmo e deve punir alguém pela sua ferida. Ser vigiado durante o trabalho por homens armados de espingardas, ter uma grilheta nos pés durante o sono, não eram afinal senão medidas de precaução — mas as constantes flagelações ao menor sinal de resistência, ao menor assomo da vontade ou da dignidade, indicavam perfeitamente que os guardas tinham medo dos prisioneiros, e Adam aprendera no exército que um homem que tem medo é um animal perigoso. E Adam, como qualquer outra criatura humana, receava o chicote, tanto para o corpo como para o espírito. Ergueu uma cortina à sua volta: o rosto perdeu a expressão; os olhos extinguiram-se; a língua calou-se. O que o admirou quando voltou a pensar nisso mais tarde, não foi que se tivesse encontrado em tal situação, mas que tivesse sido capaz de a suportar — e com um mínimo de emoção.

É muito mais horrível depois do que na altura. Torna-se necessário um completo domínio de si próprio para ver chicotear um homem até que os músculos rasgados deixem aparecer a brancura dos tendões, e não se mostrar nenhum sintoma de pena, de cólera ou até de interesse. Adam aprendera isso.

Passados os primeiros momentos, é mais fácil adivinhar do que ver uma pessoa. Durante este segundo período de seis meses nas estradas da Florida, Adam reduziu a personalidade ao mínimo. Não fazia ondas, não emitia vibrações; estava quase imponderável. E, assim que os guardas deixaram de sentir uma presença humana, perderam o medo. Adam foi encarregado de limpar o acampamento, de fazer os despejos e de encher os baldes de água.

Três dias antes de ser libertado pela segunda vez, logo depois do almoço, Adam despejou os baldes de água e voltou à ribeira para os tornar a encher. Chegado ali, meteu-lhes pedras dentro e deixou-os ir para o fundo, entrou na água e nadou por muito tempo a favor da corrente; depois descansou e tornou a nadar até ao crepúsculo. Nessa altura, descobriu na margem uma anfractuosidade dissimulada por uma cortina de plantas. Ali se escondeu, mas sem sair da água.

Tarde na noite, ouviu os cães-polícias que corriam de ambos os lados do rio. Tivera o cuidado de esfregar o cabelo com folhas verdes para disfarçar o cheiro. Sentou-se na água, deixando de fora apenas o nariz e os olhos. De manhã, os cães regressaram, desinteressados da caçada. Os homens estavam demasiado cansados para fazerem uma batida em regra às margens. Depois de eles se afastarem, Adam tirou do bolso um bocado de carne frita ensopada em água e comeu-o.

Jurara a si próprio que nunca se apressaria, pois era uma imprudência que, em geral, custava a liberdade aos evadidos. Precisou de cinco dias para chegar à Geórgia, que não distava muito dali. Evitou o risco, conteve a impaciência e sentiu-se bastante admirado com a própria habilidade.

Deteve-se à entrada de Valdosta e escondeu-se até à meia-noite; depois, entrou na cidade como uma sombra, escolheu uma loja barata e forçou lentamente uma janela das traseiras arrancando os parafusos que seguravam o trinco na madeira podre. Tornou a pôr o trinco no lugar, mas deixou a janela aberta. A única luz de que dispunha era o luar. Roubou umas calças baratas, uma camisa branca, sapatos pretos, um chapéu preto e um impermeável de encerado, verificando se todos os artigos lhe assentavam bem. Depois, antes de sair, teve o cuidado de ver minuciosamente se não deixara nada desarrumado. Só tirara coisas de que existiam vários exemplares, e tivera o cuidado de não tocar na caixa.

Voltou a fechar a janela com precaução e deslizou sob a lua, de sombra em sombra.

Escondido durante o dia, fazia as suas provisões de noite: nabos, maçarocas de milho, maçãs caídas; nada cujo desaparecimento se pudesse

descobrir. Deu aos sapatos um aspecto usado esfregando-os com areia e enrolou o encerado em bola para que parecesse velho. Esperou três dias pela chuva que a sua extrema prudência lhe aconselhava.

A chuva começou a cair quando a tarde já ia no fim. Adam acocorou-se debaixo do encerado aguardando a noite e, quando ela chegou, entrou na cidade de Valdosta, com o chapéu negro descaído para os olhos e o impermeável abotoado até ao pescoço. Dirigiu-se à estação e deu uma espreitadela através da vidraça que escorria água. O chefe da estação, de pala verde e mangas de lustrina, estava debruçado no guichê e falava a um amigo. O amigo em questão levou vinte minutos para se ir embora. Adam, na plataforma, viu-o afastar-se. Respirou fundo para se acalmar e entrou.

2

Charles recebia muito pouca correspondência; às vezes passavam-se semanas sem ir ao correio. Em Fevereiro de 1894, chegou uma enorme carta de Washington, expedida por um cartório de notário. O carteiro pensou que talvez fosse importante e passou pelo rancho dos Trask, onde encontrou Charles cortando lenha. Entregou-lhe a carta e, já que se dera ao trabalho de lá ir, esperou para ver de que se tratava.

Charles deixou-o esperar. Leu lentamente as cinco páginas e releu-as soletrando as palavras que lia. Depois dobrou a carta e encaminhou-se para casa.

O carteiro chamou-o. — Alguma novidade, Sr. Trask?

— Morreu o meu pai — disse Charles. Entrou em casa e fechou a porta.

— Sentiu — contou o carteiro na cidade —, sentiu para valer. É um tipo sossegado, de poucas falas.

Se bem que o dia ainda não tivesse terminado, Charles acendeu a luz, desdobrou a carta em cima da mesa e foi lavar as mãos antes de se sentar para a ler de novo.

Ninguém lhe enviara um telegrama. Os notários tinham encontrado a sua direção nos papéis do pai. Estavam desolados, apresentavam condolências, mas encontravam-se sobretudo muito excitados. Quando tinham feito o testamento do Sr. Trask, julgaram que não deixaria ao filho mais do que umas centenas de dólares. Pelo menos, a julgar pela cara, pouco mais valia do que isso. Mas, quando tiveram conhecimento da conta bancária, verificaram que possuía noventa e três mil dólares em metal sonante e dez mil dólares em ações. Os seus

sentimentos em relação ao Sr. Trask evoluíram de forma notável. Pessoas naquelas condições eram ricas e já não tinham necessidade de se preocupar com o futuro. Havia o bastante para fundarem uma dinastia. Na carta, os notários felicitavam Charles e o seu irmão Adam. Em conformidade com o testamento, os bens deveriam ser divididos em partes iguais. Seguia-se uma lista dos objetos deixados pelo defunto: cinco espadas de cerimônia oferecidas a Cyrus por ocasião dos diversos Congressos do G. A. R.; um martelo de madeira de oliveira com uma placa de ouro; um emblema maçônico recamado de brilhantes; as capas de ouro dos dentes que tirara quando pusera a dentadura artificial; um relógio de prata; uma bengala com castão de ouro; e assim por aí fora...

Charles releu a carta duas vezes e apoiou a testa nas mãos. Pensava em Adam. Queria que Adam voltasse.

Charles estava sombrio. Acendeu o fogo, pôs a frigideira ao lume e encheu-a de grossas fatias de carne de porco salgada. Depois, a carta atraiu-o novamente. Subitamente, dobrou-a e meteu-a na gaveta da mesa da cozinha. Resolveu não tornar a pensar em tudo aquilo durante um certo tempo.

Como é evidente, não fez outra coisa senão pensar naquilo e, por mais voltas que lhe desse, voltava sempre ao mesmo: onde arranjava o pai tanto dinheiro? Quando dois acontecimentos têm algo de comum — quer seja pela sua natureza, pelo sitio ou pelo tempo em que se deram — concluímos com satisfação que se assemelham e que há neles alguma coisa de estranho que enterramos na memória para, mais tarde, podermos contar. Charles nunca recebera uma carta ao domicílio. Algumas semanas depois, chegou um rapazinho a correr, com um telegrama. Charles ligou a carta ao telegrama, do mesmo modo que se ligam duas mortes na previsão de uma terceira. Correu para a gare da aldeia, levando o telegrama na mão.

— Ouça isto — disse ele ao telegrafista.

— Já o li.

— Ah! É?

— Veio pelo telégrafo e fui eu que o escrevi.

— Ah! É claro! “Favor telegrafar urgente cem dólares. Regresso casa, Adam.” A pagar pelo destinatário! Deve-me sessenta cêntimos.

— Valdosta, Geórgia. Não conheço.

— Eu também não, mas é o que aí está.

— Diga lá, Carlton, como é que se faz para telegrafar dinheiro?

— Tem que me trazer cento e dois dólares e sessenta cêntimos, e eu mando um telegrama para Valdosta dizendo para pagarem cem dólares ao Adam.

Não esqueça que me deve sessenta cêntimos.

— Está bem, mas como posso saber que se trata do Adam? Qualquer pessoa pode pedir dinheiro.

O empregado do telégrafo teve um sorriso condescendente.

— Vou dizer como costumamos fazer: você me faz uma pergunta a que mais ninguém pode responder. Eu telegrafo a pergunta e a respectiva resposta. O empregado faz a pergunta ao destinatário e se ele não conseguir responder, não recebe o dinheiro.

— Não é má ideia, não senhor. Deixe ver se me lembro de uma boa pergunta.

— Era melhor que fosse buscar os cem dólares antes que fechasse o guichê.

Charles estava encantado com o jogo. Voltou pouco depois com o dinheiro.

— Já tenho a pergunta — disse.

— Espero que não seja o segundo nome de batismo da sua mãe. Há muita gente que não se lembra.

— Não é nada disso. Aqui tem: “Que deste ao pai no dia do seu aniversário antes de partires para a tropa?”

— A pergunta é boa, mas nunca mais acaba. Não pode reduzir dez palavras?

— Mas afinal quem paga? A resposta é: “Um cachorro.”

— Ninguém conseguiria adivinhar. No fim de contas, não sou eu que pago.

— Tinha graça se ele se tivesse esquecido. Não poderia voltar para casa.

3

Adam fez a pé o trajeto da estação ao rancho. Tinha a camisa suja e as roupas roubadas estavam no fio e cheias de terra, pois dormira com elas durante uma semana. Deteve-se entre a casa e o celeiro, para adivinhar onde se encontrava o irmão. Ao fim de certo tempo, ouviu marteladas no novo armazém do tabaco.

— Charles — chamou Adam.

As marteladas cessaram e houve um silêncio. Adam teve a impressão de que o irmão o observava através das frinchas do barracão. Depois, Charles saiu

rapidamente, correu para Adam e apertou-lhe as mãos.

— Como estás?

— Bem.

— Santo Deus, que magro!

— E não haveria de estar? E também estou mais velho.

Charles inspecionou-o da cabeça aos pés.

— Não parece nadar em prosperidade.

— Não.

— Onde está a tua mala?

— Não tenho.

— Jesus! Mas por onde andaste?

— Tenho andado por aí.

— Como um vadio?

— Como um vadio.

Com a idade, o rosto de Charles escurecera e os olhos tinham ficado vermelhos. Adam, apesar do tempo decorrido, sabia que Charles só pensava em duas coisas: na pergunta e outra coisa qualquer.

— Por que não voltou logo?

— Quis passear. Não podia parar, era mais forte do que eu. Mas que grande cicatriz que tu tens.

— Falei nela numa das minhas cartas. Está cada vez pior. Por que não escreveste? Tens fome?

Charles enfiou as mãos nos bolsos, depois tirou-as, esfregou o queixo e coçou a cabeça.

— Isso pode desaparecer. Uma vez vi um sujeito, o dono de um bar, que tinha uma mancha. Era um sinal do feitio de um gato. Chamavam-lhe o Gato.

— Estás com fome?

— Acho que sim.

— Tencionas ficar?

— Queres falar nisso agora?

— Se quiseres. O pai morreu.

— Eu sei.

— Santo Deus! Como sabes?

— O chefe da estação me disse. Morreu há quanto tempo?

— Um mês, pouco mais ou menos.

— De quê?

— De pneumonia.

— Foi enterrado aqui?

— Não, em Washington. Recebi uma carta e jornais. Levaram-no num canhão de artilharia com uma bandeira em cima do caixão. O Vice-Presidente foi ao enterro e o Presidente mandou uma coroa. Vem tudo nos jornais, com fotografias. Tenho tudo guardado vou te mostrar.

Adam fitou o irmão até que Charles desviou o olhar.

— Estás furioso com alguma coisa? — perguntou Adam.

— Por que estaria furioso?

— Estás com cara disso...

— Não estou furioso com coisa nenhuma. Anda. Vou arranjar-te de comer.

— Está bem. Ele sofreu muito?

— Não. Foi de repente.

Charles estava escondendo alguma coisa. Desejava dizê-lo mas não sabia como o fazer. As palavras tinham um sentido oculto. Adam calou-se. Pensava ser boa política calar-se e esperar que o irmão descobrisse as baterias.

Charles decidiu-se finalmente: — Não acredito muito nas mensagens do além, mas nunca se sabe. Há pessoas que dizem ter recebido mensagens. A velha Sarah Whitburn por exemplo. Até jura. A gente nem sabe o que há de pensar. Tu não recebeste nenhuma mensagem? Valha-me Deus! Parece que tens a língua presa!

— Estava pensando — disse Adam.

Na realidade, estava estupefato. “Já não tenho medo do meu irmão! Antes, provocava-me cólicas. Agora, acabou-se. Gostaria de saber por quê. Será da tropa? Será dos trabalhos forçados na estrada? Será da morte do pai? Talvez, mas não compreendo.” Agora, que já não tinha medo, podia pronunciar as palavras que quisesse, enquanto antes era obrigado a escolher as que não corressem o risco de trazer aborrecimentos. Sentia-se bem, como um morto no limiar da ressurreição.

Entraram na cozinha. Recordava-se dela e, contudo, parecia-lhe diferente. Parecia menor por causa da desordem. Adam disse quase alegremente: — Se bem compreendi, Charles, tens qualquer coisa para me dizer, mas não há maneira de desembuchares. Vê se falas antes que isso te asfixie.

Uma chispa de cólera saltou nos olhos de Charles. Ergueu a cabeça. Mas perdera a força. Pensou com desolação: “Já não o posso esfrangalhar. Já não posso.” Adam disse com um ar trocista: — Talvez não seja bonito a gente sentir-se bem quando o pai nos morreu, mas a verdade, Charles, é que nunca me senti

tão bem na minha vida. Vamos, despacha-te, Charles, não fiques com isso atravessado.

— Gostavas do nosso pai?— perguntou Charles.

— Só responderei quando souber aonde queres chegar.

— Gostavas dele ou não?

— Que tens tu com isso?

— Quero saber.

A sensação de liberdade dera novas forças a Adam. — Bom. Vou dizer. Não, não gostava dele. Às vezes me metia medo. Por vezes, sim, de vez em quando, admirava-o, mas a maior parte das vezes o odiava. Agora, diz o que quer saber.

Charles falou sem desviar os olhos das mãos.

— Não entendo — disse ele. — É uma coisa que não consigo meter na cabeça. Tu eras a pessoa de quem ele mais gostava no mundo.

— Não acredito.

— Ninguém te pede que acredites. Ele gostaria de tudo que lhe davas. De mim não gostava. Não gostava do que eu lhe dava. Recordas-te do presente que eu lhe ofereci: o canivete? Tive de cortar e vender um estere de madeira para conseguir o canivete. Pois nem sequer o levou para Washington. Ainda está na gaveta dele. Tu deste-lhe um cachorro que não te custou nada. Hei de mostrar-te, uma fotografia do teu cachorro. Foi ao funeral. Como já estava cego e não podia andar, foi um coronel quem lhe pegou ao colo. Depois do enterro, meteram-lhe uma bala na cabeça.

Adam ficou surpreendido com o tom selvagem do irmão.

— Não entendo — disse ele. — Não vejo aonde queres chegar.

— Eu gostava dele — disse Charles. E, pela primeira vez na sua vida, Adam viu Charles chorar; descansou a cabeça em cima dos braços e soluçou.

Adam esteve prestes a aproximar-se dele quando se viu paralisado por um resto de medo. “Não”, pensou, “se lhe tocasse era capaz de me matar. “ Foi até à porta aberta e olhou para fora. Atrás dele, ouvia o irmão a fungar.

A área não era agradável junto da casa — nunca o fora. Tudo era desordem, confusão, falta de método. Não havia flores; o chão estava juncado de papéis e de pedaços de lenha. A casa também não era acolhedora; quando muito era um teto sólido sob o qual se podia dormir e comer. O conjunto era tristonho. Não se sentia vontade de amar aquele sítio, não era hospitaleiro. Não era um lar, um lugar com que se sonha e aonde se quer voltar. De súbito, Adam pensou na

madrasta, mulher útil, esplêndida mulher no seu gênero, tão mal estimada como a quinta. A madrasta não era uma esposa. A quinta não era um lar.

O irmão já não soluçava. Adam voltou-se. Charles tinha o olhar fixo.

— Fala-me da mamãe — disse Adam.

— Morreu. Escrevi-te a esse respeito.

— Fala-me dela.

— Já te disse. Morreu. Há tanto tempo. Ela não era tua mãe.

O sorriso que Adam surpreendera uma vez no rosto de Alice voltou a abrir-se na sua mente. O rosto dela projetava-se à sua frente. A voz de Charles atravessou a imagem e despedaçou-a.

— Queres dizer-me uma coisa? Não tenhas pressa e escusas de responder se a resposta não for sincera.

Charles moveu os lábios para preparar as palavras. Achas que o pai possa ter sido... desonesto?

— Que queres dizer?

— Não fui bastante claro? A palavra “desonesto” só tem um significado.

— Não sei — disse Adam. — Não sei. Nunca ouvi dizer nada. Repara no que ele veio a ser. Chegava a passar a noite na Casa Branca. O Vice-Presidente foi ao funeral. Será isto próprio de um homem desonesto? Vamos, Charles — suplicou ele — diz-me o que tens estado ansioso por me dizer desde que cheguei.

Charles umedeceu os lábios. Parecia que o sangue lhe fugira, levando toda a energia e toda a violência. Quando falou, foi numa voz monocórdia.

— O pai fez um testamento. Todos os seus bens deverão ser igualmente partilhados por nós dois.

Adam riu. — Ora, a fazenda há de dar para vivermos. Não morreremos de fome.

— Deixou mais de cem mil dólares — continuou a voz sem modulação.

— Estás doido. Queres dizer cem dólares. Onde teria ele ido buscar tanto dinheiro?

— Não estou doido, não. No G. A. R. ele ganhava cento e trinta e cinco dólares por mês. Era com isto que pagava o quarto e a alimentação, Quando viajava, recebia cinco centimos por milha percorrida, além de lhe pagarem as despesas de hotel.

— Talvez, então, ele tenha sido sempre rico, mas nós é que não sabíamos.

— Não, não foi sempre rico.

— Podíamos escrever ao G. A. R. pedindo informações. Eles devem saber.

— Não tenho coragem — disse Charles.

— Escuta-me. Não te ponhas a imaginar coisas pavorosas. Existe uma coisa a que se chama especulação. Podem ganhar-se fortunas. O pai conhecia pessoas influentes. Talvez tenha obtido uma boa informação. Lembra-te dos homens que se meteram na corrida para o ouro da Califórnia e voltaram ricos.

O rosto de Charles exprimia a desolação. Falou tão baixo que Adam teve de se aproximar para o ouvir. A voz era monótona, como a de um escrivão: — O pai entrou para o Exército da União em junho de 1862. Fez a instrução neste Estado durante três meses, o que nos leva a Setembro. A sua unidade deslocou-se para o Sul. Em 12 de Outubro, foi atingido na perna e evacuado. Em janeiro, já estava de volta a casa.

— Continuo a não perceber aonde queres chegar.

— Ele não esteve em Chancellorsville. Ele não esteve em Gettysburg, nem em Wilderness, nem em Richmond, nem em Appomatox. A voz de Charles era tênue e triste.

— Como sabes? — A caderneta de desmobilização estava junto aos papéis que me mandaram.

Adam suspirou profundamente. O coração palpitava-lhe de alegria. Abanou a cabeça como se não pudesse acreditar no que ouvia.

— Mas como foi que ele se conseguiu arranjar? — perguntou Charles.— Como diabo é que ele conseguiu arranjar-se? Nunca ninguém lhe perguntou nada. Nem tu, nem eu, nem a minha mãe. Ninguém. Nem os tipos de Washington.

Adam levantou-se. — Há alguma coisa que se coma? Vou aquecer.

— Matei ontem uma galinha. Se quiseres esperar, posso fritá-la.

— Não tens nada mais rápido?

— Porco salgado e ovos com fartura.

— Pode ser isso — disse Adam.

Abandonaram o assunto e contornaram o obstáculo. Se bem que não tornassem a falar nele, não pensavam noutra coisa. Queriam falar naquilo, mas não podiam. Charles pôs a carne de porco numa frigideira, aqueceu uns feijões guisados e fritou ovos.

— Arei a pastagem — disse ele. — Semeei centeio.

— E que tal?

— Bem. Mas tive que tirar as pedras todas. Apontou a testa. — Foi lá que apanhei esta porcaria, quando tentava desviar uma rocha.

— Escreveste acerca disso — disse Adam.— Não sei se te cheguei a dizer que as tuas cartas representavam muito para mim.

— Nunca me disseste bem o que estavas fazendo.

— Devia ser porque não queria pensar nisso. Na maioria dos casos, não era coisa que prestasse.

— Li os comunicados nos jornais. Entraste em todas as batalhas?

— Entrei, mas não queria pensar nelas e continuo a não querer.

— Mataste índios?

— Matamos índios, matamos.

— Eles não valem lá grande coisa.

— Talvez.

— Se não queres tocar no assunto, não és obrigado.

— Não quero, não.

Jantaram à luz do candeeiro de petróleo.

— Via-se melhor se eu me desse ao trabalho de limpar a chaminé.

— Eu depois limpo. Não se pode pensar em tudo.

— Ainda bem que voltaste. Que dirias se fôssemos dar uma volta até à estalagem, depois do jantar?

— Imagino. Talvez só queira ficar aqui sentado.

— Nunca te disse nada nas minhas cartas, mas na estalagem há mulheres. Talvez gostasses de vir comigo. Elas mudam de quinze em quinze dias. Talvez gostasses de ir lá deitar uma vista de olhos.

— Mulheres? — Sim. No último andar. É muito cómodo. Pensava que, como estás de volta...

— Esta noite, não. Mais tarde, talvez. Quanto levam elas? — Um dólar. E são jeitosas, na maior parte.

— Talvez mais tarde — disse Adam. — O que me admira é que as deixem ficar.

— Também eu me admirava ao princípio, mas eles descobriram uma maneira.

— Vais lá muitas vezes? — Quase todos os quinze dias. É triste para um homem só, aqui...

— Escreveste-me uma vez que pensavas casar.

— De fato, pensava. Acho que não encontrei a mulher que me convinha.

Os dois irmãos andaram de roda do tema principal. Estiveram várias vezes para o atacar de frente, mas recuavam rapidamente para falarem de colheitas, de mexericos, de política ou de saúde. Sabiam que, mais cedo ou mais tarde, lá iriam parar. Charles tinha muito mais vontade de tocar na questão do que Adam. Charles tivera tempo de refletir no assunto, enquanto que para Adam se tratava de um novo campo de pensamento. Teria preferido adiar aquilo para outro dia, mas ao mesmo tempo sentia que o irmão não lhe deixaria fazer tal coisa. Por isso, disse abertamente: daquilo que sabes depois de uma boa noite de sono.

— É como quiseres — disse Charles.

Mas depressa lhes faltou assunto para conversarem. Depois de terem evocado todos os amigos e discutido os acontecimentos locais, nada mais lhes sobrava para dizer. O tempo passava.

— Então, vamos a isto? — perguntou Adam.

— É só um momento.

Ficaram silenciosos enquanto a noite adejava em torno da casa, fazendo-se cada vez mais insistente.

— Gostaria de ter assistido ao funeral — disse Charles.

— Deve ter sido estupendo.

— Queres que te mostre os artigos dos jornais? Guardei-os no meu quarto.

— Não. Esta noite, não.

Charles avançou a cadeira e fincou os cotovelos na mesa. É preciso encarar as coisas de frente — disse nervosamente. — Pode-se tentar sempre adiar isto para mais tarde, mas a verdade é que temos de resolver o que vamos fazer.

— Bem sei — disse Adam. — Mas gostaria de poder pensar um pouco mais no assunto.

— Não serve de nada. Eu tive tempo, todo o tempo que quis, e não consegui passar da cepa torta. Até chegava a andar desorientado, mesmo quando não queria pensar no caso. Achas que o tempo ajuda alguma coisa?

— Não me parece. Mas afinal por onde queres principiar? Mais vale irmos direito ao assunto, já que não podemos pensar noutra coisa.

— Primeiro, há o dinheiro — disse Charles. — Mais de cem mil dólares. Uma fortuna.

— Que tem o dinheiro?

— De onde veio ele?

— Como queres que saiba? Talvez tenha especulado. Talvez alguém lhe tenha dado uma boa informação em Washington.

— Acreditas nisso?

— Não acredito em coisa nenhuma. Não sei nada. Em que queres tu que eu acredite?

— É muito dinheiro — disse Charles. — É uma fortuna que nos vem parar às mãos. Podemos viver à custa dela o resto dos nossos dias, ou então podemos comprar terrenos e fazê-los render. Talvez ainda não tivesses pensado nisso, mas nós somos ricos. Somos mais ricos do que todos os nossos vizinhos.

— Isso parece produzir-te o mesmo efeito que uma condenação aos trabalhos forçados — disse Adam a rir.

— De onde provinha o dinheiro?

— Que tens tu com isso? — perguntou Adam. — O melhor que temos a fazer é aproveitá-lo.

— Ele não esteve em Gettysburg. Não entrou em nenhuma das putas das batalhas de toda a guerra. Foi atingido durante uma escaramuça. Só nos contou mentiras.

— Desabafa — disse Adam.

Charles parecia o mais infeliz dos homens.

— Julgo que ele roubou o dinheiro. Fizeste-me uma pergunta e eu respondo-te.

— E de quem o roubou?

— Não sei.

— Então por que julgas que o roubou?

— Porque mentiu a respeito da guerra.

— O quê?

— Quero dizer que, se ele mentiu a respeito da guerra, também pode ter roubado.

— Como?

— Ele tinha um posto importante no G. A. R. Pode ter praticado um desfalque na tesouraria e falsificado a contabilidade. Adam suspirou.

— Se assim for, só te resta escrever-lhes e contar tudo. Eles que examinem os livros. Se for verdade, devolveremos o dinheiro. Charles tinha o rosto contraído e a cicatriz pusera-se mais escura.

— O Vice-Presidente foi ao funeral. O Presidente mandou uma coroa. Havia uma fila de carros com meia milha de comprimento e centenas de pessoas a pé. Sabes quem levava as coroas?

— Aonde queres tu chegar?

— Supõe que descobrimos que ele era um ladrão? Acaba por se descobrir que também não esteve em Gettysburg nem em lado nenhum. Então todos ficarão a saber que não passava de um mentiroso e que toda a sua vida foi uma enorme mentira. Portanto, se por acaso alguma vez disse a verdade, já ninguém quererá acreditar nela.

Adam manteve-se imóvel. O olhar era calmo mas interessado.

— Eu bem sabia que gostavas dele — disse placidamente. Sentiu-se livre e aliviado. — Gostava dele e ainda gosto. É por isso que odeio tudo isto — a sua vida destruída, completamente destruída. E a sepultura? Eram capazes de o exumar e de o pôr de lá para fora.

A voz saía contraída pela emoção. — Então tu não gostavas mesmo nada dele? — perguntou num soluço.

— Até agora, não tinha certeza — disse Adam. — Estava dividido entre o que sentia e o que devia sentir. Não, não gostava dele.

— Então, é indiferente que ele fique com a vida toda estragada, que lhe tirem o pobre cadáver da sepultura e que... Oh! valha-me Deus Nosso Senhor!

Adam refletiu rapidamente, tentando encontrar as palavras para definir o que sentia: — Por que haveria de interessar?

— Tens razão — disse Charles com amargura. — Se não gostavas dele, nem interessa. Até podes ajudar a enterrá-lo ainda mais.

Adam sabia que o irmão deixara de ser perigoso porque já não obedecia ao ciúme. Todo o peso do pai se lhe abatia sobre os ombros, mas era o pai dele e ninguém lho podia roubar.

— Que impressão sentirás quando andares pelas ruas e toda a gente souber? — perguntou Charles. — Como poderás olhar para as pessoas?

— Já te disse que não me interessa. E não me interessa porque não acredito nisso.

— Não acreditas no quê?

— Não acredito que tenha roubado o dinheiro. Acredito que tenha estado na guerra, que fez tudo o que disse ter feito e que esteve em todos os lugares onde disse ter estado.

— Mas a prova: a caderneta de desmobilização?

— Não tens prova nenhuma de que roubou. Fabricaste toda essa história porque não sabias de onde vinha o dinheiro.

— Mas a caderneta militar...

— Podem ter-se enganado — disse Adam.— Creio que se enganaram. Tenho confiança no meu pai.

— Não sei como podes...

— Escuta — disse Adam — Há provas muito fortes de que Deus não existe, mas, para muitas pessoas, não são tão fortes como a impressão de que Ele existe.

— Mas disseste que não gostavas do pai. Como podes ter fé nele, então?

— Talvez seja essa a razão — disse lentamente Adam, procurando as palavras. — Talvez porque, se o tivesse amado, viesse a ter ciúmes dele. Tu tinhas. É possível que o amor provoque a suspeita e a dúvida. Quando se gosta de uma mulher, nunca se confia nela porque não temos confiança em nós próprios. Estou vendo tudo claramente. Compreendo como gostavas dele e como reagias. Eu não gostava dele. Talvez ele gostasse de mim. Punha-me à prova, feria-me, castigava-me e, por fim, acabou por me enviar como que para o sacrifício. Talvez fosse para restabelecer o equilíbrio. Mas como não gostaria de ti, tinha fé em ti. Talvez seja uma espécie de balança...

Charles fitava-o com os olhos muito abertos. — Não compreendo — disse.

— Eu tento compreender — disse Adam. — É um pensamento novo para mim. Sinto-me bem, nunca me senti tão bem na minha vida. Acabo de me ver livre de qualquer coisa. Talvez um dia venha a sofrer do teu mal, mas por agora sinto-me ótimo.

— Não compreendo — repetiu Charles.

— Não acredito que o pai tenha sido um ladrão; não acredito que tenha mentido.

— E os papéis?

— Nem quero ver. A fé que deposito no meu pai não depende de uns papéis quaisquer.

Charles respirou ruidosamente.

— Então, eras capaz de ficar com o dinheiro?

— Evidentemente.

— Mesmo que tivesse sido roubado?

— Não foi roubado. Não pode ter sido roubado.

— Não compreendo.

— A sério? Bom, então é possível que esteja aí a chave do mistério.

Ouve, nunca te falei nisto: lembras-te do dia em que me bateste, mesmo antes de me ir embora?

— Lembro.
— E depois, lembraste, voltaste com um machado para me matar?
— Não me recordo muito bem. Devia estar de cabeça perdida.
— Não o sabia então, mas sei agora: tu defendias o teu amor.
— O meu amor?
— Sim — disse Adam. — Vamos tirar o máximo deste dinheiro. Talvez fiquemos aqui, talvez vamos embora... para a Califórnia, por exemplo. Temos que pensar no que havemos de fazer. E, é claro, temos de mandar erigir um monumento à memória do pai, um grande monumento.
— Nunca poderei sair daqui — disse Charles.
— Depois se vê. Não temos pressa nenhuma. Confiemos no instinto.

Capítulo VIII

1

Creio que os humanos podem gerar monstros. Alguns são reconhecíveis: informes e horríveis, com cabeças enormes em corpos muito pequenos, troncos sem braços ou sem pernas; alguns, mais raros, têm três braços; outros, têm cauda. Trata-se de acidentes. A culpa não é de ninguém, costuma-se pensar. Houve tempos em que eram considerados punições por pecados ocultos.

Se há monstros físicos, não haverá monstros mentais ou psíquicos? A cara e o corpo podem ser perfeitos; mas se um esperma deficiente ou um fator hereditário produzem monstros físicos, porque não hão de produzir almas disformes? Os monstros não passam de variações em grau mais ou menos elevado das normas usuais. Se uma criança pode nascer maneta, uma outra pode nascer sem bondade ou sem consciência. Um homem que perde os braços num acidente é obrigado a lutar durante muito tempo para se adaptar à sua nova configuração, mas aquele que nasce sem os braços só sofre com a sua singularidade. Como nunca teve braços, não lhe fazem falta. As vezes, a criança imagina o que seria ter asas, mas o que imagina não corresponde certamente ao que sente o pássaro em voo. Ao monstro, o normal deve parecer monstruoso, visto que tudo é normal para ele. E para aquele cuja monstruosidade é apenas interior, o sentimento deve ser ainda mais difícil de analisar, visto que nenhuma tara visível lhe permite comparar-se aos outros. Para o homem nascido sem

consciência, o homem torturado pela consciência deve parecer ridículo. Para o ladrão, a honestidade não é mais que fraqueza. Não esqueçam que o monstro não passa de uma variante e que, aos olhos do monstro, o normal é monstruoso.

Acredito sinceramente que Cathy Ames nasceu com as tendências, ou a falta de tendências, que deviam dirigir e transviar-lhe a vida. Um dos balancins fora mal calculado; uma das engrenagens não correspondia às especificações. Cathy sempre fora diferente dos outros desde o dia em que nascera. E, assim como um mutilado pode aprender a utilizar a mutilação para ultrapassar os não mutilados num campo de ação bem delimitado, também Cathy tirou vantagens da sua enfermidade, causando muito sofrimento aos seus mais próximos.

Tempos houve em que se diria de uma mulher como Cathy que estava possessa do demônio. Teria sido exorcismada para expulsar o demo e se, após numerosas tentativas, o diabo teimasse em não sair, teria sido queimada como feiticeira para maior bem da comunidade. A única coisa que se não pode perdoar a uma bruxa é o seu poder de perturbar as criaturas, de as inquietar, de lhes fazer perder o equilíbrio e, até, de despertar nelas o ciúme.

Como se a natureza tivesse querido disfarçar a armadilha, Cathy oferecia a imagem da inocência: belos cabelos doirados emolduravam um rosto em forma de coração terminado por um queixinho pontiagudo; os grandes olhos cor de avelã, sempre semicerrados, tinham um olhar misteriosamente sonolento; o nariz era fino e delicado; as maçãs do rosto eram altas e largas; a boca de lábios bem desenhados era anormalmente pequena — uma boca em botão de rosa; tinha umas orelhas pequeninas, desprovidas de lóbulos, tão coladas à cabeça que, mesmo quando penteava o cabelo para trás, mal se viam — pareciam frágeis borboletas pousadas de cada lado da cabeça.

Cathy, mesmo adulta, teve sempre uma silhueta de criança: frágil, braços delicados, mãos muito pequenas. Os seios nunca se desenvolveram muito. Antes da puberdade, as pontas meteram-se para dentro; quando começaram a doer, a mãe teve de as amassar para obrigá-las a sair. Cathy tinha um corpo de rapaz, com ancas estreitas, pernas magras e tornozelos muito finos. Os pés eram pequenos, redondos e altos, lembrando quase cascos de corça. Era uma bonita criança e veio a ser uma bonita mulher.

A voz tinha suavidades roucas que ela sabia tornar irresistíveis. Mas uma das cordas vocais devia ser de aço porque, quando ela queria, a voz de Cathy podia ser cortante como uma arma.

Ainda criança, já havia nela qualquer coisa que despertava a atenção. Quando se olhava para ela, desviava-se a vista, depois tornava-se a olhar, atraído

por uma força estranha. O seu olhar exprimia qualquer coisa que escapava à análise. Era calma e falava pouco, mas quando entrava numa sala todos os olhares convergiam para ela.

Cathy criava um mal-estar nas pessoas mas nunca a ponto de as afugentar. Homens e mulheres desejavam examiná-la, aproximar-se dela para tentarem descobrir donde provinha esse embaraço que ela destilava com tanta subtileza. Sempre fora assim e Cathy achava-o naturalíssimo.

Era diferente das outras crianças que, em geral, não gostam de se singularizar e querem parecer-se com as outras, falar, vestir-se, agir como os outros. Se é lançada uma nova moda infantil, a criança sofre por não a poder seguir. Se fosse de bom-tom usar colares de costeletas de porco, a criança que não os usasse sentir-se-ia nua. Esta obediência às leis do grupo é extensível aos jogos e aos atos da vida de família. É uma capa protetora de que a criança se reveste para se proteger.

Quando Cathy cresceu, o grupo, o bando — seja qual for o nome dado à reunião de várias crianças — reagiu como os adultos. Cathy não era como eles. Em breve, só alguns elementos isolados do grupo andavam com ela. A coletividade reunida evitava-a como se ela representasse um perigo indizível.

Cathy era mentirosa, mas não mentia como as outras crianças que inventam acontecimentos e os apresentam como autênticos: trata-se apenas de mascarar a realidade. Creio que a diferença entre um conto e uma mentira reside no fato de o conto apenas utilizar as ciladas e as aparências da realidade para captar o interesse do auditor, enquanto que a mentira não passa de um meio de fuga ou de proveito. Se nos cingirmos a esta definição, um homem que escreve histórias é um mentiroso — se obtiver um proveito apreciável, evidentemente.

As mentiras de Cathy nunca eram inocentes. Permitiam-lhe escapar aos castigos, evitar um trabalho ou fugir às responsabilidades. Utilizava-as em proveito próprio. Os mentirosos, em geral, são apanhados, ou porque se esqueceram do que disseram, ou porque são postos perante uma verdade irrefutável. Mas Cathy não se esquecia de nada e o seu método era dos mais eficazes. Mantinha-se suficientemente perto da verdade para obter o benefício da dúvida. Também empregava outros dois processos: ou recheava as mentiras de verdades, ou dizia uma verdade como se fosse uma mentira. Se alguém for acusado de mentir e se se verificar que a mentira era uma verdade, cria-se um precedente cujos efeitos se farão sentir durante muito tempo e cobrirão um grande número de verdades truncadas.

Cathy era filha única. A mãe não tinha termos de comparação no seio da família e pensava que todas as crianças eram como a sua. Todos os pais são cegos e a Sra. Ames estava convencida de que todas as suas amigas tinham os mesmos problemas a resolver.

O pai de Cathy não tinha uma certeza tão grande. Era dono de uma pequena tanaria no Massachusetts que lhe assegurava uma vida confortável, desde que trabalhasse muito. Fora de casa, o Sr. Ames encontrava-se em contato com outras crianças e tinha a impressão de que Cathy não era como elas. Era mais uma impressão do que uma certeza. A filha constrangia-o um pouco, mas não saberia dizer porquê.

Todos têm apetites e impulsos, ímpetos irracionais, ilhas de egoísmo e desejos à flor da pele. Alguns vigiam-se, outros deixam andar. Cathy conhecia a existência desses impulsos nos outros e sabia explorá-los em seu proveito. Talvez estivesse convencida de que essas tendências eram as únicas que governavam o ser humano, pois era muito precoce em determinados sectores, mas muito atrasada nalguns outros.

Muito jovem, Cathy aprendeu que a sexualidade, com o seu cortejo de sofrimentos, melancolias, desejos dolorosos, ciúmes e tabus, era um dos piores impulsos que afligem os humanos. E nessa época tudo se complicava ainda mais porque se tratava de um assunto inabordável e inabordado. Todos procuravam esconder o seu inferno pessoal, enquanto, publicamente, pretendiam que ele não existia — e, quando eram apanhados com a boca na botija, não havia remédio que lhes valesse. Cathy compreendeu que uma utilização racional desse medo lhe asseguraria um constante domínio da maioria das pessoas. Era, simultaneamente, uma arma e uma ameaça. Era irresistível. E como parece que Cathy nunca se deixou enleiar no tal alvoroço cego, é muito provável que ignorasse o desejo e desprezasse as suas vítimas. De certo modo, ela tinha razão.

Que liberdade não teriam o homem e a mulher se não fossem constantemente traídos, enganados, escravizados e torturados pela sua sexualidade! A desvantagem é que deixariam de ser humanos; passariam a ser monstruosos.

Aos dez anos, Cathy conhecia já a força dos ímpetos sexuais e começou friamente a experimentá-la. Considerou lucidamente o projeto, previu as dificuldades e preparou-se para vencê-las.

Os jogos sexuais da infância são velhos como o mundo. Quem é que, não sendo anormal, não terá arrastado em pequeno uma menininha para um ninho de verdura, para um recanto sombrio sob uma árvore, para debaixo de uma ponte

que atravessa uma estrada — ou, pelo menos, quem é que nunca sonhou fazê-lo? Tarde ou cedo, os pais têm de afrontar este problema. Se se recordarem então da própria infância, a criança está com sorte. Na época em que Cathy era uma menina, ainda era pior: os pais ficavam horrorizados quando descobriam nos filhos os instintos cuja existência negavam em si próprios.

2

A mãe de Cathy acabava de estender a roupa ao sol da primavera. Cintilava um orvalho teimoso; a terra impregnava-se de calor; desabrochavam os dentes-de-leão amarelos. Os Ames viviam à beira da cidade. Atrás da casa, havia um celeiro, uma cocheira, uma horta e uma estrebaria para dois cavalos.

A Sr^a? Ames vira Cathy dirigir-se para o celeiro. Chamou-a e, não obtendo resposta nenhuma, julgou que se tivesse talvez enganado. Dispunha-se a entrar em casa quando ouviu um risinho na cocheira. “Cathy!”, gritou. Nenhuma resposta. Ficou inquieta. Tentou recordar-se do som do riso. Não era a voz de Cathy. Cathy não costumava rir.

Não se sabe como nasce o medo nos pais. Deve reconhecer-se que, na maior parte dos casos, as suas apreensões não são motivadas. E que os pais mais inquietos são os de filho único. Têm tanto medo de os perder...

A Sra. Ames ficou imóvel, de ouvido atento. Notou um cochicho e encaminhou-se sem ruído para a cavaleriça. A porta de dois batentes estava fechada. As vozes vinham do interior, mas a Sra. Ames não conseguia distinguir a da filha. Deu rapidamente um passo em frente, abriu os dois batentes da porta, e o sol iluminou um tal quadro que ficou petrificada, de boca aberta. Cathy estava estendida no chão, com a saia levantada. Estava nua até à cintura e viam-se dois rapazes de cerca de catorze anos ajoelhados ao lado dela. A luz súbita tinha-os imobilizado. Os olhos de Cathy exprimiam um intenso terror. A Sra. Ames conhecia os rapazes e os pais deles.

Um dos garotos saltou subitamente, empurrou a Sra. Ames e desapareceu atrás da casa. O outro rapaz, num sobressalto desesperado, evitou a mulher e precipitou-se para a porta. A Sra. Ames jogou-lhe a mão, mas os dedos escorregaram pelo fato e não conseguiram retê-lo.

A Sra. Ames tentou falar, mas a voz não passava de um murmúrio rouco: — De pé! Cathy fitou a mãe com um olhar suplicante e não se moveu. Cathy

tinha os punhos atados com uma corda forte. A Sra. Ames soltou um grito, atirou-se para o chão e desatou o nó. Depois, levou Cathy para casa e deitou-a.

O médico da família, após tê-la examinado, não encontrou quaisquer vestígios de violência. “Agradeça a Deus por ter chegado a tempo”, contentou-se ele em repetir várias vezes.

Cathy esteve muito tempo sem falar. “É do choque”, disse o médico. Mas, passada a prostração, Cathy recusou-se a falar. Quando lhe faziam perguntas, esgazeava os olhos de forma a deixar aparecer o branco em torno das pupilas, ficava sem respirar, punha-se vermelha e todo o corpo se inteiriçava.

O Dr. Williams presidiu o conselho que reuniu as três famílias. O Sr. Ames, que levava a corda, manteve-se calado a maior parte do tempo. Estava perplexo. Havia coisas que não compreendia, mas não as mencionou.

A Sra. Ames entregou-se a uma histeria permanente. Estivera lá. Vira tudo. Era ela a autoridade suprema. Naquela histeria, transparecia o sadismo. Queria sangue. Sentia prazer em exigir um castigo. A cidade, a região deviam ser protegidas. Era assim que ela via as coisas. Conseguiu chegar a tempo — Deus seja louvado! — mas quem sabe como se passariam as coisas da próxima vez? E o terror em que viveriam as outras mães? E a Cathy só tinha dez anos.

Nessa época, os castigos eram mais selvagens do que hoje. Acreditava-se sinceramente nas virtudes salvadoras do chicote. Primeiro, separadamente, depois, em conjunto, os rapazes foram zurzidos, zurzidos até escorrerem sangue.

O seu crime era hediondo mas, negando-o, provavam que estavam habitados por um demônio que nem o próprio chicote conseguia expulsar. Logo de princípio, a sua defesa fora ridícula. Afirmavam que fora Cathy quem começara. Ambos lhe tinham dado cinco cêntimos. Não lhe tinham atado as mãos. Lembravam-se de que ela brincava com uma corda.

Toda a cidade entoou em coro as palavras da Sra. Ames: “Estarão eles a insinuar que foi ela própria quem atou as mãos? Uma criança de dez anos!” Se os rapazes tivessem confessado o crime, é provável que só tivessem sofrido uma parte do castigo. Mas a sistemática denegação despertou uma fúria vingadora não só nos pais que os tinham chicoteado, mas também em toda a comunidade. Com a aprovação dos pais, os rapazes foram expedidos para a casa de correção.

“Ela vive obcecada por aquilo”, disse a Sra. Ames aos vizinhos. “Se ao menos pudesse falar, talvez lhe fizesse bem. Mas quando lhe faço uma pergunta, é como se revivesse a cena.” Os Ames nunca mais evocaram o drama. O caso estava arrumado. O Sr. Ames esqueceu rapidamente as suas perplexidades.

Ficaria com um peso na consciência se tivessem enviado duas crianças para a casa de correção por um crime que não tinham cometido.

Quando Cathy ficou completamente curada, os rapazes e as moças observaram-na de longe, depois, fascinados, aproximaram-se. Ela não tinha nenhum derriço, como é hábito nessa idade: os rapazes não queriam correr o risco de serem excluídos do seu bando por terem acompanhado Cathy desde a escola até casa. Mas ela exercia uma forte sedução e, se um rapaz se encontrava a sós com ela, sentia-se atraído por uma força que não podia compreender, nem combater.

Cathy era delicada, muito meiga, e falava em voz baixa. Dava grandes passeios sozinha, mas era raro que não encontrasse, por puro acaso, um rapaz saindo da mata. Enquanto se extinguíam os últimos rumores do acontecimento, as atividades de Cathy mantiveram-se secretas, o que causa estranheza numa idade em que os segredos são numerosos e em que não se guardam por muito tempo.

Cathy aperfeiçoou um sorrisinho, um assomo de sorriso. Tinha uma maneira de olhar de lado que dava a entender aos rapazes que estava disposta a partilhar segredos com eles.

O pai tinha uma nova preocupação, mas evitava a resposta só pela vergonha de pensar em tal assunto. Cathy tinha o dom de encontrar objetos: um berloque de ouro; moedas; uma bolsinha de seda; uma cruz de prata incrustada de pedras encarnadas que se dizia serem rubis... Encontrou muitas coisas. Quando o pai pôs um anúncio no Correio hebdomadário, acerca da cruz, ninguém apareceu a reclamá-la.

O Sr. William Ames, pai de Cathy, era um homem ensimesmado. Raramente dizia o que pensava. Seria incapaz de provocar os remoques dos vizinhos. Por isso, foi alimentando dentro de si a chama da suspeita: achava preferível nada saber, era mais seguro e mais prudente. E tinha a consciência em paz. Quanto à mãe de Cathy, estava tão enleada num casulo de meias mentiras, de verdades mascaradas, de sugestões e de armadilhas preparadas por Cathy que seria incapaz de reconhecer uma verdade se a viesse a encontrar.

3

Cathy crescia em beleza. A pele aveludada, os cabelos doirados, o olhar franco, modesto e, contudo, prometedor, a boquinha cheia de doçura, atraíam a

atenção. Fez os oito graus de instrução primária com tão boas notas que os pais a matricularam na escola secundária, se bem que, nesse tempo, não fosse costume pôr as moças a estudar. Mas Cathy dizia que queria ser professora, o que encantava a mãe e o pai, pois era a mais digna profissão que se oferecia a uma moça de boa família sem fortuna. Era uma honra ter uma filha no ensino. Cathy tinha catorze anos quando entrou para o liceu. Ela sempre parecera inapreciável aos pais, mas, assim que se familiarizou com a álgebra e o latim, atingiu alturas onde eles já não a podiam acompanhar. Tinham-na perdido; sentiam que atingira esferas superiores.

O professor de latim era um homem novo e pálido, de olhar intenso, que fora expulso de um seminário, mas que possuía os conhecimentos bastantes para ensinar a inevitável gramática, César e Cícero. Era um rapaz sossegado que acalentava no seio o revés sofrido. Lá no íntimo, sentia que fora rejeitado por Deus e que Deus tinha as suas razões.

Durante certo tempo, notou-se que ardia uma chama nos olhos de James Grew. Nunca o viram com Cathy e não houve suspeitas de que tivessem mantido relações.

James Grew fez-se um homem. Endireitou a cabeça e o coração se encheu de alegria. Escreveu cartas tão convincentes ao reitor do seminário que este pensou em readmiti-lo.

Depois, a chama vacilou. A cabeça, tão levantada, descaiu. Os olhos ficaram febris; as mãos puseram-se a tremer. Viram-no à noite, na igreja, ajoelhado, murmurando orações. Faltou à escola, pretextando doença, apesar de o terem avistado a andar sozinho pelas colinas atrás da cidade.

Uma noite, já bastante tarde, foi bater à porta dos Ames. O Sr. Ames saiu da cama a resmungar, acendeu uma vela, atirou um casaco por cima da camisa de dormir e foi até à porta. Deparou-se com um James Grew desvairado e selvagem, com os olhos chispando e o corpo sacudido por tremores.

— Preciso de lhe falar — disse ele numa voz rouca.

— Já passa da meia-noite — disse o Sr. Ames.

— Preciso de lhe falar a sós. Vista-se e venha cá para fora. Preciso de lhe falar.

— Você ou está bêbedo ou doente. Vá para casa e durma. Já passa da meia-noite.

— Não posso esperar. Tenho de lhe falar.

— Venha estar comigo amanhã de manhã à tanaria.

O Sr. Ames fechou a porta com mão firme e ficou imóvel à escuta. Ouviu a voz que gemia: “Não posso esperar. Não posso esperar.” Depois, passos desceram vagarosamente os degraus.

O Sr. Ames protegeu a chama da vela com a mão e foi deitar-se. Pareceu-lhe ver fechar-se silenciosamente a porta do quarto de Cathy, mas talvez fosse a luz vacilante que provocasse visões, pois também achou ter visto uma cortina se mexer.

— O que era? — perguntou-lhe a mulher quando ele se tornou a meter na cama.

O Sr. Ames não soube porque respondeu assim, talvez para evitar uma discussão: — Um bêbedo que se enganou de casa.

— O mundo está perdido — disse a Sra. Ames.

Estendido no escuro, o Sr. Ames viu dançar diante dos olhos um círculo verde onde se avistava o rosto suplicante e desesperado de James Grew. Foi com dificuldade que adormeceu.

De manhã, a cidade foi percorrida por um boato, umas vezes deformado, outras, aumentado; mas, à tardinha, já se sabia a verdade: o sacristão encontrara James Grew estendido junto do altar; dera um tiro nos miolos. Ao lado dele, jaziam uma espingarda, a vara de madeira que utilizara para disparar o gatilho e um candelabro de altar. Uma das três velas ainda ardia; as duas outras não tinham sido acesas. No chão, estavam dois livros, um em cima do outro; o livro dos cânticos e o livro das orações. Na opinião do sacristão, James Grew colocara o cano da espingarda em cima dos livros para o elevar à altura da testa. O recuo afastara a arma.

Muitas pessoas se lembraram de ter ouvido uma explosão antes de o Sol nascer. James Grew não deixava nenhuma carta. Ninguém compreendeu porque fizera aquilo.

O primeiro impulso do Sr. Ames foi ir procurar o coronel para lhe contar a visita que recebera à meia-noite; depois, pensou: “Para que servia? Se soubesse alguma coisa, seria diferente, mas como não sei...” Sentia-se vagamente enjoado. Repetia a si mesmo que a culpa não era dele. “Que poderia ter feito? Nem sei o que ele me queria”. Sentia-se culpado e infeliz.

Durante o jantar, a mulher falou-lhe no suicídio, o que lhe tirou o apetite. Cathy estava silenciosa, mas não mais do que era costume. Comeu com a ponta dos lábios e limpou muitas vezes a boca.

A Sra. Ames passou em revista todos os pormenores do caso, incluindo o corpo e a espingarda.

— Há uma coisa que te queria dizer. O bêbedo que veio cá ontem bater à porta, não era o Grew? — perguntou ela ao marido.

— Não — respondeu ele rapidamente.

— Tens a certeza? Como o podias ver no escuro?

— Eu tinha uma vela — respondeu ele secamente. — Não era ele. O homem tinha uma grande barba.

— É escusado responder assim — disse ela. — Estava só fazendo uma pergunta. Cathy limpou a boca e, quando tornou a pôr o guardanapo em cima dos joelhos, estava sorrindo. A Sra. Ames voltou-se para a filha: — Tu via-lo todos os dias na escola, Cathy. Pareceu-te preocupado nestes últimos dias? Notaste alguma coisa que... Cathy inclinou a cabeça para o prato e, depois, tornou a erguê-la.

— Pareceu-me doente — disse ela. — Sim, não tinha um ar nada bom. Toda a gente falava nisso, hoje, lá na escola. E alguém — não me lembro quem foi — disse que o Sr. Grew tinha aborrecimentos em Boston. Não sei que espécie de aborrecimentos eram. Todos nós gostávamos muito do Sr. Grew.

Limpou delicadamente a boca. Era o método de Cath. Antes da noite seguinte, já toda a cidade sabia que James Grew tivera aborrecimentos em Boston. Ninguém imaginava que Cathy inventara a história. A própria Sra. Ames já não se recordava onde o ouvira dizer.

4

Cathy modificou-se pouco depois de ter completado os dezesseis anos. Uma manhã, não se levantou para ir à escola. A mãe subiu ao quarto dela e encontrou-a na cama, fitando o teto.

— Despacha-te. Já estás atrasada. Vão dar as nove.

— Não vou à escola.

— Estás doente?

— Não.

— Então, levanta-te.

— Não quero ir.

— Deves estar doente. Nunca faltaste nenhum dia.

— Não vou à escola — repetiu calmamente Cathy. — Nunca mais volto.

A Sra. Ames abriu a boca de espanto.

— Que queres tu dizer?

— Nunca mais — disse Cathy. E continuou a fitar o teto.

— Muito bem. Vamos ver o que diz o teu pai. Com todo o dinheiro que nós gastamos, dois anos antes de receberes o diploma... Aproximou-se e perguntou ternamente: — Não pensas em te casar?

— Não.

— Que livro é esse que estás escondendo?

— Aqui o tem. Não estou a escondê-lo.

— Oh! Alice no país das maravilhas. Já estás muito crescida...

Cathy respondeu: — Quero tornar-me tão pequena que nem tu me poderás ver.

— Que história é essa?

— Ninguém me poderá descobrir.

A mãe disse encolerizada: — Deixa-te de disparates. Não percebo em que estás a pensar. E o que é que a menina tenciona fazer? — Oh! ainda não sei — disse Cathy. — Talvez me vá embora.

— Muito bem! A menina vai ficar deitada e quando o seu pai voltar há de ter uma ou duas coisas para lhe dizer.

Cathy voltou a cabeça muito devagar e contemplou a mãe. Tinha os olhos frios e sem expressão. Subitamente, a Sra. Ames teve medo da filha. Saiu sem fazer ruído e fechou a porta. Na cozinha, sentou-se, cruzou as mãos nos joelhos e, pela janela, pôs-se a olhar a cocheira.

A filha tornara-se uma estranha. Sentia, como acontece a todos os pais, mais cedo ou mais tarde, que já não a conseguia dominar, que lhe fugiam dos dedos as rédeas com que tentava dirigir Cathy. O que ela ignorava é que nunca exercera qualquer poder sobre Cathy. Limitara-se a servir os propósitos da filha. Passados instantes, a Sra. Ames pôs um chapéu e encaminhou-se para a tanaria. Queria falar ao marido fora de casa.

De tarde, Cathy levantou-se e passou um grande bocado diante do espelho.

À noite, o Sr. Ames, embora contrariado, pregou um sermão à filha. Falou de seus deveres, de suas obrigações, do amor natural que devia aos pais. Quando já estava no fim do discurso, — percebeu que ela o não escutava. Zangou-se e ameaçou-a. Falou da autoridade que Deus lhe concedera para guiar a filha e de como essa autoridade era confirmada e reforçada pelo Estado. Cathy ouvia-o agora com atenção e olhava-o a direito nos olhos.

A boca sorria levemente e os olhos não pestanejavam. Por fim, o pai viu-se obrigado a desviar o olhar, o que lhe aumentou a ira. Ameaçou-a vagamente

com o chicote se ela não lhe obedecesse.

E, terminou, sentindo-se desamparado: — Vais prometer-me que amanhã não faltas à escola e que te deixas de caprichos. O rosto de Cathy mantinha-se inexpressivo. A boca estava fechada.

— Está bem — disse ela.

Nessa noite, o Sr. Ames disse à mulher, com uma fingida segurança:

— Como vês, basta um pouco de autoridade. Talvez não tenhamos sido bastante severos. Mas ela tem bom fundo. Talvez se tivesse esquecido de quem nós éramos. Um pouco de disciplina nunca fez mal a ninguém.

Mas não se sentia tão confiante como as suas palavras o davam a entender.

Na manhã seguinte, verificaram que Cathy se fora embora. Desaparecera o cesto de viagem assim como a maioria dos seus vestidos. A cama estava impecavelmente feita. O quarto era impessoal — nem fotografias, nem recordações, nenhum dos vestígios que costuma deixar um ser vivente. Cathy nunca brincara com bonecas. Nada parecia indicar que naquele quarto crescera uma criança.

O Sr. Ames era um homem inteligente a seu modo. Pôs o chapéu e dirigiu-se rapidamente para a estação. O chefe da estação foi categórico: Cathy tomara o primeiro trem para Boston. A pedido do Sr. Ames, transmitiu um telegrama à polícia de Boston. O pai de Cathy comprou um bilhete de ida e volta e apanhou a composição das nove e cinquenta. Era um homem de grandes decisões nos momentos cruciais.

Nessa noite, a Sra. Ames fechou-se na cozinha e sentou-se. Estava branca e agarrava-se à mesa, tanto tremia. O barulho — primeiro as chicotadas, depois os gritos — chegava-lhe distintamente através das portas fechadas.

O Sr. Ames não era um perito na arte de chicotear por nunca a ter praticado. Com o chicote da carroça, começou por zurzir as pernas de Cathy. Depois, quando viu que ela o olhava insolentemente com os olhos frios e que não chorava, perdeu as estribeiras. Flagelou as ilhargas e as costas. O chicote estalava e feria.

Dominado pela raiva, o Sr. Ames falhou várias vezes, ou aproximou-se demasiado, fazendo com que o chicote se enrolasse em torno da vítima.

Cathy compreendeu rapidamente; descobriu o ponto fraco do pai. Logo se pôs a berrar, a torcer-se, a suplicar; e teve a satisfação instantânea de ver diminuir a dor.

O Sr. Ames assustou-se com o barulho e a punição que estava a infligir. Deteve-se. Cathy caiu na cama, soluçando. Se o pai a tivesse olhado de perto, descobriria que ela tinha os olhos secos, os músculos do pescoço retesados e os maxilares salientes de tanto os apertar. Perguntou-lhe: — Tornas? — Não. Oh! não. Perdoa-me — disse Cathy.

E escondeu a cara na manta para que o pai não lhe visse a expressão.

— E vê se te lembras quem és. E não esqueças quem eu sou. A voz de Cathy despedaçou-se e emitiu um soluço seco: — Não hei de esquecer.

Na cozinha, a Sra. Ames torcia as mãos. O marido acariciou-lhe o ombro:

— Custa-me muito — disse ele —, mas tinha de o fazer. Acho que lhe fez bem. Pareceu-me mudada. Não devíamos ter afrouxado as rédeas. Bem mal andamos em ser fracos.

A mulher insistira, obrigara-o a chicotear Cathy, e agora odiava-o, por ele o ter feito. Apoderou-se dele o desespero.

5

Não havia dúvida nenhuma que era daquilo que Cathy precisava. Como dizia a Sra. Ames: “Até parece que se abriu.” Cathy tornou-se prestável: durante as semanas que se seguiram, ajudou a mãe na cozinha, mais do que era necessário, e até começou a tricotar um xaile — projeto de envergadura cuja realização exigiria meses. A Sra. Ames falou no caso às vizinhas: — Ela tem uma habilidade extraordinária para combinar cores. Ferrugem e amarelo. Já fez três carreiras.

Ao pai, Cathy oferecia um sorriso fabricado. Tirava-lhe o chapéu quando ele chegava e virava-lhe a cadeira de frente para a luz, para que pudesse ler com comodidade.

Até na escola se modificou. Sempre fora estudiosa, mas começou a fazer planos para o futuro. Falou ao diretor nos exames do diploma de ensino que desejava obter com um ano de antecedência. O diretor examinou a caderneta e achou que ela podia tentar com muitas probabilidades de êxito. Foi ver o Sr. Ames à tanaria, para discutirem o assunto.

— Ela não nos disse nada.

O Sr. Ames sentia-se muito orgulhoso.

-Talvez tenha feito mal em lhes dizer. Espero não ter estragado a surpresa.

O Sr. e a Sra. Ames julgaram ter descoberto a varinha mágica que ia resolver

todos os seus problemas. Chegaram à conclusão de que aquele resultado era o fruto de uma habilidade de que só os pais são capazes.

— Nunca vi alguém mudar tanto — dizia o Sr. Ames.

— Ela sempre foi boa moça — dizia a mulher. — Já reparaste como está a ficar bonita? É quase bela. E que bonitas cores! — Não me parece que fique professora primária muito tempo — acrescentava o Sr. Ames.

Era verdade que Cathy resplandecia. Enquanto fez os preparativos, manteve o sorriso infantil. O tempo não lhe faltava. Limpou a cave e colocou buchas de papel para evitar as correntes de ar. Untou os gonzos da porta da cozinha, que rangiam, e o ferrolho, que estava muito ferro, e já que estava com as mãos na massa, os gonzos da porta da rua. Sentiu-se na obrigação de encher os candeeiros e de limpar os vidros. Inventou um sistema especial de limpar as chaminés dos candeeiros, mergulhando-as numa grande bacia de petróleo que mandara pôr na cave.

— Só vendo se acredita — dizia o pai.

E não era só em casa que as coisas se passavam deste modo. Cathy desafiava o cheiro do tanino para ir visitar o pai. Fizera os dezesseis anos, havia pouco e o pai considerava-a como um bebê. As perguntas que ela lhe fez deixaram-no estupefato.

— Parece saber mais do que muitos homens que eu conheço — disse ele ao contramestre. — Talvez um dia possa ficar à frente do negócio.

Ela não se interessava apenas pelos processos de curtir, mas também pelo andamento do negócio. O pai explicou-lhe o que eram os investimentos, os prazos de pagamento, a fatura e as folhas de férias. Mostrou-lhe como se abria o cofre forte e ficou encantado por ela se lembrar da combinação à primeira tentativa.

— Vou dizer qual é o meu ponto de vista — confidenciou ele à mulher. — Todos nós temos uma tendência para o mal. Não gostava nada de ter uma filha excessivamente sossegada. Na minha opinião, ela tinha energia a mais. E se a orientarmos, há de gastá-la no bom sentido.

Cathy cosia a sua roupa e arrumava as suas coisas. Num dia de Maio, ao voltar da escola, dirigiu-se diretamente para as agulhas de tricotar. A mãe estava vestida para sair.

— Tenho de ir à Confraria do Altar. O nosso bazar de caridade realiza-se na próxima semana. Sou eu a presidente. O teu pai perguntou-me se tu podias ir ao banco levantar o dinheiro para as férias e levá-lo à tanaria, visto eu não poder ir.

— Com todo o gosto — disse Cathy.

— O dinheiro está pronto. Já o puseram num saco.

A Sra. Ames saiu.

Cathy trabalhou rapidamente mas sem precipitação, envergou um velho avental para proteger a roupa. Foi buscar à cave um boião de doce, com tampa, e levou-o para a arrecadação das ferramentas. Na capoeira, apanhou um frango e cortou-lhe a cabeça; depois, segurou o pescoço em cima do boião até ficar meio cheio de sangue; em seguida, pegou no frango ainda agitado por sobressaltos e foi enterrá-lo no monte de estrume. De regresso à cozinha, tirou o avental, meteu-o no fogão e ateou as brasas até o tecido arder. Lavou as mãos, inspecionou os sapatos e as meias, e apagou uma mancha escura na ponta do sapato direito. Mirou-se ao espelho. As faces estavam rosadas, os olhos brilhavam e a boca tinha um sorrisinho infantil. Escondeu o boião de doce na escada da cozinha. A mãe não saíra havia mais de dez minutos.

Cathy partiu com passo ligeiro e quase dançava quando chegou à rua. A primavera fazia abrir os rebentos e, nos prados, dentes-de-leão precoces desenhavam manchas amarelas. Cathy encaminhou-se alegremente para o centro da cidade, onde se encontrava o banco. E ia tão fresca e tão bonita que todos se voltavam para a ver.

6

O incêndio começou por volta das três da manhã. O fogo pegou, rugiu e abrasou toda a casa antes que alguém tivesse tido tempo de notar fosse o que fosse. Quando os bombeiros voluntários chegaram, arrastando a bomba, só restava uma coisa a fazer: regar os telhados próximos para os preservar do sinistro.

A casa dos Ames ardera como um foguete. Os bombeiros e os basbaques que são sempre atraídos pelos incêndios, examinaram os rostos iluminados a ver se reconheciam o Sr. e a Sra. Ames, assim como a filha. Depressa se verificou que não estavam ali. Os espectadores estremeceram de horror ao lembrarem-se de que lhes poderia ter acontecido o mesmo. Os corações bateram mais depressa e as gargantas contraíram-se. Os bombeiros começaram a regar as chamas como se, tomados de remorsos tardios, esperassem salvar ainda algum membro da família. Percorreu a cidade um boato aflitivo: toda a família Ames morrera queimada.

Logo de manhã cedo, reuniu-se toda a população em torno dos escombros fumegantes. Os da primeira fila eram obrigados a proteger-se do calor. Os bombeiros continuavam a borrifar os tristes restos. Por alturas do meio-dia, o coronel pôde avançar por um caminho de tábuas molhadas e esquadrinhar com um atizador os bocados de madeira calcinada, impregnados de água. Restava o bastante do Sr. e da Sra. Ames para garantir que havia dois corpos. Uns vizinhos designaram o local aproximado do quarto de Cathy. O coronel e alguns amadores passaram ao crivo os montes de madeira queimada, mas não encontraram ossos nem dentes.

O chefe dos bombeiros, durante esse tempo, tinha descoberto as argolas e o fecho da porta. Olhava para o metal enegrecido, perplexo, mas não sabia porque o estava. Pediu o ancinho ao coronel e entregou-se furiosamente ao trabalho. Dirigiu-se para o sítio onde se erguia a porta da entrada e procurou, até o encontrar, o ferrolho torcido e meio derretido. Alguns espectadores que faziam círculo em torno dele, perguntaram: — Que procuras tu, George? Que encontraste, George? Finalmente, o coronel falou: — Que aconteceu, George? — Não há chaves nas fechaduras — disse o chefe dos bombeiros, embaraçado.

— Talvez tenham caído?

— De que maneira?

— Talvez se tenham derretido?

— Os fechos não se derreteram.

— Talvez o Bill Ames as tenha tirado?

— Do lado de dentro? E mostrava os troféus: as duas fechaduras estavam fechadas.

Como a casa do patrão ardera e, com ela, o patrão, os empregados da tanaria não foram trabalhar. Postaram-se junto da casa, oferecendo-se para ajudar, maçadores e inúteis.

Só no fim da tarde é que Joel Robinson, o contramestre, se dirigiu à tanaria, onde encontrou o cofre aberto e os papéis espalhados no chão. Uma janela partida indicava o caminho por onde fugira o gatuno.

O caso mudava de figura. Não se tratava, então, de um acidente! O medo substituiu a dor e a cólera, irmã do medo, despertou. A multidão começou a dispersar.

Não foi preciso ir muito longe. Na cocheira encontraram aquilo a que se chama vestígios de luta: uma caixa partida, uma lanterna estilhaçada; pegadas na terra e palha espalhada por toda a parte. Os investigadores talvez não tivessem

compreendido que se tratava de vestígios de luta se não houvesse uma grande quantidade de sangue no chão.

Um agente da polícia tomou a situação em mãos. Era o seu distrito. Mandou sair toda a gente da cocheira.

— Querem fazer desaparecer todos os vestígios? — atirou ele aos espectadores. — E agora afastem-se desta porta.

Vasculhou a casa, apanhou qualquer coisa e, num recanto, achou outra coisa qualquer. Encaminhou-se para a porta com as descobertas na mão: uma fita azul manchada de sangue e uma cruz com pedras encarnadas.

— Alguém reconhece estes objetos? — perguntou.

Numa pequena cidade onde todos se conhecem, custa a acreditar que uma pessoa das nossas relações possa ser o assassino de alguém. Por isso, quando se não descobrem provas esmagadoras contra determinado indivíduo, vai-se acusar um vago estranho, alguém vindo desse mundo exterior onde podem acontecer coisas semelhantes. Então, fazem-se rusgas aos acampamentos de vagabundos, os mendigos são interrogados e passam-se ao crivo os registros dos hotéis. Todo o desconhecido é automaticamente um suspeito. Não se esqueçam de que se estava no mês de Maio e de que os vadios se tinham posto a caminho, aproveitando os meses quentes em que se dorme ao relento à beira dos regatos. E havia ainda os ciganos, um acampamento completo a menos de cinco milhas de distância. Os pobres ciganos passaram um mau bocado.

O campo foi esquadrinhado em todas as direções para se tentar descobrir uma parcela de terra remexida de fresca data. Até os pântanos foram dragados para encontrar o corpo de Cathy. “Era tão bonita”, dizia-se. O que significava que talvez fosse uma boa razão para terem raptado Cathy. Finalmente, detiveram um meio-idiota, hirsuto e babado. Era um candidato perfeito à força, pois não só era incapaz de dizer onde passara aquela noite, como também não conseguia lembrar-se do que fizera durante toda a vida. O seu pobre espírito percebia que os interrogadores estavam à espera de qualquer coisa e, como era uma criatura amável, tentou satisfazer-lhes a vontade. Quando lhe faziam uma pergunta-armadilha, deixava-se logo cair por ela abaixo e arvorava um ar feliz ao verificar que os inquiridores se mostravam satisfeitos. Pretendia, virilmente, contentar aqueles seres superiores. Não há dúvida de que era um excelente rapaz. Só era pena que confessasse coisas de mais. Além disso, tinham que estar sempre a lembrar-lhe tudo o que supostamente cometera. Estava, de fato, encantado, quando se apresentou perante um júri rígido e assustado. Tinha a sensação de que, finalmente, realizara alguma coisa neste mundo.

Houve e ainda há certos juizes cujo amor pela justiça tem a qualidade do amor por uma mulher. Era um homem destes quem presidia ao júri, um homem tão puro e tão bom que resgatou muitas iniquidades no decorrer da sua vida. A confissão do culpado era uma estupidez. O juiz notou que o suspeito tentava seguir uma diretiva, mas que não conseguia de forma nenhuma recordar-se do que fizera, quem matara, como e porquê. O juiz suspirou tristemente, libertou o homem e chamou o polícia com um gesto.

— Michael — disse ele —, não tinhas o direito de fazer uma coisa destas. Se o rapaz fosse um bocadinho mais inteligente, eras capaz de o mandar para a força.

— Mas ele confessou.

O polícia sentia-se ferido, pois era um homem consciencioso.

— Até era capaz de confessar ter subido as escadas do Paraíso e cortado a garganta de S. Pedro com um taco de bilhar disse o juiz.— Vê se és mais prudente, Michael. A lei foi concebida para salvar e não para destruir.

Em todas estas tragédias de pequena envergadura, o tempo age como um pano molhado numa aquarela. Os contornos embotam-se, a dor desaparece, as cores misturam-se e as linhas outrora distintas passam a formar uma massa cinzenta. Ao fim de um mês, já não se sentia a necessidade de enforçar ninguém. E, decorridos dois meses, admitia-se que não existiam provas reais contra quem quer que fosse. Se não tivesse sido o assassinato de Cathy, pensariam que o fogo e o roubo não passavam de coincidência. E depois, as pessoas começaram a dizer que se, no fim de contas, não encontravam o corpo de Cathy, era porque talvez não tivesse morrido.

Cathy deixava atrás de si um cheiro de santidade.

Capítulo IX

1

O Sr. Edwards dirigia o seu negócio de prostituição com ordem e método. A mulher e os dois filhos, muito bem educados, viviam numa boa casa de um bom bairro de Boston. Os filhos, dois rapazes, estavam inscritos nos registos da paróquia de Groton.

A esposa velava pela limpeza da casa e tomava conta das criadas. O Sr. Edwards tinha de se ausentar muitas vezes por causa dos negócios, mas levava uma vida conjugal surpreendente e passava mais serões em casa do que se possa imaginar. Geria os negócios com a exatidão de um contabilista diplomado. Era um homem grande e forte, com tendência para a obesidade à medida que se aproximava dos cinquenta, mas com uma saúde espantosa numa época em que só se engordava para mostrar que se vencera na vida. Fora ele quem concebera o negócio: um circuito através das pequenas cidades; a breve estadia de cada moça; a disciplina; as percentagens. Não agia no ar e cometia poucos erros. Nunca mandava as mulheres para as grandes cidades. Sabia como acalmar o apetite dos polícias das vilas, mas respeitava os polícias das grandes cidades, mais inteligentes e mais vorazes. O seu campo de ação ideal era uma cidadezinha sem distrações, com um hotel hipotecado, onde os únicos concorrentes fossem as esposas legítimas e alguma forasteira ocasional. Naquela altura, tinha dez grupos. Quando morreu aos sessenta e sete anos, engasgado com um osso de frango, tinha grupos de quatro mulheres em cada uma das trinta e três pequenas cidades da Nova Inglaterra. A sua situação era mais do que desafogada — era rica.

Aliás, a maneira como morreu constituía, já de si, um símbolo de êxito.

Nos tempos que vão correndo, a instituição dos bordéis parece condenada a desaparecer. Os sábios apresentam várias razões: uns dizem que é o declínio da moralidade das moças que lhe vibrou um golpe mortal; outros, mais idealistas, talvez, afirmam que a intervenção em maior escala da polícia, conduz à ruína dos prostíbulos. Nos últimos dias do século passado e nos primeiros do atual, aceitava-se a existência dos bordéis, chegando-se a discuti-los publicamente. Dizia-se, então, que constituíam uma proteção para as mulheres decentes. Pelo fato de um homem ir a uma dessas casas evacuar uma energia sexual intempestiva, não deixava de continuar a partilhar a opinião tradicional acerca do encanto e castidade das mulheres. Era um mistério, mas existem muitos mistérios na nossa vida social.

Tais casas iam do palácio doirado, forrado de veludo, à cabana exalando um cheiro que teria afugentado um porco. De vez em quando, contavam-se histórias de moças raptadas e reduzidas à escravidão pelos magnatas dessa indústria e talvez essas histórias fossem verdadeiras. Mas a maioria das prostitutas abraça a carreira tanto por preguiça como por estupidez. Nos bordéis, não tinham responsabilidades. Eram alimentadas, vestidas e tratadas até se

tornarem demasiado velhas. Nessa altura, punham-nas fora. Tão triste fim não as descoroçoava. A juventude não concebe a velhice.

De tempos a tempos, entrava para o ofício uma moça inteligente mas, na generalidade dos casos, passava logo a dedicar-se a tarefas mais importantes: abria a sua própria casa; ou praticava chantagem; ou, então, casava com um homem rico. Há um nome fino para as putas inteligentes: chamam-lhes cortesãs.

O Sr. Edwards não tinha muito trabalho com o recrutamento nem com a vigilância das mulheres. Se uma moça não era completamente idiota, recusava-a. Também não aceitava moças bonitas. Um jovem provinciano poderia apaixonar-se por uma bonita puta, e era complicação pela certa. Se uma das mulheres aparecia grávida, tinha direito a escolher entre o licenciamento e o aborto. O aborto era tão brutal que custava a vida a uma boa parte das operadas. Apesar disso, escolhiam em geral o aborto.

Nem sempre as coisas corriam de feição ao Sr. Edwards. Sempre tinha que resolver alguns problemas. Na época de que lhes estou falando, sofrera ele alguns reveses: um descarrilamento matara dois grupos de quatro mulheres; perdeu outro grupo que se converteu quando um pregador de província se inflamou e inflamou toda a cidade com os seus sermões. O número de fiéis aumentou de tal modo, que tiveram de abandonar a igreja e ir para os campos. Depois, como acontece tantas vezes, o pregador acenou-lhes com um argumento de peso, com o seu maior trunfo: predisse a data do fim do mundo e toda a província aos berros lhe caiu de joelhos aos pés. O Sr. Edwards foi à cidade, sacou o chicote das grandes ocasiões e açoitou as mulheres, sem dó nem piedade. Mas, em lugar de se porem a gemer, as moças pediram-lhe que as chicoteasse um pouco mais para as lavar dos seus pecados. Enojado, abandonou-as, levando-lhes as roupas, e voltou para Boston. As moças obtiveram um legítimo sucesso quando se encaminharam, nuas, para a assembleia campestre, a fim de se confessarem. Era por estes motivos que o Sr. Edwards se via na obrigação de recrutar um grande número de mulheres, em vez de apanhar uma aqui e outra acolá. Precisava de reconstituir três grupos a partir do nada.

2

Não sei como foi que Cathy Ames ouviu falar no Sr. Edwards. Talvez por um cocheiro de tipoia. Mas são coisas que se sabem quando uma mulher deseja realmente sabê-las. O Sr. Edwards acabava de passar uma má manhã, quando ela

lhe entrou no escritório. Supunha ele que as suas dores de estômago provinham da caldeirada que a mulher lhe servira no jantar da véspera. Passara a noite de pé. A caldeirada abria passagem pelas duas saídas disponíveis, mas continuava a sentir-se fraco e enjoado.

Não contratou logo aquela moça que dizia chamar-se Catherine Amesbury. Ela era bonita demais para o trabalho a que se destinava. Tinha uma voz baixa e rouca. Era magra, quase delicada, e tinha uma pele macia. Numa palavra, não se tratava do gênero de moça para o Sr. Edwards. Se ele não se sentisse em estado de inferioridade, teria corrido com ela imediatamente. Não a olhou de muito perto enquanto a interrogava, sobretudo acerca dos pais que podiam causar aborrecimentos, mas algo no seu corpo se pôs a vibrar. O Sr. Edwards, não era um homem concupiscente. E, além disso, nunca misturava os negócios com o prazer. A reação admirou-o. Ergueu os olhos, perplexo, e a moça semicerrou as pálpebras, suavemente, misteriosamente, enquanto se meneava ligeiramente na cadeira. Na boca pequena, brincava um sorriso de gato. O Sr. Edwards debruçou-se sobre a secretária, respirando ruidosamente. Aquela, queria-a para si.

— Não compreendo como é que uma moça como... — começou ele.

E logo foi vítima do mais velho sentimento do mundo: a mulher que se ama não pode ser senão sincera e honesta.

— O meu pai morreu — disse Catherine com ar modesto. — Antes de morrer, deixou ir tudo por água abaixo. Não sabíamos que tinha hipotecado a quinta. Não quero que o banco se aposse dela. Seria a morte da minha mãe. — Os olhos de Catherine encheram-se de lágrimas. Pensava ganhar o bastante para pagar a hipoteca.

Se alguma vez na vida o Sr. Edwards teve a oportunidade de evitar aborrecimentos, foi precisamente naquela altura. Na realidade, pareceu-lhe ouvir tocar um sinal de alarme no cérebro, mas não fez caso. Cerca de oitenta por cento das moças que o procuravam, precisavam de dinheiro para pagar uma hipoteca. E o Sr. Edwards obedecia a uma regra invariável: nunca acreditava no que as moças lhe diziam — mesmo que fosse o que tinham comido ao pequeno almoço, pois até nisso eram capazes de mentir. E ali estava ele, o grande, o gordo, o poderoso proxeneta, de barriga encostada à secretária, com as faces escalantes e arrepios que lhe percorriam as pernas e as coxas.

O Sr. Edwards ouviu que dizia: — Vejamos, minha filha, vejamos. Talvez haja outra maneira de arranjar o dinheiro.

E isto a uma moça que apenas lhe viera pedir para se prostituir — ou não viera? 2 A Sra. Edwards era persistentemente, se não profundamente, religiosa. Passava a maior parte do tempo velando pelo bom andamento da sua igreja. A fé e os seus objetivos não lhe diziam respeito. Para ela, o Sr. Edwards trabalhava em importações. Mesmo que tivesse sabido quais eram os verdadeiros negócios do marido, não teria acreditado. E, isto é outro mistério. O marido fora sempre para ela um homem frio e correto que raramente cumpria os seus deveres conjugais e, quando o fazia, era como se de dever se tratasse. Ele nunca estivera apaixonado e também nunca fora cruel. Os dramas dela, as emoções, provinham dos filhos, dos vestidos e da comida. A vida que tinha, satisfazia-a, e sentia-se reconhecida. Quando o marido se transformou e se tornou nervoso, passando a abandonar bruscamente a casa em meio de terríveis ataques de cólera, ela começou por pensar que era por causa do estômago e, depois, por lhe correrem mal os negócios. Quando, um dia, entrou por acaso no banheiro e o encontrou sentado na retrete, chorando mansamente, compreendeu que era um homem doente. Ele tentou esconder rapidamente os olhos vermelhos. Quando a mulher verificou que nem os chás nem os emplastros o curavam, ficou desorientada.

Se, até isto acontecer, o Sr. Edwards tivesse ouvido contar a história de um homem nas suas circunstâncias, era natural que se risse. Contudo, ele, o mais frio dos patrões de bordéis, acabara por se apaixonar por Catherine Amesbury e sem qualquer esperança de remissão. Comprara uma linda casinha de tijolos, onde a alojara. Mandara decorar o interior com um luxo inimaginável e excessivo. Os tapetes eram de uma espessura desmesurada e as paredes estavam cobertas de quadros com enormes molduras.

O Sr. Edwards nunca fora tão infeliz. Aprendera tanta coisa acerca das mulheres que nunca acreditava em nenhuma. Mas, desde que amava profundamente Catherine — e, para amar, é preciso acreditar — vivia torturado e despedaçado pelo seu amor. Queria ter confiança e, ao mesmo tempo, duvidava. Procurava comprar-lhe a lealdade com presentes e dinheiro. Quando se encontrava longe dela, torturava-o a ideia de que ela podia receber outros homens na sua ausência. Apavorava-o ter de sair de Boston para ir vigiar os grupos de mulheres, pois tinha de deixar Catherine sozinha. Até certo ponto, começou a descuidar os negócios. Era a primeira vez que amava daquele modo, o que quase o ia matando.

O que o Sr. Edwards não sabia — nem podia saber, pois Catherine não se deixava interrogar — era que ela se lhe mantinha fiel, no sentido em que não recebia nem ia visitar outros homens.

Para Catherine, o Sr. Edwards era um negócio, do mesmo modo que os grupos de mulheres eram um negócio para ele. Se ele tinha uma técnica, ela também tinha. Assim que ela o teve à sua mercê — o que não demorou muito — arranjou as coisas de forma a parecer sempre insatisfeita. Tinha sempre um ar desapontado, como se estivesse à beira de se ir embora. Quando sabia que ele ia vê-la ausentava-se de propósito e chegava a casa muito atrasada arvorando o ar de quem acabava de passar por uma experiência inesquecível. Queixava-se da dificuldade que tinha em evitar os olhares e as apalpadelas dos homens na rua. Chegou, várias vezes, assustada, fugindo a um homem que a perseguiu. Quando entrava em casa tarde e o encontrava à espera, explicava: “Andei a fazer compras. Não tenho outro remédio”. E dizia isto como se fosse uma mentira.

Nas relações sexuais, dava-lhe a entender que o resultado não era completamente satisfatório e que, se ele fosse mais homem, teria podido desencadear nela vagas de sensações incríveis. O seu método consistia em desequilibrá-lo. Ficou contente quando viu que os nervos dele começavam a dar de si, que lhe tremiam as mãos, que perdia peso e que tinha um olhar feroz. Ao sentir a aproximação da loucura e do castigo, sentava-o nos joelhos, acalmava-o e obrigava-o a acreditar por momentos na sua inocência. Era capaz de o conseguir.

Catherine queria dinheiro. E dispôs as coisas de modo a obtê-lo tão depressa e com tanta facilidade quanto possível. Quando o reduziu a uma massa informe — e Catherine soube com exatidão quando isso se deu — começou a roubá-lo. Vasculhava os bolsos e tirava-lhe todas as notas grandes. Ele não ousava acusá-la com medo de que ela o abandonasse. As joias que lhe oferecia desapareciam e, mesmo que ela dissesse que as perdera, ele sabia que as tinha vendido. Catherine falsificava as contas da mercearia e aumentava os preços dos vestidos. E ele não se sentia com forças para pôr termo a tudo aquilo. Ela não vendeu a casa, mas hipotecou-a na medida do possível.

Uma noite o Sr. Edwards verificou que a sua chave não entrava na fechadura. Catherine só respondeu depois de ele estar a bater por muito tempo. Sim, mudara a fechadura porque tinha perdido a chave. Como vivia sozinha, tinha medo. Qualquer pessoa podia entrar. Depois lhe daria outra chave — mas nunca a deu. E, a partir desse dia, o Sr. Edwards teve de tocar para entrar; umas vezes, ela levava muito tempo a abrir, outras, nem sequer abria. Ele não tinha meio algum de saber se ela estava em casa ou não. O Sr. Edwards dirigiu-se a uma agência de detetives e mandou segui-la. Catherine nunca soube quantas vezes o fizeram.

O Sr. Edwards era essencialmente um homem simples. Mas – complexidades de um homem simples podem ser obscuras e tortuosas. Catherine era inteligente, mas às vezes acontece que uma mulher inteligente não consegue descobrir alguns dos estranhos subterrâneos que atravessam o homem.

Ela só deu um passo em falso e, mesmo esse, tentou evitar. Como estava indicado, o Sr. Edwards adornara o lindo ninho com garrafas de champanhe. Catherine sempre se recusara a bebê-lo.

— Põe-me doente. Já tentei mas não consigo.

— Então. Só uma taça não te fará mal.

— Não, obrigada. Não gosto disso, O Sr. Edwards pensava que essa recusa era uma prova de delicadeza de mulher bem-educada. Nunca insistira até à noite em que compreendeu que não sabia nada a respeito dela. O vinho pode soltar a língua. Quanto mais pensava nisso, mais a ideia lhe parecia excelente.

— Devias ter a amabilidade de tomar uma taça comigo.

— Já te disse que me faz mal.

— Disparate! — Não quero, já te disse.

— Não sejas ridícula. Queres que me zangue? — Não.

— Então, bebe uma taça.

— Não quero.

— Bebe.

Estendeu uma taça e ela recuou.

— Não estás compreendendo. Faz mal.

— Bebe.

Ela pegou na taça, engoliu o líquido e ficou imóvel, arrepiada, como se escutasse. O sangue subiu-lhe à cara. Encheu outra taça e, depois, outra. O olhar tornou-se fixo e frio. O Sr. Edwards teve medo. Ia passar-se qualquer coisa que eles eram incapazes de evitar.

— Não te esqueças que eu não queria — disse ela calmamente.

— Talvez fosse melhor parares.

Ela riu e encheu outra taça. — Agora já não tem importância — disse. — Não é a quantidade que conta.

— Um copinho faz sempre bem — disse ele embaraçado.

Ela falou suavemente: — Meu grande imbecil — disse —, que sabes tu de mim? Pensas que não sou capaz de decifrar todos os terrores que andam às voltas na tua cabecinha? Perguntas a ti mesmo aonde foi que uma pequena como eu aprendeu todos estes truques. Pois vou dizer-te: foi numa casa de putas, estás a ouvir? Numa casa de putas. Trabalhei em lugares em que tu nunca ouviste

falar. Quatro anos. Foram uns marinheiros de volta de Port-Said que me ensinaram certas habilidades. Conheço os nervos da tua carcaça a um e um e sou capaz de fazer deles o que me apetecer.

— Catherine — protestou ele —, não sabes o que estás a dizer.

— Faltava essa. Julgavas que eu ia falar, pois muito bem, falei.

Avançou lentamente para ele e o Sr. Edwards refreou a vontade de fugir. Estava com medo, mas ficou sentado. Bem na frente dele, Catherine despejou a última gota de champanhe na taça, bebeu, e partiu-a delicadamente na mesa. Com o pé, que lhe ficou nas mãos, rasgou-lhe a cara.

Foi então que ele fugiu da casa e ouviu atrás de si o riso de Catherine.

3

O amor, para um homem como o Sr. Edwards, é um sentimento destruidor. Arruinou seu o espírito, o discernimento e a força. Concluiu que ela era histérica e tentou acreditá-lo. A sua tarefa foi facilitada pelo comportamento de Catherine, pois ficara aterrada com a cena que fizera e, durante algum tempo, moveu todos os esforços para recriar a doce imagem que a princípio oferecera.

Um homem tão dolorosamente apaixonado pode conseguir torturar-se a si próprio muito mais do que se possa imaginar.

O Sr. Edwards queria acreditar de todo o coração na bondade de Catherine, mas era obrigado a renunciar a tal, tanto por causa do seu demônio interior, como pelo que ela deixara entrever. Quase instintivamente, pôs-se a procurar a verdade a respeito dela e, ao mesmo tempo, não queria acreditar na verdade. Sabia, por exemplo, que ela não depositava dinheiro no banco. Um dos seus empregados, com o auxílio de um complicado jogo de espelhos, descobriu o esconderijo na cave da casinha de tijolos.

Um dia, a agência de investigações enviou-lhe um recorte de jornal. Era a notícia de um incêndio que irrompera numa cidadezinha de província. O Sr. Edwards analisou-a. Pareceu-lhe que o peito e o estômago se enchiam de chumbo derretido e que um véu vermelho lhe passava diante dos olhos. Ao seu amor juntou-se um medo autêntico: a mistura destes dois elementos produz um precipitado: a crueldade. Sentindo-se mal, cambaleou até ao divã do escritório e estendeu-se de barriga para baixo, encostando a testa ao coiro fresco. Durante um instante, ficou imóvel, quase sem respirar. Depois, gradualmente, fez-se luz. Tinha um gosto de sal na boca e sentia uma grande dor de fúria nos ombros. Mas

estava calmo e a mente ia percorrendo todos os recantos das suas intenções como o estreito fanal de uma lanterna vai iluminando todas as partes de uma casa às escuras. Entrou lentamente em ação e fez a mala como costumava fazer sempre que partia em viagem de inspeção: camisas lavadas e roupa de baixo, camisa de noite e peúgas, e o pesado chicote enrolado no fundo da mala.

Com um andar pesado, atravessou o jardimzinho defronte da casa de tijolos e tocou à porta.

Catherine respondeu imediatamente. Estava de casaco e de chapéu.

— Oh! que pena! — disse ela. — Ia sair.

O Sr. Edwards largou a mala. — Não — disse ele.

Ela observou-o. Tinha qualquer coisa de mudado. Empurrou-a e encaminhou-se para a cave.

— Aonde vais? A voz dela era aguda. Ele não respondeu. Pouco depois, voltou a aparecer com uma caixinha de carvalho que meteu na mala.

— Isso é meu — disse ela de mansinho.

— Eu sei.

— Que tens tu na ideia? — Pensei que poderíamos ir fazer uma viagemzinha.

— Onde? Eu não posso ir.

— A uma cidade do Connecticut. Tenho de lá ir arrumar um negócio.

Disseste-me que querias trabalhar. Pois vais trabalhar.

— Não quero. Tu não podes obrigar-me. Vou chamar a polícia.

Perante o sorriso dele, Catherine recuou. O sangue latejava nas fontes do Sr. Edwards.

— Talvez queiras regressar à cidade onde nasceste? Houve lá um incêndio, há alguns anos. Recordas-te desse incêndio? Ela perscrutou-lhe o rosto, procurando um ponto fraco. Mas os olhos dele nada exprimiam.

— Que queres tu que eu faça? — perguntou ela lentamente.

— Vem comigo. Tu disseste que querias trabalhar.

Ela não conseguia imaginar um plano de evasão. Tinha de o seguir e aguardar uma oportunidade. Não estaria sempre vigiada. Talvez fosse perigoso tentar escapar-lhe agora. Era melhor ir com ele. Sempre pegava. Sempre tinha pegado. Mas Catherine tornava a pensar na frase que ele pronunciara e tinha medo.

Chegaram ao crepúsculo. Subiram a escura rua única da cidadezinha e encontraram-se no campo. Catherine estava desconfiada. Não sabia o que ia fazer. No saco, levava uma faca de lâmina afiada.

O Sr. Edwards julgava saber o que ia fazer. Ia zurzi-la, metê-la num dos quartos da estalagem, açoitá-la de novo, conduzi-la para outra cidade, e assim de seguida até que já não prestasse para nada. Então, desembaraçar-se-ia dela. A polícia local logo tomaria conta dela. E não tinha medo da faca. Já sabia.

A primeira coisa que fez quando se detiveram num sítio sossegado, entre um muro de pedra e uma ala de cedros, foi arrancar-lhe o saco e atirá-lo por cima da parede. Isto quanto à faca. Mas já não tinha a mesma confiança em si mesmo, pois durante toda a sua vida nunca estivera apaixonado. Pensava que tinha apenas a intenção de a castigar. Após as duas primeiras chicotadas, verificou que o chicote não era suficiente. Atirou-o para o chão e serviu-se dos punhos, respirando ruidosamente.

Catherine não queria obedecer ao pânico. Procurou evitar os punhos ou, pelo menos, amortecer as pancadas. Mas o medo apoderou-se dela e tentou fugir. Ele agarrou-a de um salto, atirou-a ao chão e os punhos já não lhe chegavam. Apanhou uma pedra e deixou-se submergir por uma grande vaga vermelha.

Mais tarde, contemplou o rosto desfeito. Escutou o coração e não ouviu nada além das pancadas do seu. Dois pensamentos completos e separados lhe assaltaram o cérebro; um era: “Tenho de a enterrar, tenho de fazer um buraco e metê-la lá dentro”; o outro gritava como um pensamento de criança: “Não posso. Não posso tocar nela”. Depois, o mal-estar que se segue à loucura desceu sobre ele. Fugiu a correr, deixando atrás de si a mala, o chicote e a caixa. Partiu cambaleando no crepúsculo, perguntando a si mesmo onde poderia esconder a sua infelicidade durante uns momentos.

Nunca lhe fizeram nenhuma pergunta. Após uma doença, que a mulher curou com ternos cuidados, regressou aos negócios e nunca mais se deixou aproximar pela loucura do amor. “Um homem que não aprende nada com a experiência. É um imbecil”, dizia ele. A partir desta altura, teve por si mesmo uma espécie de respeito feito de medo, pois aprendera que tinha em si o desejo de matar.

Se não matara Catherine, fora por acaso. Todas as pancadas tinham essa finalidade. Ela ficou muito tempo inconsciente e mais tempo, ainda, semiconsciente. Sentiu que tinha o braço partido e que precisava de auxílio se não quisesse morrer. Foi a sua vontade de viver que lhe deu forças para se arrastar pela estrada sombria. Parou diante de um portal e subiu todos os degraus antes de desmaiar. Os galos cantavam nas cercas e a Leste um traço cinzento anunciava a madrugada.

Capítulo X

1

Quando dois homens vivem juntos, geralmente mantêm uma espécie de tensa polidez resultante de uma raiva incipiente e mútua. Dois homens sós estão sempre à beira da luta e sabem-no muito bem. Adam Trask ainda não se encontrava há muito tempo em casa quando a situação começou a tornar-se tensa. Os dois irmãos viam-se demasiado e davam-se com pouca gente de fora.

Durante alguns meses entretiveram-se a recuperar o dinheiro de Cyrus e a pô-lo a render. Foram de viagem até Washington para deitarem uma vista de olhos ao túmulo, uma bela pedra encimada por uma estrela de bronze munida de um buraco para introduzir o pau de uma bandeirinha nos dias de festa. Os dois irmãos recolheram-se demoradamente sobre a campa e depois foram-se embora sem tornar a falar no pai.

Se Cyrus fora desonesto, soubera fazer bem as coisas. Ninguém fez perguntas acerca do dinheiro. Mas Charles continuava a não pensar noutra coisa.

De regresso ao rancho, Adam perguntou-lhe: — Porque não compras fatos novos? És rico e ages como se tivesses receio de gastar um tostão.

— É assim mesmo — disse Charles.

— Por quê? — Talvez tenha de o devolver.

— Continuas a pensar nisso? Se tivesse de se passar alguma coisa, não achas que já nos teria chegado aos ouvidos? — Não sei — disse Charles. — Prefiro não tocar no assunto.

Mas nessa mesma noite, voltou a falar no assunto.

— Há uma coisa que me preocupa — começou.

— Por causa do dinheiro?

— Sim. Quando se ganha tanto dinheiro, deixa-se vestígio.

— Que queres dizer?

— Ora, o que há de ser? papéis, contas, recibos, apontamentos, números.

Vimos todos os papéis do pai e não encontramos nada disso.

— Talvez os tivesse queimado.

— Quem sabe? — disse Charles.

Os dois irmãos respeitavam um horário estabelecido por Charles e que nunca variava. Charles acordava às quatro e meia em ponto, como se o pêndulo do relógio lhe tivesse feito sinal. Na realidade, despertava uma fração de segundo antes das quatro e meia; já tinha os olhos abertos antes de soar a meia hora. Ficava um instante imóvel, sondando a escuridão e coçando a barriga. Depois, estendia a mão para a mesa de cabeceira e, com um gesto preciso, apanhava a caixa de fósforos. Riscava um e deixava arder a chama azul até pegar bem. Só então acendia a vela. Afastava o cobertor e levantava-se. Usava ceroulas que faziam bolsas nos joelhos e chegavam até aos calcanhares. Bocejando, arrastava-se até à porta, abria-a e gritava: — Adam, são quatro e meia. Toca a levantar!

A voz de Adam resmungava: — Sempre és muito teimoso!

— São horas de te levatares.

Adam enfiava as calças e apertava-as na cintura. — Não precisa levantar, és rico. Podes ficar todo o dia na cama.

— E tu? Todos os dias nos obrigas a levantar antes de nascer o sol.

— Não tens necessidade de te levantar — repetia Charles. — Mas se queres tornar-te lavrador, tem de ser assim. E Adam acrescentava, aborrecido: — Pois é. E quanto mais terras comprarmos, mais trabalho teremos.

— Não faças caso — redarguiu Charles. — Se é isso que te apetece, torna a meter-te na cama.

E Adam respondia: — Tenho a certeza de que não conseguias dormir se ficasses na cama. E sabes de que mais tenho a certeza? De que te levantas porque tens vergonha e depois convences-te de que tens vontade. Charles encaminhava-se para a cozinha e acendia o candeeiro.

— Não se fica na cama quando se é lavrador.

Mexia o carvão, rasgava um pedaço de papel, punha-o em cima das brasas e soprava até haver chama. Adam observava-o da porta.

— Até poupas os fósforos.

— Não te metas onde não és chamado. E não me chateies, Adam.

— Está bem. Chego a desconfiar de que estou a mais.

— Podes desconfiar à vontade. Se queres ir embora, vai.

Este gênero de discussão era idiota, mas Adam nada podia fazer para a evitar. Um dia, apesar dos seus esforços, não se conteve e gritou palavras injuriosas: — Vou-me embora, vou, mas só quando me apetecer. Esta casa é tanto tua como minha.

— Então por que não queres trabalhar?

— Valha-me Deus! Não vale a pena discutir e perder a calma.

— Não sou eu quem anda a provocar — disse Charles. Encheu duas tigelas com café morno e pô-las em cima da mesa. Os dois irmãos sentaram-se. Charles barrou uma fatia de pão com manteiga, depois, com a ponta da faca, tirou doce que estendeu no pão. Quando tornou a servir-se de manteiga, sujou-a de doce.

— Mas que raio! Não podias limpar a faca? Olha para a manteiga!

Charles deixou cair a faca e o pão em cima da mesa e pousou as mãos, uma de cada lado da tigela. — Era melhor que te fosses embora.

Adam ergueu-se. — Preferia viver numa pocilga — disse ele. E saiu de casa. Passaram-se oito meses antes que Charles tornasse a ver o irmão. Voltava do trabalho no campo quando encontrou Adam lavando rosto e cabelo na pia da cozinha.

— Viva! — disse Charles. — Como tens passado?

— Vai-se andando — respondeu Adam.

— Onde estiveste?

— Em Boston.

— Só?

— Pois. Andei a ver a cidade.

2

Os dois irmãos recomeçaram a vida em comum, mas ambos tomaram precauções para não se zangarem. Num certo sentido, cada um deles protegia o outro, salvando-se assim a si próprio. Charles, o primeiro a levantar-se, preparava o pequeno almoço antes de acordar Adam. Adam limpava a casa e fazia as contas. Viveram assim dois anos até que a cólera venceu de novo.

Numa noite de inverno, Adam, que fazia contas, ergueu a cabeça.

— A Califórnia é estupenda. No inverno faz bom tempo. Não há nada que se semeie que não cresça.

— E depois de crescer, o que é que se lhe faz?

— E o trigo? Cultivam muito trigo na Califórnia.

— A ferrugem dá cabo de tudo.

— Por que é que dizes isso? Ouve, Charles, na Califórnia as coisas crescem tão depressa que, quando se plantam, tem de se recuar logo a correr se não se quer levar uma pancada nos queixos.

— Por que não vais para lá, então? Quando quiseres, compro a tua parte.

Adam manteve-se calmo. Mas no dia seguinte de manhã, enquanto se penteava diante do espelhinho, voltou à vaca-fria: — Não há inverno na Califórnia. Há primavera todo o ano.

— Eu gosto do inverno — disse Charles.

Adam dirigiu-se para o fogão. — Não te irrites.

— Então não te metas comigo. Quantos ovos queres?

— Quatro — disse Adam.

Charles pegou em sete ovos e pô-los em cima da mesa. Depois acendeu o lume com gravetos e, assim que a chama ficou suficientemente forte, cobriu-a com a frigideira. Sempre que cozinhava, perdia o ar pachorrento.

— Não sei se já notaste, mas sempre que abres a boca é para falar na Califórnia. Desejas, de fato, ir para lá? Adam soltou um risinho.

— Isso gostava eu de saber. Mas não sei. É como quando acordo de manhã. Não consigo levantar-me apesar de não ter vontade de ficar na cama.

— As ondas que tu fazes por uma coisa que não vale nada! — disse Charles. Adam prosseguiu: — Já no quartel era a mesma coisa: não havia manhã em que o raio do clarim não tocasse. E eu jurava por todos os santos que, quando saísse da tropa, havia de dormir todos os dias até ao meio-dia. E aqui até me levanto meia hora antes do toque de alvorada. Charles, não serás capaz de me dizer porque é que nós trabalhamos? — Quando se é lavrador, não se pode ficar na cama.

Charles mexeu o toucinho com um garfo.

— Vê se encaras as coisas — continuou Adam com fervor. — Não temos filhos e mulher ainda menos. E, por este andar, nunca mais teremos. Não temos tempo para procurar mulher, mas temos tempo para pensar em comprar a quinta dos Clark se o preço nos convier.

— É uma bela terra — retorquiu Charles. — A nossa e a deles reunidas dariam um dos melhores ranchos da região. Ouve lá, tens intenção de casar? — Não tenho. E é por isso mesmo que te estou a falar. Já não faltam muitos anos para que a gente fique com o melhor rancho da região. Mas não passaremos de dois velhos imbecis que dão cabo dos costados para valorizar a melhor propriedade das redondezas. E depois há de morrer um de nós, e o melhor rancho da região ficará a pertencer a um só velho imbecil. E depois, morre este...

— Porque falas nisso? — perguntou Charles. — Nunca temos sossego. Vai chatear outro. Diz lá o que te anda a remoer? — Aborreço-me. Ou, pelo menos, não me divirto. O trabalho que tenho não está em relação com o que

consigo obter. Eu, que não tenho necessidade de trabalhar! — Porque não largas tudo da mão? — berrou Charles. — Porque não te vais embora? Ninguém te prendeu. Vai para os Mares do Sul deitar-te numa rede, se é isso que queres.

— Não leves as coisas para esse lado. É como de manhã. Não quero levantar-me e não quero ficar deitado. Eu não quero ficar aqui e também não me quero ir embora.

— Dás comigo em doido — disse Charles.

— Pensa bem. Tu gostas de estar aqui? — Gosto.

— E tencionas viver aqui toda a vida? — Tenciono.

— Oh, meu Deus! Quem me dera que as coisas comigo se passassem com a mesma facilidade. Que julgas tu que eu tenho? — Estás com febre! Vai esta noite à estalagem, que te pões logo bom.

— Pode ser. Mas uma puta não me diz nada.

— Tanto faz — disse Charles.— Se fechares os olhos, não notas a diferença.

— Alguns camaradas do regimento tinham uma squaw. Eu também tive uma. Charles, interessado, aproximou-se.

— O pai havia de dar uma volta na tumba se soubesse que tu Dormiste com uma índia. Como foi?

— Bem bom. Lavava e passava a roupa e cozinhava um pouco.

— Referia-me ao resto. Como era? — Era bom. Sim, era bom. No gênero meigo e delicado. Terno e delicado.

— Tiveste muita sorte em ela não te ter espetado uma faca nas costas enquanto dormias.

— Agora! Era tão meiga! — Estás com um olhar muito esquisito. A tal squaw parece que te agradava? — Ai não! — respondeu Adam.

— Que lhe aconteceu? — Varíola.

— E não arranjaste outra?

O olhar de Adam era doloroso.

— Puseram-nos em monte como achas, mais de duzentos, com os braços e as pernas muito esticados. Depois cobriram tudo com mato e com petróleo.

— Ouvi dizer que eles não resistiam à varíola.

— Mata-os — disse Adam. — O teu toucinho está a esturrar. Charles voltou-se rapidamente para a frigideira. — Está como eu gosto: torriscado.

Dispôs o toucinho num prato e partiu os ovos na gordura quente que espirrou. As claras escureceram nos bordos e puseram-se a crepitar.

— Havia também uma professora primária — disse Charles. — Tu nunca viste nada tão bonito. Tinha uns pés muito pequeninos e vestia-se em Nova York. Os cabelos eram loiros. Tu nunca viste uns pés tão pequenos. E também sabia cantar. No coro. Toda a gente passou a ir à igreja, e era cada aperto que tu nem queiras saber. Já lá vai bastante tempo.

— Foi nessa altura que tu me escreveste que te querias casar?
Charles forçou um sorriso:

— Evidentemente. Nessa altura, não houve nenhum tipo a quem não desse a febre de casar.

— Que foi feito dela? — Sabes o que são as coisas. A presença dela não agradava às outras mulheres. Fizeram uma reunião e, em menos de dois tempos, puseram-na a andar. Disseram-me que usava combinações de seda. Dava demasiado nas vistas. O conselho disciplinar pô-la na rua mesmo no meio de um trimestre. Uns pés que não eram maiores do que isto. E mostrava os tornozelos como se fosse por distração. Estava sempre a mostrar os tornozelos.

— Chegaste a dar-te com ela? — perguntou Adam.

— Não. Ia vê-la à igreja. Não imaginas como custava a entrar. Uma moça daquelas está a mais numa cidade pequena. Deixa as pessoas embaraçadas e só causa sarilhos.

— Recordas-te da filha dos Samuels? — perguntou Adam. Era bonita a valer. Que foi feito dela? — O mesmo. Só arranjava sarilhos. Foi-se embora. Disseram-me que estava em Filadélfia e que era costureira. Contaram-me que chegava a pedir dez dólares por cada vestido.

— Talvez também fosse melhor a gente ir-se embora daqui — disse Adam.

— Continuas a pensar na Califórnia? — Parece que sim.
Charles estourou:

— Tu vais já desaparecer daqui! — gritou ele. — Vais pôr-te a mexer! Compro a tua parte, ou vendo a minha, ou faço o que quiseres, mas desaparece, filho de uma grand... — Deteve-se. Eu não queria dizer isto, mas tu pões-me fora de mim.

— Deixa, que eu vou-me embora.

Três meses depois, Charles recebeu um bilhete-postal colorido representando a baía do Guanabara. Nas costas, Adam escrevera com um aparo de má qualidade: “Aqui é verão. Em casa é inverno. Porque não vens até cá?” Passados seis meses, chegou outro postal, datado de Buenos Aires: “Meu caro Charles, não imaginas como isto é grande. Falam francês e espanhol. Mande-te um livro.” Mas não recebeu nenhum livro. Charles esperou-o durante todo o inverno seguinte e uma boa parte da primavera. E, em vez do livro, foi Adam quem chegou. Estava queimado e os fatos tinham um corte estrangeiro.

— Como vai isso? — perguntou Charles.

— Vai-se escapando. Recebeste o livro? — Não.

— Gostaria de saber o que lhe aconteceu. Tinha ilustrações.

— Vens para ficar? — Acho que sim. Depois te conto como é aquilo por lá.

— Não estou interessado — disse Charles.

— Caramba, és muito mesquinho.

— Estou a ver tudo a voltar à mesma. Deixas-te ficar um ano ou dois e, depois, comesas a ficar nervoso e a pôr-me nervoso. Voltaremos a detestar-nos e a tratar-nos com deferências idiotas — e não há nada pior. E, depois, um dia, explodimos, tu vais-te embora mais uma vez, depois voltas e a dança continua.

Adam interrompeu: — Tu não queres que eu fique?

— Claro que quero. Fazes falta quando não estás. Mas, seja como for, já sei como as coisas se passarão.

E tudo se passou como fora previsto. Durante algum tempo, falaram das velhas recordações, lembraram as épocas em que tinham vivido separados e, depois, voltaram a cair nos longos silêncios odiosos, nas horas de trabalho sem uma palavra, na cortesia agressiva, nos ataques de raiva. O tempo não tinha fronteiras e, portanto, parecia-lhes que nunca mais passava.

Uma noite, Adam disse: — Estou quase com trinta e sete anos. É metade de uma vida.

— Pronto — acrescentou Charles. — Só falta dizeres-me que estragaste a tua vida. Ouve, Adam, e se nós evitássemos zangar-nos desta vez? — Que queres dizer? — Se cada um mantém a sua posição, vamos discutir durante três ou quatro semanas para preparar a tua partida. Se te apetece viajar, não poderias ir-te embora e evitar os aborrecimentos do costume? Adam desatou a rir e a tensão diminuiu.

— Tenho um irmão que não é nada idiota. Muito bem. Quando começar a sentir cócegas nos pés, vou-me embora sem procurar um pretexto. Acho

preferível assim. Tu estás a ficar rico, não é verdade, Charles? — Cá me vou defendendo. Mas não sou rico.

— Não és rico ao ponto de teres comprado quatro casas e a estalagem da aldeia? — Até esse ponto, não sou.

— No entanto, é a verdade. Charles, tu tens o melhor rancho das redondezas. Porque não havemos de construir uma nova casa? Com banheira, água corrente, latrina e tudo. Nós já não somos pobres. Diz-se que tu és o homem mais rico da região.

— Não precisamos doutra casa — resmungou Charles.— Põe de parte as tuas ideias de luxo.

— Seria agradável poder ir à retrete sem ter de sair de casa.

— Não insistas, já te disse.

Adam prosseguiu: — Talvez eu mande construir uma casinha para mim do outro lado da mata. Que te parece? Assim já não nos enervávamos um com o outro.

— Não quero outra casa aqui. A metade me pertence.

— Compro a tua parte.

— Não sou obrigado a vender.

Os olhos de Charles fuzilaram. — Queimo-te a tua casa.

— Eras capaz disso — disse Adam, caindo em si. Isso é o que eras. Por que estás a me olhar desse modo?

Charles disse lentamente: — Tenho pensado muito no caso e esperava que voltasses a tocar nele. Mas vejo que não posso contar com isso.

— Com o quê?

— Recordas-te do telegrama em que me pedias cem dólares?

— Não me havia de recordar? Salvaste-me a vida. Por quê?

— Nunca me devolveste esse dinheiro.

— Estava convencido que sim.

— Podes crer-me.

Adam olhou para a velha mesa onde Cyrus se sentara, batendo na perna de pau com a bengala. Pendia do teto o mesmo candeeiro de petróleo, derramando uma luz amarela e tremelicante.

Adam disse lentamente: — Amanhã dou o dinheiro.

— Tiveste todo o tempo que quiseste para pagar.

— Bem sei, Charles. Devia ter-me lembrado.

Deteve-se, pensativo, e acabou por dizer: — Sabes por que precisava desse dinheiro?

— Nunca te perguntei.

— E eu nunca te disse. Talvez tivesse vergonha. É que eu estava preso e fugi.

Charles abriu a boca. — Que estás dizendo?

— Vou contar. Eu andava por aí e fui caçado por vadiagem. Condenaram-me a seis meses de trabalhos forçados numa estrada e, à noite, dormia com grilhões nos pés. Depois de ter cumprido seis meses, fui novamente apanhado. É assim que se constroem as estradas. Três dias antes do fim do segundo período de seis meses, escapei. Fui para a Geórgia, roubei roupa numa loja e mandei o telegrama.

— Não acredito no que estás dizendo — disse Charles. — Ou por outra, acredito. Tu nunca mentes. Acredito, sim. Por que não me disseste logo?

— Talvez tivesse vergonha. Mas ainda tenho mais vergonha de não te ter pago.

— Não penses mais nisso — disse Charles. — Nem sei por que toquei no assunto.

— Ah! isso não. Pago amanhã de manhã.

— Raios me partam! — disse Charles. — Um irmão na gaiola!

— Não vale a pena estares com um ar tão satisfeito.

— Não sei porquê — disse Charles —, mas até me sinto orgulhoso. O meu irmão na cadeia! Diz uma coisa, Adam, por que esperaste até faltarem três dias para te soltarem, para dares o salto?

Adam sorriu. — Tinha dois ou três motivos. Receava que, cumprindo toda a pena, voltassem a me prender. E imaginava que, se esperasse o mais possível, não despertaria desconfiança

— É sensato. Mas não disseste que tinhas outra razão?

— Tinha, e era a mais importante. E a mais difícil de explicar. Tinha uma dívida de seis meses. Era a sentença. Não queria fazer besteira. Assim, só lhes roubei três dias.

Charles desatou a rir. — És mesmo doido — disse ele com afeição. — Mas acabaste de me dizer que assaltaste uma loja.

— Mandei-lhes o dinheiro com dez por cento de juros.

Charles inclinou-se para a frente. — Fala das estradas, Adam.

— Está bem, Charles, está bem.

Capítulo XI

1

Desde que soube que o irmão estivera preso, Charles mostrou-lhe uma espécie de deferência. Nutria pelo irmão o sentimento caloroso que só se tem por um ser imperfeito; o ódio perde a razão de ser. Adam aproveitou-se das circunstâncias e tentou seduzir Charles.

— Já pensaste que temos dinheiro que chegue para fazermos tudo o que nos apetece? — E o que é que nos apetece? — Podíamos ir à Europa, visitar Paris.

— O que é isto?

— O quê?

— Pareceu-me ouvir alguém lá fora.

— Deve ser um gato.

— Pois deve. Temos que matar alguns.

— Podíamos ir ao Egito, ver a Esfinge.

— Também podíamos ficar aqui e gastar o dinheiro como deve ser. E podíamos, principalmente, agarrar-nos ao trabalho e tratar de não perder o dia. Ah! raios partam os gatos! Charles correu para a porta, escancarou-a e berrou: — Desapareçam da minha vista! Depois, ficou silencioso e Adam notou que ele observava qualquer coisa na escada. Aproximou-se.

Uma trouxa suja de farrapos e de lama tentava escalar os degraus. Uma mão magra agarrava-se a eles enquanto a outra pendia tristemente. A forma tinha um rosto inchado onde brilhava um olhar através das pálpebras negras. Os lábios estavam gretados, a testa rachada; dos cabelos colados escorria sangue.

Adam desceu a escada e ajoelhou ao lado do corpo.

— Ajuda-me — disse. — Vamos levá-la para dentro. Cautela com o braço dela. Parece estar quebrado.

Ela desmaiou assim que a pegaram.

— Vamos metê-la na minha cama — disse Adam. — Era bom que fosses buscar o médico.

— Não achas que seria melhor levá-la a casa dele?

— Levá-la? Estás doido.

— Não estou tanto como tu. Pensa bem.

— Pensar bem, em quê?

— Dois homens sós com isto em casa!

Adam estava escandalizado. — Não pensas no que estás a dizer?

— Por isso mesmo. Era melhor levá-la daqui. Em menos de duas horas, toda a gente fica a saber. Quem é ela? Como veio cá parar? Que lhe aconteceu? Adam, olha que é um grande risco.

Adam respondeu friamente: — Se não fores já chamar o médico, vou eu e deixo-te só com ela.

— Acho que cometes um erro. Eu vou, mas havemos de pagar caro.

— Pois paga-se — disse Adam. — Vai.

Depois de Charles se ter ido embora, Adam foi à cozinha e encheu uma bacia de água quente. Depois, regressou ao quarto, pegou num lenço, molhou-o na água e limpou a crosta de sangue e de lama que maculava a cara da mulher. Ela recuperou os sentidos e contemplou-o com os olhos azuis. De repente, Adam recordou-se — era aquele quarto, aquela cama. A madrastra estava ao pé dele, com uma toalha úmida na mão, e a água ao penetrar nas chagas despertava um formigueiro. Então ela repetira várias vezes a mesma coisa. Ele ouviu mas não conseguiu recordar-se do sentido das palavras.

— Vai ficar boa — disse ele à moça. — Estamos à espera do médico. Ela remexeu os lábios.

— Não tente falar. Não diga nada.

Enquanto continuava a limpar suavemente as feridas, sentia-se invadido por um enorme calor.

— Pode ficar aqui o tempo que quiser. Eu trato de si. Torceu o lenço, umedeceu o coiro cabeludo e descolou os cabelos pegados às feridas.

Como se fosse um espectador estranho, Adam ia ouvindo o que dizia enquanto trabalhava: — Aqui, faz doer muito? Pobres olhos! Depois tapam-se com papel pardo para a luz não magoar. Não há de ter importância. O golpe na testa é profundo e é capaz de deixar cicatriz. Pode dizer-me o seu nome? Não, não é preciso. Temos muito tempo, muitíssimo tempo. Está a ouvir? É o carro do médico. Veio depressa não veio? — Adam dirigiu-se para a porta da cozinha.

— Aqui, doutor, ela está aqui.

2

Ela ficara muito maltratada. Se já existisse a radiografia, o médico teria certamente descoberto uma coisa muito diferente, mas o que encontrou foi suficiente. Tinha o braço esquerdo, três costelas, o maxilar e o crânio fraturados. Três dentes do maxilar inferior esquerdo estavam partidos. O coiro cabeludo fora

rasgado e a pele da testa estava cortada até ao osso. Era tudo o que o médico podia descobrir. Pôs-lhe talas nos braços, ligou-lhe o tórax e suturou o ferimento da testa. Dobrou uma pipeta na chama de uma lâmpada de álcool e introduziu-a na boca, no sítio onde faltavam os dentes para que a doente pudesse beber e absorver alimentos líquidos sem mover a maxila fraturada. Aplicou-lhe uma boa dose de morfina, colocou um frasco de pílulas de ópio em cima da mesa de cabeceira, lavou as mãos e vestiu o casaco. A paciente já dormia.

Na cozinha, sentou-se à mesa e bebeu o café quente que Charles lhe oferecia.

— O que foi que aconteceu? — perguntou.

Charles respondeu com brutalidade: — Como quer que a gente saiba? Estava em nossa porta. Se quiser ver, vá olhar o rastro que ela deixou quando se arrastava para aqui.

— Sabem quem é?

— Não.

— Você, que costuma ir à estalagem, sabe se ela faz parte daquelas mulheres?

— Há bastante tempo já que lá não vou. Seja como for, no estado em que se encontra...

O médico virou-se para Adam.

— Já a tinha visto?

Adam abanou lentamente a cabeça. Charles perguntou com secura: — Aonde quer chegar?

— Vou dizer-lhes, já que interessa. Esta mulher não caiu numa debulhadora, apesar de ser o que parece. Isto é obra de um homem que não gostava dela. Se querem que seja franco, alguém tentou matá-la.

— Interrogue-a — disse Charles.

— Não poderá falar senão daqui a muito tempo. E depois só Deus sabe se conseguirá lembrar-se dalguma coisa com aquela fratura do crânio. Eis aonde eu queria chegar: acham que devo prevenir o xerife?

— Não.

A resposta de Adam foi tão brutal que os dois homens se voltaram para ele.

— Deixe-a em paz. Deixe-a descansar.

— Quem tomará conta dela?

— Eu — disse Adam.

— Ouça... — começou Charles.

— Não te metas nisto.
— Estou tanto em minha casa como tu.
— Queres que me vá embora?
— Não queria dizer isso.
— Se ela se for embora, eu vou com ela.
— Acalmem-se — disse o médico. — Não vale a pena ficarem nesse estado.

— Nem um cão ferido eu poria na rua.
— Nem ficaria nesse estado. Está tentando esconder alguma coisa? Saiu ontem à noite? Foi você que fez aquilo?

— Ele passou a noite aqui — disse Charles. — Ronca como uma locomotiva.

— Por que não a deixam em paz? — disse Adam. — Deixem-na ficar boa.

O médico ergueu-se e esfregou as mãos.

— Adam — disse — o seu pai era um dos meus melhores amigos. Conheço-o a si e à sua família. Você não é idiota mas parece não compreender certas coisas. Tem de se lhe falar como a uma criança. Esta moça foi violentada e o culpado tentou matá-la. Se não disser nada ao xerife, infrinjo a lei. Admito já ter contornado a lei várias vezes, mas desta vez quero conformar-me com ela.

— Então, vá preveni-lo. Mas ele que não a venha maçar até ela se pôr boa.

— Não tenho o hábito de deixar maltratar os meus clientes — respondeu o médico. — Está resolvido a ficar com ela aqui?

— Estou.

— Como quiser. Volto amanhã. Ela vai dormir. Dê-lhe água e caldo quente pelo tubo, se ela pedir.

O médico saiu. Charles voltou-se para o irmão.

— Por amor de Deus, Adam, que foi que te deu?

— Deixa-me sossegado.

— Que tens tu?

— Deixa-me sossegado, estás a ouvir? Estou a pedir-te para me deixares sossegado.

— Valha-me Deus! — exclamou Charles. E cuspiu no chão. Depois dirigiu-se para o trabalho, inquieto e contrariado.

Adam estava satisfeito por ele se ter ido embora. Andou às voltas pela cozinha, lavando a louça e varrendo o chão. Quando ficou tudo arrumado, foi até

ao quarto e puxou uma cadeira para o pé da cama. A moça ressonava ruidosamente, sob a influência da morfina. O inchaço do rosto diminuía, mas os olhos continuavam tumefactos e cercados de negro. Adam sentou-se junto dela, imóvel, e contemplou-a. O braço partido estava dobrado em cima do estômago, mas o braço direito repousava na colcha, com os dedos levemente encolhidos. Era uma mão de criança, quase de bebê. Adam tocou no pulso febril e os dedos estremeceram. Então, com mil cuidados, como se tivesse medo de ser surpreendido, tocou na ponta dos dedos. Eram rosadas e macias, mas as costas da mão tinham transparências de nácar. Adam sorriu afetuosamente. Ela parou de respirar e ele ficou alerta. Depois, ela engoliu a saliva enquanto recomeçava o rressonar ritmado. Adam ergueu delicadamente a mão e tapou-a. Depois saiu do quarto na ponta dos pés.

Durante numerosos dias, Cathy repousou no seu subterrâneo de ópio. Estava envolta numa carapaça de chumbo e mexia-se muito pouco por causa da dor. Mas sentia os movimentos à roda dela. Gradualmente, a cabeça e o olhar foram-se tornando mais claros. Havia dois rapazes em casa: um entrava raramente no quarto; o outro, muitas vezes. Também vinha outro homem: era o médico. Quanto ao quarto, alto e magro, interessava-a mais do que todos os outros, pois metia-lhe medo. Um medo nascido durante o seu longo sono artificial.

Muito lentamente, foi recordando os dias precedentes e colocando os acontecimentos pela devida ordem. Tornou a ver o Sr. Edwards e a loucura assassina que lhe deformava o plácido rosto. Nunca tivera tanto medo na sua vida, mas agora aprendera a saber o que era o medo. E o seu espírito andava às voltas, como um rato que procura um buraco por onde possa sair. O Sr. Edwards sabia tudo acerca do incêndio. Mais alguém saberia? Como viera ele a saber? Quando fazia estas interrogações, sentia-se dominada por um terror que lhe dava vontade de vomitar.

Pelo que ia ouvindo, soube que o homem alto era o xerife, que ele a queria interrogar e que o rapaz que se chamava Adam a tal se opunha. Talvez o xerife estivesse a par do incêndio...? Foi ao escutar uma conversa em voz alta que definiu a sua linha de conduta. O xerife dizia: — Ela deve ter um nome e alguém a deve conhecer.

— Mas como pode ela responder se tem a maxila partida?
Era a voz de Adam.

— Se ela não for canhota, podia escrever as respostas. Não sei se compreende,

Adam, se alguém tentou matá-la mais vale prendê-lo enquanto é tempo. Dê-me um lápis que eu vou tentar falar com ela.

— Ouviu o que disse o médico.? Ela tem uma fratura no crânio — teimou

Adam. — Talvez não se recorde de nada.

— Dê-me lápis e papel e depois se vê.

— Não quero que a incomode.

— O que você quer não me interessa. Dê-me papel e lápis.

Depois a voz do outro homem disse: — Mas que tens tu? Quem te ouvisse diria que és tu o culpado. Dá-lhe um lápis.

Quando os três homens entraram no quarto sem fazer barulho, Cathy tinha os olhos fechados.

— Está dormindo — murmurou Adam.

Ela abriu os olhos e contemplou-os.

O magricela aproximou-se da cama.

— Eu não queria incomodá-la. Sou o xerife. Sei que não pode falar, mas talvez possa escrever?

Ela tentou dizer que sim e fez uma careta de dor. Fechou rapidamente as pálpebras em sinal de assentimento.

— Boa pequena — disse o xerife.— Como viram, está de acordo.

Pousou o bloco de papel em cima da cama e colocou os dedos da doente em torno do lápis.

— Ora muito bem. Como se chama? Os três homens não desviavam o olhar de Cathy. A boca contraiu-se e as pálpebras franziram-se. Depois, Cathy fechou os olhos e o lápis principiou a mover-se. “Não sei”, surgiu em grandes letras desajeitadas no papel.

— Aqui tem outra folha. De que se lembra?

“Tudo negro. Não posso pensar”, escreveu o lápis, cobrindo toda a folha.

— Não se recorda do seu nome? De onde veio? Pense!

Ela pareceu estar às voltas com um violento conflito interior, depois o rosto exprimiu uma trágica renúncia. “Não. Tudo confuso. Ajude-me.”

— Pobre pequena — disse o xerife. — Obrigado por ter tentado. Quando estiver melhor, faremos uma nova tentativa. Não, não é preciso escrever mais nada.

O lápis escreveu: “Obrigada”, e caiu dos dedos.

Cathy conquistara o xerife, que passara para o lado de Adam. Só Charles continuava contra ela. Quando os dois irmãos estavam no quarto e a ajudavam a levantar-se para se sentar na poltrona, ela observava o rosto soturno de Charles.

Havia nele qualquer coisa que ela reconhecia, que a deixava preocupada. Muitas vezes, Charles levava a mão à cicatriz e esfregava-a percorrendo a costura com os dedos. Certa vez, surpreendeu Cathy entretida a observá-lo. Charles deitou um olhar culpado aos dedos e, depois, disse com brutalidade: — Não se rale. Há de ter uma também e talvez ainda seja mais bonita.

Ela sorriu-lhe. Ele desviou os olhos. Quando Adam entrou com a sopa, Charles disse: — Vou à cidade beber umas cervejas.

3

Adam não se recordava de já ter sido tão feliz. Não o preocupava o fato de ignorar o nome da doente. Ela dizia chamar-se Cathy e isso lhe bastava. Cozinhava para Cathy, empregando receitas da mãe ou da madrastra.

Cathy possuía uma grande vitalidade. Recuperou as forças rapidamente. O inchaço da cara desapareceu e o encanto da convalescença embelezou-lhe o rosto. Dentro de pouco tempo já podia sentar-se, abrir e fechar a boca com cuidado e absorver alimentos que não exigissem um excessivo trabalho de mastigação. A testa continuava ligada mas o resto da cara pouco sofrera, excetuando a cavidade no lado onde lhe faltavam os dentes.

Ela sentia-se desamparada e não encontrava uma saída para a sua situação. Cathy falava pouco, mesmo quando já não lhe custava tanto. Uma tarde, ouviu alguém a andar na cozinha e chamou: — É o Adam?

A voz de Charles respondeu: — Não, sou eu.

— Não se importa de vir até aqui um instantinho, por favor?

Emoldurado pela porta, Charles olhava-a com ar sombrio.

— Aparece muito pouco — disse ela.

— Lá isso é verdade.

— Não gosta de mim.

— Também é verdade.

— Pode dizer-me por quê?

A resposta veio dificilmente.

— Não tenho confiança em ti.

— Por quê?

— Não sei. Não acredito que tenha perdido a memória.

— Por que haveria de mentir?

— Não sei. E é por isso que não confio. Há qualquer coisa que julgo reconhecer...

— Nunca me viu na sua vida.

— Pode ser. Mas há qualquer coisa que me aborrece... não sei o quê. E como sabe que nunca a vi?

Ela ficou silenciosa e ele fez um movimento para sair.

— Fique — disse ela. — Que vai fazer?

— A respeito de quê?

— A meu respeito.

Ele olhou-a com interesse. — Quer a verdade?

— Que mais haveria de querer?

— Não sei, mas vou-lhe dizer. Vou jogá-la na rua assim que puder. Meu irmão ficou doido, mas hei de convencê-lo do que quero, nem que tenha de bater nele.

— Seria capaz disso? Ele é forte.

— Não tenho medo.

— Onde está o Adam?

— Foi à cidade comprar a porcaria dos teus remédios.

— Você é mau.

— Sabe o que penso? Que nem tenho metade da maldade que se oculta dentro dessa linda cabecinha. Parece-me que você é um demônio...

Ela riu suavemente. — Então somos dois — disse. — Charles, quantos dias me dá?

— Para quê?

— Para me pôr pra fora. Diga com toda a franqueza.

— Muito bem. Dou-lhe uma semana. Quando muito dez dias. Assim que puder andar.

— E se eu não quiser ir?

Charles olhou-a com desafio. Parecia sentir-se quase feliz à ideia de um combate.

— Ouça o que vou dizer. Quando estava cheia de remédios, falou como se estivesse sonhando.

— Não acredito no que diz.

Charles riu porque a boquinha franziu-se rapidamente.

— Pois não acredite. Se sair quietinha, não conto nada a ninguém. Senão, vou ter com o xerife.

— Não vejo o que possa ter dito de mal.

— Não estou aqui para discutir contigo. Tenho mais o que fazer. Fez-me uma pergunta e eu respondi.

Charles saiu. Atrás do galinheiro, desatou a rir e a dar palmadas nas pernas.

— Achei que fosse mais esperta.

Há muito tempo que não se sentia tão leve.

4

Cathy ficara com muito medo de Charles. Ele era da mesma raça que ela. Era a primeira vez que encontrava alguém que jogasse o mesmo jogo. Cathy podia seguir os pensamentos de Charles e não era caso para ficar tranquila. Sabia que ele não cairia nas suas ciladas. Ora ela precisava de ser protegida e de readquirir forças. Estava sem dinheiro e necessitava de um abrigo por bastante tempo. Sentia-se cansada e doente, mas já ia pensando no futuro. Adam voltou da cidade com uma garrafa de Mata-Dores.

— É muito amargo — disse ele — mas faz-lhe bem.

Ela engoliu sem protestar e nem sequer fez caretas.

— Tem sido muito bom para mim — disse ela. — Gostaria de saber por quê. Só lhe tenho dado aborrecimentos.

— Nada disso. Você veio encher a casa de sol e nunca se queixa apesar do muito que tem sofrido.

— Tem sido tão bom, tão amável.

— É porque quero.

— Precisa sair? Não pode demorar-se e conversar comigo? — Claro que posso. Não há nada que seja tão importante para mim.

— Aproxime uma cadeira, Adam, e sente-se.

Assim que Adam se sentou, ela estendeu-lhe a mão direita que ele aprisionou nas suas.

— Tão bom, tão amável — repetiu ela. — Adam, é capaz de manter uma promessa, não é? — Faço o possível. Porque me pergunta isso? — É que estou só e tenho medo — gemeu ela. — Tenho muito medo.

— Posso ajudá-la? — Ninguém me pode ajudar.

— Sempre posso tentar. Diga-me o que lhe mete medo.

— Aí é que está o pior. Nem sequer lho posso dizer.

— Por quê? Se for um segredo, não o conto a ninguém.

— É um segredo que não me pertence. — Os dedos apertaram a mão de Adam. Eu nunca perdi a memória.

— Então porque foi que... ? — É o que estou a tentar explicar-lhe. Gostava do seu pai, Adam? — O que sentia por ele era mais respeito do que amor.

— E não seria capaz de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para salvar alguém que respeitasse? — Acho que sim.

— Pois muito bem!, é esse o meu caso.

— Mas porque foi agredida? — Faz parte do segredo. É por isso que não posso dizer.

— Foi o seu pai? — Não. Mas está tudo relacionado.

— Quer dizer que, se denunciar aquele que a feriu, prejudica o seu pai? Cathy suspirou. Ele não precisava da ajuda de ninguém para construir uma história.

— Será capaz de ter confiança em mim, Adam? — Evidentemente.

— É um pedido terrível.

— Não é, se for para proteger o seu pai.

— O segredo não me pertence. Senão, já teria confiado.

— Compreendo perfeitamente. Eu teria agido da mesma maneira.

— Oh! é tão compreensivo.

Os olhos se encheram de lágrimas. Adam inclinou-se e ela beijou-o na face.

— Não se preocupe. Pode contar comigo para a defender.

Ela deixou cair a cabeça no travesseiro.

— Não poderá fazê-lo.

— Por quê? — Porque o seu irmão não gosta de mim. Ele quer mandar-me embora.

— Já lhe disse alguma coisa? — Ah! não, mas eu sinto-o. Ele não é tão compreensivo como você.

— Mas tem bom coração.

— Bem sei. Mas não tem a sua delicadeza. E se eu tiver de me ir embora, o xerife há de querer fazer-me perguntas e não terei quem me defenda. Adam olhou fixamente no vazio.

— O meu irmão não pode obrigá-la a partir. Metade desta quinta é minha e tenho dinheiro só meu.

— Se ele o exigir, ir-me-ei embora. Não desejo estragar-lhes a vida.

Adam levantou-se e saiu rapidamente do quarto. Foi até à porta das traseiras e encheu os olhos com o espetáculo da tarde. Lá longe, no campo, o irmão apanhava pedras e empilhava-as no muro. Adam observou o céu. De leste vinha um cardume de nuvens esguias. Respirou profundamente e sentiu uma espécie de formigueiro no peito. Os tímpanos estalaram como depois de um bocejo muito grande e ouviu o piar dos pintos e o vento de leste que soprava rente à terra. Ouviu ainda os cascos de um cavalo batendo na estrada e as marteladas de um vizinho que consertava o celeiro. E todos estes ruídos se misturavam para formar uma melodia. Adam teve a impressão de ver pela primeira vez. As sebes, os muros, os edifícios erguiam-se na tarde alaranjada e participavam na alegre sinfonia. Tudo parecia mudado. Um bando de andorinhas precipitou-se na poeira, procurou o alimento e partiu a voar como uma faixa cinzenta torcida na luz. Adam tornou a olhar para o irmão. Perdera a noção do tempo e já não sabia há quanto tempo estava ali à porta.

Não passara tempo nenhum. Charles continuava a lutar com o mesmo pedregulho e Adam ainda não expirara o grande sorvo de ar que engolira quando o tempo se detivera.

Subitamente, compreendeu que a alegria e a dor saem do mesmo cadinho. A coragem e o medo também são uma e a mesma coisa. Descobriu que se pusera a cantarolar. Deu meia volta, atravessou a cozinha e parou à porta do quarto, olhando para Cathy. Ela sorriu-lhe debilmente e ele pensou: “Que criança. Que criança indefesa.” E sentiu-se submergido por uma grande vaga de amor.

— Quer casar comigo? — perguntou. O rosto de Cathy crispou-se e a sua mão fechou-se convulsivamente.

— Não lhe peço para me responder já — acrescentou Adam. — Pense no caso. Se casar comigo, poderei protegê-la, e já ninguém lhe fará mal.

Cathy recompusera-se imediatamente. — Venha cá, Adam. Sente-se. Dê-me a sua mão. Como é bom!

Cathy pegou a mão dele e ergueu-a à altura do rosto.

— Querido — disse ela numa voz entrecortada pela emoção —, querido Adam, afinal teve confiança em mim. Posso pedir-lhe outra coisa ainda? Não fale ao seu irmão na proposta que me fez.

— De casar contigo? Mas Por quê?

— Quero pensar nisso esta noite. Talvez uma noite seja pouco. Quer dar-me tempo? — Levou a mão à testa. — Não sei se poderei pensar com acerto e queria fazê-lo.

— Acha que poderá casar comigo?

— Por favor, Adam, deixe-me só para pensar. Peço-lhe. Adam sorriu e disse nervosamente: — Não demore muito. Eu estou como o gato que trepou na árvore e não é capaz de descer.

— Deixe-me refletir... Adam, você é um homem bondoso. Ele saiu e encaminhou-se para o irmão que empilhava pedras. Assim que ele desapareceu, Cathy levantou-se e foi até ao espelho com passo mal seguro.

Aproximou-se e examinou o rosto. A ligadura continuava a tapar a testa. Afastou-a para ver a horrível marca vermelha. Não só estava resolvida a desposar Adam, como pensara nisso muito antes dele. Cathy tinha medo. Mas precisava de dinheiro e de proteção. Adam podia fornecer-lhe ambas as coisas. Sabia muito bem que faria dele o que quisesse. O casamento não era o seu objetivo mas, entretanto, seria um refúgio. Só uma coisa a aborrecia: Adam era arrastado para ela por um sentimento que não compreendia. Ela nunca sentira nada que se lhe assemelhasse por qualquer pessoa. O Sr. Edwards assustara-a a valer. Fora a única vez, em toda a sua vida, em que a lei lhe tinha sido ditada pelos acontecimentos. Cathy decidiu que tal nunca mais se tornaria a repetir e sorriu ao pensar no que diria Charles. Sentia-se atraída por Charles. As suspeitas dele não a incomodavam nada.

5

Charles endireitou-se quando Adam se aproximou. Levou as mãos aos rins e esfregou os músculos fatigados.

— Meu Deus! Há pedras que nunca mais acabam! — Um camarada da tropa me disse que havia vales na Califórnia com milhas e milhas onde não se encontra a menora pedra.

— Quando não são as pedras, é outra coisa — disse Charles.

— Para onde quer que se vá, aparecem sempre chatices. No Oeste, são os gafanhotos. Noutro lado, os tornados. O que é isso comparado com algumas pedras? — Tens razão. Vinha dar-te uma ajuda.

— Obrigado pela lembrança. Pensei que ias passar o resto da vida a brincar com as mãos da tua pensionista. Quanto tempo falta ainda para ela se ir embora? Adam estava prestes a falar-lhe na proposta, mas o tom da voz de Charles fê-lo mudar de ideias.

— Sabes uma coisa — disse Charles —, o Alex Platt veio ver-me há algum tempo. Sabes o que lhe aconteceu? Achou uma fortuna.

— Achou como? — Conheces o sítio onde a terra dele é marginada de cedros, junto à estrada municipal? — Conheço. E depois? — O Alex, quando andava a caçar coelhos, passou entre as árvores e o muro de pedra. Pois encontrou uma mala com fatos de homem muito bem dobrados. Mas estava tudo ensopado em chuva. Há muito tempo que aquilo devia ali estar. Também havia uma caixinha de madeira com uma fechadura. Depois de a arrombar, encontrou quatro mil dólares. E também achou uma mala de senhora, mas não tinha nada dentro.

— Nem nome, nem papéis? — Isso precisamente é que é estranho. Os fatos não tinham nome e a roupa não estava marcada. Como se o tipo não quisesse ser descoberto.

— O Alex vai ficar com tudo? — Não. Levou as coisas ao xerife que vai mandar publicar um anúncio, e, se ninguém responder, fica tudo para o Alex.

— De certeza que aparece alguém.

— Também acho, mas não o disse ao Alex. Pareceu-me tão contente. É esquisito que não haja marcas. E não foram cortadas. Nunca houve.

— Ainda é muito dinheiro — disse Adam. — Há de aparecer alguém a reclamá-lo.

— O Alex demorou-se um bocado comigo. Sabes, a mulher dele vê muita gente. Charles deteve-se e, depois, resolveu-se: — Precisamos de ter uma conversa. Já andam todos a mexericar.

— A mexericar o quê? — A propósito dela, valha-me Deus! Dois homens sós não podem viver com uma moça em casa. O Alex me disse que as mulheres andam desenfreadas. Isto não pode continuar. Nós vivemos aqui e temos uma reputação a defender.

— Queres que a mande embora antes de se restabelecer? — Quero que te desembaraces dela. Não gosto dela.

— Nunca gostaste, desde o primeiro dia.

— Não tenho confiança nela. Há qualquer coisa, não sei o que é, que me desagrada. Quando te livras dela? — Vou dizer-te. — Adam falou lentamente. — Dá-me mais uma semana para eu tomar uma decisão. — — Prometes? — Prometo.

— Prefiro assim. Hei de dizer à mulher do Alex. Amanhã já todos saberão. Jesus, que satisfação a minha quando voltarmos a ficar sós. Ela não recuperou a memória? — Não — respondeu Adam.

6

Cinco dias depois, aproveitando a ausência de Charles que fora comprar alimento para o gado, Adam parou o cabriolé diante dos degraus da cozinha. Ajudou Cathy a subir, tapou suas pernas com uma manta e agasalhou seus ombros. Depois, dirigiu-se para a cidade, onde se consorciou com Cathy perante o juiz de Paz.

Charles estava em casa quando chegaram e atirou-lhes um olhar amargo quando os viu entrar na cozinha.

— Pensei que a tivesses levado ao trem.

— Acabamos de nos casar — disse Adam simplesmente.

Cathy sorriu a Charles.

— Por que fizeste uma coisa dessas?

— Então um homem já não tem o direito de se casar? Cathy encaminhou-se para o quarto e fechou a porta atrás de si. Charles deixou explodir a cólera.

— Ela não vale nada, digo-te eu. É uma puta.

— Charles!

— Estou-te a dizer que é uma puta. Falsa como Judas. Uma cabra! Uma puta!

— Cala-te, Charles. Vais calar-te imediatamente. Proíbo-te que fales na minha mulher.

— Ela há de ser-te tão fiel como uma gata com cio.

Adam articulou lentamente: — Parece que tens ciúmes, Charles. Tu é que querias casar com ela.

— Que grande besta! Com ciúmes, eu? Nunca viverei debaixo do mesmo teto com ela.

Adam respondeu no mesmo tom: — Nem precisas. Vou-me embora. Vendo-te a minha parte, se quiseres. Podes ficar com o rancho e realizar o teu maior desejo. Deixa-te ficar aqui a apodrecer.

Charles baixou a voz: — Adam, vê se te livras dela, peço-te. Põe-na a andar. Ela há de te fazer em pedaços. Ela te destruirá, Adam. Ela te destruirá.

— Como sabes tu tanto a respeito dela?

O olhar de Charles estava turvo. — Não sei nada — disse ele. E calou-se.

Adam não perguntou a Cathy se queria almoçar na cozinha. Levou dois pratos para o quarto e sentou-se ao lado dela.

— Vamos embora daqui — disse ele.

— Eu é que devo ir embora. Por favor, deixa-me ir embora. Não quero que te zangues com o teu irmão por minha causa. Por que será que ele me detesta?

— Creio que tem ciúmes.

Ela franziu os olhos. — Ciúmes?

— Pelo menos, é o que penso. Mas não te preocupes. Nós vamo-nos embora. Vamos para a Califórnia.

Cathy respondeu calmamente: — Eu não quero ir para a Califórnia.

— Não digas isso. É bem bonito e faz sempre sol.

— Não quero ir para a Califórnia.

— Tu és minha mulher — disse ele de mansinho. — Quero que venhas comigo.

Ela ficou silenciosa e não tornou a falar na partida. Ouviram Charles bater com a porta e Adam disse: — Vai fazer-lhe bem. Depois de apanhar uma bronca, há de sentir-se melhor.

Cathy baixou modestamente os olhos e contemplou os dedos. — Adam, eu só poderei ser realmente tua mulher quando estiver melhor.

— Eu sei — disse ele. — Compreendo perfeitamente. Esperarei.

— Mas tens de ficar perto de mim. Tenho medo de Charles. Ele me odeia tanto...

— Vou trazer a minha cama para cá. Poderás chamar-me se sentires medo. Poderás segurar-me a mão.

— Tu és tão bom — disse ela. — Gostaria de beber uma xícara de chá.

— Boa ideia. Também eu.

Adam voltou pouco depois com duas xícaras fumegantes e tornou à cozinha à procura do açucareiro. Sentou-se numa cadeira junto da cama.

— Está forte. Não estará muito forte para ti?

— Gosto dele assim.

Adam acabou de beber. — Não achas que tem um gosto esquisito?

Ela levou a mão à boca. — Deixa-me provar. — Bebeu o fundo da xícara. — Adam exclamou ela —, enganaste-te na xícara! Era a minha, com o meu remédio. Ele lambeu os lábios.

— Não há de fazer mal.

Ela riu docemente. — Não. Mas espero não precisar de ti esta noite.

— Por quê?

— Tu bebeste o meu sonífero. Capaz de não acordar.

Adam caiu num torpor pesado de ópio, contra o qual tentava lutar.

— Foi o médico quem te disse para tomares uma dose tão forte? — perguntou ele, enrolando as palavras.

— Tu é que não estás habituado — respondeu ela.

Charles regressou à casa às onze horas. Cathy ouviu-lhe os passos surdos. Ele entrou no quarto, despiu a roupa e deitou-se.

Grunhiu, virou-se, procurando uma posição confortável. De repente, abriu os olhos. Cathy estava à cabeceira da cama.

— Que quer?

— Não banque o tolo. Chegue para lá.

— Onde está o Adam?

— Ele bebeu o meu sonífero por engano. Afaste-se um pouco.

Charles respirou ruidosamente. — Já estive esta noite com uma puta.

— Você é um latagão. Chegue-se para lá.

— E o seu braço partido?

— Isso é comigo. Trate você do resto.

Charles desatou a rir: — Pobre corno! — disse.

E afastou a roupa para que ela entrasse na cama.

Segunda Parte

Capítulo XII

A pouco e pouco este livro atingiu uma grande fronteira que se chamava 1900. Mais cem anos batidos e moídos, petrificados pelo calcário da memória. Cem anos que os homens modelaram a seu gosto e, quanto mais recuados eram os acontecimentos, mais ricos se tornavam e maior significado adquiriam. Havia quem dissesse que eram os bons velhos tempos, uma era feliz, doce e simples como nenhuma outra. Os velhos que não sabiam se os seus passos trêmulos os deixariam atravessar a fronteira do século, consideravam com desdém esses anos que viriam. Pois o mundo mudara e desaparecera a doçura de viver, levando com ela a virtude. A inquietação apoderava-se de um mundo corroído. Que iríamos perder? Os bons modos, o sossego e a beleza? As senhoras já não eram senhoras. A palavra de um homem já não tinha valor.

Onde ia o tempo em que os homens apertavam os botões da braguilha? As caldeiras da liberdade extenuavam-se. A própria infância já não tinha o sabor de antanho. Então, a única preocupação era encontrar uma boa pedra, não exatamente redonda, mas achatada, gasta pela água, para a lançar com uma fiska talhada num sapato velho. Para onde foram as boas pedras e a simplicidade? Na memória confusa do homem, as sensações do prazer e da dor apenas subsistem no estado de imagens, sem provocar qualquer emoção. Um calhau na água da memória e o homem adulto revê a menina com quem brincava aos doentes. Mas não passa de uma imagem tremida. Ele esquece, quer esquecer a emoção ácida que rói os fígados e que, em criança, o jogava no chão no meio da aveia brava e o fazia soluçar “Meu Deus! Meu Deus!” Tal homem esquece, não há dúvida de que se esquece: “Mas porque anda aquele miúdo a rebolar-se na erva? Ainda apanha uma constipação!” Ah! os morangos e as framboesas já não têm o gosto de antigamente e as coxas das mulheres já não nos excitam.

E alguns homens instalavam-se confortavelmente no ninho da morte, como galinhas poedeiras.

A história foi segregada pelas glândulas de um milhão de historiadores. Temos de sair deste século tumultuoso, diziam alguns, sair dessa batota, desse

século assassino de revoltas e de morte secreta, desse século de luta pela terra, conquistada fosse de que maneira fosse.

Pensem na nossa pequena nação ladeada pelos oceanos, dividida pelos problemas, precocemente desenvolvida e que despertava quando os Britânicos nos atacaram de novo. Foram batidos mas não ganhamos grande coisa com isso. Apenas nos restavam uma Casa Branca queimada e dez mil viúvas de guerra na lista dos pensionistas.

E depois os soldados partiram para o México e foi uma espécie de doloroso piquenique. Porque se irá fazer um piquenique no meio das urtigas e das formigas, quando se está tão bem em casa?... A guerra do México sempre teve duas coisas boas. Conquistamos enormes terras a Ocidente, duplicando a nossa superfície, e foi um excelente campo de manobras para os generais que, quando começou a triste carnificina doméstica, já tinham aprendido a fazer as coisas de modo que assumissem um aspecto verdadeiramente horrível.

E depois houve as discussões.

Pode ter-se um escravo? Se o comprou de boa fé, porque não? Qualquer dia, ainda acabam por dizer que um homem já não tem o direito de possuir um cavalo. Quem é que quer o que é meu? E nisto estávamos, como um homem que ferisse a própria cara e que sangrasse na própria barba.

Por fim, também isto acabou; erguemo-nos lentamente do solo ensanguentado e partimos para o Oeste.

Então, foram o boom, as falências, as bancarrotas e a crise. Chegaram grandes ladrões patenteados que esvaziaram os bolsos dos que tinham bolsos.

Para o diabo com o século, que está podre! Ele que acabe e que lhe deem com a porta na cara. Vamos fechá-lo como um livro e comecemos a ler outra coisa. Um novo capítulo, uma nova vida. O homem poderá lavar as mãos quando tiver dado com a tampa nesse século fedorento. É belo o que nos espera. Os cem novos anos estão intactos, perfeitamente limpos. As cartas não estão marcadas e o primeiro que fizer batota... pois muito bem! será crucificado de cabeça para baixo em cima das latrinas.

Pois é, mas os morangos e as framboesas já não têm o gosto de antigamente e as coxas das mulheres já não nos excitam.

Capítulo XIII

Uma espécie de graça ilumina às vezes o espírito do homem. É um fenômeno bastante vulgar. A princípio, é um crepitar de rastilho que arde em direção à dinamite, uma alegria no estômago, uma delícia dos nervos e dos antebraços.

A pele saboreia o ar e de cada vez que se respira é uma inefável sensação. Todo o corpo se espreguiça e boceja de prazer, o cérebro ilumina-se e todo o mundo resplandece à nossa frente.

O homem pode ter vivido uma vida cinzenta, rodeado de terras escuras e de árvores negras, os acontecimentos mais importantes podem ter passado alinhados, anônimos e desprovidos de cor, mas nada disso conta. Porque, no instante da graça, o canto súbito de um grilo encanta o ouvido, o aroma da terra enche as narinas e a luz coada por uma árvore regenera a vista. Então, o homem transforma-se numa nascente inesgotável. Talvez que o lugar que ele ocupa no mundo possa ser medido pela qualidade e pelo número das suas iluminações. É uma função individual, mas que nos une à coletividade. É mãe de toda a criação e define o homem em relação aos outros homens.

Não sei o que nos reservam os anos que estão para vir. Preparam-se monstruosas transformações, forças extraordinárias desenham um futuro cujo rosto desconhecemos. Algumas delas parecem-nos perigosas porque tendem a eliminar o que consideramos bom. É bem verdade que dois homens juntos levantam mais facilmente um peso do que um homem só. Uma equipe consegue fabricar automóveis mais rapidamente e melhor do que um homem só. E, o pão que sai de uma fábrica é menos caro e de qualidade mais uniforme do que o do padeiro. Quando a nossa alimentação, a nossa vestimenta e os nossos tetos forem apenas o fruto exclusivo da produção estandardizada, chegará a vez do pensamento. Toda a ideia que não obedecer a uma bitola, deverá ser eliminada. A produção coletiva ou em massa entrou na nossa vida econômica, política e até religiosa, de tal modo que certas nações já substituíram a ideia de Deus pela de coletividade. Ainda é muito cedo. Aí é que está o perigo. A tensão é grande. O mundo caminha para o seu ponto de ruptura. Os homens estão inquietos.

Numa altura destas parece-me, portanto, natural fazer a mim mesmo as seguintes perguntas: Em que creio eu? Devo bater-me a favor de quê? E contra quê? A nossa espécie é a única criadora e dispõe de uma só faculdade criadora: o espírito individual do homem. Dois homens nunca criaram nada. Não existe colaboração eficaz em música, em poesia, nas matemáticas, na filosofia. Só depois de se ter dado o milagre da criação é que o grupo o pode explorar. O grupo nunca inventa nada. O bem mais precioso é o cérebro isolado do homem.

Ora, hoje em dia, assiste-se ao espetáculo de uma guerra de extermínio entre as forças militarizadas do conceito do grupo e esse bem precioso: o cérebro do homem. Condenando-o à fome, ao desprezo, à repressão, canalizando-o, esmagando-o sob os golpes de pilão da vida moderna, acossa-se, aniquila-se, embota-se, droga-se o espírito livre e vagabundo. Parece que a nossa espécie escolheu o triste caminho do suicídio.

Eis o que penso: o espírito livre e curioso do homem é o que demais valioso há no mundo. E por isto me baterei: a liberdade para o espírito de tomar a direção que lhe apetercer. E contra isto me baterei: qualquer ideia, religião ou governo que limitar ou destruir a noção de individualidade. Assim sou, é esta a minha posição. Compreendo perfeitamente porque é que um sistema baseado numa bitola considera seu dever eliminar a liberdade de espírito: é que só ela, através da análise, pode destruir o sistema. Sim, compreendo tudo isto muito bem e tenho-lhe ódio, e sempre me baterei para preservar a única coisa que nos coloca acima dos animais que não criam. Se a graça puder ser destruída, estamos perdidos.

2

Adam Trask crescera na penumbra e as cortinas da sua vida tinham sido teias de aranha poeirentas e os seus dias uma longa sequência de meios desgostos e de decepções amargas. Foi então que encontrou Cathy e se iluminou.

Pouco importa que Cathy fosse aquilo a que chamei um monstro. Talvez nós não sejamos capazes de compreender Cathy, mas por outro lado somos capazes de enveredar por muitos caminhos, tanto da inocência como do pecado. Qual de nós é que não revolveu já a água negra da sua alma? Talvez todos nós tenhamos um pântano secreto onde o mal germina e prolifera. Mas as margens são escorregadias e os vírus que nele nadam não conseguem sair para fora. Não será possível que em certos seres o mal adquira a força suficiente para fugir? Não será esta a explicação do monstro? E não seremos nós seus parentes pelo pântano que com ele temos em comum? Seria absurdo não admitir os anjos e os demônios, já que fomos nós que os inventamos.

Monstro ou não, Cathy ateou a chama em Adam. Ele libertou-se do medo, da amargura e das recordações asfixiantes; o seu espírito pairou nas alturas. A graça ilumina o mundo e fá-lo surgir sob um novo aspecto, tal como o foguete de guerra ilumina um campo de batalha. É possível que Adam não visse Cathy,

tanta era a luz que sobre ela emitia. Uma mulher terna e bela, meiga e sagrada, mais preciosa do que se possa imaginar, franca e amável — assim era Cathy para o marido, e nada do que dissesse ou fizesse podia empanar a imagem criada por Adam.

Cathy recusara-se a ir para a Califórnia, mas Adam não fizera caso porque a sua imagem lhe dera o braço e o acompanhara. Tão forte era o estado de graça que não notara a dor do irmão nem os seus olhos cintilantes. Vendendo a sua parte a Charles, por um preço inferior ao que ela valia, e com a metade do que deixara o pai, tornara-se um homem livre e rico.

Os irmãos eram agora uns estranhos. Apertaram as mãos na estação e Charles viu afastar-se o trem enquanto esfregava a cicatriz. Foi à estalagem, bebeu quatro uísques de uma assentada e subiu ao último andar. Pagou à mulher sem chegar a qualquer resultado, pois chorara nos seus braços até ela o pôr na rua. Só lhe restava a quinta e a ela dedicou todas as suas energias. À força de furar, cortar e acrescentar, os seus domínios aumentaram. Desprezando o repouso e as distrações, tornou-se rico sem prazer e respeitado sem amigos.

Adam parou em Nova York o tempo suficiente para comprar roupa para Cathy e para ele, depois tomaram o trem que os levou para o outro lado do continente. É fácil compreender porque escolheram o vale do Salinas.

As companhias de caminhos de ferro, nessa época em pleno desenvolvimento — lutando abertamente umas com as outras para imporem o seu domínio — empregavam todos os meios para aumentar o tráfego. Não se contentando em fazer publicidade nos jornais, mandavam imprimir prospectos e folhetos onde se descreviam e mostravam as belezas e as riquezas do Oeste. Não havia elogios nem promessas que chegassem. A Companhia dos Caminhos de Ferro do Pacífico Sul, sob a direção enérgica de Leland Stanford começava a dominar, comercial e politicamente, a costa do Pacífico. Os carris penetravam nos vales. Nasceram novas cidades e novas terras eram distribuídas e povoadas, porque a Companhia precisava de criar uma clientela.

O longo vale do Salinas estava incluído na sua zona de influência. Adam estudara um lindíssimo folheto a cores que apresentava o Vale como se fosse a região que o Paraíso tentara em vão imitar. Depois de ter lido esta literatura, quem não sentisse vontade de se fixar no vale do Salinas era um caso desesperado.

Adam não andou com pressa. Comprou um carro e visitou as redondezas, discutindo com os habitantes mais antigos do Vale, informando-se acerca das terras e da água, do clima e das colheitas, dos preços e das comodidades. Adam

não procurava especular. Queria apenas estabelecer-se, fundar um lar, uma família, quem sabe se... uma dinastia.

Adam, cheio de entusiasmo, ia de herdade em herdade, apanhando aqui e ali punhados de terra que deixava escorregar por entre os dedos. Falava, projetava e sonhava. A gente do Vale estimava-o e mostrava-se contente por ele ter resolvido ficar a viver no meio dela, pois reconhecia nele um homem de valor.

Adam só tinha uma preocupação: Cathy. Ela não estava bem.

Percorria a região com ele, mas sem gosto. Uma manhã, queixou-se de dor e ficou no quarto, no hotel de King City, enquanto Adam ia visitar os arredores. Ele regressou às cinco horas e encontrou a mulher esvaindo-se em sangue. Adam teve a sorte de encontrar o Dr. Tilson em casa e de conseguir arrancá-lo ao seu rosbife. O médico fez um rápido exame, aplicou um curativo e voltou-se para Adam: — Era melhor que fosse lá para baixo esperar por mim — sugeriu ele.

— Ela corre perigo?

— Não. Eu já o chamo.

Adam acariciou o ombro de Cathy e a mulher sorriu-lhe.

O Dr. Tilson tornou a fechar a porta e aproximou-se novamente da cama.

Tinha a cara vermelha de cólera. — Por que fez isso?

A boca de Cathy estava reduzida a uma linha. — O seu marido sabe que está grávida?

A cabeça dela moveu-se lentamente de um lado para o outro.

— Com que fez isso?

Cathy fitou-o intensamente. O médico examinou o quarto. Depois, dirigiu-se para a cômoda e apanhou uma agulha de tricotar. Brandiu-a diante da cara de Cathy: — Sempre a mesma coisa. O instrumento criminoso do costume. Não passa de uma idiota. Por um pouco não se matou e o bebê continua vivo. Suponho que também bebeu coisas, que tomou toda a espécie de venenos: cânfora, petróleo, pimentão, eu sei lá o quê? Valha-me Deus! As mulheres sempre são de uma força! Os olhos de Cathy estavam frios e inexpressivos. O médico aproximou uma cadeira da cama.

— Por que não quer ter a criança? — perguntou docemente. — Tem um bom marido. Não gosta dele?... Está resolvida a não me responder? Responda-me, com os diabos! Não seja teimosa.

Os lábios de Cathy não se moveram, as pálpebras não estremeceram.

— Veja se me compreende, minha amiga — disse ele. — Não deve destruir a vida. É o único ato que me põe fora de mim. Deus sabe que perdi alguns dos meus doentes por ignorância, mas fiz sempre o que pude. Por isso, quando assisto a um crime deliberado...

O médico falava rapidamente. Tinha medo do silêncio entre as frases. Aquela mulher inquietava-o. Havia nela algo de inumano.

— Conhece a Sra. Laurel? Há anos que pede ao céu para lhe dar um filho. Era capaz de dar tudo o que tem e tudo o que há de vir a ter para ter um filho. E a senhora tentou apunhalar o seu com uma agulha de tricotar! Pois muito bem — vociferou ele. — Se não quiser falar, ninguém a obriga, mas ouça-me bem: o bebê está são e salvo. Não soube fazer as coisas. E mais ainda: a criança há de nascer. Sabe como se castiga o aborto no nosso Estado? Não lhe peço para responder, mas sim para escutar. Se isto se tornar a repetir, se a criança morrer e se eu vier a desconfiar de qualquer manobra suspeita, irei denunciá-la, depor contra si e exigir um castigo. Espero que tenha a inteligência bastante para acreditar no que digo e que não estou falando para o ar.

Cathy umedeceu os lábios com a ponta da língua. A expressão do olhar transmutou-se numa tristeza que causava dó.

— Lamento muito — disse ela. — O senhor não pode compreender.

— Então por que se recusa a falar? — A cólera do médico derreteu como neve ao sol. — Explique-me o que se passou.

— É difícil dizer. O Adam é tão bom, tão forte, tão são, enquanto que eu tenho uma tara. Sou epilética.

— Não pode ser!

— Eu, propriamente, não sou. Mas eram o meu avô e o meu pai. E o meu irmão também é. — Cathy tapou os olhos com a mão. — Não posso dar tal filho ao meu marido.

— Minha pobre filha — disse o médico. — Nunca se pode ter a certeza. É mais que provável que o seu filho virá a ser bonito e saudável. Prometa-me que não torna a tentar.

— Prometo.

— Muito bem. Não direi ao seu marido o que fez. Agora, deite-se. Vamos ver se a hemorragia já parou.

Alguns minutos depois, o médico fechava o estojo e metia a agulha de tricotar no bolso.

— Volto amanhã — disse ele.

Adam precipitou-se ao seu encontro quando o viu descer a escada estreita que ia dar ao vestíbulo do hotel. O Dr. Tilson repeliu um assalto de: “Como está ela? Está melhor? Qual é a origem daquilo? Já posso subir?”

— Eh lá! Calma. Calma.

Depois, pôs em prática o método que nunca falhara.

— A sua mulher está doente.

— Senhor doutor!

— Tem a única doença boa que existe...

— Doutor...

— A sua mulher está grávida.

E saiu deixando Adam estarrecido. Três homens sentados em volta do fogão sorriram-lhe. Um deles fez uma observação: — Se fosse eu, convidaria... digamos, três amigos para beberem um copo.

A alusão perdeu-se. Adam subiu desajeitadamente a estreita escada. A atenção de Adam foi fixar-se no rancho Bordoni, algumas milhas ao sul de King City, na realidade quase à mesma distância de San Lucas e de King City.

Restavam aos Bordoni novecentos acres de uma doação de dez mil feita por um rei de Espanha ao bisavô da Sra. Bordoni. Os Bordoni eram suíços, mas a Sra. Bordoni era filha e herdeira de uma família espanhola que se estabelecera no vale de Salinas séculos atrás. E, como acontece frequentemente na maioria das velhas famílias, a terra fora desaparecendo: uma parte perdida ao jogo; uma outra vendida para pagar os impostos; alguns acres arrancados como se fossem cupões para pagar um cavalo, um diamante ou os favores de uma mulher formosa. Esses novecentos acres, os melhores, formavam o cerne da primitiva doação feita aos Sanchez. O Salinas atravessava a terra que se estendia até às colinas.

Naquele lugar, o Vale estreita-se para se alargar novamente um pouco mais longe. A casa primitiva dos Sanchez ainda era utilizável. Construída em tijolo, erguia-se numa pequena abertura entre as colinas, um vale miniatura, irrigado por um riacho que nunca secava. Fora por esse motivo que o primeiro Sanchez ali se fixara. Grandes carvalhos davam sombra ao vale e a terra era de um verde único na região. As paredes da casa baixa tinham um metro e vinte de espessura e os pilares de apoio estavam ligados por correias de coiro cru que haviam sido molhadas antes de colocadas. Ao secarem, tinham encolhido, consolidando o conjunto, duras como ferro, quase indestrutíveis. Este método de construção só tem um inconveniente: se não se tiver cuidado com os ratos, dão cabo do coiro.

A velha casa parecia ter surgido do chão. Era encantadora. Bordoni usava-a como estábulo das vacas. Era um emigrante suíço, com o seu amor nacional pelo asseio. Não gostava das grossas paredes de argila e mandara construir uma casa de madeira a alguma distância. As vacas espreitavam pelas janelas da velha casa dos Sanchez.

Os Bordoni não tinham filhos. E quando a mulher morreu, já bastante madura, o marido, abandonado a si próprio, sentiu soar o apelo dos Alpes natais. Queria vender e regressar ao seu país. Adam Trask não tinha pressa em comprar. Bordoni exigia um preço elevado e mantinha-o. Sabia que Adam compraria, muito antes de Adam ter tomado uma decisão.

Adam queria fixar-se e criar um lar para a criança que ia nascer. Receava comprar uma propriedade e verificar mais tarde que preferia outra. Contudo, era a dos Sanchez que mais o atraía. Com Cathy a seu lado, a vida prometia ser longa e agradável. Mas queria rodear-se de todas as precauções. Examinou cada metro quadrado do terreno. Mandou sondar a camada de terra vegetal para ficar a conhecer bem o subsolo. Perguntou os nomes de todas as plantas silvestres que cresciam nos campos, à beira do rio e nas colinas. Nos sítios úmidos, ajoelhou para examinar as pegadas na lama. Reconheceu as do tigre ruivo, do gamo, do coio, do gato selvagem, do touro, da doninha, da lebre e da codorniz. Vagueou no meio dos salgueiros e dos sicômoros, pelas amoreiras à beira do rio, acariciou os troncos dos carvalhos e dos loureiros.

Bordoni observava-o com um olhar irônico e enchia canecas com um vinho tinto da sua pequena lavra no flanco da colina. Bordoni gostaria de se embriagar ao de leve todas as tardes. E Adam, que nunca provara vinho, começava a apreciá-lo.

Estava sempre a perguntar a Cathy qual a sua opinião. Gostava do sítio? Sentir-se-ia feliz? E não prestava atenção às suas vagas respostas. Supunha que ela partilhava o seu entusiasmo. No vestíbulo do hotel, discutia com os homens reunidos em torno do fogão para lerem os jornais de San Francisco.

— É na água que eu penso — disse ele uma noite. — Gostaria de saber até onde será preciso cavar para encontrar água. Um dos proprietários cruzou as pernas.

— Devia ir estar com o Sam Hamilton — disse ele. — No que respeita à água, não há ninguém que saiba tanto como ele. É um vedor e um bom abridor de poços. Ele logo lhe diz. Foi ele quem abriu mais de metade dos poços deste lado do Vale.

O companheiro soltou uma risadinha.

— O Sam tem bons motivos para se interessar pela água. Ainda não conseguiu descobrir uma só gota nas terras dele.

— Onde é que eu o posso encontrar? — perguntou Adam.

— Ouça cá. Eu tenho de o ir ver para lhe pedir que me dobre uns ferros. Se quiser, pode ir comigo. Há de gostar do Sr. Hamilton. É um homem de bem.

— E um grande número — acrescentou o companheiro.

3

Louis Lippo levou Adam à herdade Hamilton na sua carroça. As barras de ferro para dobrar saltavam no fundo da caixa e, em cima, ia uma perna de cabrito enrolada num pano molhado. Os costumes da época exigiam que se levasse um substancial presente de comida quando se ia de visita, pois tinha de se ficar para almoçar. A não ser, evidentemente, que se quisesse insultar a família. Alguns convidados podiam esvaziar a despensa. Era natural que se levasse com que tornar a enchê-la. Um lombo de porco ou um pedaço de carne de vaca era o que estava indicado. Louis levava, portanto, o cabrito e Adam uma garrafa de uísque.

— Acho melhor preveni-lo — disse Louis. — O Sr. Hamilton ficará encantado, mas a mulher vai olhá-lo de revés. Se fosse a si, escondia a garrafa debaixo do banco e só a tirava quando chegássemos diante da forja. É assim que fazemos sempre.

— Ela não deixa o marido beber? — É do tamanho de um passarinho — disse Louis —, mas tem opiniões firmes. Esconda a garrafa debaixo do banco.

Abandonaram a estrada do Vale e penetraram nas colinas. Os trilhos traçados na lama do inverno tinham endurecido, formando dois carris. Os cavalos faziam um esforço violento entre os varais e a carroça avançava aos solavancos. O ano fora ruim e, se bem que se estivesse apenas em Junho, as colinas já estavam secas e os sílices brilhavam nas pastagens amarelecidas. A aveia elevava-se quando muito a seis polegadas acima do chão como se soubesse que, se não germinasse rapidamente, corria o risco de nunca chegar a germinar.

Não é um sítio agradável — disse Adam.

— Agradável? Isto é uma terra para dar cabo de um homem e devorá-lo, Sr. Adam. Agradável! O Hamilton tem um bom pedaço de terra, mas já podia ter morrido de fome mais os filhos. A herdade não os alimenta; ele tem de se dedicar a toda a espécie de trabalhos e os filhos já começam a ganhar. É uma boa família.

Adam contemplou uma sarça que crescia à beira do caminho.

— Porque teria ele vindo viver para uma terra destas? Louis Lippo, como toda a gente, gostaria de brincar aos guias, especialmente com um estranho, se não houvesse nenhum indígena para o contradizer.

— Eu vou explicar-lhe. Veja o meu caso, por exemplo. O meu pai era italiano. Veio para cá depois da revolução, mas ainda trouxe algum dinheiro. A minha terra não é grande, mas é boa. Foi o meu pai quem a comprou e escolheu. E o senhor, por exemplo — não sei a quanto monta a sua fortuna e não vou tomar a liberdade de lho perguntar, mas diz-se que vai comprar a terra dos Sanchez e todos sabem que o Bordonni não tem o hábito de dar presentes. Isto quer dizer que o senhor tem aquilo com que se compram os melões e sabe com o que pode contar.

— Vivo com desafogo — disse Adam modestamente.

— Se não vou direito ao fim, é para lhe explicar melhor — disse Louis. — Quando o casal Hamilton chegou ao Vale, nem sequer tinha um penico onde mijasse. Ficaram com o que restava: terras do governo que ninguém queria. Vinte e cinco acres não bastam para alimentar uma vaca, mesmo nos anos bons. E dizem que nem chega para contentar os coiotes, nos anos maus. Há pessoas que perguntam como é que os Hamilton conseguiram viver. Foi porque o Sr. Hamilton se atirou logo ao trabalho. Lutou até construir a debulhadora.

— Deve ter conseguido alguma coisa. Tenho ouvido falar nele um pouco por toda a parte.

— Conseguiu, sim, como o senhor diz. Conseguiu criar nove filhos. Mas não tem um tostão de lado. Como seria possível? Uma das rodas da carroça levantou-se, passou sobre uma grande pedra e tornou a cair. Os cavalos luziam de suor e os arreios estavam negros.

— Gostarei de conversar com ele — disse Adam.

— Pois é, Sr. Adam. Ele criou uma bela seara. Bons filhos, bem-educados. Todos se desenrascam, menos o Joe — é o mais novo. Dizem que o vão mandar para o colégio. Mas os outros hão de singrar na vida. O Sr. Hamilton pode sentir-se vaidoso. A casa fica atrás daquela encosta. E veja lá se esquece do que lhe disse. Se mostrasse a garrafa, ela era capaz de o transformar em estátua de sal.

A terra seca estalava ao sol e as cigarras cantavam.

— É mesmo uma terra desprezada pelo Senhor — disse Louis.

— Faz-me sentir mesquinho — disse Adam.

— Como? — Alegra-me ter dinheiro suficiente para estar dispensado de viver num sítio como este.

— Também eu estou dispensado disso e não me sinto mesquinho. Antes pelo contrário, sinto-me feliz.

Assim que a carroça chegou ao alto da encosta, Adam pôde avistar lá em baixo os edifícios que constituíam a residência dos Hamilton. Uma casa, um estábulo, uma oficina e uma arrecadação. O conjunto parecia seco e comido pelo sol. Árvores nenhuma e um jardinzinho regado à mão.

Louis voltou-se para Adam e havia um leve travo de hostilidade na sua voz.

— Quero preveni-lo, desde já, de uma ou duas coisas, Sr. Trask. Há pessoas, quando veem Samuel Hamilton pela primeira vez, que podem pensar que ele é um pouco doido. Ele não fala como toda a gente. É um irlandês. Tem ideias que nunca mais acabam. Tem mais de cem ideias por dia. É um homem que respira esperança. Deus do Céu! Quanta não lhe foi precisa para viver numa terra destas. Mas lembre-se disto: é um trabalhador, um bom ferreiro e as invenções dele não são estúpidas. E tenho-lhe ouvido prever coisas que aconteceram.

Adam ficou alarmado com esta espécie de ameaça.

— Não sou homem para desprezar seja quem for — disse ele.

E compreendeu subitamente que Louis o considerava um estranho e um inimigo.

— Queria apenas avisá-lo, mais nada. Há pessoas que vêm do Leste e que julgam que, se um homem não tem muito dinheiro, não vale nada.

— Como poderia eu...

— Talvez o Sr. Hamilton não tenha com que mandar cantar um cego, mas é dos nossos e talvez o melhor de todos nós. E criou uma família como não haverá muitas por aí. Não se esqueça disto.

Adam ia para defender-se, mas apenas respondeu: — Não me hei de esquecer. Obrigado por me ter prevenido.

Louis voltou a cabeça para olhar em frente.

— Olhe, ali está ele, à porta da forja. Deve ter-nos ouvido — Ele tem barbas? — perguntou Adam franzindo os olhos.

— Tem umas lindíssimas barbas, tem. Mas já começa a ficar grisalho. Qualquer dia estão brancas.

Passaram diante da casa de madeira e viram a Sra. Hamilton que os observava pela janela. Detiveram-se em frente da forja onde Samuel, de pé, os

esperava.

Adam viu um homem forte, barbudo como um patriarca, cujos cabelos grisalhos flutuavam no ar como uma echarpe. O rosto, por cima da barba, estava corado pelo sol. Vestia uma camisa azul, limpa, um fato-macaco e um avental de coiro. Tinha as mangas arregaçadas e os braços musculados também estavam limpos. Só as mãos estavam enegrecidas pela forja. Os olhos eram azuis-claros, de uma alegria juvenil, e as rugas irradiavam um ar risonho.

— Louis — disse ele-, tenho muito prazer em te ver. Mesmo neste céu aberto, gostamos de receber os amigos. Sorriu a Adam e Louis disse: — Trouxe-lhe o Sr. Adam Trask, que veio do Leste para se fixar aqui.

— Ainda bem — disse Samuel. — Depois lhe apertarei a mão. Não quero sujar com estas patas pretas.

— Trouxe umas barras de ferro. Pode dobrá-las em esquadria? É para consolidar um vigamento.

— Claro que posso, Louis. Desça. Desça. Vamos pôr os cavalos à sombra. Há uma perna de cabrito aí atrás, e o Sr. Trask trouxe-lhe uma lembrança. Samuel deitou uma olhadela para a casa.

— Talvez seja melhor a gente tirar a lembrança quando a carroça estiver atrás do celeiro.

Adam distinguia o ritmo cantante da sua fala, mas não conseguia descobrir nenhum vestígio de sotaque, exceto talvez nos “tt” e nos “II” reforçados pela língua.

— Louis, quer desatrelar os cavalos? Eu vou levar o cabrito para a cozinha. A Liza vai ficar contente. Ela adora a caça.

— Os seus filhos estão cá? — Não, não estão. O George e o Will vieram passar o fim de semana e foram todos ontem à noite dançar para a escola de Peach Tree no Desfiladeiro do Cavalo Selvagem. Devem voltar em bando ao fim da tarde. Por causa disso perdemos um sofá. Depois lhe conto. A Liza prometeu vingar-se. O culpado foi o Tom. Mas depois lhe conto.

Riu e encaminhou-se para casa, levando a perna de cabrito embrulhada.

— Se quiser, leve a lembrança para a forja, para não aquecer com o sol. Ouviram-no chamar quando se aproximava de casa: — Liza, não adivinhas. O Louis Lippo, trouxe um bocado de cabrito maior do que tu.

Louis conduziu a carroça para trás do celeiro e Adam ajudou-o a desatrelar e a prender os cavalos à sombra.

— Percebeu o que ele queria dizer com aquilo do sol? — Essa mulher deve ser uma praga.

— Tão grande como um passarinho. Mas uma vontade de ferro. Samuel foi ter com eles à forja.

— A Liza gostaria que almoçassem aqui.

— Mas a sua mulher não contava conosco — protestou Adam.

— Ora, ora. Põem-se mais dois pratos na mesa. É com todo o prazer. Agora nós, Louis. Vamos lá ver como quer essas barras? Amontoou alguns cavacos na fornalha quadrada da forja, deu ao fole e alimentou o lume com coque molhado até obter uma chama vermelho-cereja.

— Agora, você, Louis — disse ele. — Vá dando ao fole. Devagar, homem, devagar e com regularidade.

Colocou as barras de ferro em cima do carvão.

— Sr. Trask, fique sabendo que a Liza está habituada a cozinhar para nove filhos esfaimados. Não há nada que a faça perder a cabeça. Chegou uma das barras mais ao calor e riu.

— Quando digo que não há nada que a faça perder a cabeça, minto com todos os dentes que tenho. Previno-os de que a minha mulher anda furiosa. Não pronunciem a palavra “sofá” diante dela.

É uma palavra de cólera e de dor para a Liza.

— O senhor ia começar a contar-nos — disse Adam.

— Se o senhor conhecesse. O Tom, o meu filho, compreenderia melhor. O Louis conhece-o.

— Ai não, que não conheço — disse Louis. Samuel continuou: — O Tom tem o diabo no corpo. Sempre teve mais olhos que barriga. Sempre semeou mais do que pode colher. É feliz e infeliz com exagero. Há pessoas assim. A Liza diz que eu sou desses. Não sei qual é o destino que espera o Tom. Talvez a celebridade. Quem sabe se a força... já houve enforcados na família. Mas esta história fica para outra vez.

— O sofá — sugeriu delicadamente Adam.

— Tem toda a razão. Eu sei, e a Liza também sabe, que costumo correr atrás das palavras como o pastor atrás das ovelhas teimosas. Pois bem, organizou-se um baile na escola de Peach Tree e os rapazes — o George, o Tom, o Will e o Joe — resolveram ir. Claro que as minhas filhas também quiseram ir. O George, o Will e o Joe, que são rapazes simples, convidaram cada um deles uma amiga. Mas o Tom, como de costume, resolveu fazer as coisas à grande e convidou as duas irmãs Williams, a Jennie e a Belle Louis, de quantos buracos precisas para os parafusos? — Cinco — disse Louis.

— Muito bem. Devo dizer-lhe, Sr. Trask, que o Tom, como todos os rapazes que se acham feios, julga-se muito importante aos seus próprios olhos. Anda a maior parte do tempo em desalinho, mas assim que se trata de uma festa, todo ele é atavios e rescende que nem uma flor na primavera. Leva um tempo enorme nos preparativos. Devem ter reparado que a arrecadação estava vazia. O George, o Will e o Joe partiram em primeiro lugar, pois não são tão tolos como o Tom. O George levou a carroça, o Will o cabriolé e o Joe o carrinho de duas rodas.

Os olhos azuis de Samuel brilharam de prazer.

— Então, o Tom apareceu todo pimpão e reluzente como um imperador romano, e a única coisa que restava como veículo era a carroça do feno. Ele nem podia pensar em aparecer com tal coisa, mesmo que fosse só a uma das irmãs Williams. Por sorte ou por azar, a Liza estava a dormir a sesta nessa altura. O Tom sentou-se nos degraus e procurou uma solução. Passados instantes, vi que se dirigia para a arrecadação e atrelava dois cavalos. Depois, entrou em casa e tornou a sair com o sofá às costas. Pô-lo em cima da carroça e prendeu-o com correntes. Um sofá com braços em colo de cisne, a coisa que a Liza mais estima neste mundo! Tinha oferecido para repousar antes do nascimento do George. A última visão que tive, foi o Tom subindo a colina, reclinado no sofá e gozando a satisfação de poder oferecer às irmãs Williams um assento digno delas! Oh! meu Deus, quando penso que já não terá conserto quando voltar para casa! Samuel largou as tenazes e pôs as mãos nas ancas para rir mais à vontade.

— A fogueira expiatória já arde no coração da Liza. O fumo até lhe sai pelo nariz. Pobre Tom! Adam propôs a sorrir: — Não quer beber uma coisinha? — Com todo o prazer — disse Samuel.

Pegou a garrafa, bebeu rapidamente um gole e entregou-a ao dono.

— Uisquebaugh. A palavra irlandesa para uísque, a água da vida. E é bem certo.

Colocou, uma a uma, as barras ao rubro em cima da bigorna, fez os furos para os parafusos e dobrou-as às marteladas. As centelhas saltavam sob o martelo. Mergulhou os ferros numa dorna de água preta e ouviu-se um assobio.

— Pronto — disse ele. E jogou as barras no chão.

— Obrigado — disse Louis. — Quanto lhe devo?

— O prazer da companhia.

— É sempre a mesma coisa — disse Louis.

— Não é, não. Quando lhe abri o poço, pagou-me o preço que lhe pedi.

— A propósito... Aqui o Sr. Trask talvez vá comprar a terra dos Bordoni. A antiga herdade Sanchez, recorda-se? — Conheço-a muito bem. É um bom pedaço de terra.

— O Sr. Trask falou na água e eu disse-lhe que não havia ninguém mais indicado para o informar do que você.

Adam tornou a fazer circular a garrafa. Samuel bebeu outro gole e limpou a boca à parte limpa do antebraço.

— Ainda não tomei uma decisão — disse Adam.— O que eu queria era fazer um certo número de perguntas.

— Valha-o Deus, homem, lá deu um passo em falso! Diz-se que é perigoso fazer perguntas a um irlandês porque ele dá logo a resposta. Espero que saiba ao que se arrisca abrindo as comportas do meu verbo. Há duas maneiras de ver: o homem silencioso é um sábio ou então o homem que nunca diz nada é porque nada pensa. Como é natural, agrada-me muito mais a segunda definição. A Liza diz que eu me aproveito. Que deseja saber? — Na terra dos Bordoni, por exemplo, até onde será preciso cavar para encontrar água? — Necessitava de ver o lugar. Às vezes, são dez metros, outras, quinze, por vezes é preciso ir até ao centro da terra.

— Seria capaz de encontrar água? — Eu encontro água em toda a parte, menos na minha terra.

— Ouvi dizer que tinha muita falta de água.

— Ouviu dizer? Até Deus já deve ter ouvido, tal é a força com que tenho gritado.

— Há um terreno de quatrocentos acres à beira do rio. Achaque terá algum lençol de água? — Só vendo. Este vale é muito estranho. Se achar que tem paciência, talvez lhe possa contar alguma coisa, pois conheço-o como às minhas mãos.

Louis Lippo disse: — O Sr. Trask veio da Nova Inglaterra. Tenciona fixar-se aqui, mas já estive antes no Oeste. Era soldado e andou a combater os índios. , — A sério? Então compete-lhe a si falar e a mim escutar.

— Não gosto de falar nesse assunto.

— Mas Por quê? Valha-me Deus! Se eu tivesse combatido os índios, a família e os vizinhos bem se podiam queixar.

— Mas eu não queria combatê-los, Senhor...

O Senhor viera-lhe à boca sem que ele desse por isso.

— Pois é, compreendo perfeitamente. Deve ser duro matar um homem que não se conhece e por quem não se sente nenhum ódio.

— Pelo contrário, é mais fácil — disse Louis.

— São modos de ver, Louis.

— Mas certos homens sentem amizade por toda a gente, enquanto que outros se odeiam a si próprios e espalham o ódio à sua volta como se pusessem manteiga em pão quente.

— Preferia que falássemos do Vale — disse Adam com um certo embaraço.

A recordação dos cadáveres amontoados causava-lhe uma espécie de náusea.

— Que horas são?

Louis saiu e observou o Sol. — Ainda não são duas horas.

— Quando começo a falar, desoriento-me por completo. O meu filho Will diz que eu falo às árvores quando não tenho auditório humano. Suspirou e sentou-se numa cadeira.

— Eu disse que era um estranho vale, mas talvez seja por ter nascido num país verdejante. O Vale parece-lhe estranho, Louis? — Não, eu não conheço mais nada.

— Tenho-o sondado muito — continuou Samuel. — Algo viveu e talvez continue a viver sob a terra. Há o leito de um oceano e, mais fundo ainda, há um outro mundo. Mas isto não interessa ao lavrador. A superfície, o solo é bom, especialmente na parte plana. No vale superior, a terra arável é leve e arenosa, mas está misturada ao húmus que cobria as colinas e que foi arrastado para baixo pelas chuvas. Quanto mais se vai para o Norte, mais o Vale se alarga e a terra se torna mais negra, mais pesada e talvez mais rica. Suponho que, antigamente, haveria pântanos. No decorrer dos séculos, as plantas foram apodrecendo e enegreceram e fertilizaram o solo. Quando se revolve a terra, verifica-se que está misturada com argila gorda. Sobretudo nas proximidades de Gonzales, a norte da foz do rio. Nas margens, perto de Salinas, de Blanco, de Castroville e de Moss Landing, ainda há pântanos. Quando, um dia, drenarem esses pântanos, ficará sendo a terra mais rica deste mundo.

— Está sempre a falar no que será a terra um dia — interrompeu Louis.

— O espírito do homem não se pode contentar em viver com o seu tempo, como o faz o corpo.

— Se ficar aqui, quero saber o que é e o que será a terra — disse Adam. — Porque os meus filhos, se os tiver, hão de viver nesta terra.

Os olhos de Samuel fitaram a luz doirada, para lá dos seus amigos, e a forja sombria.

— Devo avisá-lo de que, sob uma boa parte do Vale, umas vezes a grande profundidade, outras muito perto da superfície, existe aquilo a que chamamos uma crusta. É argila densa e gorda.

“Em certos sítios, tem trinta centímetros de espessura; às vezes, mais. E essa crusta é impermeável à água. Se lá não estivesse, as chuvas do inverno impregnariam a terra e, no verão, a água poderia subir até às raízes. Mas quando a terra por cima da camada de argila está bem ensopada, a água perde-se em riachos ou fica à superfície apodrecendo as culturas. É uma das grandes maldições do Vale.

— Apesar disso, é um lugar agradável para se viver, não é? — Pois é. Mas um homem não fica completamente satisfeito quando sabe que a terra poderia ser mais rica. Eu pensei que, se pudesse fazer milhares de buracos para obrigar a água a penetrar, obteria a solução do problema. Fiz algumas experiências com cartuchos de dinamite. Parti a crusta e a água pôde infiltrar-se. Mas imagine a quantidade de dinamite que seria precisa para todo o Vale! Li que um sueco — aquele que inventou a dinamite — fabrica um explosivo mais forte e mais seguro. Talvez esteja aí a solução.

Com irrisão, mas com admiração também, Louis disse: — Ele está sempre a pensar em mudar as coisas. Nunca se sente satisfeito com o que elas são. Samuel sorriu-lhe: — Parece que há muito tempo o homem vivia nas árvores. Foi necessário que um deles se sentisse insatisfeito para que as coisas se modificassem. De contrário, a estas horas, ainda os seus pés não tocariam no chão.

E riu novamente.

— Estou para aqui, sentado no meu monte de poeira, criando um mundo, tão certo como Deus criou o Seu. Mas Deus viu a Sua obra, ao passo que eu nunca verei a minha, a não ser na minha imaginação. Este vale ainda virá a ser rico. Poderá alimentar o mundo e talvez o venha a alimentar. E há de vir para aqui gente feliz viver aos milhares, aos milhares...

Uma nuvem pareceu escurecer-lhe o olhar. O rosto entristeceu. Calou-se.

— Quem o ouvir dirá que isto é um bom sitio para se viver disse Adam. — Com uma perspectiva destas, onde é que os meus filhos correriam o risco de serem mais felizes? Samuel continuou: — Há uma coisa que eu não compreendo. Paira uma sombra sobre este vale. Não sei de que se compõe, mas sinto-a. Às vezes, quando a claridade do dia é deslumbrante, sinto essa sombra passar e envolver o Sol, chupando toda a luz como se fosse uma esponja.

A sua voz elevou-se, mais sonora: — Uma negra violência ameaça este vale. Não sei. Não sei. “É como se um fantasma saído do oceano morto que dorme a nossos pés viesse assombrar o Vale e turvar o nosso ar com a desgraça. É uma sombra secreta como um desgosto oculto. Não sei o que é, mas vejo-a e sinto-a nas pessoas daqui.

Adam arrepiou-se.

— Agora me lembro que prometi voltar cedo. A Cathy, a minha mulher, está à espera de um bebê.

— Mas a Liza já tem o almoço pronto.

— Há de desculpar-me quando souber a razão. A minha mulher não se tem sentido bem. Obrigado pelas informações acerca da água.

— Foram as minhas divagações que o deixaram preocupado? — Não, não. Nem pensar nisso. É o primeiro filho e ela tem medo.

Adam pesou os prós e os contras durante toda a noite. No dia seguinte de manhã, foi a casa de Bordoni, fechou o negócio e a terra dos Sanchez tornou-se sua.

Capítulo XIV

1

Há tanto a dizer a respeito do Oeste nessa época, que não se sabe por onde começar. Uma coisa arrasta cem outras. A questão está em determinar qual será a que se deve contar em primeiro lugar.

Recordam-se que Samuel dissera que os filhos tinham ido ao baile na escola de Peach Tree. As escolas rurais constituíam então os centros culturais. Nas cidades, a Igreja protestante lutava pela existência numa região onde era novidade. A Igreja católica enraizada há muito tempo, adormecia numa tradição confortável enquanto as missões eram gradualmente abandonadas, com os telhados a apodrecer e os pombos a arrulhar nos altares. A biblioteca — formada de livros latinos e espanhóis da missão de San Antonio, atirada para um sótão, era devorada pelos ratos que roíam as encadernações de carneira. No campo, o repositório das artes e das ciências era a escota; a professora empunhava o facho do saber e da beleza. Era na aula que se realizavam as discussões públicas e as sessões de música; era lá que se instalavam as urnas para as eleições; era lá que

se coroaavam as rainhas de Maio, que se fazia o panegírico de um presidente falecido e que se efetuavam os bailes noturnos. E a professora não era apenas um padrão de ciência e uma mulher notável, era também o objetivo matrimonial de toda a região. Uma família podia legitimamente orgulhar-se quando um dos seus filhos desposava a professora. Presumia-se que os filhos de uma professora possuíam grandes vantagens intelectuais, tanto por herança como pela educação.

As filhas de Samuel Hamilton, não estavam destinadas a tornar-se lavradoras envelhecidas prematuramente pelos trabalhos do campo. Eram belas moças de quem emanava o esplendor inerente aos seus ascendentes, os antigos reis da velha Irlanda. Possuíam uma altivez que transcendia a sua pobreza. Nunca ninguém pensara que elas pudessem causar dó. Samuel dera origem a uma raça distintamente superior. A todos Samuel comunicara a sua sede de aprender e não quisera que tivessem a orgulhosa ignorância do seu tempo. Olive Hamilton fez-se mestre-escola. Aos quinze anos abandonou o rancho para ir viver em Salinas onde se matriculou na escola secundária. Aos dezessete anos fez os exames de aptidão que abrangiam todas as artes e todas as ciências e, aos dezoito anos, era a professora de Peach Tree.

Olive tinha na sua escola alunos mais velhos e maiores do que ela. Era preciso muito tacto para ensinar. Manter a disciplina entre latagões sem se servir de uma pistola ou de um chicote era tarefa difícil e perigosa. Numa escola das montanhas, a professora fora raptada pelos alunos.

Olive Hamilton ensinava tudo a todas as idades. Muito poucas crianças ultrapassavam o grau primário nessa época e, como não podiam abandonar os trabalhos do campo, precisavam às vezes de catorze ou quinze anos para concluírem o curso. Olive também era obrigada a possuir rudimentos de medicina, pois os acidentes eram constantes. Devia saber pensar uma chaga quando se trocavam facadas no pátio de recreio. Quando um rapazito de pés descalços era mordido por uma cascavel, era a ela que competia chupar o dedo para extrair o veneno.

Aos pequenos ensinava o alfabeto, e a álgebra aos do último ano. Dirigia o coro, fazia as vezes de crítico literário e compunha a rubrica mundana que aparecia uma vez por semana no Jornal de Salinas. Tinha nas mãos toda a vida social da região. Não só fazia os exames de admissão como organizava os bailes, as reuniões, os debates, as festas do Natal e de Maio, e as grandes comemorações patrióticas do Decoration Day e do 4 de Julho. Pertencia à junta eleitoral, dirigia e centralizava todas as obras de caridade. Era um trabalho que estava longe de ser fácil e que impunha deveres e obrigações difíceis de

imaginar. A professora não tinha vida privada. Qualquer fraqueza de caráter era logo notada. Não podia hospedar-se numa casa durante mais de um período, para não despertar ciúmes: subia-se na escala social quando se dava guarida à professora. Se na casa onde ela se hospedava havia um filho em idade casadoira, era automaticamente pedida em matrimônio. E se havia vários filhos, travava-se uma luta desesperada pela posse da sua mão. Os filhos dos Aguita, que eram três, estiveram à beira de se matar por causa de Olive Hamilton. Era raro que uma professora conservasse o seu emprego por muito tempo. O trabalho era tão esgotante e os pretendentes tão encarniçados que, na generalidade, logo se casava, em desespero de causa.

Era este um caminho por onde Olive Hamilton não estava disposta a enveredar. Ela não partilhava os entusiasmos intelectuais do pai, mas, após a estadia em Salinas, resolvera que nunca viria a ser uma lavradora. Queria viver numa cidade, talvez não tão grande como Salinas, mas que também não fosse um lugarejo situado na encruzilhada de dois caminhos. Em Salinas, Olive aprendera os encantos da existência, familiarizara-se com os coros e os paramentos, com as confrarias religiosas e os bodos na igreja episcopal. Despertara para o prazer das artes, companhias itinerantes vinham representar peças e até óperas que exalavam o perfume mágico e embriagador de um mundo exterior cheio de promessas. Fora a recepções, jogara às adivinhas, concorrera a jogos florais e tocara numa orquestra. Salinas tentara-a. Lá, podia ir ao baile vestida como deve ser e voltar a casa com a mesma roupa sem ter de enrolar o vestido num saco, cavalgar dez milhas e depois desenrolar o vestido e tornar a passá-lo.

Sempre que a escola rural lhe deixava algum tempo livre, Olive sonhava com a vida das grandes cidades. Por isso, quando o jovem que construiu a moagem de Kíng City, lhe pediu a mão, ela aceitou, sob condição de manterem o noivado secreto. Era necessário para salvaguardar a tranquilidade da região.

Olive não tinha o brio do pai, mas misturava-se nela um certo sentido do humor aliado à vontade inquebrantável, herdada da mãe. A bem ou à força, os seus alunos recalcitrantes eram obrigados a ingurgitar os conhecimentos humanos.

Havia um preconceito contra a cultura. Um homem queria que os seus filhos só soubessem ler, escrever e contar, e mais nada. Tudo o que fosse além disto, era perigoso. Citavam-se muitos exemplos de crianças que, por terem ido à escola em demasia, tinham trocado o campo pela cidade, considerando-se superiores aos próprios pais. Conhecer a aritmética suficiente para medir os

terrenos, contar os animais e fazer as contas, saber passar uma encomenda e escrever cartões de boas-festas, saber ler os jornais, os semanários e os boletins locais, conhecer a música suficiente para cantar na igreja e entoar os hinos patrióticos, era quanto bastava em matéria de educação sem que se corresse o risco de ver um rapaz desviado do seu caminho. A cultura era para os médicos, para os advogados, para os professores, uma classe social à parte. Havia exceções, evidentemente, como Sam Hamilton, que era tolerado e amado, mas se ele não fosse capaz de abrir um poço, de ferrar um cavalo ou de manobrar uma debulhadora, só Deus sabe o que teriam pensado da sua família.

Olive casou-se com o jovem empreiteiro e foi primeiro para Paso Robles, em seguida para King City e finalmente para Salinas. Tinha a intuição de um gato. Os seus atos eram mais instintivos do que refletidos. Possuía o queixo firme, o nariz arrebitado da mãe e os lindíssimos olhos do pai. Era a mais representativa do tipo Hamilton, se excetuarmos a mãe. A sua teologia era uma curiosa mistura de contos de fadas e do Antigo Testamento. Já no fim da vida, confundia Jeová com o pai e vice-versa. O Paraíso era para ela uma quinta agradável onde habitavam os mortos da família. Recusava-se a aceitar os obstáculos que a natureza coloca no nosso caminho. E se havia alguém que não partilhasse a sua recusa, ficava furiosa. Parece que numa noite de sábado chorou amargamente por não poder ir a dois bailes ao mesmo tempo. Um realizava-se em Greenfield e o outro em San Lucas, a vinte milhas de distância. Ir a ambos e, depois, regressar a casa, representava uma galopada de sessenta milhas. Vexada por não poder encontrar uma solução para tal problema, pôs-se a chorar e não foi a nenhum dos bailes.

Com a idade, aperfeiçoou um método espalhafatoso para lutar contra a adversidade. Aos dezesseis anos, contraí uma pleurisia, doença mortal na época. Fui decaindo, decaindo, até as asas dos anjos me roçarem nas pálpebras. Olive pôs em prática o seu método para curar a pleurisia. O pastor rezou comigo e por fim, a madre superiora e as freiras do convento ao lado imploraram o Céu duas vezes por dia, um dos nossos parentes afastados, que era teólogo, meditava em minha intenção: foram aplicados todos os sortilégios, magias, fórmulas de bruxaria; postaram à minha cabeceira duas enfermeiras e os melhores médicos da cidade. Foi um êxito e eu restabeleci-me. Olive era afetuosa e firme com as minhas três irmãs e comigo. Ensinau-nos a arrumar A casa, a lavar a louça e a roupa e a estar à mesa. Quando se zangava, ficava com um olhar terrível perante o qual o culpado empalidecia como uma amêndoa cozida.

Assim que me curei, tive de aprender novamente a andar. Estivera nove semanas na cama e os músculos atrofiados deixavam-se penetrar pela preguiça da convalescença. Quando me puseram de pé, todos os nervos gritaram e a ferida que eu tinha ao lado doeu-me horivelmente. Tornei a cair na cama, berrando como um possesso: — Não posso, não posso levantar-me. Olive fitou-me com o seu olhar terrível.

— De pé! — disse ela. — O teu pai passou estes dias todos a trabalhar e as noites à tua cabeceira. Por causa de ti encheu-se de dívidas. Já de pé! E eu levantei-me.

Dívida era uma palavra hedionda e uma prática ignóbil para Olive. Uma conta por pagar no dia quinze de cada mês era uma dívida. Esta palavra evocava traição, desonra e mancha, Olive, que acreditava sinceramente ser a sua família a melhor do mundo não queria que ela fosse corroída pelas dívidas. Tão profundamente nos inculcou esse terror que, mesmo hoje, num sistema económico em que as dívidas fazem parte da vida, começo a ficar preocupado quando uma factura tem dois dias de atraso. Olive nunca aceitou o princípio do pagamento a prestações, mesmo quando se tornou popular. Um objeto comprado a crédito não nos pertencia; era uma coisa pela qual nos tínhamos endividado. Para obter aquilo de que tinha vontade, fazia economias. E todos os vizinhos beneficiavam das novas invenções dois anos antes de nós.

2

Olive tinha uma coragem extraordinária. Talvez a coragem seja necessária para criar os filhos. Devo dizer-lhes o que ela fez durante a primeira guerra mundial. Olive não tinha uma mentalidade internacional. A sua primeira fronteira rodeava a família; a segunda, a sua cidade, Salinas; quanto à terceira, era uma linha vaga, indefinida, a que delimitava a sua província. Por conseguinte, custava-lhe a acreditar na guerra, mesmo quando a nossa milícia a cavalo foi chamada, carregada num trem e levada para um destino desconhecido.

Martin Hopps morava à esquina da nossa rua. Era largo, baixo e ruivo. Tinha uma boca enorme e olhos vermelhos. Era o rapaz mais tímido de Salinas. Dar-lhe os bons-dias era o mesmo que mergulhá-lo num profundo terror. Pertencia à milícia pelo fato de a sua equipe de basquete se treinar na sala de armas.

Se os Alemães tivessem conhecido Olive, se tivessem tido um pouco de senso comum, refletiriam antes de agir. Mas ou não sabiam ou eram idiotas. Na altura em que mataram Martin Hopps, perderam a guerra, pois a minha mãe encheu-se de fúria e lançou-se atrás deles. Ela gostava muito de Martin Hoopps. Ele nunca fizera mal a ninguém. Quando morreu, Olive declarou guerra ao império alemão.

Correu tudo á procura de uma arma. Tricotar abafos ou peúgas não era atividade que ela considerasse suficientemente mortífera. Durante algum tempo envergou o uniforme da cruz vermelha e reuniu-se na sala de armas com outras damas; para enrolar ligaduras e desenrolar reputações. Era bem bom, mas não era assim que vibrava o golpe mortal no coração do Kaiser. Olive exigia sangue em troca da vida de Martin Hoops. A arma que pretendia achou nos Bônus da Liberdade. Ela, que nada vendera durante toda a sua vida, se excetuarmos alguns bolos na tómbola da igreja episcopal, pôs-se a vender montes de bônus. Fazia-o com uma espécie de ferocidade e suponho que as pessoas compravam coagidas pelo medo. E, quando compravam a Olive, ela dava-lhes a sensação de combate real: mergulhavam uma baioneta no ventre da Alemanha.

À medida que o volume do negócio assumia uma amplitude espetacular, o ministério das Finanças começava a acompanhar a atividade dessa nova Amazona. Primeiro vieram circulares de agradecimento, depois foram autênticas cartas assinadas pela mão do Ministro. Nós sentíamo-nos orgulhosos, mas ainda o ficamos mais quando começaram a chegar os presentes: um capacete alemão — pequeno demais para qualquer de nós — ; uma baioneta; um pedaço de granada montado numa base de ébano. Como éramos muito novos para ir combater e como tínhamos de nos contentar em marchar com espingardas de pau, parecia-nos que a guerra movida pela nossa mãe, nos justificava. Foi então que ela se ultrapassou e que ultrapassou todos os habitantes daquela região do país. Quadruplicou o seu já fabuloso recorde e obteve a mais bela de todas as recompensas: um batismo do ar num avião do exército.

Ah! como ficamos radiantes! Mesmo por procuração era uma glória difícil de suportar. Mas para a minha pobre mãe — devo dizer-lhes que a minha mãe não acreditava na existência de certas coisas, mesmo que lhe fornecessem todas as provas — não existiam maus Hamilton, não existiam aeroplanos e acabou-se! Não era o fato de já ter visto aeroplanos que a faria mudar de opinião.

Após o acontecimento, tentei imaginar o que ela teria sentido. A sua alma deve ter uivado de terror, pois como se pode voar numa coisa que não existe? Ainda se esse voo tivesse sido um castigo, seria algo de cruel e de invulgar. Mas

era uma recompensa, um dom, uma honra escolhida entre as maiores. Creio que ela nos fitou nos olhos e que viu uma tal idolatria que se deixou cair na armadilha. Se tivesse recusado, trairia a família., Estava entre a espada e a parede e a única salvação era a morte. Quando resolveu subir para aquela coisa que não existia, pareceu-me que se resignara a não sobreviver à experiência.

Olive fez o testamento. Foi uma coisa que lhe levou muito tempo, e redigiu-o perante um notário. Depois abriu o cofre de pau-rosa onde guardava as cartas que o marido lhe escrevera durante e depois do noivado. Ignorávamos que ele lhe tivesse escrito versos, mas afinal era verdade, Queimou todas as cartas; aquelas páginas pertenciam-lhe e não queria que mais ninguém, as lesse. Comprou roupa de baixo nova porque não queria que a encontrassem morta com roupa remendada, ou, o que era pior, rota. É possível que ela avistasse a grande boca contorcida e os olhos embaraçados de Martin Hopps e que julgasse pagar a seu modo essa vida roubada. Foi muito boa conosco e nunca nos disse nada quando os pratos mal lavados deixavam marcas de gordura nos panos da louça.

A apoteose de Olive devia ter lugar no campo de corridas de Salinas. Fomos levados para a pista num automóvel do exército e íamos mais solenes e circunspectos do que em funerais nacionais. O nosso pai trabalhava na refinação de açúcar de Spreckles, a cinco milhas da cidade, e não obteve licença; talvez não a tivesse solicitado, receando não conseguir resistir à emoção. Mas Olive pedira para o avião passar por cima da fábrica antes de se despenhar. Só agora compreendo que as centenas de curiosos que acorreram o fizeram apenas para admirar o avião, mas naquela altura julgávamos que se tinham deslocado para homenagear a minha mãe. Olive era pequena e já principiara a ficar obesa. Tivemos de a ajudar a sair do carro. É muito natural que já estivesse morta de medo, mas mantinha a cabeça erguida.

O avião estava pousado na erva, no meio do campo de corridas. Parecia terrivelmente pequeno e frágil — um biplano de carlinga aberta e estrutura de madeira retesada por cordas de piano. As asas eram cobertas de lona. Olive mostrava-se aparvalhada. Encaminhou-se para o aparelho como um boi para o cutelo do chacinador. Dois sargentos ajudaram-na a vestir por cima da sua roupa — da mortalha, julgava ela — um fato-macaco, um blusão de pele de cabrito e um casaco de piloto. Cada nova camada a tornava mais roliça. Enfiou na cabeça um capacete de coiro e uns óculos e, com o seu narizinho e as faces rosadas, oferecia um espetáculo que valia a pena ser visto. Tinha todo o ar de uma cebola. Os dois sargentos pegaram-lhe por debaixo dos braços e puseram-na na carlinga. Ela enchia completamente o lugar. Assim que eles apertaram o cinto de

segurança, ela voltou subitamente à vida e pôs-se a gesticular freneticamente para chamar a atenção. Um dos soldados içou-se até à carlinga, escutou-a, depois dirigiu-se à minha irmã Mary e conduziu-a ao aparelho. Olive lutou para se livrar da enorme luva de voo que lhe tapava a mão esquerda. Assim que a conseguiu libertar, tirou o anel de noivado guarnecido de um pequeno brilhante e, estendeu-o a Mary. Depois, verificou se a aliança estava no seu lugar, tornou a calçar as luvas e olhou para a frente. O piloto instalou-se no lugar da frente e um dos sargentos puxou com toda a força a hélice de madeira. A pequena aeronave rodou, deu meia volta, depois, chegada ao fim do campo, fez um barulho ensurdecedor e levantou voo. Olive tinha a cabeça muito direita, mas é muito possível que levasse os olhos fechados.

Acompanhamos o aparelho com a vista e, quando se afastou muito, deixou atrás de si um silêncio melancólico. A comissão dos bônus, os amigos, parentes e simples espectadores nem sequer pensaram em abandonar o campo. Do aparelho apenas restava um ponto no céu, para os lados de Spreckles, e mesmo isso desapareceu logo a seguir. Só quinze minutos depois o tornamos a ver.

Voava muito alto, serenamente. Então, vimos horrorizados que perdia o equilíbrio e caía. Caía sem fim, continuava a cair. Subitamente, endireitou-se, subiu e efetuou um looping. Um dos sargentos desatou a rir. Por instantes, o avião voou a direito e depois pareceu-nos que enlouquecia. Executou um tonneau, alguns immelmans, alguns loopings exteriores e interiores, depois virou-se ao contrário e passou por cima de nós nessa posição. Avistamos o ponto escuro que representava o capacete da nossa mãe.

Um dos soldados disse pachorrentamente: — Ele está doido. A mulher já não é nova.

O aparelho aterrou e aproximou-se do nosso grupo. O motor parou. O piloto saiu e abanou a cabeça com ar perplexo.

— Mas que mulher espantosa! Depois voltou-se para o lugar de trás, sacudiu a mão mole de Olive e afastou-se rapidamente.

Foram precisos quatro homens e bastante tempo para tirar Olive do seu lugar. Estava tão rígida que não a conseguiam dobrar. Nós a levamos para casa. Pusemo-la na cama e não se levantou durante dois dias.

Tivemos de esperar muito tempo até sabermos o que se tinha passado. Aos bocados, arrancamos ao piloto e a Olive alguns pormenores e tivemos de comparar as duas histórias para que formassem um certo sentido. Primeiro, tinham voado até à refinação de açúcar e dado a volta, como fora previsto —

deram três voltas para que o meu pai tivesse tempo de os ver. Foi então que o piloto resolveu pregar-lhe um susto. Gritou qualquer coisa com o rosto contraído pelo vento. Olive não compreendeu nada porque o barulho do motor abafava as palavras. O piloto cortou o gás e gritou: “Folha morta?” Não passava de uma partida. Mas Olive só viu o rosto contorcido sob os óculos e o vento deformou as palavras. Olive apenas ouviu “... morte. “ “Eu bem sabia, pensou ela. Chegou a altura.” Tentou recordar-se se não se esquecera de nada: o testamento, as cartas queimadas, a roupa de baixo nova e as provisões para o jantar. Ainda procurou lembrar-se se tinha apagado a luz da arrecadação. Tudo isto no espaço de um segundo. Depois pensou que talvez ainda restasse uma pequena probabilidade de se salvarem. O militar estava cheio de medo, disso não havia a menor dúvida. Se notasse que a passageira fora tomada pelo pânico, era capaz de ficar ainda com mais medo e de não conseguir dominar a situação. Resolveu, portanto, encorajá-lo. Endereçou-lhe um sorriso encantador e aquiesceu com a cabeça para lhe dar coragem. E foi nessa altura que se via de cabeça para baixo. Assim que voltou à posição normal, o piloto perguntou-lhe: “Mais?” Olive já não se encontrava em estado de responder fosse o que fosse. Mas mantinha a cabeça erguida e estava firmemente decidida a ajudar o piloto para que ele fizesse boa figura antes de se esmagar no solo. Por conseguinte, tornou a sorrir e a acenar com a cabeça. Sempre que terminava uma acrobacia, ele repetia-lhe a pergunta e ela tornava a encorajá-lo. Passado muito tempo, ele ainda repetia: “Nunca encontrei uma mulher tão espantosa. Fiz-lhe tudo o que aprendi na escola e ainda pediu mais. Caramba, aquilo é que dava um piloto.”

Capítulo XV

1

Adam instalou-se na sua nova propriedade como um gato consolado. Da entrada do seu pequeno vale, assinalada por um carvalho gigantesco que mergulhava as raízes na umidade subterrânea, Adam avistava os terrenos aluvianos à beira do rio e os contrafortes arredondados das colinas. Era uma terra agradável, mesmo sob o sol de verão, atravessada por uma fila de chaparros e de sicômoros, e as colinas a Ocidente tinham o tom amarelado do feno maduro. Por uma razão desconhecida, a camada de húmus daquele lado do Vale é mais espessa do que a Leste e a erva cresce mais densa. Talvez as geleiras distribuíam a água mais por igual e talvez esta parte da montanha, mais arborizada, seja um centro de precipitações.

Só uma pequena parte da terra dos Sanchez, agora dos Trask, era cultivada. Mas Adam já via os campos de aveia e os pastos de luzerna à beira do rio. Atrás dele, matraqueavam e serravam os carpinteiros vindos especialmente de Salinas para reparar a velha casa, pois fora nela que Adam resolvera fundar o seu novo lar. Raspou-se o estrume, arrancaram-se os velhos sobrados e as velhas janelas por onde as vacas enfiavam a cabeça. A madeira carcomida seria substituída pelo abeto que rescendia e pela sequoia aveludada. Um telhado novo iria para o lugar do antigo. Nas velhas paredes foram aplicadas várias camadas de uma mistura branca, à base de cal e água salgada, que parecia fosforescente, ao secar.

Um jardineiro aparara as roseiras, plantara gerânios e escolhera o local para a horta, depois de ter canalizado a água do ribeiro para regar o jardim. Adam pensava em si e nos seus descendentes. Num celeiro, tapados com lonas, repousavam belos móveis enviados de San Francisco e trazidos de King City na carroça.

Adam previa tudo. Lee, o seu cozinheiro chinês, fizera uma viagem especial a Pajaro para comprar caçarolas, panelas, jarros, marmitas e tachos. Estava a ser construída uma nova pocilga, longe da casa e abrigada do vento, assim como um canil para os cães que haviam de defender a casa dos coiotes. Adam não queria pressas. Tinha muito tempo. “Devagar, mas bem”, dissera ele

aos operários. Verificava todas as juntas de madeira e perdia horas a examinar amostras de tinta. Num canto do seu quarto, amontoavam-se catálogos de máquinas, de móveis, de sementes, de árvores de fruto. Sentia-se satisfeito por o pai ter feito dele um homem rico. o Connecticut começava a se desvanecer na memória. Talvez fosse a luz crua do Oeste que apagasse as recordações da terra natal. Sempre que pensava na casa do pai, no rancho, na aldeia, passava uma sombra por seu rosto. Era um passado que o importunava e desejava verse livre dele.

Mandara pintar a casa de madeira dos Bordoni e nela instalara Cathy para que esperasse o nascimento do filho e o fim das obras. Mas não restava dúvida nenhuma; a criança nasceria muito tempo antes de a casa ficar pronta. Adam não tinha pressa.

“Quero que seja sólida. Quero que dure. Pregos de cobre e madeira resistente. Nada que enferruje ou apodreça.” Adam não era o único a preocupar-se com o futuro. O mesmo acontecia em todo o Vale, em todo o Oeste. O passado já não era o bom tempo de antes. Poderia percorrer uma grande distância sem encontrar um homem que gozasse a juventude. Por mais duro e estéril que fosse o presente, as pessoas sentiam-se à vontade nele, pois era o limiar de um futuro fantástico. Era raro que dois homens se encontrassem, que três homens discutissem num bar, que uma dúzia de homens comessem cabrito montês em torno de uma fogueira, que não fosse para conversar do futuro do Vale que viria a ser um dia um paraíso. E não se tratava de uma conjectura, mas de uma certeza.

“Há de ser... quem sabe? talvez ainda durante a nossa vida” diziam eles.

E as pessoas imaginavam um futuro tão rico como era miserável o seu presente. Na época, para ir ao Vale, um lavrador das colinas era obrigado a empilhar a família numa espécie de carro constituído por uma grande caixa na qual se fixavam quatro rodas maciças sem eixos. No fundo, punha-se palha. A mulher aconchegava a si os filhos que batiam os dentes e que, com os solavancos, se arriscavam a cortar a língua. O pai pensava: “Quando tivermos estradas é que há de ser bom. Iremos num cabriolé e chegaremos a King City em três horas. Que mais se pode desejar neste mundo?” Se um homem possuía uma mata de carvalhos verdes — o melhor combustível do mundo, mais rijo e mais quente que o carvão — e se tinha no bolso um jornal que anunciava: “pagam-se dez dólares por metro cúbico de carvalho em Los Angeles”, dizia lá para consigo: “quando o caminho de ferro chegar até aqui, poderei levar a minha lenha à estação por dólar e meio cada metro cúbico. Suponhamos que a Pacífico

Sul me pede trinta e cinco cêntimos. Com as despesas de exploração, ainda sobram cinco dólares e eu tenho três mil metros cúbicos de lenha. Ao todo, são quinze mil dólares que ali tenho.” Outros profetizavam que, um dia, o Vale viria a ser irrigado por canais. “Quem sabe? Talvez seja antes de morrermos.” Abririam poços, iriam buscar a água às entranhas da terra por meio de bombas a vapor. “Veja se imagina. Pense só no que renderia esta terra se houvesse água. Ali! jardim mais bonito não haveria!” Um outro homem — mas era doido — dizia que um dia descobririam a maneira, talvez graças ao gelo, talvez de outra forma, de transportar aquele pêssgo que tinha na mão até Filadélfia.

Nas cidades, falava-se de esgotos e de retretes no interior das casas. Alguns já as tinham. Falava-se de lâmpadas de arco à esquina das ruas — já havia em Salinas — e de telefones. Já não havia limites, o futuro era imenso. Viria o tempo em que o homem já não teria espaço suficiente dentro de si mesmo para armazenar tanta felicidade. A alegria jorraria pelo Vale como o rio Salinas no mês de Março de um ano chuvoso.

Contemplavam o vale chato, seco, poeirento e as horríveis cidades-cogumelo e só viam beleza. “Quem sabe? Talvez enquanto formos vivos...” “Era por isso que não se podia troçar de Samuel Hamilton que deixava vaguear o espírito mais deliciosamente do que qualquer outro; aliás, o que ele dizia não parecia tão idiota quando se sabia o que estavam fazendo em San José. Mas Samuel emitia dúvidas. Seria a gente feliz quando tudo isso acontecesse? Feliz? Deem-nos tudo isso e logo lhes mostramos o que é a felicidade.

E Samuel recordava-se de ter ouvido a história de um primo da sua mãe, um barão irlandês, rico e belo, amado pela mulher mais formosa do mundo e que, apesar disso, metera uma bala nos miolos.

“Há apetites de felicidade, dizia Samuel, que nem todo um paraíso conseguiria satisfazer.” Adam Trask também fazia incursões no futuro, mas o presente era uma fonte suficiente de felicidade. A alegria invadia-o quando imaginava Cathy sentada ao sol, calma, pegando no filho, com um rosto semelhante ao dos anjos das imagens da primeira comunhão. às vezes, a brisa agitava-lhe os cabelos ou ela erguia os olhos e Adam sentia-se dominado por um êxtase tão profundo que chegava à ser doloroso.

Se Adam se sentia como um gato bem nutrido aninhado nas suas terras, Cathy também parecia um felino. Ela sabia renunciar às coisas para melhor poder vir a obtê-las mais tarde. A sua gravidez não passara de mero acidente. Quando o médico a ameaçara, após a tentativa de aborto, ela abandonara a ideia. Isto não quer dizer que se tivesse reconciliado com o fato de estar grávida. Resolveu levar as coisas com paciência, como se fosse uma crise de urticária, tal como tinha sido o seu casamento com Adam. Caíra na armadilha.

Só lhe restava esperar. Também não quisera ir para a Califórnia, mas não tivera outro remédio. Muito pequena ainda, já aprendera a vencer utilizando o ímpeto do adversário. É fácil dirigir a força de um homem, enquanto que é impossível resistir-lhe. Muito poucas pessoas poderiam podido adivinhar que Cathy não queria estar onde estava e nas condições em que estava. Descansava e aguardava a oportunidade que não deixaria de se apresentar. Tinha a qualidade indispensável aos grandes criminosos: não confiava em ninguém, não se confiava a ninguém. Era uma ilha. Era muito provável que não deitasse um olhar à terra de Adam nem à casa; era natural que os projetos dele não a interessassem pois não tinha a intenção de continuar a viver ali após a sua cura, assim que as maxilas da armadilha se abrissem. Mas às perguntas do marido respondia da forma que ele esperava. Agindo de outro modo, teria perdido tempo e desbaratado forças.

— Estás a ver como a nossa casa é bonita com as janelas dando para o Vale? — É maravilhosa — respondia Cathy.

— Talvez te pareça ridículo, mas às vezes tento imaginar o que Fez o primeiro Sanchez há centenas de anos. Como seria o Vale, então? Como ele deve ter previsto tudo cuidadosamente! Sabes que havia canalizações? Encontramos algumas quando revolvíamos a terra. Eram feitas de troncos de sequoia escavados.

— É extraordinário. Ele devia ser muito inteligente.

— Gostaria de saber mais alguma coisa acerca dele. Pela posição da casa, pela sua forma e pelas proporções, pelas árvores que plantou, devia ser um artista no seu gênero.

— Era espanhol, não era? Ouvi dizer que os Espanhóis eram artistas. Recordo-me que no meu livro escolar se falava de um pintor... Não. Esse era Grego.

— Gostaria de saber onde poderia encontrar informações a respeito do primeiro Sanchez.

— Alguém deve saber.

— Quando penso no trabalho todo que ele teve, e o Bordoni transformou a casa num estábulo! Sabes o que eu mais gostaria de saber?

— O que era, Adam?

— Se ele tinha uma Cathy e quem era ela.

Ela sorriu, baixou os olhos e evitou-lhe o olhar. — Dizes cada uma...

— Devia ter uma, devia. Eu não tinha coragem, não tinha objetivo, nem sequer... tinha grande desejo de viver antes de te conhecer.

— Adam, não digas isso. Não faças pouco de mim. Olha que me ofendes.

— Desculpa. Sou tão desajeitado.

— Não és, não. Mas não refletas no que dizes. Achas que devo tricotar ou coser? Sinto-me tão bem, sentada ao sol.

— Eu compro tudo o que for preciso. Contenta-te em ficar sentada. Num certo sentido, tu ainda és quem mais trabalha aqui. Mas o resultado é maravilhoso.

— Adam, a minha cicatriz nunca mais desaparece.

— O médico disse que desaparecia com o tempo.

— Às vezes acredito que sim, mas depois ela torna a acentuar-se. Achas que está mais escura, hoje? — Não me parece.

No entanto, estava. Assemelhava-se a uma grande dedada e a pele parecia franzida a toda a volta. Adam aproximou o dedo e ela recuou a cabeça.

— Não — disse ela-, é muito sensível ao toque. Se carregares, fica encarnada.

Sorriu-lhe quando o viu afastar-se mas, assim que ele desapareceu, os olhos perderam-se no vazio. Aconchegou-se bem na cadeira. O bebê estava a dar pontapés. Respirou e descontraíu todos os músculos. Esperava.

Lee aproximou-se da cadeira instalada sob o carvalho mais frondoso.

— Sinhôla, quê chá? — Não... Quero, sim.

Cathy perscrutou-lhe a expressão mas não conseguiu interpretar o sentido do seu olhar. O chinês deixava-a embaraçada. Cathy sabia perfeitamente rebuscar o cérebro de um homem para lhe adivinhar os ímpetos e os desejos. Mas o de Lee amachucava-se e voltava ao seu lugar como espuma de borracha. O rosto magro com uma testa larga, firme e sensível era agradável; os lábios sorriam sempre. Nas costas pendia e mexia ao ritmo dos gestos o longo rabicho brilhante terminado por uma estreita fita de seda preta. Quando precisava de fazer um trabalho violento, Lee prendia o rabicho no alto da cabeça. Usava calças de algodão muito cingidas, sandálias pretas sem salto e uma comprida

cabaia chinesa. Sempre, que podia, escondia as mãos nas mangas, como que para as proteger.

— Vê buscó mesinha — disse ele. Cumprimentou ligeiramente e afastou-se. Cathy seguiu-o com o olhar e franziu as sobrancelhas. Não tinha medo de Lee e, contudo, não se sentia à vontade na sua presença. Mas era um excelente criado, respeitoso... o melhor. Que mal lhe poderia fazer? 2 O verão progredia e o rio Salinas secava. Só algumas poças verdes subsistiam junto das margens. O gado ruminava todo o dia debaixo dos salgueiros e apenas se levantava à noite para comer. A erva começava a adquirir um tom ruço. À tarde, o inevitável vento descia pelo Vale e levantava uma poeira que subia como nevoeiro para o céu, até quase ao cimo das montanhas. As raízes da aveia brava, desnudadas pelo vento, pareciam cabeças de preto. Na terra polida, palhas e gravetos corriam doidamente até encontrarem um obstáculo. E os calhaus voavam aos saltos, empurrados pelo vento.

Compreendia-se então porque é que o primeiro Sanchez construíra a casa no valezinho. O vento e o pó não chegavam lá e o ribeiro, embora tivesse um caudal diminuto, continuava a fornecer uma água clara e fria. Mas Adam, sempre que contemplava a sua terra seca, obscurecida pela nuvem de poeira, sentia o pânico próprio do homem do Leste que se vê pela primeira vez na Califórnia. No Connecticut se, durante o verão, há duas semanas a fio sem chover, fala-se logo em seca. Quatro semanas são uma catástrofe. Se a erva não se mantém verde, morre. Mas na Califórnia não chove geralmente entre fins de Maio e princípios de Novembro. E o homem do Leste, apesar de prevenido, julga que a terra está doente durante os meses secos.

Adam enviou Lee com um recado ao Sr. Hamilton, pedindo-lhe que o fosse ver para discutirem a abertura de alguns poços.

Samuel estava sentado à sombra, observando o filho Tom que montava um novo tipo de armadilha, quando Lee chegou no carro dos Trask. Lee dissimulou as mãos nas mangas, enquanto Samuel lia a mensagem.

— Tom — disse ele — achas que és capaz de tomar conta da propriedade enquanto eu for tratar de uma questão de águas com um homem seco? — Leva-me contigo. Talvez precises de ajuda.

— Para falar? Não, obrigado. Os trabalhos de abertura ainda levarão certo tempo para começar. Quando se trata de poços, tem de se começar por falar muito. Cerca de quinhentas a seiscentas palavras por cada pazada de terra.

— Gostaria de ir. Tu vais a casa do Sr. Trask, não vais? Eu não o vi quando cá veio.

— Logo vais quando começarem as obras. Como sou mais velho do que tu, tenho o direito de falar em primeiro lugar. Vê se tens cuidado, Tom, se cair uma doninha na armadilha, basta-lhe enfiar uma pata por este sítio para se soltar. Bem sabes como são espertas.

— Estás a ver esta barra? Dá uma volta e fica presa. Nem tu eras capaz de te soltar.

— Eu não sou tão esperto como uma doninha. Mas parece-me que achaste a solução. Tom, não te importas de selar o Doxology enquanto vou dizer à tua mãe para onde vou? — Mim leva sinhô — disse Lee.

— De qualquer forma, tenho de voltar para casa.

— Mim tlazê sinhô.

— Que disparate! — disse Samuel. — Atrelo o cavalo ao carro e volto nele.

Samuel sentou-se no cabriolé ao lado de Lee, enquanto o cavalo os seguia com um passo desigual.

— Como se chama? — perguntou Samuel para ser agradável.

— Lee. Tenho outro nome, mas Lee nome família do pai. Tlate-me pu Lee.

— Tenho lido muitas coisas sobre a China. Foi lá que nasceu? — Não. Nascê aqui.

Samuel manteve-se calado durante muito tempo, enquanto o carro descia aos solavancos para a poeira do Vale.

— Lee — disse ele por fim — não pretendo ofendê-lo, mas nunca consegui compreender porque é que os da sua raça continuam a falar o pidgim quando os labregos analfabetos das terras negras da Irlanda, que têm o bestunto cheio de gaélico e a língua como uma batata, aprendem o inglês em menos de dez anos.

Lee sorriu.

— Mim falá língua chinesa.

— Lá deve ter as suas razões e eu não tenho nada com isso. Espero que me desculpe se não acreditar no que diz.

Lee fitou-o e os seus olhos castanhos sob as pálpebras esféricas pareceram adquirir uma certa profundidade até se tornarem calorosos e compreensivos. Lee riu.

— É mais do que uma conveniência — disse ele. — Até é mais do que uma proteção. Se quisermos ser compreendidos, temos de utilizar esta linguagem. Samuel não deu a entender que notara a modificação.

— Compreendo os dois primeiros motivos — disse. — Agora o terceiro é que não percebo.

— Eu sei que custa a acreditar. Mas já nos aconteceu tantas vezes, aos meus compatriotas e a mim, que o consideramos uma regra geral. Se me apresentar a um homem ou a uma mulher e lhes falar como o estou a fazer neste momento, não me compreendem.

— Porque estão preparados para ouvir o pidgim e só isso é que percebem. Se falar inglês, não me escutam e, portanto, não me compreendem.

— Será possível? Então como é que eu o compreendo? — É por isso que lhe falo. O senhor é um dos raros homens que conseguem separar a ideia recebida da ideia preconcebida. O senhor vê o que é, enquanto que a maioria das pessoas não vê senão o que espera ver.

Não tinha pensado nisso. Não tenho tanta experiência com você. Mas o que disse parece refletir a verdade. Estou a gostar muito de conversar consigo. Tinha tantas perguntas a fazer-lhe.

— Teria o maior gosto em responder-lhes.

— Tantas perguntas. Por exemplo, você usa rabicho. Li em qualquer parte que era um sinal de escravidão imposto pelos conquistadores manchus aos Chineses do Sul.

— É a verdade.

— Mas então, valha-o Deus, porque é que usa rabicho quando nada tem a recear dos Manchus?

— Mim falá pidgim, mim usá rabicho china. Sinhô complende? Samuel soltou uma gargalhada.

— Já compreendi onde quer chegar. Quem me dera ter também um alçapão desses para me escapar de vez em quando.

— Não sei se lhe poderei explicar tudo — disse Lee. — Quando existe uma certa falta de experiência, é muito difícil. Se não me engano, o senhor não nasceu na América...

— Não, nasci na Irlanda.

— Apesar disso, daqui a alguns anos terá perdido os caracteres distintivos do Irlandês. Enquanto que eu, que nasci na América, que fui à escola e passei vários anos numa universidade, não tenho qualquer probabilidade de vir a passar por americano.

— Mesmo que cortasse o rabicho, que se vestisse e falasse como nós?

— Sim, mesmo assim. Já tentei. Para os pretensos brancos, eu continuava a ser um chinês, mas um chinês que procurava dissimulá-lo. Ao mesmo tempo,

os meus amigos iam-se afastando de mim. Tive de desistir.

Lee deteve o carro sob uma árvore, desceu e tirou o freio ao cavalo.

— É tempo de almoçar — disse. — Trouxe um farnel. Quer partilhá-lo comigo?

— Com todo o prazer. Vou pôr-me à sombra. Já me tem acontecido esquecer-me de comer, o que é tanto de estranhar porquanto ando sempre com fome. Interessa-me muito o que diz; tem um tom de autoridade. Nunca se lembrou de ir para a China? Lee sorriu com ironia.

— Daqui a pouco, há de ter feito todas as perguntas que eu já fiz a mim mesmo. Já estive na China, já. O meu pai tinha uma ótima situação antes de se vir embora. Comigo não deu resultado. Disseram-me que tinha o ar de um demônio estrangeiro, que falava como um demônio estrangeiro, que cometia faltas de tacto e que ignorava todas as delicadezas que se tinham posto na moda depois da partida do meu pai. A China não queria nada comigo. Quer queira acreditar quer não, sou menos estrangeiro aqui do que na China.

— Acredito, pois parece-me muito razoável. Acaba de me fornecer matéria para pensar, pelo menos, durante um ano. As minhas perguntas estão a aborrecê-lo?

— Pelo contrário. O defeito do pidgim é que se acaba por pensar em pidgim. Eu escrevo muito para manter o meu inglês em forma. Ouvir e ler não é a mesma coisa que falar e escrever.

— E nunca se engana? Quer dizer: nunca lhe acontece começar a falar inglês de repente?

— Não. O mais importante é saber-se o que se espera de nós.

Perscrutam-se os olhos de um homem e vê-se logo que ele espera que falem pidgim e que façam erros de sintaxe. Então, pomo-nos a falar pidgim e a massacrar a gramática.

— Tem razão — disse Samuel. — Eu próprio, se digo piadas é porque as pessoas vêm de muito longe para que eu as faça rir. Procuro ser engraçado mesmo que esteja invadido pela tristeza.

— Mas dizem que os Irlandeses são alegres e felizes.

— Isso é o pidgim e o rabicho, deles. Não são, não. É um povo sombrio mais dotado para sofrer do que realmente merece. Diz-se que se matariam se não tivessem o uísque para lhes adoçar a vida. E se gracejam, é porque é isso o que deles se espera.

Lee tirou uma garrafa do cesto.

— Quer provar? É uma bebida chinesa, Ng-ka-py.

— O que é?

— Aguardente chinesa. Muito forte. Na realidade, é uma mistura de aguardente e absinto. É fortíssimo e faz adoçar a vida. Samuel bebeu um gole.

— Tem gosto de maçã podre.

— Pois é, mas de boas maçãs podres. Encha a boca, deixe a língua impregnar-se bem e beba devagarinho. Samuel tomou um bom trago e atirou a cabeça para trás. Estou a ver o que quer dizer. É, de fato, muito bom.

— Aqui tem sanduíches, pepino de conserva, queijo e uma lata de leite.

— Sabe fazer as coisas.

— Claro. Samuel mordeu um sanduíche.

— Não tinha menos de quinhentas perguntas a fazer-lhe. Gostaria de lhe fazer a mais interessante de todas. Não o maçó? — De forma nenhuma. A única coisa que lhe peço é que não fale assim quando estiverem outras pessoas a escutar. Só contribuiria para as embaraçar e, seja como for, não acreditavam.

— Vou tentar — disse Samuel. — Se me enganar, não se esqueça que tenho fama de cómico. É difícil cortar um homem ao meio e servir-se sempre da mesma metade.

— Creio poder adivinhar a sua pergunta.

— Qual é?

— Por que me contento em ser criado?

— Como diabo adivinhou?

— Era lógico.

— A pergunta o desagrada?

— Vinda de ti, não. Só são desagradáveis as perguntas envolvidas em condescendência. Não compreendo por que é que a condição de criado tem má fama. É o refúgio do filósofo, o alimento do preguiçoso e, se for bem compreendida, é uma posição de poderio e até de amor. Não percebo como é que não há mais pessoas inteligentes que abracem esta carreira, lhe aprendam os segredos e dela beneficiem. Um bom criado está ao abrigo, não atrás da bondade do amo, mas atrás do hábito e da preguiça. Um homem tem dificuldade em cozinhar ou em passar as meias. E prefere ficar com um mau criado a trocá-lo por outro. Mas um bom criado — e eu sou excelente — pode dirigir completamente a vida do seu amo. Pode dizer-lhe o que deve pensar, como deve agir, deve casar, quando deve divorciar-se. Pode reduzi-lo ao terror pelo hábito, oferecer-lhe a felicidade e, finalmente, ser contemplado no seu testamento. Se tivesse querido, poderia ter roubado, espoliado e espancado todos aqueles para quem trabalhei, acabando ainda por obrigá-los a agradecer-me.. Se pesarmos

tudo bem, a minha condição não me protege, mas o meu amo tem o dever de me defender. O senhor é obrigado a trabalhar e a enfrentar as preocupações. Eu trabalho e preocupo-me menos do que o senhor. E sou um bom criado. Um mau criado não trabalha, não se preocupa com nada e não deixa de ser vestido e protegido. Não conheço nenhuma profissão em que haja tanta incompetência e em que a excelência seja tão rara.

Samuel inclinara-se para ele, escutando-o com o maior interesse. Lee continuou: — Que alívio não vai ser voltar a falar pidgim! — Estamos pertíssimo de casa. Porque foi que paramos? — Pâla tê tempo falá. Sinhô tá plonto?

— O quê? Ah!... estou, sim. Mas é uma vida muito solitária a sua.

— É o único inconveniente. Já pensei em ir para San Francisco e abrir uma loja.

— Lavanderia? Ou uma mercearia?

— Não. Já há muitas lavanderias e restaurantes chineses. Tinha pensado numa livraria. O ramo agradava-me e a concorrência não havia de ser grande. Mas o mais provável é nunca o fazer. Um criado perde o espírito de iniciativa.

3

Samuel e Adam percorreram a propriedade a cavalo. Como todas as tardes, o vento começou a soprar e a poeira amarela ergueu-se no céu.

— É uma bela terra — disse Samuel. — Não há dúvida que é.

— Tenho a impressão de que o vento a leva — observou Adam.

— Não, apenas a desloca. O que o vento lhe tira vai cair na terra dos James e você recebe o que vem dos Southeys.

— Não gosto do vento. Põe-me nervoso.

— Ninguém gosta. Até deixa os animais inquietos. Não sei se reparou, mas um pouco mais para o alto do Vale plantam barreiras de eucaliptos para cortar o vento. São árvores que vêm da Austrália e dizem que crescem três metros por ano. Porque não planta algumas filas para ver? Com o tempo, poderão deter o vento e darão excelente lenha para queimar.

— Boa ideia — disse Adam. — Mas o que eu quero é água. Este vento bombearia toda a água que eu pudesse encontrar... Pensei que se furasse alguns poços e irrigasse, a terra não se iria embora. Até poderia experimentar semear feijão.

Samuel franziu os olhos para os proteger do vento.

— Vou tentar encontrar-lhe água — disse. — Inventei uma bomba que aspira muito depressa. Um moinho de vento custa caro, mas talvez lhe possa fabricar um mais em conta.

— Último — disse Adam. — Se o vento trabalhar para mim, já não me incomoda e, se tiver água, poderei semear luzerna.

— É coisa que rende pouco.

— Não é nisso que eu pensava. Há algumas semanas fui dar uma volta para os lados de Greenfield e de Gonzales. Descobri lá uns suíços que alimentam as manadas de vacas leiteiras com quatro colheitas de luzerna por ano.

— Já ouvi falar nisso. Mandaram vir os animais da Suíça.

O rosto de Adam parecia iluminado. — O que eu queria fazer era vender a manteiga e o queijo e dar o soro aos porcos.

— Você vai valorizar o Vale — disse Samuel. — É um homem de iniciativa.

— Se encontrar água.

— Encontrar-se-á se houver. Trouxe a minha varinha mágica. Com a mão, acariciou uma varinha bifurcada presa à sela. Adam apontou à esquerda um grande plaino coberto de artemísia anã.

— Veja — disse ele. — Trinta e seis acres tão lisos como um soalho. Já os sondei. A camada de terra tem a média de um metro de espessura e está ao alcance da relha do arado. Acha que seria capaz de encontrar água?

— Não sei — disse Samuel. — Vou ver.

Desceu do cavalo, estendeu as rédeas a Adam e pegou na varinha. Depois, principiou a andar. Lentamente, com os braços esticados para a frente, segurando cada uma das pontas da forquilha. Deslocava-se em zigue-zague. Uma vez, franziu o cenho, recuou alguns passos, depois abanou a cabeça e recomeçou a avançar. Adam cavalgava ao lado dele, segurando o outro cavalo.

Adam não desviava os olhos da varinha. Viu-a estremecer e depois torcer-se ligeiramente como a ponta de uma cana de pesca que fosse puxada por um peixe invisível. O rosto de Samuel estava contraído. Continuou a andar até que a extremidade da varinha pareceu violentamente atraída para o chão, lutando contra a mão que a retinha. Samuel girou lentamente em círculo, partiu um ramo de artemísia e atirou-o ao chão. Depois, saiu do círculo traçado, tornou a colocar a varinha em posição e dirigiu-se para o centro marcado pelo ramo quebrado. À medida que se aproximava, a ponta da varinha era novamente atraída. Samuel suspirou, pareceu distender-se e deixou cair a varinha no chão.

— Aqui há água — disse ele. — E não está muito profunda. A atração era forte. Deve haver muita água.

— Bom — disse Adam. — Vou mostrar-lhe dois outros sítios.

Samuel desfolhou um ramo de artemísia e espetou-o na terra. Depois, fendeu-o na ponta e entalou outro galho para servir de ponto de referência. Antes de se ir embora, ainda calcou o solo para poder encontrar a marca com facilidade.

Numa segunda tentativa, a trezentos metros de distância, a varinha pareceu literalmente querer fugir-lhe das mãos.

— Há toneladas de água — disse ele.

A terceira tentativa não obteve resultado. Após hora e meia de esforços, a varinha não deu o menor sinal de agitação. Os dois homens regressaram lentamente a cavalo para casa. O ar estava doirado pela refração dos raios solares através da poeira amarela. Como de costume, o vento acalmara com o cair da tarde, mas às vezes só a meio da noite é que a poeira voltava a cair no chão.

— Eu bem sabia que era uma boa terra — disse Samuel. É uma coisa, que se nota à primeira vista. Deve haver um rio subterrâneo que vem da serra. O senhor sabe escolher uma terra. Adam sorriu.

— Nós tínhamos um rancho no Connecticut. Há seis gerações que não fazemos outra coisa senão arrancar-lhe as pedras. Mal sabia andar já apanhava pedras para fazer muros. Até julgava que todas as herdades fossem iguais. Aqui a terra parece-me estranha e eu quase que me sinto culpado. Se quiséssemos uma pedra teríamos de andar muito antes de a encontrar.

— O pecado é coisa curiosa — observou Samuel.— Se um homem se visse obrigado a despojar-se de tudo o que tem, creio que o faria de modo a ficar com alguns pecadinhos para seu próprio tormento. São sempre as últimas coisas que largamos.

— Talvez seja um bom meio de se mostrar humilde perante a ira de Deus.

— Não há dúvida de que a humildade é uma boa coisa — disse Samuel —, pois raros são os homens que não a têm, mesmo em pequena quantidade. Mas chega-se a perguntar onde é que reside o seu valor. A não ser que a aceitemos como uma dor agradável e muito preciosa. A dor... gostaria de saber se já alguma vez foi bem compreendida.

— Fale-me da sua varinha — pediu Adam. — Como é que funciona? Samuel designou com o dedo a varinha bifurcada presa na sela.

— A verdade é que não acredito nela. Mas não há que duvidar: funciona. — Sorriu a Adam. — Talvez eu saiba onde se encontra a água, talvez eu a sinta.

Uns têm o sentido da orientação, outros têm o sentido da água. Suponha... chamemos humildade, ou falta de fé em mim mesmo às razões que me obrigam a empregar métodos de feiticeiro para trazer à superfície o que eu sei existir com toda a certeza. Compreende o que eu quero dizer? — Preciso de pensar nisso — disse Adam.

Os cavalos caminhavam à vontade, de cabeça baixa e freio nos dentes.

— Quer passar cá a noite? — perguntou Adam.

— Podia fazê-lo mas mais vale que não. Não preveni a Liza e não quero que se aflija por minha causa.

— Mas ela sabe onde está.

— Pois sabe, mas prefiro voltar para casa. A hora pouco importa. Se me convidar para jantar, aceito. Quando quer começar a abrir os poços? — Assim que puder.

— Sabe que a mania da água não sai nada barata? Terei de levar cinquenta cêntimos ou mais por cada meio metro, consoante o terreno que encontrarmos. Pode sair-lhe caro.

— Dinheiro não me falta. O que eu quero é água. Ouça, Sr. Hamilton...

— Trate-me por Samuel.

— Ouça, Samuel, eu quero transformar a minha terra num jardim. Não se esqueça de que me chamo Adam. Até hoje, nunca conheci o paraíso ou, se o conheci, foi para me ver posto na rua.

— Não se pode arranjar melhor pretexto para fazer um jardim — exclamou Samuel. — E onde tenciona plantar o pomar? Adam respondeu: — Não quero macieiras. É escusado ir ao encontro dos aborrecimentos.

— E que diz a isso a sua Eva? Não se esqueça de que a opinião dela também conta. Eva adora as maçãs.

— A minha não. — Os olhos de Adam brilhavam. — Você não conhece a minha Eva. Há de ficar satisfeita com a minha decisão. Ninguém pode avaliar até onde vai a generosidade dela.

— Então é uma raridade. Não há maior dom.

Aproximavam-se da entrada do pequeno vale onde se escondia a casa dos Sanchez. Já se avistavam as copas verdes e arredondadas dos grandes carvalhos.

— Um dom — disse brandamente Adam. — O senhor nem pode imaginar. A minha vida era cinzenta, Sr. Hamilton... Samuel. Não que fosse má, comparada com outras vidas, mas não era nada. Nem sei porque lhe estou a dizer isto.

— Talvez seja por eu gostar de ouvir.

— A minha mãe faleceu muito antes de eu começar a ter recordações; a minha madrastra era uma mulher cheia de qualidades, mas doente. O meu pai era um homem severo. Talvez fosse um grande homem...

— E não conseguia gostar dele.

— Sentia por ele o que se sente na igreja, mas sem sombra de medo.

Samuel aquiesceu.

— Bem sei. E é o que pretendem certos homens. — Sorriu. — Sempre desejei outro amor. A Liza diz que é uma das minhas fraquezas.

— O meu pai alistou-me no exército. Estive no Oeste a combater os índios.

— Já me disse isso, mas não raciocina como um militar.

— Nunca o consegui ser. Parece-me que lhe estou a contar a minha vida.

— É porque o deseja. Há sempre uma razão.

— Um soldado deve querer fazer o que lhe mandam. Ou, pelo menos, não deve ir contra as ordens. Eu não conseguia descobrir motivos fortes para matar homens e mulheres e não compreendia as justificações quando as davam.

Cavalgaram um momento em silêncio e, depois, Adam prosseguiu: — Saí do exército a arrastar-me como se quisesse livrar-me de um atoleiro. Vagueei muito tempo antes de voltar a casa, um lugar de que me lembrava mas que não amava.

— E o seu pai?

— Morreu. E a casa não era mais que um lugar para me sentar, ou trabalhar enquanto a morte não vem, como se se esperasse por uma festa terrível.

— É filho único?

— Não. Tenho um irmão.

— E onde está ele? Espera pela festa?

— Sim, é exatamente isso. Foi então que apareceu a Cathy.

Talvez lhe conte um dia como as coisas se passaram, se estiver disposto a ouvir.

— Pode crer que estou. Gosto de histórias como de uvas.

— Ela emitia uma espécie de luz. E tudo mudou de cor. O mundo abriu e sabia bem acordar. Já não havia limites. As pessoas eram boas e belas. Eu perdera o medo.

— Estou a reconhecer isso — disse Samuel. — É um velho conhecimento. Sem nunca morrer completamente, às vezes afasta-se ou então é você que o faz. Estou a reconhecer isso, estou — os mesmos olhos, o nariz, a boca e o cabelo.

— E tudo veio de uma mocinha ferida.

— E de si mesmo, também não? — Ah! não. Teria vindo mais cedo. Foi a Cathy quem o trouxe e é ela própria quem o alimenta. É por isso que quero água. Tenho de pagar o que recebi. Vou fazer um jardim maravilhoso onde ela possa viver e espalhar a sua luz.

Samuel engoliu a saliva várias vezes. Quando falou, a voz parecia comovida.

— Sei qual é o meu dever — disse ele. — E devo cumpri-lo, se sou homem e se sou realmente seu amigo.

— Que quer dizer?

Samuel acrescentou com ironia: — É meu dever arrancar essa coisa que vive em si, esmagar-lhe a cabeça, plantá-la à sua frente e cobri-la de cal viva para que não irradie. — A voz avolumou-se, veemente. — Deveria mostrá-la a si tal qual é: fedendo a esterco, perigosa e porca. Deveria aconselhá-lo a perscrutá-la até que descobrisse como ela na realidade é medonha. Deveria acautelá-lo contra a infidelidade e dar-lhe exemplos. Deveria estender-lhe o lenço de Otelo. Ai não que não sei que deveria fazê-lo! E deveria endireitar-lhe os pensamentos desequilibrados e mostrar-lhe que esse entusiasmo é cinzento como o chumbo e está podre como um animal morto. Se cumprisse o meu dever, devolvê-lo-ia à sua antiga e triste vida e só teria que me felicitar por isso.

— Está brincando? Talvez não devesse ter-lhe dito...

— Um dia, um dos meus amigos cumpriu o seu dever para comigo. Mas eu sou um falso amigo. Você possui uma coisa magnífica, preserve-a e arda com ela. E quanto a mim, abro-lhe todos os poços que quiser, nem que tenha de enfiar a sonda até às negras entranhas da terra. A água há de esguichar como o sumo de um fruto.

Cavalgaram sob os grandes carvalhos em direção à casa. Adam disse: — Lá está ela, sentada à porta. — Gritou: — Cathy, há água, muita água. — Depois, numa voz perturbada, acrescentou para Samuel: — Sabia que ela estava à espera de uma criança?

— Mesmo de tão longe, parece muito bonita — respondeu Samuel.

4

O dia fora muito quente. O Sol estava quase a desaparecer por detrás das cristas da serra. Lee pôs a mesa debaixo de um carvalho, andando numa roda-

viva entre a árvore e a cozinha, levando as carnes frias, os pickles, a salada de batata, um bolo de coco e uma torta de pêssegos. No centro da mesa, colocou um grande jarro de barro cheio de leite.

Adam e Samuel voltaram do lavatório com a cara e o cabelo reluzentes de água; a barba de Samuel encaracolara após a ensaboadura. Ficaram de pé diante da mesa desmontável e aguardaram Cathy.

Ela chegou devagar, pousando cautelosamente os pés, como se tivesse medo de cair. Uma saia plissada e um avental dissimulavam, até certo ponto, o ventre inchado. O rosto tinha uma expressão calma e infantil; vinha de mãos cruzadas em cima da barriga. Só quando chegou perto da mesa é que ergueu os olhos para contemplar Samuel e, logo a seguir, Adam.

Adam ofereceu-lhe uma cadeira.

— Ainda não conheces o Sr. Hamilton, querida.

Cathy estendeu a mão. — Como está?

Samuel estivera a observá-la e achava-a bela.

— Muito prazer em conhecê-la. Tem passado bem, não é verdade?

— Tenho, sim, muito obrigada!

Os homens sentaram-se. — Para ela, cada refeição é uma cerimônia que ela honra ou não com a sua presença — disse Adam.

— Não digas isso. Não é verdade.

— Não acha que há uma atmosfera de festa, esta tarde, Samuel? — É verdade. E, pelo que me toca, estou sempre disposto a participar numa festa. Quanto aos meus filhos, ainda são piores. O meu filho Tom queria vir hoje. Ficou a remorder-se na quinta.

Samuel notou subitamente que estava falando para evitar que o silêncio caísse sobre eles. Calou-se e o silêncio amortalhou-os. Cathy olhava para o prato enquanto comia a fatia de carneiro assado. Só erguia a cabeça para introduzir uma garfada entre os dentinhos aguçados. Nos olhos muito abertos, não havia nada.

Samuel arrepiou-se.

— Faz frio, não faz?— perguntou Adam.

— Frio? Não. Parece que alguém me pisou a sepultura.

— Já tenho tido essa sensação.

O silêncio voltou a cair. Samuel esperava que atirassem uma frase, mas já sabia que tal não aconteceria.

— A Sra. Trask gosta do nosso vale? — Como? Gosto, gosto.

— Se não sou indiscreto, quando espera ser mãe? — Daqui a umas seis semanas — respondeu Adam. — A minha mulher é daquelas que não falam muito.

“Um silêncio pode ser revelador”, refletiu Samuel. E viu que os olhos de Cathy se erguiam para logo se baixarem, e pareceu-lhe que a cicatriz que ela tinha na testa ficava mais escura. Tinha sido atingida por algo, como quando se roça num cavalo com a ponta de um chicote. Samuel não via o que poderia ter dito para a alarmar. Sentia uma tensão semelhante à que precede a torção da varinha de aveleira: era algo estranho e forçado. Dirigiu o olhar para Adam: ele fitava a mulher intensamente. O que era estranho não o era para Adam. O seu rosto refletia a felicidade.

Cathy mastigava um bocado de carne com os incisivos. Samuel nunca vira mastigar assim. Após ter engolido, ela lambia os lábios. Na cabeça de Samuel, martelava uma frase: “Há qualquer coisa, qualquer coisa que não consigo descobrir. Qualquer coisa que não está bem.” E o silêncio envolveu o grupo.

Ouviu uma coisa deslizar atrás dele. Voltou-se. Lee pousou um bule em cima da mesa e retirou-se silenciosamente.

Samuel recomeçou a falar para repelir o silêncio. Contou como viera ter ao Vale, vindo direito da Irlanda, mas, após algumas palavras, verificou que tanto Cathy como Adam já não o escutavam. Para ter a certeza, utilizou o processo que empregava com os filhos quando, depois de lhe pedirem que lhes lesse uma história, deixavam de o interromper. Lançou duas frases que nada significavam. Não houve reação. Desistiu.

Apressou-se a comer, bebeu o chá a ferver e dobrou o guardanapo.

— Se me dá licença, minha senhora, vou voltar para casa.

— Boa noite — disse ela.

Adam levantou-se de um salto. Parecia que o tinham arrancado a um sonho.

— Não se vá embora, agora. Esperava que passasse a noite aqui.

— Não, obrigado. Não posso. E depois a caminhada não é grande e o luar ajuda.

— Quando começa a perfuração? — Tenho de preparar as brocas, afiá-las e deixar tudo em ordem antes de me vir embora. Dentro de poucos dias, mando o meu filho com o material. Adam renascia para a vida.

— Não demore — disse ele. — Cathy, nós vamos ter o mais belo jardim do mundo. Não haverá nada que se lhe possa comparar.

Samuel desviou rapidamente o olhar para Cathy. O rosto continuava imóvel. Os olhos mantinham-se frios e a boca levemente arqueada nos cantos era apenas uma linha.

— Há de ser ótimo.

Por instantes, Samuel teve vontade de fazer ou de dizer alguma coisa que afizesse sair do mundo onde se refugiara. Percorreu-o um novo arrepio.

— Andam outra vez em cima do seu túmulo? — perguntou Adam.

— Parece que sim.

O crepúsculo aproximava-se e as árvores já desenhavam silhuetas negras no fundo do céu.

— Boa noite.

— Vou acompanhá-lo.

— Não, fique com a sua mulher. Ainda não acabou de jantar.

— Mas eu...

— Deixe-se estar sentado. Hei de dar com o meu cavalo. Se não conseguir, roubarei um dos seus. — Samuel empurrou amavelmente Adam para a cadeira. — Boa noite. Boa noite, minha senhora.

Encaminhou-se rapidamente para o celeiro.

Doxology, o velho cavalo de cascos chatos, comia desdenhosamente com a ponta dos beiços o feno disposto na manjedoura.

A corrente batia na madeira. Samuel tirou a sela do prego e jogou-a sobre o largo costado. Estava a apertar a cilha quando ouviu um ligeiro rumor. Voltou-se e viu a silhueta de Lee que se recortava na tarde moribunda.

— Quando volta? — perguntou suavemente o chinês.

— Não sei. Dentro de alguns dias. Talvez uma semana. Lee, que se passa? — Onde? — Que se passa aqui? Há qualquer coisa que me intriga.

— Que quer dizer? — Sabe muito bem.

— Cliado chinê tlabalhá. Não escutá. Não falá.

— Sim, sim, parece-me que tem razão. Não devia ter-lhe perguntado. Fui indelicado.

Voltou-se, meteu o freio na boca de Dox e passou por entre as orelhas a rédea que segurava os antolhos. Soltou a corrente e deixou-a cair na manjedoura.

— Boa noite, Lee.

— Sr. Hamilton...

— O que é? — Não precisa de um cozinheiro? — Não posso dar-me esse luxo.

— Eu não peço muito.

— A Liza dava cabo de si. Por quê? Quer ir-se embora? — Foi só para saber. Boa noite.

5

Adam e Cathy estavam sentados debaixo da árvore no crepúsculo que se adensava.

— É um bom homem — disse Adam. — Agrada-me. Gostaria de o convencer a vir viver para aqui e a dirigir a exploração. Uma espécie de administrador. Cathy respondeu: — Ele tem uma casa e família.

— Pois tem. Mas a terra dele é a coisa mais pobre que já se viu. Ganhava mais se trabalhasse aqui. Hei de perguntar-lhe. É preciso tempo para nos adaptarmos a uma nova terra. É como se nascêssemos de novo e tivéssemos de reaprender tudo. Na minha terra, sabia de onde vinha a chuva. Aqui é diferente. Na minha terra, adivinhava quando se aproximava o vento e quando fazia frio. Mas hei de aprender. É preciso tempo. Sentes-te bem, Cathy? — Sinto.

— Um dia — e já não falta muito — todo este vale ficará verde de luzerna. Hás de vê-la das grandes janelas da casa. Plantarei filas de eucaliptos. Vou mandar buscar sementes e plantas para transformar isto numa espécie de herdade experimental. Podia tentar plantar nogueiras anãs da China. Gostaria de saber se pegariam. Não custa nada tentar. O Lee logo me aconselha. Quando a criança tiver nascido, percorreremos toda a plantação a cavalo. Tu ainda não a viste bem. Já te disse que o Sr. Hamilton vai montar moinhos de vento? Havemos de vê-los girar à nossa frente. — Esticou as pernas sob a mesa. — O Lee devia trazer velas. Só gostaria de saber o que andará a fazer.

Cathy articulou muito devagar: — Adam, eu não queria vir e não ficarei aqui. Assim que puder, vou-me embora.

— Não digas disparates. — Adam riu. — És como uma criança que deixa os pais pela primeira vez. És como eu. Quando fui para a tropa, julguei morrer de tristeza. Mas depressa me recompus. Toda a gente se recompõe. Deixa-te de disparates.

— Não são disparates.

— Peço-te o favor de não dizeres nada. Assim que o bebê nascer, tudo há de mudar, verás.

— Cruzou as mãos atrás da cabeça e ergueu os olhos para o céu. Através da ramaria das árvores, avistava a luz pálida das estrelas.

Capítulo XVI

1

A noite era tão clara que as colinas pareciam feitas da mesma matéria que o luar. Samuel Hamilton cavalgava numa paisagem silenciosa, desprovida de ar, morta. As sombras eram negras sem meios-tons e as claridades, brancas, sem cor. Aqui e ali, Samuel surpreendia a atividade secreta dos animais noturnos: o gamo que pasta toda a noite quando há lua e que dorme nas moitas durante o dia; os coelhos bravos, os ratos dos campos e todos os outros animaizinhos perseguidos de dia, esgueiravam-se, saltavam, escondiam-se ou imobilizavam-se em atitudes que os faziam assemelhar-se a pedras ou a arbustos, quando o ouvido ou as narinas descobriam um perigo; os ratoneiros também metiam mãos à obra: a esguia doninha que ondula como uma vaga pardacenta; o gato selvagem, rastejando sempre e quase invisível, exceto quando os olhos amarelos refletem a luz e cintilam; a raposa sempre a farejar com o focinho afilado, à procura de uma refeição sangrenta; os raccoons que patinham na água e imitam o coaxar das rãs. Os coiotes vagueavam pelos caminhos e, atormentados por um alegre penar, levantavam a cabeça e uivavam à Lua sua deusa uma soluçante explosão de riso. E por cima deste mundo de sombra, voavam as corujas, desenhando um rastro de medo obscuro no chão. O vento da tarde amainara e só uma pequena brisa suspirosa nascia das terras frias, atraída pelas colinas quentes.

O ruído forte e irregular dos cascos de Doxology impunha o silêncio à fauna noturna mesmo muito depois de se ter extinguido.

A barba de Samuel brilhava e o cabelo estava revolto.

O chapéu preto ia pendurado no arçã. Sentia um mal-estar no estômago, uma apreensão que se assemelhava ao princípio de um pesadelo. Era o *weltschmerz*, que nós transformamos em *welsrats*, palavra que traduz toda a tristeza do mundo que invade a alma como um gás e dela tão bem se apossa que é escusado procurar a origem do mal — ninguém a consegue descobrir.

Samuel rebuscou a memória. Tornou a ver a bela herdade e as suas promessas de água. Nada que pudesse magoar, a não ser que dissimulasse ciúmes inconfessáveis. Interrogou-se e não encontrou quaisquer vestígios de ciúme. Recordou então o sonho de Adam e o seu jardim do Paraíso, a sua adoração por Cathy. Nada, também, a não ser que... a não ser que alimentasse no fundo de si mesmo uma secreta amargura e que a velha ferida não tivesse

cicatrizado. Mas havia já tanto tempo que esquecera a dor... Ainda conservava uma lembrança quente e suave, agora que tudo acabara. Os seus rins e as suas coxas já tinham esquecido o desejo.

Enquanto cavalgava através da luz e da sombra, continuava a procurar. Quando tinham começado a ferver no seu peito os animais roedores? Foi então que descobriu. Era Cathy, a pequena, a delicada Cathy. Sim, mas depois? Era silenciosa. Muitas mulheres o são. O que era então? De onde vinha o mal? Sentira uma tensão comparável à que antecede a descoberta da água. Lembrou-se dos arrepios, dos passos sobre o túmulo. Conseguira determinar o tempo, o lugar e o ator. Acontecera durante o jantar, tudo viera de Cathy.

Evocou a sua imagem e observou-lhe os olhos muito abertos, as narinas delicadas, a boca bonita mas demasiado pequena para o seu gosto, o queixinho firme, depois voltou novamente aos olhos. Eram frios? Seria dos olhos? Voltava sempre ao mesmo ponto. Os olhos de Cathy não eram habitados. Não comunicavam nada. Por detrás deles nada havia de familiar. Não eram olhos humanos. Lembravam-lhe qualquer coisa. Mas o que era? Uma recordação? Uma imagem? Percorreu demoradamente a memória e, de súbito, reviveu.

A imagem brotou do fundo dos anos com as suas cores, os seus gritos e as suas sensações compactas, intactas. Viu-se garoto ainda tão pequeno que era obrigado a pôr-se na ponta dos pés para chegar à mão do pai. As calçadas de Londonderry faziam-no tropeçar. Nunca tinha visto outra grande cidade. As pessoas empurravam-no e divertiam-se. Era uma festa com os seus teatros de marionetes, os seus tabuleiros de legumes, os seus cavalos e os seus carneiros apresentados na rua para venda, e os vendedores de bugigangas de cores berrantes, bugigangas desejáveis e que talvez obtivesse visto o pai estar bem disposto.

Foi então que a multidão se engolfou numa ruela estreita, como destroços arrastados pela corrente. Os peitos faziam pressão nas costas e andava-se levantando muito os pés. A rua desembocava numa praça e, na parede cinzenta de uma casa, destacava-se a alta estrutura de uma forca de onde pendia um nó corredio.

Samuel e o pai foram arrastados, empurrados pela enxurrada até ficarem junto da forca. Samuel ainda ouvia o pai a dizer: “Não é para crianças. Não é para ninguém e, muito menos, para uma criança.” O pai lutou para se voltar, para tentar abrir caminho na multidão. “Deixem-nos sair, tenho uma criança.” A massa era anônima e empurrava sem paixão; Samuel ergueu a cabeça. Um grupo de homens com fatos e chapéus pretos subira à alta plataforma e rodeava um

homem de cabelos doirados, envergando umas calças negras e uma camisa azul-clara, aberta no peito. Samuel e o pai estavam tão próximos que a criança era obrigada a levantar a cabeça para ver.

O homem doirado parecia não ter braços. Contemplou a multidão e, depois, baixou o olhar e fitou Samuel. A imagem destacava-se na luz, clara e perfeita. Os olhos do homem não tinham profundidade. Não eram como os outros olhos. Não eram os olhos de um homem.

Subitamente, a agitação redobrou na plataforma e o pai de Samuel colocou as mãos na cabeça do filho. As palmas cobriram as orelhas e os dedos juntaram-se na nuca. Depois, as mãos apoiaram-se com toda a força na cara, obrigando o rosto a encostar-se ao capote domingueiro do pai. Tentou lutar mas não conseguiu desvencilhar a cabeça. Só distinguia uma faixa de luz e um murmúrio surdo. Ouvia as pancadas do coração. Depois, as mãos que o mantinham contraíram-se, o pai parou de respirar e o seu corpo pôs-se a tremer.

Havia ainda outra imagem. Juntou os fragmentos e examinou-a por cima da cabeça do cavalo: uma mesa usada numa taverna, risos e exclamações. O pai tinha à frente uma caneca de estanho cheia de cerveja; ele tinha uma xícara de leite quente com canela. O pai tinha os lábios curiosamente azuis e lágrimas nos olhos.

— Se soubesse, não te teria trazido. Não é espetáculo para um homem e muito menos para um rapaz.

— Eu não vi nada — retorquiu Samuel. — Tu baixaste-me a cabeça.

— Ainda bem.

— O que era? — Mais vale dizer-te. Estavam a matar um homem mau.

— Era o homem doirado? — Era, sim, mas não fiques triste. Ele devia morrer, não uma, mas muitas vezes. Praticou atos horríveis, coisas que só um monstro pode imaginar. E o que me custa não é que o tenham enforcado, mas que isso tenha sido pretexto para uma festa, quando afinal um homem devia ser enforcado em segredo e às escuras.

— Eu vi o homem doirado. Ele olhou para mim.

— Só por isso, sinto-me satisfeito por ele já não existir.

— O que é que ele tinha feito? — Não quero que tenhas pesadelos.

— O homem doirado tinha uns olhos estranhos. Pareciam-se com olhos de cabra.

— Bebe o teu leite doce se queres que eu te dê um pau com fitas e um apito dos grandes — a imitar prata.

— E a caixa reluzente com um boneco lá dentro? — Isso também. Bebe o leite e não peças mais nada.

Era esta a imagem arrancada ao passado poeirento. Doxology subia a última encosta antes da depressão onde se erguia a casa, e os seus grandes cascos tropeçavam nas pedras.

“Eram os olhos, não há dúvida, pensava Samuel. Em toda a minha vida, só vi duas vezes olhos como aqueles. Olhos desumanos.” E, acrescentou para consigo: “São as fantasmagorias da noite! Que relação pode existir entre o homem doirado que enforcaram há tanto tempo e a linda mulherzinha grávida? A Liza tem razão. A minha imaginação ainda prega comigo no Inferno. Tenho que me livrar deste pensamento estúpido ou ainda acabo por passar o resto do tempo à procura do Diabo naquela criatura. É assim que a gente cai no laço. O melhor é pensar agora nisto a valer e depois pôr uma pedra no assunto. Trata-se apenas de uma semelhança de forma e de cor. Mas não, não é bem isso. Trata-se de um olhar, e tanto a forma como a cor nada têm que ver com isso. Mas então porque é que um olhar é mau? Talvez já tenha havido algum santo com um olhar desses. Agora vê se te livras de todo este romanesco... para sempre.” Estremeceu. “Vou ter que pôr uma grade em roda da minha sepultura, para que ninguém a pise.” E Samuel Hamilton, para resgatar os maus pensamentos, resolveu dedicar todos os seus esforços à criação do Paraíso do vale do Salinas.

2

Liza Hamilton, toda afogueada, andava de um lado para o outro na cozinha, como uma fera enjaulada. Uma fogueira de carvalho ardia no forno do pão. A massa levedava nos cestos. Liza levantara-se antes do romper do dia, como de costume. Ficar na cama depois da aurora ou passear após o crepúsculo era cometer um pecado. Uma só pessoa no mundo podia ficar impunemente estendida na cama depois da aurora, e essa pessoa era Joe, o filho mais novo de Liza.

Só Tom e Joe viviam agora na herdade. Tom, espadaúdo e corado, preocupando-se já com o bigode que despontava, estava sentado à mesa da cozinha, com as mangas abotoadas como lhe tinham ensinado. Liza deitou pequenas bolas de massa numa pedra chata. Formaram-se vulcões que assobiavam. Os coscorões tinham uma cor acastanhada, mais escura nas bordas. A cozinha rescendia.

Samuel entrou, vindo do pátio onde se fora lavar. A cara e barba escorriam água. Samuel desenrolou as mangas da camisa abotoou-as antes de entrar na cozinha. As mangas arregaçadas à mesa não eram autorizadas pela Sra. Hamilton. Considerava-as uma ignorância ou um desprezo das leis da etiqueta.

— Estou atrasado, mamãe — disse Samuel.

Ela não se voltou para o olhar. A espátula que tinha na mão deslocou-se com a rapidez de uma serpente que ataca e as bolinhas de massa, ao serem voltadas, puseram-se a chiar na pedra quente.

— Que horas eram quando entraste? — perguntou ela.

— Oh! era tarde, bastante tarde. Aí umas onze horas. Não vi as horas com medo de te acordar.

— Eu não acordei — resmungou Liza.— Talvez julgues que é bom para a saúde andar a vadiar toda a noite. Mas Deus Nosso Senhor fará o que entender.

Era bem notório que Deus Nosso Senhor e Liza professavam a mesma opinião em quase todas as circunstâncias. Ela voltou-se, esboçou um gesto rápido, e um prato de bolos quentes a estalar foi parar às mãos de Tom.

— Que te pareceu a terra dos Sanchez? — perguntou Liza.

Samuel aproximou-se da mulher, inclinou-se e beijou-lhe a bochecha corada.

— Bom dia, mamãe. Dá-me a tua bênção.

— Deus te abençoe — respondeu maquinalmente Liza. Samuel sentou-se à mesa e disse: — Deus te abençoe, Tom. Pois muito bem! O Sr. Trask tem feito grandes mudanças. Está a reparar a casa velha para ir viver para lá. Liza virou-se com um movimento brusco.

— A casa onde as vacas e os porcos dormiram durante anos? — Oh! Eles raspam os soalhos e substituíram as janelas. Foi tudo arranjado de novo e pintado de fresco.

— O cheiro dos porcos nunca há de desaparecer — disse Liza com firmeza.

— O fedor dos porcos resiste a tudo.

— Garanto-te que entrei em casa e que não me cheirou a nada, a não ser a tintas.

— Quando secar a tinta, volta o cheiro dos porcos.

— Ele arranjou um jardim atravessado por um ribeiro e já tem o lugar para as flores, para as rosas, e mandou vir plantas de Boston.

— Não sei se o Senhor verá um tal desperdício com bons olhos — disse ela a resmungar.— Mas as rosas nada têm que se lhes diga.

— Ele prometeu dar-me algumas estacas — disse Samuel. Tom terminou os bolos e mexeu o café.

— Que gênero de homem é ele, pai? — Creio que é um homem de valor. Sabe falar bem e tem o espírito fino. Pareceu-me um pouco sonhador...

— Vejam-me isto: a desgraça a fazer pouco da miséria! — interrompeu Liza.

— Bem sei, mamãe, bem sei. Mas nunca terás tu compreendido que os meus sonhos substituíam algo que eu não tenho? O Sr. Trask pode dar-se ao luxo de sonhar. O dinheiro tudo consegue. Ele quer fazer da sua terra um jardim e há de consegui-lo.

— Como é a mulher dele?— perguntou Liza.

— É muito nova e muito bonita. É calma e fala pouco. Está prestes a ter o primeiro filho.

— Bem sei — disse Liza. — Qual é o nome dela de solteira? — Não sei.

— De onde é? — Não sei.

Liza colocou um prato de bolos quentes diante de Samuel, deitou café numa xícara e tornou a encher a de Tom.

— Que foi que descobriste, afinal? Como se veste ela? — Veste-se muito bem. Tinha um vestido azul com um casaquinho cor-de-rosa apertado na cintura.

— Isso não te escapou! Saberás dizer-me se era feito por ela ou comprado na loja? — Oh! era comprado na loja.

— Não sejas mentiroso — afirmou Liza — Também pensaste que o vestido de viagem que a Dessie fez para ir a San José era comprado na loja.

— A Dessie tem muita habilidade. Na mão dela, as agulhas até cantam. Tom disse: — A Dessie talvez vá abrir uma loja de roupas, em Salinas.

— Foi o que ela me disse — replicou Samuel. — Há de vingar.

— Salinas? — Liza pôs as mãos nas ancas. — A Dessie não me disse nada.

— Parece-me que traímos a nossa amiguinha — disse Samuel.

— Ela queria fazer uma surpresa à mãe, nós fomos estragar tudo, como quem destapa uma coisa escondida.

— Ela podia ter-me dito — continuou Liza.— Não aprecio surpresas. Bom. Prossegue. Que estava ela a fazer? — Quem? — A Sra. Trask, quem havia de ser? — O que estava a fazer? Estava simplesmente sentada. Sentada numa cadeira debaixo de um carvalho. O parto está para breve.

— As mãos, Samuel, as mãos? Que estava ela fazendo com as mãos? Samuel rebuscou na memória.

— Nada, se bem me lembro. Estou agora a recordar-me. Ela tem umas mãos muito pequenas e tinha-as cruzadas em cima dos joelhos. Liza fungou.

— Não estava a coser? Nem passar? Não estava a fazer malha? — Não, mamãe.

— Não sei se será muito bom para ti ires a essa casa. A riqueza e a ociosidade são as armas do Maligno, e tu não ofereces lá uma grande resistência.

Samuel ergueu a cabeça e riu com prazer. Às vezes, a mulher provocava riso, mas ele não lhe podia confessar por quê. Precisamente por ele ser rico que eu lá vou, Liza. Tencionava dizer depois do café para que tivesses tempo de me ouvir. Ele quer que eu lhe abra quatro ou cinco poços e que instale moinhos de vento e talvez, até, reservatórios.

— Ficou tudo bem assente? Trata-se de um moinho de vento para extrair a água? Achas que te pagará ou que voltas com desculpas como é costume? “Paga-me quando fizer a ceifa” — imitou ela. — “Paga-me quando lhe morrer o tio milionário.” Já sei por experiência, Samuel, que quando não te pagam logo, nunca mais te pagam. Com tudo o que te devem, já podíamos ter comprado um rancho no fundo do Vale.

— O Adam Trask há de pagar — disse Samuel. — Ele tem dinheiro. O pai deixou-lhe uma fortuna. É um inverno inteiro de trabalho, mamãe. Poderemos pôr alguma coisa de lado e ter um verdadeiro Natal. Ele paga um dólar e meio por cada metro, mais os moinhos de vento. Posso fabricar tudo aqui, exceto os revestimentos. Vou precisar dos rapazes para me ajudarem e levo o Tom e o Joe comigo.

— O Joe não irá — disse ela. — Bem sabes como ele é delicado.

— Parece-me que se poderia desembaraçar de uma parte da sua delicadeza. Tanta delicadeza é capaz de o matar à fome.

— O Joe não irá — atalhou ela. — E quem tratará da herdade enquanto tu e o Tom andarem por fora? — Tinha pensado em pedir ao George para voltar. Ele não gosta do trabalho de escritório em King City.

— Talvez não goste, mas por oito dólares por semana nem sempre se faz o que se quer.

— Mamãe — suplicou Samuel. — Nunca mais teremos uma oportunidade igual a esta de abrir uma conta no banco. Não desafies a sorte com o peso da tua língua. Peço-te por tudo, mamãe.

Liza resmungou toda a manhã enquanto Tom e Samuel se ocupavam do material de perfuração, desenhavam esboços de moinhos de vento revolucionários e estabeleciam os planos dos depósitos. No meio da manhã, Joe

foi ter com eles e ficou tão fascinado que pediu a Samuel para o levar consigo. Samuel respondeu: — Lamento muito; mas não posso, Joe. A tua mãe precisa ti aqui.

— Mas eu queria ir, pai. No ano que vem, entro para o colégio de Paio Alto e é ainda mais longe. Deixa-me ir contigo. Garanto-te que trabalharei a valer.

— Tenho a certeza de que trabalharias se fosses, mas sou contra a tua ida. E, quando falares nisto à tua mãe, agradecia-te muito que não esquecesses de acrescentar que eu sou contra. Até lhe poderias dar a entender que recusei levar-te.

Joe sorriu e Tom largou a rir.

— Queres que a mamãe te convença a levar o Joe?— perguntou Tom. Samuel franziu o cenho e mirou os filhos.

— Eu sou um homem com ideias firmes — disse ele. Quando tomo uma decisão, ninguém consegue fazer-me voltar atrás. Já estudei todos os aspectos da questão e a minha última palavra é esta: o Joe não vai. Ou quererão obrigar-me a mentir? — Vou já falar à mamãe — disse Joe.

— Devagar, rapaz. Vê se tens cuidado — recomendou-lhe Samuel. — Serve-te da cabeça. Deixa a tua mãe fazer a maior parte do trabalho. Entretanto, eu irei reconsiderando a minha decisão.

Dois dias depois, a grande carroça afastava-se carregada de madeira e de ferramentas. Tom conduzia os quatro cavalos e, sentados a seu lado, Samuel e Joe balouçavam as pernas.

Capítulo XVII

1

Quando afirmei que Cathy era um monstro foi porque disso estava convencido. Agora que me debrucei sobre os caracteres alinhados que contam a sua história e que reli todas as notas no fundo das páginas, pergunto a mim mesmo se seria verdade. Como não sabíamos o que ela queria, nunca saberemos se o conseguiu ou não. E se, em vez de ir ao encontro de qualquer coisa, ela fugia à sua frente, também ignoramos se lhe conseguiu escapar. Quem sabe se ela não tentou dizer o que era a alguém, ou a todos, e se não falhou por não

conhecer a nossa linguagem? Talvez a sua vida tenha sido a sua linguagem, com a sua sintaxe e as suas belezas, mas indecifrável. Não custa nada dizer que ela era má. Mas isso pouco significa se não soubermos porquê.

Desenhei o retrato de Cathy, aguardando calmamente o termo da gravidez, vivendo num rancho que não amava, com um homem que não amava.

Estava sentada numa cadeira sob um carvalho, com as mãos cruzadas em cima do ventre. O seu estado tornava-a gordíssima, anormalmente gorda, se bem que estivessem na moda os bebês enormes e que os quilos a mais fossem motivo de orgulho. Cathy estava deformada; o ventre esticado, prenhe, proibia-lhe a posição vertical sem o apoio das mãos. Mas a deformação estava localizada. Os ombros, o pescoço, os braços, as mãos, o rosto não eram afetados e continuavam finos como os de uma moça. Os seios não aumentavam e as pontas não escureciam. As glândulas mamárias não trabalhavam. Nada se preparava para alimentar o nascituro. Quando ela se sentava a uma mesa, não se conseguia perceber que estava grávida.

Naquela época, não se media o arco pélvico, não se analisava o sangue, nem se tomavam fortificantes à base de cálcio. Cada filho custava um dente à mãe. Era a lei. E as mulheres tinham estranhos apetites, até por coisas porcas, e dizia-se que isso era o tributo ao pecado original que Eva continuava a pagar.

Comparados a outros, os apetites de Cathy eram simples. Os carpinteiros que reparavam a velha casa queixavam-se de nunca encontrarem os paus de giz com que faziam as marcas. Desapareciam todos. Cathy roubava-os, cortava-os aos bocadinhos e escondia-os no bolso do avental. Quando ninguém a via, trincava a cal com os dentes. Ela falava pouco e tinha um olhar vago. Parecia ter ido fora embora, deixando em seu lugar uma boneca animada.

Em torno dela, notava-se uma grande azáfama. Adam, nadando em felicidade, construía o seu Paraíso. Samuel e os filhos tinham aberto um poço de doze metros e colocavam uma armação de ferro, pois Adam queria que fosse tudo do melhor.

Os Hamilton levaram a sua sonda para outro lado e começaram a abrir um novo buraco. Dormiam numa tenda ao lado das obras e cozinhavam numa fogueira. Mas um deles estava sempre a caminho de casa, para ir buscar uma ferramenta ou levar um recado.

Adam andava numa roda-viva por toda a parte, como uma abelha atraída por um excesso de flores. Sentava-se ao pé de Cathy e falava-lhe das novas plantas que acabavam de chegar. Descrescia-lhe a nova pá do moinho de vento que Samuel inventara. Tinha um passo variável e era uma coisa nunca vista. Ia

até aos poços e atrasava o trabalho com as suas perguntas. E, evidentemente, como falava de poços com Cathy, falava de partos e de enxovais com os operários. Era um período feliz para Adam, o melhor de todos os períodos. Ele era o rei de uma vida longa e repleta. E o verão cedeu o lugar a um outono quente e fragrante.

2

Os Hamilton tinham acabado o seu almoço de pão, queijo e café forte aquecido ao lume. Joe sentia as pálpebras pesadas e procurava meio ç [e afastar para as moitas para dormir um pouco.

Samuel estava ajoelhado no solo arenoso e examinava os dentes partidos da sua sonda. Antes de pararem para almoçar, a broca encontrara qualquer coisa a dez metros de profundidade que desfizera o aço como se fosse chumbo. Samuel raspou a peça de metal com o canivete e examinou as lascas na palma da mão. Os seus olhos tinham um brilho infantil. Estendeu a mão e deitou as lascas na mão de Tom.

— Olha para isto, meu filho. Que te parece que seja? Joe aproximou-se bamboaleando-se. Tom examinou os fragmentos.

— Não sei o que é, mas é rijo — disse ele. — É grande demais para ser um diamante. Parece metal. Achas que demos com uma locomotiva enterrada? O pai riu.

— A dez metros! — disse ele com admiração.

— Parece o aço de uma ferramenta — disse Tom. — Mas não temos nada tão duro.

Samuel pareceu absorvido pela contemplação de um espetáculo longínquo mas aprazível, enquanto Tom sentia percorrê-lo um arrepio de satisfação. Os rapazes Hamilton gostavam de ver vaguear o espírito do pai, pois então o mundo povoava-se de coisas espantosas.

Samuel disse: — Tu pensas que é metal? Que é aço? Tom, vou dizer-te o que é e, depois, mandarei fazer uma análise. Vê se não te esqueces: vamos encontrar níquel e, talvez, prata, grafite e manganês. Quem me dera trazê-los à superfície! Estão envolvidos numa camada de areia marinha.

Tom disse: — Que disseste tu que era? Níquel e prata...? — Deve ter-se passado há milhares de séculos — disse Samuel. — E os filhos sabiam que ele estava a ver tudo. — Talvez houvesse água aqui. Um mar interior com pássaros

que voavam em círculo e piavam. Se tudo se passou à noite, que espetáculo! Um risco fulgurante, um fuso de luz branca e, depois, uma bola incandescente vinda do céu. A seguir, um enorme jacto de água e um espantoso esguicho de vapor. O barulho é de ensurdecer, porque se juntou o estrondo da coisa que caiu à explosão da água. E depois é a noite negra por causa da luz deslumbrante. E, a pouco e pouco, os peixes mortos voltam à superfície, com o ventre prateado brilhando ao luar, enquanto os pássaros os vêm comer. É uma bela imagem, não é verdade?

Tom perguntou baixinho: — Achas que é um meteoro, não é verdade?

— Tenho certeza. E a análise há de prová-lo.

Joe, muito excitado, disse: — Vamos tirá-lo aqui para fora.

— Tira-o tu, se quiseses. Nós temos um poço para abrir.

Tom disse com seriedade: — Se a análise mostrar que há níquel e prata em quantidade, não teria interesse...?

— És bem o filho do teu pai — disse Samuel. — Mas não sabemos se é grande como uma casa ou pequeno como um chapéu.

— Podíamos descer e ir ver.

— Mas, então, em segredo e sem dizer nada a ninguém.

— Por quê?

— Ouve, Tom. Não pensas na tua mãe? já lhe damos bastantes aborrecimentos. Ela já me disse com clareza que, se eu gastasse mais um tostão em patentes, me faria uma cena que nunca mais se me varreria da memória. Já pensaste na vergonha que ela sentiria quando lhe perguntassem o que estávamos a fazer? A tua mãe diz sempre a verdade, Tom, e teria de responder: “Estão a cavar um buraco para irem buscar uma estrela.” — Riu com satisfação. — Nunca nos perdoaria. Havia de ser o bom e o bonito. Ficávamos sem sobremesa, pelo menos, durante três meses.

Tom disse: — Não podemos continuar a furar. Temos de ir para outro lado.

— Vou fazer explodir uma carga de pólvora. Se o meteoro resistir, iremos abrir outro buraco. — Ergueu-se. — Tenho de ir a casa buscar o explosivo e afiar a sonda. Porque não vamos todos juntos? Será uma surpresa para a mamãe. Passará toda a noite cozinhando e se queixando. Assim, poderá fingir que não ficou contente de nos ver.

Joe disse: — Vem aí alguém a toda a pressa.

Um cavaleiro aproximava-se a todo o galope, mas era um estranho cavaleiro saltitando na montada como um boneco desengonçado. Quando se

acercou, viram que era Lee, com os cotovelos a abanar como asas e a trança a torcer-se como uma serpente. Era surpreendente que não se tivesse deixado cair com uma tal velocidade. Deteve-se, ofegante.

— Sinhô Adam dizê pâla vi, Sinhôla Cathy muito mal. lie deplessa, Sinhô só glitá, cholá.

— Calma, Lee — disse Samuel. — Quando começou? — Talvê hola almoço.

— Bom. Sossegue. Como está o Adam? — Sinhô Adam maluco. Glitá, lile, vomita.

— Pois claro — disse-lhe Samuel. — Ah! estes pais novos! Também já o fui há muito tempo. Tom, sela-me o cavalo, não te importas? Joe perguntou: — Que há de novo? — A Sra. Trask vai ter um menino. Eu disse ao Adam que o ajudava.

— Tu?— estranhou Joe. Samuel contemplou o filho mais novo.

— Trouxe-vos a ambos ao mundo e parece-me que ainda nenhum dos dois se queixou de eu ter prestado um mau serviço ao mundo. Tom, junta a ferramenta e vai a casa afiar a broca... Não te esqueças de trazer a lata de pólvora que está na prateleira da arrecadação e trata-a com respeito se tens amor aos braços e às pernas. Joe, tu ficas aqui a tomar conta do material.

Joe perguntou queixosamente: — Que fico eu aqui a fazer sozinho?

Samuel guardou silêncio e, depois, disse: — Joe, gostas de mim?

— Claro que gosto.

— Se te dissessem que eu tinha cometido um crime, ias denunciar-me à polícia?

— Que estás tu a dizer?

— Ias denunciar-me?

— Não.

— Muito bem! Na minha mochila, debaixo da roupa, encontrarás dois livros. São novos. Portanto, vê se os trataas bem. São dois volumes escritos por um homem que, em breve, será famoso. Podes começar a lê-los, verás que te farão muito bem. São os Princípios de Psicologia por um homem do Leste chamado William James. Não tem qualquer parentesco com o célebre salteador de trens. E se, por desgraça, disseres a quem quer que seja que eu tenho estes livros, ponho-te fora do rancho. Se a tua mãe viesse a saber que eu gastei dinheiro para comprar os livros, era ela quem me punha na rua.

Tom aproximou-se segurando um cavalo pela rédea.

— Eu também os posso ler? — Podes, sim — respondeu Samuel. — E saltou para a sela com ligeireza. — A caminho, Lee. O chinês quis partir a galope, mas Samuel reteve-o.

— Devagar, Lee. Um parto leva mais tempo do que você pensa. Cavalgaram um momento em silêncio e, depois, Lee disse: — É pena que tenha comprado esses livros. Eu também os tenho na edição integral e num só volume. Poderia emprestar.

— É pena, de fato. Tem muitos livros? — Muitos, não. Aí uns trinta ou quarenta. Mas os que ainda não tiver lido estão à sua disposição.

— Obrigado, Lee. Assim que puder, irei dar uma olhada à sua biblioteca. Você devia falar com os meus filhos. O Joe é um pouco cabeça no ar, mas o Tom é um rapaz sério e far-lhe-ia bem conversar consigo.

— É um passo difícil de dar, Sr. Hamilton. A minha timidez impede-me de falar com os novos conhecimentos, mas hei de tentar já que me pede. Apressaram os cavalos em direção ao vale.

— Como está a mãe?— perguntou Samuel.

— Preferia que visse pelos seus olhos — respondeu Lee.

Quando um homem vive sempre só como eu, chega a consideraras coisas sob um ângulo irracional, em função da sua posição social.

— Pois é. Até eu, que não vivo só, também considero as coisas sob um ângulo irracional. Mas talvez seja diferente do seu.

— Então não acredita que seja fruto da minha imaginação? — Não acredito em coisa nenhuma. E, para o tranquilizar, também lhe posso dizer que sinto uma sensação de estranheza.

— Creio que é também o que eu sinto — disse Lee, e sorriu — Vou lhe dizer como se passam as coisas comigo. Desde que estou aqui, não me saem da memória os contos de fadas que o meu pai me contava. Nós, os Chineses, temos uma demonologia muito aperfeiçoada.

— Acha que ela é um demônio? — Claro que não — disse Lee. — Espero já ter passado essa fase primária. Sabe, Sr. Hamilton, os criados adquirem uma habilidade especial para descobrir donde sopram os ventos e para julgar a atmosfera da casa onde trabalham. Ora, a casa onde eu sirvo é muito estranha. Talvez seja por isso que me faz recordar os demônios paternos.

— O seu pai acreditava neles? — Ah! não. Mas era da opinião que eu devia conhecê-los. Aliás, vocês, os Ocidentais, também se encarregaram de perpetuar um bom número de mitos. Samuel inquiriu: — Diga-me o que foi que despertou os demônios? — Se não estivéssemos a chegar, tentaria dizer-lho. Mas

prefiro abster-me. Verá por si. Talvez eu ande delirando. O Sr. Adam vive numa tal tensão que é capaz de se partir como a corda de um banjo.

— Dê-me um ponto de referência para evitar perder tempo. Que foi que ela fez? — Nada. Para falar verdade, nada. Já assisti a muitos nascimentos, Sr. Hamilton, mas este oferece um aspecto inteiramente novo.

— Que aspecto? — Pois bem! Vou dizer-lhe a única imagem que me ocorre: parece tratar-se mais de uma luta de morte do que de um nascimento.

Quando passaram sob os carvalhos, antes de entrarem no vale, Samuel disse: — Gostaria de saber porque é que este dia me parece tão estranho.

— Não há vento — disse Lee. — É a primeira vez, de há um mês para cá, que o vento não sopra de tarde.

— Deve ser isso. Prestei tanta atenção aos pormenores que nem sequer vi como estava o dia. Esta manhã descobrimos uma estrela enterrada e agora vamos trazer para o mundo um ser humano.

Contemplou as colinas ensolaradas, através dos ramos dos carvalhos.

— Que belo dia para nascer! Se os sinais têm alguma influência, está para surgir uma bela vida. Estou com receio de que o Adam só sirva para nos atrapalhar. Fique ao pé de mim, se não se importa, para o caso de eu precisar de alguma coisa. Olhe, os carpinteiros estão sentados debaixo de uma árvore.

— O Sr. Adam mandou parar o trabalho. Receava que as marteladas incomodassem a mulher. Samuel repetiu: — Fique ao pé de mim. O Adam está cheio de boas intenções mas o que ele ignora é que a mulher seria incapaz de ouvir o próprio Deus tocando a reunir nas nuvens.

Os operários sentados à sombra da árvore saudaram-nos.

— Como tem passado, Sr. Hamilton? E a sua família? — Vou andando menos mal, obrigado. Espera, aquele ali não é o Rabbit Holman? Por onde tens andado, Rabbit? — Tenho andado na prospecção, Sr. Hamilton.

— E encontraste alguma coisa? — Nem sequer consegui encontrar a mula que tinha levado comigo. Encaminharam-se para casa. Lee disse rapidamente: — Se tivesse um minuto disponível, gostaria de lhe mostrar uma coisa.

— Que coisa, Lee? — Tentei traduzir algumas poesias chinesas antigas para inglês. Não sei se será possível. Quer deitar-lhes uma vista de olhos? — Com todo o prazer, Lee. Só tenho a ganhar com isso.

A casa branca dos Bordoni estava silenciosa, quase secretamente silenciosa, e tinha as persianas fechadas. Samuel desmontou diante da porta, tirou os sacos da sela e estendeu as rédeas a Lee. Bateu, não obteve resposta, e entrou. Após a luz do dia, a sala parecia às escuras. Entrou na cozinha. Uma cafeteira de barro cinzento aquecia brandamente ao lume. Samuel bateu de leve à porta do quarto e entrou.

O quarto estava quase completamente na escuridão pois, além de as cortinas estarem fechadas, ainda tinham tapado as janelas com mantas. Cathy estava estendida numa grande cama de colunas e Adam encontrava-se a seu lado, com a cara escondida na colcha. Ao ouvir passos, ergueu a cabeça e lançou um olhar cego.

Samuel, afavelmente, disse: — Porque está às escuras?

Adam respondeu com uma voz roufenha:

— A luz faz-lhe doer a vista.

Samuel deu alguns passos e compreendeu que se devia mostrar autoritário.

— É preciso luz — disse ele. — Ela que feche os olhos. Posso pôr uma venda, se ela quiser.

Dirigiu-se para a janela e agarrou na manta, mas Adam levantou-se de um salto.

— Deixe isso. A luz faz-lhe mal — disse ele com selvageria.

Samuel enfrentou-o: — Ouça, Adam, sei muito bem o que está a sentir. Prometi-lhe que tratava de tudo e não deixarei de o fazer. A única coisa que peço é que não me obrigue a tratar de ti.

Arrancou a manta, correu as cortinas e a luz doirada entrou pela janela. Cathy gemeu. Adam aproximou-se dela.

— Fecha os olhos, querida. Vou pôr-te uma venda.

Samuel colocou os dois sacos em cima de uma cadeira e postou-se junto do leito.

— Adam — disse ele com firmeza —, vou pedir-lhe para sair deste quarto e para não tornar a entrar.

— Por quê? Não posso fazer uma coisa dessas.

— Não quero que se ande a meter debaixo dos meus pés. Em geral, os futuros pais apanham uma boa bebedeira.

— Não seria capaz.

Samuel continuou: — Sinto a cólera a vir-me aos poucos e o desprezo mais devagar ainda. Mas já os sinto a borbulhar. Vai sair deste quarto e deixar de

me aborrecer, ou então vou eu embora e você que se arranje sozinho.

Adam acabou por se ir embora e, mal fechou a porta, Samuel atirou-lhe: — E veja se não irrompe por este quarto ao menor grito. Espere que eu saia. — Fechou a porta, notou que havia uma chave e deu-lhe uma volta. — Ele está desorientado e veemente. É sinal de que gosta de si.

Até então, ainda não olhara para Cathy. Ao fazê-lo, viu-lhe nos olhos um ódio feroz, implacável, assassino.

— Não demorará muito, esteja descansada. já rebentaram as águas? O olhar hostil fitou o homem e os lábios afastaram-se para mostrarem os dentinhos, mas Cathy não respondeu. Ele contemplou-a com frieza.

— Estou aqui na qualidade de amigo. Não é por gosto, minha menina. Ignoro quais sejam as suas razões de queixa e não me interessa sabê-las. Talvez possa evitar que sofra. Vou fazer-lhe ainda mais uma pergunta. Se não me responder e se me tornar a olhar dessa maneira trocista, vou-me embora e deixo-a sozinha.

As palavras produziram o mesmo efeito que uma descarga de chumbo num charco. Cathy fez um esforço e Samuel estremeceu ao ver que a expressão do rosto se modificava, que o olhar de aço desaparecia e os lábios se entreabriam enquanto os cantos da boca se erguiam. Observou os movimentos das mãos, os punhos que se abriam e as palmas que se curvavam, abertas. As feições adquiriram um aspecto jovem, inocente e refletiram um verdadeiro sofrimento. Era como se uma vista de lanterna mágica cedesse o lugar a outra.

Cathy respondeu baixinho: — Minha bolsa arrebentou de madrugada.

— Assim é que eu gosto. Doeu muito?

— Doeu.

— As dores eram muito espaçadas?

— Não sei.

— Faça um cálculo. Estou contigo há um quarto de hora.

— Desde que chegou já tive duas dores pequenas, mas nenhuma grande.

— Muito bem. Onde tem a roupa?

— Na arca.

— Vai ver que tudo correrá bem — disse ele com afabilidade.

Abriu um dos seus sacos e tirou uma corda grossa forrada de veludo azul e com uma alça em cada extremidade. O veludo era bordado a flores cor-de-rosa.

— A Liza mandou-lhe a corda — disse. — Fê-la enquanto esperava pelo primeiro filho. Contando com os nossos filhos e com os dos nossos amigos, esta corda já trouxe muita gente ao mundo.

Enfiou cada uma das alças num pé da cama.

De súbito, Cathy arregalou os olhos e retesou as costas como uma mola, enquanto o sangue lhe afluía à cara. Samuel esperava lágrimas ou gritos e olhou com apreensão para a porta fechada. Mas não houve gritos, quando muito uma série de grunhidos dolorosos. Decorridos alguns segundos, Cathy caiu para trás. Voltara-lhe o olhar de ódio.

Novamente a sacudiu uma dor.

— Menina boazinha — disse em voz meiga —, sentiu uma ou duas dores? porquê, quanto mais experiência se tem, mais se percebe que se torna difícil distingui-las. Já vai sendo tempo de ir lavar as mãos.

Com os dentes apertados, ela abanava a cabeça de um lado para o outro.

— Pronto, pronto, minha filha. O bebê não tarda a chegar. — Levou a mão à testa de Cathy e tocou-lhe na feia cicatriz. — Como foi que se feriu? — perguntou.

Cathy atirou a cabeça para a frente e os seus dentinhos pontiagudos cravaram-se na palma da mão de Samuel, junto do dedo mínimo. Ele soltou um grito de dor e tentou retirar a mão. Mas estava bem filada. Cathy abanava a cabeça às sacudidelas, rasgando a carne como um cão rasga um saco e, ao mesmo tempo, ia soltando um grito agudo. Samuel esbofeteou-a, sem resultado. Automaticamente, fez o que teria feito a um cão. Com a mão esquerda, apertou a garganta de Cathy para a sufocar. Ela estrebuchou e cravou ainda mais os dentes antes de afrouxar a dentada. Samuel conseguiu retirar a mão ensanguentada. Recuou e observou a ferida. Contemplou Cathy com receio. Mas o rosto dela ficara novamente calmo, infantil, inocente.

— Desculpe. Desculpe. É a dor — disse ela. Samuel teve um breve sorriso. — Ainda acabo por ter de açaímá-la. Uma cadela já me fez uma vez a mesma coisa. Pelo olhar de Cathy perpassou novamente um lampejo de ódio. Samuel acrescentou: — Tem alguma coisa para pôr nisto? Os humanos são mais venenosos do que as serpentes.

— Não sei se tenho.

— E uísque, não tem? Aplicou a garganta da garrafa na ferida e, depois, emborcou-a. Sentiu uma enorme vontade de vomitar enquanto um véu de bruma lhe embaciava a vista. Bebeu um gole de álcool para se dar novas forças. Tinha receio de olhar para a cama.

— Vou ficar com a mão inutilizada por algum tempo — disse.

Mais tarde, Samuel contou a Adam: “Ela tem uma constituição de ferro. A criança nasceu antes de eu estar pronto. Saiu como uma rolha. Eu nem sequer

tinha água para a lavar e ela nem se agarrou à corda para dar à luz. Uma constituição de ferro.” Correu para a porta, chamou Lee e pediu água quente. Adam precipitou-se no quarto.

— Um rapaz — gritou Samuel. — É um menino.

Adam viu os lençóis cheios de sangue e pôs-se verde. — Calma — aconselhou Samuel. — Vá chamar o Lee. E você, Adam, se ainda sabe o que faz, vá preparar café. E veja se os candeeiros estão cheios e se têm as chaminés limpas.

Adam girou como um pião e saiu do quarto. Lee entrou logo a seguir. Samuel apontou para uma espécie de trouxa na cesta da roupa.

— Passe-lhe uma esponja com água quente, Lee. Cautela com as correntes de ar. Quem me dera ter cá a Liza. Não posso fazer tudo ao mesmo tempo. — Depois voltou-se para o leito: — Agora vou limpá-la. — Mas Cathy estava novamente dobrada ao meio e torcia-se com dores. — Já falta pouco — acrescentou ele —, é só o tempo de sair a placenta. Andou muito depressa. E quando penso que nem precisou da corda da Liza!...

Depois, de repente, viu qualquer coisa e arregalou os olhos: — Deus do Céu, aí vem mais outro! Pôs mãos à obra e, como da primeira vez, o parto foi incrivelmente rápido. Samuel cortou um segundo cordão umbilical. Lee pegou no segundo bebê, lavou-o, vestiu-o e colocou-o na cesta.

Samuel lavou a mãe e ergueu-a para lhe mudar a roupa. Notou que lhe vinha uma sensação de repugnância quando lhe olhava para a cara. Trabalhava o mais depressa possível, mas a mão mordida dificultava-lhe os movimentos. Tapou Cathy com um lençol lavado e levantou-lhe a cabeça para lhe meter debaixo uma almofada limpa. Por fim, teve de se resignar a olhá-la.

Os cabelos dourados estavam encharcados de suor, mas a expressão do rosto mudara. Parecia petrificado e sem vida. No pescoço, distinguia-se nitidamente o latejar das artérias.

— Tem dois filhos — disse Samuel. — Dois belos rapazes. Não são gêmeos autênticos. Cada um nasceu no seu saco. Ela contemplou-o friamente e sem interesse.

Samuel continuou: — Vou mostrar-lhe os meninos.

— Não — respondeu ela.

— O quê?! Não quer ver os seus filhos?

— Não quero saber deles.

— Não tardará a mudar de opinião. Agora está cansada. E posso jurar que nunca assisti a um parto tão rápido.

O olhar de Cathy desviou-se de Samuel. — Não quero saber deles. Feche as cortinas e não deixe entrar a luz.

— É o cansaço. Dentro de alguns dias, já verá as coisas de outro modo e terá esquecido tudo.

— Nunca esquecerei. Vá-se embora. Leve-os deste quarto e mande o Adam.

Samuel ficou estupefato com o tom da voz. Não se notava o mínimo mal-estar, nem fadiga, nem ternura. As palavras eram a própria expressão da vontade.

— Não gosto de ti — disse ele.

Mas logo se arrependeu e desejou poder engolir a frase que, aliás, não produzira nenhum efeito em Cathy.

— Mande o Adam — insistiu ela.

Na saleta, Adam olhou os dois filhos e encaminhou-se rapidamente para o quarto cuja porta fechou. Passados alguns instantes, ouviu-se o ruído de marteladas. Adam estava pregando mantas nas janelas.

Lee entrou com o café para Samuel.

— A sua mão está com mau aspecto.

— Também me parece e receio que haja complicações.

— Por que fez ela isso?

— Não sei. É uma mulher estranha.

Lee prosseguiu: — Vou tratá-lo, Sr. Hamilton. Isso podia custar-lhe o braço.

Samuel parecia moribundo.

— Faça o que quiser, Lee. Apoderou-se de mim um desgosto horrível. Gostaria de ser criança para poder chorar. Já sou velho demais para ter medo. Nunca mais tinha tido um desespero tão grande desde o dia em que me morreu um pássaro na mão, já lá vão muitos anos.

Lee abandonou a sala e voltou pouco depois sobraçando uma caixa de ébano incrustada de dragões. Sentou-se junto de Samuel e tirou do estojo uma navalha chinesa de lâmina triangular.

— Vai doer — disse ele.

— Hei de aguentar.

O chinês mordeu os lábios, sentindo em si próprio a dor que infligia, quando lancetou profundamente a ferida e retalhou os bocados de carne até fazer sair um jorro de sangue. Agitou um frasco de unguento Hall e despejou algumas gotas do líquido amarelo na chaga. Depois, saturou um lenço com o mesmo

remédio e atou a mão. Samuel fez uma careta e agarrou-se à cadeira com a mão válida.

— É, principalmente, ácido fênico — explicou Lee. — Deve ter cheirado.

— Obrigado, Lee. Pareço uma criança a torcer-me desta maneira.

— Eu não sei se seria capaz de ficar tão calmo — disse Lee.

— Vou buscar outra xícara de café.

Voltou logo a seguir com duas xícaras e sentou-se junto de Samuel.

— Vou sair desta casa — disse ele. — Nunca tive tendência para trabalhar no matadouro.

Samuel empertigou-se: — Que quer dizer?

— Nem eu sei; as palavras saíram-me sem dar por isso.

Samuel sentiu-se percorrido por um calafrio.

— Lee, os homens são estúpidos. E, até agora, eu ainda não tinha dado por isso, mas os Chineses também são estúpidos.

— E por que haveria de ser diferente?

— Talvez por julgarmos que os estrangeiros são mais fortes e melhores do que nós.

— Que pretende dizer?

Samuel explicou: — Talvez a estupidez seja necessária, assim como as lutas com o dragão, o orgulho, a coragem lastimável que consiste em encolerizar Deus e a cobardia infantil que transforma cada árvore à beira da estrada num fantasma, talvez tudo isto seja bom e necessário mas...

— Que pretende dizer? — repetiu pacientemente. — Supunha que tivesse soprado um vento de loucura no deserto do meu espírito mas, agora que ouvi a sua voz, compreendo que também soprou em ti. Há qualquer coisa pairando sobre esta casa. Aproxima-se algo horrível.

— Eu também pressinto a mesma coisa.

— Bem sei. E é por isso que me sinto menos à vontade do que é costume na minha estupidez. Este nascimento foi demasiado rápido, fácil de mais, parecia uma gata a parir gatinhos. E receio por esses dois gatinhos. A minha cabeça está a encher-se de pensamentos horríveis.

— Que pretende dizer? — perguntou Lee pela terceira vez. — Queria ter aqui a minha mulher — exclamou Samuel — Acabavam-se os sonhos, os fantasmas e a estupidez! Quero-a ao pé de mim. Dizem que os mineiros descem às galerias com canários para ver se o ar é respirável. A Liza sabe reconhecer a estupidez. Se a Liza vê um fantasma, é realmente um fantasma e não um bocado de sonho. Se a Liza farejar desgraça, poremos barricadas nas portas.

Lee levantou-se, aproximou-se da cesta da roupa e contemplou os bebês. Teve de se aproximar muito porque a luz diminuía, rapidamente.

— Estão dormindo — disse ele.

— Daqui a pouco desatam a berrar. Lee, não se importa de atrelar o carrinho buscar a Liza? Diga-lhe que preciso dela. Se o Tom ainda lá estiver, diga-lhe para ficar. Se não, volta para lá amanhã. E se a Liza não quiser vir, diga-lhe que precisamos da mão de uma mulher e duns olhos que saibam ver. Ela compreenderá o que isto quer dizer.

— Vou já — disse Lee. — Talvez a gente esteja a assustar-se um ao outro, como duas crianças no escuro.

— Já pensei nisso — disse Samuel. — Lee, diga-lhe que feri a mão quando abria o poço. Não lhe conte a verdade, por amor de Deus.

— Vou acender uns candeeiros antes de sair. A presença da sua mulher vai ser um grande alívio para nós.

— Pode crer que sim, Lee, pode crer que sim. Ela há de trazer um pouco de luz a esta cave tão escura.

Após a partida de Lee, Samuel pegou num candeeiro com a mão esquerda, mas viu-se obrigado a pousá-lo no chão para girar a maçaneta da porta do quarto. Lá dentro, reinava a escuridão e a luz amarela do petróleo apenas alumia o teto, enquanto a cama ficava na sombra.

A voz de Cathy soou: — Feche a porta. Não quero luz. Adam, vai-te embora. Quero ficar sozinha, às escuras.

— Eu fico contigo — disse Adam em voz rouca.

— Não quero.

— Eu fico.

— Fica se quiseres, mas cala-te. Torne a fechar essa porta e leve a luz.

Samuel voltou à sala. Colocou o candeeiro em cima de uma mesa junto da cesta da roupa e examinou as carinhas dos dois bebês adormecidos. Tinham os olhos profundamente fechados e franzidos, incomodados pela luz. Samuel, com a ponta do indicador, acariciou as, duas testas quentes. Um dos gêmeos bocejou, abrindo uma boca enorme e tornou a adormecer. Samuel voltou a pegar no candeeiro, encaminhou-se para a porta, abriu-a e deu alguns passos no terreiro. A estrela do pastor estava tão brilhante que parecia cintilar como um foguete prestes a cair atrás das montanhas. O ar estava calmo e Samuel distinguia o cheiro das salvas que o calor fizera murchar. A noite estava muito escura. Samuel teve um sobressalto ao ouvir uma voz que saía da sombra.

— Como está ela?

— Quem está falando? — perguntou Samuel.

— Sou eu, o Rabbit.

O homem emergiu da escuridão e a sua silhueta recortou-se na luz da porta.

— A mãe, Rabbit? Está passando bem.

— O Lee disse que eram gêmeos.

— É verdade. Dois gêmeos. Não se podia esperar melhor. Agora é que o Sr. Trask vai revolver céus e terra! Vai ter que plantar sementes de chupeta! — Samuel mudou de assunto sem saber porquê. — Sabes o que encontramos hoje, Rabbit? Um meteoro.

— O que é isso, Sr. Hamilton?

— Uma estrela cadente que caiu há milhões de anos.

— A sério? Ora vejam! Como foi que feriu a mão?

— Eu ia responder que foi “numa estrela cadente”. Mas a verdade é menos interessante. Entalei-a numa roda dentada.

— O golpe é profundo?

— Não. Não é muito.

— Dois rapazes — continuou Rabbit. — A minha mulher vai ter ciúmes.

— Queres entrar e fazer-me companhia?

— Não, não, obrigado. Tenho de me ir deitar. À medida que os anos passam, as noites parecem mais curtas.

— É da idade, Rabbit. Boa noite.

4

Liza Hamilton chegou por volta das quatro da manhã. Samuel adormecera numa cadeira e sonhava que estava pegando numa barra de ferro em brasa. Liza, despertou-o e observou-lhe a mão antes mesmo de deitar uma olhadela aos bebês. Depois, enquanto punha um toque feminino no trabalho masculino do marido, deu as suas ordens. Samuel ia vestir-se, selar o Doxology e galopar para King City. Pouco importava a hora. Acordaria o inútil do médico para que lhe tratasse da mão. Se não fosse grave, voltaria para casa e esperaria. E era mesmo um verdadeiro crime ter deixado o Joe, pobre criança indefesa, sentado à beira de um buraco sem ninguém que cuidasse dele. O descuido bradava tanto aos Céus que até o próprio Senhor se devia ter encarregado de o remediar.

Se era realismo o que Samuel pedira, ficara bem servido. Liza atirou com ele para a estrada ao romper do dia. Às onze horas tinha a mão ligada e, às cinco, estava sentado na sua própria cadeira, à sua própria mesa, a tremer de febre, enquanto Tom lhe preparava um caldo de galinha.

Samuel ficou de cama durante três dias, combatendo os fantasmas da febre, até que a sua forte constituição veio ao de cima e expulsou a infecção. Então, Samuel contemplou Tom com um olhar límpido, e disse: — Tenho de me levantar.

Pôs-se de pé e caiu molemente sentado, soltando um riso que mais parecia um cacarejo. Ria-se assim sempre que alguma coisa lhe levava a melhor. Ele pensava que, embora derrotado, sempre conseguia uma certa vitória rindo do malogro. Tom empanturrrou-o de caldo, apesar das ameaças de morte do pai. Ainda se encontram pessoas que estão convencidas de que o caldo de galinha cura todas as doenças, cicatriza todas as feridas, e pode ser servido nos velórios.

Liza esteve fora uma semana e limpou a casa dos Trask desde o sótão até à cave. Lavou tudo o que podia caber num balde e escovou o resto. Estabeleceu o regime alimentar dos bebês e notou com satisfação que eles dormiam bem e ganhavam peso. Fez de Lee um escravo por não confiar inteiramente nele. Ignorou Adam, por não lhe servir para nada, exceto uma vez, em que o obrigou a lavar as janelas, trabalho que ela tornou a fazer logo a seguir.

Liza permaneceu à cabeceira de Cathy o tempo suficiente para chegar à conclusão de que era uma moça inteligente que falava pouco e não tentava dar lições aos mais velhos. Observou-a e concluiu que estava em perfeita saúde, nem ferida nem doente. Também compreendeu que Cathy não amamentaria os dois gêmeos. “E, no fundo, antes assim. Os dois comilões eram capazes de a chupar até ao osso!” Esquecia-se de que era menor que Cathy e alimentara os nove filhos.

Numa tarde de sábado, Liza deu uma olhada geral, deixou uma lista de instruções prevendo tudo, desde a cólica até à nuvem de gafanhotos, fez a mala e pediu a Lee que a levasse para casa.

Achou que a casa estava transformada num chiqueiro, que era indecente, e entregou-se à limpeza com a violência e o nojo de um Hércules. Samuel fez perguntas de raspão: Como estavam os meninos? Bem. Iam crescendo. Como está Adam? Vagueia pela casa como um ser vivo, mas não há grandes provas disso. O Senhor, na sua extrema prudência, dava dinheiro a pessoas bem estranhas, mas talvez fosse para impedir que morressem de fome. Como está a

Sra. Trask? Calma, dando-se ares de grande dama como a maioria das ricas do Leste. — Liza nunca vira ricas do Leste —. Mas dócil e respeitosa.

— É estranho — disse Liza. — Não vejo nada que censurar, salvo, talvez, uma certa inclinação para a preguiça. Pois, mesmo assim, não gosto muito dela. Talvez seja por causa da cicatriz? Como a arranjou?

— Não sei — respondeu Samuel.

Liza apontou o indicador, como uma pistola, aos olhos do marido.

— Vou dizer uma coisa. Nem ela mesma sabe, mas pôs mau olhado no marido. Ele anda em torno dela como um pato doente. Tenho a impressão de que ainda não olhou os filhos para valer.

Samuel esperou que Liza lhe passasse de novo ao alcance da voz.

— Se ela é preguiçosa e se ele não tem cabeça para nada, quem vai tomar conta dos bebês? Um casal de gêmeos exige muito trabalho.

Liza parou de varrer, aproximou uma cadeira da cama e sentou-se com as mãos em cima dos joelhos.

— Bem sabes que eu nunca menti.

— Tu és incapaz de mentir — disse Samuel.

E Liza sorriu, julgando que era um cumprimento.

— Vou dizer-te uma coisa que talvez te custe a acreditar.

— Diz lá.

— Samuel, tu conheces aquele chinês com os olhos amendoados, fala de estrangeiro e rabicho?

— O Lee? Claro que conheço.

— Não estavas convencido de que era um pagão?

— Eu sei lá?

— Ora, Samuel, era natural que fosse. Pois não é. — E Liza empertigou-se.

— O que é ele, então?

Ela bateu-lhe no braço com um dedo de ferro. — Presbiteriano! E bem-educado... muito bem-educado, podes crer. Mas é preciso entender a fala confusa dele. Que dizes a isto?

Samuel só muito dificilmente conseguia refrear a vontade de rir.

— Não me digas?

— Estou dizendo. Quem julgas que trata dos gêmeos? Tu bem sabes que eu não iria confiar num pagão... Mas um presbiteriano. Ele aprendeu num instante tudo o que lhe ensinei.

— Assim não me admira que tenham ganho peso.

- Só temos razões para estar orgulhosos e para rezar.
— Partilharemos o orgulho e rezaremos — disse Samuel.

5

Cathy descansou durante uma semana e readquiriu forças. No sábado da segunda semana de Outubro, ficou toda a manhã trancada no quarto. Adam quis entrar mas a porta estava fechada à chave.

— Tenho que fazer — gritou ela. Adam afastou-se. Está a arrumar a secretária” — pensou ele, ouvindo abrir e fechar gavetas. Ao fim da tarde, Lee foi ter com Adam, sentado em frente da casa, e disse lhe com uma espécie de embaraço: — Sinhôla dizê a mim ile King City complá bibelão.

— Pois vai! — disse Adam.— Ela é a tua patroa.

— Sinhôla dizê a mim não volta antes segunda-feita. A voz de Cathy ergueu-se atrás deles: — Ele já não sai há muito tempo. Precisa descansar.

— É verdade — disse Adam.— Não tinha pensado nisso. Vê se te divertes. Se eu precisar de alguma coisa, peço aos carpinteiros.

— Os home voltá p'a casa no domingo.

— Peço ao índio Lopez que me ajude.

Lee sentiu o olhar de Cathy em cima dele.

— Lopez andá bêbado. Mim acha galafa uísque.

Adam respondeu rindo: — Hei de arranjar.

Lee olhou para Cathy no enquadramento da porta e baixou os olhos.

— Mim talvê enflá talde.

E pareceu-lhe que se desenhavam e logo desapareciam duas rugas entre os olhos de Cathy. Lee girou sobre os calcanhares.

— Boa talde — disse ele.

Cathy voltou para o quarto ao cair da noite. Às sete e meia, Adam foi bater-lhe à porta.

— Preparei-te um jantarzinho.

A porta abriu como se Cathy estivesse por detrás à espera de um sinal. Vestia roupas de viagem: jaqueta orlada de preto com grandes botões, aplicações e gola de veludo preto. Na cabeça, um grande chapéu de palha com enormes alfinetes. Adam ficou de boca aberta. Ela não lhe deu tempo para falar.

— Vou embora.

— O quê?

— Já tinha prevenido.

— Isso é que não.

— Não fizeste caso. Pior para ti!

— Não acredito.

A voz de Cathy era amorfa e metálica. — O que tu acreditas não interessa. Vou embora!

— E os bebês?

— Jogue num dos teus poços.

Tomado de pânico, Adam gritou: — Cathy, tu endoideceste. Não podes me deixar, Cathy, não podes.

— Eu posso fazer o que quiser. Estás à mercê de qualquer mulher. Não passas de um imbecil.

A palavra arrancou-o do apavoramento em que caíra. Inesperadamente, agarrou Cathy pelos ombros e a empurrou. Ela recuou cambaleando e Adam aproveitou a oportunidade para tirar a chave da porta. Sem perda de tempo, fechou-a e deu uma volta à chave.

Ficou ofegante, de ouvido encostado à porta, sentindo-se invadido por uma vontade mórbida. Lá dentro, Cathy andava calmamente. Ouviu-a abrir uma gaveta e pensou logo: “Ela fica.” Depois distinguiu um estalido que não conseguiu definir. A voz de Cathy soou-lhe tão perto do ouvido que o obrigou a recuar.

— Querido — disse ela — nunca pensei que ficasses tão abalado. Desculpa.

Adam suspirou e deu uma volta com a mão trêmula na chave, que caiu. Empurrou a porta. Cathy estava à sua frente e segurava na mão direita um Colt 44 com o buraco negro do cano apontado para ele. Adam avançou um passo e viu que o cão estava erguido.

Cathy disparou. A bala de chumbo atingiu-o no ombro, esborrachou-se e arrancou-lhe uma parte da omoplata. A explosão, o ruído e a dor fizeram-no vacilar e cair. Ela aproximou-se devagar, com cuidado, como quem se aproxima de uma fera ferida. Ele olhou os olhos dela e não viu nada. Cathy jogou a pistola no chão, ao lado dele, e saiu de casa.

Adam ouviu-lhe os passos no quintal, depois, nas folhas secas do caminho, depois, mais nada. E o grito monótono que soava há tanto tempo era dos gêmeos que sentiam fome. Esquecera-se da hora da refeição.

Capítulo XVIII

1

Horace Quinn era o novo xerife adjunto nomeado pelo Governo para ver o que se passava no distrito de King City.

Tanto ele como a mulher se queixavam de que o novo emprego o impedia de cuidar do rancho. Mas, na realidade, os crimes eram pouco frequentes. Horace Quinn apresentara a sua candidatura como adjunto mas esperava vir a ser xerife, Tratava-se de um posto importante, muito mais estável do que o de procurador do distrito e quase tão honroso como o de juiz do Supremo Tribunal. Horace não queria ser lavrador toda a vida e a mulher ansiava por ir viver para Salinas onde tinha família.

Assim que correu o boato, espalhado pelo índio e pelos carpinteiros, de que Adam fora ferido com uma bala de pistola, Horace selou o cavalo e deixou à mulher o cuidado de transformar em enchidos o porco que ele matara nessa mesma manhã.

Ao norte do grande sicômoro, no sítio onde a estrada de Hester volta para a esquerda, Horace encontrou Julius Euskadi. Julius perguntava a si mesmo se deveria ir caçar a codorniz ou ir até King City e tomar o trem para Salinas, terra onde um homem pode passar um bom bocado. Os Euskadi eram gente de bem, rica e descendente de imigrantes bascos.

Julius disse: — Quer ir comigo até Salinas? Disseram-me que ao lado da casa da Jenny, a dois passos de Long Green, abriu uma nova casa que dá pelo nome de Faye. Disseram-me que é estupenda. Quase como em San Francisco. E tem um pianista.

Horace apoiou o cotovelo no botão da sela e afugentou com o pingalim uma mosca que pousara na garupa do cavalo.

— Fica para outro dia — disse ele. — Tenho de ir ver uma coisa.

— Por acaso, não vai a casa dos Trask? — Exatamente. Ouviu dizer alguma coisa? — Ouvi mas não faz sentido. O Sr. Trask feriu no ombro com um 44 e pôs todos os operários na rua. Faz ideia como é que alguém se consegue ferir num ombro com um 44, Horace? — Eu não. Mas essa gente do Leste é tão esperta! Foi por isso que resolvi ir ver o que se passava. A mulher dele não teve

um filho há pouco tempo? — Dois gêmeos, foi o que me disseram — informou Julius. — Talvez o tiro tenha sido disparado por eles.

— Um segurava o revólver e o outro carregava no gatilho? Que mais ouviu dizer? — Montes de coisas, Horace. Posso acompanhá-lo? — Não conte comigo para o nomear adjunto, Julius. Parece que os guarda-livros do Governo têm o mau hábito de esmiuçar as notas de despesas. Conhece o Hornby em Alisal? Pois fique sabendo que nomeou adjunto a tia-avó e a manteve na folha de pagamentos durante três semanas.

— Está a gozar-me! — Era o que faltava. Portanto, já sabe que não apanha a estrela.

— Nem eu a queria para nada. Tinha pensado, apenas, em fazer-lhe um pouco de companhia. Sou curioso.

— Também eu. Ainda bem que vem comigo. Se precisar de si, estou sempre a tempo de o fazer prestar juramento. Como se chama essa nova casa de que me falou? — Faye. Uma mulher de Sacramento.

— Em Sacramento costumam fazer bem as coisas. E Horace contou como se faziam as coisas em Sacramento. Era um belo dia. Quando os dois homens penetraram no vale dos Sanchez, iam entretidos a maldizer os resultados das caçadas dos últimos anos. Comparadas ao passado, há três coisas que já não são o que foram: as colheitas, a pesca e a caça. Julius acrescentou: — Só gostaria de saber quem foi que lhes meteu na cabeça a ideia de matarem todos os ursos pardos. Em oitenta e oito, o meu avô matou um para as bandas de Pleyto, que não pesava menos de novecentos quilos.

Quando chegaram ao pé dos carvalhos, calaram-se para respeitar o silêncio. Nada se movia nem se ouvia.

— Gostaria de saber se terão acabado de restaurar a velha casa — perguntou Horace.

— Acabaram agora! O Rabbit Holman contou-me que o Trask tinha reunido todos os operários para os pôr na rua.

— Parece que o Trask tem um bom pecúlio...

— É o que corre. O Sam Hamilton anda a abrir quatro poços... se também não foi despedido.

— Como está o Sr. Hamilton? Tenho que ir fazer-lhe uma visita.

— Está bom. Sempre mais próximo do Inferno do que do Céu.

— Um destes dias dou um salto até à casa dele — disse Horace.

Lee saiu de casa para os acolher.

Horace disse: — Bom dia, Ching Chong. O patrão está?

— Patlão doente — respondeu Lee.
— Gostaria de vê-lo.
— Agola não pode. Patlão doente.
— Basta — atalhou Horace. — Diga-lhe que o xerife-adjunto Quinn quer vê-lo.

Lee desapareceu e voltou logo a seguir. — Pode entlá. Mim guadá cavalos.

Adam estava estendido na cama de colunas onde os gêmeos tinham nascido. Encostava-se a um monte de almofadas e tinha o ombro e o peito esquerdo tapados por um espesso curativo. Todo o quarto fedia ao unguento Hafi.

Horace disse depois à mulher: “Foi a primeira vez na minha vida que vi um morto a respirar ainda.” As maçãs do rosto de Adam estavam salientes e a pele da cara esticada e transparente. Os olhos pareciam sair-lhe da cabeça; brilhavam de febre com um olhar intenso e miope. Com a mão direita, ossuda, amarrotava a colcha.

Horace principiou: — Bom dia, Sr. Trask. Ouvei dizer que se tinha ferido. — Deteve-se. Depois, como não obtivesse resposta, prosseguiu: — Resolvi vir para saber notícias suas. Como aconteceu isso?

Uma espécie de aspereza endureceu as feições de Adam. Encolheu-se ainda mais na cama.

— Se lhe custa falar, responda em voz baixa — acrescentou Horace.

— Só quando respiro com força — respondeu Adam devagarinho. — Estava limpando o revólver quando disparou.

Horace fitou Julius e, depois, o doente. Adam viu o olhar e ruborizou-se ligeiramente.

— Isso acontece frequentemente — disse Horace. — Posso ver a arma?

— Suponho que o Lee a guardou.

Horace aproximou-se da porta. — Eh! Ching Chong, traz-me a pistola.

Alguns instantes depois, Lee entregava a arma com a coronha para a frente. Depois de examiná-la, Horace fez girar o tambor com uma pancada da mão. Despejou-o e cheirou o pequeno cilindro de cobre da bala vazia.

— Estas engenhocas só disparam quando as limpam. Tenho de fazer um relatório, Sr. Trask. Não vou incomodá-lo muito. Vai ver estava limpando o cano com uma vareta, quando se deu o disparo e ficou ferido no ombro?

— Foi isso mesmo, Sr. Adjunto — disse Adam precipitadamente.

— E, apesar de estar limpando, esqueceu-se de extrair o tambor?

— Foi isso, foi.

— Estava limpando com uma vareta, com o cano apontado para si mesmo e o cão armado?

Adam respirou rapidamente. Horace continuou: — Mas então a vareta deveria ter atravessado seu corpo e arrancado a mão esquerda.

Os olhos pálidos de Horace não se desviavam do rosto de Adam. Amavelmente, acrescentou: — Então, Sr. Trask, o que foi que aconteceu?

— Garanto-lhe que foi um acidente.

— Certamente não quer que ponha no meu relatório o que acabo de lhe dizer. Passaria por idiota. Que foi que houve?

— Eu não estou habituado às armas de fogo e as coisas talvez não se tivessem passado exatamente assim, mas a verdade é que estava limpando quando se disparou.

No nariz de Horace, pôs-se a vibrar um pelo, obrigando-o a respirar pela boca para evitar as cócegas. Afastou-se dos pés da cama para se aproximar de Adam.

— Chegou do Leste há pouco tempo, Sr. Trask?

— Vim do Connecticut.

— Pouco se servem de armas de fogo naqueles lados?

— Muito pouco.

— Ainda se caça?

— Alguma coisa.

— Está mais habituado às espingardas?

— Estou, mas caço pouco.

— Calculo que nunca tenha visto uma pistola na sua vida e que não sabia servir-se dela.

— Pois é — disse Adam prontamente. — Na minha terra, poucos possuem uma pistola.

— Por isso, quando aqui chegou, comprou um colt para fazer como todo mundo e na intenção de aprender a usá-lo?

— Estava convencido de que era uma boa ideia.

Julius Euskadi escutava com todas as fibras do seu corpo retesadas. Mas não dizia nada.

Horace suspirou e desviou os olhos. A seguir, fitou Julius na cara e nas mãos. Colocou a pistola em cima da secretária e alinhou, cuidadosamente, lado a lado, a bala vazia e as balas carregadas.

— Sabe — disse ele —, só há pouco tempo é que sou adjunto. Estava convencido de que me distrairia e que, daqui a alguns anos, poderia candidatar-me a xerife. Mas estou a ver que não tenho estômago para isto.

Adam observava-o com nervosismo.

— Suponho nunca ter metido medo a ninguém. Que me queiram mal, está bem, mas terem-me medo, não. É um sentimento que me desagrada e avilta. Julius exclamou com impaciência: — Deixe lá isso! Não vai pedir a demissão numa ocasião destas! — E quem me impediria? Bom! Sr. Trask, o senhor serviu na cavalaria. As armas são a carabina e a pistola. O senhor... — Deteve-se e engoliu a saliva. — Que se passou, Sr. Trask? Os olhos de Adam pareceram aumentar. Estavam unidos e franjados de vermelho.

— Foi um acidente — murmurou ele.

— Tem testemunhas? A sua mulher estava perto?

Adam não respondeu; tornara a fechar os olhos.

— Sr. Trask — disse Horace —, eu sei que não se sente bem e estou tentando facilitar-lhe as coisas. Enquanto o senhor descansa, vou conversar com sua mulher. — Esperou um instante e, depois, virou-se para a porta, dirigindo-se a Lee: — Ching Chong, diga à senhora que gostaria de lhe falar um pouco.

Lee não respondeu.

Adam falou sem abrir os olhos. — A minha mulher foi fazer uma visita.

— Ela não estava presente quando isso aconteceu?

Horace olhou para Julius e viu uma curiosa expressão no rosto dele. Tinha os cantos da boca arreganhados e exibia um sorriso dubitativo. Horace pensou rapidamente: “Este anda mais depressa do que eu. Dava um bom xerife.” — Mas que curioso. A sua mulher teve um bebê, dois bebês, há quinze dias e já faz visitas. Os meninos foram com ela? Parece-me tê-los ouvido. Horace debruçou-se para a cama e tocou na mão direita de Adam. — Lamento muito mas já está ficando tarde, Trask! — disse ele em voz alta —, e você vai dizer o que aconteceu. E não ache que estou metendo o nariz onde não sou chamado. É a lei. E agora, com os diabos, abra os olhos e responda ou, então, mesmo ferido, leve-o ao xerife!

Adam abriu os olhos, mas eram olhos de sonâmbulo, completamente cegos.

A voz não tinha tonalidade, nem timbre, nem emoção. Dir-se-ia que pronunciava na perfeição palavras de uma língua estrangeira que não compreendia.

— A minha mulher foi embora.

— Para onde?

— Não sei.

— O quê?

— Não sei para onde foi.

Julius perguntou bruscamente:

— Porque ela foi embora?

— Não sei.

Horace disse com violência: — Cautela, Trask, olhe que está fazendo um jogo perigoso. E o que suspeito não está me agradando nada mesmo. Você deve saber por que ela foi embora.

— Não sei, não.

— Ela estava doente? Portava-se de forma estranha?

— Não.

Horace voltou-se. — E tu, Ching Chong, sabes alguma coisa?

— Mim ile King City no sábado. Mim voltá peito meia-noite e enconflá sinhô Trask no chão.

— Não estavas aqui quando isto sucedeu?

— Não, sinhô.

— Muito bem. Trask, só o senhor me pode responder. Ching Chong, abre as cortinas para podermos ver alguma coisa. Bem, assim já está melhor. Agora, vou falar em seu lugar. A sua mulher foi embora. Foi ela quem disparou?

— Foi um acidente.

— Ela tinha a pistola na mão?

— Foi um acidente.

— Não está facilitando meu trabalho. Bem. Suponhamos que ela foi embora e que a encontramos. Há quanto tempo está casado?

— Quase um ano.

— Que nome tinha ela em solteira?

Fez-se um longo silêncio até que Adam respondeu, muito baixo: — Prometi não o revelar.

— De onde era ela?

— Não sei.

— Sr. Trask, está me parecendo que não precisa de ajuda para ir para a cadeia. Descreva sua mulher. Era alta?

Os olhos de Adam brilharam.

— Não era alta. Pequena e franzina.

— Muito bem. A cor dos cabelos, dos olhos?

— Era linda.

— Era? Cicatrizes?

— Meu Deus, não! Ah! sim, uma cicatriz na testa.

— Não sabe como se chama, de onde veio ou para onde foi e não é capaz de descrevê-la. Acha que sou idiota?

Adam respondeu: — Ela tinha um segredo e eu prometi não perguntar qual era. Ela tinha medo por causa de alguém.

E, de súbito, Adam pôs-se a chorar. Todo o corpo estremecia e a respiração era entrecortada de soluços. Era um desgosto desesperado. Horace sentiu-se invadido pela piedade.

— Vamos para outra sala, Julius. — Passaram para a sala ao lado. — Que pensa disto tudo? Estará ele doido?

— Não sei.

— Acha que a matou?

— Foi o que pensei logo.

— Também eu — disse Horace. — Valha-me Deus! — Precipitou-se para o quarto e voltou com a pistola e as balas. — Tinha-me esquecido — disse ele como desculpa. — Estou vendo que não vou longe na carreira.

— E agora? — perguntou Julius.

— Já não estou à altura da situação. Tinha-lhe dito que não o incluía na folha de pagamentos, mas tenho de pedir-lhe que erga a mão direita.

— Não estou nada interessado em prestar juramento, Horace. Eu quero ir a Salinas.

— Não tem por onde escolher, Julius. Se não levantar a mão, prendo-o.

Julius levantou a mão com raiva e repetiu o juramento.

— É nisto que dá fazer companhia aos amigos. O meu pai vai me esfolar vivo. E, agora, que fazemos?

— Eu vou prevenir o xerife. Preciso dele. Podia levar Trask, mas ele não pode se mexer. Fique com ele. Tem um revólver?

— Não tenho, não.

— Fique com este. E com a minha estrela. Tirou-a da camisa e estendeu-a a Julius.

— Quanto tempo vai demorar?

— Voltarei o mais depressa possível. Já viu alguma vez a Sra. Trask, Julius?

— Não.

— Nem eu. Vou ter que contar ao xerife que o marido não conhece o nome dela nem a estatura. Não é muito alta e é bonita. Quer melhor descrição? Se tivesse juízo, pedia demissão antes de me apresentar ao xerife. Seja como for, é ele que me põe na rua. Acha que o Trask matou a mulher?

— Como quer que saiba?

— Não se zangue.

Julius apoderou-se da pistola, introduziu as balas no tambor e fez girar a arma em torno do dedo.

— Quer uma ideia, Horace?

— Acha que tenho cara de quem não aceitar uma ideia?

— O Sam Hamilton a conhecia. Foi ele quem assistiu ao parto. Me disse o Rabbit. A Sra. Hamilton esteve aqui e tratou da mulher. Por que não vai até ao rancho deles e pede os detalhes?

— Está parecendo que você merece usar essa estrela — disse Horace.

— É uma boa ideia. Vou andando.

— Quer que deite uma vista de olhos às imediações? — Tudo o que lhe peço é que evite que o Trask se escape ou que faça algum mal. Compreendeu? Até logo.

2

Por altura da meia-noite, Horace subiu para um trem de mercadorias em King City. Instalou-se na plataforma da locomotiva ao lado do fogueiro e chegou a Salinas de manhã cedo. Salinas era a sede do condado, uma cidade que se desenvolvia E rapidamente, prestes a ultrapassar os dois mil habitantes. Era o maior aglomerado entre San José e San Luis Obispo, e toda a gente lhe predizia um brilhante futuro.

Horace, ao sair da estação da Pacifico Sul, foi tomar o pequeno almoço. Não queria acordar o xerife muito cedo e provocar observações desagradáveis. No restaurante, encontrou o jovem Will Hamilton, cuja prosperidade se traduzia num belo fato cinzento. Horace sentou-se à sua mesa.

— Como tem passado, Will? — Muitíssimo bem, obrigado.

— Anda tratando dos negócios? — Sim, vim fechar um negócio.

— Devia lembrar-se de mim de vez em quando.

Horace achava estranho dirigir-se assim a um rapaz tão novo. Mas Will Hamilton respirava o êxito. Toda a gente sabia que ele se tornaria um dos

homens mais influentes da província. Assim acontece com certas pessoas que trazem o futuro, bom ou mau, estampado no rosto.

— Com todo o gosto, Horace. Estava convencido de que o tempo não lhe chegava para o rancho.

— Se aparecesse outra coisa, talvez me deixasse convencer com facilidade. Will aproximou-se dele.

— Sabe, Horace, que esta parte da nossa província anda bastante abandonada? Já pensou alguma vez em ocupar um lugar mais importante? — Que lugar? — Você não passa de um adjunto. Não se sentiria tentado a deixar-se eleger xerife? — Não. Nunca tinha pensado nisso.

— É agora ou nunca. Mas guarde segredo. Irei visitá-lo dentro de quinze dias e, depois, falaremos. Mas nem uma palavra a ninguém.

— Pode contar comigo, Will. Mas nós já temos um excelente xerife.

— Bem sei. Não é nisso que eu estava pensando. Não há nenhum em King City. Está me entendendo?

— Sim, estou. Vou pensar no assunto. Sabe que fui visitar ontem os seus pais?

As feições de Will iluminaram-se. Ah, sim? Como estão eles?

— Ótimos. Sabe, o seu pai é realmente divertido.

Will soltou uma risadinha. — Sempre nos fez rir enquanto íamos crescendo.

— É inteligente, ainda por cima. Mostrou o projeto de um moinho de vento. Nunca vi nada parecido.

— Valha-me Deus! — exclamou Will. — Não me diga que a febre o atacou de novo?

— Mas é muito interessante! — disse Horace.

— Sempre é. Mas os únicos que ganham alguma coisa são os que registram as patentes dele. É uma coisa que deixa a minha mãe fora de si.

— Ela tem uma maneira diferente de ver as coisas.

Will continuou: — A única maneira de ganhar dinheiro é vender alguma coisa fabricada pelos outros.

— Você tem razão, Will, mas garanto que o tal moinho de vento é um caso sério.

— Ele te conquistou, hem, Horace?

— Parece que sim. Mas, com franqueza, você não gostaria que ele mudasse?

— De forma nenhuma! — disse Will. — Pense no que eu lhe disse.

— Não deixarei de o fazer.

— E bico calado.

O cargo de xerife não era uma sinecura. E a província que, na lotaria das eleições, obtinha um bom xerife, podia considerar-se feliz. As suas funções eram bastante indefinidas. Os seus principais deveres — fazer respeitar a lei e manter a paz — estavam longe de ser os mais importantes. Um xerife estúpido ou violento não fazia carreira numa comunidade onde os interesses individuais devem ser respeitados. Tinha de arbitrar as brigas de vizinhos por questões de água, de marcos, de direitos de passagem; tinha de averiguar as paternidades duvidosas, e tudo isto sem recorrer à força das armas. Só quando todos os outros meios se revelavam improfícuos é que um bom xerife procedia a uma detenção. O melhor não era o campeão da pontaria, mas sim o da diplomacia. A província de Monterey possuía um xerife excelente que tinha o maravilhoso dom de se meter apenas no que lhe dizia respeito.

Horace chegou à velha cadeia às nove e dez. O xerife já estava no seu gabinete. Apertaram as mãos, falaram do tempo e das colheitas, até que Horace resolveu entrar no assunto.

— Vim — disse finalmente Horace —, porque preciso dos seus conselhos.

E contou a história com todos os pormenores, sem nada esquecer — os sinais das testemunhas e a hora a que tinham deposto. O xerife fechara os olhos e cruzara as mãos. Se, por acaso, pontuava a história, era unicamente abrindo os olhos, mas nunca soltando uma palavra.

— Como vê, eu estava em maus lençóis — terminou Horace.

— Nem conseguia saber o que se passara, nem obtinha os sinais da mulher. Foi o Julius Euskadi quem me deu a ideia de ir ver o Sam Hamilton.

O xerife espreguiçou-se, bocejou, traçou as pernas e fez um resumo da situação.

— Acha que ele a matou?

— Era o que eu achava. Mas o Sr. Hamilton deixou-me na dúvida. Na opinião dele, Trask não tem alma de assassino.

— Há um assassino em cada um de nós — disse o xerife. — Basta encontrar o gatilho para o tiro sair.

— O Sr. Hamilton contou-me coisas estranhas a respeito dela. Antes de dar à luz, mordeu-o na mão. Se visse a ferida, pensaria que era uma dentada de lobo.

— O Sam deu-lhe a descrição dela?

— Deu, sim. E a mulher dele também. Horace tirou um papel do bolso e leu a descrição pormenorizada fornecida pelos Hamilton. Quando Horace se calou, o xerife suspirou: — Estão ambos de acordo sobre a cicatriz? — Inteiramente. E também notaram que mudava de cor de um dia para o outro.

O xerife tornou a fechar os olhos e aninhou-se confortavelmente na cadeira. De súbito, endireitou-se, abriu uma gaveta da secretária e tirou uma garrafa de uísque.

— Sede? — perguntou.

— À sua saúde!

Horace bebeu, limpou a boca e devolveu a garrafa.

— Que pensa de tudo isto? — perguntou ele.

O xerife emborcou três goles de uísque, arrolhou a garrafa e tornou a guardá-la na gaveta. Só então respondeu: — O nosso condado é bem administrado. Eu mantenho boas relações com os oficiais da polícia. Sempre que é necessário, damos uma ajuda uns aos outros. Numa cidade em plena expansão como Salinas, cheia de estranhos que entram e saem, podíamos ter aborrecimentos sem fim se não vigiássemos tudo de perto. Eu estou em excelentes termos com toda a gente.

O xerife fitou Horace.

— Não se impaciente. Não tenciono fazer-lhe um discurso. Estou apenas a pôr-lhe as coisas no seu devido pé. Nós não estamos aqui para aborrecer as pessoas, mas para viver com elas.

— Terei feito mal? — De forma nenhuma, Horace. Você agiu como devia. Se não tivesse vindo ver-me, ou se tivesse prendido o Sr. Trask, estávamos metidos num lindo sarilho. Ouça...

— Estou a ouvir — disse Horace.

— Do outro lado da linha do caminho de ferro, ao pé do bairro chinês, há uma rua de casas de prostituição.

— Bem sei.

— Toda a gente sabe. Se as fechássemos, mudavam de lugar. É uma instituição necessária. Trazemo-las debaixo de olho para que não se passe nada de grave. E as proprietárias dessas casas estão em contato conosco. Quando um cadastrado ou um evadido anda a rondar no bairro, sou logo informado.

Horace interrompeu: — O Julius contou-me...

Deixe-me dizer tudo o que tenho a dizer para que não tenhamos de voltar ao assunto. Há cerca de três meses, veio ver-me uma mulher muito respeitável. Desejava instalar-se, o mais legalmente possível, e vinha de Sacramento, onde

explorara uma casa. Mostrou-me cartas de recomendação de gente muito importante. Tinha o registro criminal virgem. Em resumo: uma excelente cidadã.

— O Julius falou nela. Chama-se Faye.

— É isso mesmo. Abriu uma ótima casa, sossegada e bem dirigida. Já ia sendo tempo que a velha Jenny e a Negra tivessem alguma concorrência. Elas ficaram desesperadas com a história, mas eu disse-lhes o mesmo que lhe disse a si. Já lhes estava a fazer falta a concorrência.

— Dizem que tem um pianista.

— Pois tem e é bem bom. Um cego. Mas deixa-me falar ou não deixa? — Desculpe.

— Não tem importância. Bem sei que sou vagaroso, mas atinjo sempre o meu objetivo. Seja como for, a Faye mostrou ser o que parecia: uma cidadã valiosa. Sabe que as casas de toleradas têm mais medo de uma coisa do que de todas as outras: receberem uma moça que, depois de fugir, resolve entrar para o serviço. Os pais acabam sempre por encontrá-las e armam um escândalo terrível. Depois, a igreja entra na dança, seguida pelas ligas femininas, e não tarda muito que a casa adquira má fama e nos vejamos obrigados a encerrá-la. Está a compreender? — Estou, sim — disse Horace.

— Agora veja lá se me passa à frente! Detesto explicar uma coisa que as pessoas já perceberam. No domingo à noite, a Faye mandou-me um recado. Acabava de albergar uma moça e não sabia o que lhe havia de fazer. O que a preocupava é que a tal pequena, apesar do seu arzinho de filha-família, mostrava conhecer o ofício na ponta dos dedos. Fui até lá para a interrogar. Ela contou-me a clássica história, mas, fora isso, nada tenho a censurar-lhe. Além de ter a idade requerida, ninguém apresentou queixa contra ela.

Colocou as mãos abertas sobre a mesa.

— Aqui tem, meu caro. O que pensa? — Tem a certeza de que se trata da Sra. Trask? — Olhos grandes, cabelo loiro, cicatriz na testa. Chegou no domingo à tarde. Horace lembrou o rosto de Adam a soluçar.

— Valha-me Deus Todo-Poderoso! Outro que se encarregue de prevenir o marido. Eu prefiro demitir-me.

O xerife olhou para o espaço à sua frente.

— Disse que o marido não lhe conhecia o nome de solteira nem sabia donde vinha? As histórias que ela não lhe terá contado!...

— O palerma — disse Horace — está apaixonado por ela. Não, não é o filho do meu pai quem lhe vai contar. O xerife levantou-se.

— Vamos tomar um café.

Caminharam em silêncio durante um momento. Depois, o xerife disse:

— Horace, se eu revelasse tudo o que sei, esta província ficava reduzida a cinzas.

— Não duvido.

— Ela teve um par de gêmeos? — Dois rapazes.

— Ouça, Horace. Só três pessoas sabem disto. Ela, você e eu. Eu vou preveni-la de que, se ela disser uma só palavra que seja, a ponho a andar com tanta velocidade que há de julgar que leva fogo no rabo. Quanto a você, Horace, se algum dia sentir cócegas na língua, antes de dizer seja o que for, mesmo à sua mulher, lembre-se dos dois pequenos que ficavam a saber que a mãe é uma prostituta.

3

Adam estava sentado numa cadeira à sombra do grande carvalho. Tinha o braço esquerdo ligado ao peito para não poder mover o ombro. Lee saiu de casa com a cesta da roupa, colocou-a no chão ao lado de Adam e voltou para casa.

Os gêmeos estavam acordados e atiravam olhares cegos e ansiosos às folhas do carvalho que o vento fazia oscilar. Uma folha seca caiu a rodopiar e pousou na cesta. Adam inclinou-se e deitou-a fora.

Só ouviu o cavalo de Samuel quando estava quase ao pé dele, mas Lee já o tinha avistado. Lee trouxe uma cadeira e levou Doxology para a estrebaria.

Samuel sentou-se calmamente. Não queria perturbar Adam olhando-o insistentemente, nem evitando olhá-lo. O vento começava a refrescar e brincava nos cabelos de Samuel.

— Pensei que talvez não fosse asneira recomençar com o trabalho dos poços.

Adam já não se servia da voz há tanto tempo que ela parecia ter enferrujado.

— Não, — disse ele. — já não quero poços. Pagar-lhe-ei o trabalho que teve.

Samuel debruçou-se para a cesta e meteu um dedo numa das mãozinhas, que se fechou.

— Acho que o último mau hábito que um homem perde é o de dar conselhos.

— Não preciso de conselhos.
— Ninguém precisa. O conselho é um presente. É necessário fazer os gestos, Adam.
— Que gestos? — Os gestos da vida. Finja que vive como numa peça de teatro. Ao fim de certo tempo, de muito tempo, a mentira tornar-se-á verdade.
— Para quê? — perguntou Adam.
Samuel contemplou os gêmeos. — Quer queira, quer não, terá de transmitir o facho. Por muito estéril que deseje ser, as ervas e os espinhos hão de nascer. Alguma coisa há de crescer, disse ele.
Adam não respondeu e Samuel levantou-se — Voltarei as vezes que forem precisas. Faça os gestos, Adam.
Na estrebaria, Lee segurou Doxology enquanto Samuel montava.
— Lá se vai a sua livraria, Lee.
— Oh! — disse o chinês — talvez eu não estivesse muito interessado nela.

Capítulo XIX

1

Parece que os países novos seguem sempre a mesma rotina.
Primeiro, chegam os desbravadores, fortes e heroicos, mas vulneráveis. Podem lutar contra as forças da natureza, mas são ingênuos e impotentes perante o homem, e é talvez a ele que fujam. Quando a terra fica desbravada, chegam, por sua vez, os homens de negócios e de leis para auxiliarem o progresso e resolverem os problemas de propriedade, o que equivale a dizer que acabam também por contrair a febre da posse. Vem, por fim, a cultura que é, simultaneamente, distração, descanso para os nervos e olvido da amargura de viver. E a cultura pode apresentar-se sob todas as formas.

A igreja e o bordel chegaram ao mesmo tempo ao Oeste. E ambos teriam ficado horrorizados se soubessem que não passavam de diferentes facetas da mesma necessidade. Porque, na realidade, ambos pretendiam alcançar o mesmo fim: os cânticos, os ritos, a poesia da igreja ofereciam ao homem o esquecimento da sua tristeza; o bordel, esse, oferecia-lhe outros esquecimentos. As diversas seitas chegaram de cabeça levantada, cheias de suficiência, e seguras da sua

missão. Desprezando as mais simples leis econômicas, mandaram construir igrejas que ainda não acabaram de pagar. Combatiam o mal, é certo, mas também se combatiam umas às outras com um vigor diabólico. Em nome de uma doutrina, não havia nenhuma que não condenasse as outras às chamas do Inferno. Só numa coisa estavam de acordo: todas se gabavam de Serem fiéis intérpretes das Escrituras que definiram a nossa estética e as nossas relações com os outros humanos. Seria necessário um homem sagaz para descobrir onde residiam as diferenças entre as seitas, mas toda a gente podia ver o que elas tinham de comum. Todas ofereciam a música, talvez não a melhor, mas qualquer coisa que dela tinha a forma e o som. Todas traziam, também, a consciência ou talvez fosse preferível dizer que aguilhoavam as consciências adormecidas... Não eram puras, mas possuíam um potencial de pureza como uma camisa branca que estivesse suja. E todos os homens se podiam apoderar do melhor para o fazer germinar em si. Quando o Reverendo Billing foi preso, verificaram que era ladrão, adúltero, libertino e zomaniaco, mas isso não alterava o fato de ele ter comunicado muitas coisas boas a um grande número de fiéis. Prenderam o Reverendo Billing, mas o que nunca prenderam foi o que ele tinha libertado. E pouco importa que ele tenha obedecido a intentos impuros. Os seus materiais eram bons e o que ele construiu ainda se conserva de pé. Apenas cito o caso de Billing como um exemplo extremo. Os pregadores honestos tinham energia e eram dinâmicos. Combatiam o mal e expulsavam Satã de todos os lugares onde se introduzira. Poder-se-á talvez dizer que cantavam a verdade e a beleza da mesma maneira que uma foca canta o Hino Nacional ao som das cornetas de um circo. É possível mas ainda sobravam beleza e verdade bastantes e o hino era reconhecível. Contudo, as seitas fizeram mais do que isso. Criaram as bases da vida mundana no vale do Salinas. O jantar no presbitério é avô do clube local e as sessões poéticas que se realizavam à terça-feira na cave da sacristia apadrinharam o teatro.

Enquanto as igrejas, carregadas do suave olor da piedade, investiam como ajaezados e impetuosos cavalos de cervejaria em dia de festa, a sua parente pobre entrava com pezinhos de lã, toda curvada e velada, para evangelizar os corpos.

Talvez já tenham visto palácios de vício e de deboche no Far West truncado e artificial dos filmes; alguns até, podem ter existido. Mas não havia nenhum assim no vale do Salinas. Os bordéis eram calmos, ordenados e discretos. E, na verdade, se depois de terem escutado os gritos de êxtase dos fiéis, pontuados pelos acordes dos harmônios, ouvissem os murmúrios que saíam

de uma casa de prostituição, era natural que confundissem as identidades dos dois ministérios. O bordel era tolerado, mas não reconhecido.

Vou contar como eram os solenes recintos amorosos de Salinas. Pareciam-se com os outros recintos das outras cidades, mas a rua amorosa de Salinas tem bastante que ver com esta história.

Ia-se pela Main Street para Nascente até se encontrar Castrovile Street, que hoje se chama Market Street, só Deus sabe porquê. Antigamente, as ruas tinham os nomes dos sítios aonde levavam. Assim, seguindo-se por Castrovile Street, andadas nove milhas, estava-se em Castrovile; Alisal Street ia ter a Alisal e assim por diante.

Seja como for, quando dessem com Castrovile Street, viravam à direita. Passado o segundo cruzamento, — a rua era atravessada na diagonal pela linha da Pacífico Sul e por outra rua na direção Poente-Nascente. Juro-lhes pela minha salvação eterna que não me recordo do nome dessa rua. Se virassem à esquerda nessa rua e se atravessassem a linha, iam ter ao bairro chinês. Se virassem à direita, iam dar à tal rua do amor.

A calçada era de barro, lamacenta no inverno e dura como pedra no verão. Na primavera, a erva crescia nas valetas: aveia brava, malva e mostarda amarela. De manhã cedo, as andorinhas chilreavam em meio ao cocô de cavalo.

Recordas-te desses ruídos, meu velho? Lembras-te da brisa oriental que trazia os cheiros do bairro chinês, porco assado, álcool, tabaco negro e yen shi? Lembras-te do som pesado do gongo do Joss? Lembras-te como o ar ficava a vibrar? Recordas-te das humildes casas que nunca eram pintadas, nem reparadas? Pareciam muito pequenas e procuravam desaparecer atrás de uma aparência desmazelada, enquanto a grama tentava dissimulá-las aos olhos da rua. Recordas-te das persianas sempre corridas, delimitadas por três nesgas de luz amarela? Do interior só vinha um murmúrio. Abria-se a porta, entrava um camponês e tu ouvias gargalhadas e até uma cantilena sentimental moída num piano com um bocado de corrente de autoclismo atravessado nas cordas, e depois a porta tornava-se a fechar.

E o martelar dos cascos dos cavalos na rua? Desembocava Peter Bulene, guiando o seu carro. Parava diante de uma casa e quatro ou cinco cavalheiros muito bem postos desciam. Talvez fossem personalidades oficiais, homens ricos, banqueiros, ou frequentadores habituais da casa. Então o Peter levava os cavalos até à esquina e estendia-se no carro enquanto esperava pelos cavalheiros. Gatos enormes atravessavam a rua e desapareciam na erva alta.

E depois — lembras-te? — um apito de locomotiva, a luz incongruente do seu farol, e um trem de mercadorias proveniente de King City atravessava Castroville Street para entrar em Salinas, e tu ficavas a ouvir a locomotiva a arfar na estação. Recordas-te? Todas as cidades têm as suas damas célebres, mulheres eternas sentimentalmente glorificadas pelos anos fora. As damas exercem uma atração muito especial nos homens. Têm o cérebro de um comerciante, os músculos de um campeão de boxe, o calor de um amigo e o talento de um ator. Formam-se lendas em torno delas e, por mais estranho que pareça, tais lendas nada têm de voluptuosas. As histórias que se contam de uma dama englobam tudo, exceto a cama. Quando a recorda, o velho frequentador evoca uma alma filantrópica, uma autoridade médica, uma impostora e uma poetisa das emoções corporais que nunca participava no jogo do amor.

Durante um certo número de anos, Salinas abrigara dois desses tesouros: Jenny, a quem também chamavam às vezes Jenny, a Peidorreia, e a Negra, proprietária do Long Green. Jenny era uma boa mulher que sabia guardar um segredo e emprestar dinheiro. Há todo um livro a escrever sobre as histórias da Jenny de Salinas.

A Negra era uma bela mulher de cabelos brancos de neve, austera, e de uma dignidade sombria e terrível. Os seus olhos castanhos, onde se escondia uma negra amargura, contemplavam este mundo pavoroso com um olhar desgostoso mas compreensivo. A Negra governava a casa como uma catedral onde se adorasse um Príapo triste, sim, mas em ereção. Quem quisesse gozar um bocado e apanhar umas palmadas nas costas, devia ir à casa da Jenny, onde se dava o dinheiro por bem empregado. Mas quem sentisse cair-lhe em cima toda a tristeza do mundo, a ponto de lhe fazer chegar as lágrimas aos olhos, devia ir ao Long Green. Quando de lá se saía, tinha-se a impressão de haver realizado um ato importante. Nada que se comparasse com levantar umas saias numa meda de feno. Os belos olhos escuros da Negra não se apartavam de nós durante vários dias.

Quando Faye chegou de Sacramento e abriu a sua casa, as duas veteranas aliaram-se para correrem com ela, mas depressa verificaram que não se tratava de uma concorrente.

Faye era do gênero maternal, caloroso: peito opulento e bacia larga. Era um seio para derramar lágrimas, toda ela acalmava e acariciava. Havia amadores para a catedral sexual da Negra e para as bacanais da Jenny, mas também havia clientela para a Faye. A sua casa transformou-se no refúgio dos jovens minados, pela puberdade, que choravam uma virtude perdida e choravam por a continuar a

perder cada vez mais. Faye era a consoladora dos maridos mal casados. Na sua casa, vingavam-se os esposos das mulheres frias. Faye era para os homens a avó cedo desaparecida. E se, por acaso, algo de sexual acontecia em Faye, tinha--se a impressão de que era um acidente perdoável. Era na sua casa que a juventude de Salinas enveredava, pela forma mais fácil e encantadora, pelo áspero caminho do sexo. Faye era uma mulher agradável, não muito inteligente, agarrada aos princípios e que se ofendia por tudo e por nada. Inspirava confiança e tinha confiança em nós. Quando se conhecia Faye, não se sentia vontade de lhe fazer mal. Não era uma concorrente para as outras. Era uma terceira fase.

Tal como numa loja ou num rancho os empregados se parecem com o patrão, também numa casa de toleradas as mulheres se parecem com a patroa. Primeiro, porque ela só escolhe quem lhe apetece e, depois, porque uma boa patroa imprime a sua personalidade ao negócio. Podia-se estar bastante tempo em casa de Faye sem ouvir pronunciar uma palavra grosseira ou sugestiva. À entrada para os quartos, os pagamentos, eram tão simples e casuais que mal se dava por eles. Tudo somado, ela dirigia uma casa de primeiríssima ordem, e disso se davam conta o delegado e o xerife. Contribuía largamente para todas as obras de caridade. Com um medo pavoroso das doenças, pagava a um médico para examinar regularmente as suas pensionistas. Tinha-se menos probabilidades de arranjar uma complicação em casa de Faye do que com a professora da escola dominical. De modo que não tardou que Faye se tornasse uma das cidadãs mais invejadas da próspera cidade de Salinas.

2

A menina Kate intrigou bastante Faye: era tão nova e bonita, tão bem-educada e distinta... Faye mandou-a entrar para o seu próprio quarto e interrogou-a muito mais do que às vulgares pretendentes. Faye era capaz de definir num abrir e fechar de olhos todas as mulheres que lhe batiam à porta: indolentes, viciosas, insatisfeitas, gulosas, ambiciosas. Kate não entrava em nenhuma destas classificações.

— Espero que não se importe que lhe faça todas estas perguntas. Acho estranho que tenha cá vindo. Com uma cara dessas, podia arranjar um marido, uma equipagem e uma boa casa, sem que se incomodasse muito.

Faye fez girar a aliança no seu gordo anular. Kate sorriu timidamente.

— É tão difícil de explicar. Espero que não insista em querer saber. Está em jogo a felicidade de alguém muito chegado. Peço-lhe por tudo que não me pergunte nada.

Faye aquiesceu solenemente.

— Há tantos casos lamentáveis! Tive uma pensionista que estava criando um filho e, durante muito tempo, não soube de nada. Agora, tem uma bela casa e um marido em... Lá me escapava! Preferia cortar a língua. Tem algum menino, querida? Kate baixou os olhos para tentar dissimular as lágrimas. Quando conseguiu falar, murmurou: — Desculpe-me, mas não posso dizer nada.

— Ora essa, ora essa, ninguém a obriga a falar.

Faye não era inteligente, mas estava longe de ser parva. Foi ter com o xerife e explicou-lhe tudo. Seria ridículo arriscar-se. Sabia que havia algo de estranho em Kate, mas, se isso não trouxesse prejuízo para a casa, Faye nada tinha a ver com o caso.

Os seus temores dissiparam-se logo que Kate se entregou ao trabalho com ardor. Quando os clientes voltam e escolhem uma moça tratando-a pelo seu nome próprio, é porque ela vale alguma coisa. E não é com os seus lindos olhos que ela obtém esse resultado. Faye adquiriu a certeza de que Kate não era uma principiante.

Quando se tem uma nova pensionista, há duas coisas que contam: a primeira é “trabalhará ela?”; e a segunda” entender-se-á com as outras?” Não há como uma moça dotada de mau feitio para semear a desordem numa casa.

Faye não teve de esperar muito tempo para obter resposta à segunda pergunta. Kate fez tudo o que pôde para se tornar agradável. Ajudou as colegas a limpar os quartos; levou-lhes comida quando estavam doentes, ouviu-lhes as histórias e, assim que teve dinheiro, emprestou-lhes. Não podia haver melhor. Passado pouco tempo, era a maior amiga de toda a gente.

Kate chamava a si todos os aborrecimentos, não havia empreitada que a assustasse e, o que era melhor, fazia subir a receita. Não tardou muito tempo que tivesse um numeroso grupo de admiradores. E que delicadeza. Recordava-se sempre das datas dos aniversários e oferecia uma prenda e um bolo com velas. Faye estava convencida de ter achado um tesouro.

As pessoas não sabem o que é ser patroa. Pensam que basta sentar-se numa poltrona, ingurgitar muita cerveja e arrecadar metade dos ganhos das moças. Mas não é nada disto. As pensionistas têm direito ao sustento, o que representa conta na mercearia e um cozinheiro. O problema da lavagem da roupa é muito mais complicado do que num hotel. É preciso conservar o harém em

boas condições, fazendo com que se sinta tão feliz quanto possível, e o prostíbulo é um lugar de eleição para a neurastenia. Tem de se reduzir o suicídio a um mínimo absoluto e as prostitutas, principalmente as que vão envelhecendo, têm uma grande tendência para brincar com navalhas, o que só pode dar cabo da fama de uma casa.

Não é tarefa fácil e o desperdício pode levar um negócio à falência. Quando Kate se ofereceu para tomar conta das compras e das refeições, Faye ficou encantada mas perguntou a si mesma onde iria a moça arranjar tempo para tanta coisa. Pois bem! Não só a comida melhorou como as contas da mercearia ficaram reduzidas a um terço no primeiro mês. Quanto às da lavanderia, encolheram vinte e cinco por cento. Faye nunca soube o que Kate disse ao homem da lavanderia, mas era caso para perguntar como tinha conseguido viver antes de conhecer a moça.

À tardinha, antes de principiar o trabalho, sentavam-se as duas no quarto de Faye e tomavam chá. O quarto ficara muito mais agradável desde que Kate pintara as madeiras e colocara cortinas de renda. As moças compreenderam que havia duas patroas e sentiram-se contentes pois, com Kate, tudo se tornava fácil. Deixaram-se iniciar em novas práticas, que não tinham mal nenhum e que só eram pretexto para uma boa gargalhada.

Um ano se passou e Faye e Kate eram como mãe e filha. E as pequenas diziam: “Reparem bem. Esta casa ainda há de ser dela um dia.” Kate tinha sempre as mãos ocupadas, a maior parte das vezes a bordar iniciais em finos lenços. Todas as moças tinham um que guardavam preciosamente.

Gradualmente, aconteceu uma coisa muito natural. Faye, a essência da maternidade, pôs-se a considerar Kate como filha. Era um sentimento que se lhe assenhoreara do coração e das emoções que lhe fazia sofrer a sua natural moralidade. Não queria que sua filha fosse uma puta, o que era perfeitamente razoável.

Faye perguntava a si mesma como abordaria o problema. Não estava nos seus hábitos atacar as questões pela frente. Seria incapaz de dizer: “Não quero que continues a prostituir-te.” — Se for segredo, não me respondas. Mas sempre senti vontade de te perguntar. Que te disse o xerife...? Meu Deus, já foi há um ano. Como o tempo passa! E passa mais depressa quando se envelhece. Ele esteve quase uma hora fechado contigo. Não teria ele... Não, claro que não. É um pai de família. Ele prefere ir a casa da Jenny. Mas não me quero meter na tua vida.

— Não há segredo nenhum — disse Kate. — Se houvesse dizia-lhe logo. Ele aconselhou-me, com toda a amabilidade, a que voltasse para casa. Quando lhe expliquei que não podia, foi muito compreensivo.

— Disseste-lhe Por quê? — perguntou Faye com uma ponta de ciúme.

— Claro que não. Supõe que lhe ia revelar uma coisa que nem a si quis dizer? Não seja ridícula, querida. Até parecem coisas de criança.

Faye sorriu e aninhou-se com satisfação na sua poltrona.

O rosto de Kate estava impassível, mas ela recordava-se, palavra por palavra, de toda a entrevista. Francamente, o xerife agradara-lhe. Era um homem às direitas.

3

Ele fechara a porta do quarto e examinara tudo com um olhar rápido e profissional: nem fotografias, nem objetos pessoais.

Nada, a não ser roupas e calçado.

Sentou-se na exígua cadeira de verga e uniu os dedos que pareceram começar a conversar como formigas gigantes. Falou numa voz monocórdia como se não estivesse muito interessado no que dizia. Foi talvez isso o que impressionou Kate. No princípio da conversa, ela arvorara o seu olhar estúpido e teimoso, mas assim que ele pronunciou as primeiras palavras, Kate pôs de parte esse método e mergulhou os olhos nos dele para tentar adivinhar o que pensava. Ele não olhava para ela, mas também não desviava o olhar. Ela sabia que o xerife a estava observando. Sentia o olhar fixo na cicatriz, um olhar tão insistente que quase parecia roçá-la.

— Não organizarei cadastro — disse ele calmamente. — Já ocupo este posto há muito tempo e a reforma está por pouco. Garanto-lhe, minha menina, que se isto se tivesse passado quinze anos atrás, não deixaria de fazer as minhas indagações e tenho a certeza de que poria a claro coisas bastante feias.

Aguardou uma reação, mas ela não protestou. O xerife abanou a cabeça.

— Não quero saber nada — continuou. — Só desejo a paz neste condado e quero que seja respeitada, custe o que custar. Ainda não travei conhecimento com o seu marido.

Kate compreendeu que ele notara o pequeno estremecimento que a percorrera.

— Parece que é um homem encantador. Também parece que foi gravemente atingido. Fitou-a nos olhos.

— Não lhe interessa saber o mal que causou o seu tiro de pistola? —
Interessa — disse ela.

— Desta ainda escapa. Ficou com o ombro esfrangalhado, mas escapa. O chinês trata-o na perfeição. Como é evidente, não poderá utilizar o braço esquerdo por muito tempo. Um tiro de 44 não é brincadeira nenhuma. Se o chinês não tivesse voltado a tempo, o Sr. Trask teria sangrado toda a noite, morreria e você estaria agora atrás das grades da minha prisão.

Kate continha a respiração, procurando adivinhar o que se iria seguir, mas o polícia mantinha-se impenetrável.

— Tenho muita pena — disse ela.

O olhar do xerife ficou alerta.

— Acaba de cometer um erro, pois sei muito bem que não tem pena nenhuma. Conheci uma pessoa no seu gênero, há uma dúzia de anos, que foi enforcada diante da cadeia. Costumávamos fazer isso nesse tempo.

O quartinho com o seu leito de mogno, os seus objetos de toucador, a sua mesa de cabeceira e o bacio, o seu papel pintado onde se repetiam infindavelmente as mesmas rosas, ficou completamente silencioso quando acabaram de soar as últimas palavras.

O xerife contemplava uma gravura representando três querubins — só três cabeças de cabelos encaracolados e olhares límpidos, com os pescoços ornados de asas de pombo. Franziu as sobancelhas.

— Estranha gravura para uma casa destas — disse ele.

— Já estava quando cheguei — esclareceu Kate. Aparentemente, o preâmbulo já tinha terminado. O xerife endireitou-se na cadeira, desenlaçou os dedos e pousou as mãos nos braços da cadeira.

— Abandonou dois gêmeos — recomeçou ele —, duas crianças de tenra idade. Calma. Não vou pedir que volte para junto deles. Creio até que farei tudo o que puder para evitar uma coisa dessas. Conheço muito bem as pessoas da sua raça. Poderia pô-la fora do meu distrito e passar a palavra ao xerife vizinho e assim sucessivamente até a obrigar a mergulhar no oceano Atlântico. Mas não farei isso. Não me importa como vive, desde que não me arranje aborrecimentos. Uma puta é uma puta.

Kate perguntou numa voz sem cor: — Que quer que eu faça?

— Assim é que é — respondeu o xerife. — O que eu quero é só isto: reparei que mudou de nome. Vai ficar com ele. Suponho que também inventou

outro local de nascimento. A partir de hoje, foi lá que realmente nasceu. Quanto ao motivo que a empurrou para cá, veja se nunca o explica a menos de duas mil milhas do meu gabinete.

Kate sorriu ligeiramente, mas era um autêntico sorriso. Principiava a depositar confiança naquele homem. O xerife agradava-lhe.

— Também me lembrei — prosseguiu ele — de que talvez conhecesse gente na vizinhança.

— Não conheço ninguém.

— Ouvi falar numa agulha de tricotar — acrescentou ele acidentalmente. — Pode dar-se o caso de alguém que conhece entrar aqui. É essa a cor natural dos seus cabelos?

— É.

— Pinte-os de preto durante algum tempo. Há uma quantidade de pessoas que se parecem com outras pessoas.

— E isto?

Com o dedo, Kate designava a cicatriz. — Isso é uma... Falta-me a palavra. Ai! Está na ponta da língua...

— Uma coincidência?

— Isso mesmo. Uma coincidência.

Parecia ter acabado. Pegou tabaco e papel e fez um cigarro frouxo e pequeno. Riscou um fósforo sulfuroso e manteve-o afastado até a chama passar do azul ao amarelo. O cigarro acendeu-se mal e o papel ardeu só de um lado.

Kate perguntou: — Não haverá perigo? Suponha que...

— Não. Se surgisse algum imprevisto, eu saberia agir. Só peço uma coisa: é que você, a sua profissão, os seus atos e as suas palavras nunca possam ferir o Sr. Trask e os seus filhos. O melhor é imaginar que morreu e ressuscitou sob outra forma. Assim, tudo correrá pelo melhor.

Ergueu-se, encaminhou-se para a porta e, depois, voltou-se.

— Tenho um filho que vai fazer vinte anos. Um belo rapagão com o nariz quebrado. Todos gostam dele. Não quero que venha aqui. Vou prevenir a Faye. Ele que vá à casa da Jenny. Se ele aparecer, mande-o para a Jenny.

O xerife fechou a porta. Kate examinou as unhas sorrindo.

Faye rodou na cadeira para apanhar uma fatia de bolo de nozes. Tinha sempre a boca cheia de qualquer coisa. Kate perguntou a si mesma, com um certo receio, se Faye tinha o dom de ler o pensamento, quando a ouviu dizer: — Não gosto. Disse e repito que preferia ver-te com cabelos loiros. Não percebo que ideia foi essa que te deu de tingir. Tens uma pele tão bonita.

Kate pegou numa mecha de cabelo e enrolou-a nos dedos. Ela era muito inteligente e foi por isso que proferiu a melhor e a mais eficaz das mentiras: a verdade.

— Não tencionava dizer, mas receava que me reconhecessem e que isso pudesse prejudicar alguém.

Faye levantou-se da cadeira, aproximou-se de Kate e beijou-a.

— És tão boa moça! Tens tanto tato!

Kate propôs: — E se tomássemos chá? Vou fazê-lo num instante. Saiu do quarto e, no corredor que levava à cozinha, apagou o beijo com a ponta dos dedos.

Quando se tornou a sentar, Faye pegou num grande bocado de bolo onde se desenhava uma noz inteira, e deu-lhe uma dentada. Uma lasquinha de casca de noz penetrou-lhe num dente cariado e despertou o nervo. Sentiu-se invadida por uma dor atroz que parecia ser feita de chamas azuladas, e o suor começou a correr-lhe pela testa. Quando Kate voltou com o tabuleiro do chá, Faye tinha uma mão na boca e gemia com dores.

— Que tem?— exclamou Kate.

— Uma lasca de noz no meu dente.

— Deixe ver. Abra a boca e mostre.

Kate observou, pegou um palito e, em menos de um segundo, extraiu a lasca e exibiu-a na palma da mão.

— Aqui a tem — disse ela. A dor atenuou-se.

— Só isso? Estava convencida de que tinha um guarda-chuva enfiado no dente. Ouve, querida, abre a segunda gaveta onde estão os remédios. Tira o paregórico e um pedacinho de algodão.

Kate foi buscar o frasco e introduziu uma bolinha de algodão embebida em líquido na cavidade do dente, com o auxílio do palito.

— Devia mandar arrancá-lo.

— Isso sei eu.

— A mim já me faltam três dentes deste lado.

— Não se nota. Sinto-me toda arrepiada. Traz-me a garrafa de Pinkham. Bebeu pela garrafa um gole do extrato de legumes e suspirou de alívio: — Que

remédio maravilhoso! — disse ela. — A mulher que inventou isto era uma santa.

Capítulo XX

1

Estava uma tarde esplêndida. Sentada à janela, Faye avistava o cume do monte Fremont levemente rosado pelos últimos raios de sol. De Castroville Street vinha o ruído dos guizos de uma grande carroça puxada por oito cavalos. O cozinheiro remexia as caçarolas na cozinha. Faye ouviu alguém a roçar pela parede e, logo a seguir, uma pancadinha na porta.

— Entra, Olho-de-Algodão.

A porta abriu e o pequeno pianista corcunda de olhos parados imobilizou-se no limiar, aguardando que Faye falasse para saber onde estava.

— Que queres? — perguntou Faye.

O homem voltou-se para ela. — Não me sinto bem, Sra. Faye. Precisaria ir para a cama e não tocar esta noite.

— Já estiveste doente duas noites na semana passada. Não gostas do teu trabalho?

— Não me sinto bem.

— Bom. Por esta noite, está bem. Devias tratar de ti.

Kate sugeriu afavelmente: — Devias pôr de lado a droga durante uns quinze dias.

— Oh! menina Kate, não sabia que estava aí! Eu não tenho fumado.

— Tens fumado, sim — afirmou Kate.

— Está bem, menina Kate, não torno a tocar no cachimbo. Não me sinto nada bem.

Fechou a porta e ouviram a sua mão tateando a parede para encontrar o caminho.

Faye observou: — Ele me disse que tinha deixado de fumar.

— Pois continuou.

— O desgraçado — disse Faye — não tem muito o que o prenda à vida.

Kate postou-se diante dela.

— És boa demais — disse ela. — Tem confiança em todos. Se não tiver cuidado, qualquer dia até lhe roubam o telhado da casa.

— Quem teria vontade de me roubar? — perguntou Faye.

Kate pousou as mãos nos gordos ombros de Faye: — Nem todos são tão bons como a senhora, Cintilaram lágrimas nos olhos de Faye. Pegou num lenço que estava em cima de uma cadeira ao lado, limpou os olhos e deu umas palmadinhas delicadas nas narinas.

— Tu és como se fosses minha filha, Kate.

— Já começo a convencer-me disso. Eu não conheci a minha mãe. Ela morreu quando eu era muito pequena.

Faye respirou fundo e atacou: — Kate, dói muito te ver trabalhar.

— Por quê?

Faye abanou a cabeça, procurando as palavras.

— Não é que tenha vergonha, a minha casa é boa e, se não houvesse esta, haveria outra pior em seu lugar. Como não faço mal a ninguém, não tenho de que me envergonhar.

— Não tem razão para isso.

— Mas não gosto que trabalhes. És como se fosses minha filha e eu não quero que a minha filha trabalhe.

— Não seja pateta, querida — disse Kate. — Faz-me falta, aqui ou em outro lugar qualquer. Já lhe disse que preciso de dinheiro.

— Não, não é verdade.

— É, sim, é verdade. Onde poderia arranjá-lo?

— Poderias ser a minha filha, dirigir a casa, ocupares-te de certas coisas e não ires para o quarto. Sabes perfeitamente que não me sinto muito bem.

— Pois claro que sei, minha pobre querida, mas preciso de dinheiro.

— Eu tenho que chegue para as duas. Poderia dar-te o mesmo ou mais do que ganhas atualmente e não ficava a perder. Kate abanou tristemente a cabeça.

— Gosto muito de si — disse ela —, e quem me dera poder obedecer-lhe. Mas a senhora precisa pôr dinheiro de lado e eu... Suponha que lhe acontece alguma coisa. Não, tenho de continuar a trabalhar. Sabe que esta noite tenho cinco fregueses à minha espera? Faye ficou horrivelmente chocada.

— Não quero que continues a trabalhar.

— É preciso, mamãe.

A palavra deu o resultado desejado. Faye desatou a chorar.

Kate sentou-se no braço da cadeira, acariciou-lhe o rosto e secou as lágrimas. Por fim, os soluços tornaram-se mais espaçados.

A escuridão envolvia o Vale. O rosto de Kate resplandecia sob os cabelos negros.

— Já se sente melhor? Vou dar uma volta até à cozinha e depois vou vestir-me.

— Kate, não podes dizer aos teus fregueses que estás doente?

— Não posso, não, mamãe.

— Kate, hoje é quarta-feira. Depois da uma hora, já não deve haver ninguém.

— É o dia do banquete anual da “União dos Madeireiros”.

— É verdade. Mas como é quarta-feira, vão embora antes das duas.

— Onde quer chegar?

— Quando todos se forem embora, bate à minha porta. Tenho uma surpresa para ti.

— Que espécie de surpresa?

— Oh! Uma autêntica surpresa. Já que vais à cozinha, diz ao cozinheiro que venha cá.

— Desconfio que a surpresa é um bolo.

— Não faças perguntas, querida. É uma surpresa.

Kate beijou-a. — Adoro-te, mamãe.

Depois de ter fechado a porta, Kate ficou um instante no corredor. Passou a mão pelo queixo. Os olhos estavam tranquilos. Depois, estendeu os braços acima da cabeça e todo o seu corpo se retesou num bocejo voluptuoso. Lentamente, acariciou o corpo dos seios até às ancas. A boca esboçou um sorriso enquanto se encaminhava para a cozinha.

2

Os poucos clientes habituais entraram e saíram. Dois curiosos vieram espreitar o pessoal mas não apareceu um só madeireiro. O mulherio bocejou na sala até às duas da manhã.

Um triste acidente retivera os madeireiros. Clarence Monteith teve uma crise cardíaca no meio da sessão de encerramento do congresso, antes do banquete. Após a chegada do Dr. Wilde, os madeireiros fizeram uma padiola com dois paus de bandeira enfiados nas mangas de um casaco. Clarence morreu no caminho e tiveram de ir chamar o médico outra vez. Quando acabaram de tratar do funeral e de redigir o artigo necrológico, já ninguém sentia vontade de ir ver as mulheres.

Quando estas, no dia seguinte, souberam o que se tinha passado, lembraram-se logo do que dissera a Ethel às duas menos dez.

— Meu Deus! — exclamara a Ethel. — Que calma! Nem música há. E a Kate perdeu a língua. Até parece um velório. Mais tarde, a Ethel sentiu-se comovida por ter proferido esta frase. Grace respondera: — O que vai ser de si sem a língua, Kate? Não se sente bem? Kate, não se sente bem? Kate sobressaltou-se: — Estava a pensar numa coisa.

— Pois eu não — disse Grace. — Estou cheia de sono. Porque não fechamos? Vamos pedir à Faye. Esta noite não aparece um gato. Eu vou pedir à Faye. A voz de Kate deteve-a: — Deixa a Faye sossegada. Ela não está bem. Quando derem as duas, fechamos.

— O relógio está parado — disse Ethel. — O que tem a Faye?

Kate respondeu: — Era nisso que eu pensava. Estou tremendamente preocupada por causa dela. Não está nada bem e não quer mostrar.

— E eu achando que ela estava ótima! — disse Grace. Ethel acertou em cheio novamente: — Também a mim não me parece lá muito fina. Já reparei que tem um ar congestionado. Kate disse com toda a suavidade: — Não lhe digam que lhes toquei no assunto. Ela não quer que se apoquentem. É tão boa! — Não há dúvida, nunca estive numa casa tão boa — disse Grace. Alice comentou: — Ela que nunca te ouça dizer palavras dessas.

— Ora, ora! Ela conhece-as tão bem como eu — respondeu Grace.

— Mas não gosta que as digam. Pelo menos, nós.

Kate explicou-lhes pacientemente: — Vou contar-lhes o que se passou. Estávamos a tomar chá esta tarde, quando ela desmaiou. Acho que devia consultar um médico.

— Eu reparei que ela tinha um ar congestionado — insistiu Ethel. — Este relógio não está bom. Já nem percebo se se adianta, ou se se atrasa.

— Vão-se deitar. Eu fecho as portas — disse Kate.

Assim que elas saíram Kate foi ao quarto e pôs o vestido novo de seda estampada que lhe dava um aspecto de adolescente. Escovou o cabelo, fez a trança e pôs-lhe um lacinho branco. Depois esfregou a cara com água-de-colônia. Após um instante de hesitação, tirou da gaveta da cômoda um relóginho de ouro que pendia de uma cadeia com o fecho em forma de flor-de-lis. Embrulhou o relógio no seu mais belo lenço e saiu.

O corredor estava escuro, mas via-se uma fímbria de luz por baixo da porta de Faye. Kate bateu devagarinho.

— Quem é? — perguntou Faye.

— É a Kate.

— Não entres já. Espera aí fora. Já te digo para entrares.

Kate ouviu um rumor no quarto, depois, a voz de Faye: — Pronto. Podes entrar.

O quarto estava enfeitado. Lanternas japonesas penduradas eram hastes de bambu que brilhavam nos cantos e tiras de papel de lustro vermelho caíam do centro do teto para as paredes, formando baldaquino. Em cima da mesa, estava um grande bolo com velas. Uma caixa de chocolates e um magnum de champanhe dentro do balde de gelo. Faye ostentava o seu mais belo vestido de renda e os olhos cintilavam de emoção.

— Meu Deus! — exclamou Kate ao fechar a porta. — É uma festa.

— É uma festa para a minha querida filhinha.

— Mas não é o meu aniversário.

— Talvez seja, até certo ponto — disse Faye.

— Não percebo o que queres dizer. Eu trouxe-te um presente.

Colocou o lenço dobrado nos joelhos de Faye.

— Tem cuidado ao abri-lo — disse ela. Faye pegou no relógio.

— Oh! querida, querida... Minha doidinha, eu não posso aceitar.

Abriu a tampa com a ponta da unha. No interior estavam gravadas estas palavras: “Para C. de todo o coração of. A.” — Era o relógio da minha mãe — disse Kate meigamente. — Quero dá-lo à minha nova mamãe.

— Querida filha! Querida filha! — A minha mãe ficaria contente se soubesse.

— Esta festa é para ti. Também tenho um presente para ti, mas quero dá-lo à minha maneira. Abre a garrafa e enche duas taças enquanto eu corto o bolo. Quero fazer as coisas como deve ser.

Assim que tudo ficou pronto, Faye aproximou a cadeira da mesa e ergueu a sua taça.

— À minha nova filha, para que viva muitos anos e bons.

Depois de terem bebido, Kate disse por seu turno: — À minha mãe.

Faye disse: — Vais fazer-me chorar, vê lá! Em cima da escrivaninha está um cofrezinho de mogno. Sim, esse mesmo. Põe-no em cima da mesa e abre-o. A caixa continha um papel enrolado, atado com uma fita vermelha.

— O que é isto? — perguntou Kate.

— É a minha prenda. Desembrulhe.

Kate desfez o nó e desenrolou o papel, que tinha traçadas algumas linhas numa caligrafia aplicada e elegante. No fundo da folha, viam-se as assinaturas de

Faye e do cozinheiro: — Lego todos os meus bens sem exceção a Kate Albey que considero como minha filha.

Era simples, direto e, legalmente, irrefutável. Kate releu o texto três vezes, olhou a data, examinou a assinatura do cozinheiro. Faye observava-a com a boca entreaberta pela expectativa. Quando Kate mexeu os lábios lendo as palavras, Faye também mexeu os seus.

Kate enrolou o papel, atou a fita e tornou a guardar tudo no cofre cuja tampa fechou. Sentou-se numa cadeira. Faye perguntou finalmente: — Estás satisfeita?

Os olhos de Kate pareciam penetrar nos de Faye. Pareciam furá-los para atingir o cérebro. Kate disse calmamente: — Estou a ver se me contenho, mamãe. Não sabia que pudesse haver pessoas tão boas. Tenho medo de me desfazer em pedaços se disser alguma coisa muito depressa ou se me aproximar muito de ti.

Era muito mais dramático do que Faye supusera.

— É uma prenda esquisita, não é? — Esquisita, não.

— Quero eu dizer que um testamento é um presente estranho. Mas significa mais do que isso. Agora tu és minha verdadeira filha. Já te posso dizer tudo. Eu tenho... não, — nós temos de reserva mais de sessenta mil dólares. Na minha secretária estão os livros com as contas e as chaves dos cofres. Vendi a minha casa de Sacramento por bom preço. Porque não dizes tu nada, minha filha? Estás aborrecida por qualquer motivo?

— Um testamento soa a morte. É um mau presságio.

— Toda a gente devia fazer testamento.

— Bem sei, mamãe — Kate sorriu com tristeza. — Estou a pensar numa coisa. Lembra-te de todos os teus parentes que tentarão anular este testamento. Não podes fazer uma coisa destas.

— Minha pobre filhinha, é só isso o que te preocupa? já não tenho família e, se tivesse, como poderia ela saber? julgas que és a única a ter um segredo? julgas que eu uso o nome que tinha ao nascer? Kate fitou Faye demoradamente.

— Kate! — exclamou esta última. — Kate, é uma festa. Não estejas triste. Pareces gelada.

Kate levantou-se, afastou brandamente a mesa e sentou-se no chão, encostando o rosto aos joelhos de Faye. O seu dedo fino acompanhou um fio de ouro que corria na renda. Faye acariciou a face de Kate, depois, o cabelo, e tocou ao de leve nas orelhas estranhas. Timidamente explorou com a ponta dos dedos as cercanias da cicatriz.

— Nunca me senti tão feliz — disse Kate.

— Também eu me sinto feliz, querida. Mais feliz do que nunca. Já não me parece estar só. Sinto-me em segurança na tua companhia.

Kate prendeu delicadamente o fio de ouro na ponta das unhas.

Ficaram sentadas por muito tempo numa doce intimidade, até que Faye quebrou o encanto.

— Kate — disse ela —, é uma festa. Já nos esquecíamos. Vamos beber champanhe para comemorar isto.

Kate perguntou, levemente constrangida: — Será necessário, mamãe?

— Evidentemente. Só nos pode fazer bem. É preciso levantar o braço de vez em quando, para matar o bicho. Tu não gostas de champanhe, Kate? — Nunca bebi muito. Faz-me mal.

— Asneiras. Enche as taças, querida.

Kate ergueu-se e encheu as taças. — Bebe — disse Faye. Olha que estou a vigiar-te. Não vais deixar uma velha embriagar-se sozinha.

— Tu não és uma velha, mamãe.

— Não fales. Bebe. Não tocarei na minha taça enquanto não beberes. — Esperou que Kate tivesse bebido e, depois, despejou a sua taça de um trago. — Isto faz bem — disse ela. — Torna a enchê-las. Vamos, minha filha, pela goela abaixo. Não há nada melhor para esquecer.

Todo o organismo de Kate se contraía à passagem do vinho. Recordava-se e tinha medo.

— Como é triste o fundo de uma taça. Ponha mais.

A transição deu-se em Kate quase logo a seguir à segunda taça. O seu medo, o seu medo de tudo, evaporou-se. Sempre receara isso e, agora, já era muito tarde. O vinho destruía as barragens que ela erguera laboriosamente, mas já não se importava. A coisa que aprendera a disfarçar e a dominar estava perdida. A voz subiu de tom, os lábios arreganharam-se, os olhos cintilaram sob as pálpebras semicerradas e o olhar tornou-se irônico.

— É a tua vez de beber, mamãe. Tenho-te debaixo de olho. Pronto... Aposto que não és capaz de beber duas sem tomar fôlego.

— Não apostes porque perdias. Sou capaz de beber seis.

— Mostra-me.

— Se o fizer, acompanhas-me? — Claro.

O concurso principiou, o vinho espalhou-se pela mesa e o nível desceu no magnum de champanhe. Faye soltava risadas. Os seus olhos brilhavam de uma forma curiosa.

— Quando era nova, aconteceram-me coisas que tu nem podes imaginar, Kate disse. — Também te podia contar coisas incríveis.

— Tu? Não digas disparates. Não passas de uma criança.

Kate riu. — Criança, eu? Pois sim! Nunca deves ter visto nenhuma como eu.

O seu riso intensificou-se e penetrou no torpor alcoólico que se apoderara de Faye.

— Tens um ar estranho — disse Faye, fixando os olhos de Kate. — Deve ser da luz. Não pareces a mesma.

— E não sou.

— Chama-me mamãe querida.

— Mamãe querida!

— Kate, vamos ter uma rica vida.

— Ai não! Melhor do que tu julgas.

— Sempre tive vontade de ir à Europa. Podíamos tomar o barco e ir comprar lindos vestidos a Paris.

— Pois podíamos, mas, por enquanto, não.

— Porque não? Dinheiro não me falta.

— Havemos de ter muito mais.

Faye defendeu a sua causa. — Por que não vamos já? Podíamos vender a casa. Com o negócio que estamos fazendo, não nos davam menos de dez mil dólares.

— Não.

— Que significa isso? A casa é minha e posso vendê-la quando me apetecer.

— Esqueces que sou tua filha?

— Não gosto que me fales nesse tom, Kate. Que tens tu? Ainda há champanhe?

— Sobrou um resto no fundo da garrafa. Aqui tens, bebe mesmo pela garrafa. Anda, mamãe, isso mesmo, deixa-o escorrer pelo pescoço e encharca o colete. Molha essa barriga!

Faye revoltou-se.

— Kate, não sejas ordinária! Estávamos tão bem. Por que queres estragar tudo?

Kate arrancou-lhe a garrafa da mão. — Dá-me isso.

Emborcou-a e atirou-a ao chão. Tinha o rosto contraído e os olhos brilhantes. Os lábios pequenos estavam entreabertos e descobriam os dentes

aguçados. Os caninos eram mais compridos e aguçados do que os outros. Kate riu docemente.

— Mamãe, minha querida mamãe, vou mostrar-te como se explora um bordel. Até as lesmas que por aí aparecem hão de pagar um dólar pelo gozo que nós lhes dermos.

Faye atalhou: — Kate, estás bêbeda. Não percebo de que estás a falar.

— Ai não, mamãe querida? Queres que te dê pormenores?

— Quero que sejas boazinha, quero que sejas como eras.

— Agora é tarde. Eu não queria beber, mas tu, minha lombriga gorda, obrigaste-me a isso. Não esqueças que sou a tua querida, a tua adorada filha. Ficaste surpreendida quando soubeste que eu tinha fregueses. Julgas que me desfaço deles? Julgas que eles me pagam um magro dólar com os trocos que trazem? Estás muito enganada. Dão-me dez dólares e é mais caro de cada vez que voltam. Já não podem passar sem mim. Não há ninguém que lhes dê aquilo que eu lhes sei dar.

Faye pôs-se a chorar como uma criança.

— Não fales desse modo. Tu não és assim, tu não és assim.

— Mamãe querida, minha gorda mamãe, vê então se baixas as calças de um dos meus fregueses. Hás de ver as cicatrizes que têm nas virilhas. Verás como são bonitas. E os cortes que nunca mais param de sangrar! Oh! mamãe querida, eu tenho um estojo com a mais bela coleção de navalhas que tu possas imaginar, e tão afiadas, tão afiadas! Faye debateu-se para sair da cadeira.

Kate empurrou-a. — Fica sabendo, mamãe, é assim que há de ser em toda a casa. A tarifa será de vinte dólares e obrigaremos esses porcos a tomarem banho. Depois, limpamos-lhe o sangue com lenços finíssimos de seda branca, sim, mamãe querida, o sangue que escorre das feridas feitas com chicotezinhos de nós nas pontas.

Faye soltou um berro rouquenho. Kate precipitou-se para a cadeira e tapou-lhe a boca com a mão.

— Não faças barulho. Pronto, assim é que és bonita. Podes vomitar na mão da tua filha, mas não faças barulho.

Com cuidado, tirou a mão e limpou-a na saia de Faye. A gorda mulher sussurrou: — Desaparece! Eu dirijo uma boa casa onde não se fazem porcarias. Põe-te a andar!

— Não quero te deixar sozinha — minha pobre querida. — A voz fez-se trêmula. — Metes-me nojo. — Pegou uma taça e foi à mesa onde a encheu com elixir paregórico. — Toma, bebe isto que te faz bem.

— Não quero.

— Não seas criança. Bebe! — Obrigou Faye a beber. — Só mais um gole.

Faye grunhiu surdamente por instantes, depois estendeu-se na cadeira e adormeceu a ressonar.

3

O terror que crescia no espírito de Kate transformou-se em pânico. Kate lembrou-se da última vez e logo uma náusea a dobrou ao meio. Juntou as mãos e o medo aumentou. Acendeu uma vela e foi cambaleando pelo corredor fora até à cozinha. Deitou farinha de mostarda num copo, misturou-lhe água e bebeu. Enclavinhou as mãos no rebordo do lava-louças enquanto a papa espessa deslizava, escaldante, pelo esôfago. Kate contorceu-se, sacudida pelos espasmos. Finalmente destruído o efeito do vinho, a mente desanuviou-se, mas o coração batia com violência e Kate sentia-se muito fraca.

Relembrou o serão, cena por cena, esquadrinhando tudo como um cão a farejar. Molhou a cara, limpou o lava-louças e tornou a pôr a mostarda no seu lugar, em cima da prateleira. Depois, regressou ao quarto de Faye.

O alvor da madrugada recortava o cume do Fremont que parecia negro no fundo claro do céu. Faye continuava a ressonar na cadeira.

Kate contemplou-a por instantes, depois, desmanchou a cama, pegou no peso morto da gorda mulher e arrastou-a até ao leito. Despiu-a, lavou seu rosto e arrumou tudo.

O dia despontava rapidamente. Kate sentou-se junto da cama e observou o rosto descontraído, cuja boca aberta aspirava e soprava alternadamente. Faye esboçou um gesto, os lábios secos tartamudearam algumas palavras, soltaram um suspiro e voltaram a ressonar.

Kate pôs mãos à obra. Abriu a gaveta da secretária e examinou os remédios que continha: paregórico; Lydia, Pinkham, vinho reconstituente; unguento Hall; sais de Epsom; óleo de castor e amoníaco. Pegou o frasco de amoníaco, embebeu um lenço e tapou com ele a boca e o nariz de Faye, virando o rosto para o lado.

Os vapores penetrantes e ardentes agiram e Faye emergiu do seu buraco negro a debater-se. Tinha os olhos arregalados e aterrorizados.

— Tudo corre bem, mamãe. Tudo corre bem. Tiveste um pesadelo, um mau sonho.

— Pois, um sonho.

Faye caiu novamente no sono e recomeçou a ressonar. Mas, sob o efeito do amoníaco, deixara as profundidades do sono e estava mais calma. Kate guardou o frasco na gaveta, limpou a mesa, enxugou o champanhe derramado e levou os copos para a cozinha.

A penumbra da madrugada infiltrava-se pelos interstícios das persianas. O cozinheiro mexeu-se no seu cubículo atrás da cozinha. Kate ouviu-o procurar a roupa e enfiar as sandálias. Apressadamente, bebeu dois copos de água e encheu outro, antes de regressar ao quarto, cuja porta fechou. Soergueu a pálpebra direita de Faye e recebeu um olhar vidrado, mas não voltado para cima. Kate agiu lentamente e com precisão. Pegou no lenço e cheirou-o. O amoníaco evaporara-se, mas ainda cheirava. Kate estendeu o pano em cima da cara de Faye e, quando a mulher principiou a agitar-se e a dar mostras de despertar, tirou-lhe o lenço e deixou-a voltar ao sono. Repetiu o manejo três vezes. Em seguida, foi buscar uma agulha de crochê, de marfim, que estava em cima do tampo de mármore da cômoda. Com uma mão, levantou a roupa da cama e, com a outra, apoiou a extremidade arredondada da agulha nos seios flácidos de Faye, aumentando a pressão, até a mulher adormecida começar a gemer e a torcer-se. Depois, explorou as partes mais sensíveis do corpo; debaixo dos braços, nas virilhas, nos ouvidos, no clitóris, aliviando a pressão sempre que Faye dava indícios de ir acordar.

A mulher estava agora muito perto da superfície. Gemeu, fungou e tossiu. Kate acariciou-lhe a testa, o interior do cotovelo e falou-lhe com meiguice: — Querida, é um sonho horrível, acorda, livra-te do pesadelo, mamãe.

A respiração de Faye tornou-se mais regular. Soltou um grande suspiro, virou-se para o lado e pôs-se numa posição confortável após ter emitido uns grunhidos de satisfação. Kate afastou-se da cama e sentiu que uma vertigem lhe toldava a vista. Recobrou o equilíbrio, foi até à porta, escutou, saiu sorrateiramente e encaminhou-se sem ruído para o seu quarto. Despiu-se rapidamente, vestiu a camisa de dormir e um roupão e calçou as chinelas. Desalinhou o cabelo, pôs um barrete de dormir e borrifou a cara com água-de-colônia. Sem fazer barulho, voltou ao quarto de Faye, que dormia placidamente voltada para o lado. Kate foi buscar o copo, aproximou-se do leito e entornou alguma água fria na orelha de Faye.

Faye gritou uma vez, duas vezes. A cara medrosa de Ethel espreitou à porta do quarto a tempo de ver Kate de roupão e chinelas à porta de Faye. O cozinheiro estava atrás dela e tentava retê-la.

— Não entre, menina Kate. Sabe Deus o que se passa lá dentro.

— Não seja idiota. A Faye está mal.

Kate empurrou a porta e correu para a cama.

Faye, aterrorizada, chorava e gemia. — O que sente? O que sente, minha querida?

O cozinheiro entrou no quarto e três moças sonolentas aproximaram-se da porta.

— Então, que há?— perguntou Kate.

— Oh! querida, que sonhos, que sonhos! Já não podia mais.

Kate voltou-se para a porta. — Ela teve um pesadelo, mas já passou. Vão se deitar, que eu fico com ela. Alex, vá buscar chá.

As três moças presentes repararam que Kate não se poupava a esforços. Colocava toalhas frias na cabeça dolorida de Faye, segurava-a pelos ombros enquanto ela bebia. Fazia-lhe festas, acalmava-a, mas parecia que uma visão de horror continuava a pairar nos olhos de Faye. Às dez horas, Alex trouxe uma garrafa de cerveja e pousou-a na cômoda. Kate encheu um copo e entregou-o a Faye.

— Faz-te bem.

— Nunca mais quero beber.

— Tem juízo. Bebe como se fosse remédio. Assim é que é. Deita-te e dorme.

— Tenho medo de dormir.

— Que pesadelo tiveste?

— Era horrível! Horrível!

— Conta-me como era, mamãe, que te faz bem.

Faye recusou. — Seria incapaz de contar. Como pude sonhar uma coisa semelhante? Não se parecia nada com os meus sonhos.

— Pobre mãezinha — disse Kate. — Gosto tanto de ti. Dorme, que eu afasto os sonhos.

Faye caiu a pouco e pouco num sono profundo. Kate permanecia à beira da cama, estudando-a.

Capítulo XXI

1

Os negócios humanos de natureza perigosa e delicada são frequentemente comprometidos pela precipitação. Há tantos homens apressados que tropeçam. Quando se trata de cumprir uma tarefa difícil e subtil, há primeiro que determinar os fins. Considerados estes satisfatórios, é necessário esquecê-los por completo e concentrar exclusivamente a atenção nos meios a empregar. Graças a este método, evita-se o passo em falso ditado pela pressa ou pelo medo. Poucos são os que sabem isto.

Kate sabia — não podemos afirmar se por experiência, se pelo fato de ter nascido com esse dom, mas a verdade é que nunca se apressava. Quando se lhe deparava um obstáculo, esperava que ele desaparecesse para prosseguir. Era capaz de ficar completamente tranquila nos intervalos das diversas fases da ação. Além disso, conhecia a fundo a técnica do combate: deixar o adversário gastar as forças até à derrota ou guiar-lhe a força de modo que se voltasse contra ele.

Kate não tinha pressa. Depois de ter pensado nos fins, pô-los inteiramente de lado. Entregou-se ao trabalho com aplicação. Se armava uma estrutura e verificava que não era sólida, demolia-a para reconstruir outra. Só se entregava a esse joguinho alta noite ou quando estava completamente só, para não se tornar suspeita.

O edifício seria constituído à base de indivíduos, materiais, fatos e tempo. Já tinha as individualidades e o tempo, e pôs-se à procura dos fatos e dos materiais. Entrementes, pôs a funcionar uma série de pêndulos e de molas que iriam enquadrar-se no mecanismo completo na altura requerida.

Foi o cozinheiro quem falou em primeiro lugar no testamento. Foi ele com certeza. Pelo menos, disso se convenceu. Kate, informada por Ethel, entrou na cozinha para interrogar o homem que amassava o pão com os braços cabeludos cobertos de farinha até aos cotovelos — Achas que fizeste bem em dizer que tinhas sido testemunha? Achas que a Sra. Faye vai ficar contente? Ele mostrou-se surpreendido.

— Mas eu não....

— Tu não o quê? Não disseste ou não pensaste que era indelicado? — Não julgo ter...

— Julgas não ter dito. Só três pessoas sabiam. Achas que foi a Sra. Faye ou eu quem o disse? O cozinheiro pareceu ainda mais surpreendido. Já não tinha

a certeza de coisa nenhuma. Não faltava muito para que se convencesse de que fora ele quem falara.

Três das moças foram fazer perguntas a Kate acerca do testamento. Tinham-se juntado para arranjar mais coragem. Kate respondeu-lhes: — Acho que a Faye não gostaria de me ouvir discutir o assunto. O Alex devia ter-se calado. — A coragem que elas tinham reunido desfez-se em migalhas. — Porque não vão perguntar à Faye? — Não temos coragem.

— Mas não lhes falta coragem para andarem a falar nas costas dela. Pois muito bem! Vamos todas ter com ela e perguntar-lhe.

— Não, Kate, isso não!

— Seja como for, tenho de a informar. Não preferem estar presentes? Não acham que lhe desagradaria saber que andam a cochichar-lhe nas costas?

— Bem...

— Quanto a mim, gosto das pessoas que não se põem com rodeios.

Tão bem se houve que, quando as moças deram por si, estavam no quarto de Faye.

— Elas fizeram-me uma pergunta acerca daquilo que sabes. O Alex admitiu que fora indiscreto — disse Kate. Faye pareceu levemente admirada.

— Não julgava que fosse um tal segredo.

Kate respondeu: — Ainda bem que levas as coisas para esse lado. Mas queria que visses que não falei antes de tu me autorizares.

— Custa tanto dizer?

— De forma nenhuma. Até estou satisfeita, mas não queria falar, caso desejasses guardar segredo.

— És um amor, Kate, mas não vejo que tenha algum mal. Vocês compreendem, minhas filhas, estou só no mundo e adotei a Kate. Ela é tão boa para mim. Traz-me a caixa, Kate.

O testamento andou de mão em mão, e todas as moças o examinaram. Era tão simples que puderam repeti-lo, palavra por palavra, às outras moças.

A partir desse momento, as pensionistas observaram a atitude de Kate. Tornar-se-ia um tirano? Kate transformou-se, mas foi no bom sentido.

Uma semana depois, quando Kate adoeceu, não deixou por isso de gerir a casa e ninguém teria dado pelo fato se a não tivessem encontrado no corredor, encostada à parede, com o corpo retesado e o rosto contraído pela dor. Kate suplicou às moças que nada dissessem à Faye, mas elas não concordaram com esta solução e foi a própria Faye quem meteu Kate na cama e chamou o Dr. Wilde.

O médico era um homem encantador e um excelente profissional. Auscultou Kate, examinou a língua, tomou-lhe o pulso, fez-lhe algumas perguntas de caráter íntimo e, por fim, mordiscou o lábio inferior.

— Aqui mesmo? — perguntou ele, carregando levemente no sítio do rim.
— Não? Aqui? Dói? Bom. Os rins precisam de ser descongestionados.

Deixou Pílulas amarelas, verdes e encarnadas, para serem tomadas a horas diversas. As pílulas deram um ótimo resultado.

Kate tinha uma pequena borbulha e disse a Faye: — Vou ao médico.

— Eu peço-lhe que venha cá.

— Para que me dê pílulas? Não vale a pena, vou lá amanhã.

2

O Dr. Wilde era um bom e honrado homem. Ele afirmava que, na sua profissão, só uma coisa era certa: o enxofre curava a sarna. Não praticava nenhuma especialidade. Como a maioria dos médicos rurais, era cirurgião, padre e psiquiatra. Conhecia a maior parte dos segredos, das coragens e das fraquezas de Salinas. Quando um dos seus pacientes dava a alma ao Criador, ficava com a impressão de ter falhado por ignorância. Não era um homem audacioso e só utilizava a cirurgia como último e terrível recurso. A indústria farmacêutica acorria em auxílio dos médicos, mas o Dr. Wilde continuava a ser um dos raros que preparavam os remédios que prescrevia. Longos anos de trabalho extenuante e noites de sono interrompido tinham-no tornado levemente distraído.

Numa manhã de quarta-feira, às oito e meia, Kate subiu a Main Street e encafuou-se na escada do banco de Monterey. Ao fundo de um corredor, encontrou uma porta com o seguinte letreiro: “Dr. Wilde. Consultas das 11 às 14 horas.” Às nove e meia, o Dr. Wilde guardou o carro na cocheira e pegou na maleta preta. Chegava de Alisal, onde assistira ao fim da velha, da velhíssima Sra. German, que não fora capaz de morrer de modo convincente. O Dr. Wilde perguntava a si mesmo se a vida seca, dura e fibrosa abandonara por completo o corpo da velha senhora. Apesar dos seus noventa e sete anos, uma certidão de óbito não era coisa que tivesse qualquer significado para ela. Chegara ao ponto de meter na ordem o padre que a confessava. O mistério da morte deixava o médico perplexo. Ainda na véspera, Allen Day, com trinta e sete anos e um metro e noventa de altura, forte como um touro, possuindo quatrocentos alqueires de terra e uma família numerosa, rendera-se humildemente à

pneumonia, após três dias de febre. O Dr. Wilde sabia que aquilo era um mistério. As pálpebras pesavam-lhe. Resolveu ir tomar um banho e beber qualquer coisa antes da chegada das primeiras dores de barriga e dos calos nos pés.

Galgou as escadas e introduziu a velha chave na fechadura da porta. A chave não girava. Pôs a maleta no chão e fez mais força. A chave não girou. Levou a mão à maçaneta da porta e puxou-a. A porta abriu. Kate estava diante dele.

— Ah! Bom dia. A fechadura estava fechada. Como entrou? — Não estava fechada. Cheguei adiantada e entrei para esperar.

— Não estava fechada? — Girou a chave para o outro lado e viu que a lingueta saía sem dificuldade. — Estou a ficar velho — disse ele. — E distraído. De resto, nem sei porque a fecho. Qualquer pessoa poderia abri-la com um bocado de arame. E quem estaria interessado em entrar? — Pareceu ver a moça pela primeira vez. — Só dou consulta a partir das onze.

Kate respondeu: — Queria que me desse mais pílulas e não posso voltar mais tarde.

— Pílulas? Ah! sim. É uma das pensionistas da Faye.

— Isso mesmo.

— Sente-se melhor? — As pílulas fizeram bem.

— Mal, pelo menos, não fazem. Terei deixado a porta do dispensário aberta? — O dispensário? O que é isso? — Aquela porta ali.

— Sim, acho que sim.

— Estou ficando velho. Como está a Faye?

— Ando preocupada a seu respeito. Nestes últimos dias não tem passado nada bem. Queixa-se de dores fortíssimas no estômago e divaga muito.

— Já não é a primeira vez que ela tem dores. Não se pode levar a vida que ela leva e ter saúde. Eu, pelo menos, não posso. Chama-se a isso uma gastrite. É o resultado de comer demasiado e de se deitar a horas impossíveis. Agora, voltando às pílulas. De que cor eram? — Havia de três qualidades: amarelas, encarnadas e verdes.

— Ah! pois, é isso mesmo, estou a recordar-me.

Enquanto ele deitava as pílulas numa caixinha redonda de cartão, Kate foi postar-se diante da porta do dispensário.

— Tantos remédios! — disse ela.

— É verdade — respondeu o Dr. Wilde. — À medida que vou envelhecendo, cada vez os utilizo menos. Alguns desses produtos datam da

época em que abri o consultório. Ainda aí estão. É uma farmácia de principiante. Eu queria fazer experiências, alquimia.

— Como? — Nada, nada, Aqui tem. Diga à Faye que durma e coma legumes. Não preguei olho durante toda a noite. Faz-lhe diferença que a não acompanhe? O médico encaminhou-se para a sala de tratamentos.

Kate viu-o afastar-se e depois os seus olhos percorreram as filas de frascos e garrafas. Fechou a porta do dispensário e deitou uma olhadela ao gabinete. Um dos livros da estante estava ligeiramente saído. Alinhou-o pelos outros.

Depois de ter pegado no seu grande saco de mão que ficara em cima do canapé de coiro, abriu a porta e saiu.

Quando chegou ao seu quarto, tirou do saco cinco frascos e um pedaço de papel garatujado. Enfiou tudo numa meia, enrolou-a e enfiou-a numa galocha que escondeu no fundo do guarda-fato.

3

Nos meses que se seguiram, operou-se uma mudança gradual na casa de Faye. As moças eram preguiçosas e irritáveis. Se lhes dissessem que se lavassem e limpassem os quartos, ficariam profundamente ressentidas e toda a casa teria de aturar a sua má disposição. Mas não foi assim que as coisas se passaram.

Uma noite, à mesa, Kate disse que entrara por acaso no quarto de Ethel e que o achara tão arrumado e tão bonito que não resistira à tentação de lhe comprar um presente. Quando Ethel desfez o embrulho, deparou com um enorme frasco de água-de-colônia, suficiente para andar cheirosa durante muito tempo. Ficou encantada e esperou que Kate não tivesse visto a roupa suja escondida debaixo do colchão. Após o jantar, não só fez desaparecer a roupa, como varreu o chão e limpou as teias de aranha que enfeitavam os cantos.

Uma tarde, Grace apareceu tão vistosa que Kate não pôde deixar de lhe oferecer o alfinete comm feitio de borboleta que trazia na gola. Logo a seguir, Grace subiu ao quarto e mudou de combinação.

Alex, o cozinheiro, se fosse acreditar no que costumavam dizer dele, seria considerado um assassino, mas, afinal, soube que era um artista, que a cozinha é uma arte e que ele nascera com um dom especial.

Olho-de-Algodão descobriu que ninguém o odiava. Até a sua maneira de tocar mudou imperceptivelmente.

— É engraçado — disse ele a Kate —, aquilo de que a gente se lembra quando se põe a recordar.

— Por exemplo? — perguntou ela.

O pianista tocou qualquer coisa. — É lindo — disse ela. — O que é?

— Não sei. Talvez seja Chopin. Se eu ao menos pudesse ver a música.

Contou-lhe como perdera a vista, coisa que nunca fizera a ninguém. Era uma história bastante triste. Numa tarde de sábado, tirou a corrente atravessada nas cordas do piano e tocou um trecho que estudara nessa mesma manhã. Uma coisa que se chamava “Ao luar”, e Olho-de-Algodão, supunha ser Beethoven o autor.

Ethel disse que parecia tal qual o luar e perguntou-lhe se conhecia a letra.

— Não tem letra — respondeu o pianista.

— Pois devia ter. É bem bonito — disse Oscar Trip que vinha todos os sábados de Gonzales.

Certa noite, houve presentes para todos, porque Faye tinha a melhor casa, a mais asseada e agradável de toda a província. E de quem era a culpa? Das moças, de quem havia de ser? E acaso já tinham provado coisa mais saborosa do que aquele assado? Alex, de regresso à cozinha, enxugou timidamente os olhos nas costas da mão e jurou que faria um bolo de que não se esqueceriam tão cedo. Georgia levantava-se todos os dias às dez horas para estudar piano com Olho-de-Algodão e tinha as unhas limpas. Num domingo de manhã, ao regressar da missa das onze, Grace disse a Trixie: — E dizer que eu pensava em casar-me e deixar a vida. Vê lá tu que ideia a minha! — Não podíamos estar melhor — disse Trixie. — Quando as pequenas da Jenny vieram aos anos da Faye, nem queriam acreditar no que viam. Agora, lá em casa, não falam noutra coisa. A Jenny anda danada.

— Viste a lista no quadro negro esta manhã? — Então não havia de ver? Oitenta e sete serviços numa semana! Nem a Jenny, nem a Negra eram capazes de nos bater, então agora que não tem havido feriados.

— Não há feriados, uma figa! Esqueces-te de que estamos na Quaresma? A Jenny tem a casa às moscas.

Depois da doença e dos pesadelos, Faye ficou calma e deprimida. Kate sabia que era vigiada, mas nada havia a fazer. Limitou-se a verificar se o papel enrolado continuava no cofre e se todas as moças o tinham visto ou ouvido falar nele.

Uma tarde, quando se entretinha a fazer uma paciência, Faye sentiu bater à porta e viu entrar Kate.

— Como te sentes, mamãe?

— Vou andando.

Os seus olhos eram incapazes de dissimular. Faye não era inteligente.

— Kate, gostaria de ir à Europa.

— Que rica ideia! Bem o mereces e não é coisa que não esteja ao teu alcance.

— Não posso ir só, queria que tu me acompanhasses.

Kate assumiu um ar admirado. — Eu? Queres que eu vá contigo?

— Por que não?

— Oh! minha querida! Quando partimos?

— Estás realmente disposta a ir?

— Sempre sonhei com isso. Quando partimos? Espero que não demore.

— Já não havia suspeita nos olhos de Faye e o seu rosto desanuviou-se.

— Talvez no próximo verão, Kate?

— Sim, mamãe.

— Tu... tu já deixaste de trabalhar, não é verdade? Já não é preciso. Tu és tão boa para mim. Faye apanhou vagarosamente as cartas, bateu-as na mesa para acertar o baralho e guardou-as na gaveta. Kate aproximou uma cadeira.

— Queria pedir-te um conselho.

— A respeito de quê?

— Sabes muito bem que faço tudo o que posso para te ajudar.

— Claro que sei, querida.

— Também sabes que a nossa maior despesa é com a comida, e que aumenta no inverno.

— Pois é.

— Agora podíamos comprar fruta e toda a espécie de hortalça por uma ninharia. No inverno, sabes qual é o preço da fruta de conserva e de uma simples lata de feijão? — Não tencionas fazer conservas? — E porque não? — Que diria o Alex? — Quer creias ou não, mamãe, foi ele quem sugeriu, podes perguntar.

— Não é possível? — É, sim, juro-te.

— Raios me part... Desculpa, querida. Escapou-me.

A cozinha transformou-se numa fábrica de conservas e todas as moças ajudaram. Alex estava perfeitamente convencido de que fora ele o autor da ideia. Terminada a tarefa, foi recompensado com um relógio de prata que tinha o seu nome gravado na tampa.

Nos dias de semana, Faye e Kate comiam na sala de jantar, na mesa comum, mas quando era o domingo de saída de Alex e as moças jantavam

sanduíches nos seus quartos, Kate servia uma ceia para duas pessoas no quarto de Faye. Era uma hora agradável e mundana. Havia sempre uma pequena guloseima: pasta de fígado ou um doce comprado na pastelaria Lang, do outro lado da rua principal. E, em vez do oleado e dos guardanapos de papel da sala de jantar, punha-se uma toalha de damasco branco e guardanapos de linho. Essas refeições tinham um ar de festa com as suas velas acesas e, coisa rara em Salinas, um jarro de flores no meio da mesa — as flores que Kate ia colher no campo e que tão bem sabia arranjar.

“Como é habilidosa — dizia Faye.— Sabe fazer tudo e tirar partido de tudo. Tencionamos ir à Europa. Sabe que ela fala francês? É verdade, garanto-lhe. Quando estiver só com ela, peça-lhe para lhe dizer alguma coisa em francês. Até está a ensinar-me. Sabe como se diz pão em francês?” Faye sentia-se feliz. Kate trazia-a em alvoroço e não parava de lhe acenar com mil projetos.

4

Sábado, 14 de Outubro, passaram os primeiros patos bravos pelo céu de Salinas. Faye avistou da janela do seu quarto o grande bando que se dirigia para o Sul. Quando Kate entrou antes do jantar, como sempre fazia, Faye tocou-lhe no assunto.

— Está o inverno à porta. Temos de pedir ao Alex para acender os fogões.

— Queres tomar o tônico, mamãe? — Quero, sim. Estou a tornar-me preguiçosa à força de me deixar servir.

— Eu gosto de te servir — disse Kate.

Foi à gaveta buscar o frasco de concentrado de legumes de Lydia Pinkham e olhou-o à transparência.

— Está quase no fim — disse ela. — É preciso comprar outro.

— Mande comprar doze. Ainda deve haver três no armário.

Kate pegou no copo.

— Tem uma mosca — disse ela.— Vou lavá-lo.

Na cozinha, depois de enxaguar o copo, tirou um conta-gotas do bolso. Extraído o pedacinho de batata que obstruía a extremidade do conta-gotas, Kate premiu a borracha e verteu algumas gotas de um líquido claro, uma tintura de nozes.

Uma vez no quarto de Faye, deitou três colheres de sopa de concentrado de legumes no copo e agitou-o bem. Faye bebeu e passou a língua pelos lábios.

— É amargo — disse ela.

— Sério? Deixa-me provar — Kate fez uma careta —. Tens razão — disse ela. — Deve ser por já ter muito tempo. Vou jogar fora. Tens toda a razão, está amargo para valer. Vou buscar-te um copo de água.

Ao jantar, o rosto de Faye congestionou-se. Parou de comer, olhando fixamente.

— Que tens? — perguntou Kate. — Mamãe, que tens?

Faye pareceu fazer um esforço para fixar a atenção.

— Não sei. Deve ser uma palpitação. De repente, assustei-me e o coração pôs-se a bater.

— Queres que te leve para o quarto?

— Não, querida, já me sinto melhor.

Grace descansou o garfo no prato. — Ficou toda vermelha.

Kate acrescentou: — Isso não me agrada nada. Devias ir ver o Dr. Wilde.

— Não, já me sinto melhor.

— Que susto! — disse Kate. — Já tiveste isso alguma vez? — Às vezes falta-me a respiração. É de estar muito gorda.

Nessa noite, Faye não se sentiu muito bem e por volta das dez horas Kate levou-a para a cama. Depois, foi vê-la várias vezes até ter a certeza de que adormecera.

No dia seguinte, Faye sentia-se melhor.

— É apenas falta de ar — explicou ela.

— Vamos tratá-la como se estivesse doente — disse Kate. — Arranjei-te um caldo de galinha e salada de feijão, como tu gostas, só com azeite e vinagre, e uma xícara de chá.

— Acredita, Kate, que me sinto perfeitamente.

— Não nos faria mal nenhum comermos um pouco menos. Ontem, assustaste-me. Tive uma tia que morreu com uma doença de coração, e são coisas que não se esquecem facilmente.

— Eu nunca tive nada no coração. Só me falta o ar quando subo as escadas.

Na cozinha, Kate colocou os pratos em duas bandejas. Misturou o azeite com o vinagre numa tigela e deitou-o na salada. Na bandeja de Faye pôs ainda a sua xícara preferida, enquanto o caldo aquecia ao lume. Depois, tirou o conta-gotas do bolso e deitou duas gotas de óleo de cróton na salada, mexendo tudo muito bem. Seguidamente, foi ao quarto e engoliu o conteúdo de um frasquinho

de cáscara-sagrada, voltando a correr à cozinha. Pós o caldo nas xícaras, encheu o bule de água a ferver e levou as bandejas para o quarto de Faye.

— Estava sem apetite — disse Faye —, mas o caldo cheira bem.

— Pus um tempero especial nos feijões — disse Kate. Uma velha receita, com rosmaninho e tomilho. Hás de dizer-me se gostas.

— Está uma delícia — respondeu Faye. — Não há nada que tu não saibas fazer.

Kate foi a primeira a ser atingida. Começou a transpirar e dobrou-se ao meio, torcida pelas dores. O olhar estava parado e a saliva escorria da boca. Faye correu desvairada pela casa, gritando por socorro. As moças e alguns clientes dominicais precipitaram-se no quarto. Kate contorcia-se no chão. Dois dos fregueses levantaram-na, tentaram estendê-la na cama de Faye, mas Kate pôs-se a berrar de novo, toda enroscada. A transpiração era abundante e tinha a roupa encharcada.

Faye estava a enxugar a testa de Kate com um guardanapo quando foi acometida pelas dores.

Só ao cabo de uma hora conseguiram encontrar o Dr. Wilde que estava jogando as cartas com um amigo. Duas putas histéricas interromperam a partida e levaram-no de roldão para casa. Faye e Kate estavam enfraquecidas pelos vômitos e pela diarreia e eram sacudidas por espasmos a intervalos regulares. O Dr. Wilde perguntou: — Que foi que comeram? — Notando os pratos. — Estes feijões são postos de conserva cá em casa? — São — respondeu Grace. — Fomos nós que os fizemos.

— Já os provaram? — Ainda não, mas...

— Peguem em todos os frascos e deem-nos fora. Raios partam os feijões! O médico pegou na sonda de lavagem ao estômago. Na terça-feira, foi visitar as duas mulheres, pálidas e fracas. A cama de Kate fora levada para o quarto de Faye.

— Agora já lhes posso dizer que nunca julguei que escapassem. Tiveram muita sorte. E não se tornem a divertir fazendo conservas! Vão comprá-las à loja.

— Que foi que nós tivemos? — Um envenenamento. Botulismo. Pouco sabemos a este respeito, a não ser que raramente se escapa. Se estão ainda vivas é porque uma é muito nova e a outra resistente. Ainda evacua sangue? — perguntou ele a Faye.

— Um pouco.

— Aqui tem pílulas de morfina para acalmar. Provavelmente, rompeu algum vaso. Mas costuma-se dizer que as mulheres de má vida costumam a deixar a vida. Agora um conselho às duas: descansem.

Isto passou-se a 17 de outubro.

Faye nunca mais se recompôs. Às vezes sentia-se melhor, mas era sol de pouca dura. Passou o dia 3 de Dezembro muito mal e a crise foi vencida com mais dificuldade do que era hábito. A 12 de Fevereiro, sobreveio uma hemorragia e o pulso enfraqueceu. O Dr. Wilde auscultou-a demoradamente com o estetoscópio.

Kate tinha o olhar esgazeado e emagrecera horrivelmente. As moças tentaram obrigá-la a sair do quarto de Faye, mas Kate não obedeceu.

— Só Deus sabe há quantas noites não dorme. Se a Faye morresse, a Kate nunca mais se recompunha — disse Grace.

— Está à beira da loucura — afirmou Ethel. O Dr. Wilde conduziu Kate para a sala e pousou a maleta numa cadeira.

— Mais vale dizer-lhe a verdade: o coração já não aguenta. Ela está completamente esfrangalhada por dentro. É o botulismo. Pior do que uma cobra cascavel. — Desviou o olhar. — Achei preferível avisá-la, para que estivesse preparada. — Colocou a mão no ombro magro de Kate. — Conheço pouca gente com a sua lealdade. Dê-lhe um pouco de leite quente, se ela conseguir tomá-lo.

Kate levou uma bacia de água quente para junto da cama da doente. Trixie entrou na altura em que ela lavava o rosto de Faye com uma toalha molhada. Depois, Kate escovou os baços cabelos loiros e entrançou-os.

A cara de Faye tinha a pele esticada, moldando as maxilas e os ossos do crânio. Os olhos estavam dilatados, o olhar ausente.

Faye tentou falar, mas Kate interrompeu-a: — Poupa as tuas forças, poupa as tuas forças.

Foi à cozinha buscar um copo de leite quente e pô-lo em cima da mesa de cabeceira. Tirou dois frasquinhos do bolso e aspirou algumas gotas de cada um deles com o conta-gotas.

— Abre a boca, mamãe, é um novo remédio. Coragem, sabe muito mal.

Pegou no conta-gotas e espremeu a borracha para o despejar na língua de Faye, o mais longe possível. Segurou-lhe a cabeça para a ajudar a engolir um pouco de leite e fazer desaparecer o gosto.

— Vê se descansas. Volto já.

Kate esgueirou-se do quarto sem fazer ruído. A cozinha estava às escuras. Abriu a porta, saiu e foi até ao fundo do quintal. A terra amolecera com as

chuvas primaveris. Com o auxílio de um pau afiado, Kate cavou um buraco e jogou lá alguns frasquinhos e um conta-gotas. Tapou o buraco e calçou a terra. A chuva começava a cair quando Kate regressou a casa.

Tiveram que amarrar Kate para que não se ferisse. Passados os primeiros assomos de violência, caiu numa espécie de torpor. Só muito tempo depois recobrou a saúde. E esquecera-se, por completo, do testamento. A primeira a lembrar foi Trixie.

Capítulo XXII

1

Adam Trask vivia entregue a si próprio. A casa meio acabada dos Sanchez estava exposta ao vento e à chuva, com os soalhos empenados e bolorentos. As hortas e os jardins eram invadidos pelo matagal.

Adam parecia envolvido numa viscosidade que lhe tolhia os movimentos e as ideias. Via o mundo através de um aquário. Às vezes, lutava para vir à superfície, mas, quando avistava a luz, sentia-se mal e regressava à morada submersa. Ouvia rir e chorar os gêmeos, mas só nutria por eles inimizade. Eram os símbolos do que perdera. A princípio, os vizinhos apareceram no pequeno vale, julgando aliviar Adam de um fardo de dor ou de cólera. Mas nada podiam contra a nuvem que o envolvia. Adam não lhes resistia, ignorava-os. Passado pouco tempo, a estrada sob os carvalhos ficou deserta.

Lee ainda se esforçou por estimulá-lo e despertar-lhe o gosto pela vida, mas tinha mais que fazer. Cozinhava e lavava a roupa, dava banho e de comer aos bebês. Apesar de tanto e tão constante trabalho, depressa se afeiçoou aos dois rapazinhos. Falava-lhes em cantonês e as primeiras palavras que eles compreenderam e tentaram repetir foram palavras chinesas.

Samuel voltou duas vezes ao rancho na esperança de convencer Adam a abandonar o seu torpor, até que Liza o dissuadiu disso.

— Não quero que tornes a ir lá — disse ela. — Quando voltas, não és o mesmo. Não és tu que o modificas, Samuel, é ele que te modifica. Vejo sempre a expressão dele na tua cara.

— Já pensaste nos dois pequenos, Liza? — Eu só penso na tua família. Quando vens de lá, parece que ficamos todos de luto durante vários dias.

— Está bem, mamãe — respondeu Samuel.

Mas tudo aquilo o entristecia, pois não era capaz de se manter afastado quando um homem sofria. Custava-lhe muito abandonar Adam à sua desolação.

Adam pagou pelo trabalho. Até lhe pagara os moinhos de vento, apesar de não os querer. Samuel vendeu o material e devolveu-lhe o dinheiro. Nunca obteve resposta.

Começou a sentir-se irritado com a atitude de Adam. Parecia-lhe que ele se comprazia na dor. Mas Samuel não dispunha de muito tempo para pensar no caso. Joe entrara para a Universidade — a Universidade que Leland Stanford mandara construir no seu rancho de Paio Alto. Tom preocupava o pai, pois cada vez se perdia mais nos livros. Se bem que não faltasse aos seus deveres, Samuel achava-o bastante sorumbático.

Will e George vingavam no comércio e Joe escrevia cartas em verso em que estigmatizava todos os pilares da sociedade.

Samuel respondeu a Joe: “Ficaria desapontado se não te tivesses tornado ateu e noto com prazer que estás colhendo os frutos do livre-pensamento com a sabedoria que é própria da tua idade. Mas o meu coração compreensivo ficaria muito grato se não tentasses converter a tua mãe. Ao receber a tua última carta, ela julgou que estivesses doente. A tua mãe crê firmemente que não há muitos males que resistam a uma boa tigela de caldo. Por isso, quando tu atacas heroicamente a estrutura da nossa civilização, ela convence-se logo de que tu sofres do estômago, o que a apoquento. A fé dela é uma montanha e tu, meu filho, nem sequer ainda dispões de uma pá.” Liza estava a ficar velha. Samuel via no rosto, apesar de não se sentir ele próprio velho, com barbas brancas ou sem elas. Mas Liza começava a viver no passado, o que era uma prova.

Tempo houvera em que Liza considerava os projetos e as profecias de Samuel como loucuras infantis. Agora, achava-os impróprios de um homem maduro. Os três, Liza, Samuel e Tom, viviam sozinhos no rancho. Una casara-se com um desconhecido e deixara-os. Dessie abrira uma loja de costura em Salinas. Olive desposara o seu jovem empreiteiro e até Mollie se casara e, por muito que custe a acreditar, vivia num apartamento em San Francisco. Perfumava-se, tinha uma pele de urso branco diante do fogão da sala e fumava cigarros de ponta doirada ao café.

Certo dia, Samuel sentiu uma pontada nos rins quando erguia um fardo de feno. A dor foi menor do que o vexame, pois não era capaz de admitir que Samuel Hamilton fosse obrigado a abandonar o privilégio de carregar fardos de

fenô. Sentiu-se tão insultado pelas próprias costas como o teria sido se algum dos seus filhos cometesse uma desonestidade.

Samuel foi consultar o Dr. Tilson a King City. Com os anos, o médico tornara-se cada vez mais irascível.

— É uma dor nos rins.

— Isso sei eu — replicou Samuel.

— E percorreu esta distância para me perguntar o que já sabia e dar-me dois dólares?

— Aqui tem os dois dólares.

— E quer que lhe diga o que deve fazer? — Exatamente.

— Pois então não volte a fazer o que fez. E agora torne a pegar no seu dinheiro. Você não é idiota nenhum, Samuel, a não ser que esteja a regressar à infância.

— Mas dói-me.

— Claro que lhe dói. Como saberia que deu um jeito se não lhe doesse?

Samuel riu. — Magnífica consulta. Vale muito mais que dois dólares.

Fique com o dinheiro. O médico perscrutou o rosto de Samuel.

— Espero que esteja a ser sincero. Fico com o dinheiro, fico.

Samuel foi visitar Will à sua nova loja. Mal reconheceu o filho, próspero e gordo, vestindo casaco e colete, e de anel de ouro no dedo.

— Tenho ali um embrulho para a mamãe. São umas latas de conservas francesas: cogumelos, pasta de fígado, e umas sardinhas tão pequenas que mal se veem.

— Ela manda tudo ao Joe — disse Samuel.

— Não és capaz de a convencer a comê-las?

— Não — respondeu o pai. — Ela tem muito mais prazer em mandá-las ao Joe. Lee entrou na loja e seu semblante iluminou-se ao avistar Samuel.

— Sinhô passá bem? — perguntou ele.

— Bom dia, Lee. Como estão os meninos?

— Bem.

— Vou beber uma cerveja aqui ao lado. Lee, venha ter comigo. Sentaram-se à mesinha redonda e Samuel desenhou qualquer coisa no tampo seco da mesa com a espuma que trasbordara do copo.

— Tem-me apetecido ir visitá-lo a si e ao Adam, mas tive medo que a minha presença não fosse muito útil.

— Seja como for, mal não fazia. Estava convencido de que ele se recompunha, mas afinal continua a errar como um fantasma.

— Já lá vai mais de um ano? — perguntou Samuel.
— Um ano e três meses.
— Acha que eu poderia fazer alguma coisa? — Não sei. Talvez um choque lhe fizesse bem. Até agora, nada resultou.
— Não tenho jeito para choques. No fim, quem se aleijava era eu. A propósito, como se chamam os gêmeos?
— Não têm nome.
— Está a me gozar, Lee?
— De forma nenhuma.
— Como é que ele os trata?
— Trata-os por “eles”.
— Referia-me a quando se lhes dirige.
— Quando se lhes dirige, diz “tu” a um ou ao outro.
— Isso não tem pés nem cabeça — exclamou Samuel encolerizado. — Nem parece de um homem com juízo.
— Era intenção minha preveni-lo. Se o senhor não o acordar, é um caso arrumado.
— Pois vou vê-lo — disse Samuel. — E levo o chicote. Com que então não têm nome? Ai não, que não vou!
— Quando?
— Amanhã! Vou matar uma galinha. Há de gostar dos gêmeos, Sr. Hamilton. São dois amores. Não direi ao Sr. Trask que o vai visitar.

2

Samuel disse timidamente à mulher que queria ir ao rancho de Adam Trask. Esperava ver elevar-se à sua frente uma muralha de objeções, mas, daquela vez, estava disposto a desobedecer a Liza, por maiores que fossem as objeções. Esta decisão atormentava-o um tanto. Enquanto durou a explicação, que se assemelhava a uma confissão, Liza ficou de mãos nos quadris e Samuel sentiu que o coração lhe fraquejava. Quando terminou, ela continuou a mirá-lo com o mesmo olhar, frio, supunha ele.

Por fim, Liza disse: — Pensas que és capaz de acordar esse homem de pedra, Samuel?

— Eu sei lá, mamãe. — Não previra aquela pergunta.
— Parece-te muito importante que essas duas crianças tenham um nome?

— Parece, sim — disse ele desajeitadamente.

— Samuel, sabes o que é que te empurra para lá? Será a tua mania incurável de meter o nariz em toda a parte? Será a tua incapacidade para só te meteres onde não és chamado?

— Liza, eu creio conhecer os meus defeitos. Mas, desta vez, parece-me que se trata de outra coisa.

— Assim o espero, para teu bem — disse ela. — Esse homem parece não admitir que os filhos têm direito à vida.

— É o que eu penso.

— E se ele te disser para te meteres na tua vida, que fazes?

— Não sei.

Liza Hamilton fechou a boca com uma pancada seca. — Não caias em me aparecer sem essas crianças estarem batizadas. Escusas de vir a gemer que ele não quis ou que te mandou embora porque, nesse caso, obrigas-me a lá ir eu mesma.

— Nem que tenha de lhe fazer sentir a força dos meus punhos — disse Samuel.

— Não digas isso. Nunca foste de violências, eu conheço-te muito bem. Contentas-te com bonitas frases e voltas a lamuriar, tentando convencer-me de que não foste lá.

— Parto-lhe a cara — ameaçou Samuel. Correu para o quarto, enquanto Liza ficava sorrindo para a porta que batera com estrondo.

Samuel surgiu quase logo a seguir envergando o fato preto e a camisa branca de colarinho engomado. Inclinou-se para a mulher para que ela lhe desse o nó à gravata preta. A barba até brilhava de tanto ter sido escovada.

— Seria bom que desses uma escovadela nos sapatos. — Enquanto se entregava a esse trabalho, Samuel olhou de soslaio.

— Posso levar a Bíblia? — pediu. — É nela que ainda se encontram os melhores nomes.

— Não gosto muito que a Bíblia saia de casa — respondeu Liza com embaraço. — Se voltares tarde, que é que eu leio? E além disso tem os nomes dos nossos nove filhos na capa.

Viu que o marido ficava sombrio. Foi ao quarto e voltou com uma pequena Bíblia usada, com os cantos todos amolgados e a capa segura com papel e cola.

— Leva esta — disse ela.

— Mas é a da tua mãe.

— Ela não se importaria e todos os nomes que aí estão escritos, menos um, já têm duas datas.

— Vou embrulhá-la para que não se estrague — disse Samuel.

Liza respondeu-lhe sem rodeios:

— Não é isso o que tem importância. O que apoquentava a minha mãe e o que me apoquentava a mim é tu nunca deixares o Antigo Testamento em paz.

Tens de andar sempre a esmiuçá-lo e a interrogá-lo. Pareces uma galinha a debicar na comida. Essa mania só serve para me irritar.

— Faço o possível por compreendê-lo, mamãe.

— Que necessidade há de compreender? Basta ler. Está lá tudo, preto no branco. E quem é que te pede para compreender? Se Deus quisesse que compreendesses, ter-te-ia dado com que compreender ou então escrevia-o de outra maneira.

— Mas, mamãe...

— Samuel — disse ela —, tu és a criatura mais presunçosa que já se viu.

— Pois sou, mamãe.

— E não me estejas sempre a dar razão, que é falta de sinceridade. Diz-me antes o que pensas! Liza contemplou a silhueta escura que se afastava no cabriolé.

— É um bom marido — disse ela em voz alta —, mas é presunçoso. E Samuel pensava perplexo: — Eu achando que a conhecia, e faz-me uma coisa destas! 3 Quando enveredou pelo caminho acidentado que levava a casa dos Trask, após ter deixado a estrada do vale, Samuel ensaiou uns assomos de raiva e frases heroicas para tentar escorraçar o constrangimento que dele se apoderara.

Adam era apenas uma sombra do que fora. Tinha o olhar vago como se não se servisse dele. Foram-lhe necessários alguns instantes para sentir a presença de Samuel.

Samuel disse: — Sinto-me envergonhado por ter vindo sem ser convidado.

Adam respondeu: — Que deseja? Não lhe paguei já?

— Pagar? — perguntou Samuel. — Ah! sim, Deus me valha, claro que pagou. E pode crer que pagou até demais para o trabalho que eu fiz.

— O quê? Que está procurando dizer?

A cólera de Samuel cresceu e rebentou: — Um homem passa toda a vida a querer saber quanto vale. Com que direito vem você, triste criatura, arbitrar um valor ao meu trabalho, quando eu próprio não sei quanto mereço?

Adam exclamou: — Eu pago, eu pago o que quiser. Diga quanto é.

- Tem de pagar, mas não a mim.
- Então por que veio? Vá embora.
- Em tempos, convidou-me a vir.
- Pois acabou-se.

Samuel pôs as mãos nas ancas e inclinou-se para a frente. — Ouça-me, enquanto estou calmo. Numa noite amarga, escura como breu, e foi a de ontem, o negrume foi atravessado por um bom pensamento, um pensamento tão brilhante que iluminou as trevas desde a estrela do pastor até ao primeiro raio de sol. É preciso que se exprima o que em nós há de melhor. Aqui tem porque me convidei a mim mesmo.

- Não tenho prazer nenhum em vê-lo.
- Lembrei-me de que uma graça singular lhe concedera dois gêmeos.
- Meta-se na sua vida! Os olhos de Samuel pareceram alegrar-se quando tal grosseria foi proferida. Lee espreitava-os do interior da casa.

— Por amor de Deus, não me obrigue a ser violento. No dia em que for a enterrar, espero deixar a recordação de um homem pacífico.

- Não o compreendo.
- Como havia de compreender? Quem é Adam Trask? Um lobo com duas crias, um galo sem crista que chocou um ovo! Um bocado de lama! O rosto de Adam foi invadido pelo rubor e os seus olhos pareceram ver pela primeira vez. Samuel sentiu com prazer a ira a ferver-lhe no peito e gritou: — Amigo, trate de fugir da minha frente, peço-lhe por tudo quanto há que fuja. A saliva molhava-lhe os cantos da boca.

— Por tudo quanto tem demais sagrado, peço-lhe que se afaste do meu caminho. Já sinto a morte em cada uma das minhas mãos.

— Vá embora — disse Adam. — Desapareça. Você está doido. Esta terra é minha, fui eu que a comprei.

— Também comprou os seus olhos e o seu nariz? — troçou Samuel. — Também comprou o seu equilíbrio? Ouça-me bem, pois talvez sejam as últimas palavras que ouve. Com que então, comprou! E não o fez à custa de uma rica herança? Adam, acha que merece os seus filhos?

- Merecê-los? Eles vivem, o resto não interessa. Não entendo.

Samuel lançou para o céu: — Deus tenha piedade de mim, Liza! Não é como pensa, Adam. Ouça-me, antes que as minhas mãos lhe torçam garganta. Como pode merecer os pobres gêmeos esquecidos, abandonados, misturados — e digo-lhe mais, antes de fechar a mão ainda por descobrir?

— Vá embora — disse Adam com voz rouca. — Uma espingarda, Lee, este homem está doido.

As mãos de Samuel apertaram a garganta de Adam, fazendo-lhe latejar a cabeça e injetarem-se os olhos de sangue. Samuel acrescentou a troçar: — Os seus dedos fracos não têm forças para me afastar. Você não comprou as crianças, nem as roubou, nem as merece. Foi um estranho e maravilhoso presente que lhe deram.

De súbito, os dedos largaram a garganta de Adam que passou a mão pelas marcas deixadas pelo possante ferreiro.

— Que quer de mim?

— Não tem amor.

— O que tive bastou para me matar.

— Nunca ninguém tem que chegue. Nem as próprias pedras.

— Não se aproxime. Sou capaz de lhe bater. Não julgue que não me sei defender.

— Tem duas armas e nem sequer lhes deu nome.

— Olhe que lhe bato, seu velho. Você não passa de um velho.

Samuel disse: — Não posso conceber que exista um homem que, depois de apanhar uma rocha, não lhe tenha dado um nome antes do anoitecer — como aconteceu com Pedro, por exemplo. Ao passo que você viveu durante mais de um ano com a essência do seu coração e nem sequer um número lhe pôs.

— Ninguém tem nada com o que faço.

Samuel vibrou-lhe um murro com o seu punho forte de trabalhador e Adam rolou no pó. Samuel disse-lhe que se levantasse e, assim que Adam lhe obedeceu, agrediu-o de novo. Adam ficou no chão olhando com ar petrificado para o velho que ainda o ameaçava. A fúria extinguiu-se no olhar de Samuel, que disse calmamente: — Os seus filhos não têm nome. Adam respondeu: — A mãe deixou-os sem mãe.

— E você deixou-os sem pai. Já pensou no frio que sente à noite uma criança abandonada? Que calor, que canto de pássaro, que manhã pode haver para ela? já se esqueceu da sua própria infância, Adam?

— A culpa não é minha — disse Adam.

— Já fez alguma coisa para remediar a situação? Os seus filhos continuam sem nome. Samuel inclinou-se, segurou Adam pelas axilas e ajudou-o a erguer-se.

— Havemos de lhes dar um nome — disse ele.— Pensaremos no caso com vagar e encontraremos para cada um deles um nome que o vista.

Sacudiu a poeira que sujava a camisa de Adam.

Adam tinha um olhar intenso mas longínquo, como se prestasse atenção a uma música trazida pelo vento. Os olhos já não estavam sem vida. Adam disse: — Não sabia que teria de agradecer um dia a um homem por me ter insultado e sacudido como um tapete. Mas estou-lhe grato. É uma gratidão dolorosa, mas é gratidão.

Samuel sorriu com os olhos semicerrados. — Fui natural? Fiz as coisas como devia ser?

— O quê?

— Até certo ponto, prometi à minha mulher que o faria. Ela não acreditava que eu fosse capaz. Eu sou um homem pacífico. A última vez que levantei a mão para um ser humano foi na escola e pelos lindos olhos de uma miúda que tinha o nariz encarnado.

Adam contemplava Samuel, mas via o rosto sombrio e hostil de Charles. Depois a imagem toldou-se e foi Cathy quem apareceu com o mesmo olhar que tivera quando apontava a arma.

— Não tive medo — disse Adam. — Foi apenas uma espécie de cansaço.

— Eu não estava suficientemente enfurecido.

— Samuel, só lhe farei esta pergunta uma única vez: ouviu dizer alguma coisa? Tiveram algumas notícias dela, quaisquer que fossem as notícias?

— Não ouvi dizer nada.

— É quase um alívio — disse Adam.

— Tem-lhe ódio?

— Não. É como se tivesse o coração embotado. Talvez mais tarde venha a sentir ódio. Eu passei sem transição do deslumbramento ao horror. Estou completamente desorientado.

Samuel disse: — Um dia ainda nos sentaremos os dois a uma mesa e você disporá o jogo, como se fosse uma paciência. Mas, por ora, ainda não tem todas as cartas na mão.

Ouviu-se o cacarejar indignado de uma galinha, logo seguido de uma pancada surda.

— Passa-se qualquer coisa no galinheiro — disse Adam.

Ouviu-se um novo cacarejar. — É o Lee — disse Samuel. — Se as galinhas tivessem um governo, uma igreja e uma história, aprenderiam a desconfiar da alegria humana; sempre que um ente humano tem motivos de regozijo, lá se vai uma galinha pelo buraco abaixo.

Os dois homens mantiveram-se em silêncio, interrompendo-o apenas com algumas trocas de impressões sobre a saúde respectiva e o tempo; nenhum deles escutava as respostas às próprias perguntas. E aquilo poderia ter continuado assim até que a cólera surgisse de novo, se Lee não tivesse intervindo. Depois de colocar uma mesa e duas cadeiras, foi buscar uma garrafa de uísque e dois copos. Por fim, trouxe os dois gêmeos, um debaixo de cada braço. Pô-los no chão, ao lado da mesa, e deu a cada um deles um pauzinho para que brincassem e fizessem sombras.

Os pequenos ficaram solenemente sentados, olhando em redor, interessaram-se pelas barbas de Samuel e acabaram por procurar Lee com os olhos. Estavam vestidos à chinesa, o que lhes dava um aspecto singular. Envergavam calças compridas e blusas bordadas. Uma era azul-turquesa e a outra rosa-velho, e as calças eram pretas. Nas cabeças, boinas pretas com pompons encarnados.

Samuel perguntou: — Onde foi você arranjar essa roupa, Lee? — Não a fui arranjar em parte nenhuma — disse Lee com ar ofendido. — Era roupa que eu tinha, e toda a outra roupa que eles trazem foi feita por mim. Uma criança deve estar bem vestida no dia do batizado.

— Então já não fala pidgim, Lee? — Acabei com isso. Só falo em King City.

Lee atirou algumas sílabas cantadas aos gêmeos que sorriram e agitaram os pauzinhos. Depois, continuou: — Vou dar-lhes de beber. Foi uma garrafa que encontrei cá.

— Foi mas foi uma garrafa que você encontrou ontem em Kíng City — emendou Samuel.

3

Agora que Samuel e Adam estavam sentados em frente um do outro e que os obstáculos haviam ruído, Samuel sentia-se assaltado pela timidez. O que ele demolira com os punhos era de difícil substituição. Samuel pensou na coragem e na audácia, virtudes que se tornam frouxas quando não servem para construir, e riu de si mesmo.

Os dois homens contemplaram os gêmeos metidos naquelas estranhas vestimentas coloridas. Samuel pensou: “Às vezes, a ajuda que nos dá um adversário é melhor que a de um amigo.” Ergueu os olhos para Adam.

— Custa-me a começar — disse ele. — É como uma carta que se torna cada vez mais difícil à medida que os minutos passam. Não quer ajudar-me? Adam levantou a cabeça antes de voltar a contemplar os gêmeos.

— Sinto estalidos na cabeça. Parecem os ruídos que se ouvem quando se tem a cabeça debaixo de água. Tenho de me libertar do ano que passou.

— Se me disser o que sentiu, talvez arranjemos um bom ponto de partida. Adam bebeu o conteúdo do seu copo, tornou a enchê-lo e inclinou-o até que o líquido cor de âmbar chegasse à borda. O cheiro do álcool encheu o ar.

— Não é fácil recordar-nos — disse ele. — Não era agonia, mas uma espécie de nevoeiro... Não, também sentia umas picadas. Me disse que faltavam cartas no meu jogo e é nisso que estou a pensar. Talvez nunca as venha a ter todas.

— Será a carta que lhe falta que está a tentar sair? Quando um homem diz que não quer falar em determinada coisa, geralmente é porque não pensa noutra coisa.

— Talvez seja isso. A sua imagem está misturada com outras imagens vagas, e de pouco me recordo, a não ser do seu último retrato desenhado a fogo.

— Foi ela quem desfechou o tiro, não foi, Adam?

Adam apertou a boca e carregou o olhar.

— Não é obrigado a responder — acrescentou Samuel.

— Também não há necessidade de guardar segredo. Foi ela, foi.

— Acha que queria matá-lo?

— Tenho pensado nisso vezes sem conta. Não, não acho que quisesse me matar. Até essa dignidade me recusou. Ela era incapaz de ódio ou paixão. No exército aprendi que, quando se quer matar um homem, se atira à cabeça, ao coração ou à barriga. Não, ela atingiu-me onde pretendia. Ainda estou a ver a arma apontada. Acho que não me teria custado tanto se soubesse que ela me tinha querido matar. Sempre era uma forma de amor. Mas eu não passava de um obstáculo, nem mesmo era um inimigo.

— Tem pensado muito nisso, não tem?

— Tempo não me faltou. Queria perguntar-lhe uma coisa. A última visão que dela tive foi tão horrível que deu cabo da imagem que havia formado. Ela era muito bonita, Samuel?

— Era para ti, pois assim a imaginava. Tenho a impressão de que você nunca a viu, apenas via a sua criação.

Adam divagou em voz alta: — Gostaria de saber quem era ela e o que era. Nunca me preocupei em saber.

— Agora já quer saber.

Adam baixou os olhos. — Não é curiosidade, mas gostaria de saber que sangue corre nas veias dos meus filhos. Quando eles crescerem, não procurarei qualquer coisa neles?

— Disso não há dúvida. E desde já o previno: não será o sangue, mas as suas suspeitas que poderão desencadear o mal. Eles serão apenas o que você esperar que eles sejam.

— Mas o sangue...

— Pessoalmente, não acredito muito na hereditariedade — disse Samuel. — Quando um homem descobre o bem ou o mal nos seus filhos, apenas vê o que neles semeou desde o dia em que abandonaram o ventre materno.

— Não se pode transformar um porco num cavalo de corrida.

— Não, mas pode se transformar num porco de corrida.

— Ninguém daqui seria capaz de concordar contigo. Nem a própria Sra. Hamilton.

— Tem toda a razão. A minha mulher discordaria profundamente de mim. É até por isso que não conto nada, com receio de provocar a trovoada da sua argumentação. Ela ganha sempre porque se defende com veemência e porque considera injúrias pessoais todas as opiniões diferentes das dela. É uma mulher maravilhosa, mas tem de se saber lidar com ela. Falemos antes das crianças.

— Quer mais uísque?

— Com todo o prazer. Os nomes são um grande mistério. Nunca consegui descobrir se era o nome que influía na pessoa ou se era a pessoa que se transformava para se adaptar ao nome; uma coisa é certa: sempre que um homem tem uma alcunha é porque não lhe convém o nome que lhe puseram. Que pensa dos nomes vulgares, John, James ou Charles?

Adam, estava entretido olhando os gêmeos. E, de súbito, ao ouvir pronunciar o último nome, viu surgirem as feições do irmão no rosto de um dos filhos.

— O que há? — perguntou Samuel, vendo que Adam se inclinava para a frente.

— Estas crianças não se parecem!

— É evidente, não se trata de verdadeiros gêmeos.

— Este se parece com meu irmão, acabo agora mesmo de dar por isso. Gostaria de saber se o outro saiu a mim.

— Ambos se parecem contigo. Uma cara contém sempre todos os traços do autor dos seus dias.

— A ilusão já se desfez — disse Adam —, mas, por instantes julguei ver um fantasma.

— Talvez os fantasmas não sejam mais do que isso — observou Samuel. — Tenho a impressão de que, na China, não há nada que morra. Vivem muito atravancados. Pelo menos, foi essa a impressão que tive quando fui lá.

— Sente-se, Lee — pediu Samuel. — Estamos vendo se descobrimos nomes.

— Pus uma galinha no fogo e pouco deve faltar para estar pronta.

Adam, que contemplava os gêmeos, ergueu um olhar cordial e sereno.

— Quer beber conosco, Lee?

— Eu tenho o meu ng-ka-py na cozinha — disse Lee.

E voltou para casa.

Samuel inclinou-se para a frente, pegou num dos meninos e sentou-o nos joelhos.

— Pegue o outro — disse ele a Adam. — Vamos ver se têm alguma coisa que recorde um nome.

Adam pegou desajeitadamente na outra criança e a encavalou na perna.

— São parecidos — disse ele. — Mas muito menos quando os olhamos de perto. Este tem os olhos mais redondos do que esse.

— Sim, e também tem a cabeça mais redonda e as orelhas maiores — acrescentou Samuel —, mas parece mais — como dizer? — com uma bala. Talvez vá mais longe do que uma bala, mas não tão alto. E há de ter o cabelo e a pele mais escuros. Há de ser esperto, o que é uma qualidade que limita o desenvolvimento do espírito. A esperteza trava e entrava. Veja como ele já está ereto. Está mais adiantado do que o outro, mais desenvolvido. Não é estranho ver como são diferentes quando se olham de perto?

O rosto de Adam estava transfigurado, como se tivesse sido novamente invadido pela luz. Parecia ter deixado o fundo do aquário. Adam estendeu um dedo. A criança fez um gesto para segurar, mas falhou e quase caiu.

— Eh lá! — exclamou Adam. — Tem cuidado. Queres cair?

— Seria um erro pôr nomes em função das qualidades que julgamos discernir neles — disse Samuel. — Podíamos nos enganar profundamente. Talvez seja preferível dar-lhes um nome que constitua um objetivo, um nome que os guie. O homem cujo nome eu tenho ouviu nitidamente que Deus o chamava e é por isso que toda a vida tenho apurado o ouvido na esperança de me acontecer o mesmo. Já uma ou duas vezes me pareceu que chamavam por mim — mas nunca foi com clareza.

Adam, enquanto segurava o filho com uma mão, deitou uísque nos dois copos.

— Obrigado por ter vindo, Samuel. Agradeço por me bater. Isto há de parecer-lhe esquisito...

— Mais esquisito foi eu ter feito o que fiz. A Liza nunca acreditará. Também, nunca hei de contar. Uma verdade incrível pode causar mais prejuízo do que uma mentira. É necessária uma grande fé para defender uma verdade inaceitável. Existe um grande castigo para isso e, geralmente, é a crucificação. E eu não me sinto com forças para a aguentar.

Adam disse: — Sempre me causou espécie que um homem tão culto como você pudesse trabalhar nestes montes desérticos.

— É porque me falta a coragem — disse Samuel.— Nunca soube aceitar as responsabilidades. Quando cheguei à conclusão de que o Senhor não chamaria pelo meu nome, deveria ter eu chamado pelo d'Ele, mas não o fiz. É nisso que reside a diferença entre a grandeza e a mediocridade. É uma doença bastante vulgar. Mas também não deixa de ser agradável para o homem medíocre saber que a grandeza é indiscutivelmente o estado mais solitário do mundo.

— Há vários graus de grandeza — disse Adam.

— Não creio — respondeu Samuel. — Isso equivaleria a dizer que há uma pequena grandeza. Não. Quando se chega a este ponto, a grandeza e o indivíduo ficam sós perante a escolha. De um lado, há o calor e a promiscuidade do homem, o prazer de ser compreendido, e, do outro, há a grandeza, a solidão e o frio. Aí é que reside a escolha. Sinto-me feliz por ter escolhido a mediocridade, mas nunca saberei que recompensa teria obtido se tivesse agido de outro modo. Nenhum dos meus filhos, exceto talvez o Tom, será grande. O Tom, agora, sofre, porque chegou para ele a altura de escolher. É um conflito que faz pena seguir. Apesar de tudo, há qualquer coisa em mim que deseja que ele responda afirmativamente. Não é estranho haver um pai que deseja ver o filho condenado à grandeza? Meu Deus, que egoísmo! Adam riu devagarinho: — Estou a ver que a escolha dos nomes é mais complicada do que pensava.

— Pensava o contrário?

— Nunca julguei que pudesse ser tão agradável — respondeu Adam.

Lee chegou com a galinha numa travessa, uma tigela de batatas cozidas a fumegarem e um prato de beterrabas com azeite e vinagre, tudo em cima de uma tábua de estender massa.

— Não sei se estará bom — disse ele.— As galinhas já são um pouco velhas e não temos frangos. As doninhas comeram os pintos da última ninhada.

— Sente-se — disse Samuel.

— Vou buscar o meu ng-ka-py. Quando Lee se afastou, Adam comentou: — É estranho: ele antes não falava assim.

— É porque passou a ter confiança em si — explicou Samuel.— Ele possui o dom da lealdade resignada sem esperança de recompensa. Atingiu uma espécie de perfeição com que nenhum de nós pode mesmo sonhar.

Lee voltou e sentou-se na ponta da mesa.

— Ponham os meninos no chão — pediu ele.

Os gêmeos protestaram quando se viram abandonados. Lee ralhou-lhes em cantonês e eles calaram-se.

Os homens comeram calmamente, como é costume da gente do campo. De súbito, Lee ergueu-se e entrou rapidamente em casa, voltando logo a seguir com um pichel de vinho.

— Tinha-me esquecido — disse ele.— Encontrei este vinho em casa.

Adam riu. — Recordo de ter bebido vinho mesmo antes de comprar a casa. Esta galinha está ótima, Lee. Há muito tempo já que não dava pelo gosto da comida.

— Está-se a pôr bom — disse Samuel.— Certas pessoas julgam que as melhoras são um insulto ao esplendor da doença.

Mas a cataplasma do tempo não respeita esplendores nenhuns. Todos se podem curar se tiverem paciência para esperar.

4

Lee levantou a mesa e deu um novo pau a cada um dos pequenos. Ambos tomaram uma pose digna, chupando ou inspecionando alternadamente o pedacinho de madeira toda babada. O vinho e os copos ficaram na mesa.

— Temos de pensar nos nomes — disse Samuel. — A promessa que fiz à Liza está a atazanar-me.

— Não sei, sinceramente, que nomes escolher — confessou Adam.

— Não tem preferência por nenhum nome de família? Não tem nenhum parente rico a quem queira estender uma simpática armadilha? Não quer ressuscitar nenhum nome glorioso?

— Não, preferia que entrassem na vida com nomes novos.

Samuel bateu na testa com as falanges. — Que pena — disse ele. — Que pena que não possam usar os nomes que lhes convinham.

— Que quer dizer? — perguntou Adam.

— Estive a pensar na noite passada... Deteve-se.

— Já pensou no seu próprio nome?

— No meu nome?

Evidentemente. Os seus primeiros filhos... Caim e Abel.

Adam disse: — Não, não temos o direito de fazer uma coisa dessas.

— Bem sei. Seria desafiar o destino, seja ele qual for. Mas não é estranho que Caim seja o nome mais conhecido em todo o mundo, e que só um homem o tenha usado, pelo menos, que eu saiba?

Lee disse: — Talvez seja por isso que esse nome nada perdeu do seu significado.

Adam olhou o seu vinho cor de tinta.

— Tive um arrepio só de o ouvir dizer.

— Há duas histórias que nos perseguem e assombram desde os começos dos tempos — disse Samuel.— Trazemo-las conosco como duas caudas invisíveis, a história do pecado original e a de Caim e Abel. Pessoalmente, não as compreendo, não as compreendo mesmo nada, mas sinto-as. A Liza zanga-se comigo, diz que eu não devia tentar compreendê-las, que é inútil explicar uma verdade. Talvez tenha razão. A Liza afirmou-me que você era presbiteriano, Lee. Você compreende o jardim do Paraíso e Caim e Abel? — A sua mulher pensou que eu devia ser alguma coisa e a verdade é que andei na escola dominical em San Francisco, há muitos anos. As pessoas gostam que nós sejamos alguma coisa, de preferência o que elas próprias são.

Adam disse: — O Samuel perguntou-lhe se compreendia.

— Julgo compreender a queda original. Ou antes, sinto-a. Mas o assassinato do irmão, não. Talvez seja por não me recordar bem de todos os pormenores. Samuel disse: — A maioria das pessoas não conhece os pormenores. Ora são precisamente os pormenores que me deixam perplexo. Quando penso que Abel não teve filhos! — Olhou o céu. Valha-me Deus, como este dia tem passado depressa! É como a vida que passa rapidamente quando não lhe prestamos atenção e lentamente quando a observamos. Não! — disse ele.— Estou a gostar e prometi a mim mesmo nunca considerar o prazer um pecado. Sinto-me feliz quando interrogo, quando levanto a pedra para ver o que tem debaixo. E o meu maior desgosto é saber que nunca poderei ver o que está do outro lado da Lua.

— Eu não tenho Bíblia — disse Adam. — A da minha família ficou no Connecticut.

— Eu tenho uma — disse Lee. — Vou buscá-la.

— Não é preciso — disse Samuel. — A Liza, emprestou-me a da mãe dela. Tenho-a aqui na algibeira. — Tirou o embrulho e mostrou o livro estragado. Está rasgada e toda roída — disse ele. — Só queria saber a quantas agonias já assistiu. Deem-me uma Bíblia usada e creio ser capaz de descrever um homem pelas páginas ratadas e pelas marcas dos dedos. A Liza também tem dado muito uso à sua Bíblia. Cá chegamos, portanto. A mais velha de todas as histórias. Se ela nos perturba é porque a perturbação está dentro de nós.

— Desde pequeno que nunca mais a ouvi ler — disse Adam.

— Então, deve julgar que é comprida, quando afinal é curta — disse Samuel.— Vou lê-la toda para, depois, a comentarmos. Dê-me vinho, que já sinto as goelas secas. Ora aqui está. Uma história tão pequena mas que abriu tamanha ferida! — Olhou para o chão. Os meninos adormeceram mesmo no chão.

Lee ergueu-se.

— Vou tapá-los — disse ele.

— A poeira também aquece — disse Samuel.— Agora, ouçam: “Ora Adão conheceu a sua mulher Eva; a qual concebeu e pariu Caim, dizendo: Eu possuí um homem por Deus.

Adam quis falar, mas Samuel olhou para ele. Adam calou-se, cobriu os olhos com a mão. Samuel continuou: “Depois teve a Abel, seu irmão. Abel porém foi pastor de ovelhas, e Caim lavrador. Passado muito tempo aconteceu oferecer Caim, ao Senhor, os seus dons dos frutos da terra. Abel também ofereceu das primícias do seu rebanho, e das suas gorduras; e olhou o Senhor para Abel e para os seus dons. Para Caim, porém, e para os seus dons não olhou.” Lee interrompeu: — Aí... Não, continue, depois voltamos atrás.

Samuel prosseguiu: “E Caim se irou fortemente, e o seu semblante descaiu. E o Senhor lhe disse: Porque andas tu irado? e porque descaiu a tua face? Porventura, se tu obrares bem, não receberás recompensa? e se obrares mal, não estará logo o pecado à porta? Mas a tua concupiscência estar-te-á sujeita, e tu dominarás sobre ela. Caim porém disse a seu irmão Abel: Saíamos fora. E quando ambos estavam no campo, investiu Caim com seu irmão Abel, e matou-o. E o Senhor disse a Caim: Onde está teu irmão Abel? Ele respondeu: Não sei. Acaso sou eu o guarda de meu irmão? E o Senhor lhe disse: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama desde a terra por mim. Agora pois serás tu maldito sobre a terra, que abriu a sua boca, e recebeu o sangue de teu irmão da tua mão. Depois que tu a tiveres

cultivado, ela te não dará os seus frutos: tu andarás vagabundo, e fugitivo sobre a terra. E Caim disse ao Senhor: O meu pecado é muito grande, para eu poder alcançar perdão. Eis-aí me lanças tu hoje da face da terra, e eu me irei esconder da tua face, e andarei vagabundo e fugitivo na terra: todo o que pois me achar, matar-me-á. E o Senhor lhe respondeu: Não será assim: antes o que matara Caim será castigado sete vezes mais. E o Senhor pôs um sinal em Caim, para que o não matasse quem quer que o encontrasse. E Caim, tendo-se retirado de diante da face do Senhor, andou errante pela terra, e ficou habitando no país que está a Leste do Paraíso.” Samuel fechou o livro com uma espécie de cansaço.

— Aqui têm — disse ele —, dezesseis versículos, nem mais, nem menos. E, Deus do Céu, só agora reparo numa coisa terrível: nem uma única palavra de encorajamento. Talvez a Liza tenha razão. Não há nada a compreender.

Adam suspirou profundamente.

— Não é uma história reconfortante.

Lee encheu um copo com o seu licor escuro, levou-o aos lábios, mas ficou com o líquido na boca. Depois de o ter engolido, disse: — Só têm força ou deixam vestígios as histórias que somos capazes de sentir dentro de nós. Muito grande é o fardo de culpas que os homens carregam! Samuel disse a Adam: — E você tentou carregá-lo sozinho.

Lee disse: — O mesmo acontece comigo e com toda a gente. Colhemos as culpas às braçadas como se fossem uma coisa preciosa. Deve ser porque assim o desejamos.

Adam interrompeu: — Isso faz com que me sinta melhor e não pior.

— Por que diz isso? — perguntou Samuel.

— Não há criança nenhuma que não julgue ter inventado o pecado:

Convencemo-nos de que nos ensinam a virtude e de que o pecado nasce em nós.

— Estou a ver. Mas em que é que esta história atenua o pecado? — Nós somos os descendentes dele — disse Adam com veemência. — Ele é nosso pai e parte da nossa culpa é absorvida pela nossa ancestralidade. Que oportunidade tivemos nós? Nós não somos os primeiros, somos os filhos do nosso pai. É uma desculpa e não há assim tantas neste mundo.

— Pelo menos, convincentes — disse Lee. — Se não fosse isso, já há muito tempo que teríamos acabado com a culpa, e o mundo não estaria povoado de homens tristes que vergam ao peso do castigo.

Samuel perguntou: — Mas que outra situação poderíamos imaginar? Com desculpas ou sem elas, estamos ligados à nossa ancestralidade. Carregamos a culpa. Adam disse: — Lembro-me de me ter enfurecido com Deus. Caim e Abel

ofereceram-lhe o que tinham, e Deus aceitou Abel e repudiou Caim. Sempre pensei que era injusto. Se vocês compreendem, eu não compreendo.

— Talvez a gente não interprete bem o quadro por ter perdido a moldura disse Lee.

— Esta história foi escrita por um pastor para um povo de pastores. Não eram lavradores. O Deus dos pastores não se sentirá mais inclinado a preferir um cordeiro a um molho de cevada? Uma oferenda deve ser constituída pelo melhor e pelo mais valioso.

— Percebo o que quer dizer — retorquiu Samuel. — Lee, previno-o de uma coisa: nunca se ponha com raciocínios orientais diante da Liza.

Adam estava excitado pelo jogo: — Sim, mas porque foi que Deus condenou Caim? É uma injustiça. Samuel respondeu: — Há toda a vantagem em prestar atenção ao significado das palavras. Deus não condenou Caim. Até o próprio Deus pode ter uma preferência, não é verdade? Suponhamos que Deus tenha preferido o anho aos produtos da terra. Aliás, também é do que eu mais gosto. Caim leva-lhe, digamos, um molho de cenouras. Deus responde: “Não gosto disso. Experimenta outra coisa. Traz-me algo que me agrade e terás a mesma afeição que dedico ao teu irmão.” Caim enfurece-se, sente-se ofendido. E quando um homem fica ferido no seu amor próprio, sente logo ganas de bater em qualquer coisa. Abel atravessou-se no caminho da sua cólera.

— S. Paulo diz aos Hebreus que Abel tinha fé — disse Lee.

— O Gênesis não fala nisso — disse Samuel. — Nem em fé, nem em falta de fé. Apenas se refere à ira de Caim.

Lee perguntou: — Que pensa a Sra. Hamilton dos paradoxos da Bíblia?

— Não pensa coisa nenhuma, pelo simples fato de não os admitir.

— Mas...

— Calma. Experimente perguntar-lhe e verá que sai da discussão com os cabelos brancos e sem ter adiantado coisa nenhuma.

— Vocês estudaram isso enquanto que eu só tenho uma ideia superficial. Então Caim foi expulso por assassinato?

— Exatamente, por assassinato.

— E Deus marcou-o?

— Então não ouviu? Caim tinha uma marca, não para ser destruído, mas para que se salvasse. Pesa uma maldição permanente sobre todo o homem que o matar. A marca destinava-se a preservá-lo. Adam afirmou: — Continuo convencido de que Caim não foi tratado com igualdade.

— Talvez — disse Samuel.— Mas Caim viveu e teve filhos, enquanto que Abel apenas viveu na história. Todos nós somos filhos de Caim. E não é estranho que três adultos, passados milhares de anos, discutam esse crime como se ele tivesse sido cometido ontem, em King City, e a sentença ainda não tivesse sido proferida? Um dos gêmeos acordou, bocejou, olhou Lee e tornou a adormecer. Lee disse: — Lembra-se de lhe ter dito, Sr. Hamilton, que estava tentando traduzir antigas poesias chinesas para inglês? Não, não tenha medo, não vou lê-las. Ao dedicar-me a esse trabalho, verifiquei que certos pensamentos perdidos na bruma do tempo se mantinham tão frescos e claros como um nascer de Sol. Se a história não disser respeito ao auditor, ele acaba por se desinteressar. Creio poder enunciar esta regra: se uma história quiser ser grande e perpetuar-se, terá de se dirigir a cada um de nós. Os fatos estranhos e longínquos não nos interessam, só o que é profundamente pessoal e familiar nos interessa.

Samuel disse: — Aplique então isso ao drama de Caim e Abel.

Adam retorquiu: — Eu não matei o meu irmão...

Subitamente, deteve-se, às voltas com o passado.

— Posso fazê-lo — respondeu Lee a Samuel.— Esta história só é conhecida dos homens por ser a sua própria história. É a história simbólica da alma humana. Creio estar no bom caminho... não me interrompam se não me exprimir com clareza. O que mais aterroriza as crianças é o receio de não serem amadas; acima de tudo, temem ser repelidas. Afinal, todos o fomos, em maior ou menor grau. Daí nasce a cólera que leva a um crime qualquer para obter vingança, e com o crime vem a culpa: é a história da humanidade. Se o homem não fosse repellido por aqueles que ama, não seria o que é. Talvez houvesse menos desequilibrados. E tenho a certeza de que as prisões deixariam de ser necessárias. Tudo começa por aí. Uma criança, ao ver-se recusar o amor que pede, dá um pontapé num gato e esconde a sua culpa secreta; uma outra rouba dinheiro para comprar o amor; uma outra conquista o mundo — é sempre a mesma coisa: culpa, vingança e culpa maior ainda. O ser humano é o único animal que tem remorsos. Esperem! Tenho a impressão de que esta antiga e terrível história é importante, porque define o mapa da alma, essa alma secreta, desdenhada, — culpada. Sr. Trask, o senhor disse que não tinha matado o seu irmão, mas lembrou-se logo de qualquer coisa. Não me interessa saber o que era, mas teria tão pouco que ver com Caim e Abel? E o senhor, Sr. Hamilton, que pensa do meu raciocínio oriental? Sabe muito bem que sou tão oriental como o senhor.

Samuel apoiara os cotovelos na mesa e encostara o rosto às mãos.

— Quero pensar — disse ele. — Deixe-me, quero pensar. Preciso de desmontar tudo o que disse, para estudar as peças uma a uma. Parece-me que deu cabo do meu mundo e ainda não sei o que irei construir em seu lugar.

Lee perguntou serenamente: — Não se poderia construir um mundo sobre a verdade? Não se poderiam arrancar certas dores e certas loucuras, se tivéssemos os instrumentos necessários? — Não sei. Você destruiu o meu belo universo, inventou um jogo orgulhoso e transformou-o numa lei. Deixe-me em paz, preciso de refletir. Os seus horríveis bicharocos já começaram a proliferar no meu cérebro. Gostaria de saber o que pensará o Tom de tudo isto. Era capaz de acalantar os bicharocos na mão, de os fazer girar devagar em cima do lume, como um frango no espeto. Adam, acorde, para recordações já basta.

Adam sobressaltou-se, suspirou demoradamente e perguntou: — Não será simples demais? Sempre tive medo das coisas simples.

— Não é nada simples — disse Lee. — É desesperadamente complicado. Mas no fim há a luz.

— Haja o que houver, a do Sol está quase a ir-se embora — disse Samuel. — Nem demos pela passagem do tempo. Afinal, vim eu para batizar as crianças e elas continuam sem nome. Temos andado para aqui às voltas, sem sair da cepa torta. Quanto a si, Lee, era preferível que não fosse explicar as suas concepções à Igreja. Os Chineses não estão isentos da cruz, que eu saiba. A Igreja gosta das complicações, mas só das suas. Tenho de voltar para casa.

Adam pediu com desespero: — Deem-me nomes.

— Da Bíblia?

-Seja de onde for.

— Ora vejamos. De todos os homens que fugiram do Egito, só dois chegaram à Terra da Promissão. Não acha que esses dois nomes são bastante simbólicos? — Quais? — Caleb e Josué.

— Joshua era um soldado, um general. Eu não gosto do exército.

— Caleb era capitão.

— Mas não era general. Caleb me agrada.. Caleb Trask.

Um dos gêmeos despertou e logo chorou.

— Chamou-o pelo nome — disse Samuel. — Joshua não agrada e Caleb está escolhido. Será portanto aquele o espertalhão, o mais moreno. Olhe, o outro também já acordou. Sempre gostei de Aaron, mas esse não chegou à Terra de Canaã.

O segundo garoto soltou um grito que parecia quase de alegria.

— Esse nome é bom — disse Adam.

Samuel deu uma grande gargalhada.

— Em dois minutos — disse ele —, e depois de uma torrente de palavras. Caleb e Aaron, agora já são gente, fazem parte da nossa comunidade e têm direito à danação.

Lee pegou nos dois meninos e perguntou: — Já não os confunde?

— Não — respondeu Adam.— Este é Caleb e tu, tu és Aaron.

Lee levou os gêmeos berrando para casa.

— Ontem, ainda, era incapaz de os distinguir — disse Adam.

— Aaron e Caleb!

— Louvado seja Deus por ter recompensado os nossos esforços— disse Samuel.— A Liza devia preferir Joshua. Ela sempre teve um fraco pelas trombetas de Jericó. Mas também vai gostar de Aaron. Portanto, está tudo em ordem. Vou atrelar o carro.

Adam acompanhou-o à cocheira.

— Ainda bem que veio. Parece que me tirou um grande peso.

Samuel meteu o freio na boca de Doxology, endireitou a testeira e prendeu a fivela do peitoril.

— Se der, agora, vai pensar de novo no jardim? Já o estou vendo como o tinha sonhado.

Adam só respondeu passado algum tempo: — Já não tenho energias para isso. Não me falta dinheiro para viver e já não tenho ninguém a quem mostrar esse jardim.

Samuel aproximou-se dele com os olhos marejados de lágrimas.

— As energias nunca morrem — disse ele. — Não conte com isso. Julga que é melhor do que os outros? A energia só morrerá contigo.

Ficou respirando alto, depois subiu para o cabriolé, chicoteou Doxology e partiu todo curvado, sem dizer adeus.

Terceira Parte

Capítulo XXIII

1

Os Hamilton eram pessoas estranhas, tensas como cordas de instrumentos de música. Alguns deles, quando afinados em diapasão muito alto, rebentavam. Não raro isso acontece.

De todas as filhas, Una era a que mais alegria dava a Samuel. Ainda pequena, já sentia um apetite de saber muito semelhante ao que as crianças têm pelos bolos à hora do lanche. Una e o pai conspiravam; compravam livros, liam e trocavam impressões.

Una era a mais séria de todos os Hamilton. Conheceu e desposou um rapaz com os dedos manchados por produtos químicos, principalmente nitrato de prata. Era um desses homens que vivem na pobreza para evitar o embrutecimento que dá a riqueza. A sua especialidade era a fotografia e estava convencido de que o mundo exterior podia ser transposto para o papel com as cores que a vista humana distingue.

Chamava-se Anderson e era pouco dado. Como a maior parte dos técnicos, tinha um profundo terror pela especulação e detestava métodos intuitivos. Abria um degrau, instalava-se nele e abria o seguinte, como o alpinista que escala uma montanha. Tinha um grande desprezo, inspirado num certo receio, por aqueles Hamilton que julgavam ter asas e davam quedas aparatosas.

Anderson nunca caiu, nunca escorregou e nunca voou. Caminhava lentamente para o topo e foi lá, diz-se, que encontrou o que pretendia: a película colorida. Deve ter casado com Una por ela ser a menos expansiva, o que lhe dava uma certa tranquilidade. Como a família da mulher o assustava e afligia, resolveu ir viver para o Norte, numa região lóbrega e perdida, para as bandas da fronteira do Oregon. Deve ter levado uma vida muito primitiva no meio dos seus frascos e dos seus papéis.

Una escrevia umas cartas muito apáticas, desprovidas de alegria, mas não chorava a sua sorte. Estava passando bem e esperava que o mesmo acontecesse à família. O marido estava prestes a fazer a descoberta.

Foi então que Una morreu e devolveram o corpo à família.

Nunca conheci Una, pois desapareceu quando eu era ainda muito novo, mas George Hamilton falou nela muitos anos depois. Fê-lo com os olhos cheios de lágrimas e em voz trêmula.

— Una não era tão bonita como a Mollie, mas tinha mãos e pés maravilhosos. Os tornozelos eram flexíveis como um caule e toda ela se movia como uma planta. Tinha os dedos esguios e as unhas estreitas, em forma de amêndoa. A pele era maravilhosa, transparente, quase radiosa. Não se ria nem brincava como nós. Havia nela qualquer coisa de singular, parecia estar sempre à escuta. Quando lia, tínhamos a impressão de que estávamos ouvindo música e, quando lhe fazíamos uma pergunta, respondia sem rodeios, sem pitoresco, sem “talvez” como nós costumávamos fazer. Nós éramos cabotinos. Una tinha algo de puro e de simples.

“Trouxeram-na para casa. As unhas estavam partidas até ao sabugo e tinha os dedos engelhados e gastos. E os pés... George teve de se deter, mas continuou logo com a violência de um homem que procura disfarçar os soluços: — Os pés estavam partidos e feridos. Há muito tempo que não usava sapatos e tinha os pés em carne viva como um animal esfolado. Julgamos que tivesse sido um acidente. Havia tantos produtos químicos... Deve ter sido isso, deve.

Mas Samuel pensou que ao acidente se deveria chamar antes sofrimento e desespero.

A morte de Una sacudiu Samuel como um tremor de terra silencioso. Não pronunciou uma única frase bonita, sentou-se sozinho e embalou a sua dor. Convencera-se de que o seu desmazelo era o único culpado.

O corpo de Samuel que, até então, lutara alegremente contra o tempo, cedeu um pouco. A pele rija envelheceu, velaram-se os olhos límpidos e os ombros curvaram-se. Liza, essa, aceitava os acontecimentos e podia assistir à tragédia. Sabia que nada havia a esperar deste lado do Céu. Mas para Samuel, que erguera uma vigorosa muralha de riso contra as leis naturais, a morte de Una era uma brecha. E fez-se um velho.

Os outros filhos prosperavam. George dedicava-se aos seguros, Will enriquecia e Joe, que se instalara no Leste, entretinha-se a inventar uma nova profissão que se chamava “publicidade”. Os seus grandes defeitos

transformavam-se em qualidades. Podia dar corpo aos seus sonhos, e é tudo o que exige a publicidade. Joe tornava-se um grande homem num novo campo.

As moças tinham casado, exceto Dessie que possuía uma loja de costura muito próspera, em Salinas. Só Tom não descobrira um caminho.

Samuel dissera a Adam Trask que Tom lutava com a grandeza. O pai observava o filho e sentia afluir e refluir o medo, as vitórias e as derrotas, pois também ele as conhecera.

Tom não tinha ternura lírica ou o aspecto radiante do pai mas, quando se aproximava de nós, sentíamos uma presença, uma força, um calor e uma integridade intransigente. Sob esta couraça, existia uma falha, um pudor. Tinha momentos de alegria comparáveis aos do pai e, depois, de repente, rebentava como uma corda de violino. Tom afundava-se, então, num torvelinho de trevas.

Era um homem muito moreno; a cara, queimada pelo sol, era de um vermelho-escuro como se lhe corresse nas veias sangue norueguês ou vândalo. O cabelo, a barba e o bigode eram do mesmo vermelho, e os olhos risonhos refletiam um azul espantoso. Era forte, largo de ombros, e tinha a cintura fina. Corria, saltava, erguia pesos e montava a cavalo tão bem como qualquer outro, mas não tinha gosto pela competição. Will e George, que eram jogadores, tentaram interessar muitas vezes o irmão pelas alegrias e tristezas da sorte.

Tom explicava: — Já experimentei e achei aborrecido. A razão deve ser a seguinte: para mim, a vitória não é um triunfo e a derrota uma catástrofe; ora estes dois sentimentos são necessários à aventura, que só acessoriamente é um meio de ganhar dinheiro. Se não se assemelhar à vida nem à morte, à alegria e à dor, parece-me... pelo menos a mim... que é... que não é coisa nenhuma. Se o jogo me desse alguma sensação, boa ou má, não me importaria de jogar.

Will não compreendia: a sua vida não passava de uma luta e de um jogo permanentes. Gostaria de Tom e procurava inculcar-lhe o que ele próprio considerava agradável. Tentou interessá-lo nos negócios, inocular-lhe o veneno do comércio, feito de embuste, de artifício e de manobras.

Tom voltava sempre desarmado ao rancho. Não criticava, limitava-se a compreender que perdera a pista em qualquer parte. Sentia que deveria interessar-se pelas humanas pugnas, mas era incapaz de iludir-se a si próprio.

Samuel dizia que Tom tinha mais olhos do que barriga, quer se tratasse de comida ou de amor. Samuel tinha razão, mas creio que apenas conhecia um aspecto do filho. Talvez Tom se abrisse mais facilmente às crianças? Vou traçar um retrato de memória, salpicado de recordações impessoais e de hipóteses que formulei. Quem sabe se a imagem será parecida? Nós vivíamos em Salinas e

sabíamos que Tom chegara quase sempre durante a noite — quando a Mary e eu encontrávamos, pela manhã, debaixo dos travesseiros, maços de pastilhas elásticas. Naquele tempo, as pastilhas elásticas representavam para nós uma pequenina fortuna. O tio Tom estava às vezes vários meses sem aparecer mas, apesar disso, todas as manhãs, ao acordar, metíamos a mão debaixo do travesseiro. Ainda hoje o faço, embora o tio Tom já tenha deixado de me oferecer pastilhas elásticas há muitos anos.

A minha irmã Mary não queria ser moça. Não queria ou não se resignava a sê-lo. Era uma atleta consumada, jogava o bola de gude como ninguém, mas sentia-se inibida pela condição de mulher. Como é evidente, refiro-me a uma época muito anterior àquela em que veio a descobrir as vantagens de pertencer ao sexo fraco.

Assim como sabíamos que num sítio qualquer do nosso corpo, talvez debaixo do braço, existia um botão e que bastava premi-lo, para voar, também Mary descobriu um processo mágico que, um dia, faria dela um rapaz. Se se deitasse numa posição mágica, com os joelhos dobrados, a cabeça num ângulo determinado e os dedos entrelaçados, acordaria feita rapaz no dia seguinte. Fazia uma tentativa todas as noites, mas a manhã só lhe trazia desilusões. Era eu quem a ajudava a cruzar as mãos como numa oração.

Mary já desesperara de obter qualquer resultado quando, certa manhã, encontrou goma elástica debaixo do travesseiro. Cada um de nós desembulhou a sua pastilha e mastigamos solenemente. Eram pastilhas Beeman de menta, nunca se fez nada tão bom.

A Mary estava entretida a enfiar as meias pretas quando exclamou com grande alívio: — Evidentemente! — Evidentemente, o quê? — perguntei eu.

— O tio Tom! — disse ela. E pôs-se a mastigar com mais violência.

— O tio Tom?

— Ele é que sabe o que eu devo fazer para me tornar rapaz.

Evidentemente, não havia nada mais simples. Tão simples, que perguntei a mim mesmo porque não me ocorrera já a ideia. A mamãe estava na cozinha dando instruções à nova criada dinamarquesa. Mudávamos muitas vezes de criada: os imigrantes dinamarqueses colocavam as filhas em casas de famílias autóctones onde aprendiam não só a língua, mas também a cozinha americana, a maneira de pôr a mesa e todos os requintes em moda na alta sociedade de Salinas; dois anos depois, a doze dólares por mês, as moças estavam transformadas em esposas perfeitas para jovens americanos. Tinham adquirido um certo verniz mas ainda

podiam trabalhar no campo como animais. Algumas das famílias mais elegantes de Salinas descendem dessas moças.

Na época de que falo, era uma Mathilde de cabelos cor de linho quem apanhava uma ensaboada da minha mãe. Nós entramos a matar: — Ele já se levantou?

— Chiu! — respondeu a minha mãe.— Ele chegou muito tarde, deixem-no dormir.

Mas ao ouvir correr a água no lavatório do quarto de hóspedes, compreendemos que já se tinha levantado. Fomo-nos agachar como gatos diante da porta, esperando que saísse.

Ao princípio havia sempre um obstáculo entre nós. Suponho que o tio Tom era tão tímido como nós. Ele gostaria de sair a correr e de nos pegar nos braços, mas, pelo contrário, fazia-o sempre com ar compassado.

— Obrigado pelas pastilhas elásticas, tio Tom.

— Ainda bem que gostaram.

— Achas que iremos ter pão doce antes de deitar, enquanto cá estiveres?

— Talvez, se a vossa mãe autorizar.

Fomo-nos sentar na sala. A voz da mamãe ergueu-se na cozinha: — Deixem-no sossegado, meninos.

— Eles estão com muito juízo, Olive — respondeu ele.

Sentamos em triângulo. O Tom tinha a cara muito queimada e os olhos eram claros. Usava roupa de boa qualidade, mas nunca parecia andar bem vestido. Era diferente do pai. Tinha o bigode mal aparado, os cabelos em desalinho e as mãos calosas.

Mary perguntou: — Tio Tom, como é que se faz para ser rapaz? — O quê? Mas, ó Mary, já se nasce rapaz...

— Não é isso que pergunto. Como posso tornar rapaz?

Tom olhou-a gravemente: — Tu? — perguntou.

Mary falou rápido: — Não quero ser mulher, tio Tom. Quero ser rapaz. As mulheres passam o tempo beijando-se e brincando de bonecas. Eu quero ser rapaz.

Pelo rosto de Mary deslizavam lágrimas de raiva.

Tom baixou os olhos, observou as mãos e coçou uma das palmas calosas.

Creio que, nessa altura, ele gostaria de ter dito alguma coisa bonita, gostaria de ter encontrado palavras como as do pai, aladas, acariciadoras, musicais.

— Não gostaria que fosses rapaz — disse ele.

— Por quê?

— Gosto de ti por seres moça. Um ídolo desabou na cabeça de Mary. —
Queres dizer que gostas das moças? — Pois claro que gosto, Mary.

O desprezo estampou-se no rosto de Mary. Se fosse verdade, Tom era um idiota. Mary arvorou um ar de a-mim-não-me-enganas-tu.

— Está bem — disse ela. — Mas o que devo eu fazer para me tornar rapaz? Tom compreendeu que perdia a estima de Mary quando, afinal, desejava ser amado e admirado por ela. Ao mesmo tempo, deslocava-se dentro dele uma fina fita de aço para cortar a cabeça às mentiras. Olhou os cabelos de Mary, tão claros que pareciam brancos, entrançados para não a incomodarem, e sujos nas pontas porque Mary limpava as mãos à trança quando tinha de fazer uma jogada difícil ao bola de gude. Tom perscrutou a expressão hostil.

— Não acredito que queiras mudar a sério.

— Quero, sim. Tom enganava-se, ela desejava-o sinceramente.

— Pois muito bem! — disse ele. — É impossível. E um dia virá em que te sentirás feliz por isso.

— Nunca me sentirei feliz — disse Mary. Depois, voltou-se para mim e acrescentou num tom de desprezo gelado: — Ele não sabe.

O rosto de Tom crispou-se e eu estremeci ante a enormidade da acusação. Mary era heroica e fazia o jogo duro. Era por isso que ganhava todas as bolas de gude de Salinas.

Tom, embaraçado, disse: — Se a tua mãe concordar, irei daqui a pouco encomendar pães doces para comermos esta noite.

— Não gosto de pão doce — disse Mary.

E dirigiu-se resolutamente para o nosso quarto, batendo a porta.

— Vê-se logo que é mulher — disse Tom.

Ficámos a sós e senti que era meu dever tratar a ferida aberta por Mary.

— Eu gosto muito de pão doce — disse eu.

— Bem sei que gostas. E a Mary também.

— Tio Tom, não há mesmo maneira de ela se tornar rapaz?

— Que eu saiba, não — disse ele tristemente. — Se soubesse, teria dito.

— Ela vence todos os rapazes no botão.

Tom suspirou e tornou a olhar para as mãos. Eu via que ele ficara derrotado e custava-me por ele, custava-me muito. Fui buscar-lhe a minha rolha com alfinetes espetados.

— Queres que te dê a minha gaiola de moscas, tio Tom?

Não havia dúvida — era um autêntico cavalheiro: — Queres mesmo que aceite?

— Quero, sim. Vês, levantas um alfinete para deixar entrar a mosca e, depois, tornas a baixá-lo e a mosca fica zumbindo lá dentro.

— É um presente muito bonito. Obrigado, John.

Com um pequeno canivete, passou todo o dia a talhar um bocado de madeira. À tarde, quando voltamos da escola, tinha esculpido uma cabeça. Os olhos, as orelhas e os lábios eram animados, prolongados por pequenas pestanas que se reuniam no interior da cabeça. Na parte de baixo do pescoço havia um buraco tapado com uma rolha. Era maravilhoso. Apanhava-se uma mosca, metia-se no buraco que se arrolhava e, de repente, toda a cabeça se punha a viver: os olhos agitavam-se, os lábios falavam e as orelhas abanavam, animados pelo voo desvairado da mosca que movimentava as pequenas pestanas. Até a própria Mary lhe perdoou um pouco, mas só voltou a confiar inteiramente nele quando descobriu as vantagens de ser moça. Mas já era demasiado tarde. O tio Tom ofereceu-nos o brinquedo. Ainda o temos, arrumado não sei onde, e continua a funcionar.

Às vezes o tio Tom levava-me à pesca. Saíamos no carro, antes do nascer do Sol, e dirigíamo-nos para o pico Fremont. À medida que nos aproximávamos, as estrelas empalideciam, a luz surgia atrás da montanha e o pico parecia mais escuro. Lembro-me que encostava a cara ao casaco de Tom e que ele me passava o braço pelos ombros. Parávamos debaixo de um carvalho, desatrelávamos o cavalo, dávamos-lhe de beber no ribeiro e, depois, prendíamos-lo atrás do carro.

Não me consigo recordar se Tom falava. Já não me lembro do som da sua voz, nem das palavras que empregava. Ainda tenho presente a fala do meu avô, mas quando penso em Tom, conservo apenas a recordação de um silêncio cordial. Talvez ele nunca falasse.

Recordo-me das doiradinhas que cresciam debaixo das pequenas cascatas e dos seus dedos verdes que estremeciam com as gotas que lhes tombavam em cima. E recordo-me dos cheiros das colinas, das azáleas bravas, de um touro fugindo, de um tremoçal e do suor do cavalo. Recordo-me do bailado elegante dos busardos, lá no alto do céu. Tom entretinha-se a acompanhar-lhes as evoluções, mas não me lembra ouvir-lhe dizer fosse o que fosse a seu respeito. Recordo-me do estremecimento da minha linha que Tom me ajudava a enrolar no carreto. Recordo-me do cheiro dos fetos estendidos no fundo do cesto e do cheiro, suave e delicado, da truta úmida, arco-íris que jazia num leite verde. E depois, recordo-me também de ir até ao carro e de dar a ração de aveia ao

cavalo. Não me recordo da voz de Tom. Na minha memória, Tom mantém-se sombrio, calado e afetuoso.

Tom debatia-se nas trevas. O pai era belo e inteligente, a mãe era pequena e rija, todos os irmãos e irmãs tinham encantos, dons ou fortuna. Tom amava-os apaixonadamente, mas sentia-se pesado e prisioneiro da terra. Se o êxtase o fazia subir montanhas, logo o afundava na escuridão rochosa dos picos. Tinha acessos de coragem sabotados por covardias efêmeras.

Samuel afirmava que Tom lutava corpo a corpo com a grandeza, e perguntava a si mesmo se ele aceitaria ou não a fria responsabilidade. Samuel conhecia o caráter do filho e o seu potencial de violência. Isso assustava-o, pois constituía um impulso que desconhecia. Mesmo quando agredira Adam Trask, não obedecera à violência. Em casa, continuavam a entrar livros, alguns em segredo. Samuel sabia cavalgar um livro e manter o equilíbrio no meio das ideias, como um homem que desce uma torrente impetuosa em canoa. Mas Tom cavava as ideias, abria um túnel como a toupeira e voltava à superfície com a cara e as mãos manchadas de leitura.

Violência e timidez — Tom desejava as mulheres, mas não se sentia digno de uma mulher. Durante largos períodos, trancava-se num celibato doloroso, depois, ia esquecer e perder-se em San Francisco. Regressava silenciosamente ao rancho, debilitado, insatisfeito, indigno. Então, punia-se com o trabalho, lavrando e semeando as terras estéreis, serrando madeira de carvalho duro até ficar com as costas desfeitas e os braços pendentes.

É muito provável que entre o Sol e Tom estivesse sempre a figura do pai; cobria-o a sombra de Samuel. Tom escrevia versos às escondidas, o que, naquela época, ainda era o mais prudente. Os poetas eram castrados desprezados pelos homens do Oeste. Poesia significava fraqueza e degenerescência. Ler versos era mal visto e escrevê-los tornava-nos suspeitos. A poesia era um vício secreto. Ninguém sabe se os versos de Tom eram belos, pois só os mostrou a uma pessoa e queimou-os antes de ter morrido. Pela quantidade de cinzas que encontraram no fogão, concluíram que devia ter escrito muitos.

De toda a família, era Dessie a predileta de Tom. Dessie era alegre. A sua loja era o mundo do riso.

A loja de Dessie era a única em Salinas. Um universo feminino. Nela se viam abolidos todas as regras e receios engendrados pelas leis. A porta estava vedada aos homens. Era um santuário onde as mulheres podiam ser elas próprias: malcheirosas, lúbricas, místicas, vaidosas, despintadas e interesseiras. Desatavam-se os espartilhos de barbas de baleia, esses espartilhos sagrados que

moldavam e esmagavam a carne das mulheres para as transformar em deusas. Na loja de Dessie, as deusas voltavam a ser mulheres que iam à retrete, tinham indigestões, se coçavam e arrotavam. E desta liberdade nascia o riso, verdadeiras explosões de riso.

Estou a ver a Dessie e as suas lunetas de ouro encavalitadas num nariz que não fora feito para elas. Vejo-lhe ainda os olhos vertendo lágrimas hílares e a fronte contraída pelo riso. Os cabelos metiam-se entre as lentes e os olhos, obrigando as lunetas a caírem e a ficarem a balouçar na ponta da fita preta.

Na loja da Dessie tinha de se encomendar um vestido com um mês de antecedência e ir lá uma vintena de vezes para escolher o tecido e o modelo. Nunca houvera nada tão sadio em Salinas. Os homens, como é natural, tinham os seus clubes, tertúlias e prostíbulos. Antes da chegada da Dessie, as mulheres apenas dispunham da Confraria do Altar e da tagarelice com o ministro do culto.

Até que um dia a Dessie se apaixonou. Desconheço os pormenores relacionados com o acontecimento. Quem era ele? O que foi que contrariou esse amor? Uma mulher que recusava o divórcio, religião, doença, egoísmo? Suponho que a minha mãe o sabia, mas trata-se de uma dessas coisas de que as famílias guardam rigoroso segredo e que nunca transpiram. E se outras pessoas de Salinas o souberam, também tiveram a lealdade de nunca o contar. Tudo o que sei é que foi uma paixão desesperada, obscura e terrível. Passado um ano, a Dessie perdera toda a alegria e o riso extinguiu-se.

Tom encafuou-se nas colinas como um leão ferido. Certa noite, selou o cavalo e partiu, sem esperar pelo trem de manhã, para Salinas. Samuel foi atrás e enviou um telegrama de King City para Salinas.

Na manhã seguinte, quando Tom, todo sujo, esporeava o cavalo na John Street de Salinas, era aguardado pelo xerife que o desarmou, o meteu na cadeia e o alimentou com café e álcool até que Samuel o veio buscar.

Samuel não pregou nenhum sermão ao filho. Levou-o para casa e nunca mais falou no incidente. E uma espécie de calma envolveu a casa dos Hamilton.

2

Em 1911, no Dia de Ação de Graças, a família reuniu-se no rancho. Estavam presentes todos os filhos, exceto o Joe, retido em Nova Iorque, a Lizzie que abandonara a família para adoptar outra e a Una que morrera. Chegaram carregados de presentes e de mantimentos que davam para alimentar vários clãs

como o nosso. Eram todos casados menos a Dessie e o Tom. Os filhos enchiam o rancho com a gritaria e a bulha que faziam. Os homens realizavam numerosas viagens à forja e voltavam limpando altivamente os bigodes.

A carinha redonda de Liza punha-se cada vez mais vermelha; choviam as ordens e as descomposturas. O fogão da cozinha nunca se apagou. Não havia camas que chegassem e armaram-se leitos improvisados no chão para as crianças.

Samuel readquiriu a antiga alegria. O seu espírito irônico esplendeu e a sua fala reencontrou a toada musical. Falou, cantou, evocou recordações e, depois, de repente, ainda não era meia-noite, cansou-se. Sentiu-se moído e foi deitar-se ao lado de Liza que já dormia há mais de duas horas. Mostrava-se admirado, não de ir para a cama, mas por ter vontade de ir.

Depois de o pai e a mãe se terem recolhido, Will foi buscar o uísque à forja e o clã reuniu-se na cozinha e bebeu o álcool por copos de geleia. As mães subiram atrás umas das outras, na ponta dos pés, aos quartos, para verem se os filhos estavam aconchegados, e tornaram a descer. Falaram baixinho para não incomodarem as crianças e os velhos. Estavam o Tom e a Dessie, o George e a sua linda Mamie, da família Dempsey, a Mollie e William J. Martin, a Olive e Ernest Steinbeck, o Will e a sua Deila.

Todos queriam dizer a mesma coisa: Samuel envelhecera. Era tão surpreendente como a aparição de um fantasma. Nunca tinham imaginado que fosse possível. Beberam o uísque e falaram em voz baixa.

— Já viram como tem os ombros descaídos? E perdeu o andar elástico.

— Tem a pele toda enrugada, mas não é isso... são os olhos, os olhos é que estão velhos.

— Antes, nunca teria sido o primeiro a ir para a cama.

— Já repararam que se esquece do que vai dizer no meio das frases? — Eu notei pela pele. Está toda enrugada e as costas das mãos parecem transparentes.

— Coxeia da perna direita.

— Pois coxeia, mas foi a que o cavalo lhe partiu.

— Bem sei, mas antes não coxeava.

Sentiam-se ultrajados. Não podia ser! O pai não podia envelhecer. O pai era tão novo como a aurora — como a perpétua aurora.

— Pode ser velho como a tarde mas, Jesus me valha! o crepúsculo não pode vir, e a noite? valha-me Deus, isso nunca! Era natural que as suas mentes

não pensassem noutra coisa e que não o quisessem admitir; contudo, no íntimo, todos formulavam a mesma ideia: não se pode conceber o mundo sem Samuel.

— Como poderíamos pensar nalguma coisa sem saber o que ele pensa?

— Que seriam a primavera, o Natal ou a chuva? Deixaria de haver Natal. Os espíritos repeliavam esta eventualidade e procuraram uma vítima, alguém a quem pudessem ferir, pois sentiam-se feridos. Voltaram-se todos para Tom.

— Tu estavas cá, tu nunca o deixaste.

— Como foi que aconteceu e quando foi?

— Quem foi que lhe fez isso?

— Será vítima da tua loucura?

Tom pôde esclarecer porque também participara do desgosto. — Foi a Una — respondeu ele em voz rouca. — Ele não conseguiu suportar. Me disse que um homem, um verdadeiro homem, não tinha o direito de se deixar destruir pelo desgosto. Passa os dias a repetir que o tempo acabaria por acalmar a dor. Tantas vezes me disse a mesma coisa que acabei por compreender que se deixara vencer.

— Porque não nos disseste nada? Poderíamos ter feito alguma coisa. Tom ergueu-se de um salto e gritou com uma violência terrível: — Vão pró diabo que os carregue! Que queriam que lhes dissesse? Que ele estava a morrer de desgosto? Que já não tinha sangue nas veias? Que queriam que dissesse? Vocês não estavam cá e eu fui o único espectador que lhe viu morrer o olhar.

Tom saiu da cozinha e ouviram-no caminhar no solo pedregoso. Tiveram vergonha. Will Martin disse: — Vou buscá-lo.

— Não faça isso — aconselhou George.

E o clã aquiesceu.

— Não faça isso, deixe-o só. Conhecemo-lo tão bem como a nós mesmos. Daí a pouco, Tom regressou: — Peço-lhes que me desculpem — disse ele. — Tenho muita pena. Talvez esteja com um grão na asa. O pai, quando me via assim, chamava-me “alegre”. Uma noite voltei a casa... — Confessou-se: — Atravessei o terreiro a cambalear e caí na roseira. Subi as escadas de gatas e vomitei no chão ao lado da cama. Na manhã seguinte, tentei dizer ao pai que lamentava o que fizera e, sabem o que me respondeu? “Ó Tom, mas tu estavas alegre.” Dizer-me uma coisa dessas a mim! Depois do que eu tinha feito! Alegre! George deteve a vaga de palavras.

— Desculpa-nos, Tom — disse ele. — Estávamos com ar de te censurar e não era essa a nossa intenção. Se foi assim que interpretaste as nossas palavras, peço-te que nos perdoes.

Will Martin propôs: — A vida aqui é muito dura. Porque não lhe dizemos para vender tudo e ir viver para a cidade? Podia viver ainda muitos anos e bons. A Mollie e eu não nos importamos de o alojar em nossa casa.

— Não me parece que aceitasse — disse Will. — É teimoso como um burro e orgulhoso como um cavalo. Tem orgulho para dar e vender. Ernest, o marido de Olive, disse: — Não custa nada perguntar-lhe. Nós também o podíamos acolher... acolhê-los em nossa casa. Então todos se calaram porque se sentiam chocados à ideia de perderem o rancho, aquele deserto seco e pedregoso no meio das colinas.

Will Hamilton, por instinto e graças ao treino profissional, conhecia alguns princípios da psicologia, pelo que afirmou: — Se lhe pedirmos para apagar o fogo da forja, será a mesma coisa que pedirmos para apagar a chama da vida. Dirá logo que não.

— Tens razão, Will — respondeu George. — Metia na cabeça que abandonaria tudo, pensava que era uma covardia. Não, ele nunca poderá vender e, se o fizer, não sobreviverá uma semana.

Will propôs outro meio: — Talvez ele possa ir visitar-nos? O Tom tratava do rancho. O pai e a mamãe nunca saíram deste buraco, e o mundo tem dado muitas voltas. Talvez lhe refrescasse as ideias. Poderia voltar quando quisesse e recomeçar a trabalhar. E, daí, talvez que passado algum tempo já nem sequer tivesse vontade de voltar. É ele o primeiro a dizer que o tempo tem mais força do que a dinamite.

Dessie afastou uma madeixa de cabelos que lhe caíra para os olhos.

— Julgas que ele é assim tão estúpido? — perguntou ela.

Will falou por experiência.

— Às vezes os homens sentem prazer em ser estúpidos, pelo menos quando a estupidez permite fazer coisas proibidas pela inteligência. Não nos custa nada tentar. Que pensam? Houve meneios de cabeça na cozinha e só Tom não deu a sua aprovação.

— Tom, não estarias disposto a ocupar-te do rancho? — perguntou George.

— Não é isso — respondeu Tom. — Não custa nada tratar de uma coisa que não existe, que nunca existiu.

— Então porque não concordas? — É que teria a impressão de insultar o meu pai — respondeu Tom. — Ele compreenderia a artimanha.

— Nada nos impede de tentar.

Tom esfregou as orelhas até ficarem brancas.

— Não posso impedi-los — disse ele —, mas não os ajudarei.

George disse: — Podíamos mandar-lhe uma carta, uma espécie de convite com uma data de piadas. Quando ele estiver farto de estar em casa de um, vai para a casa do outro. Levará anos só para visitar todos os filhos.

As coisas ficaram por ali.

3

Tom foi buscar a carta de Olive, cujo conteúdo conhecia, a King City. Esperou que o pai ficasse só para entregar. Samuel estava a trabalhar na forja e tinha as mãos sujas. Pegou no envelope por um canto, pousou-o na bigorna e foi lavar as mãos à dorna. Abriu o envelope com um cravo de ferradura e saiu para o sol para ler a carta. Tom tirara as rodas da carroça e untava os eixos, observando o pai pelo rabo do olho.

Samuel terminou a leitura, dobrou a carta e guardou-a no envelope. Depois, sentou-se no banco diante da forja e olhou a direito. A seguir, abriu novamente a carta, releu-a, dobrou-a e tornou a guardá-la no bolso da camisa. Tom viu-o levantar-se e encaminhar-se lentamente para a colina, dando pontapés nas pedras.

Chovera ligeiramente e uma vegetação miserável despontava da terra. A meia encosta, Samuel acorcorou-se, apanhou um punhado de terra seca e espalhou-a na palma da mão com a ponta do dedo. Havia sílex, areia, parcelas de mica brilhante, uma pequena raiz e uma pedra com veios. Samuel deixou escorregar a terra por entre os dedos e limpou as mãos. Arrancou uma erva, meteu-a na boca e olhou o céu para lá da colina. Uma nuvem parda dirigia-se para leste à procura de uma floresta onde pudesse rebentar.

Samuel levantou-se e desceu a colina. Entrou na arrecadação e acariciou os pilares, depois deteve-se em frente de Tom, fez girar uma das rodas da carroça e contemplou o filho como se nunca o tivesse visto.

— Estás um homem — disse ele.

— Não sabias? — Sabia, sim, sabia.

Depois afastou-se de Tom. O rosto tinha a expressão que a família tão bem conhecia — divertia-se à própria custa. Depois de atravessar o jardimzinho triste, deu uma volta à casa; também estava velha, a casa. Até os últimos detalhes estavam velhos e cinzentos, e a massa em torno das vidraças estava toda

fendida. Quando chegou diante da porta, parou para ver toda a sua terra e, depois, entrou.

Liza entretinha-se a estender massa de torta na tábua dos folhados. Manejava o rolo com tanta destreza que a massa parecia animada de vida própria. Esmagava-se, adelgaçava-se, estendia-se, dir-se-ia elástica. Liza levantou a folha de massa, dispôs numa forma de torta e aparou as bordas com uma faca. Em cima da mesa estava uma tigela cheia de groselhas e suco vermelho.

Samuel sentou-se numa cadeira da cozinha, cruzou as pernas e olhou a mulher. Seus olhos riam.

— Não tens nada que fazer a uma hora destas? — perguntou ela.

— Se quisesse, tinha, mamãe.

— Não fiques aí que me pões nervosa. Se estás com preguiça, vai ler o jornal no quarto.

— Já li — disse Samuel.

— Todo?

— O que me interessava.

— Samuel, o que há? Estás pensando qualquer coisa, adivinho pela tua cara. Diz logo o que é para que eu possa acabar o bolo.

Samuel descruzou as pernas e sorriu à mulher.

— Uma mulher menor que a sardinha. Três juntas não chegariam para fazer uma pescada.

— Samuel, não estou achando graça nenhuma. Compreendo que gostes de brincar, mas ainda não são onze horas. Vai embora.

Samuel perguntou: — Liza, sabes o que significa a palavra “férias”?

— Não gosto que brinques de manhã.

— Sabes, Liza?

— Evidentemente que sei. Não sou assim tão idiota.

— Então explica.

— Quer dizer ir descansar à beira-mar, numa praia. Agora deixa de disparates e vai embora.

— Onde terás aprendido o significado dessa palavra?

— Não vais dizer que ideia tens na cabeça? Por que não haveria de conhecer tal palavra?

— Já a puseste em prática, Liza?

— Mas... Liza calou-se.

— Em cinquenta anos alguma vez tiveste férias, minha admirável mulherzinha?

— Samuel, peço o favor de saíres — disse ela com apreensão.

Ele tirou a carta do bolso e desdobrou-a.

— É da Olive — disse ele. — Convida-nos a ir a Salinas. Preparou dois quartos para nós. Quer que a gente conheça os filhos. E arranjou-nos bilhetes para a temporada do Chautauqua. Billy Sunday vai lutar com o Diabo e Bryan fará o discurso da Cruz de Ouro. Gostaria de ouvir. É velho como o mundo, mas parece que ainda consegue nos trazer lágrimas aos olhos.

Liza esfregou o nariz e sujou-se de farinha. — É caro? — perguntou ela com ansiedade.

— Caro? A Olive comprou os bilhetes. É um presente.

— Não podemos ir — disse Liza. — Quem trataria do rancho?

— O Tom. Para o trabalho que há no inverno...

— Ele se aborreceria sozinho.

— Talvez o George venha caçar codornas. Olha o que está no envelope.

— O que é isso?

— Dois bilhetes de trem para Salinas. Olive não quer que a gente tenha pretextos para recusar.

— Troca-os na estação e devolve-lhe o dinheiro.

— Não, Liza, não posso... Mamãe, toma, aqui tens um lenço.

— É uma toalha de prato — protestou Liza.

— Senta, mamãe. Pronto. Tiveste um choque com a ideia de descansar. Sei que é uma toalha de prato. Dizem que Billy Sunday leva o Diabo por todo o palco.

— É um blasfemo — disse Liza.

— Mesmo assim, gostaria de ver. Que dizes? Levanta a cabeça que não te ouço. Que disseste tu?

— Disse que sim — respondeu Liza.

Tom estava desenhando quando o pai se aproximou dele. O olhar de Tom pretendia ser inexpressivo, tentando adivinhar o efeito produzido pela carta de Olive.

Samuel contemplou o desenho. — O que é isso?

— Estou vendo se consigo descobrir um sistema para abrir a cancela sem ser preciso desmontar do cavalo. Isto aqui é a tranqueta.

— E como se abre?

— Com uma mola. Samuel estudou o desenho.

— E como se fecha?

— Com esta barra empurrada pela mola.

— Estou vendo — disse Samuel. — No fundo, talvez desse certo se a porta fosse reforçada, mas daria vinte vezes mais trabalho de fazer e de abrir do que se descêsemos do cavalo e abrísssemos à mão.

Tom protestou: — Às vezes, com um cavalo teimoso...

— Bem sei — disse Samuel. — O único pretexto razoável é que seria divertido.

Tom sorriu. — Me pegou.

— Se a tua mãe e eu fôssemos fazer uma viagensinha, achas que serias capaz de tratar do rancho?

— Claro que seria — respondeu Tom. — Onde vão?

— Olive nos convidou para ir a Salinas.

— Boa ideia — disse Tom. — A mamãe concorda?

— Inteiramente. Mesmo no que diz respeito ao dinheiro.

— Muito bem — disse Tom. — Quanto tempo pretendem ficar ausentes?

O olhar cintilante, sardônico de Samuel fixou-se em Tom que acabou por perguntar: — O que há, pai?

— A tua voz teve uma inflexão quase imperceptível, mas que não me passou despercebida. Tom, meu filho, não me aborrece que partilhes um segredo com teus irmãos. Até é uma boa coisa.

— Não entendo o que queres dizer — disse Tom.

— Eu entendo — respondeu-lhe o pai. — Ainda bem que não resolveste seguir a carreira teatral, porque darias um mau ator. A conspiração deve ter sido no Dia de Ação de Graças, quando estiveram todos juntos. E deu certo. Estou vendo a mão do Will nisto tudo. Não me digas se não quiseses.

— Eu era contra a ideia — disse Tom.

— Isso nem parece teu — disse o pai. — Nem que pusesses a verdade ao sol eu acreditava. Não digas aos outros que já sei.

Afastou-se mas voltou logo atrás e pousou a mão no ombro de Tom.

— Obrigado por me honrar com a verdade. Não é muito hábil, mas dá mais certo.

— Ainda bem que vais descansar.

Samuel ficou de pé diante da porta da forja olhando para o rancho.

— Dizem que as mães têm mais afeição pelos filhos feios — disse ele. Depois, meneando a cabeça com violência: — Tom, já que sabes guardar segredos, vou pagar-te na mesma moeda, pedindo-te que nunca digas nada a

nenhum dos teus irmãos: eu sei por que parto, Tom, e sei para onde vou. E sinto-me feliz.

Capítulo XXIV

1

Muitas vezes tenho perguntado a mim mesmo porque é que certas pessoas são afetadas e destroçadas, menos que outras, pelas verdades da vida e da morte. A morte de Una destruiu os diques da juventude, e a velhice entrou em Samuel. Mas Liza que, certamente, amava tanto a família como o marido, não foi atingida com a mesma violência. Continuou a viver da mesma maneira; conheceu a dor, mas sobreviveu-lhe.

Suponho que Liza aceitava a vida como a Bíblia, com os seus paradoxos e contradições. Não gostava da morte mas sabia que existia e, quando ela chegou, Liza não ficou surpreendida.

Samuel brincava e filosofava com a morte, mas não acreditava nela. À morte não fazia parte do seu universo. Ele próprio e tudo o que o rodeava eram imortais. Mas quando a verdadeira morte fez a sua obra, foi um ultraje, uma denegação da sua imortalidade, e a primeira fenda arrastou a queda de toda a estrutura. Creio que ele sempre julgara poder discutir com a morte, considerava-a um adversário pessoal com envergadura para ser vencido.

Para Liza, era apenas o fim prometido e esperado. A morte não a deteve e, apesar da sua dor, pôs o refogado ao lume, cozeu seis tortas e preparou o banquete funerário. Arranjou tudo de forma que Samuel tivesse uma camisa lavada, o fato de veludo preto escovado e os sapatos engraxados. Talvez seja assim que se fazem as uniões duráveis, em que as duas partes estão ligadas por forças complementares.

Samuel, mais ainda do que Liza, sabia resignar-se, mas a resignação deixava-o profundamente dilacerado. Liza observou-o atentamente depois de terem resolvido ir a Salinas. Ela ignorava o que se lhe metera na cabeça, mas, como mãe arguta que era, pressentia que ele preparava alguma coisa. Liza era completamente realista: tudo o mais lhe sendo indiferente, sentia-se feliz por ir visitar os filhos.

Alegrava-a a ideia de ir ver os filhos e os netos, assim como o sítio onde viviam. Nunca tivera uma marcada predileção pelos lugares, que considerava meras pausas no caminho para o Céu. Não gostava do trabalho e limitava-se a fazê-lo porque assim tinha de ser. Mas sentia-se cansada, cada vez lhe custava mais lutar contra as dores e o reumatismo que tentavam obrigá-la a ficar na cama de manhã — aliás, sem nunca o alcançarem.

Liza aguardava a partida para o Paraíso, jardim onde não se lavava roupa nem louça e onde não era preciso cozinhar. Aqui entre nós, havia umas coisinhas que ela não aprovava no Paraíso: cantava-se demasiado e não se percebia como é que os próprios eleitos conseguiam sobreviver à celestial preguiça. Ela logo arranjará alguma coisa para matar o tempo: nuvens para remendar, asas cansadas para friccionar, golas de túnicas para virar e, pensando bem, devia haver por lá muita teia de aranha a pedir vassoira.

A visita a Salinas divertia-a e assustava-a. A ideia agradava-lhe tanto que se pôs a cismar se não andaria por ali algum pecado oculto. E o Chautauqua? Não precisava de lá ir e, provavelmente, não iria. O Samuel era capaz de perder a cabeça e tinha de ser vigiado. Continuava a considerá-lo um rapazinho indefeso. Não sabia a orientação tomada pelo pensamento do marido e a destruição que lhe ameaçava o corpo.

Os lugares tinham muita importância para Samuel. O rancho era um parente e, quando o deixou, foi como se tivesse apunhalado um amigo. Mas assentara numa decisão e resolveu partir em beleza. Fez visitas cerimoniais a todos os vizinhos, os pioneiros do Vale que se lembravam dos bons tempos e, assim que os velhos amigos o viram desaparecer, compreenderam que não o tornariam a ver, se bem que ele nada tivesse dito. Samuel contemplou demoradamente as montanhas e as árvores e até as caras; como se quisesse lembrar-se delas para a eternidade.

Samuel reservou a última visita ao rancho de Adam Trask. Há meses que lá não ia. Adam já não era um homem novo, os filhos tinham onze anos e o Lee... oh!, meu Deus! o Lee estava na mesma.

— Há muito tempo que desejava vê-lo — disse Lee, indo recebê-lo — mas tenho tanto que fazer. E não tenho querido deixar de ir a San Francisco pelo menos uma vez por mês.

— Compreendo perfeitamente — disse Samuel.— Quando se sabe que um amigo está próximo, não se vai vê-lo e depois, quando ele desaparece, arreplamo-nos todos por não o ter visto com mais frequência.

— Soube o que se passou com a sua filha. Sinto muito.

— Eu recebi a sua carta, Lee. Fiquei com ela. Muito obrigado pelas suas palavras de conforto.

— Eram palavras chinesas — disse Lee. — Parece-me que cada vez fico mais chinês à medida que envelheço.

— Noto uma diferença qualquer, Lee. O que é?

— É o meu rabicho, Sr. Hamilton. Cortei-o.

— Ah! É isso, é.

— Cortamos todos. Não sabia? Morreu a imperatriz viúva. A China é livre. Os Manchus já não são nossos senhores e deixamos de usar rabicho em obediência a uma proclamação do novo governo. Já não se vê um único rabicho em todo o Celeste Império.

— E fez-lhe uma grande diferença, Lee?

— Nem por isso. É mais simples, mas parece que temos uma impressão de vazio na nuca, que é bastante incomoda. Temos sempre dificuldade em nos habituara uma comodidade.

— Como está o Adam?

— Está bem. Mas não mudou muito. Só queria saber como ele era antes.

— Também eu gostaria de saber. Teve uma primavera muito breve. Os filhos já devem estar crescidos.

— Pois estão. Ainda bem que me deixei ficar por cá. Aprendi muita coisa vendo-os crescer e ajudando-os a viver.

— Ensinou-lhes o chinês?

— Não, o Sr. Trask não queria e acho que tinha razão. Era uma complicação inútil. Mas sou amigo deles e eles são meus amigos. Creio que admiram o pai e que gostam de mim. São muito diferentes, nem pode imaginar até que ponto.

— Em que sentido, Lee?

— Há de vê-los quando voltarem da escola. Parecem os dois lados da mesma medalha.

— O Cal é inteligente, sisudo e observador, e o irmão... é um rapaz de quem se gosta mesmo antes de o ouvir falar e mais ainda depois.

— Não gosta do Cal?

— Já me tenho surpreendido a defendê-lo, perante mim mesmo. Ele luta para viver, enquanto que o irmão não precisa lutar.

— O mesmo se dá com a minha ninhada — disse Samuel. Não percebo por quê. Era caso para julgar que, com a mesma educação e o mesmo sangue, se pareceriam todos uns com os outros e, afinal, não: são completamente diferentes.

Daí a pouco, Samuel e Adam desceram a estrada sombreada para a entrada do pequeno vale de onde se avistava o Salinas.

— Fica para jantar? — perguntou Adam.

— Não quero ser responsável pela morte de alguns frangos — disse Samuel.

— O Lee fez carne assada.

— Então, nesse caso...

Adam tinha um ombro mais baixo do que o outro por causa do ferimento. O rosto mantinha-se fechado e impassível, enquanto o olhar apenas englobava o conjunto, ignorando os pormenores. Os dois homens pararam na estrada e contemplaram o vale, verdejante após as primeiras chuvas.

Samuel perguntou afavelmente: — Não sente uma certa vergonha em deixar esta terra inculta?

— Não tenho razão nenhuma para a cultivar — respondeu Adam. — Já uma vez falamos no assunto. Pensava que eu mudaria de opinião? Pois não mudei.

— Sente prazer em sofrer? — perguntou Samuel. — Julga-se grande e trágico?

— Não sei.

— Pense nisso. Talvez esteja a representar um papel num enorme palco diante de uma sala vazia.

Uma leve irritação transpareceu na voz de Adam: — Por que me vem pregar descomposturas? Gosto muito de o ver, mas por que tenta sempre perscrutar-me?

— Para ver se a cólera ainda não morreu aí. Sou um velho intrometido. Esta terra está por desbravar e, ao pé de mim, está um homem por desbravar. Não gosto do desperdício, talvez por nunca ter podido dar-me a esse luxo. Será possível que lhe agrade esta vida de marasmo?

— Que quer que eu faça?

— Uma nova tentativa.

Adam enfrentou Samuel. — Tenho medo de tentar — disse ele. — Prefiro continuar assim. Talvez já não tenha forças nem coragem.

— E os seus filhos? Gosta deles?

— Gosto... gosto.

— Tem alguma preferência?

— Por que diz isso?

— Não sei, pensei notar algo na sua voz.

— Vamos para casa — disse Adam. Caminharam lentamente sob as árvores. De súbito, Adam perguntou: — Já alguma vez ouviu dizer que a Cathy estivesse em Salinas? Diga, já alguma vez ouviu dizer isso?

— E você?

— Já, mas não acredito, não posso acreditar.

Samuel caminhou silenciosamente por um sulco da estrada. Pelo seu espírito perpassava a mesma preocupação que pelo de Adam e, com lassidão, sentiu reviver uma ideia que julgava morta. Acabou por dizer: — Ela nunca se afastou de ti?

— Talvez não. Mas já esqueci o tiro, nunca mais voltei a pensar nele.

— Não cabe a mim dizer como deve viver tua vida — disse Samuel.

— Sei muito bem que seria preferível que deixasse os subterrâneos dos seus “talvez” e que voltasse à superfície onde sopra o vento. Enquanto converso consigo, vou passando ao crivo todas as minhas recordações, como um homem que peneirasse o lixo de um bar para recolher o pó de ouro que se mete nas frinchas do soalho. Mas é trabalho de amador, nem isso chega a ser. Você ainda é muito novo para joeirar as recordações, Adam, por isso devia arranjar outras novas para que um dia a colheita na peneira pudesse ser mais rica.

Adam inclinara a cabeça para a frente e tinha os maxilares salientes de tanto os apertar. Samuel olhou-o furtivamente: — É isso — disse ele —, morda com quanta força tem. Muito gostamos de defender os nossos erros! Quer que lhe diga o que faz, para que não julgue tê-lo inventado? Quando se deita, depois de apagar a vela, vê-a aparecer à porta, com uma luz por detrás, e vê-lhe a camisa de dormir a agitar-se ao de leve. Ela aproxima-se devagar da sua cama e você, contendo a respiração, levanta a roupa para a receber e afasta a cabeça no travesseiro para lhe dar lugar. Começa a sentir o perfume da sua pele, que não tem rival no mundo...

— Cale-se! — gritou Adam. — Diabos o levem! Pare com isso. Sempre fuçando minha vida! Parece um coiote a fuçar uma vaca morta.

— A razão — continuou Samuel — é que um desses fantasmas também se aproxima de mim da mesma maneira, noite após noite, mês após mês, ano após ano, sempre, sempre, até hoje. Eu devia ter fechado o cérebro com duas voltas de chave e ter posto trancas no coração, mas nunca o fiz. Durante todos estes anos, tenho enganado Liza com essa recordação. Dei-lhe uma imitação do amor e fiquei com o verdadeiro para as horas da noite. Até cheguei a desejar que a Liza também tivesse um desses visitantes noturnos. Mas nunca o saberei. Acho que teria fechado o coração a cadeado e atirado a chave para o inferno.

Adam tinha as mãos tão enclavinhas que as falanges estavam brancas.

— Obrigame a duvidar de mim mesmo — disse ele furiosamente. — Sempre me obrigou. Chego a ter medo. Que acha que devo fazer, Samuel? Diga. Não sei como faz para ver as coisas com tanta clareza. Que acha que deveria fazer?

— Eu sei quais são os “deveria”, mas nunca os aplico. Sei sempre quais são os “deveria”. Deveria tentar encontrar uma nova Cathy, deveria deixar a nova Cathy matar a Cathy do sonho... Deixe-as lutar. Você seria o espectador que se casaria com a vencedora. Este é um “deveria” dos males o menos. O melhor seria procurar e encontrar um amor novinho em folha para expulsar o antigo.

— Tenho medo de experimentar — disse Adam.

— Já me disse isso. E agora vou ser egoísta. Vou embora, Adam, vim dizer adeus.

— O quê?

— A minha filha Olive convidou-nos, à minha mulher e a mim, para irmos a Salinas. Partimos depois de amanhã.

— Mas voltam?

Samuel prosseguiu: — Depois de estarmos em casa da Olive durante um mês, talvez dois, virá uma carta do George, e ele ficará ofendido se não formos visitá-lo em Paso Robles. E depois será Mollie que nos chamará a San Francisco. E depois será a vez do Will e até mesmo o Joe, que está no Leste, se Deus nos der vida e saúde.

— A ideia não lhe agrada? Bem o merece. Não se esqueça que levou anos regando com seu suor as colinas poeirentas.

— Eu gosto das minhas colinas poeirentas — disse Samuel. — Gosto delas como uma cadela gosta do seu cachorrinho estropiado. Gosto de cada seixo, de cada pedra que parte a relha do arado. Gosto da terra pobre e árida. Gosto do coração seco das minhas colinas porque sei existir riqueza algures nesse amontoado de poeira.

— Mas tem direito ao descanso.

— Já é a segunda vez que me diz isso. Era preciso aceitar e aceitei. Quando diz que mereço o descanso, quer dizer que a minha vida está terminada.

— Acha?

— Foi o que aceitei.

Adam disse com emoção: — Então, não pode, não deve aceitar, se isso significar o fim da sua vida.

— Bem sei — disse Samuel.

— Não pode fazer uma coisa dessas.

— E por que não?

— Porque eu não quero.

— Eu sou um velho bisbilhoteiro, Adam, e o que me aborrece é já não me meter no que não me diz respeito. Foi graças a isso que compreendi que já era tempo de ir ver os meus filhos. Agora até finjo que sou bisbilhoteiro para que os outros não desconfiem.

— Preferia vê-lo morrer a trabalhar no seu monte de poeira.

Samuel sorriu-lhe. — Que coisa tão agradável de ouvir! Obrigado. É bom ser amado, mesmo tardiamente.

Adam impediu subitamente a passagem a Samuel, que teve de parar. — Sei o que fez por mim — disse Adam —, e não posso retribuir. Mas posso pedir outra coisa. Quer me ajudar mais uma vez e salvar talvez minha vida?

— Se pudesse o faria...

Adam descreveu um arco de círculo com a mão para o lado do poente. — Estaria disposto a me ajudar a fazer nesta terra o jardim de que falamos? A erigir os moinhos de vento? A abrir os poços? A semear a alfafa? Podíamos negociar em sementes de flores, dá dinheiro. Imagine os canteiros de ervilhas de cheiro e os quadrados dourados de maravilhas, e talvez até dez acres de rosas. Que perfume não traria o vento de oeste! — Vai fazer-me chorar — disse Samuel —, e não há nada mais ridículo do que um velho a chorar.

Os olhos de Samuel umedeceram. — Agradeço-lhe muito, Adam — disse ele. — O vento de oeste já rescende à generosidade da sua oferta.

— Então aceita?

— Não. Recuso. Mas quando estiver em Salinas ouvindo William Jennings Bryan, imaginarei o jardim e talvez chegue a convencer-me de que já está florido.

— Mas eu quero que você o faça.

— Peça ao meu filho Tom, que ele ajuda. O pobre, se pudesse, cobriria o mundo de rosas.

— Sabe o que está fazendo, Samuel?

— Sei-o tão bem que já está quase feito.

— Como pode ser teimoso!

— Presunçoso — disse Samuel. — Liza diz que sou presunçoso. Mas deixei-me apanhar pela teia de aranha tecida pelos meus filhos e parece que estou gostando.

2

A mesa estava posta dentro de casa. Lee disse: — Gostaria de os servir debaixo das árvores, como noutros tempos, mas está uma aragem fria.

— Pois está, Lee — disse Samuel.

Os gêmeos entraram em silêncio e examinaram timidamente o convidado.

— Há muito tempo já que não os via, rapazes. Parece que acertamos com os nomes. Tu és Caleb, não és?

— Meu nome é Cal.

— Bem, Cal, então. — Voltou-se para o outro. — Descobriu um jeito de tirar o osso da garganta quando o pronuncias?

— Como?

— Seu nome é Aaron, não é?

— Sim, senhor.

Lee soltou um risinho abafado. — Ele soletra só com um “a” porque os dois “aa” fazem rir os amigos.

— Eu tenho trinta e cinco coelhas belgas, Sr. Hamilton — disse Aron. — O senhor quer vê-las? Com a primavera tive oito crias, nasceram ontem mesmo.

— Gostaria de ver, gostaria. — Sorriu maliciosamente. — Cal, não me digas que és jardineiro?

Lee voltou a cabeça com vivacidade e fixou Samuel com o olhar. — Não diga isso.

Cal respondeu: — No ano que vem, meu pai vai me dar um acre de terra para cultivar.

Aron disse: — Tenho um coelho que pesa oito quilos. É para dar ao meu pai quando fizer aniversário.

A porta do quarto de Adam abriu. — Não diga nada — pediu apressadamente Lee. — É um segredo.

Lee começou a cortar a carne. — O senhor lança sempre a confusão no meu espírito — disse ele.

— Sentem se, meus rapazes.

Adam entrou, desenrolando as mangas, e ocupou a cabeceira da mesa. — Boa tarde, meus filhos — disse ele.

E eles responderam em coro: — Boa tarde, pai.

— Não lhe diga — pediu Aron.

— Conta comigo — respondeu Samuel.

— De que se trata? — perguntou Adam.

Samuel respondeu: — Faça o favor de respeitar a nova vida privada. Seu filho e eu temos um segredo.

Cal disse por seu turno: — Eu também tenho um segredo para lhe dizer depois do jantar.

— Fico à espera — disse Samuel. — E espero não ter adivinhado do que se trata.

Lee ergueu a cabeça e fitou Samuel, depois colocou uma fatia de carne em cada prato.

Os rapazes comeram rapidamente, em silêncio, engolindo a comida como lobos esfaimados. Aron perguntou: — Dás licença, pai?

Adam aquiesceu e os dois rapazes saíram correndo. Samuel seguiu-os com o olhar. — Parecem ter mais de onze anos — disse ele. — Se bem me recordo, os meus filhos, aos onze anos, eram mais traquinas. Estes dois parecem adultos.

— Sêrio? — perguntou Adam.

— Acho que sei por que é — disse Lee. — É que não há mulher nenhuma em casa para gostar das crianças. Não me parece que os homens apreciem muito as crianças, e por isso estes rapazes nunca viram vantagem em se portar como tal, pois nada tinham a ganhar com isso. Gostaria de saber se isto é bom ou mau.

Samuel limpou o resto do molho que tinha no prato com um bocado de pão. — Adam, não sei se já reparou o que representa o Lee? Será um filósofo que sabe cozinhar ou um cozinheiro que sabe pensar? Tem-me ensinado muitas coisas. A ti também?

Adam respondeu: — Acho que nunca lhe prestei muita atenção ou, então, talvez fosse ele que não falasse.

— Por que não quis que os meninos aprendessem chinês, Adam?

Adam refletiu um momento: — Vou ser honesto: acho que tinha ciúmes. Dei outro nome a este sentimento mas, no fundo, não queria que pudessem se afastar de mim e enveredar por um caminho onde eu não poderia segui-los.

— É muito razoável e quase humano demais — comentou Samuel.— Mas o fato de o admitir já representa um grande passo. Gostaria de saber se alguma vez consegui chegar tão longe.

Lee trouxe a grande cafeteira, encheu as xícaras e sentou-se. Aqueceu a palma da mão encostando-a à xícara e riu. — Sabe que me arranjou uma série de aborrecimentos, Sr. Hamilton, e que até perturbou a calma da China? — De que maneira? — Tenho a impressão de já lho ter dito, — observou Lee-, mas talvez

me tenha limitado a pensá-lo, com a intenção de lhe dizer. Seja como for, é uma história divertida.

— Gostaria muito de conhecê-la — disse Samuel. — E olhou para Adam. — Não está interessado, Adam? Prefere deixar-nos para se ir refugiar nas nuvens? — Estava precisamente a fazer essa pergunta a mim mesmo — disse Adam. — É estranho, parece que me sinto excitado.

— Ótimo — disse Samuel. — Talvez seja o que de melhor pode acontecer a um homem. Conte-nos a sua história, Lee. O chinês levou a mão à nuca e sorriu.

— Sempre gostaria de saber quando é que me habituarei à falta do rabicho — disse ele. — Era muito mais útil do que julgava. Ah! pois, vamos lá então à minha história. Já lhe disse, Sr. Hamilton, que estou ficando cada vez mais chinês. E o senhor, tem-se tornado cada vez mais irlandês? — Tenho temporadas — disse Samuel.

— Lembra-se do dia em que nos leu os dezesseis versículos do quarto Capítulo do Gênesis? — Lembro-me perfeitamente e já foi há muito tempo.

— Quase dez anos — prosseguiu Lee. — A história impressionou-me muito e tornei a lê-la palavra por palavra. Quanto mais pensava nela, mais me parecia plena de significado. Então, resolvi comparar as traduções que temos; são muito parecidas. Só há uma passagem que me preocupa. Na versão King James, depois de Jeová perguntar a Caim qual a causa da sua cólera, acrescenta: “Por ventura, se tu obrares bem, não receberás recompensa? e se obrares mal, não estará logo o pecado à porta? Mas a tua concupiscência estará sujeita e tu dominarás sobre ela.” Foi o *tu dominarás* sobre ela que me impressionou, pois tratava-se de uma promessa feita a Caim de que dominaria o pecado.

Samuel aquiesceu.

— Ora, os filhos de Caim não o dominaram inteiramente — disse ele. Lee bebeu o café.

— Resolvi então consultar uma edição popular americana da Bíblia. Era uma novidade na época e diferia das outras nessa passagem, dizendo “domina-a” em vez de “dominarás sobre ela”. É nisto que reside toda a diferença. Já não é uma promessa, mas sim uma ordem. Comecei a interessar-me pelo caso, perguntando a mim mesmo qual seria o verbo utilizado pelo autor original e por que daria lugar a traduções diferentes.

Samuel pousou as mãos na mesa e inclinou-se para a frente, enquanto lhe passava um lampejo de juventude pelos olhos. — Lee — perguntou ele —, não me diga que estudou hebreu!

Lee respondeu: — Já lhe digo, mas é uma história muito comprida. Quer uma pinga de ng-ka-py?

— Refere-se a essa bebida com um sabor agradável de maçã podre?

— Isso mesmo. Ajuda a desatar a língua.

— Vai me ajudar a prestar mais atenção — respondeu Samuel.

Enquanto Lee estava na cozinha, Samuel perguntou: — Adam, sabia de alguma coisa?

— Não — respondeu Adam.— Ele nunca me disse nada. Ou talvez eu não lhe tenha ouvido dizer nada.

Lee voltou com a garrafa de pedra e três xicarazinhas de porcelana, tão finas e delicadas que deixavam passar a luz.

— Todos bebem moda chinesa — disse ele, servindo o líquido escuro. — Tem muito anis. É uma bebida excelente. Se beber bastante, produz o mesmo efeito que o absinto.

Samuel despejou a xícara.

— Gostaria de saber o que o interessava tanto — disse ele.

— Era opinião minha que o homem que concebera uma tão grande história sabia exatamente o que queria dizer e não o diria de forma dúbia.

— Você disse: o homem? Então não crê que seja um livro divino, escrito pela mão de Deus?

— Creio que o espírito que concebeu essa história era curiosamente divino. Temos alguns semelhantes na China.

— Só queria saber— disse Samuel. — Afinal de contas, você não é presbiteriano.

— Já lhe disse que me estava me tornando cada vez mais chinês. Como ia dizendo, fui a San Francisco, ao quartel-general da nossa associação familiar. Já ouviu falar nela? As nossas grandes famílias têm centros onde cada membro pode pedir auxílio ou prestá-lo. A família Lee é enorme e não desampara os seus.

— Já ouvi falar, já — disse Samuel.

— Está-se referindo sem dúvida à luta que eles travaram contra a escravidão das mulheres?

— É isso mesmo.

— A realidade é bastante diferente — disse Lee. — Fui até lá por haver na nossa família um certo número de venerandos cavalheiros muitíssimo sábios. Têm todos o culto da exatidão. Um deles pode ficar vários anos a refletir numa frase de outro sábio a quem vocês chamam Confúcio. Pensei que poderia encontrar alguém que me esclarecesse acerca do sentido de uma palavra. São uns

velhinhos estupendos. Fumam dois cachimbos de ópio todas as tardes, o que os faz descansar e lhes aguça o espírito. Depois refletem encantadoramente durante toda a noite. Creio que nenhum outro povo soube utilizar tão bem o ópio como nós.

Lee molhou a língua na beberagem negra.

— Submeti respeitosamente o meu problema à apreciação de um desses sábios. Li-lhe o capítulo e disse-lhe como o interpretava. Na noite seguinte, quatro deles reuniram-se e pediram-me que os acompanhasse. Discutimos toda a noite. — Lee riu. — Isto deve parecer esquisito — disse ele. — Creio que não ousaria contá-lo a muita gente. São capazes de imaginar quatro anciões muito dignos — o mais novo já passou dos noventa — metendo-se a aprender o hebreu? Até contrataram um rabino para os ajudar. Atiraram-se ao estudo como crianças: livro de exercícios, gramática, vocabulário, frases elementares. Só queria que vissem o hebreu escrito a tinta da China com um pincel! A escrita da direita para a esquerda não os atrapalhou, pois nós escrevemos de cima para baixo. Aqueles velhos têm o sentido da perfeição e foram até às raízes!

— E você? — perguntou Samuel.

— Eu os acompanhei, pasmo com a beleza dos espíritos lúcidos e imponentes. Comecei a gostar da minha raça e, pela primeira vez, desejei ser chinês. De quinze em quinze dias, ia ter com eles para discutirmos e, aqui mesmo, no meu quarto, enchi páginas e páginas com o que escrevi. Comprei todos os dicionários de hebreu existentes. Mas os venerandos cavalheiros passavam-me sempre à frente e também não precisaram de muito tempo para passar à frente do rabino que se viu obrigado a fazer-se acompanhar de um colega. Ali! Sr. Hamilton, muito gostaria eu que tivesse assistido a um desses serões. Que perguntas! Que estudos! Que maravilhosa maneira de pensar! Dois anos depois, chegamos à conclusão de que estávamos aptos a atacar os dezesseis versículos do quarto capítulo do Gênesis. As veneráveis criaturas também tinham a impressão de que o verbo era muito importante: tu dominarás sobre ela e domina-a. Foi então que descobrimos o nosso filão: Tu podes, Tu podes dominar a concupiscência, o pecado. Então, os antiquíssimos cavalheiros sorriram, abanaram a cabeça e compreenderam que todos aqueles anos não tinham sido em vão. Era o primeiro passo. Rasgaram o seu casulo de seda chinesa e, à hora a que lhes falo, estão aprendendo o grego.

Samuel comentou: — É uma história fantástica. Tentei segui-la mas talvez tenha deixado escapar alguma coisa. Porque é que esse verbo é tão

importante? As mãos de Lee tremeram quando encheu as xícaras translúcidas, bebendo a dele de um trago.

— Então não compreende? — perguntou em voz alta.— De acordo com a tradução da Bíblia americana, ordena-se ao homem que triunfe sobre o pecado, a que se pode chamar ignorância. A tradução de King James com o seu tu dominarás sobre ela promete ao homem uma vitória certa sobre o pecado. Mas a palavra hebraica, a palavra timshel — tu podes — deixa a escolha. Talvez seja a palavra mais importante do mundo. Significa que o caminho está aberto. A responsabilidade incumbe ao homem, pois, se tu podes, também é verdade que tu não podes, compreendem? — Compreendo, sim. Contudo você não acredita que seja uma lei divina. Porque acha então que seja importante? — Ah! — disse Lee. — Há muito tempo já que queria dizer. Previ mesmo as suas perguntas e preparei-me para lhes responder. Toda a frase que influenciou o pensamento e a vida de inúmeras pessoas é importante. Nas seitas e nas igrejas, milhões de fiéis obedecem à ordem “domina”, e entregam-se de alma e coração à obediência; milhões de outros acreditam na predestinação do “tu, dominarás”, e nada do que poderão fazer deterá a marcha do destino. Mas “tu podes” é algo que engrandece o homem e o eleva ao tamanho dos deuses, porque, apesar da sua fraqueza, da sua imundície e do assassinato do irmão, é ele ainda quem dispõe da grande escolha. Pode escolher o caminho, lutar para o percorrer, e vencer.

A voz de Lee era um canto de triunfo.

Adam perguntou: — Acredita nisso, Lee?

— Acredito, sim, acredito. Não custa nada entregarmo-nos à preguiça, à fraqueza, deixarmo-nos cair aos pés do deus, escondermos a cara dizendo: “Não tenho culpa, o meu caminho estava traçado. “ Compare isto com a grandeza do arbítrio. O homem torna-se um homem. O gato não tem direito à escolha e a abelha deve fabricar o mel. Tudo isto nada tem de divino. E sabe que os meus velhos sábios, que se deixavam delicadamente escorregar para a morte, tomaram um tal gosto à vida que já não querem morrer? Adam perguntou: — Quer dizer que essas chineses creem no Antigo Testamento?

Lee respondeu: — Os meus velhos sábios creem em todas as histórias verdadeiras que ouvem. São peritos em verdade. Sabem que esses dezesseis versículos contam a história da humanidade, quaisquer que sejam a sua idade, a sua cultura ou a sua raça. Não acreditam que um homem possa escrever quinze versículos contendo três quartos de verdade e mentir depois num verbo. Confúcio ensina aos homens como se deve viver para ser feliz, mas esta história é uma escada que se oferece ao homem para atingir os céus. — Os olhos de Lee

brilhavam. — É um ensinamento a reter. Essas palavras consolidam o chão sob os pés do homem e defendem-no da fraqueza, da covardia e da preguiça.

Adam perguntou: — Como foi que teve tempo para cozinhar, criar os meninos, tratar de mim e fazer tudo isso? — Não sei — disse Lee. — Mas fumo os meus dois cachimbos todas as tardes, como fazem os mais velhos, e sinto que sou um homem, e o homem é uma coisa muito importante, talvez mais importante ainda do que uma estrela. Isto não é teologia. Não dobrei a espinha perante os deuses, mas surgiu em mim um novo amor por esse instrumento brilhante que é a alma humana. É uma coisa maravilhosa e única no mundo. Está sempre a ser atacada e nunca é destruída, porque tu podes.

3

Lee e Adam acompanharam Samuel até à arrecadação para lhe desejarem boa viagem. Lee alumiaava o caminho com uma lanterna, pois era uma dessas noites precoces de inverno em que o céu está coalhado de estrelas e a terra parece duas vezes mais escura tal é o brilho das estrelas. As colinas estavam silenciosas. Não se ouvia bulir nenhum animal, nem roedor, nem de rapina, e o ar estava tão parado que as folhas dos carvalhos verdes se recortavam imóveis na Via Láctea. Os três homens mantinham-se em silêncio. A argola da lanterna rangeu devagarinho quando Lee desviou a luz.

— Quando pensa em voltar?

E Samuel não respondeu. Doxology aguardava pacientemente na estrebaria, de cabeça baixa e fitando com os olhos leitosos a palha que estava no chão.

— Sempre teve este cavalo? — perguntou Adam.

— Há trinta e três anos — respondeu Samuel. — Já não tem dentes e sou obrigado a dar-lhe na boca o caldo de feno aquecido. Quando dorme, tem pesadelos, arrepiase e até chega a chorar.

— É tão feio que mais parece um espantalho — disse Adam.

— Pois é. Talvez fosse por isso que o escolhi quando era ainda um potrinho, há trinta e três anos. Sabe que dei por ele dois dólares? Não tinha ponta por onde se lhe pegasse, os cascos eram chatos e os jarretes grossos e curtos. Tem a cabeça pequena e é teimoso, os flancos são magros e a garupa é enorme. Além disso, uma boca de ferro e nunca admitiu a retranca. Quando se monta, parece que damos um passeio de trenó numa estrada esburacada. Não sabe trotar

e estrebucha a cada passo. Tenho-o há trinta e três anos e nunca fui capaz de lhe descobrir uma qualidade. Posso dizer até que é vicioso. É egoísta, briguento, mau e desobediente. Hoje ainda, não posso pôr-me atrás dele, senão levo logo um coice. Quando lhe dou de comer, quer sempre morder-me a mão. Gosto dele.

Lee disse: — E pôs-lhe o nome de “Doxologia”?

— Com toda a razão — disse Samuel. — Uma criatura tão pouco amada dos deuses, devia ser recompensada de qualquer forma. Já pouco tempo de vida lhe resta.

— Talvez fosse preferível acabar com seus tormentos — disse Adam.

— Que tormentos? — perguntou Samuel. — É a criatura mais feliz e mais sólida que já vi até hoje.

— Mas deve ter dores e sofrimentos.

— Ele não acredita. Doxology se considera um grande cavalo. Você o mataria, Adam?

— Acho que sim. Mataria sim.

— Seria capaz de assumir essa responsabilidade?

— Creio que seria. Trinta e três anos de arreios é mais do que se pode esperar de um cavalo.

Lee pusera a lanterna no chão. Samuel acocorou-se ao lado e, instintivamente, estendeu as mãos para a réstia de luz amarela para captar um pouco de calor.

— Há uma coisa que me preocupa, Adam — disse ele.

— O que é?

— Mataria realmente meu cavalo porque a morte seria mais repousante?

— Eu quis dizer...

Samuel perguntou rapidamente: — Gosta da sua vida, Adam?

— Claro que não.

— Se eu tivesse um remédio que pudesse curá-lo, mas também matá-lo ao mesmo tempo, acha que te deveria dar? Veja bem.

— Que remédio?

— Não interessa — atalhou Samuel —, basta dizer que pode matá-lo.

Lee pediu: — Tenha cuidado, Sr. Hamilton, tenha cuidado.

— Qual é o remédio? — perguntou Adam.

Samuel respondeu mansamente: — Sem exemplo, Lee, parece que vou deixar de ser prudente. Se não tiver razão, está ouvindo?, se cometer algum erro, aceito a responsabilidade e não me importo que me atirem censuras.

— Tem certeza de não se enganar? — perguntou Lee com ansiedade.

— Não, não tenho certeza. Adam, quer o remédio?

— Quero, sim. Não sei o que seria, mas me dê.

— Adam, Cathy está em Salinas. É proprietária de um lugar onde imperam o vício e a depravação. Tudo o que é mau e feio, os atos contra a natureza, o horror, tudo o que a mente humana pode inventar demais ignóbil, lá se vende. Os inválidos e os doentes também vão lá se satisfazer. Mas há ainda pior. Cathy — ela agora se chama Kate — atrai a frescura, a juventude e a beleza e emporcalha-as de tal modo que ficam perdidas para sempre. Eis o remédio. Vejamos o efeito que faz.

— Você é um mentiroso — disse Adam.

— Não, Adam, eu sou tudo menos um mentiroso.

Adam voltou-se para Lee: — É verdade?

— Eu não sou um antídoto — disse Lee. — É verdade.

Adam ficou uns instantes saltitando até dar meia volta e desaparecer correndo. Ouviram os passos se afastando, ouviram-no estrebuchar, cair, esmagar a roseira e abrir passagem ao longo da vereda. Só deixaram de ouvi-lo quando desapareceu atrás da colina.

Lee disse: — O seu remédio é um veneno.

— Assumi a responsabilidade — disse Samuel. — Há muito tempo já que aprendi isto: quando um cão engole estricnina e vai morrer, é preciso pegar um machado e levar o animal para o cepo. Espera-se pela convulsão seguinte e, nessa altura, corta-se o rabo do animal. Se o veneno não estiver muito espalhado, o cão pode salvar-se; o choque da dor pode combater o veneno. Sem o choque, morre de certeza.

— Está certo de que se trata de um caso semelhante? — perguntou Lee.

— Não sei, mas o Adam estava condenado a morrer.

— O senhor é um homem valente.

— Não, sou apenas um velho, e se a minha consciência tiver de arcar com um pecado, já não será por muito tempo.

— Que acha que ele vai fazer? — perguntou Lee.

— Não sei — respondeu Samuel —, mas ao menos não ficará sentado a chocar o desgosto. Não se importa de segurar na lanterna? À luz amarelenta, Samuel introduziu o freio na boca de Doxology, um freio tão usado que mais parecia uma fina vareta de aço. Quanto ao cabresto, já não era utilizado desde tempos imemoriais. O velho cavalo podia estender o focinho, parar ou pastar à vontade à beira da estrada. Samuel já estava habituado. Ao apertar a retranca, o animal afastou-se e preparou um coice.

Quando Doxology já estava entre os varais do carro, Lee perguntou: — Posso acompanhá-lo um pouco? Depois, volto a pé.

— A caminho — disse Samuel. E fingiu não reparar que Lee o ajudava a montar.

A noite estava muito escura e Dox manifestava a sua reprovação pelos passeios noturnos tropeçando tanto quanto podia. Samuel disse: — Estou às suas ordens, Lee. Que queria dizer?

Lee não se mostrou surpreendido.

— Talvez eu me pareça contigo nisto de me meter onde não sou chamado. Tenho pensado muito, sei calcular as probabilidades, mas, mesmo assim, há pouco fiquei admirado. Teria sido capaz de apostar que, de todos os homens, o senhor seria o único a não prevenir o Adam.

— Já sabia?

— Evidentemente.

— E os filhos?

— Não creio que saibam, mas é uma questão de tempo. Sabe como as crianças são cruéis. Qualquer dia, atiram na cara dele.

— Talvez fosse preferível que ele os levasse para longe daqui — disse Samuel. — Pense no caso, Lee.

— Não respondeu à minha pergunta, Sr. Hamilton. Como foi capaz de fazer uma coisa destas?

— Acha que procedi mal?

— Não pretendia dizer isso. Mas não julgava que fosse homem para influir no curso de um destino. Era assim, pelo menos, que eu o julgava. Interessa o que estou dizendo?

— Qual homem que não fica interessado quando o discutem? — disse Samuel. — Prossiga.

— O Sr. Hamilton é um homem bom, e sempre acreditei que a sua bondade fosse uma consequência de evitar os aborrecimentos. O seu espírito é tão ágil como um cordeirinho a saltar num campo de malmequeres. Que eu saiba, nunca conquistou nada pela violência mas, nesta noite, praticou um ato que destruiu a imagem que eu tinha.

Samuel prendeu as rédeas num pau espetado no orifício de encaixe do chicote e Doxology continuou a tropeçar pelos sulcos do caminho. O velho afagou a barba que brilhou na noite. Depois, tirou o chapéu preto e colocou-o nos joelhos.

— Creio ter ficado tão surpreendido como você — disse ele — mas se quer saber por que, ponha a mão na consciência.

— Não estou compreendendo.

— Se me tivesse falado nos seus estudos mais cedo, talvez tivesse sido diferente, Lee.

— Continuo a não compreender.

— Cautela, Lee, não me puxe a língua. Já lhe disse que era mais ou menos irlandês, conforme os períodos. Ora, neste momento, estou atravessando o período máximo.

— O Sr. Hamilton vai-se embora e não torna a voltar, não tem a intenção de viver muito tempo.

— É, verdade, Lee. Como sabe?

— A morte paira ao seu redor, parece que irradia a morte.

— Não sabia que se notava, Lee — disse Samuel. — Sabe, Lee, eu vejo a minha vida como uma sinfonia, nem sempre bela, mas com a sua forma e a sua melodia, e há muito tempo já que a orquestra não tocava. Eu feria sempre a mesma nota, um desgosto infundo. Não sou só eu, tenho a impressão de que muitos de nós também concebem o fim da vida como uma derrota irremediável.

Lee disse: — Talvez seja por serem demasiado ricos. Tenho reparado que não há pior insatisfação do que a do rico. Alimentem um homem, vistam-no e metam-no numa boa casa, e verão que morre de desespero.

— A culpa é da sua tradução, Lee: Tu podes. Julguei que me esganavam e sacudiam. Quando a indisposição se dissipou, abriu diante de mim uma nova estrada resplandecente. O final da minha sinfonia será grandioso. O meu coração emite uma derradeira melodia como um canto de pássaro na noite.

Lee observava Samuel na obscuridade.

— Os anciãos da minha família tiveram a mesma sensação.

— “Tu podes dominar o pecado”, é isso mesmo. Não creio que todos os homens tenham sido destruídos. Posso citar uma dúzia deles que não o foram e é a eles que o mundo vai buscar a sua substância. Isto tanto se aplica aos cérebros como às batalhas, só recordamos os que ganharam. É certo que a maioria dos homens foram destruídos, mas há sempre alguns que, como faróis, guiam a humanidade assustada através da noite. Tu podes. Tu podes.

Que glória! É certo que somos fracos e tarados e briguentos, mas se fôssemos só isso, já teríamos desaparecido da face da terra há muitos milhares de anos. Uns restos de maxilar, alguns dentes partidos enterrados em calcário, seriam os únicos vestígios deixados pelo homem. Mas há o arbítrio, Lee, o

direito de vencer. Eu nunca o compreendera ou aceitara anteriormente. Foi por isso que falei ao Adam esta noite. Dei-lhe a escolha. Talvez fizesse mal, mas com o que lhe disse obriguei-o a viver ou a renunciar à vida.

— Como é a tal palavra, Lee?

— Timshel — disse Lee. — Não se importa de parar a carroça?

— O regresso vai ser demorado.

Lee desceu. — Samuel — disse ele.

— Aqui me tem. — O velho riu. — A Liza detesta que eu diga isto.

— Samuel, o senhor foi mais longe do que eu.

— Já não era sem tempo, Lee.

— Adeus, Samuel.

E Lee afastou-se rapidamente em sentido contrário, ouvindo as cambas de ferro das rodas moendo as pedras da estrada.

Voltou-se, olhou a carroça que se distanciava e viu o velho Samuel que se recortava no céu, com os cabelos brancos brilhando à claridade das estrelas.

Capítulo XXV

1

O inverno passou pelo vale do Salinas, diluviano mas esplêndido. As chuvas empaparam a terra, mas não houve cheias.

A erva já estava crescida em Janeiro; em Fevereiro, todas as pastagens estavam magníficas e o gado mostrava-se gordo e nédio. Em Março a chuva branda continuou a cair e cada aguaceiro esperava delicadamente que o anterior tivesse ensopado o solo para cair. Depois, o calor invadiu o Vale e a terra desabrochou em amarelo, azul e ouro.

Tom vivia sozinho no rancho, e até a colina poeirenta estava verde, e os sílices escondiam-se sob a erva, e as vacas dos Hamilton estavam gordas, e os carneiros dos Hamilton rebolavam-se na erva.

Ao meio-dia de 15 de Março, Tom sentou-se no banco diante da forja. De manhã fizera sol, mas nuvens pardas vindas do Oceano passavam por cima das montanhas e as suas sombras corriam na terra luzidia.

Tom ouviu um barulho de cascos e avistou um garoto de cotovelos afastados que empurrava um cavalo cansado em direção à casa. Tom levantou-se e dirigiu-se para a estrada. O garoto deteve-se diante da casa, tirou o barrete, atirou um sobrescrito amarelo para o chão, deu meia volta ao cavalo e partiu a galope.

Tom esboçou um gesto para o chamar, depois baixou-se com ar desanimado e apanhou o telegrama, indo sentar-se novamente no banco com o papel na mão. Então, olhou as colinas e a velha casa, como que para preservar alguma coisa, antes de rasgar o envelope e ler as quatro palavras inevitáveis: o nome e o apelido, o acontecimento e a data. Tom dobrou lentamente o telegrama em dois, depois em quatro, depois em oito, e continuou a dobrá-lo até o papel ficar do tamanho de um selo. Encaminhou-se para casa, atravessou a cozinha, a sala minúscula, e entrou no quarto. Tirou do armário o fato preto, uma camisa branca e uma gravata preta e colocou-os no espaldar de uma cadeira. Só então se estendeu na cama e virou a cara para a parede.

2

As caleças e os cabriolés tinham deixado o cemitério de Salinas. A família e os amigos regressaram a casa de Olive, na Central Avenue, para comer, beber café, ver como encaravam a coisa, e para fazer e dizer o que se faz e diz naquelas ocasiões. George ofereceu um lugar a Adam Trask na sua tipoia de aluguer, mas Adam recusou. Ficou errando no cemitério e acabou por se sentar no degrau de cimento que rodeava o jazigo de uma certa família Williams. Em redor do cemitério, gemiam os ciprestes sombrios, tradicionais, e violetas brancas cresciam a esmo nas áleas. Alguém trouxera um vaso e as sementes, dispersadas pelo vento, tinham germinado aqui e acolá.

O vento frio soprava sobre as tumbas e chorava nos ciprestes. Havia muitas sepulturas sobrepujadas por uma estreia de bronze que designava os mortos do Grande Exército, e em cada estrela estava espetada uma bandeira rasgada pela ventania e que ali fora posta no Decoration Day do ano anterior.

Adam contemplou as montanhas a leste de Salinas e o pico Fremont que as dominava. O ar estava cristalino, anunciando chuva. Não tardou que começasse a cair uma chuvarada, se bem que o céu não estivesse totalmente encoberto.

Adam chegara no trem da manhã. Primeiro, não quisera vir, mas sentira-se empurrado por uma força irresistível. Não podia acreditar que Samuel tivesse morrido, ouvia ainda a bela voz lírica, a sua toada cantante, a música curiosa das palavras estranhas, sempre diferentes daquelas por que se esperava. Na maioria dos homens, não custa nada adivinhar a palavra que vão proferir.

Adam vira Samuel no caixão e não quisera aceitar essa morte.

E como o rosto não se parecia com o de Samuel, Adam fora-se embora, levando a imagem do vivo.

Tivera de ir ao cemitério porque assim o exigiam as convenções, mas mantivera-se sempre afastado o bastante para não ouvir as palavras e, quando os filhos atiraram terra para cima da urna, distanciou-se e perdeu-se nos caminhos onde desabrochavam as violetas brancas.

O cemitério estava deserto e o murmúrio lúgubre do vento curvava as silhuetas dos ciprestes. O aguaceiro redobrou de violência.

Adam ergueu-se, todo arrepiado, caminhou lentamente pelo meio das violetas brancas e passou diante do novo coval. As flores tinham sido dispostas de modo a cobrirem o montículo de terra recentemente revolvida mas o vento já desfolhara as flores e atirara com os ramalhetes para a álea. Adam apanhou-os e tornou a pô-los em cima da sepultura.

Saiu do cemitério, empurrado pelo vento; não prestava atenção à chuva

que lhe ensopava e atravessava o fato preto. Romie Lane estava lamacenta e cheia de poças de água. A aveia brava e a mostarda cresciam à beira da estrada, os nabos silvestres atingiam proporções inesperadas e as cabeças dos cardos vermelhos dominavam o verde luxuriante da primavera úmida.

A lama de barro preto cobria os sapatos de Adam e sujava-lhe a bainha das calças. A estrada de Monterey ficava quase a uma milha de distância. Adam estava completamente enlameado e encharcado quando lá chegou e cortou para leste para entrar na cidade de Salinas. A água depositara-se na aba enrolada do chapéu e o colarinho molhado parecia uma rodilha.

Depois de John Street, a estrada virava e passava a chamar-se Main Street. Adam sacudiu a lama dos sapatos assim que chegou ao pavimento. As casas detinham o vento e, quase instantaneamente, pôs-se a tremer de frio. Acelerou o passo. Quase no fim de Main Street, entrou num bar. Pediu um conhaque, bebeu-o de um trago e pôs-se a tremer ainda com mais violência.

O Sr. Lapierre, atrás do balcão, viu-o tremer.

— Devia tomar outro — disse ele. — Vai apanhar uma constipação das boas. Quer um grogue? Não há nada melhor.

— Pois sim — disse Adam.

— Olhe, beba outro conhaque enquanto eu vou arranjar água quente.

Adam pegou no copo e foi sentar-se a uma mesa. Não se sentia bem na roupa molhada. O Sr. Lapierre voltou da cozinha com uma chaleira de água a ferver, pôs o copo com a bebida numa bandeja e levou-a para a mesa.

— Beba o mais quente que puder — disse ele. — Isto até tirava as tremuras a uma faia. — Puxou uma cadeira, sentou-se, mas tornou logo a levantar-se. Está-me a fazer frio — disse ele. — Vou preparar um também para mim. — Voltou a sentar-se em frente de Adam. — Faz logo efeito — disse ele. — Estava tão pálido quando entrou que me meteu medo. O senhor não é daqui? — Vivo perto de King City — respondeu Adam.

— Veio ao enterro? — Vim, vim, era um velho amigo meu.

— Bonito enterro? — Ah! pois.

— Não admira. Tinha muitos amigos. Foi pena que não estivesse bom tempo. Devia beber mais outro e ir deitar-se.

— É o que vou fazer — disse Adam. — Sinto-me confortado e sereno.

— Já é alguma coisa. Quem sabe se, ainda por cima, não evitou uma pneumonia? Depois de ter servido outro grogue, o Sr. Lapierre foi atrás do balcão buscar um trapo molhado.

— Tome, para limpar a lama — disse ele. — Um enterro Já não é alegre

e, então, quando chove, ainda fica mais triste.

— Só choveu depois — disse Adam. — Foi na volta que fiquei encharcado.

— Porque não dorme aqui? Mete-se na cama, mando-lhe um grogue ao quarto e, amanhã, já nem se lembra de nada.

— É o que vou fazer — disse Adam. Sentia o calor subir-lhe à cara e o sangue latejar debaixo dos braços, como se um líquido escaldante lhe percorresse as veias.

Depois o calor penetrou na parte mais fria da cabeça, no sitio onde escondia os pensamentos proibidos, que principiaram a derreter-se e a impregnar o resto do cérebro. Adam pegou no pano molhado e inclinou-se para a frente para limpar as calças. O sangue começou a latejar atrás dos olhos.

— Apetecia-me tomar outro grogue — disse ele. O Sr. Lapierre respondeu: — Se é para a constipação, já chega, mas se é só para beber qualquer coisa, tenho rum da Jamaica. Aconselho-o a que o tome puro. Cinquenta anos de idade! A água mata o gosto.

— Apetece-me beber — disse Adam.

— Faça-lhe companhia. Há meses que não abro a garrafa, é coisa que não tem muita saída. Aqui preferem o uísque.

Adam limpou os sapatos e deixou a rodilha no chão. Bebeu um golo de rum escuro e tossiu. A bebida forte exalou um perfume agradável e atingiu-o na base do nariz, como se lhe desse uma pancada. A casa pareceu balançar e, depois, recuperar o equilíbrio.

— É bom, hem? — perguntou o Sr. Lapierre. — É capaz de derrear um homem. Mais vale contentar-se com o primeiro, a não ser, evidentemente, que queira ficar derreado. Há pessoas que gostam disso.

Adam fincou os cotovelos na mesa, sentindo-se invadido por uma necessidade de falar que o deixou assustado. A sua voz não se assemelhava à sua voz, e as palavras pasmaram-no.

— Eu não conheço bem a terra — disse ele. — Sabe onde fica a Kate? — Jesus! Este rum ainda é melhor do que eu julgava — disse o Sr. Lapierre. E acrescentou: — É Trask.

— Vive no campo? — Vivo, sim, tenho um rancho perto de King City. O meu nome — Muito prazer. Casado? — Já não sou.

— Viúvo? — Sim.

— Vá à casa da Jenny. Deixe a Kate sossegada, não é coisa que lhe convenha. A Jenny fica a dois passos. Vá lá que encontra o que procura.

— A dois passos? — Corte à direita e, no segundo quarteirão, torne a virar à direita. Qualquer pessoa lhe dirá onde fica a rua.

Adam sentia a língua enrolada.

— Qual é o defeito da Kate? — Vá à casa da Jenny — respondeu o Sr. Lapierre.

3

Era uma noite medonha. Castroville Street parecia um atoleiro e, no bairro chinês, a lama era tanta que os habitantes tinham posto pranchas na rua que separava as cabanas. As nuvens coladas no céu noturno eram cor de pêlo de rato. A atmosfera não estava úmida, mas abafadiça. Julgo que a diferença é a seguinte: enquanto a umidade desce, o ar abafado, produto da podridão e da fermentação, sobe da terra. O vento da tarde amainara, deixando o ar áspero e cortante. O frio era suficiente para dissipar os véus que o rum tecera no espírito de Adam, sem contudo o devolver à sua natural timidez. Adam caminhava rapidamente no passeio de terra batida, com os olhos pregados no chão para não tropeçar nas pedras. A dupla fila de casas era fracamente iluminada pela lanterna da passagem de nível e por um pequeno globo de filamento de carvão aceso à porta da Jenny.

Adam informara-se bem. Contou duas casas, mas ia falhando a terceira, dissimulada por uma alta sebe, escura e muito frondosa. Através do portão, deitou uma olhadela à entrada antes de enveredar pelo carreiro cheio de erva. Na meia escuridão conseguiu distinguir a porta desconjuntada e os degraus carcomidos. Todos os vestígios de pintura tinham desaparecido há muito tempo das paredes e nunca nenhum jardineiro se interessara pelo jardim. Se não fosse a nesga de luz que enquadrava os estores, Adam teria prosseguido o seu caminho, supondo que a casa estivesse desabitada. Receou que os degraus cedessem sob o seu peso e as tábuas do patamar rangeram quando as pisou.

A porta abriu e apareceu uma silhueta confusa.

— Entra, anda — disse uma voz aveludada.

A sala de espera estava frouxamente iluminada por pequenos globos tapados com abajures cor-de-rosa. Adam sentiu um espesso tapete debaixo dos pés. Móveis encerados luziam sob quadros com molduras douradas. Respirava-se uma atmosfera de bem-estar e de ordem.

— Devias ter trazido uma gabardina — disse a voz suave. — És

conhecido? — Não — disse Adam.

— Vens da parte de quem? — Uma pessoa do hotel.

Adam lançou um olhar indagador à moça vestida de preto e sem adornos. Um rosto matreiro — bonito e matreiro. Tentou lembrar-se do animal noturno e sorrateiro com que ela se parecia. Era um desses animais predatórios e misteriosos.

Ela disse: — Se quiseres, posso aproximar-me da luz.

— Não.

Ela riu. — Senta-te aí. Vieste cá para alguma coisa, não é verdade? Se me disseres o que queres, arranjo-te a pequena que te convém.

A voz grave parecia um instrumento cortante. A moça escolhia as palavras como se escolhem flores num jardim, e era com todo o vagar que o fazia.

Adam sentia-se desajeitado. Por fim, conseguiu dizer: — Queria ver a Kate.

— A menina Kate está agora ocupada. Marcaste encontro?

— Não.

— Posso atender-te, sabes?

— Eu quero ver a Kate.

— Posso saber de que se trata?

— Não.

A voz da moça tornou-se cortante como uma lâmina acabada de afiar.

— Ela não pode recebê-lo, está ocupada. Se não é mulher, nem outra coisa que procura, o melhor é ir embora.

— Não se importa de lhe dizer que estou aqui? — Ela conhece-o? — Não sei. — Sentia a coragem abandoná-lo, reconhecia o frio que o invadia. Não sei. Faça o favor de lhe dizer que o Adam Trask desejava vê-la. Ela logo saberá se me conhece ou não.

— Está bem. Vou dizer-lhe.

Dirigiu-se silenciosamente para uma porta à direita e abriu-a.

Adam ouviu murmurar umas palavras e um homem meteu a cabeça pela porta. A moça deixou a porta aberta para que Adam percebesse que não estava só. Numa parede da sala, espessos reposteiros escuros dissimulavam uma abertura. A moça afastou os pesados reposteiros e desapareceu. Adam sentou-se novamente. Sem mexer os olhos, viu que o homem tornara a espreitar pela porta e desaparecera.

O quarto de Kate fora concebido para trabalhar confortavelmente e já não

se assemelhava em nada ao quarto onde Faye vivera. As paredes eram forradas de seda cor de açafão e os cortinados duplos eram verde-maçã. Havia uma atmosfera sedosa: profundas poltronas com almofadas forradas de seda, candeeiros com abajures de veludo e um grande leito no fundo do quarto, coberto com uma resplandecente colcha de cetim branco sobre a qual se erguia uma enorme montanha de almofadas. Nem quadros nas paredes, nem fotografias, nem objetos pessoais. No tampo de ébano do toucador, junto da cama, não se viam frascos nem boiões. O espelho de três faces apenas refletia a nudez da madeira.

O tapete chinês era antigo e fofo: dragões verde-garrafa em fundo açafão. Um canto da sala era o quarto propriamente dito, o centro destinava-se a receber os visitantes e o outro canto estava reservado aos negócios: estantes de castanho encerado, um grande cofre-forte preto com pinturas a dourado, e uma secretária de tampo móvel tendo em cima um candeeiro duplo com quebra-luz verde; uma poltrona giratória atrás da secretária e uma cadeira ao lado.

Kate estava sentada à secretária. Ainda era bonita. O cabelo readquirira o louro natural, os lábios firmes soerguiam-se nas comissuras, como dantes, mas o corpo estava mais cheio. Os ombros tinham engordado e as mãos magras começavam a enrugar.

A cara estava bochechuda e a pele debaixo do queixo era flácida.

Continuava a ter pequenos seios que se apagavam sobre um rolo de gordura no lugar do estômago. As ancas eram estreitas, mas as pernas e os pés tinham engordado a ponto de os tornozelos extravasarem dos sapatos sem salto. Sob as meias, adivinhavam-se vagamente as ligaduras elásticas que continham as varizes.

Apesar disso, ainda tinha boa aparência. Só as mãos haviam de fato envelhecido. As palmas e os dedos ainda estavam lisos, mas as costas tinham rugas e manchas castanhas.

O vestido era de um negro severo, com mangas compridas, e só os tufos de renda branca no peito e nos punhos formavam contraste.

O trabalho dos anos fora sutil. Se alguém tivesse vivido durante todo esse tempo ao lado de Kate, é provável que nunca desse pela mudança. O rosto parecia cheio, os olhos vivos e sem olheiras, o nariz delicado, e os lábios firmes e finos. Mal se adivinhava a cicatriz da testa, escondida sob uma camada de pó cor de pele.

Kate examinava um maço de fotografias, todas do mesmo formato, tiradas pelo mesmo aparelho, à luz violenta do magnésio.

Se bem que os pares diferissem, a pose era rigorosamente idêntica em todas as fotografias — A cara das mulheres nunca estava virada para a objetiva.

Kate dividiu as fotografias em quatro lotes que guardou em quatro espessos envelopes. E quando bateram à porta, meteu-os numa gaveta da secretária.

— Entre! Oh! Entra, Eva. Ele está aí? A moça aproximou-se da secretária antes de responder. Sob a luz mais forte, tinha o rosto contraído e os olhos dilatados.

— É um desconhecido. Diz que quer vê-la.

— Tenho muita pena, Eva, mas bem sabes por quem espero.

— Disse-lhe que estava ocupada, mas ele diz que acha que a conhece.

— Como é ele?

— É um cara alto, um pouco distraído. O nome é Adam Trask.

Kate não estremeceu nem emitiu nenhum som, mas Eva sentiu que a atingira no alvo. A mão direita de Kate dobrou-se devagar, enquanto a esquerda se esticava, como um gato magro, para se enclavilhar na borda da secretária. Kate ficou imóvel, como se contivesse a respiração. Eva ficou atarantada e pensou logo na caixa da seringa que guardava numa gaveta da cômoda.

Finalmente, Kate disse: — Senta-te nessa cadeira, Eva, e vê se sossegas um instante. Como a moça não se mexia, Kate chicoteou-a com uma palavra: — Sentada!

Domada, Eva dirigiu-se para a cadeira.

— Não brinques com as unhas — disse Kate. As duas mãos separaram-se e foram crispar-se nos braços da cadeira. Kate olhou para a frente e os seus olhos fixaram-se no abajur verde do candeeiro. Depois, fez um movimento tão rápido que Eva se sobressaltou e os seus lábios estremeeceram. Kate abriu a gaveta da secretária e tirou um papel dobrado.

— Toma, vai para o teu quarto e vê se te recompões. Não tomes tudo... Não, não confio em ti. — Kate desdobrou o papel, rasgou-o ao meio, dividiu o pó branco que continha e fez duas novas embalagens, estendendo uma delas a Eva. — Agora, despacha-te. Quando tornares a descer, diz ao Ralph que vá para a porta. Ele que se aproxime o bastante para poder ouvir a campainha, mas que se afaste o suficiente para não ouvir as vozes. Não te esqueças de o vigiar. Ele que se livre de subir os degraus para me espiar. Se ele ouvir a campainha... Não, mais vale... Não. Ele que faça como quiser. Depois, mandas entrar o Sr. Adam Trask.

— Não haverá novidade, menina Kate?

Kate deixou-a afastar-se e, depois, voltou a chamá-la.

— Quando ele for embora, dou a outra metade. Agora, despacha-te.

Assim que a porta se fechou, Kate abriu a gaveta da direita da secretária e tirou um revólver de cano curto. Verificou se estava carregado e colocou-o em cima da secretária, dissimulando-o com uma folha de papel. Em seguida, apagou um dos candeeiros e instalou-se na poltrona, com as mãos juntas em cima da secretária.

Quando bateram à porta, Kate disse, mal remexendo os lábios: — Entre! Eva tinha os olhos úmidos e mostrava-se descontraída.

— Ei-lo — disse ela.

E afastou-se para dar passagem a Adam.

Adam olhou a sala antes de ver Kate calmamente sentada à mesa.

Contemplou-a com espanto, antes de avançar lentamente para ela. Kate descruzou as mãos, e a direita dirigiu-se para o papel. O olhar frio e desprovido de expressão não se desprendia dos olhos de Adam. Ele viu o cabelo, a cicatriz, os lábios, a garganta enrugada, os braços, os ombros, e os seios lisos, e suspirou profundamente. A mão de Kate tremeu de leve.

— Que queres tu? — perguntou ela.

Adam sentou-se numa cadeira. Queria gritar seu alívio, mas disse apenas: — Nada, por enquanto. Queria ver-te. Sam Hamilton disse que estavas aqui.

Assim que ele se sentou, ela deixou de tremer. — Então não sabias?

— Não — respondeu ele —, não sabia. A notícia me deixou um pouco zozzo, mas agora já estou melhor.

Kate descontraiu-se. Sorriu e mostrou os dentinhos com os caninos mais compridos.

— Assustaste-me — disse ela.

— Por quê?

— Não sabia o que farias.

— Eu também não — respondeu Adam.

E continuou a fitá-la como se fosse uma figura de cera.

— Esperei muito tempo por ti e, quando vi que não aparecias, te esqueci.

— Eu não te esqueci — disse ele. — Mas a partir de hoje, já poderei.

— Por quê?

Ele soltou um riso divertido. — Porque estou te vendo. Samuel tinha me dito que eu nunca te vira, e é verdade. Recordo de teu rosto, mas nunca a tinha visto. Agora, já posso esquecer.

Kate contraiu os lábios e semicerrou os olhos.

— Achas que sim?

— Sei que posso.

Ela mudou de atitude.

— Talvez não seja necessário — disse ela. — Compreendeste tudo, podemos entender-nos.

— Não me parece — disse Adam.

— Que grande imbecil tu foste — disse ela. — Um autêntico garoto. Não sabias o que fazer de ti. Agora, já posso ensinar, tens o ar de um homem.

— Já me ensinaste — disse ele. — Foi uma dura lição.

— Queres beber alguma coisa?

— Sim.

— Pelo teu hálito, já bebeste rum.

Kate ergueu-se e foi buscar uma garrafa e dois copos num armário. Ao voltar-se, reparou que ele lhe examinava os tornozelos avolumados. Sentiu-se invadida por uma cólera fugaz, mas continuou a sorrir.

Encaminhou-se para a mesa redonda e encheu os dois copos de rum.

— Vem para aqui — disse ela. — É mais confortável.

Na altura em que ele se levantava para se ir sentar numa grande poltrona, Kate viu que ele não desviava os olhos do seu estômago proeminente. Ela estendeu-lhe o copo, sentou-se e cruzou as mãos em cima da barriga.

Adam ficou de copo na mão e ela disse: — Bebe. É um rum muito bom. — Ele sorriu-lhe com um sorriso que ela nunca lhe vira. — Quando a Eva me disse que tu estavas cá, a minha primeira reação foi mandar-te pôr na rua.

— Teria voltado — disse ele. — Tinha que te ver, não por falta de confiança no Samuel, mas porque precisava de o demonstrar a mim mesmo.

— Bebe.

Adam olhou o copo. — Não penses que te envenenaria... Deteve-se, furiosa por ter dito aquilo.

Ele continuou a fitar o copo com um sorriso. A fúria descompôs as feições de Kate, que ergueu o copo e o levou à boca.

— O álcool me deixa doente — disse ela —, nunca bebo. Para mim, é pior que veneno.

Fechou a boca e os dentinhos afiados morderam o lábio inferior.

Adam continuava a sorrir.

Kate despejou o copo de um trago, tossiu, chorou e limpou os lábios com as costas da mão.

— Não pareces confiar muito em mim — disse ela.

— Pois não.

— Não posso beber mais — disse ela, aflita.

— Ninguém te obriga. Vou beber só mais este antes de me ir embora.

— O álcool queimava a garganta de Kate e libertava aquela força que a assustava. Bebeu o segundo copo.

— Tu não me metes medo, Ninguém me mete medo.

— Nada tens que recear de mim — disse Adam. — Agora, podes esquecer-me. Aliás, foi o que já se deu, tu assim o disseste. — Adam sentia-se protegido, maravilhosamente bem, tão bem como nunca estivera há muitos anos.

— Fui ao enterro de Sam Hamilton. Era um homem de bem. Vai me fazer muita falta. Lembras-te, Cathy? Foi ele quem ajudou a nascer os gêmeos.

O álcool produzia os seus efeitos no corpo de Kate. Ela tentava disfarçar, mas tinha a cara contraída.

— Que há? — perguntou Adam.

— É o álcool, eu bem te disse que ele me punha doente.

— Eu não podia correr o risco de confiar em ti — disse ele calmamente.

— Acho-te capaz de tudo depois daquele tiro.

— Capaz de quê? — Ouvi falar em coisas nojentas...

Kate teve um momento de distração e os vapores do álcool penetraram pela brecha. Perdera a batalha. A vontade cedeu. Uma crueldade imprudente substituiu o medo. Kate empunhou a garrafa e encheu o copo.

Adam teve de se levantar para encher o dele. Sentia-se habitado por um sentimento que lhe era completamente estranho. Regozijava-o o espetáculo que lhe oferecia a mulher, dava vontade de um castigo mais forte, mas mantinha-se na expectativa. “Atenção, não convém falar.” Adam disse em voz alta: — Sam Hamilton era o meu melhor amigo. Vai me fazer falta.

Ela levou o copo desajeitadamente à boca e o líquido escorreu pelo canto dos lábios.

— Eu o odiava — disse ela.

— Por quê? Ele foi bom para nós.

— Ele olhava... ele rebuscava em mim.

— Fez o mesmo comigo e me ajudou.

— Odeio-o — disse ela. — Ainda bem que morreu.

— Se alguém tivesse te ajudado a compreender o que havia em ti, talvez não chegasses a este ponto — disse Adam.

Os lábios de Kate fizeram um esgar irônico.

— Tu és um idiota — disse ela. — A ti não odeio, não passas de um

pobre idiota. Eu o teria matado se pudesse.

Quanto mais ela se excitava mais Adam se sentia senhor de si.

— Isso, senta e ri de lado! — berrou ela. — Com que então, julgas-te livre? Uma pinga de álcool e já te tomas por um homem! Se eu quisesse, bastava levantar um dedo para te arrastares de joelhos e te pões a suplicar. — Desencadeara-se a sua necessidade de domínio. Perdera por completo a prudência de raposa. — Eu bem te conheço — disse ela. — Tens alma de covarde.

Adam continuou a sorrir. Bebeu um golo, o que incitou Kate a encher outro copo. O gargalo da garrafa tilintou.

— Tu foste útil quando fiquei ferida — disse ela —, mas tua pieguice enjoava-me. Quando deixei de precisar de ti, tentaste reter-me. Acaba com esse sorriso, que me enerva!

— Gostaria de saber o que é que tu odeias tanto nas pessoas.

— Queres saber? Mas não é ódio, é apenas desprezo! Pequena, ainda, já sabia que meus pais não passavam de seres pretensamente bondosos — uns autênticos idiotas! — de quem eu fazia o que queria. Sempre fiz o que quis das pessoas. Até arrastei um homem ao suicídio. Esse também se armava em virtuoso, mas o que queria era dormir comigo, com uma mocinha.

— Disseste que se matou. Devia ter um desgosto muito grande por qualquer motivo.

— Um idiota. Ouviu-o suplicar à nossa porta. Ri toda a noite.

Adam disse: — Não gostaria que me pesasse uma morte na consciência.

— Tu não passas de um sentimental. Recordo-me do que diziam as pessoas: “Ela é tão bonita, tão meiga, tão delicada.” Ninguém me conhecia. Eu obrigava a saltarem através de arcos e não davam por nada.

Adam despejou o copo. Na sua lucidez etílica, via nascer e ziguezaguearem os impulsos de Cathy, como filas de formigas em marcha.

— Pouco se me dá que não tenhas gostado do Sam Hamilton. Eu sempre o achei um homem inteligente. Ele disse-me uma vez que as mulheres que afirmam conhecer os homens só conhecem, afinal, uma parte, e não concebem que exista outra coisa. O que não implica que essa outra coisa não exista.

— Era um mentiroso e um hipócrita — vociferou Kate. — São os mentirosos que eu odeio, e todos são mentirosos. Apetece-me esfregar-lhes o nariz nas porcarias que fazem.

Adam ergueu as sobrancelhas.

— Então julgas que neste mundo só existe vício e loucura?

— Exatamente.

— Pois eu não sou dessa opinião — disse, calmamente Adam.

Ela imitou-o: — Tu não és dessa opinião! Tu não és dessa opinião!

Queres que te prove?

— É impossível — respondeu ele.

Kate ergueu-se de um salto, correu à mesa e pegou os envelopes.

— Vê isto — disse ela.

— Não quero.

— Hás de vê-las de qualquer maneira.

— Pegou uma fotografia. Olha, é um senador estadual! Está convencido que vai para o Congresso. Olha-me para esta barriga! Tem seios como uma mulher e gosta do chicote. Esta mancha clara, aqui, é uma marca do chicote. Vê bem a expressão do rosto. Tem mulher e quatro filhos e vai candidatar-se ao Congresso. Ali! Não queres acreditar! Pois, olha, olha! Esta alforreca esbranquiçada é um conselheiro municipal. Este pacote de banha é um sueco que tem um rancho perto de Blanco. Olha este, olha! É um professor de Berkeley. Corre essa distância toda até aqui para lhe despejarem um penico na cara, e é um professor de filosofia! Vê, vê, guardei a melhor para o fim! É um ministro da Santíssima Trindade, um irmãozinho de Jesus. Antigamente, tinha de incendiar uma casa para ter um espasmo. Nós conseguimos isso de outra maneira. Estás a ver este fósforo que lhe queima as costelas?

— Não quero ver isso — disse Adam.

— Mas sempre viste! Ah! não queres acreditar! Se eu quiser, hás de me suplicar que te deixe entrar aqui. Hás de uivar como um cão à Lua. — Ela tentava comunicar-lhe a sua vontade, mas viu que ele se mantinha afastado, livre. — Ninguém me escapa — disse ela em voz baixa.

Kate tinha os olhos frios mas rasgava o tecido na poltrona com as unhas, como um galo.

Adam suspirou.

— Se eu tivesse essas fotografias e esses homens o soubessem, não dava muito pela minha vida — disse ele. — Imagino que uma só dessas provas bastaria para arruinar uma existência. Não tens medo do risco? — Pensas que sou alguma criança? — perguntou ela.

— Agora já não — disse Adam. — Começo a crer que és um ser perverso sem nada de humano. Kate sorriu.

— Acertaste em cheio — concordou ela. — Como se pode desejar ser humano? Olha para estas fotografias! Preferia ser uma cadela, mas não sou. E

sou mais esperta do que os humanos. Ninguém consegue atingir-me. Não te rales, não arrisco nada. — Apontou uma estante com o dedo. — Tenho uma centena de lindíssimas imagens ali dentro. E as pessoas que representam sabem que se me acontecesse alguma coisa, cem cartas, cada uma com a sua fotografia, seriam postas no correio no mesmodia e que não deixariam de chegar onde podem causar mais mal. Descansa, que não receio coisa nenhuma! — Mas supõe que sofres um acidente...

— Isso não tem importância nenhuma. — Aproximou-se dele.

— Vou confiar-te um segredo que esses homens ignoram. Daqui aalguns anos, vou embora. E no dia da minha partida os envelopes serão postos no correio, apesar de tudo.

Kate atirou-se para trás e desatou a rir. Adam estremeceu, observando-a minuciosamente. A expressão e o riso eram pueris e inocentes. Ergueu-se e serviu-se de meio copo de rum. A garrafa estava quase vazia.

— Tu odeias nesses homens o que não podes compreender, e não o que há de mau neles. Odeias essa parte que lhes é própria e que tu não podes atingir. Por que fazes isso? Com que fim? — Terei todo o dinheiro que quiser e irei para Nova York antes de ser velha. Comprarei uma casa num belo bairro e terei criados. Irei depois à procura de alguém e, se ele ainda estiver vivo, arrancar-lhe-ei a vida a pouco e pouco, muito devagar, com toda a cautela para que o sofrimento não o mate de repente. Se tiver cuidado, há de enlouquecer antes de morrer.

Adam bateu no chão com o pé.

— Que disparate! — exclamou ele. — Nada disso é verdade. É uma loucura. Não acredito, não pode ser verdade.

— Recordas-te da primeira vez em que me viste?— perguntou ela.

Adam pôs-se carrancudo. — Deus meu, se me recordo!

— Recordas-te do meu maxilar fraturado, da boca esmagada e dos dentes partidos?

— Recordo-me perfeitamente, mas prefiro esquecer.

— O meu maior prazer será tornar a encontrar o homem que me fez isso. Depois... depois passarei a outros prazeres.

— Tenho de ir embora — declarou Adam.

— Não vás já, meu querido — disse ela. — Fica um pouco mais, meu amor. Os meus lençóis são como seda, quero que o teu corpo sinta os meus lençóis.

— Tu és doida?

— Oh! meu amor! Tu não sabes amar, mas eu quero ensinar-te, hei de ensinar-te.

Levantou-se a cambalear e pôs a mão no braço de Adam. O rosto parecia fresco e jovem. Adam baixou a vista e viu a mão, enrugada como a de um macaco. Teve um gesto de repulsa.

Kate viu o gesto, compreendeu e torceu a boca.

— Não compreendo — disse ele. — Sei que é verdade, mas não consigo acreditar. Sei muito bem que amanhã de manhã serei incapaz de acreditar. Terá sido um pesadelo. Mas não pode ter sido, não pode ser um pesadelo, pois sei que tu és a mãe dos meus filhos. Não me pediste notícias deles e és a mãe dos meus filhos.

Kate descansou os cotovelos nos joelhos, pôs o queixo nas palmas das mãos e seus dedos tocaram nos lóbulos das orelhas. Tinha um olhar de triunfo. Propositadamente, falou em voz baixa: — Um imbecil mostra sempre o ponto fraco — disse ela. — Aprendi isso quando era pequena. Sou a mãe dos teus filhos, sou. Os teus filhos? Eu sou a mãe, mas tu tens certeza de ser o pai?

— Que pretendes dizer, Cathy?

— O meu nome é Kate. Escuta, querido. Tenta reunir tuas recordações. Quantas vezes deixei que te aproximasses de mim o suficiente para que me fizesses um filho?

— Tu estavas ferida — disse ele —, tremendamente ferida.

— Uma vez — disse Kate —, só uma vez.

— Passaste muito mal durante a gravidez — protestou ele. — Eu não podia insistir.

Kate endereçou-lhe um meigo sorriso. — Eu não estava ferida para o teu irmão.

— O meu irmão?

— Já te esqueceste do Charles?

Adam riu. — Tu és um demônio — disse ele, mas não me farás acreditar que meu irmão seria capaz de uma coisa dessas.

— Pouco se me dá que não acredites.

— Não acredito, já disse.

— Acabarás por acreditar. A princípio, pensarás, depois virão as dúvidas. Hás de voltar a pensar no Charles e em tudo o que ele era. Eu teria podido gostar do Charles. Até certo ponto, éramos parecidos.

— É mentira!

— Verás que te recordas — disse ela. — Talvez te volte um dia à língua o

gosto amargo de uma certa xícara de chá. Tu bebeste o meu remédio por distração. Dormiste como uma pedra e acordaste tarde e com a cabeça pesada.

— Tu não estavas em estado de imaginar uma coisa dessas.

— Eu sou capaz de tudo — disse ela. — E agora, despe-te, meu amor. Vou mostrar-te os meus talentos.

Adam fechou os olhos e sentiu que a cabeça lhe fugia. Reabriu logo as pálpebras.

— Isso não tem importância nenhuma, mesmo que seja verdade. Não tem importância nenhuma.

E, de súbito, pôs-se a rir, pois acabava de compreender que era verdade. Levantou-se com demasiada rapidez e teve de se agarrar às costas da cadeira para não perder o equilíbrio.

Kate ergueu-se de um salto e segurou-o pelo cotovelo. — Anda, vou ajudar a despir-te.

Adam soltou-se torcendo-lhe a mão e dirigiu-se para a porta cambaleando.

Nos olhos de Kate relampejou um ódio feroz. Soltou um grito, longo, agudo, como o de um animal. Adam voltou-se para ela. A porta se abriu. O guarda-costas deu três passos, equilibrou-se e atirou-se com todo o peso em cima de Adam, atingindo-o debaixo da orelha. Adam caiu no chão.

Kate berrou: — A cabeça! Quebra a cabeça dele!

Ralph se aproximou do homem estendido no chão e levantou o pé. Os olhos arregalados de Adam não se afastavam dele.

Hesitante, voltou-se para Kate.

Ela ordenou-lhe friamente: — Já te disse para pisar nele com as botas! Parte-lhe a cara!

— Mas ele não se defende, não quer se defender — disse Ralph.

Kate sentou-se. Arquejava e respirava pela boca. As mãos crispavam-se nos joelhos.

— Odeio-te — disse ela. — Adam, pela primeira vez te odeio. Estás a ouvir, Adam, te odeio.

Adam tentou sentar-se, caiu de lado e fez nova tentativa. Assim que se sentou, olhou Kate. — Não tem importância — disse ele. — Absolutamente nenhuma. Pôs-se de joelhos e descansou alguns instantes de quatro. — Sabes que foste a coisa que mais amei no mundo? É verdade. Um amor tão forte que quase não consegui destruí-lo.

— Hás de voltar de rastros — disse ela —, hás de vir suplicar de rastros.

— Quer que lhe parta a cara agora, Menina Kate? — perguntou Ralph. Ela não respondeu. Adam encaminhou-se lentamente para a porta, segurando-se a cada passo. A mão teve dificuldade em fazer girar a maçaneta da porta.

Kate chamou: — Adam!

Ele voltou-se devagar e sorriu-lhe, como a uma recordação. Depois, saiu e fechou a porta de mansinho.

Kate ficou olhando a porta. Parecia desolada.

Capítulo XXVI

No trem que o levava de volta a King City, Adam Trask apenas tinha uma vaga percepção de formas, sons e cores.

O cérebro humano deve ter um mecanismo secreto que joeira os pensamentos, retendo-os ou deixando-os passar, mesmo quando são desconhecidos da própria pessoa. Não é raro adormecer-mos cheios de dores e acordarmos bem dispostos no dia seguinte, num mundo límpido, acolhedor, libertos das impurezas pelo trabalho da noite. A alegria ferve no sangue, o peto incha, tudo nos parece perfeito e, contudo, nada houve que pudesse causar ou justificar tal mudança.

O enterro de Samuel e a visita a Kate só deveriam ter despertado em Adam tristeza e amargura. Afinal, deu-se o contrário. Ele julgava vogar numa nuvem de êxtase. Sentia-se jovem, livre e cheio de uma alegria voraz. Desceu do trem em King City e, em vez de ir logo buscar o carro ao alquilador, dirigiu-se para a nova garagem de Will Hamilton.

Will estava sentado atrás da divisória de vidro do seu escritório. Assim, vigiava os mecânicos sem ser perturbado pelo estrondo das máquinas. A julgar pela barriga, Will devia estar rico.

Will examinava um prospecto descrevendo as vantagens de uns charutos preparados e enviados diretamente de Cuba. Julgava estar de luto pelo falecido pai, mas não era verdade. Estava levemente preocupado por causa de Tom que, mal acabara o funeral, fora para San Francisco. Will acreditava que era mais decente trabalhar para esquecer como ele tencionava fazer do que beber para esquecer, como o Tom.

Ergueu os olhos quando Adam entrou no escritório e indicou-lhe uma larga poltrona de couro onde costumava sentar os clientes a quem destinava

contas chorudas.

Adam sentou-se. — Não sei se lhe dei os meus pêsames — disse ele.

— Doeu muito. Esteve no enterro?

— Estive — respondeu Adam. — Não sei se sabe que eu estimava muito o seu pai. Ele ensinou-me coisas que nunca esquecerei.

— Era muito estimado — disse Will. — Estavam mais de duzentas pessoas no cemitério... mais de duzentas.

— Um homem como ele não morre — disse Adam. — Acabara de descobri-lo. — Não posso crer que esteja morto. Talvez esteja ainda mais vivo do que antes.

— É isso mesmo — anuiu Will.

Mas não acreditava nem uma palavra. Para Will, Samuel estava bem morto.

— Lembro-me do que ele dizia — continuou Adam. — Não lhe prestava muita atenção, mas agora é como se estivesse a ouvi-lo e a vê-lo outra vez.

— É isso mesmo — disse Will. — Eu estava precisamente pensando o mesmo. Vai para o rancho?

— Vou, sim, mas vim vê-lo porque tenciono comprar um automóvel.

Uma mudança sutil operou-se em Will. — De todos os homens do Vale, sempre julguei que fosse o senhor o último a comprar um automóvel.

Através dos olhos semicerrados, observou a reação de Adam.

— Tem toda a razão — disse Adam a rir. — Talvez seja seu pai o responsável pela minha mudança de atitude.

— Por que diz isso?

— Não sei se seria capaz de explicar. Falemos antes de automóveis.

— Para ser franco, tenho enorme dificuldade em obter o número suficiente de carros para satisfazer as encomendas. A lista de inscrições é bem comprida.

— Ah, é? Então, inscreva-me na lista.

— Com todo o prazer, Sr. Trask. — Fez uma ligeira pausa. — O senhor é tão amigo da minha família que, se houvesse uma desistência, teria todo o gosto em lhe dar a preferência...

— É muita amabilidade sua — disse Adam.

— Que tipo deseja escolher?

— Não entendo .

— Quer pagar em prestações mensais?

— Assim não será mais caro?

— Bom, há os juros e as despesas, mas há pessoas que preferem essa modalidade.

— Eu prefiro pagar à vista — disse Adam. — Não tenho necessidade nenhuma de desperdiçar dinheiro.

Will riu. — Nem todos pensam como o senhor — disse ele. — E há de vir uma época em que perderei dinheiro se vender só à vista.

— Não tinha pensado nisso — disse Adam. — Então, fica entendido, põe-me na lista?

Will inclinou-se para ele. — Sr. Trask, vou pô-lo na cabeça da lista. O primeiro carro que chegar é seu.

— Muito obrigado.

— Não tem nada que agradecer.

Adam perguntou: — E sua mãe? Como vai suportando o golpe?

Will encostou-se à cadeira, com um sorriso afetuoso nos lábios. — É uma mulher notável — disse ele —, sólida como uma rocha. Como sabe, tivemos tempos muito difíceis. O meu pai não era um homem prático, andava sempre nas nuvens ou mergulhado nos livros. Tenho a impressão de que foi graças à minha mãe que os Hamilton não acabaram no orfanato.

— É uma excelente mulher — disse Adam.

— Não é só uma excelente mulher, também sabe onde põe os pés. É uma mulher em armas. O senhor foi a casa da Olive depois do enterro?

— Não fui, não.

— Estavam lá mais de cem pessoas. Pois bem! Foi a minha mãe quem fritou todos os frangos e quem teve o cuidado de ver se todos tinham ficado bem servidos.

— Não me diga?

— É verdade! E tratava-se do marido!

— Uma mulher notável — disse Adam, repetindo a frase de Will.

— Uma mulher prática! Tinha gente para dar de comer e deu de comer.

— Espero que se resigne, mas foi uma grande perda para ela.

— Há de se resignar — disse Will. — Aquela amostra de mulher vai nos enterrar a todos.

No regresso ao rancho, Adam notou que reparava em coisas que já não via há anos: as flores silvestres na erva alta e as vacas ruças que pastavam no flanco da colina, à beira dos caminhos. Ao chegar à sua herdade, Adam sentiu um prazer fugaz mas tão intenso que procurou determinar-lhe a causa. E, de súbito, surpreendeu-se a cantar em voz alta, ao ritmo dos cascos do cavalo.

— Sou livre, sou livre. Já não tenho preocupações. Sou livre. Ela saiu de mim, foi-se embora. Oh! Cristo Todo-Poderoso, sou livre! Estendeu o braço e apanhou um pé de artemísia. Esmagou as folhas e encheu os pulmões com o cheiro penetrante. Estava satisfeito por voltar para casa. Queria ver se os gêmeos tinham crescido naqueles dois dias... Tinha vontade de ver os gêmeos.

— Sou livre, ela saiu da minha vida — cantava ele em voz alta.

Lee saiu de casa e segurou as rédeas do cavalo enquanto Adam descia.

— Como estão os meninos? — perguntou Adam.

— Estão ótimos. Fiz-lhes arcos e flechas e foram caçar coelhos no pé da ribeira. Mas não garanto que se coma coelho à caçadora esta noite.

— Nenhuma novidade?

Lee olhou-o com espanto, estava prestes a fazer um comentário, mas mudou de ideia. — Como foi o enterro?

— Havia muita gente. Samuel tinha muitos amigos. Não há maneira de me convencer de que morreu.

— No meu país, os enterros fazem-se ao som dos tambores. Atiramos estalinhos em volta do caixão para assustar os demônios e, nas sepulturas, em vez de flores, colocamos leitões assados. Nós somos um povo prático e esfomeado. Além disso, nossos demônios não são lá muito espertos. Deixam-se enganar, o que já representa um progresso.

— Acho que Samuel gostaria de ser enterrado deste jeito — disse Adam. — Haveria de interessá-lo. — Reparou que Lee o observava. — Vá guardar o cavalo, Lee, e traga-nos chá, preciso falar com você.

Adam foi ao quarto e despiu o terno preto impregnado do odor adocicado de rum. Pôs-se nu e esfregou-se com sabão azul até fazer desaparecer o cheiro. Vestiu uma camisa lavada, azul, e um macacão macio pelas lavagens e puído nos joelhos pelo uso. Lentamente, barbeou-se e penteou-se.

Na cozinha, Lee atiçava o fogo. Adam dirigiu-se à sala. Lee colocara uma xícara e um açucareiro na mesa, em frente da grande poltrona. Adam olhou em redor. As flores estampadas das cortinas tinham perdido a cor, os tapetes estavam gastos e, na entrada da porta, o oleado tinha uma faixa escura. Tudo aquilo era novidade para ele.

Quando Lee entrou com o bule, Adam disse: — Traga uma xícara para você, Lee. E se ainda tiver o seu licor, não me importaria de beber. A noite passada me embriaguei.

Lee disse: — O senhor, embriagado? Até custa a acreditar.

— Pois é verdade, e quero falar-lhe nisso. Reparei que estava me

observando.

— A sério? — perguntou Lee.

E foi à cozinha buscar a xícara, os copos e a garrafa de ng-ka-py. Ao voltar, disse: — Em todos estes anos, só bebi com o senhor e com o Sr. Hamilton.

— É a mesma garrafa daquele dia em que demos nomes aos gêmeos?

— Precisamente a mesma. Lee pôs o chá fervendo nas xícaras e fez uma careta ao ver que Adam punha duas colheres de açúcar na sua.

Adam mexeu o chá e observou os pequenos turbilhões do açúcar que se derretia.

— Fui vê-la — disse ele.

— Fez bem — disse Lee. — Só não sei como pôde esperar tanto tempo.

— Talvez eu já não fosse um homem.

— Cheguei a duvidar. Como a achou?

Adam respondeu devagar: — Não sou capaz de compreendê-la. Não consigo acreditar que possa haver uma tal criatura na terra.

— O defeito dos ocidentais é não terem demônios para explicar o inexplicável. Foi depois disso que se embriagou?

— Não, foi antes e durante. Acho que foi para consolidar a coragem.

— Agora parece estar bem.

— Claro que estou bem — disse Adam. — Era nisso que queria falar. Se fosse no ano passado, teria corrido para Sam Hamilton.

— Talvez ambos tenhamos herdado alguma coisa dele — disse Lee. — Quem sabe se a imortalidade não é isso mesmo?

— Tenho a sensação de sair de um sonho — disse Adam. — Meus olhos se abriram e parece que fui aliviado de um peso.

— O senhor utiliza palavras que soam como as do Sr. Hamilton — disse Lee. — Tenho de arquitetar uma teoria e apresentá-la aos meus veneráveis parentes.

Adam bebeu o licor negro e passou a língua pelos lábios.

— Sou livre — disse ele. — E não posso passar sem contar a alguém. Agora, vou poder viver com meus filhos. Até poderei olhar para uma mulher. Compreende o alcance do que estou dizendo?

— Perfeitamente. Os seus olhos e o seu corpo dizem a mesma coisa. É um sentimento que custa disfarçar. Vai ver que gosta dos rapazes.

— Seja como for, vou tentar viver. Não se importa de tornar a encher as xícaras?

Lee serviu o chá e levou a xícara à boca.

— Não entendo como faz para não se queimar — disse Adam.

Lee sorria interiormente. Adam, ao olhá-lo, descobriu que Lee já não era um rapaz. A pele do rosto estava enrugada de um lado e lisa e brilhante em outro. Em torno dos olhos, tinha uma orla avermelhada. Lee contemplou a fina porcelana, sorrindo a uma recordação.

— Se é livre, talvez possa me libertar...

— Que quer dizer, Lee?

— Importa-se que vá embora?

— Claro que se pode ir embora. Então não se sente feliz aqui?

— Creio nunca ter sabido o que é aquilo a que chamam felicidade. Nós procuramos a satisfação, o que talvez seja negativo.

Adam disse: — Chame-lhe o que quiser. Então não está satisfeito?

— Não me parece que um homem possa estar quando lhe restam certas coisas a fazer.

— Que coisas?

— Para a primeira, já é muito tarde. Gostaria de ter tido mulher e filhos. Talvez desejasse adquirir essa estupidez a que chamam a sabedoria dos pais, e obrigar os meus filhos indefesos a tirarem o respectivo proveito.

— Mas você ainda não está velho.

— Oh! fisicamente acho que sou ainda capaz de procriar, mas não é isso o que me detém. Já estou farto da companhia do candeeirinho da mesa de cabeceira. Sabe que já fui casado, Sr. Trask? Imaginei uma mulher, como o senhor, mas a minha não existia fora da minha imaginação. Era a agradável companheira do meu quatinho solitário. Eu falava-lhe e ela escutava, depois era ela quem falava e me contava o que lhe acontecera durante o dia. Era muito bonita e dava-se muito às pequenas vaidades. Hoje, não sei se teria paciência para aturá-la. Ora eu não queria que a minha mulher se sentisse triste ou abandonada. Por isso renunciei à minha primeira ideia.

— E qual é a segunda?

— Falei no assunto ao Sr. Hamilton. Gostaria de abrir uma livraria no bairro chinês de San Francisco. Viveria nos fundos da loja e passaria os dias em longas discussões. Venderia desses pequenos blocos de tinta solidificada que têm a forma de um dragão e datam da dinastia dos Sung. As caixas são roídas pelo bicho e a tinta é fabricada com fuligem de abeto e uma cola à base de pele de onagro. Quando se pinta, com essa tinta, pode parecer preta mas, na realidade, sugere à vista todas as cores do mundo. Talvez entrasse algum pintor na loja e

nos puséssemos a conversar e a discutir o preço.

Adam perguntou: — Não está inventando tudo isso?

— Não estou, não. Se o senhor está livre e se sente bem, gostaria de poder abrir finalmente a minha livraria. E também gostaria de nela morrer.

Adam manteve-se em silêncio, enquanto mexia o chá morno. Depois, disse: — É engraçado, estava desejando que fosse escravo para lhe recusar a liberdade. Mas pode ir embora se quiser. E empresto dinheiro, caso precise.

— Dinheiro, já tenho há muito tempo.

— Nunca imaginei que pudesse ir embora — disse Adam.

— Achava que ficaria até o fim da vida.

Adam endireitou-se. — Importa-se de adiar um pouquinho a partida?

— Para quê?

— Quero que me ensine a conhecer os meus filhos. Quero pôr o rancho em ordem, ou talvez vendê-lo ou arrendá-lo. Queria saber quanto dinheiro me resta e o que poderei fazer com ele.

— Não estará querendo me armar um laço? — perguntou Lee. — Minha vontade já não é tão forte como dantes. Sinto que poderia deixar-me dissuadir ou, o que é pior, poderia deixar-me ficar se verificasse que precisam de mim.

— Veja se não precisa de mim. É o risco mais atraente para um homem solitário.

Adam disse: — Um homem solitário! Devo ter descido muito baixo para não ter pensado nisso antes.

— O Sr. Hamilton sabia — disse Lee.

Ergueu a cabeça e as pálpebras semicerradas deixaram entrever apenas duas centelhas.

— Nós, os chineses — disse ele —, sabemos nos dominar. Nunca mostramos emoção. Eu gostava muito do Sr. Hamilton. Se me der licença, irei amanhã a Salinas.

— Faça o que quiser — disse Adam. — Só Deus sabe o que já fez por mim.

— Vou jogar estalinhos — disse Lee — e pôr um leitão assado na sepultura do meu pai.

Adam levantou-se, apressadamente, entornando a xícara, e saiu, deixando Lee sozinho.

Capítulo XXVII

1

Naquele ano a chuva caiu com tal regularidade que não houve cheias no Salinas. As águas límpidas corriam, quase preguiçosas, no fundo do largo leito de areia parda. Os salgueiros estavam verdes e as amoreiras silvestres desferiam os braços em todas as direções.

Fazia já muito calor para um mês de Março e o vento do sul torcia as folhas que mostravam o reverso prateado.

No meio de uma clareira rodeada de moitas, perfeitamente abrigada, um coelhinho bravo aquecia-se sossegadamente ao sol, secando o pêlo molhado pelo orvalho do pequeno almoço. De vez em quando, o coelho franzia o focinho e espetava as orelhas para captar tudo o que pudesse ameaçar a vida de um coelho bravo. Sentiu debaixo das patas uma vibração ritmada do solo, prestou atenção e franziu o focinho, mas as vibrações cessaram. Depois, houve um estalido nos ramos de um salgueiro.

Ainda se ouviram ruídos interessantes, mas não ameaçadores: uma pancada e um assobio que se assemelhava ao voo de um pombo bravo. O coelho espreguiçou uma pata. Produziu-se então um novo estalido, um assobio e um trovão. O coelho ficou completamente imóvel e com o olhar esgazeado. Uma flecha de bambu atravessara-lhe o peito e pregava-o ao chão. Caiu de lado, as patas pedalarão desenfreadamente no ar e, por fim, imobilizou-se.

Duas crianças saíram engatinhando de debaixo do salgueiro. Na mão tinham um arco e levavam ao ombro aljavas de onde emergiam as penas das flechas. Vestiam macacão e camisas de um azul desbotado. Na testa, ostentavam uma grande pena de peru presa por uma fita.

Aproximaram-se com cautela, como se fossem índios nos trilhos de guerra. Os últimos sobressaltos da morte já tinham agitado o coelho quando os dois rapazes se debruçaram para a vítima.

— Em cheio no coração — disse Cal, como se não pudesse ser de outra maneira.

Aron baixou os olhos e não disse nada. — Eu direi que foste tu — continuou Cal —, não me interessa colher os louros. Direi até que foi um tiro difícil.

— E foi mesmo — disse Aron.

— Ouve, vou dizer ao Lee e ao papai que foste tu.

— Por quê? Não entendo — disse Aron. — Vamos antes fazer assim: se

matarmos outro, diremos que cada um acertou no seu. E se não matarmos outro, diremos que disparamos ao mesmo tempo e que não sabemos qual foi a flecha que acertou.

— Não queres ser tu? — perguntou Cal.

— Prefiro dividir contigo.

— No fim de contas, foi a minha flecha — disse Cal.

— Ah! isso é que não foi! — Repara nas penas, estás a ver esta tarja? É a minha seta.

— Então por que estava na minha aljava? Não me recordo de ter visto nenhuma tarja.

— Isso não tem importância. Para mais, vou dizer que foste tu.

Aron disse com um ar de gratidão: — Não, Cal, não quero. Diremos que atiramos ao mesmo tempo.

— Como quiseses. Mas supõe que o Lee descobre que é a minha seta? — Diremos que estava na minha aljava.

— Julgas que pega? Pensa logo que estás a mentir.

Aron conformou-se: — Se ele achar que foste tu que o mataste, pronto! Deixa achar.

— Eu só te queria prevenir — disse Cal.

Arrancou a flecha fazendo-a passar através do corpo do coelho e as penas brancas tingiram-se de sangue. Cal guardou a flecha no carcás.

— Podes levar o coelho — concedeu ele, magnânimo.

— Devíamos voltar para casa — disse Aron. — O papai já deve ter chegado. Cal propôs: — Podíamos assar o coelho, comê-lo e passar a noite fora de casa.

— Está muito frio, Cal. Não te esqueças de que tiveste arrepios esta manhã.

— Eu nunca tive frio.

— Menos esta manhã.

— É mentira. Estava a gozar-te fingindo que tremelicava como uma criança de colo. Estás a chamar-me mentiroso? — Não — disse Aron. — Não quero jogar à pancada.

— Tens medo de jogar à pancada? — Não, mas não quero.

— E se eu te dissesse que tens medo, eras capaz de me chamar mentiroso? — Claro.

Aron afastou-se devagar, deixando o coelho no chão. Tinha grandes olhos azuis muito afastados e uma boca carnuda e meiga. Todo o seu rosto refletia uma

inocência angélica. O sol parecia cintilar nos belos cabelos dourados.

Cal saía mais ao pai. O cabelo era castanho-escuro. Mais forte que o irmão, tinha maior arcabouço, ombros mais volumosos e herdara de Adam a maxila quadrada e os olhos castanhos. O olhar era vivo com reflexos de diamante. As mãos eram muito pequenas em relação ao resto do corpo, com dedos compridos e finos, e unhas delicadas. Cal preocupava-se muito com as mãos. Raramente chorava, mas um corte num dedo fazia-lhe vir as lágrimas aos olhos. Não aventurava as mãos e nunca se servia delas para tocar num insecto ou apanhar uma cobra e, quando lutava, era à pedrada ou à paulada.

Ao ver o irmão afastar-se, sorriu com um ar satisfeito.

— Aron, espera por mim — gritou ele.

Quando chegou perto do irmão, estendeu-lhe o coelho.

— Podes levá-lo — disse com afabilidade. — E passou o braço pelo ombro do irmão. — Não fiques zangado.

— Andas sempre brincando.

— Nada, era só para te provocar.

— A sério?

— Sério. Toma, pega o coelho e vamos já para casa, se quiseres.

Aron acabou por sorrir. Sentia sempre um grande alívio quando o irmão punha termo às hostilidades. Os dois irmãos saíram da vala da ribeira e treparam pelo carreiro. O sangue do coelho pingava nas calças de Aron.

Cal disse: — Eles vão ficar admirados quando virem que matamos um coelho. Se o papai já estiver de volta, damos-lhe o coelho, ele gosta de coelho à caçadora.

— Está bem — disse Aron com alegria. — Ouve, vamos os dois e não dizemos quem o matou.

— Como quiseres — disse Cal.

Caminharam um longo momento em silêncio, até que Cal disse: — Toda esta terra até muito para lá da ribeira nos pertence.

— Pertence ao papai.

— Pois é, mas quando ele morrer ficará para nós.

Aron nunca pensara nisso. — Que queres tu dizer com quando ele morrer?

— Todos morrem — disse Cal. — Como o Sr. Hamilton, que morreu.

— Ah!, é — disse Aron. — É verdade, morreu. — Não conseguia estabelecer uma relação entre o Sr. Hamilton morto e o pai vivo.

— Metem-nos numa caixa, abrem um buraco e põem a caixa lá dentro —

explicou Cal.

— Bem sei. — Aron preferia mudar de assunto e pensar noutra coisa.

— Eu conheço um segredo — disse Cal.

— Que segredo é? Tu vais contar!

— Não conto se me pedires. Não sei se devo dizer-te.

— Diz — suplicou Aron.

— Não vais repetir? Onde achas que está a nossa mãe? — perguntou Cal.

— A mãe morreu.

— Isso é o que tu imaginas.

— Garanto que morreu.

— A mãe fugiu — disse Cal. — Ouvi de umas pessoas.

— Eram mentirosos.

— Já te disse que fugiu. Tu não vais repetir?

— Não acredito — disse Aron. — O papai disse que ela estava no céu.

Cal disse calmamente: — Um destes dias vou à procura dela e hei de trazê-la comigo.

— Essas pessoas disseram onde estava?

— Não disseram, mas hei de encontrá-la.

— Está no céu — repetiu Aron. — Por que haveria o papai de mentir?

Olhou o irmão, pedindo-lhe silenciosamente que aquiescesse. Cal não respondeu.

— Não acreditas que ela esteja no paraíso com os anjos? — insistiu Aron. E vendo que Cal não lhe replicava: — De quem ouviste?

— Umas pessoas, na estação dos correios de King City. Não sabiam que eu estava escutando, mas tenho bom ouvido. O Lee até diz que eu seria capaz de ouvir a erva a crescer.

— Por que teria ela ido embora? — perguntou Aron.

— Sei lá!? Talvez por não gostar de nós.

Aron analisou esta heresia. — Não, — disse ele. — As tais pessoas não passavam de mentirosos. O papai disse que ela estava no céu e tu bem sabes que ele não gosta que se fale nela.

— Justamente, talvez seja por ela ter ido embora.

— Não, eu perguntei ao Lee e sabes o que ele me respondeu? “A sua mãe gostaria de vocês e ainda gosta.” E mostrou-me uma estrela, dizendo que talvez fosse a nossa mãe e que ela gostaria de nós enquanto essa estrela brilhasse. Não vais dizer que o Lee é um mentiroso, não? Por entre as lágrimas que brotavam, Aron podia ver a expressão dos olhos de Cal, duros e determinados. Não havia

lágrimas nos olhos dele.

Cal estava encantado. Encontrara outro instrumento secreto que poderia utilizar na primeira oportunidade. Observou Aron e viu-lhe os lábios trémulos e as narinas frementes. Às vezes, excitado pelas lágrimas, Aron lutava. E quando chorava e lutava ao mesmo tempo, tornava-se perigoso. Ficava insensível e nada o podia deter. Certa vez, o Lee segurara-o à força no colo e ele tentara inutilmente bater-lhe, só se acalmando depois de porfiados esforços. Nessa ocasião, também tinha as narinas frementes.

Cal resolveu arrumar o novo instrumento. Poderia empregá-lo quando lhe apetecesse. Sabia que acabara de descobrir a mais bela arma da sua panóplia; examiná-la-ia quando estivesse mais sossegado e, então, determinaria a altura em que deveria aplicá-la. Mas a decisão já chegara um pouco tarde. Aron atirou-se para a frente e o corpo mole do coelho morto foi esborrachar-se na cara de Cal, que deu um salto para trás e gritou: — Estava brincando, juro, Aron, eu estava brincando!

Aron não se moveu. O rosto refletia o espanto e a dor.

— Não aprecio essas brincadeiras — disse ele. Depois, fungou e limpou o nariz com a manga. Cal aproximou-se dele e beijou-o no rosto.

— Não repetirei — disse ele.

Os rapazes prosseguiram a caminhada em silêncio. A luz do dia começava a baixar. Cal olhou por cima do ombro uma nuvem negra que roçava o alto da serra, empurrada pelo vento.

— Vem aí uma tempestade — disse ele —, uma tempestade danada.

— Tens a certeza de ter ouvido essas pessoas? — perguntou Aron.

— Talvez tivesse sonhado — disse Cal apressadamente. — Oh! Olha para a nuvem.

Aron voltou-se para ver o monstro negro. A nuvem parecia um balão a refulgir arrastando uma longa cauda de chuva. Subitamente, estrondeou e lançou chispas. Levado pelo vento, o trovão foi repercutir nas colinas molhadas, do outro lado do Vale, e, no regresso, veio abalar as terras planas. Os dois rapazes puseram-se em fuga, perseguidos pela nuvem tonitruante e pelos relâmpagos que rasgavam o ar. O monstro conseguiu apanhá-los e as primeiras gotas de chuva esmagaram-se no chão. Enquanto corriam, os rapazes respiravam o cheiro de ozônio das descargas.

Na altura em que enveredaram pela estrada que levava a casa, a tromba despenhou-se sobre eles. A chuva jorrava em colunas, empapando-os até aos ossos. Os cabelos colavam-se à testa, escondendo-lhes os olhos, e as penas de

peru vergavam ao peso da água.

Já que não se podiam molhar mais, os rapazes deixaram de correr. Olharam um para o outro e desataram a rir. Aron pegou no coelho, atirou-o ao ar e apanhou-o; a seguir, atirou-o a Cal, que o pôs ao pescoço, com a cabeça e as patas traseiras reunidas debaixo do queixo. Dobrados ao meio, riam como doidos. A chuva tamborilava nos carvalhos e o vento descompunha-lhes a altiva dignidade.

2

Os gêmeos chegaram à vista dos edifícios do rancho no momento em que Lee, envolvido num poncho de oleado amarelo, metia na cocheira um cavalo e um cabriolé de rodas de borracha.

— Temos visitas — disse Cal. — Viste o carro?

Puseram-se a correr porque gostavam de visitas. No entanto, quando chegaram à entrada afrouxaram o passo e deram a volta à casa, pois sentiam um leve receio dos desconhecidos. Entraram na cozinha e pararam, escorrendo água. Chegaram-lhes vozes da sala, a do pai e a de outro homem. Depois, a terceira voz fez passar-lhes um arrepio pela espinha. Era uma voz de mulher. Não estavam habituados às mulheres. Na ponta dos pés, dirigiram-se para o quarto e interrogaram-se com um olhar.

— Quem supões tu que seja? — perguntou Cal.

Aron parecia fulminado. A vontade dele seria gritar: — Talvez seja a mamãe, talvez ela tenha voltado.

Mas lembrou-se de que ela estava no céu e que é um sítio de onde não se volta. Por isso, apenas respondeu: — Não sei. Vou mudar de roupa.

Vestiram roupas enxutas que eram réplicas exatas das que acabavam de despir. Livraram-se das penas de peru e pentearam o cabelo com os dedos. Continuavam a ouvir as vozes, a maior parte das vezes baixas, mas dominadas aqui e além pela voz mais aguda da mulher. De repente, ficaram petrificados, ao reconhecerem uma voz de criança, uma voz de moça. E era tão emocionante que nem sequer trocaram uma palavra.

Silenciosamente, percorreram o corredor que levava ao vestíbulo e dirigiram-se com pezinhos de lã para a entrada da sala. Cal girou a maçaneta muito devagar para que não fizesse o menor ruído. Abrira-se apenas uma nesga da porta, quando Lee surgiu vindo dos fundos e despindo o poncho.

— Mininos à espleita — disse ele em pidgim.

Cal largou o fecho da porta e o trinco deu um estalido. Lee disse apressadamente: — O vosso pai já chegou. Vão cumprimentá-lo.

Aron murmurou: — E os outros?

— É gente de passagem. Entraram para se abrigar do temporal. Lee girou a maçaneta e abriu a porta.

— Os mininos já chegalam!— disse ele.

E deixou-os ali, expostos aos olhares. Adam exclamou: — Entrem, meus filhos, entrem.

Os gêmeos entraram de cabeça baixa e olhar assustado. Na sala estavam um homem em traje de passeio e uma senhora com o mais lindo vestido que já tinham visto. Numa cadeira ao lado, colocara o chapéu e o casaco. A senhora estava coberta de seda e rendas pretas da cabeça aos pés. Até no pescoço tinha uma fita preta. Para um dia, já chegava de emoções, mas ainda havia mais. Ao lado da senhora, sentava-se uma moça, talvez um pouco mais nova que os gêmeos. Na cabeça tinha um chapéu azul de aba larga, adornado de rendas. O vestido era todo florido e, preso à cintura, tinha um avental com algibeiras. A saia estava levantada, deixando ver outra saia de lã encarnada, enfeitada com motivos geométricos. Os rapazes não lhe podiam ver a cara por causa do chapéu, mas as mãos estavam cruzadas nos joelhos e brilhava um anel de ouro no terceiro dedo. Nenhum dos dois gêmeos recobrava a respiração e começavam a ver discos vermelhos dançando diante dos olhos.

— Os meus filhos — disse Adam. — São gêmeos. Meninos, apertem a mão de nossos convidados.

Os rapazes avançaram de cabeça baixa e mãos erguidas, numa atitude de abandono e desespero. O cavalheiro, seguido da senhora de rendas, sacudiu-lhes a mão e Aron, que ia à frente, não se aproximou do chapéu azul.

— Então tu não cumprimentas a minha filha? — perguntou a dama.

Aron estremeceu e, depois, estendeu a mão às cegas em direção à moça de rosto oculto. Nada sucedeu. Os dedos não foram agarrados, nem torcidos ou apertados, nem sacudidos...

A mão ficou simplesmente estendida no ar. Aron olhou para ver o que se passava. Ela também tinha a cabeça baixa, mas escudava-se no chapéu. Também estendera a mão direita onde brilhava o anel, mas mantinha-a rígida. Aron lançou um olhar à senhora, que sorria de boca aberta. A sala parecia esmagada pelo peso do silêncio. Aron ouviu Cal soltar um risinho atrás de si.

Desesperado, atirou a mão para a frente e agarrou a da menina,

sacudindo-a três vezes. Era tão macia como um punhado de pétalas. Sentiu-se invadido por um cálido prazer. Largou a mão e enfiou a sua no bolso. Na altura em que batia apressadamente em retirada, viu Cal que avançava e apertava cerimoniosamente a mão, perguntando: “Como está?” Aron, que se esquecera de o fazer, pronunciou a frase após o irmão, soando-lhe de forma estranha. Adam e as visitas riram-se.

Adam disse: — O Sr. e a Sra. Bacon foram surpreendidos pela tempestade.

— Tivemos sorte em nos perdermos para estes lados – disse o Sr. Bacon. — Andávamos à procura do rancho dos Long.

— Fica mais longe. Deviam ter cortado à esquerda quando saíram da estrada do Vale. Adam dirigiu-se aos filhos: — O Sr. Bacon é conselheiro comunal.

— Não entendo por que, levo muito a sério as minhas funções — disse o Sr. Bacon.

E dirigiu-se aos dois rapazes no tom empregado pelos adultos para falarem às crianças: — A minha filha chama-se Abra. Não é um nome engraçado? Depois, voltou-se para Adam e recitou os dois primeiros versos do poema:

Chamei por outra e Abra correu:

Foi a primeira que me apareceu.

— São de Matthew Prior. Não nego que preferia um rapaz, mas a Abra tem sido um grande conforto para nós. Levanta a cabeça, querida.

Abra não se moveu, conservando as mãos cruzadas nos joelhos. O pai repetiu: — Pois é verdade: “Foi a primeira que me apareceu”.

Aron viu que o irmão lançava um olhar audacioso ao chapéu, e disse com a voz rouca: — Não acho que Abra seja um nome esquisito.

— Quando o meu marido disse que era um nome engraçado, não era nesse sentido — explicou a Sra. Bacon. — Ele pretendia dizer que era um nome curioso. E voltando-se para Adam: — O meu marido acha nos livros as coisas mais estranhas. Não serão horas de irmos embora, querido?

Adam protestou: — Não vão já. Lee vai servir-nos chá, é bom para aquecerem.

— Mas que gentileza! — disse a Sra. Bacon. E acrescentou: — Já não chove, meus filhos. Vão brincar lá fora.

A voz tinha uma tal autoridade que saíram logo os três, Aron à frente, seguido de Cal e Abra.

3

O Sr. Bacon cruzou as pernas.

— Parece uma bela propriedade. Tem muito terreno?

— Bastante — respondeu Adam —, é tudo meu até o outro lado do rio. No conjunto, é um bom pedaço de terra.

— Então tudo o que está do outro lado da estrada também é seu?

— É, sim, e tenho quase vergonha de confessar que deixei tudo ao abandono. Talvez seja por ter trabalhado demais no campo quando era novo.

O Sr. e a Sra. Bacon olharam Adam e ele compreendeu que devia explicar porque tinha deixado a terra ao abandono.

— Devo ser preguiçoso — disse ele —, o meu pai prestou-me um mau serviço deixando-me dinheiro bastante para poder viver sem trabalhar.

Baixou os olhos, mas compreendeu que os Bacon tinham ficado aliviados. Como era rico, não se tratava de preguiça. Só os pobres são preguiçosos. Do mesmo modo que só os pobres são ignorantes. Um homem rico que nada faz é pervertido ou independente.

— Quem cuida dos seus filhos? — perguntou a Sra. Bacon.

Adam riu. — O pouco caso que fazem deles está a cargo do Lee.

— Do Lee?

Adam principiava a sentir ligeiramente irritado. — Não tenho mais ninguém — disse ele com secura.

— O que, aquele chinês? A Sra. Bacon ficara chocada. Adam sorriu-lhe. A principio, ela assustara-o mas, agora, sentia-se mais à vontade.

— Foi Lee quem criou os pequenos e tratou de mim.

— Então nunca tiveram uma mulher que cuidasse deles?

— Nunca.

— Pobres cordeirinhos — disse ela.

— São um pouco selvagens, mas têm saúde — disse Adam. Tenho a impressão de que nos tornamos todos mais ou menos selvagens, como a terra. Agora Lee vai me deixar e eu não sei o que hei de fazer.

O Sr. Bacon empurrou cuidadosamente o pigarro para que não lhe estragasse o efeito das palavras. — Já pensou na educação dos seus filhos?

— Para falar com franqueza... ainda não.

A Sra. Bacon afirmou: — O meu marido acredita nas virtudes da educação.

— É a chave do futuro — disse o Sr. Bacon.

— Que espécie de educação? — perguntou Adam.

O Sr. Bacon prosseguiu: — O homem de saber tem tudo a seu favor. É como lhe digo, eu acredito na luz da ciência. — Inclinou-se para a frente e a voz saiu mais confidencial.

— Já que não explora o rancho, por que não o arrenda e vai viver na cidade, onde não faltam escolas?

Adam ainda teve vontade de lhe responder: “Por que não se mete antes na sua vida?” Mas contentou-se em perguntar: — Acha que seria uma boa ideia?

— Eu poderia arranjar-lhe um bom arrendatário — disse o Sr. Bacon. — Se não viver nesta terra, será natural que ela lhe dê um bom rendimento.

Lee fez muito barulho ao trazer o chá. Ouvira o bastante atrás da porta para saber que Adam considerava aquelas pessoas tediosas. Lee tinha a certeza de que não gostariam de chá e se, por acaso, gostassem, haviam de ficar um pouco admirados com a beberagem que lhes preparara. Mas o casal Bacon bebeu o chá e fez-lhe tantos elogios que Lee compreendeu imediatamente que não passavam de refinados hipócritas. Tentou captar o olhar de Adam, mas Adam parecia embevecido na contemplação do tapete.

A Sra. Bacon ia dizendo: “O meu marido fez parte do conselho escolar durante vários anos” quando Adam deixou de a ouvir. À sua frente, via uma espécie de globo terrestre branco que balouçava na ponta de um ramo de um dos seus carvalhos e, depois, sem razão aparente, o globo foi substituído pelo pai dele, claudicando em cima da perna de pau e batendo-lhes com a bengala para os meter na ordem.

Adam via o homem severo e marcial, coman dando os filhos que levavam grandes pesos às costas para desenvolverem as espáduas. A voz da Sra. Bacon servia de contraponto. Adam sentiu nos ombros um saco cheio de pedras. Viu a cara de Charles e seu sorriso sardónico, Charles, o irmão, mau, violento e brutal. Subitamente, Adam sentiu desejo de ver Charles. Faria a viagem e levaria os filhos. Alegrementemente, bateu na coxa.

— Como? — exclamou o Sr. Bacon.

— Desculpe, mas acabo de me lembrar de uma coisa que me esqueci de fazer.

Os dois Bacon esperaram paciente e delicadamente por uma explicação. Adam pensava: “E porque não? Não me interessa ser conselheiro municipal. Não faço parte de nenhum conselho escolar. Porque não?” E disse aos convidados: — Acabo de me lembrar que não escrevo ao meu irmão há dois anos. Os Bacon

tiveram um sobressalto e trocaram um olhar. Lee acabava de encher novamente as xícaras. Adam viu-lhe as bochechas inchadas e ouviu-o estourar de riso no corredor. Os Bacon não fizeram nenhum comentário. Discutiriam o assunto quando estivessem sós. Lee previu como as coisas se passariam. Atrelou o cavalo ao cabriolé de rodas de borracha e trouxe-o logo para a porta.

4

Quando Abra, Cal e Aron saíram, ficaram à porta vendo a chuva que gotejava dos grandes carvalhos. O temporal afastara-se e só se ouvia um longínquo trovejar. Mas a chuva parecia estar para durar.

Aron perguntou: — Por que a senhora nos disse que já não chovia?

Abra respondeu-lhe com sagacidade: — É que não olhou. Quando fala, nunca olha.

Cal perguntou: — Que idade tens?

— Vou fazer onze anos — disse Abra.

— Ora! — disse Cal. — Nós já temos quase doze.

Abra atirou o chapéu para trás. Circundava-lhe a cabeça como uma auréola. Era bonita, de cabelos escuros, penteados em duas tranças. Tinha a testa redonda e saliente e as sobrancelhas formavam uma linha recta. O nariz viria a ser bonito mas, por enquanto, parecia um botão. Mas o rosto já tinha feições definitivas: o queixo firme e a boca bonita como uma flor, muito larga e rosada. Os olhos cor de avelã tinham um olhar penetrante, inteligente e audacioso. Abra fitou os dois rapazes, um após outro. Já não era a menina paralisada pela timidez que tinham visto na sala.

— Ninguém diria que são gêmeos — disse ela. — Não se parecem nada.

— Mas somos — disse Cal.

— Somos sim — disse Aron.

— Há gêmeos que não são parecidos — teimou Cal.

— Há mesmo muitos — insistiu Aron. — Lee já nos explicou: se uma senhora tiver um ovo, os gêmeos são parecidos; se tiver dois ovos, não são.

— Nós somos dois ovos — disse Cal. Os mitos daqueles camponeses despertaram o sorriso de Abra.

— Ovos — disse ela. — Com que então, ovos! Não pronunciou as palavras com força, nem com maldade, mas a teoria de Lee vacilou e desmoronou-se. Abra aplicou-lhe um golpe fatal.

— Qual de vocês é estrelado e qual é cozido?

Os rapazes trocaram um olhar preocupado. Era a primeira vez que enfrentavam a inexorável lógica feminina que é imperturbável, mesmo — e, talvez, sobretudo — quando é falsa. Aquilo era novo para eles, e interessante, mas assustador. Cal disse: — Lee é chinês.

— Ah! então é isso! — disse amavelmente Abra. — Já deviam ter dito há mais tempo. Se calhar são ovos chineses? — Deixou que o veneno penetrasse e produzisse efeito. Viu que lutavam e que acabavam por se render. Abra tomara a situação em mãos, só lhe restava comandar.

Aron sugeriu: — Vamos brincar na casa velha. Chove lá dentro mas é bonita. Correram sob os carvalhos gotejantes para a velha residência dos Sanchez e entraram pela porta aberta que rangia nos gonzos enferrujados.

A casa vivia o seu segundo período de decadência. O salão estava meio estucado e a parte branca detinha-se no sítio onde os operários tinham abandonado o trabalho dez anos antes. As janelas com caixilhos novos continuavam sem vidraças. O novo soalho estava manchado pelas infiltrações da água. O chão estava juncado de papéis e, num canto, um punhado de pregos acabava de enferrujar.

Na altura em que as crianças entravam, levantou voo um morcego. A forma cinzenta esvoaçou de uma parede à outra antes de desaparecer pela porta.

Os rapazes mostraram a casa a Abra. Abriram os armários para que visse os lavatórios e os candelabros ainda embrulhados, aguardando a vez de serem instalados. No ar havia um cheiro a bafio e a papel molhado. As três crianças caminhavam no bico dos pés e sem trocar palavra, com receio de despertar o eco.

De regresso à sala, os gêmeos interrogaram a convidada: — Gostaste? — perguntou Aron, baixinho.

— Hum!... gostei — admitiu ela, hesitante.

— A gente às vezes vem brincar aqui. Também podes vir quando quiseres — propôs Cal com audácia.

— Eu moro em Salinas — disse Abra.

Os gêmeos compreenderam que estavam a braços com um ser superior a quem se ofereciam prazeres mais requintados. Abra percebeu que menosprezava o seu mais belo tesouro. Já conhecia os pontos fracos dos rapazes, mas gostaria deles e, depois, era uma pessoa bem-educada.

— Sempre que puder passar por aqui, virei brincar com vocês... um pouquinho — disse ela, amavelmente. Ambos se sentiram cheios de gratidão.

— Vou dar-te o meu coelho — disse subitamente Cal. — Queria oferecê-lo ao meu pai, mas prefiro dar-te de presente.

— Que coelho?

— O que nós matamos hoje. Uma seta mesmo em cheio no coração.

Quase que não estrebuchou.

Aron sentiu-se lesado.

— Era o meu...

Cal interrompeu-o: — Vamos dar para lewares para casa. É muito grande.

Abra respondeu: — Que querem que eu faça de um coelho velho todo sujo e cheio de sangue?

Aron sugeriu: — Vou lavá-lo, metê-lo numa caixa e atá-la com uma fita. Se não quiseses comê-lo, podes enterrá-lo... em Salinas.

— Eu vou a enterros para valer — disse Abra.— Ainda ontem vi um em que havia flores até à altura do teto.

— Então não te interessa o nosso coelho? — perguntou Aron.

Abra contemplou os cabelos louros encaracolados pela chuva, os olhos a que assomavam as lágrimas, e sentiu arder-lhe no peito essa melancolia atenta que anuncia o amor. Teve vontade de tocar em Aron e tocou-lhe. Pôs-lhe a mão no braço e Aron estremeceu.

— Se for numa caixa, fico com ele — disse ela.

Abra, triunfante, examinou as suas conquistas. Nada de masculino a ameaçava já. Parecia que o coração se lhe derretia ao ver os gêmeos nos macacos usados e remendados. Abra recordou-se dos contos de fadas.

— Pobres pequenos, o vosso pai bate-lhes? — perguntou ela. Ambos abanaram a cabeça. Estavam fascinados e estupefatos.

— São muito pobres? — Pobres, como? — perguntou Cal.

— Vocês sentam-se ao borralho e são obrigados a ir buscar água e lenha? — Que lenha? — perguntou Cal.

Abra iludiu a resposta.

— Pobrezinhos — murmurou.

Na mão, tinha a varinha mágica terminada por uma estrela cintilante. — A vossa madrastra deve odiá-los e querer matá-los?

— Nós não temos madrastra — disse Cal.

— Não temos coisa nenhuma — disse Aron. — A nossa mãe morreu.

A história que Abra estava arquitetando deixou de formar sentido, mas ela inventou logo outra. Já não tinha a varinha de condão, mas usava agora um grande chapéu com uma pluma de avestruz e levava um enorme cesto de onde

saíam as patas de um peru.

— Pobres órfãozinhos sem mãe — disse ela com meiguice — nesse caso serei eu a vossa mãe. Pegarei os dois no colo, embalarei e contarei histórias.

— Já somos muito grandes para isso — disse Cal —, cairias com o nosso peso.

Abra ignorou esta brutalidade intempestiva. Aron estava fascinado pela história, sorriam-lhe os olhos e parecia, de fato, que se deixava embalar. Abra sentiu uma nova vaga de amor por ele e perguntou-lhe com afabilidade: — A vossa mãe teve um bonito enterro? — Não nos lembramos — disse Aron —, ainda éramos muito pequenos.

— Onde está enterrada? Tem de se pôr flores na sepultura. É o que fazemos com a avó e o tio Albert.

— A gente não sabe — disse Aron.

O olhar de Cal tinha um clarão de triunfo. Num tom de ingenuidade, disse: — Vou perguntar ao papai onde ela está para levarmos flores.

— Eu vou contigo — disse Abra. — Sei fazer coroas, hei de mostrar-te como é. Abra reparou que Aron se mantinha calado.

— Tu não queres aprender a fazer coroas? — Quero, sim — disse ele.

Ela sentiu novamente vontade de lhe tocar. Passou-lhe a mão pelo ombro e deu-lhe uma palmadinha na cara.

— A tua mamãe ficará contente — disse ela. — Mesmo no paraíso, eles conseguem ver-nos. Foi o papa quem me disse. Ele até conhece um poema que fala nisso.

Aron disse: — Vou embrulhar o coelho e metê-lo na caixa onde vieram as minhas calças. E saiu da velha casa a correr. Cal acompanhou-o com o olhar sorridente.

— Porque estás a sorrir? — perguntou Abra.

— Por nada.

E Cal fitou-a nos olhos. Abra procurou obrigá-lo a desviar o olhar. Era perita na matéria, mas Cal nem sequer pestanejou. De começo, sentira uma certa timidez, mas já se livrara dela e ria de prazer só à ideia de a domar. Como toda a gente, ela preferia o irmão, Aron o loirinho, Aron que atraía, com os seus modos meigos e francos, todas as simpatias. Cal dissimulava profundamente as emoções, sempre pronto ao ataque ou à retirada. Como ela preferia o irmão, resolveu castigá-la. Já se familiarizara com tais reações. Nunca perdia uma ocasião de se vingar desde o dia em que descobrira que tal era possível. O castigo tornava-se uma função criadora.

A melhor maneira de descrever os dois irmãos talvez seja por esta imagem: se Aron descobria um formigueiro numa clareira, deitava-se de barriga para baixo e observava a vida das formigas, o transporte dos gêneros alimentícios e dos ovos esbranquiçados, as conversas entre membros da comunidade por meio das antenas. Era capaz de ficar horas a observar o mundo dos insectos.

Mas se Cal descobria o mesmo formigueiro, destruía-o a pontapés e divertia-se com a fuga das formigas desvairadas pelo cataclismo. Aron sentia-se feliz por fazer parte do mundo, mas Cal desejava transformá-lo.

Cal não estava interessado em saber porque admiravam o irmão, mas não podia suportar tal preferência.

Na altura em que o admirador se mostrava, Cal desferia o golpe e a vítima era apanhada de surpresa. Daí, adivinha-lhe uma sensação de poderio que lhe causava profunda alegria. Era a emoção mais pura e mais forte que conhecia.

Não odiava Aron, antes pelo contrário, amava-o, pois era ele a causa dos seus triunfos. Esquecera-se — talvez nunca o tivesse sabido — de que se vingava porque gostaria de ser amado como Aron. Já fora tão longe neste sentido que preferia ser o que era, a ser o que era o irmão.

Abra pusera o mecanismo em movimento ao tocar em Aron e ao dirigir-se-lhe com doçura. A reação de Cal foi automática. Procurou o ponto fraco de Abra e era tão esperto que o descobriu logo pela maneira que ela tinha de se exprimir. Certas crianças resolvem ficar infantis, enquanto outras preferem ser adultas. Poucas são as que se contentam com a própria idade. Abra queria ser uma pessoa crescida. Ia buscar as palavras, as atitudes e as reações a essa idade adulta. Se já deixara muito para trás a extrema infância, também não tinha ainda idade para brincar aos adultos. Cal compreendeu-o e forjou um instrumento para destruir o novo formigueiro.

Sabia de quanto tempo precisava o irmão para encontrar a caixa, lavar o sangue do coelho, procurar a guita e atar o embrulho com laçadas. Cal pressentiu que a vitória mudava de campo. A calma segurança de Abra principiava a oscilar e surgira a oportunidade de tirar proveito da situação.

Abra baixou os olhos e acabou por perguntar: — Que mania é essa de fitares as pessoas nos olhos?

Cal esmiuçou-a da ponta dos pés à cabeça, como se fosse um móvel. Sabia que aquilo até irritava os adultos. Abra não se conteve: — Nunca viste?

— Tu vais à escola? — perguntou Cal.

— Claro que vou.

— Em que classe estás?
— Na quinta.
— Que idade tens?
— Vou fazer onze anos.
Cal soltou uma gargalhada.
— Que mal tem isso? — perguntou ela.
Cal não respondeu.
— Diz, diz.
Cal manteve-se em silêncio.
— Julgas-te esperto?
Como ele continuasse a rir, ela ficou preocupada.
— Gostaria de saber por que teu irmão demora tanto. Olha, já parou de chover. Cal disse: — Deve estar procura.
— O quê? O coelho?
— Ah! não. O coelho está morto. Mas talvez não consiga apanhar o outro. Foge sempre.
— Apanhar o quê? O que é que foge?
— Ele ficaria zangado se eu te dissesse. Quer fazer-te uma surpresa. Apanhou-o na sexta-feira passada e foi mordido.
— Que história é essa?
— Logo verá quando abrir a caixa — disse Cal. — Aposto que ele te vai pedir para não a abrires logo. Esta última parte da frase não era invenção, pois Cal conhecia bem o irmão.
Abra compreendeu que estava perdendo não só a batalha como toda a guerra. Odiava aquele pequeno. Passou em revista todas as armas de que dispunha, mas pô-las de parte uma após outra, verificando que seriam inúteis. Resolveu acobertar-se no silêncio e, depois, dirigiu-se para a porta, lançando um olhar em direção à casa onde estavam os pais.
— Parece que me vou embora — disse ela.
— Espera — disse Cal.
Abra voltou-se na altura em que Cal chegava junto dela.
— Que queres? — perguntou ela com frieza.
— Não te zangues comigo! — disse ele. — Tu não sabes o que se passa nesta casa. Se tu visses as costas do meu irmão! Abra ficou surpreendida com esta mudança de atitude. Ele resolvera persegui-la no próprio terreno e compreendera perfeitamente que Abra se sentia à vontade nas situações romanescas.

Cal falara em tom de segredo e ela também baixou a voz.

— Que queres tu dizer? O que é que ele tem nas costas?

— Tem vergões e cicatrizes — disse Cal. — Foi o chinês.

Abra estremeceu e encheu-se de curiosidade.

— Que lhe fez ele? Bateu-lhe?

— Pior — disse Cal.

— Por que não se queixaram ao vosso pai? —

Não temos coragem. Sabes o que aconteceria se lhe contássemos?

— Não. O que era?

Cal abanava a cabeça.

— Não. — Pareceu refletir profundamente. — Não. Tenho medo de te dizer.

Nesse momento, Lee saiu da cocheira, conduzindo o cavalo atrelado ao cabriolé de rodas de borracha. O Sr. e a Sra. Bacon surgiram à porta de case e ergueram a cabeça para o ar num conjunto perfeito.

Cal disse: — Não posso dizer, o chinês perceberia logo.

A Sra. Bacon chamou: — Abra, despacha-te que nos vamos embora.

Lee segurava o cavalo inquieto enquanto a Sra. Bacon era empurrada para o carro.

Aron apareceu a correr sobraçando uma caixa de cartão cheia de laços, que entregou a Abra.

— Toma — disse ele. — Não a abras senão depois de chegares a casa.

Cal observou a repugnância no rosto de Abra. As mãos recusaram-se a pegar na caixa.

— Pega isso, minha querida — disse o pai. — Vamos depressa, que já é tarde. E meteu-lhe a caixa, à força, nas mãos. Cal esgueirou-se até junto dela.

— Escuta. — Falou-lhe ao ouvido. — Tu fizeste xixi nas calças.

Abra corou e enterrou o chapéu na cabeça. A Sra. Bacon pegou-lhe pelos braços e sentou-a no carro.

Lee, Adam e os gêmeos ficaram a olhar para o cavalo que metia a trote.

Antes da primeira curva, a mão de Abra ergueu-se e deitou fora a caixa.

Cal olhou para o irmão e viu que tinha estampada no rosto toda a tristeza do mundo. Assim que Adam voltou para casa e que Lee foi tratar das galinhas, Cal passou o braço pelos ombros do irmão e estreitou-o afetuosamente.

— Eu queria casar com ela — disse Aron. — Tinha metido uma carta com o pedido na caixa.

— Não fiques triste — disse Cal. — Eu empresto-te a minha espingarda.

A cabeça de Aron rodopiou.

— Que espingarda? Tu não tens espingarda.

— Ah! não? — disse Cal. — Tens a certeza?

Capítulo XXVIII

1

Foi durante o jantar que os rapazes descobriram a transformação operada no pai. Até ali, ele não passara de uma presença, de orelhas que escutavam sem ouvir, de olhos que viam mas não notavam nada. Era uma nuvem de pai. Os filhos nunca tinham aprendido a confiar-lhe as suas descobertas ou as suas necessidades. Lee fora o traço de união com o universo adulto.

Criara, alimentara, vestira e disciplinara os gêmeos, incutira-lhes o respeito pelo pai. Adam constituía um mistério para os filhos e ditava-lhes as suas leis por intermédio de Lee que, naturalmente, as elaborava e imputava a Adam.

Cal e Aron começaram por ficar admirados e, depois, sentiram-se incomodados quando viram que Adam os escutava, lhes fazia perguntas, os ouvia e os observava. A modificação intimidou-os.

— Parece que vocês hoje foram à caça.

Os rapazes escudaram-se numa certa prudência, como todo o ente humano que defronta uma nova situação. Após uma pausa, Aron admitiu: — Fomos, sim, papai.

— Apanharam alguma coisa?

Seguiu-se uma pausa ainda maior e, depois: — Fomos, sim, papai.

— O que foi?

— Um coelho.

— Com arco e flechas? Quem lhe acertou?

Aron disse: — Não sabemos, matamos ao mesmo tempo.

— Então não distinguem as flechas de cada um?— admirou-se Adam. — No meu tempo, púnhamos marcas nas flechas. Desta vez, Aron preferiu não responder para evitar complicações.

Foi Cal quem, após ter esperado, disse: — A seta era minha, mas acho que estava na aljava do Aron.

— Por que julgas tu isso?

— Não sei, mas suponho que foi o Aron quem matou o coelho.

Aron desviou a direção do olhar.

— E tu, que pensas?

— Talvez fosse eu, mas não tenho a certeza.

— Seja como for, parecem estar senhores da situação.

Os dois rapazes deixaram de se sentir inquietos. Não se tratava de uma armadilha.

— Onde está o coelho? — perguntou Adam.

— O Aron ofereceu-o à Abra.

— Ela deitou-o fora — disse Aron.

— Por quê? — Não sei. Eu também queria casar com ela.

— Sério? — A sério, papai.

— E tu, Cal? — Não me importo que o Aron fique com ela.

Adam soltou uma gargalhada e era a primeira vez que os filhos o ouviam rir.

— Achaste-a bonita? — perguntou ele.

— Achei, pois — disse Aron. — É bonita e muito boa.

— Muito bem! Antes assim, se vier a ser minha nora.

Lee levantou a mesa, arrumou a louça e voltou.

— São horas de irem para a cama — disse ele.

Os gêmeos protestaram com o olhar. Adam disse: — Sente-se, Lee. Deixe-os ficar mais um bocado.

— Já fiz as contas, poderemos examiná-las quando quiser disse Lee.

— Que contas, Lee? — As contas do rancho e da casa. Não disse que queria saber em que paravam as modas? — As contas de dez anos? — O senhor nunca as quis fazer.

— Tem toda a razão. Sente-se. O Aron queria casar com a menina que esteve cá hoje.

— Estão noivos? — perguntou Lee.

— Ela ainda não deu o consentimento — respondeu Adam. — E isso ainda pode levar bastante tempo.

Cal, que começara por ficar desorientado com esta mudança de atmosfera, acabara por se recompor a breve trecho e entretinha-se a observar o novo formigueiro, perguntando a si mesmo onde e quando deveria atacar. Rapidamente, tomou uma decisão.

— Ela era de fato muito simpática — disse ele. — Gostei muito dela. Sabes por quê? Disse-nos para te perguntar onde era a sepultura da mamãe para lá ir pôr flores.

— Ela prometeu ensinar-nos a fazer coroas — acrescentou Aron.

Adam procurou apressadamente uma solução. Era um fraco mentiroso. Assustou-o a ideia que lhe passou pela mente mas, afinal, ouviu-se dizer: — Seria uma ótima ideia, meus filhos, mas devo dizer-lhes que a sepultura da vossa mãe fica muito longe daqui.

— Por quê? — perguntou Aron.

— Porque certas pessoas gostam de ser enterradas no lugar onde nasceram.

— Como foi que ela voltou para tão longe? — perguntou Cal.

— Metemo-la no trem e mandámo-la para a terra dela, não é verdade, Lee? Lee confirmou: — Conosco dá-se o mesmo. Quase todos os chineses pedem para serem enterrados na China.

— Bem sei — disse Aron —, tu já nos tinhas dito.

— De verdade? — Claro — disse Cal.

Adam mudou rapidamente de assunto.

— O Sr. Bacon sugeriu-me esta tarde uma coisa, e queria falar-lhes nisso, meus filhos. Ele acha que seria preferível para vocês que fôssemos morar para Salinas. As escolas lá são melhores e vocês teriam muitos mais camaradas.

A proposta deixou os gêmeos estupefatos. Cal perguntou: — Então... e o rancho?

— Ficávamos com ele para o caso de nos apetecer voltar para cá.

Aron disse: — A Abra vive em Salinas.

E isso bastava-lhe. Esquecera já a caixa deitada fora, apenas se lembrava de um avental, do chapéu e dos dedinhos muito macios. Adam disse: — Pensem no assunto. E, agora, são horas de irem dormir. Porque não foram vocês hoje à escola? — A professora está doente — disse Aron.

— A menina Culp está doente há três dias — esclareceu Lee.

— Eles só voltam à escola na segunda-feira. Meninos, toca a andar! Os gêmeos seguiram-no obedientemente.

2

Adam sorriu vagamente ao candeeiro e pôs-se a tamborilar com a ponta do dedo no joelho, até ao regresso de Lee.

— Saberão eles alguma coisa? — perguntou.

— Não sei.

— Bom, talvez fosse apenas a pequena.

Lee foi à cozinha e voltou com uma grande caixa de cartão.

— Aqui tem as contas. Estão todos os anos separados. Revi tudo e não falta nada.

— O quê? Todas as contas?

Lee respondeu:

— Há um livro para cada ano e as faturas liquidadas. O senhor queria saber qual era a sua situação financeira. Aqui tem o balanço. Tenciona realmente partir? — Acho que sim.

— Não haveria maneira de contar a verdade às crianças? — Não convém macular o amor que eles dedicam à mãe.

— Já pensou no outro perigo? — Que perigo? — Suponha que eles descubrem a verdade? Há muita gente que sabe.

— Talvez lhes possa explicar melhor quando forem mais crescidos.

— Não me parece — disse Lee. — Mas isso ainda não é o pior.

— Não entendo .

— Estou a pensar na mentira que lhes contou. Pode infectar o resto. Se desconfiam de que lhes mentiu a este respeito, perderão toda a confiança em si.

— Estou a ver, estou. Mas que quer que lhes diga? Toda a verdade? — Apenas uma parte, o bastante para que não sofra se eles vierem a descobrir o resto.

— Tenho de pensar nisso a sério.

— Se for para Salinas, o perigo tornar-se-á ainda maior.

— Vou pensar no caso.

Lee insistiu: — O meu pai falou-me na minha mãe quando eu era ainda muito pequeno e não me poupou. À medida que eu ia crescendo, repetiu-me inúmeras vezes a história. Era diferente, mas horrível. No entanto, sinto-me feliz por ele me ter contado tudo. Digo-lhe mais: lamentaria não a saber.

— Quer contar? — Não, não faço empenho nisso. Mas talvez o convença a falar aos seus filhos. Poderia dizer-lhes, por exemplo, que ela se foi embora, mas que não sabe onde está.

— Mas se eu sei! — Aí é que está o mal. É preciso dizer toda a verdade ou uma meia mentira. Eu não posso obrigá-lo.

— Vou pensar no assunto — disse Adam. Qual é a história da sua mãe? — Está mesmo interessado em ouvi-la? — Só se não se importar.

— Vou ser breve — disse Lee. — Nós vivíamos numa cabana escura, no meio de um batatal, e o meu pai contava-me a história da minha mãe. É esta a minha primeira recordação. O meu pai falava cantonês, mas quando contava a

história exprimia-se em alto e rico Mandarin. Bom, devo dizer-lhe...

E Lee recuou no tempo.

— Devo começar por lhe dizer que os vossos caminhos de ferro do Oeste foram construídos por chineses, milhares de chineses que fizeram os aterros, colocaram as chulipas e assentaram as vias. Era um trabalho terrível, mas os homens eram mal pagos, trabalhavam a valer e, se morressem, ninguém se preocupava. Na maioria dos casos, eram cantoneses, fortes, resistentes e pacatos.

“Depois de contratados, embarcavam-nos para a América e é muito provável que a história do meu pai seja um caso típico.

“Como deve saber, os Chineses são obrigados a liquidar todas as dívidas antes ou no próprio dia da festa do Ano-Novo. Se o não fizerem, perdem a boa reputação, e não há desculpa que lhes valha.

— Não me parece má ideia — disse Adam.

— Boa ou má, era assim que as coisas se passavam. O meu pai teve azar: não conseguiu pagar uma dívida. A família reuniu-se e discutiu o assunto. Ninguém tinha culpa de o meu pai ter azar, mas não havia dúvida que a dívida pertencia a toda a família. A família pagou, portanto, pelo meu pai, que se comprometeu a reembolsá-la. O que era quase impossível.

“Os agentes recrutadores das companhias ferroviárias adiantavam uma pequena quantia quando se assinava o contrato. Foi assim que apanharam no laço muitos homens endividados.

“Até aqui tudo é razoável e honroso. Mas o meu pai era um rapaz recém-casado e estava ligado à mulher por um sentimento profundo, muito forte e muito belo. Ela também o amava perdidamente. Despediram-se cerimoniosamente na presença dos chefes da família, como pessoas bem-educadas. Tenho pensado com frequência que as maneiras delicadas são um bom remédio para a dor da separação.

O rebanho de homens foi amontoado no fundo de um porão sombrio e só tornou a ver a luz do dia em San Francisco, seis semanas depois. Pode imaginar o que foi a viagem. Como a mercadoria tinha de ser entregue em estado de trabalhar, não a maltratavam. Por outro lado, os da minha raça aprenderam através dos séculos a viver em comunidade, a manter-se limpos e a alimentar-se em condições que se tornam intoleráveis para muitos outros.

Estavam no mar há uma semana quando o meu pai descobriu a minha mãe. Vestia à homem e entrançara o cabelo. Mantendo-se muito sossegada e sem nunca falar, conseguira evitar ser descoberta e, como pode imaginar, nessa época não existiam os exames físicos nem as vacinas obrigatórias. A minha mãe pegou

na enxerga e estendeu-a ao lado da do meu pai. Só podiam falar às escuras, com a boca colada ao ouvido. O meu pai estava zangado por ela ter desobedecido mas, ao mesmo tempo, sentia-se feliz.

“O contrato condenava-os a cinco anos de trabalhos forçados. Nunca lhes passou pela cabeça fugirem assim que chegassem à América, pois eram pessoas honradas que tinham assinado um contrato. — Lee fez uma pausa. — Como é evidente, podia contar-lhe isto em poucas palavras, mas é preciso que fique a saber a razão das coisas. Vou buscar um copo de água. Também quer?

— Quero, sim — respondeu Adam —, mas há uma coisa que eu não entendo. Como é que uma mulher podia executar esse trabalho?

— Volto já — disse Lee.

E foi à cozinha buscar dois copos de água que colocou em cima da mesa.

— O que era que queria saber? — perguntou ele.

— Como é que a sua mãe podia fazer um trabalho de homem?

Lee sorriu.

— O meu pai dizia que ela era forte e eu creio que uma mulher pode ser mais forte do que um homem quando está apaixonada. A mulher que ama é quase indestrutível.

Adam fez uma careta.

Lee disse: — Há de ver, um dia há de ver.

— Eu não sinto nenhuma amargura — disse Adam. — Aliás, como seria possível, após uma única experiência? Prossiga.

— Houve uma coisa que a minha mãe não segredou ao meu pai durante a longa travessia e como muitos deles sofriam horivelmente de enjoo, ninguém estranhou que ela tivesse vômitos e náuseas.

— Não me diga que estava grávida? — exclamou Adam.

— Estava, sim — confirmou Lee —, mas ela não queria sobrecarregar o meu pai com mais preocupações.

— Ela já sabia quando embarcou em Cantão? — Não, não sabia. Eu vim ao mundo no momento mais inoportuno. E a história é mais comprida do que eu supunha.

— Agora já não pode parar — disse Adam.

— Pois não. Em San Francisco, o gado foi carregado em vagões e as locomotivas rebocaram-no para as montanhas. Iam nivelar colinas e perfurar túneis. A minha mãe foi separada do meu pai e ele só tornou a vê-la no acampamento, instalado num planalto. O sítio era muito bonito, todo cheio de verdura e de flores, no meio das montanhas cobertas de neve. Foi nessa altura

que ela informou o meu pai da minha existência.

“As obras iniciaram-se. Os músculos das mulheres enrijecem como os dos homens, e a minha mãe tinha uma vontade de ferro. Pegou na pá e na picareta e fez o trabalho pelo qual lhe pagavam, o que deve ter sido horrível. Mas logo se encheram de medo quando começaram a pensar na maneira como nasceria a criança.

Adam disse: — Por quê? Então ela não podia ir ter com o capataz, dizer-lhe que era mulher e que estava grávida? Com certeza que tratavam dela.

— Não — disse Lee. — Não está a compreender e a culpa é minha por não ter sido devidamente explícito. O gado humano era importado apenas com um único objetivo: o trabalho. Assim que a tarefa terminava, devolviam os sobreviventes para a China. Só os machos eram importados. Nada de fêmeas. O país não queria que tal gente se reproduzisse. Um homem, uma mulher e um filho agarram-se à terra, constroem um lar de que é difícil arrancá-los, enquanto que um rebanho de homens inquietos, excitados e atormentados pela falta de mulheres irá para qualquer lado e, muito especialmente, para o lugar donde veio. A minha mãe era a única mulher no meio daqueles brutos. À medida que o tempo passava, mais a febre aumentava. Para os guardas, já não se tratava de seres humanos, mas de animais perigosos se não fossem vigiados. Está a compreender agora porque é que a minha mãe não quis pedir auxílio? Teria sido expulsa do acampamento e, quem sabe?, talvez a tivessem abatido e enterrado como uma vaca contagiosa. Uma vez, foram abatidos quinze homens por causa de uma simples revolta. Os guardas faziam respeitar a ordem da maneira que lhes tinham ensinado. Suponho que haverá outras maneiras de o fazer, mas continuamos a empregar sempre o mesmo sistema— o chicote, a corda e a espingarda. Já estou arrependido de lhe ter começado a contar isto.

— Por quê? — perguntou Adam.

— Estou a ver a cara do meu pai quando me contava a mesma história. É uma recordação lamentável, dilacerante e dolorosa. Sempre que chegava a este ponto, o meu pai era obrigado a recobrar coragem. Quando dava novamente início à narrativa, falava com segura e empregava palavras duras e cortantes como se se quisesse magoar.

Para ficarem juntos, disseram que ela era o sobrinho do meu pai. Os meses passaram e, felizmente, a minha mãe não engordou demasiado. Continuava a cumprir a obrigação no meio do maior sofrimento. O meu pai auxiliava-a um pouco, desculpando-a: “O meu sobrinho é ainda muito novo e franzino.” Mas não tinham planos nenhuns e não sabiam o que haviam de fazer.

“Foi então que o meu pai imaginou um plano. Fugiria para as altas montanhas, para um planalto mais elevado, e, à beira de um lago, arranjariam uma choça para a minha mãe dar à luz. O meu pai, depois, voltaria ao acampamento para receber castigo e assinar um novo contrato de cinco anos em substituição do sobrinho fugitivo. Por miserável que fosse, este plano era o único que podiam executar e que os satisfazia. Mas eram necessárias duas condições: fugir no momento propício ao parto e levar comida suficiente. Os meus pais... — Lee deteve-se, sorriu ao empregar estas palavras que pareciam reconfortá-lo. — os meus queridos pais começaram a fazer os preparativos. Puseram de lado uma parte da ração diária de arroz, que esconderam debaixo das tarimbais. O meu pai, com uma gaita e um pedaço de arame, fez um anzol para apanhar as trutas do lago de montanha. Deixou de fumar para guardar os fósforos. A minha mãe reuniu todos os trapos que conseguiu encontrar, rasgou uma parte da própria roupa para obter linhas, ecoseu todos os trapos com um grande espinho, para fazer o meu enxoval. Gostaria de a ter conhecido.

— Também eu — disse Adam. — Chegou a contar isso ao Sam Hamilton? — Não, mas devia tê-lo feito, pois ele sempre gostou de celebrar a alma humana. Esta história teria sido para ele como que uma espécie de triunfo pessoal.

— Espero que tenham conseguido o que queriam — disse Adam.

— Pois é. Quando o meu pai chegava a este ponto da narrativa eu pedia-lhe sempre: “Vê se chegas ao lago, vê se consegues lá chegar com a minha mãe e construir uma casa de troncos de abeto.” O meu pai, então, tornava-se muito chinês e respondia-me “Há mais beleza na verdade, mesmo que seja uma verdade medonha. Os mendigos que contam histórias às portas da cidade mascaram tão bem a vida que ela acaba por parecer boa e fácil aos preguiçosos, aos teimosos e aos covardes, o que só pode concorrer para lhes agravar as enfermidades. Por esse processo nada se aprende, nada se cura, e o coração nunca se abre.” — Continue — disse Adam com irritação.

Lee levantou-se, dirigiu-se para a janela e acabou a história, contemplando as estrelas. Lá fora, soprava o vento de Março.

— Certo dia, desprende-se um pequeno rochedo e foi partir a perna do meu pai. Trataram-no e deram-lhe um trabalho de doente: endireitar pregos em cima de uma pedra com um martelo. Então, devido ao trabalho ou à angústia não é isso o que interessa — a minha mãe sentiu as primeiras dores. Os homens, semi loucos, compreenderam — e perderam a razão. Um desejo ateou outro. Um crime ocultou o crime precedente, e todos os crimes cometidos contra esses

homens famintos alimentaram uma enorme fogueira de loucura.

“O meu pai ouviu o grito: “Uma mulher!”, e compreendeu logo. Tentou correr, tornou a partir a perna e arrastou-se pela vereda que conduzia ao sítio onde se desenrolava aquela cena de horror.

“Quando lá chegou, o céu parecia oculto por uma espécie de tristeza e os homens de Cantão fugiam em silêncio para se escondarem, para esquecerem que os homens também podem ser aqui lo. A minha mãe estava estendida num monte de pedras. Já nem sequer tinha olhos para ver, mas ainda mexia a boca e conseguiu articular as instruções necessárias. O meu pai arrancou-me da carne esfacelada da minha mãe com as próprias mãos. Ela morreu nessa tarde em cima do monte de pedras.

Adam respirava com dificuldade. Lee prosseguiu numa voz ritmada: — Antes de odiar esses homens, fique sabendo isto que o meu pai acrescentava sempre no fim que nunca houve nenhuma criança que fosse tratada como eu. Todo o acampamento quis ser minha mãe. É belo, de uma beleza atroz. E, agora, boa noite. Já não posso falar mais.

3

Adam abriu todas as gavetas, procurou em todas as prateleiras, levantou as tampas de todas as caixas, rebuscou toda a casa e acabou por chamar Lee e perguntar-lhe: — Onde estão a tinta e a caneta? — Não há — disse Lee. — Há anos que não escreve uma linha. Se quiser, posso emprestar-lhe as minhas.

Foi ao quarto e voltou com um frasco de tinta, uma caneta, um bloco de papel e um sobrescrito que colocou sobre a mesa.

Adam perguntou: — Como sabia que eu ia escrever uma carta? — Vai tentar escrever ao seu irmão, não é assim? — Pois é.

— Há de custar, depois de tanto tempo.

E custou. Adam garatujou, roeu a ponta da caneta e torceu a boca. Escrevia uma frase, rasgava a folha e recomeçava. Coçou a cabeça com a caneta.

— Lee, se eu fosse ao Leste, tomava conta dos meninos até eu voltar? — É mais fácil viajar do que escrever — disse Lee. — Claro que podia contar comigo.

— Não, vou antes escrever.

— Porque não pede ao seu irmão que venha cá? — Boa ideia, Les. Não tinha pensado nisso.

— E é um bom pretexto para escrever.

A carta surgiu então com facilidade. Depois de a emendar, passou-a a limpo. Em seguida, leu-a devagar para si mesmo antes de a meter no envelope.

“Querido irmão Charles, Vais ficar admirado de receberes notícias minhas após um silêncio tão prolongado. Pensei muitas vezes em escrever-te, mas tu sabes como são estas coisas, adiamos de um dia para o outro e acabamos por não o fazer.

Gostaria de saber como te irá encontrar esta carta. De boa saúde, espero. És capaz de já estar com cinco ou dez filhos. Ah! Ah! Eu tenho dois gêmeos. A mãe não vive conosco. Como não gostaria da vida no campo, foi viver para uma cidade próxima onde a vou visitar de vez em quando.

Eu tenho um belo rancho, mas é com vergonha que te confesso que não faço caso dele. Talvez agora passe a interessar-me por ele. Boas intenções nunca me faltam. Há alguns anos que ando bastante em baixo, mas agora vou indo melhor.

Como estás tu? Gostaria de te ver. Porque não me vens visitar! O sitio é maravilhoso e tu poderias ficar também por cá.

Aqui, os invernos não são frios, o que é bem agradável para uns “velhos” como nós. Ah! Ah! Espero, portanto, que reflitas no assunto e que me respondas. A viagem fazia-te bem. Tenho vontade de te ver. Também tenho muitas coisas para te contar, mas que não posso escrever.

Escreve-me, meu caro Charles, e dá-me notícias da nossa terra. Deve-se ter passado muita coisa e, à medida que envelhecemos, tudo o que se ouve dizer das pessoas é que morreram. Assim é a vida. Escreve-me depressa e diz--me se vens. Teu irmão, Adam.” Ficou sentado, segurando a caneta com a mão. À sua frente, via desenhar-se o rosto sombrio com a testa atravessada por uma cicatriz. Via o brilho intenso dos olhos castanhos, a boca arreganhada mostrando os dentes e o animal selvagem querendo atacar. Sacudiu a cabeça para afastar a visão, e tentou recordar-se do rosto sorridente e da testa sem cicatriz, mas teve de desistir. Depois, pegou na caneta e escreveu sob a assinatura: P. S. — Charles, apesar de tudo, nunca te odiei. Sempre gostei de ti porque és meu irmão.

Adam dobrou a carta e vincou as dobras com a unha do polegar. Fechou o sobrescrito e calcou-o com o punho.

— Lee! — chamou ele. — Ó Lee!

O chinês correu à porta.

— Lee, que tempo leva uma carta a chegar ao Leste? — Não sei — disse Lee —, talvez quinze dias.

Capítulo XXIX

1

Depois de ter enviado ao irmão a primeira carta que escrevera em dez anos, Adam ficou aguardando impacientemente pela resposta. Perdera a noção do tempo que se passara. A carta ainda ia a caminho e já ele andava à volta de Lee com perguntas: — Porque será que ele não me responde? Talvez esteja zangado comigo. Mas ele também nunca escreveu. É certo que não tinha a minha direção. Talvez se tenha mudado? E Lee respondia: — Só escreveu há meia dúzia de dias. Dê tempo ao tempo.

“Terá ele realmente vontade de vir?” — perguntava Adam a si mesmo. — “E ele, tinha vontade de tornar a ver o Charles?” Agora que a carta fora expedida, Adam receava que Charles aceitasse o convite. Parecia uma criança ociosa que não sabia em que entreter as mãos, e estava sempre a meter-se com os gêmeos, fazendo-lhes perguntas: — O que foi que aprenderam hoje? — Nada.

— Essa é boa, devem ter aprendido alguma coisa. Fizeram leitura? — Fizemos, sim, papai.

— O que era? — A velha história da cigarra e da formiga.

— Mas é uma história muito interessante.

— Também há uma da águia que arrebatou uma criança.

— Ah! pois. Estou-me a lembrar, mas já não me recordo do fim.

— Ainda lá não chegamos, só vimos os bonecos.

Os rapazes andavam enfastiados. Cal aproveitara um momento de ternura intempestiva do pai para lhe pedir emprestado o canivete, na esperança de nunca mais o devolver; mas era a época em que os salgueiros se cobriam de novos ramos e Adam pediu o canivete para ensinar aos filhos como se faziam apitos. Lee já o fizera três anos antes e, para cúmulo, Adam esquecera a maneira de praticar a incisão, de forma que o apito não emitia nenhum som.

Certo dia, à hora do almoço, Will Hamilton chegou ao volante de um Ford novo, barulhento e sacolejante. O motor em primeira produzia um ruído assustador e a capota muito alta torcia-se como um barco na tempestade. Tanto o radiador como o depósito de Prestolite, colocado no estribo, cegavam a vista de tanto brilharem.

Will apertou o travão, desligou o contato e encostou-se no assento de couro. O carro, mesmo desligado, ainda deu alguns estouros por estar

sobreaquecido.

— Cá está ele! — gritou Will com falso entusiasmo. Alimentava pelos Ford um ódio mortal, mas era à custa deles que estava fazendo a sua fortuna.

Adam e Lee debruçaram-se para as entranhas do automóvel enquanto Will Hamilton, arquejando devido à gordura, explicava o funcionamento de um mecanismo que ele próprio não conseguia entender.

Atualmente é impossível imaginar como era então difícil fazer arrancar e manter um automóvel em linha recta. Não só era muito mais complicado do que hoje, como era necessário aprender toda a teoria desde o princípio. A criança moderna aprende no berço os mistérios e as idiossincrasias dos motores de combustão interna mas, naquela época, havia a intima convicção de que a coisa não andaria, o que às vezes acontecia. Hoje, para pôr a funcionar um motor de automóvel, bastam dois gestos: introduzir uma chave e carregar no contato. O resto é automático. Outrora, era muito mais complicado. Além de uma boa memória, eram necessários um caráter angélico, uma musculatura de atleta e uma fé cega, sem falar já num certo conhecimento das práticas de magia.

Não era raro ver-se um homem que se preparava para dar à manivela do seu modelo T, cuspir no chão e murmurar uma fórmula cabalística.

Will Hamilton explicou o funcionamento do carro, fez uma pausa e voltou ao princípio. O auditório estava de olhos esbugalhados, mais parecendo um gato fascinado pelo pássaro. Mas quando viu que teria de voltar a explicar tudo pela terceira vez, Will compreendeu que estava a malhar em ferro frio.

— Ouçam uma coisa — propôs ele. — Como sabem, isto não é a minha especialidade. Só queria que o vissem e ouvissem antes de proceder à entrega definitiva. Agora, vou voltar para a cidade e, amanhã, o carro torna a vir com um homem entendido. Aprenderão mais com ele num minuto do que comigo numa semana. Eu só queria que o vissem.

Will esquecera uma parte das suas próprias instruções. Depois de ter dado à manivela um bom bocado, acabou por pedir a Adam que lhe emprestasse um cabriolé e um cavalo e foi-se embora prometendo enviar o mecânico no dia seguinte.

2

Nem sequer pensaram em mandar os gêmeos para a escola, pois eles teriam recusado. O Ford, severo, alto e arredo, continuava debaixo do carvalho

onde Will o deixara. Os novos proprietários andavam em torno dele e tocavam-lhe de vez em quando, como se faz a um cavalo perigoso para o acalmar.

Lee disse: — Não sei se conseguirei habituar-me.

— Habitua-se, sim — disse Adam sem convicção. — Vai ver que qualquer dia já passeia nele por toda a região.

— Farei o possível por compreendê-lo — disse Lee. — Mas lá guiá-lo, isso é que nunca! Os gêmeos entravam no automóvel para mexerem em qualquer coisa e tornavam logo a sair.

— O que é isto, papai? — Não lhe toques.

— Para que serve? — Sei lá. Mas não lhe mexas, nunca se sabe o que pode acontecer.

— Aquele senhor que cá esteve não te explicou? — Já não me lembro. Se não deixam o carro sossegado, vão para a escola. Estás a ouvir-me, Cal? Não abras isso.

Tinham-se levantado muito cedo e vestido mais depressa do que era hábito. Por volta das onze horas já a histeria reinava em todo o rancho. O mecânico chegou à hora do almoço. Usava sapatos de duas cores, calças Duchess, e o casaco, muito enchumado nos ombros, caía-lhe até os joelhos. No cabriolé, trazia o saco da ferramenta. Tinha dezanove anos, mascava tabaco e, desde que passara três meses numa escola de mecânica, professava um profundo desprezo pelo resto da humanidade.

Depois de cuspir, estendeu as rédeas a Lee.

— Arruma-me esta carroça de palha — disse ele. — Nem se distingue a parte dianteira da traseira.

E desceu do cabriolé como um embaixador de um trem especial. Fez uma careta aos rapazes e dirigiu-se a Adam.

— Espero não ter chegado atrasado para o almoço.

Lee e Adam trocaram um olhar. Tinham-se esquecido por completo do almoço.

O semideus dignou-se aceitar o que lhe puderam arranjar: pão, queijo, carne fria, uma torta e um bolo de chocolate acompanhado de uma xícara de café.

— Em geral, só costume comer comida quente. Agora, um conselho. Se não querem ficar sem automóvel afastem os pequenos.

Após uma curta sesta à sombra, o mecânico pegou no saco e subiu ao quarto de Adam. Alguns minutos depois, reapareceu envergando um fatomacaco às riscas e um barrete na cabeça, com a palavra Ford.

- Então — perguntou ele —, já estudou?
- Estudei o quê? — perguntou Adam.
- Não leu o folheto que está debaixo do banco?
- Não sabia que havia um folheto — disse Adam.
- Valha-me Deus! — exclamou o jovem.

Reunindo todas as suas forças morais, o mecânico avançou para o carro com decisão.

— O melhor é começarmos já — disse ele. — Só Deus sabe o tempo que será preciso, se não estudou!

Adam disse: — O Sr. Hamilton não conseguiu pô-lo a trabalhar ontem à tarde.

— Ele tem a mania de querer arrancar só com o magneto — explicou o sábio.

— Bom, bom, vamos a isto. Conhece os princípios do motor de combustão interna?

— Não — respondeu Adam.

— Virgem Santíssima!

Ergueu a tampa do motor. — Aqui tem um motor de combustão interna.

Lee comentou placidamente: — Tão novo e tão erudito!

O rapaz voltou-se, franzindo as sobrancelhas. — Que foi que disseste?

Depois, dirigindo-se a Adam: — Que foi que disse o china?

Lee estendeu as mãos e arvorou um sorriso idiota: — Mim disse lapaz muito inteligente, muito instluído! Deve téle andado na escola.

— Meu nome é Joe — disse o rapaz, sem nenhuma justificação. E acrescentou: — Na escola! O que é que se aprende na escola? A afinar uma vela? A desentupir um carburador? Na escola!

E cuspiu um comentário desdenhoso e negro para o chão. Os gêmeos contemplaram-no com admiração e Cal começou a juntar saliva para se treinar.

Adam disse: — O Lee está a admirar os seus conhecimentos.

O rapaz tomou um ar magnânimo.

— Trata-me por Joe — disse ele. — Vejam o espanto! Pois se fui aluno da escola automobilística de Chicago. Essa, sim, é que é uma escola a valer! Tem lá comparação com essas escolas que há para aí. — Depois de uma pausa, acrescentou: — O meu velhote está-me sempre a dizer que se arranjarmos um china, mas um bom, hem?, não há nada que se lhe compare. E depois, são honestos.

— Exceto os maus — disse Lee.

— É evidente. Não me refiro a uma certa canalha, mas aos bons chinês.

— Espero fazer parte destes últimos.

— Tu tens boa pinta. Trata-me por Joe.

Adam estava estupefato com o aspecto tomado pela conversa, mas os gêmeos não se mostravam surpreendidos. Cal disse a Aron: — Trata-me por Joe.

E Aron remexeu os lábios, tentando repetir: — Trata-me por Joe.

O mecânico readquiriu o tom profissional mas com uma certa amabilidade. O desprezo fora substituído por uma simpatia divertida.

— Aqui têm — disse ele — um motor de combustão interna. Todos se debruçaram para a horrível confusão metálica com uma certa admiração.

Então, o rapaz pôs-se a falar com tal rapidez que parecia entoar um hino à glória da nova era.

— O princípio reside na explosão dos gases num espaço fechado. A força da explosão exerce-se num pistão que põe em movimento uma biela, a qual, por sua vez, faz girar uma cambota que transmite o movimento às rodas traseiras. Compreenderam? Aquiesceram silenciosamente com receio de deterem a torrente.

— Há duas espécies de motores: a dois tempos e a quatro tempos. Este é a quatro tempos. Compreenderam? Aquiesceram de novo e os gêmeos, que o olhavam com adoração, abanaram a cabeça por seu turno.

— É muito interessante — disse Adam.

O Joe continuou a toda a velocidade: — A diferença principal entre um automóvel Ford e os outros está numa transmissão planetária baseada num princípio re-vo-lu-ci-o-ná-ri-o.

Fez uma pausa com a cara contraída pelo esforço. E assim que os quatro auditores tornaram a abanar a cabeça, preveniu-os: — Mas não julguem que já sabem tudo. Não esqueçam que o sistema planetário é re-vo-lu-ci-o-ná-ri-o! Tratem de estudá-lo no livro. E agora, se realmente compreenderam, passemos ao capítulo Como-Pôr-a-Funcionar-um-Automóvel.

O mecânico anunciou aquilo como se lesse um título a oito colunas. Era incontestável que se sentia feliz por ter acabado a primeira parte do discurso, mas os auditores não se sentiam menos felizes. O esforço deixara-os exaustos e, aqui à puridade, não tinham percebido patavina.

— Aproximem-se — disse o rapaz. — Estão a ver isto? É a chave de ignição. Quando se lhe dá uma volta, o carro ficà vista a andar. Depois, puxa-se aquilo para a esquerda, é a ligação à bateria. Ali onde diz BAT, quer dizer bateria.

Todos enfiaram a cabeça dentro do carro. Os gêmeos treparam para o estribo.

— Não, esperem. Estou a andar muito depressa. Primeiro tem de se retardar a centelha e avançar o gás; de contrário, podem ficar sem um braço. Isto aqui é a centelha. Empurra-se para cima. Compreenderam? Para cima. Afastem-se. E isto é o gás. Puxa-se para baixo. Agora vou fazer tudo enquanto explico. Sigam-me com atenção. Os pequenos é melhor cavarem que estão a tapar-me a luz. Saíam daí, que diabo! Os gêmeos desceram contrariados.

O jovem respirou profundamente. — Estão prontos? Centelha retardada, gás avançado. Centelha para cima, gás para baixo. Agora, ligar a bateria para a esquerda. Não se esqueçam, para a esquerda.

Parecia que uma abelha gigantesca ficara prisioneira no motor.

— Estão a ouvir? É o contato na bobina. Se não ouvirem isto é preciso afinar os platinados e até limá-los, caso seja necessário. O mecânico viu a consternação estampada no rosto de Adam.

— Depois logo estuda isso no folheto com mais descanso — disse ele com amabilidade. E foi postar-se em frente do carro.

— Isto é a manivela. Estão a ver este arame a sair do radiador? É o arranque. Agora prestem bem atenção. Mete-se a manivela assim até se prender. Vêem o meu polegar voltado para baixo? Se pegasse de outra maneira e a manivela desse um coice, lá se ia o dedo. Toparam? Não ergueu a vista, mas percebeu que toda a gente fazia que sim.

— Agora — prosseguiu ele —, muita atenção! Empurro a manivela e levanto-a até sentir compressão. Nessa altura, puxo o arame do arranque e dou devagar à manivela para admitir os gases. Estão a ouvir este barulho de sugar? É o arranque. Mas não puxem demasiado para não afogarem o carburador. Neste momento, largo o arame e dou à manivela com toda a força. Assim que começar a roncar, corro ao painel e avanço a centelha e retardo o gás. E assim que puder ligo o magneto, vêem?, onde está escrito MAG. E pronto.

O auditório estava esgotado. E, dizer que no fim daquilo tudo só se tinha posto o motor a trabalhar! O mecânico continuou: — Agora vão repetir comigo para decorarem: centelha para cima, gás para baixo.

Todos repetiram em coro: — Centelha para cima, gás para baixo.

— Ligar a bateria.

— Ligar a bateria.

— Manivela em compressão com o polegar para baixo.

— Manivela em compressão com o polegar para baixo.

- Puxar o arranque devagarinho.
- Puxar o arranque devagarinho.
- Manivela.
- Manivela.
- Centelha para baixo, gás para cima.
- Centelha para baixo, gás para cima.
- Ligar o magneto.
- Ligar o magneto.
- Agora, vamos recomeçar do princípio.
- Tratem-me por Joe.
- Tratem-me por Joe.
- Não é isso. Centelha para cima, gás para baixo.

Adam sentia uma espécie de prostração à medida que entoavam a ladainha pela quarta vez. Tudo aquilo lhe parecia ridículo. Grande foi, pois, o seu alívio quando viu surgir Will Hamilton ao volante de um enorme e vermelho modelo desportivo. O jovem mecânico observou o veículo que se aproximava.

— Dezesseis válvulas — disse ele. — Rico trabalho.

Will debruçou-se do carro. — Como vai isso? — perguntou ele.

— Vai bem — respondeu o mecânico. — Eles aprendem depressa.

— Roy, tem de vir comigo. Partiu-se uma peça do novo auto fúnebre. Se quisermos que ele esteja vista amanhã, para o funeral da Sra. Hawks, teremos de trabalhar pela noite adiante.

Roy assumiu um ar entendido: — Vou me vestir — disse ele.

E correu para casa. Na altura em que saía com o saco da ferramenta, Cal atravessou-se no caminho.

— Ouve lá — perguntou-lhe Cal —, eu achava que tu te chamavas Joe.

— Ora essa, por quê?

— Estavas sempre a dizer “tratem-me por Joe”. Mas o Sr. Hamilton chamou-te Roy.

Roy soltou uma gargalhada e pulou para a espada.

— Sabes por que disse que me chamassem Joe?

— Não, por que foi?

— Porque me chamo Roy.

Subitamente, parou de rir e olhou para Adam com severidade.

— Pegue o livro que está debaixo do assento e estude-o. Entendeu?

— Perfeitamente — disse Adam.

Capítulo XXX

1

Tal como nos tempos bíblicos, também naquela época se produziam milagres. Uma semana após a lição, o Ford entrou na rua principal de King City e deteve-se com estardalhaço diante da estação dos correios. Adam conduzia, Lee ia sentado ao lado dele e os gêmeos pavoneavam-se no assento de trás.

Adam olhou para os pedais e todos cantaram em uníssono: — Puxar o travão, avançar o gás, cortar o contato.

O motorzinho rabujou e calou-se. Adam, estafado mas radiante, descansou um bocado antes de descer. O empregado dos correios olhou através das grades douradas do guiché.

— Já vejo que comprou um desses pavores.

— A gente tem de acompanhar o tempo — respondeu Adam.

— Tempos virão, Sr. Trask, em que o cavalo desaparecerá da superfície da terra.

— É muito possível.

— Vão estragar-nos a paisagem, empestar-nos, e enlouquecer-nos — continuou o empregado. — Nós já notamos a diferença. Gente que vinha ao correio uma vez por semana, passou a vir todos os dias e até duas vezes por dia. Já não têm paciência para esperar pelo correio. Andam sempre cheios de pressa, cada vez têm mais pressa.

O homem exibia um desprezo tão violento que Adam compreendeu que se tratava de ciúmes, por não ter ainda conseguido comprar um Ford.

— Por nada deste mundo queria um automóvel — disse o homem. Aquilo significava que a mulher o atazanava para comprar um. O automóvel representava um lugar mais elevado na escala social.

O empregado pegou com raiva numa carta que estava no compartimento dos T e estendeu-a a Adam.

— Logo nos vemos no hospital — acrescentou ele com maldade. Adam sorriu-lhe e saiu. Um homem que raramente recebe correio não o trata com ligeireza. Se recebe uma carta, toma-lhe o peso, lê o nome do remetente e o endereço, examina a letra e decifra o carimbo dos correios e a data. Adam

especou-se no passeio, diante do Ford, para se entregar a todas aquelas operações. No canto esquerdo do envelope estava impresso “Bellows & Harvey, solicitadores”..

A carta vinha da cidade natal de Adam, no Connecticut.

Adam comentou em ar desprendido: — Conheço bem estes Bellows e Harvey, conheço-os mesmo muito bem.

Gostaria de saber o que me querem. Examinou o envelope que tornou a voltar.

— Como teriam eles descoberto a minha morada?

Lee observava-o, sorrindo.

— Talvez aí dentro esteja a resposta às suas perguntas.

— É natural — respondeu Adam.

E tomou a decisão. Pegou no canivete, abriu a lâmina maior, procurou uma abertura para a introduzir, não a encontrou, ergueu a carta contra o sol para ter a certeza de que não estragava a mensagem, sacudiu o envelope, fez uma incisão numa das extremidades, soprou lá para dentro e tirou a carta com dois dedos. Depois, leu com a maior atenção: Ex.mo Sr. Adam Trask, King City, Califórnia.

Prezado Senhor, Há seis meses que tentamos inutilmente pôr-nos em contato com V Exa. Publicamos, até, anúncios nos jornais, sem qualquer resultado. Apenas conseguimos localizar V. Exa. quando os serviços dos correios nos transmitiram a carta que endereçou a seu irmão.

Adam depreendeu que eles tinham ficado levemente irritados.

O parágrafo seguinte era de teor nitidamente diferente:

Cumprimos o doloroso dever de lhe participar o falecimento do seu irmão Charles Trask. Morreu devido a uma congestão pulmonar, ocorrida em 12 de outubro, após uma doença de duas semanas. O corpo repousa no cemitério municipal. A sepultura não se encontra assinalada por nenhuma lápide, mas presumimos que V. Exa. desejará encarregar-se de tão penoso dever.

Adam respirou profundamente e conteve o ar enquanto relia o parágrafo. Ao terminá-lo, expirou devagar para não fazer barulho.

— Morreu meu irmão Charles — disse.

— Os meus sentidos pêsames — disse Lee.

— É nosso tio? — perguntou Cal.

— Era o teu tio Charles — disse Adam.

— Também era meu tio? — perguntou Aron.

— Também.

— Não sabia que tinha um tio — disse Aron. — Talvez a gente possa pôr flores na sepultura. A Abra ajudaria. Ela gosta muito dessas coisas.

— Mas é muito longe, na outra ponta do país.

Aron, que se debatia com uma violenta emoção, exclamou: — Achei: quando formos levar flores à mamãe, iremos também ver o tio Charles. Depois, acrescentou com certa tristeza: — Gostaria muito de o ter conhecido antes.

Aron achava que já havia muitos mortos na família.

— Ele era simpático? — perguntou.

— Muito simpático — respondeu Adam. — Era meu irmão, assim como o Cal é teu irmão.

— Também eram gêmeos?

— Não, não éramos.

— Ele era rico? — perguntou Cal.

— Claro que não era — disse Adam. — Mas que lembrança a tua!

— Se fosse rico, a fortuna ficava para nós, não ficava?

Adam respondeu com severidade: — Quando se fala na morte, não se fala em dinheiro. Devemos estar todos tristes por ele ter morrido.

— Por que é que eu hei de estar triste? — perguntou Cal. — Nunca o vi.

Lee levou a mão à boca para disfarçar o sorriso.

Adam voltou a mergulhar na leitura. Ao novo parágrafo, correspondia uma nova mudança de estilo.

Na nossa qualidade de executores testamentários do extinto, temos o prazer de informar V. Exa. que o seu irmão, graças a um labor honesto e perseverante, agregou uma fortuna considerável que, em terrenos, imóveis e disponibilidades, excede largamente a quantia de cem mil dólares. O testamento, feito e assinado neste cartório, será enviado a V. Exa. caso o solicite. De acordo com a vontade do defunto, todo o dinheiro, os terrenos e os imóveis deverão ser divididos em partes iguais entre V. Exa. e a sua Esposa. No caso de falecimento de sua Esposa, reverte para V. Exa. a totalidade dos bens legados. O testamento também estipula que, no caso de falecimento de V. Exa., reverteria para sua Esposa a totalidade dos bens. Deduzimos pela sua carta que ainda se encontra no número dos vivos, pelo que tomamos a liberdade de lhe apresentar as nossas

felicitações.

Vossos servos dedicados, por/ Bellows & Harvey: George B. Harvey.

No fundo da carta havia um Post scriptum:

Meu Caro Adam: Não te esqueças dos teus servos nos teus dias de prosperidade. O Charles era um somítico que nunca desperdiçava um níquel. Espero que tu e a tua mulher façam melhor uso desse dinheiro. Haverá por aí futuro para um bom advogado? Refiro-me a mim mesmo. Teu velho amigo, Geo Harvey.

Adam baixou a carta e olhou os gêmeos e Lee. Todos aguardavam alguma coisa, mas Adam fechou a boca, dobrou a carta, meteu-a no envelope e escondeu tudo no bolso interior do casaco.

— Alguma complicação? — perguntou Lee.

— Parecia preocupado.

— Não estou, não. Estou apenas triste por causa do meu irmão.

Adam tentou arranjar lugar na cabeça para o que acabava de saber, mas a coisa era tão irrequieten como uma galinha a ajeitar-se no ninho. Compreendeu que precisava de ficar só. Subiu para o carro e deitou um olhar vago ao painel dos instrumentos. Não se recordava absolutamente de nada.

Lee perguntou: — Precisa de ajuda? — É curioso — disse Adam —, já não sei por onde começar.

Lee e os gêmeos recitaram em coro:

— Centelha para cima, gás para baixo, ligar a bateria.

— Pois claro, é isso mesmo! Mas que cabeça a minha! Quando a abelha gigantesca se pôs a zumbir na bobina, Adam precipitou-se para a manivela, depois voltou a correr para avançar a centelha, retardar o gás e ligar o magneto.

No regresso, quando passavam debaixo dos carvalhos, Lee exclamou subitamente: — Esquecemo-nos de comprar a carne.

— É verdade. Não há mais nada em casa? — Só há ovos e presunto.

— Isso chega.

— Amanhã, quando for pôr a resposta no correio, poderá comprar a carne.

— Pois claro.

Enquanto Lee preparava o jantar, Adam ficou à espera com o olhar ausente. Sabia que precisava do auxílio de Lee, mesmo que fosse só o auxílio de

um homem que só escuta enquanto os nossos pensamentos se vão clarificando.

Cal arrastara o irmão para a cocheira onde estava guardado o Ford. Abriu a porta e sentou-se ao volante.

— Aron, sobe também.

Aron protestou: — O papai não quer.

— Ele não sabe. Vem.

Aron subiu timidamente e sentou-se no banco. Cal empunhou o volante.

— Pó! Pó! — disse ele. E depois: — Sabes o que acho? O tio Charles era rico.

— Não era.

— Quanto queres apostar que era?

— Achas que o papai mentiu?

— Não estou dizendo isso. Aposto que ele era rico.

Mantiveram-se em silêncio durante um momento. Cal fazia curvas vertiginosas.

— Aposto que sou capaz de descobrir — disse ele finalmente.

— O quê? — Que queres apostar? — Nada — disse Aron.

— E se fosse o teu apito de osso? Aposto o meu abafador contra o teu apito em como nos mandam deitar logo a seguir ao jantar. Combinado? — Está bem — disse Aron. — Mas não entendo porquê.

— O papai vai conversar com o Lee e eu ponho-me à escuta.

— Não te atreves.

— Achas que não? — E se eu te denunciar? Pelo rosto de Cal passou uma sombra. Inclinou-se para o irmão e murmurou: — Não me vais denunciar porque, se o fizeres, digo-lhe quem lhe roubou o canivete.

— Ninguém lhe roubou o canivete. Foi com ele que abriu a carta.

Cal sorriu. — Isso foi hoje. Mas, amanhã?

Aron compreendeu que não havia nada a fazer. Cal previra tudo.

Cal viu a confusão e a impotência no rosto de Aron. Sentiu-se poderoso e feliz. Podia pensar e fazer o que quisesse muito antes de o irmão vir a descobrir. Até com o pai poderia fazer o mesmo.

Com Lee era diferente porque o chinês se adiantava sempre a Cal e ficava à espera, compreensivo, para lhe dizer no último momento: “Não faças isso!” Cal respeitava e temia Lee, mas Aron, indefeso, era um bocado de barro maleável. Cal sentiu de súbito um amor profundo pelo irmão, a necessidade de o proteger, e passou-lhe o braço pelos ombros. Aron não tugi nem mugiu. Apenas recuou o suficiente para ver a cara de Cal. Cal disse: — Porque me estás a olhar?

— Não compreendo por que fazes isso.
— Isso o quê?
— Todas essas coisas e esses segredinhos.
— Que coisas?
— Aquilo que fizeste com o coelho. Tenho a certeza de que disseste alguma coisa a Abra. Foi por tua culpa que ela jogou fora a caixa.
— Ora vejam! — exclamou Cal. — Queres saber o que se passou? Mas sentia-se embaraçado.

Aron respondeu devagar: — Não, não quero. O que me interessa saber é por que o fizeste... Andas sempre tramando alguma coisa e eu gostaria de saber por quê? Que prazer é que isso te dá? Cal sentiu uma dor no coração. O projeto já lhe parecia vil e sem interesse. O irmão acabava de o desarmar. Estava desorientado e não sabia que fazer. Sentiu vontade de ser amado pelo irmão.

Aron abriu a porta do Ford, desceu e saiu da cocheira. Cal tentou ainda imaginar que guiava o carro a velocidades fantásticas, mas depressa se aborreceu e encaminhou-se por sua vez para casa.

2

Depois do jantar, quando Lee acabou de lavar a louça, Adam disse: — Já são horas de irem para a cama, meus filhos.

Aron deu uma olhadela para Cal e tirou do bolso o apito de osso.

— Não quero — disse Cal.

— Pertence a ti — respondeu Aron.

— Já não quero. Fica com ele.

Aron pôs o apito em cima da mesa: — Guarda-o para quando quiser.

Adam interrompeu-os: — Que discussão é essa? Já lhes disse para se irem deitar.

Cal afivelou a expressão de “bebê inocente”. — Por quê? — perguntou.
— Ainda é muito cedo para nos irmos deitar.

Adam respondeu: — Pois é, não há dúvida, mas eu quero falar com o Lee. Como está muito escuro e vocês não podem ir lá para fora, peço-lhes que se vão deitar ou, pelo menos, que se metam no quarto. Compreenderam? Os gêmeos responderam: — Sim, papai. E Lee acompanhou-os até ao quarto. Depois, já com as camisas de dormir vestidas, vieram despedir do pai.

Lee, quando regressou à sala, fechou a porta. Em seguida, pegou no apito,

observou-o e tornou a colocá-lo no seu lugar.

— Gostaria de saber o que se passou.

— O que, Lee?

— Eles fizeram uma aposta antes de jantar, o Aron perdeu e pagou. De que nós estávamos falando?

— Eu tinha dito para se irem deitar.

— Talvez a gente ainda venha a compreender — disse Lee.

— Tenho a impressão de que você dá muita importância às questões dos pequenos. Aquilo, provavelmente, não significava nada.

— Há de significar alguma coisa. E acrescentou: — Sr. Trask, julga que os pensamentos das pessoas ganham importância com a idade? As suas sensações serão mais agudas e as ideias mais claras do que quando tinha dez anos? Verá da mesma maneira? Ouvirá da mesma maneira? Terá a sua vitalidade aumentado?

— Não há dúvida de que tem razão — disse Adam.

— Um dos maiores erros que se podem cometer — disse Lee — é fazer acreditar aos homens que os anos podem trazer-lhes outra coisa que não seja velhice e tristeza.

— E recordações.

— Ah! pois, as recordações. Sem elas o tempo não disporia de armas para nos atacar. Que era que me queria dizer? Adam tirou a carta do bolso e pô-la em cima da mesa.

— Vai ler isto com todo o cuidado para depois discutirmos o assunto. Lee pegou nos óculos, foi sentar-se debaixo do candeeiro e leu a carta.

— Então? — perguntou Adam.

— Haverá algum futuro para um advogado?

— O quê? Ah! já percebi, está brincando.

— De forma nenhuma — disse Lee. — Limitei-me a dar-lhe a entender, à minha maneira oriental, que preferia conhecer a sua opinião antes de lhe dar a minha.

— Não estará sendo demasiado brusco comigo? — Estou, sim — disse Lee. — Tanto pior para os meus modos orientais. Estou a tornar-me velho, rabugento e impaciente. Nunca ouviu dizer que os criados chineses, apesar de se manterem fiéis, se tornam insuportáveis à medida que envelhecem? — Não pretendia ofendê-lo.

— Nem eu me ofendi. Queria falar nessa carta, não queria? Pois, então, fale. Só depois disso ficarei a saber se lhe poderei dar uma opinião honesta ou se

será preferível abraçar a sua.

— Não compreendo nada disto — disse Adam desorientado.

— Se o senhor, que conhecia o seu irmão, não compreende nada, o que farei eu, que nunca o vi.

Adam levantou-se, abriu a porta e não viu a sombra que se esgueirava. Dirigindo-se ao quarto, voltou com um daguerreótipo que pôs em cima da mesa.

— Aqui tem o meu irmão Charles — disse ele, enquanto tornava a fechar a porta.

Lee examinou a placa de metal brilhante, inclinando a cabeça para evitar os reflexos.

— Este retrato foi feito antes de eu ir para a tropa — disse Adam.

Lee aproximou o retrato dos olhos. — É difícil de ajuizar, mas pela expressão parece-me que o seu irmão não tinha um feitio muito alegre.

— Ele nunca ria — respondeu Adam.

— Não era isso precisamente o que eu pretendia dizer. Ao ler o testamento, pensei cá para comigo que ele devia ser um homem dotado de um sentido particularmente brutal do humor. Ele gostaria de si?

— Não sei — disse Adam. — Houve ocasiões em que cheguei a crer que sim. Certa vez, tentou me matar.

Lee disse: — Está escrito na cara. O ódio e o amor transformaram-no num avarento. O avarento não passa de um homem assustado que se esconde numa fortaleza de dinheiro. Ele conhecia a sua mulher?

— Conhecia.

— E gostava dela?

— Odiava-a.

Lee suspirou. — Isso, aliás, não tem importância. Não é aí que reside o seu problema.

— Não.

— Está disposto a falar e a analisar?

— Era o que eu queria fazer.

— Vamos a isso.

— Tenho tudo embaralhado na cabeça.

— Quer que seja eu a fazê-lo? A um estranho não custa tanto.

— Por favor.

— Muito bem. — De súbito, Lee grunhiu e pareceu admirado. Com a mão magra, pôs-se a acariciar o queixo. — Mas que encrenca! E eu que nem pensei nisso.

Adam estava sobre brasas: — Faria muita diferença se mostrasse o seu jogo?

Lee sacou do bolso um cachimbo de longo cabo de ébano terminado por um pequeno cadinho de cobre. Encheu-o com um tabaco muito miudinho, acendeu-o, deu quatro grandes fumaças e deixou apagar o cachimbo.

— É ópio? — perguntou Adam.

— Não — respondeu Lee. — É um tabaco chinês muito barato, que tem gosto muito ruim.

— Por que o fuma, então?

— Não sei — respondeu Lee. — Talvez por me recordar algo que seja sinônimo de claridade. — Semicerrou as pálpebras. — Mãos à obra. Vou tentar expor os seus pensamentos como tripas que se põem a secar ao sol. Essa mulher continua a ser a sua mulher e ainda está viva. Pelo que diz a carta, ela herda cerca de cinquenta mil dólares, o que representa muito dinheiro. Com tal quantia pode fazer-se imenso bem ou imenso mal. O seu irmão, se soubesse o que ela é e o que ela faz, desejaria que ela entrasse na posse desse dinheiro? Em caso de litígio, a justiça gosta de se conformar aos desejos do testador.

— O meu irmão não quereria uma coisa dessas — disse Adam.

Mas, logo a seguir, recordou-se das visitas periódicas do irmão à estalagem.

— Tem de se pôr no lugar do seu irmão — disse Lee. — O que a sua mulher faz não é bom nem mau. Há santos em toda a parte. Talvez ela pudesse praticar ótimas ações com esse dinheiro. Não há nada como uma má consciência para levar à filantropia.

Adam estremeceu.

— Ela já me explicou o que faria se tivesse dinheiro. É uma coisa que se parece mais com um assassinato do que com uma obra de caridade.

— Acha, portanto, que ela não deve dispor desse dinheiro?

— Ela disse que arrastaria logo ao suicídio uma série de pessoas de excelente reputação.

— Já estou vendo — disse Lee. — E sinto-me feliz por poder observar tudo isso de muito longe. Pelo que calculo, as calças da reputação desses senhores devem estar cheias de buracos. Portanto, moralmente, nunca lhe entregaria o dinheiro?

— Não!

— Então, considere isto: ela não tem nome e é ignorada pela sociedade. Não passa de uma prostituta. Se tivesse conhecimento do testamento e quisesse

exigir a sua parte, só o poderia fazer com o seu auxílio.

— Evidentemente. Não podia passar sem o meu auxílio.

Lee tornou a pegar no cachimbo, limpou-o com um alfinete de cobre e encheu-o. Voltou a dar as quatro fumaças, ergueu o olhar e observou Adam.

— É um problema moral muito delicado — disse ele. — Se me der o seu consentimento, irei submetê-lo à sagacidade dos meus veneráveis parentes. Sem citar nomes, claro. Hão de passá-lo a pente fino, como o menino que caça as pulgas de um cão. Era capaz de jurar que obterão excelentes resultados. — Descansou o cachimbo na mesa. — Mas o senhor, o senhor não pode escolher, não é verdade?

— Que quer dizer? — perguntou Adam.

— Será possível que ainda se conheça menos do que eu o conheço?

— Não sei o que fazer — disse Adam. — Vou ter que pensar no assunto.

Lee disse com raiva: — Estou vendo que perdi o meu tempo. Estará mentindo a si próprio ou só a mim?

— Não me fale nesse tom — pediu Adam.

— E por que não? Sempre detestei ficar desiludido. O seu caminho está traçado e o que há de fazer já está escrito, escrito nos mínimos pormenores. Falarei como me apetecer. Há muito que adquiri esse direito. Já sinto areia sob a pele, sinto já o ignóbil odor dos velhos livros e o suave aroma do pensamento. Colocado perante duas morais, o senhor seguirá aquela que lhe ensinou a sua educação e não é aquilo a que chama pensar que modificará a sua decisão. Nem o fato de a sua mulher se prostituir em Salinas contribuirá para o fazer mudar de ideias. Adam levantou-se. Estava furioso.

— Está a ser insolente porque vai embora — gritou ele. — Digo-lhe e repito que não sei ainda o que irei fazer a respeito desse dinheiro.

Lee suspirou profundamente. Ergueu-se apoiando as mãos nos joelhos, encaminhou-se com ar cansado para a porta, voltou-se, sorriu a Adam e disse em tom amistoso: — Seu puritano! Depois, saiu e fechou a porta atrás de si.

3

Cal percorreu silenciosamente o corredor e subiu para o quarto. Adivinhou a cabeça do irmão em cima do travesseiro, mas não conseguiu perceber se Aron dormia. Sem fazer barulho, meteu-se na cama, virou-se de mansinho, entalou os dedos debaixo da cabeça e fitou as miríades de pontinhos

coloridos que formam a obscuridade. A cortina da janela inchava com o vento antes de cair com um ligeiro ruído.

Apossava-se dele uma calma melancolia. Como lamentava que o irmão não tivesse ficado com ele no Ford, como lamentava ter escutado à porta da sala! Agitou os lábios no escuro e, se bem que não emitisse nenhum som, ouviu as suas palavras.

“Meu Deus — disse ele —, faz que eu seja como o Aron. Não me faças mau. Eu não quero ser mau. Se fizeres com que toda a gente goste de mim, dar-te-ei tudo o que quiseses. E se não o tiver, irei buscá-lo onde estiver. Eu não quero ser mau e não quero ficar sozinho. Amem.” Lágrimas deslizavam por seu rosto. Os músculos estavam contraídos. Tentou chorar em silêncio.

Aron murmurou: — Tu estás com frio, estiveste a tremer.

Estendeu a mão e sentiu sob os dedos o braço rijo de Cal.

— O tio Charles sempre teve dinheiro? — perguntou Aron em voz baixa.

— Não — respondeu Cal.

— Tu ficaste lá muito tempo. O que é que o papai queria dizer?

Cal manteve-se imóvel para recuperar a calma.

— Não queres dizer-me? — perguntou Aron. — Muito bem! Podes ficar com o segredo..

— Vou dizer — murmurou Cal. — Voltou-se de costas para o irmão. — O papai vai mandar uma coroa para a mamãe, uma formidável coroa de cravos.

Aron sentou-se na cama, profundamente comovido.

— Sério? Como é que ele vai mandar para tão longe?

— Pelo trem. Não fales tão alto.

Aron baixou de novo a voz.

— Mas como é que chega lá fresca?

— Com gelo. Vão metê-la numa caixa com gelo — respondeu Cal.

Aron perguntou: — Será preciso muito gelo?

— Uma quantidade fantástica — disse Cal. — Agora, dorme.

Aron manteve-se calado, até que disse: — Espero que não chegue murcha.

— Não tenhas medo — disse Cal.

E continuava a gritar para si mesmo: “Faz com que eu não seja mau, faz que eu não seja mau.”

Capítulo XXXI

1

Adam vagueou pela casa toda a manhã e, ao meio-dia, foi ter com Lee que revolvía um pedaço de terra na horta e plantava os legumes da primavera — cenouras e beterrabas, nabos, ervilhas, vagens, e repolhos. As fileiras eram marcadas com um cordel esticado e, em cada extremidade, para identificação, estava espetada uma estaca com o envelope que contivera as sementes. No fundo da horta, em local abrigado, estavam as mudas de tomates, pimentões e couves aguardando o fim das primeiras geadas para serem transplantadas.

Adam disse: — Portei-me como um estúpido. Lee, sem largar a enxada, ergueu os olhos para Adam.

— Quando parte? — perguntou.

— No trem das duas e quarenta, e regresso no das oito horas.

— Podia escrever uma carta — disse Lee.

— Também pensei nisso. Se fosse você, fazia-o? — Não, tem toda a razão. Eu é que estou a ser estúpido. Nada de cartas.

— Tenho de lá ir — disse Adam. — Já estudei todas as soluções, mas não há nenhuma que seja boa. Lee disse: — O senhor poderá ser desonesto de muitas maneiras, mas nunca na maneira como escolhe. Felicidades. Fico ansioso por saber o que ela vai dizer e fazer.

— Eu vou levar o cabriolé — disse Adam — e deixá-lo em King City. Não gosto de guiar o Ford quando ando só.

Eram quatro e um quarto quando Adam bateu à porta de Kate. Foi um homem quem abriu, mas não era o mesmo da última vez; agora era um finlandês com ar de bruto, sem casaco nem gravata. Elásticos de seda encarnada sustinham-lhe as mangas. Deixou Adam à porta e voltou logo em seguida para o conduzir à casa de jantar.

Era uma grande sala despida, com as paredes e os madeiramentos pintados de branco. No meio, estava uma comprida mesa retangular, tapada com um oleado branco, também, e já posta para o jantar: pratos, xícaras e pires, com as xícaras voltadas ao contrário nos pires.

Kate estava sentada numa extremidade da mesa, com um livro de contas aberto à sua frente: Vestia com severidade. Tinha uma pala verde na testa e os dedos brincavam distraidamente com um lápis amarelo. Deitou um olhar interessado a Adam que ficara na ombreira da porta.

— Que mais queres tu? — perguntou ela. O finlandês não saía de trás de

Adam. Adam não respondeu. Aproximou-se da mesa e colocou a carta diante de Kate, em cima do livro de contas.

— O que é isto?

— Sem esperar pela resposta, ela leu rapidamente a carta.

— Sai e fecha a porta — disse ela ao finlandês. Assim que a porta se fechou, Kate perguntou: — Será uma brincadeira? Não, tu não és desse gênero. — Depois, pareceu refletir. — Talvez seja uma brincadeira do teu irmão. Tens certeza de que morreu?

— Tudo o que sei está nessa carta — respondeu Adam.

— Que queres que eu faça?

Adam encolheu os ombros. Kate disse: — Se queres que assine alguma coisa, estás a perder o teu tempo. Podes falar à vontade.

Adam introduziu o dedo entre o feltro e a fita do chapéu e deu-lhe uma volta completa.

— Por que não tomas nota do endereço do notário e escreves tu mesma?

— Falaste-lhes em mim?

— Não, escrevi ao Charles e disse-lhe que vivias noutra cidade. Ele já estava morto quando a carta chegou. Foram os notários que a abriram. É tudo quanto sei.

— Aquele que escreveu o post-scriptum tem ar de ser um dos teus amigos. Que foi que lhe respondeste?

— Ainda não respondi.

— E que tencionas responder?

— A mesma coisa. Que tu vives noutra cidade.

— Não podes dizer que nos divorciamos. Nós nunca nos divorciamos.

— Nunca me passou isso pela cabeça.

— Sabes quanto terás de dar para me comprares? Quarenta e cinco mil dólares, nem menos um centavo.

— Não.

— Não, o quê? Não me digas que te vais pôr a regatear?

— Não estou interessado em regatear. Tu leste a carta e já sabes tanto como eu. Portanto, faze o que te der vontade.

— Pareces sentir-te muito seguro.

— E sinto.

Ela olhou-o através da pala verde, de onde pendiam pequenos caracóis como a vinha virgem num telhado.

— Tu não passas de um imbecil, Adam. Se tivesses guardado segredo,

ninguém viria a saber que estava viva.

— Mas eu sei.

— Ah! sim? Se calhar pensavas que tinha medo de reclamar dinheiro?

Saíste-me um bom idiota se acreditaste nisso.

Adam disse: — Não me interessa o que fizeres.

Ela riu com cinismo. — Ora vejam! E se eu te disser que no gabinete do xerife existe uma ordem de expulsão para ser posta em vigor assim que eu me servir do teu nome ou que disser que sou tua mulher? Achas que te faria arranjo?

— Fazer-me arranjo para quê?

— Para te livrares de mim e meteres todo o dinheiro no bolso.

— Trouxe-te a carta — disse Adam, armando-se de paciência.

— Quero saber por quê.

— Há só uma coisa que conta: Charles legou-te esse dinheiro por testamento e não impôs nenhuma cláusula restritiva. Eu não vi o testamento, mas tenho a certeza de que ele queria que tu herdasses.

— Estás jogando um jogo perigoso com cinquenta mil dólares — disse ela —, mas não julgues que me enganas a cabeça. Ainda não entendi onde está a treta, mas hei de descobri-la.

E Kate acrescentou: — Quem é o teu conselheiro?

— Ninguém.

— E o chinês? Ele não é idiota nenhum.

— Ele não me deu conselho nenhum.

Adam sentia-se interessado pela própria impassibilidade. Não tinha a impressão de ali estar. Olhou para Kate e ficou surpreso ao ver-lhe na cara qualquer coisa que nunca tinha visto. Kate estava com medo, com medo dele. Mas por quê? Ela recompôs-se rapidamente.

— Tu fazes isso porque és honesto, hem? Onde é que já se viu um anjinho assim?

— Talvez eu seja um anjinho — disse Adam —, mas trata-se do teu dinheiro e eu não sou um ladrão. Tanto se me dá o que tu possas pensar.

Kate empurrou a pala para o alto da cabeça.

— Queres fazer-me crer que me vinhas dar cinquenta mil dólares de mão beijada? Descansa que eu hei de descobrir onde queres chegar. Ou pensavas que eu era capaz de engolir uma história dessas?

— Onde é que costumavas receber o teu correio?

— Que tens tu com isso?

— É que vou escrever ao notário pedindo-lhe para se pôr em

comunicação contigo.

— Nem penses nisso! — atalhou ela. — Kate pegou na carta e meteu-a no livro de contas, que fechou. — Fico com isto, é um documento legal que me há de servir. Vou consultar um advogado. Não penses que não sou capaz de o fazer.

— Fazes tu muito bem. Quero que fiques com o que te pertence. Não quero para nada o dinheiro que o Charles te legou.

— Hei de descobrir a treta, aí não, que não descubro.

Adam disse: — Parece-me que não és capaz de compreender. Aliás, não me interessa. Há tantas coisas que eu também não compreendo... Por que me magoaste, por que abandonaste os teus filhos, como tu ou outra pessoa qualquer pode viver desta maneira...

Adam designou a casa com um gesto.

— Quem te pediu que compreendesses?

Adam levantou-se e pegou o chapéu. — Está tudo dito — disse ele. — Até qualquer dia.

Enquanto se encaminhava para a porta, ela atirou-lhe: — Estás muito mudado, João Ratão. Terás tu acabado por arranjar uma mulher?

Adam deteve-se e fitou-a com uma expressão pensativa.

— Não tinha pensado nisso antes — disse. — E aproximou-se tanto de Kate que ela teve de levantar a cabeça para o ver. — Eu disse que não compreendia prosseguiu ele —, mas acabo agora de descobrir o que é que tu não compreendes.

— E o que é que eu não compreendo, João Ratão?

— Tu só compreendes o lado feio das pessoas. Eu vi as fotografias. Só te sabes servir dos instintos mais reles e das fraquezas do homem, e Deus sabe quanto abundam!

— Cada um...

Adam continuou, espantado pela descoberta: — Mas tu nada sabes do resto. Não acreditas que eu tenha trazido a carta porque não quero ficar com esse dinheiro. Não acreditas que tenha podido te amar. Quanto aos homens que vêm ter contigo — esses das fotografias — não acreditas que haja neles alguma bondade ou beleza. Tu só és capaz de ver um dos lados e julgas — direi mais, tens a certeza — que é o único lado que existe.

Kate imitou com a boca o cacarejo de uma galinha.

— Sim, senhor! O meu João Ratão fala pelos cotovelos. Por que não me pregas um sermão?

— Não, seria desnecessário porque te falta alguma coisa. Certas pessoas não distinguem a cor verde e são até capazes de morrer sem se dar por isso. Tu não és um ser humano completo e o remédio não está nas minhas mãos. Mas gostaria de saber se alguma vez sentiste que há qualquer coisa invisível à tua volta. Seria pavoroso se soubesses que existe essa coisa e não pudesses tocá-la, seria simplesmente pavoroso.

Kate afastou a cadeira e levantou-se. Tinha as mãos crispadas nas ancas, dissimuladas nas pregas do vestido, e fez um esforço para não gritar.

— O João Ratão gosta de brincar de filósofo — disse ela — mas é tão mau filósofo como o é nas outras coisas. Já ouviste falar em alucinações? Se há coisas que eu não consigo ver, não pensas que possam ser produto do teu cérebro doentio?

— Não — volveu Adam —, não creio. E tu também não.

Voltou-se, atravessou a sala e saiu.

Kate sentou-se e olhou fixamente para a porta que acabava de se fechar. Inconscientemente, pôs-se a tamborilar no oleado da mesa, enquanto os olhos ficavam embaciados pelas lágrimas e o corpo era agitado por uma coisa que se assemelhava à cólera e, também, à dor.

2

Quando Adam saiu de casa de Kate, ainda faltavam duas horas para a partida do trem para King City. Movido por um impulso, enveredou pela Main Street e caminhou até ao número cento e trinta da Central Avenue, onde se erguia a casa branca de Ernest Steinbeck. Era uma casa acolhedora e imaculada sem pretensões, posta em cima de um relvado bem cuidado e rodeada por uma cerca branca. Roseiras e madressilvas trepavam pelas paredes.

Adam atravessou o jardim, deteve-se junto à varanda e tocou. Olive, com Mary e John ao lado, abriu a porta.

Adam tirou o chapéu.

— Não me conhecem. Eu sou o Adam Trask. O seu pai era meu amigo. Desejava apresentar os meus respetos à Sra. Hamilton. Foi ela quem ajudou a nascer os meus dois gêmeos.

— Pois claro — exclamou Olive. — E abriu a porta de par empar. — Temos ouvido falarem si. Faça o favor de esperar um instante, que a mamãe está no quarto. — Olive bateu a uma porta e chamou: — Mamãe! Está aqui um

amigo para te ver.

Olive abriu a porta e mandou entrar Adam para o agradável quarto onde vivia Lizza.

— Peço desculpa, mas tenho de deixá-lo — disse Olive a Adam. — A Catrina está a assar uma galinha e precisa de ser vigiada. John, Mary, venham daí.

Lizza parecia mais pequena do que nunca e muito velha, muito velhinha na sua cadeira de balanço. Usava um vestido de alpaca preta de saia muito rodada e tinha ao pescoço uma medalha de ouro com a palavra “Mamãe” gravada.

O quatinho-saleta estava recheado de fotografias, frascos de perfume, almofadas de renda, escovas, pentes e todos os presentes que tinha recebido nos numerosos aniversários e festas de Natal.

Na parede estava pendurada uma grande fotografia colorida de Samuel, mas os saís de prata apenas tinham captado uma fria e altiva dignidade, um ar vago e composto que nada tinha a ver com o que ele fora em vida. O retrato não sorria nem piscava o olho. Estava encaixilhado numa enorme moldura dourada e, com grande consternação das crianças, o olhar seguia-as por todo o quarto.

Numa mesa de verga, ao lado de Lizza, estava a gaiola de Polly, o papagaio. Tom comprara o papagaio a um marinheiro. Era um pássaro muito velho, com mais de cinquenta anos, dizia-se, que levava uma vida aventureira e aprendera a fala pitoresca dos embarcadiços. Apesar de todos os seus esforços, Lizza não conseguira ensinar-lhe nenhum salmo para substituir a linguagem vigorosa aprendida na juventude.

Polly inclinou a cabeça, observou Adam e coçou com uma unha certa as penas junto ao bico.

— Cava daí, minha besta! — disse Polly sem a menor emoção.

Lizza franziu o cenho.

— Polly — disse ela com severidade —, não sejas malcriado.

— Grande besta — acrescentou Polly.

Lizza fingiu que não ouvia e estendeu a mão pequenina.

— Não calcula o prazer que tenho em o ver, Sr. Trask — disse ela. — Sente-se.

— Passei por aqui e resolvi entrar para lhe apresentar as minhas condolências.

— Nós recebemos as suas flores.

Passado tanto tempo, ainda se lembrava de todas as flores. Adam enviara

um ramo de perpétuas.

— A senhora deve ter dificuldade em se adaptar a esta nova vida. Lizza baixou os olhos e fechou apressadamente a boca para disfarçar a fraqueza.

Adam acrescentou: — Talvez não devesse dizê-lo, mas ele faz-me muita falta.

Lizza desviou a cabeça. — Como vão as coisas lá para os seus lados?

— Este ano vai tudo bem. Houve muita chuva e os pastos já estão crescidos.

— O Tom escreveu — disse ela.

— Cala a boca! — disse o papagaio.

Lizza lançou-lhe o mesmo olhar que costumava dar aos filhos quando eles se portavam mal.

— O que foi que o trouxe a Salinas, Sr. Trask? — perguntou ela.

— Vim a negócios — Adam sentou-se numa cadeira de verga que rangeu com o peso. — Tenciono vir morar aqui. Há de ser preferível para os meus filhos, que se aborrecem no rancho.

— Nós não nos aborrecíamos no rancho — disse ela com secura.

— Eu pensei que as escolas daqui deveriam ser melhores. Sempre seria uma vantagem para os pequenos.

— A minha filha Olive foi professora em Peach Tree, em Pleyto e em Big Sur.

Pelo tom da voz, deviam ser aquelas as três melhores escolas. Adam sentiu-se dominado por uma calorosa admiração.

— Tudo isto não passa de um projeto — disse ele.

— As crianças educadas no campo são mais saudáveis.

— Era esta a lei. A prova estava nos filhos.

Depois, Lizza desviou a atenção para Adam. — Anda à procura de uma casa em Salinas?

— Ando, sim.

— Então, vá ver minha filha Dessie. Ela quer morar no rancho com o Tom. Ela tem uma bonita casinha no alto da rua, ao lado da padaria Reynaud.

— Lá irei — disse Adam. — Vou mesmo lá em seguida. Muito folgo por ver que tem passado bem.

— Muito obrigada — disse ela. — Comodidades não me faltam.

Adam dirigiu-se para a porta, mas Lizza deteve-o: — Sr. Trask, tem visto o meu filho Tom?

— Não, não tenho. Eu nunca saio do rancho.

— Gostaria que fosse visitá-lo — disse ela apressadamente. — Tenho a impressão de que ele se sente muito só.

Mas calou-se logo, horrorizada por se ter traído.

— Esteja descansada que irei vê-lo. Até qualquer dia, minha senhora.

Ao fechar a porta, ouviu o papagaio que dizia: “Cala o bico, minha besta!”, logo seguido da voz de Lizza: “Polly! se não te calas, levas uma bofetada.” Adam saiu e subiu a rua até à padaria francesa Reynaud. A casa de Dessie era ao lado, ao fundo de um pequeno jardim. A vegetação era tão exuberante que mal se distinguia o edifício. Em cima da porta, via-se uma tabuleta pintada: “Dessie Hamilton, modista”.

O restaurante San Francisco ficava à esquina da Main Street e da Central Avenue. Adam entrou para jantar. Will Hamilton estava sentado a um canto, devorando um bife.

— Sente-se à minha mesa — disse ele a Adam. — Veio a negócios?

— Vim, sim — disse Adam. — Fui visitar a sua mãe.

Will descansou o garfo.

— Só tenho uma hora para ficar. Não fui ver a minha mãe porque fica muito cansada e a minha irmã Olive teria virado a casa de pernas ao ar para me arranjar um jantar extravagante. Não quis incomodá-las e, depois, tenho de me ir embora. Mande vir um bife, que são excelentes. Como está a mamãe? — Ela tem imensa coragem — disse Adam. — Sempre que a vejo, aumenta a minha admiração por ela.

— Lá isso, coragem não lhe falta! Só gostaria de saber como foi que ela não conseguiu perder a cabeça conosco e com o meu pai.

— Um bife bem passado — disse Adam, ao criado.

— Com batatas? — Não... Sim, fritas. A sua mãe está preocupada com o Tom.

— Como está ele? Will tirou a gordura ao bife e pô-la de lado.

— Ela tem razão para se preocupar — disse ele. — Há qualquer coisa que não me cheira. Ele anda para aí tão aparvalhado como um boi.

— Ele devia depender muito de Samuel.

— Até demais — disse Will. — Ele nunca se recompôs. O Tom não passa de uma criança crescida.

— Eu irei vê-lo. A sua mãe disse-me que a Dessie tencionava voltar para o rancho.

Will pôs a faca e o garfo em cima da toalha e fixou Adam.

— Não consinto — disse ele com violência. — Não consentirei que ela

faça isso.

— Por quê?

Will respondeu com mais calma: — Porque ela tem aqui um bom negócio e ganha a vida muito bem. Seria um disparate deitar tudo pela janela fora. Pegou faca e garfo, cortou um bocado de gordura e levou-a à boca.

— Eu volto para casa no trem das oito — disse Adam.

— Também eu — disse Will.

Não queria conversar mais.

Capítulo XXXII

1

Dessie era o benjamim da família. Mollie a bonequinha, Olive a resoluta e Una a estranha, eram amadas, mas Dessie era a bem-amada. Toda ela resplandecia, o seu riso contagiava-se como a varicela. Só ela tinha aquela alegria que ilumina os dias e os seres, nunca mais deles se apartando.

Eu exemplifico: vejamos a Sra. Clarence Morrison, Church Street, 122, Salinas, que tem três filhos e um marido comerciante. Suponhamos que Agnes Morrison diz certa manhã: “Depois do almoço vou provar um vestido a casa de Dessie Hamilton.” As crianças manifestam logo a sua alegria dando grandes pontapés na mesa até que as metam na ordem. O Sr. Morrison esfrega as mãos e dirige-se para a loja, esperando que nesse dia passe por lá um caixeiro viajante. Se o caixeiro viajante aparecer, faz-lhe uma encomenda importante. Talvez que, no íntimo, nem as crianças nem o Sr. Morrison saibam explicar porque acham que está um rico dia.

A Sra. Morrison entra na casa ao lado da padaria Reynaud às duas horas e lá fica até às quatro. Quando sai, traz os olhos cheios de lágrimas e o nariz encarnado. De regresso a casa, vai empoando o nariz e enxugando os olhos, mas, sempre que se lembra, desata a rir. É muito possível que a Dessie tenha transformado a pregadeira dos alfinetes num ministro batista e o tenha obrigado a pregar um sermão furibundo; talvez tenha contado a história do velho Taylor que compra todas as casas velhas e as leva para um terreno vago, até juntar tantas que aquilo mais parece um Mar dos Sargaços seco; quem sabe se não recitou um poema fazendo momices? Fosse o que fosse, não importa. Foi tão

cômica que as pessoas quase rebentaram a rir.

Quando os filhos dos Morrison regressam da escola, não deparam com dores de cabeça, nem com ralhos ou dramas domésticos. Se fazem barulho, não é um escândalo, e se se sujam, ninguém lhes diz nada. Podem mesmo rir às gargalhadas, que a mãe não faz caso e até se ri com eles.

O Sr. Morrison, quando regressa à noite, fala da loja e é escutado, o que nem sempre acontece. Encoraja-se e tenta repetir as anedotas do caixeiro viajante — enfim, algumas delas. O jantar está delicioso, a omelete não ficou muito passada, os bolos tinham a leveza de balões, os biscoitos não mirraram e não há como a Agnes para temperar um assado. Depois do jantar, quando as crianças, estafadas de tanto rir, vão para a cama sem se fazerem rogadas, o Sr. Morrison toca no ombro de Agnes como há muito, muito tempo não fazia, e ambos se vão deitar e ser felizes nos braços um do outro.

Uma visita a casa de Dessie produzia efeito ainda durante dois dias e, depois, a pouco e pouco, tudo voltava à mesma. Assim era a Dessie, tal era o seu poder. A alegria morava em seu coração, como em Samuel, e era a predileta, a bem-amada de toda a família.

Dessie não era bela — talvez nem fosse bonita — mas irradiava a luz que obriga os homens a seguirem certas mulheres na esperança de captarem alguns dos seus reflexos. Seria lícito pensar que, com o tempo, ela tivesse esquecido o primeiro amor e que outro o substituísse, mas nada disso aconteceu. Os Hamilton podiam ser versáteis, mas não em questões de amor. Nenhum deles parecia capaz de amar à ligeira.

Dessie nunca se resignou. Foi muito pior. Continuou a ser o que havia sido, mas sem a chama. Os amigos sofreram ao vê-la assim e tentaram ajudá-la.

Os amigos de Dessie eram bons e leais, mas também eram seres humanos que detestavam o espetáculo da dor. Com o tempo, todas as Sra.s Morrison invocaram pretextos para não voltarem à casinha junto da padaria. Não eram infiéis: custava-lhes ficarem tristes quando apenas desejavam sentir felizes. É sempre fácil encontrar justificações virtuosas e lógicas para não se fazer o que é aborrecido.

Os negócios de Dessie principiaram a declinar. E as mulheres, que julgavam necessitar de vestidos, nunca compreenderam que apenas iam buscar a felicidade. Os tempos mudaram e o fato feito entrava nos costumes. Já não era uma vergonha usá-los. E se o Sr. Morrison vendia roupa pronta a vestir, era natural que Agnes Morrison também a usasse.

A família começou a andar apoquentada por causa de Dessie, mas que se

podia fazer? Ela não queria admitir que sofresse e apenas se queixava de pontadas nos lados, bastante violentas, mas espaçadas e fugazes.

Quando Samuel morreu, o mundo estilhaçou-se como um prato. Os filhos, as filhas e os amigos tentaram juntar os cacos e recompor um mundo que se parecesse com alguma coisa.

Dessie resolveu trespassar o negócio e regressar ao rancho para viver com Tom. Não era muito o que tinha para vender. Lizza, estava a par, assim como Olive, e escrevera a Tom. Mas Will, sentado à mesa do restaurante San Francisco, não fora informado. A fúria foi-se avolumando a pouco e pouco, até que fez o guardanapo numa bola e se levantou.

— Esqueci-me de uma coisa — disse ele. — Encontramo-nos logo no trem. Will atravessou a rua, penetrou no jardim luxuriante de Dessie e bateu à porta.

Dessie estava a jantar sozinha e veio abrir com o guardanapo na mão.

— Olha, o Will! — exclamou ela. — E estendeu-lhe a face para que a beijasse. — Quando chegaste? — Estou só de passagem — disse ele. — Preciso de te falar.

Dessie conduziu-o para a cozinha-casa de jantar, uma acolhedora salinha forrada de papel com flores. Encheu uma xícara de café e pô-la à frente de Will, assim como um açucareiro e uma leiteira.

— Viste a mamãe? — perguntou ela.

— Não tive tempo — resmungou ele. — Dessie, é verdade que queres voltar para o rancho?

— Penso fazê-lo.

— Eu não quero que vás para lá.

— Por quê? Que mal tem isso? O Tom aborrece-se sozinho.

— Mas tu tens aqui um bom negócio — disse Will.

— O negócio já não dá nada; julgava que soubesses.

— Eu não quero que te vás embora — repetiu ele, com teimosia.

Dessie esboçou um sorriso de desencanto e fez o que pôde para mostrar um ar divertido.

— O meu mano está a ser muito autoritário. Quer dizer à Dessie por quê?

— Aquilo lá é muito triste.

— Sendo dois, torna-se menos triste.

Will apertou o lábio inferior entre o polegar e o indicador. Depois, disse muito depressa: — O Tom já não é o mesmo. Não podes ficar só com ele.

— Ele está doente? Precisa de auxílio?

Will disse: — Eu não queria dizer-te, mas acho que o Tom nunca se recompôs da... da morte... Anda esquisito.

Dessie sorriu afetuosamente.

— Will, tu sempre o achaste esquisito, principalmente quando se recusava a tornar-se negociante.

— Não era a mesma coisa. Agora ele vê tudo negro. Nunca fala e vai passear sozinho de noite para os montes. Fui visitá-lo outro dia... ele escreve poemas... tinha a mesa coberta de folhas.

— Tu nunca escreveste poemas, Will?

— Não.

— Pois eu escrevi. Folhas e folhas até encher a mesa.

— Não quero que vás para lá.

— Deixa-me decidir — disse ela calmamente. — Perdi qualquer coisa e quero ver se a torno a encontrar.

— Não digas disparates.

Dessie deu a volta à mesa e passou os braços pelo pescoço do irmão.

— Meu querido maninho — disse ela —, deixa-me ser eu a decidir.

Furioso, Will saiu de casa e foi por um triz que não perdeu o trem.

2

Tom foi esperar Dessie na estação de King City. Do seu compartimento, ela viu-o a espreitar para dentro das carruagens que iam passando. Tom estava mais queimado e escanhoara-se tanto que a pele brilhava como madeira encerada. O bigode ruço estava aparado. Usava um chapéu Stetson de copa chata e uma casaca Norfolk apertada na cintura por um cinto com fivela de madrepérola. Os sapatos deviam ter sido limpos com o lenço justamente na altura da chegada do trem, pois faiscavam ao sol do meio-dia. Um colarinho engomado aprisionava-lhe o pescoço forte e vermelho. Na gravata azul-clara tinha espetado um alfinete em forma de ferradura. Tom procurava disfarçar a emoção mantendo as mãos unidas à sua frente.

Dessie agitou a mão à portinhola, enquanto gritava: “Estou aqui, Tom, estou aqui.” Mas o irmão não a ouviu porque a voz foi abafada pelo estrondo das rodas quando a carruagem passou diante dele. Dessie desceu do compartimento e avistou o irmão procurando-a freneticamente na direção oposta. Sorriu e aproximou-se dele.

— Desculpe, cavalheiro — disse ela —, por acaso não conhece o Sr. Tom Hamilton? Tom girou sobre os calcanhares, corou de prazer, ergueu-a no ar e fê-la rodar em torno de si. Com um braço, manteve-a no ar enquanto lhe aplicava um açoite cordial com a mão livre. Dessie sentiu o bigode a picá-la. Tom pôs a irmã no chão, segurou-a pelos ombros e olhou-a. Ambos atiraram a cabeça para trás, desatando a rir.

O chefe da estação debruçou-se à janela, fincou os cotovelos no parapeito e lançou ao telegrafista, por cima do ombro: — Estes Hamilton, mesmo assim! Olhe-me para aquilo! Tom e Dessie, segurando no dedo mínimo um do outro, entregavam-se a uma quadrilha, cantando e dançando alegremente. Quando acabaram, abraçaram-se novamente.

Tom olhou para ela.

— A senhora não é Dessie Hamilton? Creio recordar-me da senhora. Mas está muito mudada. Que fez às suas tranças?

Tom levou um tempo enorme a pedir-lhe as senhas da bagagem, a perdê-las nos bolsos, a achá-las e a levantar uma bagagem que não pertencia a Dessie. Por fim, lá conseguiu descobrir as malas, que empilhou no assento traseiro do carro. Os dois cavalos baios escarvavam o chão e empinavam-se, fazendo ranger os varais. Os arreios estavam reluzentes e os cobres brilhavam como se fossem ouro. Tanto o chicote como a crina e a cauda dos animais estavam enfeitados com laços encarnados.

Tom ajudou Dessie a subir e fingiu que lhe olhava à sorrelfa para os tornozelos. Depois, fez estalar as rédeas, desenrolou o chicote e os cavalos deram uma curva tão apertada que as rodas até chiaram.

Tom propôs: — Queres dar uma volta por King City? Olha que é uma bela cidade.

— Não — respondeu ela. — Ainda me lembro muito bem dela. Tom virou à esquerda e rumou ao sul, enquanto os cavalos se entregavam a um trote rápido.

Dessie perguntou: — Onde está o Will?

— Não sei — resmungou ele.

— Ele te falou?

— Falou, sim, para me dizer que tu não devias vir.

— Ele também me disse a mesma coisa, até pediu ao George para me escrever nesse sentido.

— Se sentias vontade de vir, porque não haverias de vir? disse Tom com raiva. — Que tem o Will a ver com isso? Ela pegou-lhe no braço.

— Ele julga que tu estás doido porque escreves poemas. O rosto de Tom tornou-se sombrio.

— Ele deve ter entrado em casa quando eu não estava. Mas porque se mete ele onde não é chamado? Ele não tem o direito de andar a vasculhar os meus papéis.

— Calma! — disse Dessie. — Não te esqueças que o Will é nosso irmão.

— Que diria ele se eu andasse a remexer nos seus papéis? — Não há o perigo de isso acontecer — disse Dessie com secura. — Ele tem os papéis fechados num cofre. Não estraguemos este dia.

— Está bem — disse ele. — Só Deus sabe o esforço que eu faço, mas ele enerva me. Lá porque não quero viver como ele entende, chama-me doido. Dessie mudou de conversa.

— Passou-se qualquer coisa antes da minha partida — disse ela. — A mamãe queria vir. Tu já viste a mamãe chorar, Tom? — Que me recorde, não. Ela nunca teve a lágrima fácil.

— Pois fica sabendo que chorou. Não foi quase nada, mas já era muito para ela. Tinha a voz embargada, fungou e assoou-se, limpou os óculos e fechou a boca como a tampa de um relógio.

— Meu Deus! — exclamou Tom. — Não imaginas a satisfação que me dá a tua vinda, até parece que me fez bem. É como se estivesse convalescente de uma doença.

Os cascos dos cavalos martelavam a estrada municipal.

— O Adam Trask comprou um Ford — disse Tom —, ou antes, foi o Will quem lhe vendeu um Ford.

— Não sabia — disse Dessie. — É ele quem vai comprar a minha casa. Sabes que fiz um bom negócio? —

Riu. — Eu pedi um preço elevado, julgando que ele ia regatear mas, afinal, aceitou logo. Até fiquei desorientada.

— Então como resolveste o assunto? — Disse-lhe que tinha pedido um preço alto para poder baixá-lo. Ele não pareceu fazer muito caso. Tom disse: — Peço-te o favor de nunca contares isso ao Will, se não queres que ele te mande internar.

— Mas a casa não valia o preço que eu pedia.

— Acredita no que te digo, não contes nada ao Will. Porque é que o Adam quer comprar a tua casa? — Ele vai morar para lá que é para os gêmeos poderem ir à escola em Salinas.

— E que faz ao rancho? — Não sei, não me disse.

— Gostaria de saber o que teria acontecido se o nosso pai tivesse um rancho como o dele em vez do nosso monte de poeira.

— Não digas mal do nosso rancho.

— É um sítio maravilhoso para se morrer de fome.

Dessie perguntou com fervor:

— Já conheceste alguma família mais feliz do que a nossa? — Não, mas a culpa é da família e não do rancho.

— Tom, lembras-te daquele dia em que tiraste o canapé para levar a Jenny e a Belle Williams ao baile? — A mamãe nunca me perdoou. E se nós convidássemos a Jenny e a Belle para nos virem visitar? — Tenho a certeza de que viriam.

Quando abandonaram a estrada municipal para se entranharem nas colinas, Dessie disse: — Fazia delas uma ideia diferente.

— Mais áridas? — Talvez. Há tanto pasto, Tom! — Tenho vinte cabeças de gado para o comer.

— Então deves estar rico.

— Não estou, não. Quando o ano é bom, o preço da carne desce. Gostaria de saber o que faria o Will. É o homem da escassez. Ele está sempre a repetir: “É preciso jogar com a escassez.” O Will é um espertalhão. A estrada pouco mudara. Os trilhos estavam mais fundos e as pedras sobressaíam mais. O resto conservava-se na mesma. Dessie perguntou: — O que é aquela folha de papel espetada naquela moita? Ao passarem, arrancou a folha de papel e leu o que estava escrito: “Bem-vinda seja.” — Foste tu, Tom? — Não, foi alguém que se nos adiantou.

De cinquenta em cinquenta metros, surgiram outros cartazes pendurados nas moitas, pendentes das árvores ou espetados no tronco de um castanheiro. Todos diziam “Bem-vinda” e Dessie corava de prazer a cada nova descoberta.

Finalmente, atingiram o alto da colina que dominava a depressão onde se aninhava a velha casa dos Hamilton. Tom parou o carro para que a irmã pudesse apreciar a vista. Na colina oposta, escritas em pedras caiadas, Dessie leu as palavras: “Bem-vinda, Dessie.” Descansou a cara nos joelhos do irmão e pôs-se a rir e a chorar ao mesmo tempo.

Tom tinha um olhar espantado.

— Quem terá feito isto? Já um homem não pode sair de casa.

De madrugada, Dessie foi despertada pela dor. O sofrimento produzia-lhe uma sensação de ameaça. A dor nascia no flanco, atravessava o abdómen e tornava-se mais aguda, parecendo que uma garra lhe torcia as entranhas. Quando

a garra afrouxava o aperto, ficava uma espécie de formigueiro. A dor não durava muito mas, enquanto durava, era como se o mundo exterior deixasse de existir.

A manhã prateada entrou pela janela. Dessie aspirou o ar matutino que inchava as cortinas, trazendo um aroma de erva, de raízes e de terra molhada. Depois, chegaram os sons: os pardais que piavam; uma vaca de mugido monótono que repelia um vitelo esfomeado; um gaio azul emitindo gritos de falso júbilo; o apelo agudo da codorniz e a resposta sussurrada da fêmea, ali perto, na erva alta. No galinheiro reinava a desordem. Uma enorme galinha Rhode Island, que pesava mais de dois quilos, protestava hipocritamente contra as intenções lúbricas de um galo desplumado que teria podido desfazer com uma pancada da asa.

O arrulho dos pombos veio acordar as recordações. Dessie lembrou-se do pai sentado à cabeceira da mesa e a dizer: “Disse ao Rabbit que ia criar pombos e sabem o que ele me respondeu?” — “Não os compres brancos.” — “Ora essa, por quê?” — “Porque dão azar. Se comprares pombos brancos, a tristeza e a morte entram-te em casa. Compra-os antes cinzentos.” — “Mas eu gosto deles brancos.” — “Compra-os cinzentos, já te disse.” “Nem que a terra se me abra debaixo dos pés, hei de comprá-los brancos.” E Lizza dissera com a maior paciência: “Porque hás de estar sempre a querer tentar o destino, Samuel? Os pombos cinzentos têm o mesmo gosto e são maiores.” Samuel respondera: “Não obedecerei a superstições ridículas.” Então Lizza retorquira com a sua implacável simplicidade: “Tu só obedeces ao teu orgulho, Samuel, tu tens a teimosia de uma mula.” E Samuel dissera num tom melancólico: — É preciso que haja alguém para fazer estas coisas. Se, de vez em quando, não aparecesse alguém que fizesse uma negaça ao destino, a humanidade ainda viveria empoleirada nas árvores.” E, como é evidente, Samuel comprara pombos brancos, aguardando a tristeza e a morte a pé firme. Os pombos que arrulhavam naquela manhã eram os tetranetos dos pombos de Samuel. Quando voavam, formavam uma grinalda branca em torno da casa.

Enquanto Dessie ia evocando o passado, surgiram as vozes e a casa povoou-se. “A tristeza e a morte, refletiu ela, a morte e a tristeza — só aquilo e o atordoamento da dor. Basta ter a paciência de esperar, para que cheguem a morte e a tristeza.” Ouviu o assobio do ar nos grandes foles da forja e o martelo a bater na bigorna. Ouviu Lizza a abrir a porta do forno e o barulho da massa caindo nas lajes quentes. Depois, passou Joe, procurando os sapatos nos sítios mais variados até os encontrar onde os deixara na véspera, isto é, debaixo da cama. Ouviu a voz meiga de Mollie que lia a oração da manhã na Bíblia, enquanto Una lhe

corrigia os erros.

E dizer que o Tom operara a Mollie com o canivete e fora vomitar quando dera pela coragem do que tinha feito! — Querido Tom! — exclamou ela.

A coragem de Tom só emparceirava com a sua covardia, como acontece com todos os homens dignos deste nome. Tanto tinha de violento como de terno e ele era o campo espezinhado onde as suas próprias forças tinham travado batalha. Tom sentia-se desamparado, mas Dessie podia indicar-lhe o caminho a seguir, do mesmo modo que um cavaleiro dirige um puro-sangue e o ajuda a saltar o obstáculo.

O dia estava a ficar cada vez mais claro. Dessie, acordada pelas dores, não conseguia expulsar as brumas noturnas. Lembrou-se de repente que a Mollie ia abrir o grande baile do Quatro de Julho pelo braço do senador Harry Forbs. E ela que ainda não cosera as rendas no vestido da Mollie! Fez um esforço para se levantar. Tinha tanto que fazer e deixava-se ficar para ali a divagar.

— Hei de acabá-lo, Mollie — gritou ela.

Ergueu-se, atirou um casaco pelas costas e atravessou de pés descalços a casa povoada de Hamiltons. Mas eles tinham desaparecido do corredor e haviam-se refugiado nos quartos, e tinham desaparecido dos quartos com as camas muito bem feitas para se refugiarem na cozinha, e tinham desaparecido da cozinha para se esfumarem. Tristeza e morte. A névoa do sonho desfez-se, deixando-a bem acordada.

A casa estava limpa, esfregada e imaculada. As cortinas estavam lavadas e as vidraças brilhavam de asseio. Mas notava-se a mão do homem: as cortinas passadas a ferro não caíam a direito; os vidros tinham fiapos de pano agarrados; quando se tirava um livro de cima da mesa, ficava um retângulo formado pela poeira.

O fogão estava aceso; através das grelhas adivinhava-se a chama cor de laranja, que se engolfava na chaminé com um ruído surdo de trovão. O pêndulo do relógio faiscava atrás do vidro e o seu tique-taque assemelhava-se a um martelo batendo numa caixa de madeira vazia.

Do exterior veio um assobio agudo e selvagem, que ritmava uma melodia estranha. Depois, soaram os passos de Tom que entrou com uma braça de toras de carvalho, tão grande que lhe tapava a cara, e que ele atirou para o caixote da lenha.

— Já estás levantada? — perguntou ele. — É pena. Estava a fazer este barulho todo para te acordar. A alegria resplandecia em seu rosto.

— É uma manhã em que a preguiça não se deve apoderar de nós.

— Tu falas como o papai — disse Dessie. E ambos riram. A alegria de Tom adquiriu um tom selvagem.

— Sim — continuou ele, elevando a voz —, e os tempos dele ainda hão de voltar. Tenho andado a rastejar na tristeza como uma serpente com a espinha partida. Agora compreendo porque é que o Will me achava doido, mas tu voltaste e eu hei de mostrar-te. Sinto-me renascer para a vida. Estás a ouvir-me? Vou fazer ressuscitar esta casa.

— Então, ainda bem que vim — disse ela.

E pensou com desolação que, sob aquela couraça, batia um coração frágil. Ele precisava de ser protegido.

— Tu deves ter trabalhado dia e noite para limpar a casa — observou ela.

— Isso é o que tu pensas! — disse Tom. — Ficou tudo pronto num abrir e fechar de olhos.

— Pois sim — tornou ela —, mas tiveste de pegar num balde e numa escova e pôr-te de joelhos, a não ser que tenhas inventado alguns pós de perlímpimpim ou aprendido a domesticar o vento.

— A propósito de-invenções, ontem inventei um novo processo de prender uma gravata a um colarinho engomado.

— Mas tu nunca usas gravata.

— Usei ontem. Foi por isso que inventei o novo processo. E as galinhas! Vou criar milhares de galinhas em galinheiros espalhados por todo o rancho, com argolas no telhado para as mergulhar num banho de cal, e os ovos hão de chegar até aqui num tapete rolante.

— Então vê se me inventas também um café da manhã — disse Dessie.

— És capaz de me arranjar um ovo com presunto?

— Isso é para já! — exclamou ele.

Tom abriu o fogão e atçou o fogo tão de perto que ficou com os pelos da mão chamuscados. Meteu mais lenha na fomalha e recomeçou a assobiar. Dessie disse: — Até pareces um sátiro com uma flauta numa montanha da Grécia.

— E o que é que tu pensas que eu sou? — atirou-lhe ele.

Dessie perguntou a si mesma: “Se a alegria dele é verdadeira, por que não sinto o coração mais leve? Por que não consigo sair do atoleiro onde me meti? Mas hei de sair. Se ele pode, eu também posso.”

— Tom!

— O que é?

— Quero um ovo vermelho.

Capítulo XXXIII

1

As colinas mantiveram-se verdes até ao fim do mês de Junho e, só então, se tornaram amarelas. A aveia brava tinha tantas sementes que os caules vergavam com o peso. Os riachos só secaram quando o verão já ia adiantado. O gado mal se tinha nas pernas com tanta gordura e andava de barriga cheia. Era um daqueles anos em que os habitantes do Vale esqueciam os anos secos. Os lavradores compravam terras que nem sequer podiam cultivar e calculavam os futuros lucros.

Tom Hamilton trabalhou como um gigante, com os braços vigorosos e as mãos calosas, com o coração cheio de alegria. Na forja, já se ouvia soar de novo a bigorna. A velha casa foi pintada de branco e todos os anexos foram caiados. Tom foi a King City para estudar um modelo de autoclismo que copiou e construiu com um bocado de folha-de-flandres e madeira. Como o riacho tinha um caudal muito fraco, instalou ao lado da casa um depósito de madeira que se enchia por meio de um moinho de vento tão bem concebido que girava ao mínimo sopro de ar. Tom fez ainda modelos reduzidos das duas invenções com o intento de as mandar brevetar no outono.

Mas não era tudo — Tom trabalhava por gosto e com alegria. Dessie tinha de se levantar muito cedo para evitar que Tom fizesse o trabalho todo. Mas ela não se deixava enganar: aquele entusiasmo devorador não se assemelhava ao de Samuel. Tinha a mesma aparência e o mesmo ardor, mas era fabricado, tão bem fabricado que quase induzia em erro.

Dessie, que era quem mais amigos possuía no Vale, não tinha a quem se confiar. Não falara a ninguém na sua doença e guardava segredo. No dia em que Tom descobriu a irmã às voltas com uma crise, exclamou: — Dessie, que tens tu?

Ela disfarçou o sofrimento e respondeu: — É uma dorzinha, uma dorzinha sem importância. Já me sinto melhor. Daí a pouco, já ambos se riam. Riam muito e com frequência, como que para se tranquilizarem. Só quando se ia deitar é que Dessie reencontrava a solidão e o mal insuportável. Tom, por seu lado, na escuridão do quarto, sentia-se indefeso como uma criança. Ouvia bater o

coração, esforçava-se por não pensar e desviava a atenção para os projetos, para os desenhos, para as máquinas.

Às vezes, subiam ao alto da colina para contemplarem os reflexos do sol nas montanhas e para respirarem a brisa que vinha do Vale. Geralmente, mantinham-se calados e gozavam a paz da tardinha. Eram tímidos e nunca falavam de si mesmos. Nada sabiam um do outro.

Foi por isso que ambos ficaram admirados quando, certa noite, Dessie exclamou de súbito: — Porque é que tu não te casas, Tom?

Ele olhou para a irmã e, depois, desviou a vista: — Quem haveria de me querer?

— Estás brincando ou pensas isso a sério?

— Quem haveria de me querer? — repetiu ele. — Quem é que haveria de querer uma pessoa como eu?

— Tu pareces sincero! — disse ela, alarmada. E resolveu violar logo a mútua convenção: — Já estiveste apaixonado?

— Não.

— Eu queria saber — disse ela, como se não o tivesse ouvido.

Desceram em silêncio para o rancho mas, diante da porta, Tom disse subitamente: — Tu aborreces-te aqui, tu não queres cá ficar. Aguardou um instante, e depois: — Responde, anda. É verdade, não é?

— Estou melhor aqui do que em qualquer outro lugar. A seguir, ela perguntou: — Costumas ir ver as mulheres?

— Costumo.

— E sentes-te melhor, depois?

— Nem por isso.

— Então, que tencionas fazer?

— Não sei.

Entraram silenciosamente em casa. Tom acendeu o candeeiro da velha sala. O canapé que ele tinha consertado estava encostado à parede e, entre as portas, os passos haviam puído o tapete. Tom sentou-se ao lado da mesa redonda e Dessie no canapé.

Viu que o irmão ainda estava embaraçado com a última frase que pronunciara, e pensou: “Como ele é puro, como é incapaz de viver num mundo que eu própria conheço melhor do que ele.” Não passava de um destruidor de dragões, de um salvador de donzelas em perigo, e os pecados pareciam-lhe tão grandes que se sentia indigno. Dessie desejou que o pai estivesse ali; ele soubera descobrir a grandeza existente em Tom e talvez tivesse sabido libertá-la e dar-lhe

asas. Dessie procurou outro meio de atear uma aparência de chama.

— Já que estamos a falar de nós, já alguma vez pensaste que o nosso horizonte é limitado pelo Vale, que nunca de cá saímos senão para ir a San Francisco ou a San Luís Obispo?

— É verdade — disse Tom.

— Não achas ridículo?

— Não somos só nós.

— Não é razão. Podíamos ir a Paris, a Roma, a Jerusalém. Eu gostaria tanto de ver o Coliseu. Tom deitou-lhe um olhar suspeito, desconfiando de alguma partida.

— Como havia de ser? É preciso muito dinheiro para isso.

— Não me parece — disse ela. — Nós não precisamos ficar nos palácios. Podíamos viajar nos barcos menos caros e nas classes mais baratas. Foi assim que o pai veio da Irlanda. Até podíamos ir à Irlanda.

Ele mantinha-se na defensiva, mas surgira-lhe uma chama no olhar. Dessie prosseguiu: — Podíamos trabalhar durante um ano, e economizar todos os tostões. Eu posso fazer costura em King City. O Will ajudava-nos. Chegado o verão, vendíamos o gado e íamos embora. Não temos nada que nos prenda.

Tom levantou-se e saiu. Ergueu os olhos para as estrelas de verão, Vénus a azul e Marte a vermelha. Tinha as mãos pendentes; abriu-as e fechou-as várias vezes. Depois, tornou a entrar em casa. Dessie não se movera.

— Tu estás realmente disposta a partir, Dessie?

— É o que mais desejo.

— Então, partiremos.

— E tu, queres ir?

— É o que mais desejo — disse ele. — O Egito... já pensaste no Egito?

— Atenas — disse ela.

— Constantinopla.

— Belém.

— Belém, pois. — E Tom acrescentou logo a seguir: — Vai-te deitar, anda. Temos um ano de trabalho à nossa frente. Vai descansar. Eu vou pedir dinheiro emprestado ao Will para comprar um cento de leitões.

— E com que é que os vais engordar? — Com bolota — disse Tom. — Vou inventar uma máquina de apanhar bolota.

Assim que ficou só no quarto, Tom pôs-se a andar de um lado para o outro e a falar em voz baixa. Dessie debruçou-se à janela e contemplou a noite estrelada. Sentia-se feliz mas perguntava a si mesma se ela e o irmão tinham

realmente vontade de partir. Estava entregue a estas reflexões quando surgiram os primeiros sintomas da pontada.

Quando se levantou no dia seguinte de manhã, Tom já estava sentado diante da prancha de desenho, resmungando e dando punhadas na testa. Dessie espreitou por cima do ombro do irmão.

— É a máquina de apanhar bolotas? — Não custava nada a fazer — afirmou Tom — se não fosse a questão de evitar que apanhasse também os ramos e os calhaus.

— Eu bem sei que tu é que és o inventor, mas eu já inventei. O melhor apanhador de bolotas do mundo, e está pronto a funcionar.

— Que queres tu dizer? — A criançada — respondeu ela. — Todas essas mãozinhas que não podem estar quietas.

— Não fariam isso, nem que lhes pagassem.

— Fariam, se houvesse prémios a ganhar. Haverá prémios para todos e um grande prémio no valor de cem dólares para o vencedor. Não ficava uma bolota no Vale. Queres que experimente? Tom coçou a cabeça.

— Porque não? Mas como é que reuníamos a colheita? — A miudagem trazia tudo para aqui — disse Dessie. — Deixa o caso comigo. Espero que os celeiros tenham espaço que chegue.

— Tu queres explorar a mocidade? — Claro que quero! Quando tinha a loja, explorava as moças que queriam aprender costura, mas elas também me exploravam. Acho que vou usar o nome de Grande Concurso de Apanha de Bolotas do Condado de Monterey. E não vou autorizar toda a gente a participar. Talvez pudéssemos oferecer bicicletas como prémio? Tu não apanhavas bolota se tivesses a esperança de ganhar uma bicicleta, Tom? — Ai não, que não apanhava! — respondeu ele. — Mas nós não podíamos pagar-lhes também?

— Com dinheiro, não — disse Dessie. — O divertimento transformava-se em trabalho e toda a gente se esquivava ao trabalho, quando pode. Até eu. Tom endireitou-se e riu.

— É como eu. Bom. Tu encarregas-te das bolotas e eu encarrego-me dos porcos. Dessie disse: — Tom, não achas que teria piada se acabássemos por ganhar dinheiro? — Tu não ganhaste em Salinas? — Não ganhei muito, mas promessas não me faltavam. Se me tivessem pago todas as contas, não precisaríamos dos porcos e poderíamos partir para Paris amanhã mesmo.

— Vou estar com o Will — disse Tom. — Afastou a cadeira e largou a prancha de desenho. — Queres vir comigo? — Não, preciso de fazer os preparativos para o Grande Concurso de Apanha de Bolotas.

De regresso ao rancho, já no fim da tarde, Tom vinha triste e deprimido. Como de costume, Will despejara um balde de água fria no entusiasmo. Will escutara-o beliscando o lábio, esfregando as pálpebras e coçando o nariz; depois, limpou os óculos e perdera um tempo infinito a cortar e a acender um charuto. O negócio dos porcos tinha muitos pontos vulneráveis e Will pusera-os logo a todos em evidência.

Quanto ao Concurso de Apanha de Bolotas, estava votado a um malogro completo, mas Will não explicou por quê. Todo o projeto se mostrava vacilante, principalmente nos tempos que corriam. O mais que Will podia prometer era voltar a pensar no assunto.

A certa altura da conversa, Tom sentiu vontade de lhe expor os seus planos de viagem, mas acabou por desistir. Para Will, a ideia de se ir vadiar para a Europa, a não ser, evidentemente, que uma pessoa se tivesse retirado dos negócios com um bom rendimento, teria constituído uma loucura dez vezes mais perigosa do que o negócio dos porcos. Tom não disse nada e deixou Will para que “voltasse a pensar” no assunto, sabendo de antemão que o veredicto seria contrário aos porcos e às bolotas.

O pobre Tom não sabia, e era incapaz de aprender, que a dissimulação é uma das alegrias criadoras do homem de negócios. Mostrar entusiasmo teria sido ridículo. Will tencionava, realmente, voltar a pensar no assunto, pois sentia-se fascinado por uma parte do projeto. O Tom descobrira uma coisa interessante. Comprar leitões a crédito, engordá-los com um alimento que não custava quase nada, vendê-los, reembolsar o empréstimo e guardar os lucros: não havia dúvida, tratava-se de uma rica operação. Will não tencionava roubar o irmão, pois estava disposto a dar-lhe uma parte dos lucros. Mas o Tom era um sonhador em quem não se podia confiar para pôr de pé um negócio sólido.

Entre outras coisas, ele ignorava o preço de venda da carne de porco. Se o projeto se realizasse, Will estava disposto a oferecer ao Tom um belo presente, talvez até um Ford. E porque não propor um Ford como único e primeiro prémio do concurso? Todo o Vale se atiraria às bolotas.

Conduzindo o cabriolé pelas colinas, Tom pensava na maneira de dizer à Dessie que o projeto não era viável. Se ao menos tivesse qualquer outra coisa para sugerir em seu lugar... Como se poderia ganhar num ano o dinheiro suficiente para ir à Europa? Subitamente, verificou que nem sequer sabia de

quanto dinheiro precisavam. Ignorava o preço das passagens marítimas e de todas as outras despesas. O melhor que tinham a fazer era passarem o serão a fazer as contas.

Tom esperava que Dessie viesse a correr ao seu encontro. Preparou-se, portanto, para disfarçar a desilusão e para dizer uma graça. Mas Dessie não saiu de casa. “Deve estar a descansar”, pensou. Deu de beber aos cavalos, levou-os para a estrebaria e preparou-lhes a ração de aveia.

Quando Tom entrou, Dessie estava estendida no canapé.

— Estás a passar pelas brasas? — E, ao ver-lhe a cor da cara:— Mas que tens tu? Ela juntou todas as forças de que dispunha.

— Dói-me o estômago.

— Ah! bem — disse Tom.— Credo! que susto me meteste! Para isso posso eu arranjar o remédio.

Foi à cozinha e voltou com um copo cheio de um líquido efervescente que estendeu à irmã.

— O que é isto, Tom? — É a velha receita da família. Os sais são um pouco violentos, mas fazem te bem. Dessie bebeu e fez uma careta.

— Recordo-me deste gosto, era o remédio que a mamãe costumava usar na época das maçãs verdes.

— Agora, estende-te à vontade — disse Tom. — Eu vou fazer o jantar.

Ela ouviu-o às voltas na cozinha. As dores consumiam-na. Tinha medo. O remédio queimava o estômago. Arrastou-se até à nova retrete com autoclismo e tentou vomitar. O suor escorria pela testa e causava-lhe ardor nos olhos. Quis levantar-se, mas os músculos do abdómen estavam contraídos. Encolhendo-se toda, voltou a deitar-se.

Quando Tom trouxe um prato com ovos mexidos, ela abanou a cabeça.

— Obrigada — disse. — Prefiro ir-me deitar.

— Os sais devem estar quase a produzir efeito – garantiu Tom. — Vais sentir-te melhor. — Ajudou-a a deitar-se. — Que terás tu comido que te fizesse mal? Dessie, deitada em cima da cama, lutava com todas as forças para dominar a dor, mas, por volta das dez horas, deixou-se vencer e gritou: — Tom! Tom! — Ele abriu a porta. Numa das mãos, segurava o World Almanac. — Tom, desculpa, mas não posso aguentar mais. Ele sentou-se à beira da cama, na semiobscuridade.

— Dói-te assim tanto? — É horrível! — Queres vomitar? — Não posso.

— Vou buscar um candeeiro e ficar ao pé de ti. Talvez consigas adormecer. Amanhã de manhã já não tens nada. É só dar tempo aos sais para

agirem.

A força de vontade voltou a prevalecer e Dessie tentou manter-se calma enquanto Tom lhe lia passagens do Almanac. Suspendeu a leitura quando julgou que ela tivesse adormecido e deixou-se amodorrar na cadeira.

Foi acordado por um grito. Aproximou-se dos lençóis sob os quais o corpo se debatia. Dessie tinha os olhos baços, desvairados, como os de um cavalo enraivecido. O rosto estava arroxeadado e a espuma irrompia da boca. Tom meteu a mão debaixo da roupa e sentiu os músculos retesados, duros como pedras. De súbito, ela aquietou-se. A cabeça caiu para o lado e os olhos semicerrados brilharam à luz do candeeiro.

Tom não perdeu tempo a selar o cavalo e pôs-lhe apenas as rédeas. Partiu a galope, arrancando o cinto com a mão para chicotear o animal assustado.

Os Duncan, que dormiam na casa de dois pisos à beira da estrada municipal, não ouviram as pancadas à porta, mas ouviram o estrondo formidável que ela fez ao ser arrancada com gonzos e ferrolhos. Quando Red Duncan desceu armado de espingarda, deparou com Tom a berrar no telefone de parede para a central de King City.

— O Dr. Tilson! Procurem-no! Quero lá saber! Procurem-no! Red Duncan apontava-lhe a espingarda a bocejar.

O Dr. Tilson respondeu: “Já sei, já sei, é o Tom Hamilton. O que é que ela tem? Tem a barriga muito dura? Que foi que fez? Sais! Masque grande besta!” O médico acabou por dominar a fúria. “Tom, Tom, meu rapaz, veja se se acalma. Volte para casa e aplique-lhe compressas frias, o mais frias que puder. Não têm gelo, pois não? Está bem, vá mudando as compressas. Eu vou já a correr. Está-me a ouvir? Tom, está a ouvir?” Desligou o aparelho e vestiu-se. Furioso e desanimado, abriu um armário e foi tirando escalpelos, pinças, esponjas e fio de sutura. Abanou o petromax para ver se estava cheio e guardou na maleta um frasco de éter e uma máscara. A mulher, de camisa e barrete de dormir, entrou na sala. O Dr. Tilson disse-lhe: — Vou à garagem. Telefona ao Will Hamilton e diz-lhe que preciso que me vá levar ao rancho do pai. Se ele começar a discutir, diz-lhe que a irmã está a morrer.

3

Tom voltou ao rancho uma semana após o enterro da irmã. Cavalgava muito empertigado na sela, com a cabeça erguida e o olhar fixo, como um

guarda num desfile. Tom fizera tudo devagar e com perfeição. O cavalo fora almofadado, e escovado; o chapéu Stetson repousava-lhe dignamente na cabeça. Nem o próprio Samuel teria sido capaz de tanta dignidade. Um falcão, que picava como uma flecha sobre uma galinha, nem sequer lhe fez voltar a cabeça.

Chegado a casa, apeou-se, deu de beber ao cavalo, prendeu-o e pôs cevada na manjedoura. Em seguida, tirou-lhe a sela e virou a manta ao contrário para que secasse. Quando o cavalo acabou de comer, Tom levou-o para fora e soltou-o, para que pastasse à vontade pelos prados do mundo. Em casa, os móveis, as cadeiras, o fogão pareceram recuar quando o viram. Um banco afastou-se dele quando entrou na sala. Os fósforos estavam molhados e foi com uma sensação de vergonha que se dirigiu à cozinha para procurar outros. Só o candeeiro da sala parecia amistoso. Ao primeiro fósforo, a torcida inflamou-se e espalhou uma bela claridade. Tom sentou-se e olhou em torno, evitando reparar no canapé. Um ligeiro ruído de ratos na cozinha fez-lhe virar a cabeça e viu na parede uma sombra com um chapéu na cabeça. Tirou-o. Sentado sob o candeeiro, deixou vaguear o espírito, mas sabia que iam chamar pelo seu nome e que teria de sentar-se no banco da infância, para ser julgado por si próprio, perante o júri dos seus crimes.

Uma voz estridente apregoeou o seu nome. Tom aproximou-se dos acusadores: a Vaidade — ele andava mal vestido, sujo, e era ordinário; o Desejo — ele dera dinheiro às prostitutas; a Desonestidade — ele dera a entender que tinha talento; a Preguiça e a Gula, de braço dado. Mas Tom sentia-se reconfortado porque os acusadores ocultavam o maior de todos os seus crimes, sentado lá no fundo à espera. Desesperado, fazia apelo aos pecados menores, como se fossem virtudes que o pudessem salvar: a Inveja — Will e o seu dinheiro; a Traição — ao Deus da sua mãe; o Roubo — do tempo e da esperança. A voz ponderada de Samuel encheu a sala. “Sê bom, sê puro, sê grande, sê Tom Hamilton.” Mas Tom não fez caso do pai e disse: “Preciso de receber os meus amigos.” E cumprimentou com a cabeça a Indelicadeza e a Fealdade, e o Mau Amor Filial, e as Unhas Sujas. Depois, voltou à Vaidade. Nessa altura, o maior de todos os crimes abriu passagem e acercou-se. Já era demasiado tarde para se esconder atrás dos pecados menores. O maior de todos os crimes era o assassinato.

Tom sentiu o vidro frio na palma da mão e viu o líquido efervescente e os cristais que se dissolviam rodopiando, e as bolhas de ar que subiam e repetiu em voz alta na sala vazia, vazia: “Os saís são um pouco violentos, mas fazem-te bem.” Era o que ele tinha dito. E as paredes e as cadeiras e o candeeiro tinham-

no ouvido e estavam ali para testemunhar. Já não havia à face da terra um só sítio onde Tom Hamilton pudesse viver. Não se poupou a canseiras para descobri-lo, virara todas as possibilidades como se fossem cartas de jogar. Londres? Não. O Egito? Há pirâmides no Egito, e a Esfinge. Não. Paris? Não. No entanto, dizem que por lá se cultiva o pecado. Não. Bom, tentemos outra coisa. Belém? Por amor de Deus, não! Um estranho deve sentir— se lá muito só. Custa muito recordar quando e como se morre. Uma sobancelha que se ergue, um murmúrio, talvez seja isso. Ou uma noite confusa, um fervilhar de chumbo derretido que descobre o segredo do ser e se injeta nas veias. Tom Hamilton tinha morrido e só lhe restavam algumas coisinhas decentes a fazer para que tudo ficasse arrumado. O canapé emitiu um estalido de crítica. Tom olhou para ele e para o candeeiro fumarento a que o canapé se tinha querido referir. “Obrigado, disse Tom ao canapé. Não tinha reparado.” E baixou a torcida para que o candeeiro não soltasse fumaça.

A mente de Tom pôs-se a dormir. O Assassinato esbofeteou-o para o acordar. Tom, o sanguinolento Tom, estava muito cansado para se matar. É um ato que exige decisão e que talvez cause algum sofrimento e a ida para o Inferno. Lembrou-se de que a mãe nutria uma profunda repugnância pelo suicídio, síntese das três coisas que ela desaprovava com mais violência: a má educação, a covardia e o pecado. Era quase tão pavoroso como o adultério ou o roubo, talvez até mais pavoroso. Devia haver uma maneira de evitar a desaprovação de Lizza. Já Samuel não estranharia tanto. Mas também não se podia evitar Samuel, pois ele enchia o espaço. Tom tinha portanto de lhe dizer.: “Desculpa, pai. A culpa não é minha. Tu é que me deste sempre mais valor do que eu merecia, tu é que te enganaste. Gostaria de poder justificar o amor e o orgulho que em mim depositaste. Talvez tu conseguisses achar uma solução. Eu não consigo. já não posso viver. Matei a Dessie e quero dormir.” E o seu espírito respondeu pelo pai ausente: “Compreendo muito bem, meu filho. Há tantas maneiras de regressar à terra. Mas temos de ver como te havemos de arranjar as coisas com a tua mãe.

Por que estás tu tão impaciente?” “É porque já não posso esperar mais, disse Tom. É só por isso, por não poder esperar mais.” “Podes, sim, meu filho, meu querido filho. Já cresceste como eu tinha previsto, aí é que está. Abre a gaveta da mesa e utiliza esse nabo a que chamas a tua cabeça.”

Tom abriu a gaveta e viu um bloco de papel de linho, envelopes a condizer, dois lápis roídos e alguns selos a um canto. Pôs o bloco em cima da mesa e aparou os lápis com o canivete. Em seguida, escreveu:

“Minha querida mamãe, desejo que estejas passando bem. Vou ver se consigo passar mais tempo junto de ti. A Olive convidou-me para a festa da Ação de Graças e eu prometo-te que irei. A nossa Olive sabe assar perus tão bem como tu, mas tu nunca hás de dar o braço a torcer. Acabo de aproveitar uma pechincha. Comprei um cavalo por quinze dólares. Não lhe falta nada e parece mesmo um puro-sangue. Saiu-me barato por ser um animal que não gosta das pessoas. O primeiro dono passou mais tempo no chão do que em cima dele. Devo confessar que é bastante mau. Já atirou comigo a terra duas vezes, mas eu sou teimoso e, se conseguir domesticá-lo, ficarei comum dos melhores cavalos do condado. E garanto-te que hei de domá-lo, nem que tenha de perder todo o inverno. Não entendi ainda bem por que me encarniço tanto, mas talvez seja por causa de uma coisa engraçada que me disse o homem que o vendeu: “Este cavalo é tão mau que era capaz de comer o cavaleiro.” Lembras-te do que o papai dizia quando costumávamos ir à caça? “Volta com o teu escudo ou deitado nele.” Portanto, até ao Dia de Ação de Graças.

Teu filho, Tom.

Perguntou a si mesmo se aquilo chegaria, mas sentia-se muito cansado para recomeçar e apenas acrescentou:

P. S. — Parece que o Polly continua muito ordinário. Esse papagaio até me faz corar de vergonha.

Noutra folha de papel escreveu:

Caro Will, podes pensar tudo o que quiseres, mas peço-te que me ajudes. Peço-te, por amor da nossa mãe. Eu fui morto por um cavalo — deitou-me ao chão e espezinhou-me. Suplico-te...

Teu irmão, Tom.

Selou os envelopes, meteu-os no bolso e, depois, perguntou a Samuel: “Está bem assim?”

No quarto, abriu uma caixa nova de balas, introduziu uma no tambor do seu Smith & Wesson 38 e rodou-o de forma que a câmara carregada ficasse um furo à esquerda do detonador. O cavalo esperava-o junto à cerca e apareceu logo que assobiou. Tom selou-o. Eram três da manhã quando Tom pôs as cartas no correio de King City. Em seguida, foi rumo ao Sul, às colinas áridas dos

Hamilton.

Tom era um galante cavaleiro.

Quarta Parte

Capítulo XXXIV

Uma criança poderá perguntar: “Qual será a história do mundo?” Um adulto interrogar-se-á: “Que direção tomará o mundo? Qual será o seu fim e enquanto cá estivermos — qual será a sua história?” Há um conflito, um só, que sempre nos aterrorizou e nos inspira. Nós vivemos um folhetim em que cada episódio se assemelha ao precedente e em que a resposta é sempre a mesma: “continua no próximo número”. Os Humanos são apanhados — nas suas vidas, nos seus pensamentos, nos seus apetites e nas suas ambições, na sua avareza e na sua crueldade, assim como na sua generosidade e na sua bondade — nas redes do bem e do mal. É a sua história, a nossa, uma história que se repete em todos os domínios dos sentidos e da inteligência. A virtude e o vício formaram a trama e o fio da nossa primitiva consciência e hão de formar o material da nossa derradeira consciência, apesar de todas as modificações que infligirmos à terra, aos seus rios e às suas serras, à sua economia e aos seus costumes. Depois de se ter desembaraçado do pó e dos gravetos da sua vida, o homem terá sempre de enfrentar esta pergunta, dura e destituída de ambiguidade: “Pratiquei o bem ou o mal? Agi bem ou mal?” Heródoto descreve, nas Guerras Pérsicas, a maneira como Creso, o rei mais rico e mais privilegiado do seu tempo, fez a Sólon de Atenas uma pergunta capital. Ele não teria feito a pergunta, se a resposta não o preocupasse: “Quem, perguntou, é o homem mais feliz do mundo? Ele devia estar sequioso de obter uma certeza. Sólon citou os nomes de três homens que tinham sido felizes no passado. É mais do que certo que Creso nem sequer o escutou, pois o único nome que ansiava ouvir era o seu. Por isso, quando viu que Sólon não o mencionava, Creso, sentiu-se obrigado a perguntar: Então não me consideras um dos afortunados?” Sólon respondeu sem hesitar: “Como te posso responder se ainda não morreste?” Tal resposta deve ter obcecado Creso quando viu desaparecer a felicidade, as riquezas e o seu reino. E ao subir à fogueira, evocou o nome de Sólon, compreendendo a verdade da resposta e a inutilidade da pergunta feita.

Na nossa era, se morre um homem que possuía fortuna, influência, poderio e todos os demais atributos que despertam a inveja, e se os vivos fazem o inventário da vida desse homem, logo surge naturalmente a pergunta: “A sua vida foi boa ou foi má?”, o que consiste em dar outra fórmula à pergunta de Cresó. Morta a inveja, o padrão usado é o seguinte: “Foi amado ou odiado? A sua morte foi uma perda, ou só é motivo de júbilo?” Lembro-me perfeitamente da morte de três homens. O primeiro era o homem mais rico do seu século. O caminho para a fortuna abriu-o ele espezinhando as almas e os corpos, mas passara numerosos anos tentando resgatar o amor que traíra. Prestara, assim, enormes serviços à humanidade e talvez tivesse feito pender a balança para o bom lado. Eu andava no mar quando ele morreu e a notícia foi inserida no boletim de bordo. Quase toda a gente a recebeu com prazer e numerosos foram os que disseram: “Graças a Deus, aquele filho da mãe já morreu.” O segundo, esperto como o diabo, ignorava a dignidade humana e conhecia bem demais as fraquezas e as perversidades do homem, utilizando-se de toda a sua ciência para perverter, comprar, corromper, ameaçar e seduzir, até que alcançou o poder, dissimulando os verdadeiros objetivos sob a capa da virtude. Perguntei a mim mesmo se ele saberia que não há presente que consiga comprar o amor de um homem cujo amor-próprio foi ferido. O corrompido só pode odiar o seu corruptor. Quando esse homem morreu, toda a nação lhe fez o elogio mas, ao mesmo tempo, suspirou de alívio.

O terceiro talvez tenha praticado numerosos erros, mas votou toda a vida ao serviço do homem, a transmitir-lhe coragem, dignidade e bondade, numa época em que o homem tinha medo e em que as forças do mal se tinham desencadeado no mundo para explorar os terrores do homem. Quando morreu, o povo chorou nas ruas e soltou este grito: “Que iremos fazer agora? Como poderemos viver sem ele?” No meio de tanta incerteza há uma coisa de que tenho a certeza: sob as mais espessas camadas da sua fragilidade, os homens desejam ser bons e querem ser amados. Se enveredam pelo vício é porque julgaram ter tomado por um atalho que os levaria ao amor. Quando um homem chega às portas da morte, pouco importam o seu talento, o seu poder ou o seu génio. Se morrer odiado, a sua vida foi um malogro e a morte um gélido horror.

Creio que, se qualquer de nós tiver de escolher entre dois caminhos, de pensamento ou ação, o deverá fazer sempre tendo a morte em vista e procurando viver de forma que essa mesma morte não possa constituir um prazer para ninguém.

Nós só temos uma história. Todos os romances e todos os poemas se

baseiam na luta incessante travada dentro de nós pelas forças do bem e do mal. O mal tem de ser constantemente ressuscitado, enquanto que o bem e a virtude são imortais. O vício oferece sempre um semblante jovem e cheio de frescura, enquanto que a virtude é o que demais venerável existe no mundo.

Capítulo XXXV

Lee ajudou Adam e os gêmeos a mudarem-se para Salinas, o que significa que foi ele quem fez todo o trabalho. Acondicionou tudo o que tinha de ser levado, empilhou as malas no assento traseiro do Ford, desembalhou tudo quando chegaram a Salinas e instalou a família na casinha de Dessie. Só depois de ter dado os passos necessários para que ficassem confortavelmente instalados é que pediu, certa noite, uma audiência a Adam, depois de os gêmeos se terem ido deitar. Adam deve ter compreendido logo do que se tratava ao ver o ar compassado de Lee.

— Já esperava por isso — disse Adam. — Diga então lá de sua justiça.

Este introito tornou inútil o discurso que Lee preparara e que começava assim: “Durante muitos anos, tenho-o servido o melhor que me tem sido possível e, hoje...” — Tenho adiado esta ocasião o mais possível — disse Lee.

— Até preparei um discurso. Quer ouvi-lo? — Apetece-lhe dizê-lo? — Não — disse Lee —, mas olhe que era um belo discurso.

— Quando deseja abalar? — perguntou Adam.

— Assim que puder. Receio fraquejar meu ânimo se não o fizer já. Prefere que espere até que tenha encontrado um substituto? — Não — disse Adam —, bem sabe como sou vagaroso. Podia levar muito tempo e era até capaz de nunca me resolver a isso.

— Nesse caso, vou embora amanhã.

— Isso vai custar muito aos rapazes — disse Adam. — Não sei o que será deles. Talvez seja melhor ir embora sem lhes dizer nada. Eu depois logo lhes dava a notícia.

— As reações das crianças são sempre surpreendentes — observou Lee. E foram-no. Na manhã do dia seguinte, ao pequeno almoço, Adam disse: — Meus filhos, o Lee vai-se embora.

— Ah! sim? — voltou Cal. — Esta tarde há um desafio de basquete. A entrada custa dez cêntimos. Podemos ir? — Podem. Mas não ouviram o que eu lhes disse? — Claro que ouvimos — respondeu Aron. — Disseste que o Lee se

ia embora.

— Ele já não volta.

— Para onde vai?— perguntou Cal.

— Vai viver para San Francisco.

— Ah! — exclamou Aron. — Há um homem à esquina da rua que tem um fogareiro onde coze salsichas e depois mete-as num papo-seco. Custa um cêntimo e pode-se pôr a mostarda que nos apetecer.

Na cozinha, Lee sorriu a Adam. Assim que os gêmeos pegaram os livros para irem para a escola, Lee disse-lhes: — Então, adeus, meninos.

Eles gritaram “adeus” e correram para a rua.

Adam mergulhou a cabeça na xícara e disse como que a desculpar-se: — Mas que brutinhos! Aqui tem a recompensa de dez anos de serviços.

— Foi melhor assim — disse Lee. — Se eles tivessem fingido um grande desgosto, não teria acreditado. Eu nada represento para eles. Talvez venham a pensar algumas vezes em mim sem nada dizerem. E eu não quero que eles fiquem tristes. Espero não ter a alma suficientemente mesquinha para desejar deixar um vazio. — Lee colocou uma moeda de cinquenta cêntimos em cima da mesa, ao lado de Adam. — Quando eles forem esta tarde ao basquete, dê-lhes isto da minha parte e diga-lhes que comprem salsichas.

Talvez o meu presente de despedida lhes provoque uma dor de barriga. Adam olhou para o grande cesto que Lee trouxera para a sala.

— É essa toda a sua bagagem, Lee?

— Toda, Exceto os livros. Esses ficaram encaixotados na cave. Se não lhe fizer diferença, mandá-los-ei buscar ou virei eu mesmo depois de estar devidamente instalado.

— Ora essa, faça o que quiser. Vai fazer-me muita falta, Lee, quer queira quer não. Tenciona realmente abrir uma livraria? — É o que tenciono fazer.

— Não se esquece de me dar notícias suas? — Não sei. Terei de pensar nisso. Dizem que uma ferida profunda se cura mais depressa. Acho que não há nada mais triste do que uma amizade que apenas se mantém graças à cola dos selos. Quando já se não pode ver, ouvir ou tocar num homem, mais vale cortar as amarras.

Adam levantou-se.

— Vou acompanhá-lo à estação.

— Não — disse Lee com vigor. — Não, de forma nenhuma. Adeus, Sr. Trask, adeus, Adam.

Saiu tão depressa de casa, que o “adeus” de Adam apanhou-o nos degraus

da entrada e o “escreva-nos” já foi abafado pelo ruído da porta que se fechava.

Depois do jogo de basquete, Cal e Aron comeram cada um deles cinco salsichas e foi quanto ganharam, pois Adam esquecera-se de fazer o jantar.

Quando voltaram a casa, os gêmeos falaram pela primeira vez na partida de Lee.

— Gostaria de saber porque se foi ele embora — disse Cal.

— Ele já tinha prevenido que se ia embora.

— Que achas que vai ser dele sem nós? — Não sei. Aposto que ainda volta — disse Aron.

— Que estás tu para aí a dizer? — O papai contou-nos que ele ia abrir uma livraria. Deve ser pândego, uma livraria chinesa.

— Vais ver que volta — disse Aron. — Há de ter saudades nossas.

— Aposto dez cêntimos que não volta.

— Até quando? — Nunca mais.

— Apostado — anuiu Aron. Aron teve de esperar exatamente um mês e seis dias para ganhar a aposta.

Lee chegou no trem das dez e quarenta e entrou em casa com a chave própria. Havia luz na casa de jantar, mas Lee foi dar com Adam na cozinha, entretido a raspar com um abre-latas uma crosta escura no fundo de uma frigideira.

Lee largou o cesto.

— Tem de se deixar de molho toda a noite — explicou ele.

— Ah! sim? Tenho queimado a comida toda. Há um tacho de beterrabas no jardim. Cheirava tão mal que toda a casa tresandava. Não há coisa pior... Lee! exclamou ele. — Depois:— Que foi que houve, Lee? Lee tirou a frigideira das mãos de Adam, meteu-a no lava-louça e encheu-a de água.

— Se tivéssemos um desses novos fogões de gás, podíamos fazer café num instante — disse ele. — Vou acender o fogo.

— O fogão não acende — disse Adam.

Lee examinou o fogão.

— Tem despejado as cinzas? — Que cinzas? — Ah! — exclamou Lee. — Vá para a sala enquanto eu faço o café.

Adam aguardou impientemente, mas não desobedeceu. Daí a pouco, Lee pôs duas xícaras de café em cima da mesa.

— Fi-lo num fogareiro para demorar menos. — Inclinou-se para o cesto, desfez os nós e tirou a botija de pedra. — Absinto chinês — disse ele. — O ng-ka-py talvez ainda me dure dez anos. Esqueci-me de lhe perguntar se tinha arranjado um substituto.

— Deixe-se de rodeios — disse Adam.

— Tem razão. Eu também sei que o melhor é irmos direito ao assunto e livrar-nos dele.

— Perdeu o seu dinheiro no jogo do fan-tan? — Não. Antes fosse assim. Ainda tenho o dinheiro. A porcaria da rolha está partida. Tenho de empurrá-la pelo gargalo abaixo. — Deitou um pouco do líquido escuro no café. — Nunca o tinha bebido desta maneira — disse ele. — Não é nada mau.

— Sabe a maçãs podres — disse Adam.

— Pois sabe, mas lembre-se de que o Sam Hamilton costumava dizer que era um gosto de boas maçãs podres.

— Quando tenciona dizer-me o que lhe aconteceu? — Não me aconteceu nada — disse Lee. — Apenas me senti só. Não acha que chega? — E a sua livraria? — Não me interessa. Creio que já o sabia antes de subir para o trem, mas queria ter a certeza.

— É o seu último sonho que se vai por água abaixo...

— Deixá-lo ir! — Lee parecia atacado de histeria. — Sinhô Tlask, parece que cliado china vai apanhá uma bebedeira. Adam ficou alarmado.

— Mas afinal o que é que você tem, Lee? O chinês levou a garrafa à boca, emborcou uma grande golada e soprou o ardor que sentia na garganta.

— Adam — disse ele —, sinto-me incomparavelmente, incrivelmente, terrivelmente feliz por ter voltado. Nunca na minha vida passei por uma solidão tão estuporada.

Capítulo XXXVI

1

Salinas tinha duas escolas secundárias, enormes edifícios amarelos com altas janelas severas e portas sorumbáticas. Chamavam-lhes respectivamente East End e West End. Da primeira não falarei por ficar muito longe, do outro lado da cidade, e só ser frequentada pelas crianças que moravam a leste da Main Street.

A West End era constituída por um comprido edifício que se escondia atrás de um renque de salgueiros nodosos e que se erguia entre os recreios das moças e dos rapazes. A escola era prolongada por uma paliçada destinada ainda

a separar os dois sexos. Ao fundo, o recreio era delimitado por um charco onde cresciam juncos e espadanas. A escola de West End leccionava da terceira à oitava classe. Os alunos da primeira e da segunda iam à escola elementar, a pouca distância dali.

Havia uma aula para cada classe: terceira, quarta e quinta, no rés-do-chão; sexta, sétima e oitava no primeiro andar. Todas, as aulas estavam mobiladas com as clássicas carteiras, um estrado com uma grande secretária quadrada para o professor, um relógio, e um quadro — assunto da reprodução identificava a classe. A influência pré-raphaelita era opressiva. Galaaz, enfiado na sua armadura, indicava o caminho aos da terceira. Atalanta, à desfilada, arrastava os da quarta e assim sucessivamente até Catilina, denunciado, que enviava os alunos da oitava classe para a Universidade, com uma perfeita noção das altas virtudes cívicas.

Cal e Aron foram parar à sétima classe por causa da idade, e examinaram até aos mínimos pormenores o quadro que a distinguia: Laocoonte completamente envolvido pelas serpentes.

Os gêmeos ficaram estupefatos com o tamanho do edifício em comparação com a escola rural de aula única, e profundamente impressionados por haver um professor para cada classe. Aquilo parecia-lhes um desperdício. Mas, como era natural, depois de ficarem banzados no primeiro dia, mostraram-se admirados no segundo e, ao terceiro, já não davam pela diferença.

A professora era uma bonita morena. Os gêmeos estavam tranquilos porque Cal tinha inventado um sistema judicioso para saber quando deviam ou não levantar a mão.

— Repara na maioria dos pequenos — disse ele a Aron. — Só levantam a mão quando sabem a resposta. Quando não sabem, escondem-se atrás da carteira. Sabes o que vamos fazer?

— Não, o que é?

— A professora não pergunta sempre aos que levantam a mão. Em geral, pergunta a outro e ele espalha-se.

— Tens razão — disse Aron.

— Muito bem. Pois então, na primeira semana, vamos estudar que nem uns danados, mas não levantamos a mão. Ela com certeza que nos interroga, mas nós sabemos as respostas. Há de ficar admirada. Na segunda semana, — não estudamos nada e levantamos a mão, mas ela não nos interroga. Na terceira semana, não nos mexemos e ela há de ficar sempre sem saber se estudamos ou não. Até que nos há de deixar em paz. Não deve estar disposta a perder o seu tempo fazendo perguntas a quem sabe as respostas.

O método de Cal mostrou ser excelente. Dentro de pouco tempo, os gêmeos adquiriram uma reputação invejada. Na realidade, o sistema era inútil, visto os dois rapazes não terem dificuldade nenhuma em aprender.

Cal tornou-se campeão de berlinde e ganhou todos os berlindes e abafadores que rolavam pelo recreio. Terminada a época do berlinde, trocou todos os troféus ganhos por piões. Chegou a possuir quarenta e cinco piões de todos os tamanhos e feitios, incluindo algumas peças raras e de estimação.

Quem quer que visse os gêmeos notava logo como eram diferentes, o que para toda a gente constituía motivo de espanto. Cal estava cada vez mais escuro, tanto de pele como de cabelo. Era um rapaz vivo, senhor do seu nariz e pouco demonstrativo. Mesmo que quisesse, seria incapaz de esconder a inteligência. Os adultos ficavam incomodados e ligeiramente assustados perante aquilo a que chamavam uma maturidade precoce. Cal não era muito estimado, mas receavam-no e respeitavam-no. Se bem que não tivesse amigos, era sempre acolhido com solicitude pelos colegas e ocupava, por direito natural, o lugar de chefe no pátio de recreio.

Se dissimulava a sensibilidade, também escondia os desgostos e todos o consideravam um rapaz insensível, duro e até cruel.

Aron atraía as amizades. Parecia tímido e delicado. A pele rosada e branca, os cabelos louros e os grandes olhos azuis despertavam a atenção. A sua beleza acarretara-lhe alguns inimigos no recreio, mas depressa se descobriu que Aron era um combatente rijo, hábil e que desconhecia o medo, especialmente quando chorava. A notícia correu de boca em boca e os reis do recreio aprenderam a respeitá-lo. Aron não tentava dissimular o seu carácter, pois bastava o aspecto físico para o dissimular. Quando tomava uma decisão não havia nada que o demovesse. Era simples e pouco versátil. Tinha o corpo tão insensível à dor como o espírito às sutilezas.

Cal conhecia o irmão e era capaz de o manobrar provocando-lhe o desequilíbrio, mas isto só até certo ponto. Cal sabia quando devia esquivar-se e fugir. Uma mudança de direção desorientava Aron, mas nada mais. Ele traçava o seu caminho, seguia-o e não via nem se interessava pelo que não fizesse parte do itinerário. Comovia-se muito raramente, mas a valer. O seu rosto angélico definia-o e dispensava-o de responsabilidades.

No primeiro dia, Aron aguardou com impaciência a hora do recreio. Assim que a campainha tocou, dirigiu-se ao pátio das moças para falar a Abra. Um bando de moças aos berros não foi suficiente para o afugentar e tornou-se necessária a intervenção de uma professora para que se fosse juntar aos rapazes.

À hora do almoço, não conseguiu falar com ela, porque o pai a foi buscar no cabriolé de grandes rodas para a levar para casa.

Aron resolveu esperá-la à porta, quando acabaram as aulas.

Abra saiu, rodeada pelas colegas. Resolvera compor uma atitude e fingiu que não via Aron. Ela era a aluna mais bonita, mas é pouco provável que Aron o tivesse notado.

O pequeno bando pôs-se em marcha. Aron seguia atrás, a três passos de distância, paciente e nada embaraçado com as piadas que as pequenas lhe atiravam de vez em quando. O grupo acabou por desfazer-se e Abra, quando chegou à porta branca da sua casa, soia acompanhada por três colegas. As moças mediram Aron dos pés à cabeça, soltaram umas risadinhas e prosseguiram o seu caminho. Abra entrou em casa.

Aron sentou-se à beira do passeio. Passados alguns minutos, a porta de casa abriu e Abra surgiu. Atravessou o passeio e contemplou Aron.

— Que é que tu queres?

Aron ergueu para ela os seus grandes olhos. — Tu não estás noiva?

— Palerma — disse ela.

Ele fez um esforço para se levantar. — Ainda teremos de esperar muito para nos podermos casar — observou ele.

— Quem falou em casamento?

Aron não respondeu. Talvez não tivesse ouvido. Puseram-se a andar lado a lado. Abra avançava com passo firme e seguro, olhando para a frente; Aron não afastava os olhos do rosto calmo e meigo, de expressão pensativa.

Passaram silenciosamente pela escola elementar. A partir dali a rua deixava de ser pavimentada. Abra voltou à direita e enveredou por um campo semeado de feno. Os torrões de barro preto desfaziam-se debaixo dos pés.

Na outra extremidade do campo, erguia-se uma fonte. Ao lado, lamuriava um chorão, nutrido pela umidade do local.

Abra afastou a cortina de ramadas e entrou na casa de folhas. Do interior, podia ver-se através dos ramos. Reinava uma penumbra acolhedora e segura. O sol da tarde enfiava os raios amarelos pelos interstícios irrequietos.

Abra sentou-se no chão ou, antes, pareceu enterrar-se no chão, com a saia aberta em corola. Depois, cruzou as mãos em cima dos joelhos, como se fosse

rezar.

Aron sentou-se ao lado dela.

— Ainda teremos de esperar muito para nos podermos casar — repetiu ele.

— Nem tanto como isso — disse Abra.

— Quem me dera que pudesse ser já.

— Pouco falta — disse Abra.

Aron perguntou: — Achas que o teu pai dará o consentimento?

Ela nunca tinha pensado nisso. Voltou-se e olhou para Aron. — Talvez não precise de lhe pedir.

— E a tua mãe?

— Deixa lá os pais em sossego — disse ela. — Achavam logo que não estava bem ou que era esquisito. Tu não és capaz de guardar um segredo?

— Está visto que sou. Não há como eu para guardar segredos. Já tenho alguns.

— Então põe este ao pé dos outros.

Aron quebrou um raminho e traçou um risco na terra negra. — Abra, sabes como é que nascem os meninos?

— Sei — disse ela. — Quem foi que te explicou?

— Foi o Lee. Ele contou-me tudo. Acho que teremos de esperar muito para poder ter meninos.

Abra sorriu com condescendência. — Não tanto como tu pensas.

— Um dia, havemos de ter a nossa casa — disse Aron. — Entramos, fechamos a porta e ficamos à vontade. Mas ainda falta muito tempo.

Abra estendeu a mão e tocou-lhe no braço.

— Não te preocupes com o tempo. Isto aqui é como se fosse uma casa. Podemos fazer de conta que vivemos aqui, enquanto tivermos de esperar. Tu serás o meu marido e poderás tratar-me por “minha mulher”.

Aron remexeu os lábios e, depois, pronunciou em voz alta: — Minha mulher.

— Assim sempre nos vamos treinando — disse Abra. O braço de Aron estremeceu sob a mão dela. Abra retirou a mão e colocou-a em cima do joelho com a palma virada para cima.

— Enquanto vamos treinando, talvez pudéssemos fazer outra coisa — lembrou Aron, de súbito.

— O quê?

— Talvez tu não gostes disso.

- Mas o que é?
- Podíamos fazer de conta que tu és a minha mãe.
- Isso não custa nada — disse ela.
- Não te aborrecias?
- Não, de forma nenhuma. Queres começar já?
- Está bem — aprovou Aron. — Como é que fazemos?
- Vou mostrar-te.

Abra começou a falar em voz mimalha: — Vem, meu amor. Deita a tua cabecinha nos joelhos da mamãe. Anda, meu filhinho, para a mamãe te embalar.

Enquanto dizia isto, segurava-lhe na cabeça e Aron não se conteve, desatando a chorar. Chorou de mansinho e Abra ia-lhe fazendo festas na cara e enxugando as lágrimas com a bainha da saia.

O Sol desaparecia ao longe, para lá de Salinas, e um pássaro pôs-se a cantar maravilhosamente no meio do campo dourado. No mundo nunca houvera nada tão belo como aquilo ali, debaixo do chorão.

A pouco e pouco foram secando as lágrimas de Aron, deixando-lhe uma sensação de felicidade.

— Meu bebezinho adorado — disse Abra —, anda cá que é para a tua mamãe te pentear.

Aron endireitou-se e disse com uma certa raiva: — Eu só costume chorar quando estou furioso. Não entendo por que é que chorei.

Abra perguntou: — Ainda te lembras da tua mãe?

— Não, ela morreu quando eu era muito pequeno.

— Não sabes como ela era?

— Não.

— Nunca viste nenhum retrato dela?

— Não, já te disse. Não temos retrato nenhum. Eu perguntei ao Lee e ele disse-me que não havia. Espera, parece-me que foi antes o Cal quem perguntou ao Lee.

— Quando foi que a tua mãe morreu?

— Logo depois de o Cal e eu termos nascido.

— Como se chamava?

— O Lee disse-me que se chamava Cathy. Por que me perguntas tudo isso?

— Como era a pele dela? — continuou Abra calmamente.

— Como?

— Era loura ou morena?

— Não sei.

— O teu pai nunca te disse?

— Nós nunca lhe perguntamos.

Abra manteve-se em silêncio e Aron ficou inquieto. — O que foi? Perdeste a língua?

Abra contemplava o pôr do Sol. Aron perguntou, extremamente embaraçado: — Ficaste zangada comigo? — E acrescentou, para ver a reação: — Minha mulher.

— Não, não estou zangada contigo. Estava só a imaginar uma coisa.

— O que é?

— Uma coisa. — O rosto de Abra estava contraído e refletia um conflito interior.

— Qual é a impressão que se sente quando não se tem mãe? — perguntou ela, finalmente.

— Não sei. A gente não dá por isso.

— Então tu não notas a diferença?

— Onde queres tu chegar? Até parece uma adivinha.

Abra continuou, imperturbável: — Gostarias de ter mãe?

— Mas que idiotice — disse Aron. — Claro que gostaria. Todos gostariam. Estarás tu a ver se me magoas? Cal já o tem tentado e, depois, põe-se a rir.

Abra desviou o olhar do Sol poente. Manchas violetas dançavam à sua frente.

— Tu disseste que eras capaz de guardar um segredo.

— Pois claro que sou.

— E não terás nenhum no gênero: “quem este segredo contar ao inferno vai parar”?

— Tenho, tenho um.

— Então diz-me o que é, Aron.

E a palavra “Aron” parecia uma carícia.

— Digo o quê?

— O maior segredo que tu tiveres.

Aron recuou, inquieto. — Não posso — disse ele. — Com que direito pedes? Nunca o direi a ninguém.

— Vamos, meu filho, conta tudo à mamãe — sussurrou ela. Os olhos de Aron embaciaram-se de lágrimas, de lágrimas de raiva.

— Já não tenho certeza de querer casar contigo — disse ele. — Acho que

vou para casa.

Abra pôs sua mão no pulso e ali a deixou ficar. Quando falou, a voz readquirira o tom normal.

— Era para te experimentar. Já vi que sabes guardar um segredo.

— Por que fizeste isso? Agora fiquei furioso. Até me dói o coração.

— Tenho a impressão de que te vou confiar um segredo — disse ela.

— Ora vejam! — escarneceu ele. — Então eu é que não sabia guardar segredos?

— Eu estava vendo se me resolvia — disse ela. — Mas acho que te vou dizer porque te faz bem. Hás de ficar contente.

— E quem foi que te pediu para não contares?

— Ninguém. Eu é que tinha resolvido.

— Isso já é outra coisa. Então o que é?

O Sol encarniçado dardejava um último raio, por detrás da casa dos Tollot, na estrada de Blanco, e a chaminé parecia um polegar negro apontado para o céu.

Abra disse docemente: — Lembras-te daquele dia em que fomos a tua casa?

— Não, não me lembro!

— Pois fica sabendo que adormeci no cabriolé e, depois, tornei a acordar, mas os meus pais não deram por nada. Os meus pais iam conversando e disseram que a tua mãe não tinha morrido, que tinha ido embora. Ouvi dizerem que devia ter acontecido alguma coisa ruim e que ela fugira.

Aron disse em voz rouca: — A minha mãe morreu.

— Mas era bem bom se não tivesse morrido.

— O meu pai diz que ela morreu e ele não é mentiroso.

— Talvez ele ache que ela morreu.

— Ele haveria de saber.

Mas a voz de Aron era incerta.

Abra continuou: — Não seria estupendo se a pudéssemos encontrar? Supõe que ela perdeu a memória ou qualquer coisa assim? Já li uma história no gênero. Podiam tornar a encontrá-la e fazê-la recuperar a memória.

Abra deixara-se empolgar pelo maravilhoso do romance.

Aron disse: — Hei de perguntar ao meu pai!

— Aron — observou ela em tom severo —, o que eu te contei é segredo.

— Quem disse que era?

— Fui eu. E agora repete comigo: “Ao inferno irei parar, se este segredo

contar.”

Ele hesitou um instante e, depois, repetiu: — Ao inferno irei parar, se este segredo contar.

— Agora, cospe na mão... Assim... Pronto. Agora, dá-me a tua mão... Estás a ver? Agora misturamos o nosso cuspo e limpamos a mão ao cabelo. Executado o ritual, Abra disse com a maior solenidade: — Conheço uma moça que contou um segredo depois de uma jura igual a esta e morreu queimada num celeiro.

O Sol desaparecera, levando a sua luz dourada. Vénus cintilava por cima do monte Toro. Abra disse: — Eles vão me esfolar viva. Anda, despacha-te. O meu pai deve estar à minha espera com a trela do cão para me bater.

Aron olhou-a, incrédulo.

— Para te bater? Costumam te bater?

— O que achas?

Aron exclamou, apaixonadamente: — Eu que os apanhe! Se eles quiserem te bater, diz-lhes que os mato.

Os grandes olhos azuis lançavam chispas. — Ninguém tem o direito de bater na minha mulher.

Na meia obscuridade que reinava debaixo do chorão, Abra passou os braços pelo pescoço de Aron e beijou-lhe a boca aberta.

— Gosto muito de ti, meu marido — disse ela.

Depois voltou-se e saltou, levantando as saias acima do joelho e mostrando a renda da combinação que esvoaçou quando largou a correr para casa.

3

Aron tornou a entrar na casa de verdura, sentou-se no chão e encostou-se ao tronco do chorão. Sentia-se confuso e doía-lhe o estômago. Procurou definir o mal-estar e dividi-lo em pensamentos e imagens. Era difícil. O seu lento raciocínio não conseguia armazenar ao mesmo tempo tantos pensamentos e tantas emoções. A porta ficara fechada. Só restava a dor física. Passados instantes, a porta entreabriu e deixou penetrar uma coisa, depois, outra, e outra, até que tudo foi absorvido. Mas, atrás da porta, havia algo que barafustava para entrar. Aron impediu-lhe a passagem enquanto pôde.

Primeiro, entrou Abra e ele examinou o vestido, a cara, a mão macia, o

cheiro que deitava, feito de leite e de erva ceifada. Viu-a, tocou-lhe, ouviu-a, tornou a cheirá-la. Reparou que ela tinha as mãos e as unhas limpas, que, era completamente diferente das outras parvas do recreio.

Depois, pela ordem dos acontecimentos, pensou nas suas lágrimas infantis, nas suas lágrimas de desespero. Até certo ponto, desejara alguma coisa e obtivera-a. Talvez tivesse chorado por isso.

Depois, pensou na prova a que ela o submetera. Perguntou a si mesmo qual seria a reação dela se lhe tivesse revelado um segredo. Qual dos segredos lhe poderia confiar? Não se recordava de nenhum, Exceto daquele que batia à porta para entrar.

Depois, foi a pergunta concreta: “Qual é a impressão que se sente quando não se tem mãe?” que entrou.

Procurou a resposta: não se dá por isso. Mas dá-se, sim. Na escola, pelo Natal ou no fim do ano, quando vinham as mães dos outros rapazes, ele chorava silenciosamente. Então, não se dava por isso? Salinas estava rodeada de charcos onde cresciam juncos e se escondiam milhares de rãs. Quando anoitecia, o coaxar era tão intenso que dir-se-ia um silêncio estrepitoso. Era um véu, uma atmosfera e, se desaparecesse subitamente, como o silêncio após o trovão, seria surpreendente. Se uma noite as rãs deixassem de coaxar, toda a Salinas teria despertado julgando ouvir um grande estrondo. O coro dos milhares de rãs parecia obedecer a um ritmo, mas talvez seja o ouvido que lhe dá a cadência, assim como a vista faz cintilar as estrelas.

Estava escuro debaixo do chorão. Aron perguntou a si mesmo se estaria preparado para acolher a coisa monstruosa e, enquanto fazia a pergunta, a coisa entrou.

A mãe estava viva. Muitas vezes a imaginara, deitada debaixo da terra, fria, imóvel e incorrupta. Mas não era assim. Ela estava em qualquer lado onde se movia, falava, fazia gestos com as mãos e tinha os olhos abertos. Mas àquele rio de prazer veio desaguar uma torrente de tristeza e ele teve a sensação de haver perdido qualquer coisa. Aron sentia-se desorientado. Quis saber por quê. Se a mãe estava viva, o pai não passava de um mentiroso. A ressurreição redundava numa morte.

Debaixo da árvore, Aron disse em voz alta: — A minha mãe já morreu e ficou enterrada num sítio qualquer do Leste.

Na obscuridade que o rodeava, viu a cara de Lee e ouviu-lhe a falinha mansa. — Lee soubera arquitetar as coisas. Amigo como era da verdade, não admirava que desprezasse a mentira. Ele soubera fazer-se entender pelos

gêmeos. Se se ignora uma coisa que não é verdade, trata-se de um erro. Mas quando se sabe que algo é verdadeiro e o transformamos numa mentira, passamos a ser desprezíveis.

A voz de Lee disse: “Eu sei muito bem que às vezes se faz uso da mentira para não magoar, mas não creio que isso possa ter um efeito benéfico. A dor fulgurante da verdade dissipa-se, enquanto que a dor lancinante da mentira fica para sempre. É um mal que nos vai consumindo.” Lee trabalhara pacientemente, lentamente e conseguira transformar Adam no centro, na base, na essência da verdade. Aron abanou a cabeça na obscuridade em sinal de negação.

— Se o meu pai é um mentiroso, o Lee também é.

Estava perdido. Não tinha ninguém à quem perguntar. Cal era um mentiroso, mas a educação de Lee fizera dele um hábil mentiroso. Aron compreendeu que algo teria de morrer: a mãe ou o seu mundo.

A solução surgiu-lhe subitamente. A Abra não mentira. Ela repetira-lhe apenas o que ouvira e os pais tinham-se limitado também a ouvir a história a alguém. Aron pôs-se de pé e empurrou a mãe para o túmulo.

Chegou atrasado para jantar.

— Estive com a Abra — explicou Aron.

Depois da refeição, Adam estava sentado na sua nova poltrona e lia o Salinas Index, quando sentiu uma mão no ombro.

— Que se passa, Aron? — perguntou.

— Boa noite, papai — disse Aron.

Capítulo XXXVII

1

O mês de fevereiro em Salinas traz sempre consigo a umidade, o frio e um sem número de misérias. É a época das chuvas mais abundantes e, se o rio tem de trasbordar, é nesse mês que o faz. Em 1915, Fevereiro foi muito chuvoso.

Os Trask tinham-se instalado confortavelmente em Salinas. Assim que renunciou ao sonho da livraria, Lee criou um autêntico lar na casinha ao lado da padaria Reynaud. No rancho, nunca chegara a desencaixotar por completo os seus bens, pois sempre pensara em ir para outro lado. Mas ali, pela primeira vez na vida, instalou-se para ficar e o mais aconchegadamente possível.

Destinaram-lhe o quarto grande junto à porta da rua. Lee entrou nas economias. Até então, nunca gastara inutilmente um níquel, pois todo o seu dinheiro estava reservado para a livraria. Resolveu comprar uma cama dura e uma secretária. Mandou colocar estantes nas paredes, desencaixotou os livros, contemplou-se a si próprio com um tapete e pendurou gravuras nas paredes. Ao lado de uma confortável e profunda poltrona Morris, dispôs o melhor candeeiro de leitura que conseguiu encontrar. Por fim, adquiriu uma máquina de escrever e dedicou-se à sua aprendizagem.

Tendo acabado com os seus hábitos espartanos, entregou-se à tarefa de mobilar luxuosamente a casa dos Trask, sem qualquer oposição de Adam. A cozinha foi equipada com um fogão de gás, vindo logo a seguir a eletricidade e o telefone. Lee despendeu o dinheiro de Adam sem olhar para trás: móveis, carpetes, esquentador a gás e um grande frigorífico. Dentro em pouco, era a casa mais bem posta de Salinas. Lee explicou a Adam.

— O senhor tem muito dinheiro e seria uma pena não o gozar.

— Mas eu não me queixo — protestou Adam. — Só queria era comprar também alguma coisa. Lee propôs-lhe: — Então vá à loja do Logan. Já chegaram os novos gramofones.

— Boa ideia — disse Adam.

E comprou um fonógrafo eléctrico Victor, parecido com uma capela gótica. Depois, costumava ir regularmente à loja para se informar das novidades em discos.

A agitação do novo século contribuía para abrir o casulo em que Adam se escondera. Fez-se assinante do Atlantic Monthly e da National Geographic. Filiou-se na Maçonaria e via com muito agrado os Alces.

Fascinado pelo novo frigorífico, comprou um manual de refrigeração e estudou-o.

Adam sentia necessidade de trabalhar. Terminado o longo torpor, precisava de gastar as forças acumuladas.

— Vou dedicar-me aos negócios — disse ele a Lee.

— É escusado. — O senhor tem que chegue para viver.

— Mas eu gostaria de fazer qualquer coisa.

— Nesse caso, é diferente — disse Lee. — Tem alguma ideia? Não me parece que tenha grande vocação para os negócios.

— Por que diz isso?

— É cá uma ideia minha — disse Lee.

— Gostaria que lesse um artigo onde se explica a maneira como foi

desenterrado um mamute na Sibéria. O animal permaneceu enterrado no gelo durante milhares de anos e a carne ainda estava boa.

Lee sorriu.

— O senhor anda com uma ideia ferrada. O que é que têm dentro aquelas xícaras todas que guardou no frigorífico?

— Diversas coisas.

— Tenciona vendê-las? Algumas delas cheiram muito mal.

— É uma ideia que não me sai da cabeça — disse Adam.

— Não consigo livrar-me dela. Estou convencido de que se pode conservar tudo o que quisermos, desde que se consiga obter o frio necessário.

— Espero que não seja preciso guardar carne de mamute no frigorífico disse Lee.

Se a cabeça de Adam estivesse cheia de ideias, como a de Sam Hamilton, talvez elas se tivessem evaporado. Mas ele só tinha uma ideia e não fazia outra coisa senão pensar no mamute congelado. Resolveu, portanto, continuar a guardar xícaras de frutos, de bolos, de carne crua ou cozida, dentro do frigorífico. Comprou todos os livros existentes sobre as teorias bacterianas e assinou todas as revistas suscetíveis de conterem artigos científicos. Como em geral acontece aos homens que só têm uma ideia, a ideia transformou-se em obsessão.

Salinas possuía uma fabriqueta de gelo sem importância, mas suficiente para acudir às necessidades dos particulares e dos vendedores de gelados. A carroça do gelo todos os dias dava a volta à cidade.

Adam foi visitar a fábrica e passou a meter as xícaras nas câmaras de congelação. Chegava a desejar que Sam Hamilton ainda fosse vivo para discutir o problema com ele. Sam era homem para estudar o problema a fundo e resolvê-lo de uma penada, pensava ele.

Adam regressava a casa numa tarde de chuva, a pensar em Sam Hamilton e depois de ter estado na fábrica de gelo, quando viu Will Hamilton entrar no Bar Abbot. Seguiu-o e sentou-se ao balcão, ao lado dele.

— Venha jantar comigo esta noite; dava-nos muito prazer.

— Lamento muito — respondeu Will —, mas ando às voltas com um negócio que me convinha liquidar. Se me despachar a tempo, irei com muito gosto.

— O assunto é muito importante?

— Para falar verdade, não sei. Tive uma ideia e gostaria de conhecer a sua opinião.

Sempre que surgia um negócio, Will Hamilton acabava por ser consultado, mais dia, menos dia. Will podia ter invocado uma desculpa, mas lembrou-se de que Adam era rico. Uma ideia era uma coisa, mas, apoiada pelo dinheiro, era outra coisa.

— Não estaria interessado em vender o seu rancho?

— Os gêmeos, especialmente o Cal, gostam da terra. Acho que vou ficar com ele.

— Posso arranjar-lhe um comprador.

— Não, está arrendado e até os impostos são de conta do arrendatário. Prefiro ficar com ele.

— Se não puder ir jantar, irei logo a seguir.

A reputação de Will estava solidamente firmada. Ninguém sabia quanto, mas afirmava-se que era homem de cabeça e relativamente rico. Naquela noite, não tinha compromisso nenhum, mas a sua linha de conduta proibia-lhe que se mostrasse ocioso.

Jantou sozinho no Bar Abbot. Quando lhe pareceu conveniente, deu a volta à esquina da Central Avenue e bateu à porta de Adam Trask.

Os gêmeos estavam deitados. Lee, com um cesto de costura no colo, passava as compridas meias pretas que os rapazes usavam na escola. Adam acabava de ler o *Scientific American*. Mandou entrar Will e ofereceu-lhe uma poltrona. Lee foi buscar café e embrenhou-se novamente na sua tarefa.

Will sentou-se na cadeira, tirou um grande charuto preto e acendeu-o. Depois, aguardou que Adam jogasse a primeira cartada.

— O tempo está bom, para variar — disse este último.

— Como está a sua mãe?

— Bem, obrigado. Cada vez parece mais nova. Os seus filhos já devem estar muito crescidos.

— Ah! pois estão. O Cal vai representar na peça da escola. É um bom ator. O Aron faz progressos. O Cal pretende dedicar-se à agricultura.

— É um futuro interessante. O país precisa de ideias novas.

Will continuava a esperar, embaraçado. Perguntou a si mesmo se, por acaso, não teriam exagerado a fortuna de Adam. Iria ele pedir-lhe dinheiro emprestado? Will calculou rapidamente quanto poderia emprestar pelo rancho e quanto lhe poderiam depois emprestar a ele. As quantias não eram as mesmas, nem as taxas de juros. E o Adam que não havia maneira de fazer a proposta! Will impacientou-se: — Não posso demorar-me muito. Tenho um encontro marcado para daqui a pouco.

— Tome outra xícara de café — sugeriu Adam.

— Não, obrigado. Faz-me perder o sono. Não desejava falar-me acerca de qualquer coisa? Adam respondeu: — Estive a pensar no seu pai e lembrei-me de que gostaria de falar com um Hamilton. Will pôs-se mais à vontade na cadeira.

— O meu pai era um grande tagarela.

— A tagarelice dele só nos fazia bem — disse Adam.

Lee olhou por cima do ovo de costura: — O homem que verdadeiramente sabe cultivar a arte da conversação é aquele que obriga o interlocutor a falar.

Will disse: — Que impressão me faz ouvi-lo falar assim! Era capaz de jurar que empregava o pidgin.

— Empreguei-o, em tempos — respondeu Lee. — Devia ser por vaidade. Sorriu a Adam e disse a Will: — Sabe que desenterraram um mastodonte nos gelos da Sibéria? Estava lá há milhares de anos e a carne ainda se mantinha boa.

— Um mastodonte?

— Sim, um mamute, uma espécie de elefante que há muito tempo desapareceu da superfície da Terra.

— E a carne ainda estava boa?

— Tenra como uma costeleta de porco — respondeu Lee.

Meteu o ovo de madeira sob o joelho puído de uma meia preta.

— Mas que interessante! — disse Will.

Adam riu. — O Lee ainda não me assoa o nariz, mas é só o que falta. Eu sei que tenho a mania dos rodeios. Na verdade, estou farto de descansar e quero fazer qualquer coisa para me entreter.

— Então, por que não explora o seu rancho?

— Isso não me interessa. Veja se compreende, Will, eu não sou um homem à procura de emprego. O que eu procuro é uma coisa com que me entreter.

Will abandonou a sua reserva prudente: — Em que lhe posso ser útil?

— Se lhe disser uma ideia que tive, talvez me possa dar a sua opinião. Você conhece bem os negócios.

— Estou às suas ordens — disse Will.

— Tenho andado a estudar o problema da refrigeração — disse Adam. — Surgiu-me uma ideia e não consigo livrar-me dela. Vou para a cama com ela e no dia seguinte não me larga. Nunca vi nada que fosse tão maçador. A ideia parece-me interessante, mas deve ter os seus defeitos.

Will descruzou as pernas e puxou as calças que o estavam a incomodar.

— Vá, diga o que tem para dizer — pediu ele. — Quer um charuto?

Adam não ouviu a oferta e não compreendeu, portanto, o que ela significava.

— O país está em vias de se transformar — disse Adam. Pouco falta para que a gente passe a viver de uma maneira muito diferente. Sabe qual é, no inverno, o maior mercado para as laranjas?

— Não. Qual é?

— A cidade de Nova York. Foi o que li. Não acha que os seus habitantes devem sentir vontade de comer legumes frescos no inverno? Ervilhas, alfaces, couves-flores? Numa grande parte do país, as pessoas nem lhes veem a cor durante meses e meses a fio. Ora, no vale do Salinas, nós temos hortaliça durante todo o ano.

— Isto aqui não é a mesma coisa que lá — disse Will. — Qual é a sua ideia? — A minha ideia é esta: o Lee obrigou-me a comprar um frigorífico e eu interessei-me pelo caso. Guardei lá dentro os mais variados legumes e experimentei diversas técnicas. Pois fique sabendo, Will, que se meter uma alface em gelo moído e depois embrulhar tudo em papel-manteiga, passadas três semanas a alface ainda está tão fresca como no primeiro dia.

— Continue — disse prudentemente Will.

— Já sabe que os caminhos de ferro construíram vagões para o transporte de fruta? Fui vê-los. São muito bem concebidos. Sabe que podíamos expedir alfaces para a costa Leste em pleno inverno?

— Qual é o seu papel no meio disso tudo? — perguntou Will.

— Eu tinha pensado comprar a fábrica de gelo de Salinas e tentar uma primeira experiência.

— Isso custava-lhe uma pequena fortuna.

— Eu tenho a “pequena fortuna” — disse Adam.

Will Hamilton beliscou o lábio inferior.

— Gostaria de saber o que tenho eu a ver com o assunto — observou ele.

— Mas não, eu percebo até bem demais.

— Que quer dizer?

— Veja se me compreende — disse Will. — Quando alguém me pede uma opinião, já sei onde quer chegar. Quer que eu concorde. Se me interessa manter a amizade, digo-lhe logo que a ideia é excelente e que a ponha em execução. No seu caso, dá-se a circunstância de eu lhe ter afeição e de o senhor ser amigo da família. Portanto, vou falar-lhe com toda a franqueza.

Lee largou o que estava a fazer, pôs o cesto no chão e mudou de óculos. Adam perguntou: — Parece contrariado. Por quê? — É que eu faço parte do raio de uma família de inventores disse Will. — Na minha casa faziam-se invenções

para o almoço em vez de fazerem o almoço. Todos tinham tantas ideias que se esqueciam de arranjar dinheiro para a mercearia. Assim que juntávamos uns tostões, o meu pai ou o Tom gastavam logo. Eu sou o único da família, Excetuando a minha mãe, que nunca teve ideias e que conseguiu ganhar algum dinheiro. O Tom tinha ideias para ajudar a viver as pessoas e algumas delas até roçavam pelo socialismo. Se o senhor agora me disser que não está interessado em ganhar dinheiro, atiro-lhe com esta cafeteira à cabeça.

— Para ser franco, não estou muito interessado.

— Basta, Adam! Olhe que me põe furioso. Se está disposto a perder quarenta ou cinquenta mil dólares enquanto o diabo esfrega um olho, ponha o seu projeto em execução. Olhe que o estou a prevenir. Veja se esquece essa loucura. O melhor é enterrá-la e não se fala mais nisso.

— Mas que defeito lhe põe?

— Todos. A gente do Leste não está habituada a comer legumes no inverno. Portanto, não irá passar a comprá-los. Se os vagões tiverem uma avaria e forem metidos num desvio, o senhor perde toda a remessa. E o mercado está controlado. Valha-me Deus! Até me dá um aperto no coração quando vejo uns fedelhos a quererem armar em negociantes só porque tiveram uma ideia.

Adam suspirou.

— Quem o ouvir há de dizer que o Sam Hamilton era um criminoso.

Will olhou para Adam, que parecia estupefato. De súbito, Will sentiu-se envergonhado. Abanou lentamente a cabeça.

— Não quero dizer mal dos meus — disse ele. — Era tudo boa gente, mas isso não exerce qualquer influência no que eu já lhe disse. É melhor deixar a refrigeração em paz.

Adam voltou-se para Lee.

— Ainda sobrou algum bocado da torta de limão que fez para o jantar? — Não me parece — respondeu Lee. — Tenho a impressão de que ouvi “ratos” a andarem na cozinha. Amanhã, os travesseiros dos gêmeos devem cheirar a limão. Mas temos meia garrafa de uísque.

— Ah! sim? Então, é melhor bebê-lo.

— Acho que fui um bocadinho exagerado — disse Will, tentando trocar de si mesmo. — Um copito, agora, talvez não me fizesse mal. Tinha a cara congestionada e a voz levemente velada.

— Estou a ficar gordo.

Após o segundo copo, Will descontraiu-se. Confortavelmente sentado, leu a cartilha a Adam: — Há coisas que nunca mudam de valor. Se pretende fazer

um investimento, olhe em torno de si. A guerra na Europa vai durar ainda muito tempo. Uma guerra significa gente que tem fome. Não é intenção minha meter-me a adivinhar, mas não ficaria surpreso se nós entrássemos na guerra. Desconfio muito do Presidente Wilson. Todo ele é teorias e palavras sonoras. Se entrarmos na guerra, vão fazer-se fortunas com os alimentos que não se deterioram. Tomemos por exemplo o arroz, a cevada, o trigo, o feijão, tudo produtos que não precisam de gelo. Conservam-se sozinhos e as pessoas podem viver com eles. Se plantar feijão no seu rancho, os gêmeos não terão que se preocupar com o futuro. O feijão vale atualmente três centavos e, se formos para a guerra, não me admiraria muito que chegasse aos dez centavos. Vá guardando o feijão e espere pela oportunidade. Se quer ganhar dinheiro, semeie feijão.

Will partiu com a consciência em paz. A vergonha que tinha sentido desvanecera-se com o bom conselho que dera. Após a sua partida, Lee foi buscar um grande bocado de torta de limão e partiu-a ao meio.

— Ele está a ficar gordo — disse Lee.

— Mas eu tinha-lhe dito que só pretendia entreter-me.

— E a fábrica de gelo?

— Acho que vou comprá-la.

— Isso não o impede de semear os feijões — disse Lee.

2

Já o ano ia quase no fim quando Adam efetuou a sua grande experiência. Foi uma sensação num ano de sensações, tanto locais como internacionais. Durante os preparativos, os homens de negócios referiam-se a Adam como um homem de visão, um espírito desempoeirado, uma mentalidade progressiva. A partida dos seis vagões de alfices metidas no gelo fez-se sob os auspícios da Câmara de Comércio. Os vagões levavam grandes cartazes que diziam: Alfices do vale do Salinas. Mas ninguém quisera investir um tostão na aventura.

Adam deu provas de uma energia que ele próprio desconhecia. Juntar, escolher, embalar, gelar e carregar as alfices constituiu um trabalho penoso. Não havia material adequado. Foi necessário improvisar tudo, contratar muitos operários e ensinar-lhes o ofício. Todos davam a sua sentença, mas ninguém queria ajudar. Todos afirmavam que Adam enterrara uma fortuna no negócio, mas ninguém sabia qual era o montante. Adam também não. Só Lee é que sabia.

A ideia parecia viável. As alfices seguiam consignadas em condições

vantajosas a comerciantes de Nova York. O trem partiu e todos voltaram para casa. Se a tentativa resultasse, muita gente estaria disposta a investir dinheiro. Até o próprio Will Hamilton perguntou a si mesmo se não teria feito asneira.

Se a série de incidentes tivesse sido preparada por um inimigo onnipotente e impiedoso, não teria sido mais eficaz. Quando o trem chegou a Sacramento, uma avalanche de neve fechou as Sierras ao tráfego durante dois dias, e os seis vagões foram metidos num desvio até que a neve derretesse. No terceiro dia, o trem atravessou as montanhas e o calor que fez não se assemelhava a nada do que era costume naquela altura do ano. Em Chicago, houve confusão nas ordens — a culpa não era de ninguém, são coisas que acontecem — e os seis vagões de alfices de Adam ficaram numa gare de triagem durante cinco novos dias. Não é preciso prosseguir, nem os pormenores são necessários. A Nova York apenas chegaram seis vagões de alfices podres, boas, quando muito, para deitar fora. E ainda tiveram de pagar aos descarregadores.

Adam leu o telegrama dos consignatários e deixou-se cair numa poltrona. Na cara tinha um sorriso estranho que não se apagava.

Lee manteve-se afastado, julgando que Adam se recomporia. Nas ruas da cidade, os gêmeos ouviam os comentários que fervilhavam: Adam era um imbecil. Esses sonhadores que tudo sabem parece que têm um faro especial para se meterem em sarilhos. Os homens de negócios felicitaram-se por não terem querido correr risco nenhum. De resto, quem herdava a fortuna só sabia dar cabo dela. E se queriam uma prova, bastava olhar para a maneira como Adam explorava o rancho. O dinheiro e um imbecil nunca viviam muito tempo juntos. Talvez lhe servisse de lição. E dizer que ele elevara para o dobro a produção da fábrica de gelo! Will Hamilton recordou a toda a gente que, não só fora contrário ao projeto, como previra em pormenor tudo o que aconteceria. Não se queria gabar, mas que se há de fazer quando alguém não faz caso da opinião de um negociante sério? E só Deus sabia como ele andava farto de ideias loucas! Palavra puxa palavra, todos se lembraram de que Sam Hamilton nunca tivera muito juízo. Quanto a Tom Hamilton, também não lhe ficava atrás.

Quando Lee concluiu que já passara o tempo suficiente, não esteve com meias medidas. Sentou-se diante de Adam e entrou a matar: — Como é que se sente? — Bem.

— Não se vai enfiar novamente no seu buraco, pois não? — Porque é que pensa isso? — perguntou Adam.

— Porque está com a mesma cara com que andava dantes. E tem o mesmo olhar de sonâmbulo. Sente-se ferido no seu amor-próprio? — Não —

disse Adam. — Só quero saber se fiquei arruinado.

— Não de todo. Ainda lhe restam nove mil dólares e o rancho.

— Tenho uma dívida de dois mil dólares — disse Adam.

— Já a incluí nas contas.

— E tenho de pagar o novo aparelho de refrigeração.

— Já está pago.

— E ainda me restam nove mil dólares?

— E o rancho — acrescentou Lee. — Talvez seja melhor vender a fábrica.

O rosto de Adam contraiu-se e o sorriso vago desapareceu.

— Ainda tenho esperanças — disse ele. — Foi tudo uma série de acidentes. Prefiro ficar com a fábrica. O frio conserva. E, depois, a fábrica sempre rende alguma coisa. Talvez eu venha a ter outra ideia.

— Então, veja se descobre uma coisa que não saia muito cara — disse Lee. — Não gostaria de ficar sem o meu fogão a gás.

3

Os gêmeos sofreram profundamente com o revés do pai. Tinham quinze anos e já sabiam há tanto tempo que eram filhos de um homem rico, que a ferida custou a cicatrizar. Se ao menos aquilo não tivesse sido uma espécie de carnaval... Mas não. Fora em cheio. Não conseguiam esquecer os enormes cartazes colados nos vagões de mercadorias, reviam com horror todos os pormenores do grande acontecimento. E se os comerciantes troçavam de Adam, os filhos ainda foram mais cruéis. De um dia para o outro, os gêmeos passaram a ser tratados por “Aron e Cal Alface” ou, mais simplesmente, por “Pés de Alface”. Aron discutiu a questão com Abra.

— É mais um obstáculo — disse ele.

Abra transformara-se numa encantadora mocinha. Os seios arredondavam-se com o fermento dos anos e o rosto refletia a serenidade cálida da beleza. Já não era apenas bonita. Tinha a força e a firmeza femininas.

Abra examinou o semblante inquieto de Aron e perguntou: — Que obstáculo é esse?

— Agora somos pobres.

— De qualquer maneira, terias de trabalhar.

— Sabes que quero continuar a estudar?

— Pois continua, que eu te ajudarei. O teu pai perdeu o dinheiro todo?
— Não sei. É o que se diz.
— Quem é que diz? — perguntou Abra.
— Toda a gente. Talvez os teus pais não consintam que eu case contigo.
— Nesse caso, não lhes digo nada.
— Não pareces duvidar de coisa nenhuma.
— Pois claro que não duvido. Dá-me um beijo.
— Aqui? Na rua?
— Por que não?
— Podem nos ver.
— Eu quero que nos vejam — disse Abra.

Aron replicou: — Não. Há coisas que não se fazem em público.

Ela pôs-se à frente dele e cortou-lhe a passagem.

— Olha para mim. Vais beijar-me e é já.

— Por quê?

Ela respondeu lentamente: — Para que todos fiquem sabendo que eu sou a Sra. “Pé de Alface”.

Aron deu-lhe um beijo fugaz e envergonhado, obrigando-a a passar logo para o seu lado.

— Talvez fosse preferível que eu renunciasse — disse ele.

— Que tu renunciasses a quê?

— Já não sou bastante bom para ti. Agora, não passo de um pobre tipo igual aos outros. Julgas que não compreendi a atitude do teu pai?

— És idiota — disse Abra. Mas franziu ligeiramente as sobrancelhas, porque também vira a atitude do pai. Entraram na pastelaria Bell e sentaram-se a uma mesa. Naquele ano, era moda tomar sumo de aipo. No ano anterior, usara-se o sorvete de gengibre.

Abra soprou delicadamente pela palhinha, provocando algumas bolhas, e pensou na mudança de atitude do pai desde o malogro das alfaces congeladas. Ele dissera-lhe: — Porque não saís com outro rapaz? Sempre variavas.

— Eu estou noiva de Aron.

— Noiva? — troçara o pai. — Desde quando, é que é moda as crianças ficarem noivas? Não sejas tola. Olha que há mais peixes no mar.

Depois lembrou-se de que lhe tinham dado a entender que certas famílias não podiam ocultar eternamente um escândalo e que certas honorabilidades estavam sujeitas a caução. Estes remoques tinham coincidido com o revés de Adam que, segundo se dizia, perdera toda a sua fortuna.

Abra debruçou-se na mesa.

— O que nós podíamos fazer é tão simples que tu até te vais rir de não teres pensado nisso mais cedo.

— O que é?

— Podíamos explorar o rancho do teu pai. O meu pai diz que é uma bela terra.

— Não — disse Aron apressadamente.

— Por quê?

— Porque não quero ser lavrador e não quero que sejas a mulher de um lavrador.

— Eu hei de ser a mulher do Aron, seja ele o que for.

— Mas eu não quero deixar de estudar.

— Já te disse que te ajudarei — repetiu Abra.

— E onde ias buscar o dinheiro?

— Roubava-o — disse ela.

— Eu quero sair desta cidade. Todos fazem pouco de mim. Já não posso aguentar mais.

— Eles num instante esquecem.

— Isso é o que resta saber. Não estou disposto a passar mais dois anos naquela escola.

— Queres ir para longe de mim, Aron?

— Não. Mas porque foi ele meter o nariz em coisas de que não entendia?

— Não censures o teu pai. Se o negócio tivesse resultado, toda à gente lhe faria salamaques.

— Mas falhou e sou eu quem apanha pela tabela. Nem tenho coragem para levantar a cabeça. Oh! meu Deus, se soubesses como o odeio! Abra disse com severidade: — Aron, proíbo-te que fales dessa maneira.

— E quem me diz que ele não me mentiu a respeito da minha mãe?

O rosto de Abra tornou-se escarlate.

— Tu merecias um par de açoites — disse ela. — E se estivéssemos sós, era eu mesma quem daria.

Abra examinou o rosto deformado pela fúria, pelo orgulho ferido e, subitamente, resolveu mudar de tática. — Porque não lhe perguntas acerca da tua mãe? Vai ter com ele e pergunta-lhe.

— Não posso. Prometi-te.

— Tu só me prometeste não repetir o que eu tinha dito.

— Se eu lhe perguntar, ele há de querer saber onde foi que ouvi dizer.

— Muito bem. — disse ela. — Tu não passas de uma criança mimada. Estás desligado do teu juramento. Vai perguntar-lhe.

— Não sei se devo.

— Há dias em que sinto vontade de te matar — disse ela —, mas...

Aron... Gosto tanto de ti. Amo-te tanto.

Vindos do bar, ouviram-se uns risinhos estúpidos. Aron e Abra tinham elevado a voz e haviam sido escutados por quem os espiava. Aron corou. Os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas. Saiu a correr e desapareceu na rua.

Abra pegou calmamente na bolsa, ajustou a saia e sacudiu-a com a mão. Dirigiu-se ao Sr. Bell e pagou-lhe a despesa. Na altura em que se encaminhava para a porta, foi detida por umas risadas sonsas.

— Deixem-no em paz — disse ela friamente. Saiu, e os seus passos ritmavam uma frase, sempre a mesma: “Gosto tanto de ti, Aron.” Subitamente, pôs-se a correr, julgando poder apanhar Aron, mas não conseguiu encontrá-lo. Telefonou para casa dele. Lee respondeu que Aron ainda não tinha chegado. Mas Aron estava metido no quarto às voltas com o seu ressentimento. Lee vira-o encafuar-se no quarto e fechar a porta.

Abra percorreu as ruas de Salinas na esperança de o encontrar. Estava furiosa com ele mas, ao mesmo tempo, sentia-se espantosamente só. Aron nunca a deixara com tal violência. Abra desaprendera a estar só.

Cal, esse, tivera de se habituar à solidão. Nos primeiros tempos tentara juntar-se a Abra e a Aron, mas eles não apreciavam a sua companhia. Cheio de ciúmes, procurara atrair a moça, mas falhou redondamente.

Os estudos pareciam-lhe fáceis e sem grande interesse. Aron era obrigado a trabalhar com mais afinco para aprender e, por consequência, possuía uma noção mais elevada dos seus deveres. O respeito que dedicava aos estudos não condizia com a qualidade do ensino. Cal não se interessava pelas atividades desportivas da escola. A sua inquietação crescente fazia-o sair de casa todas as noites. Adolescente ensimesmado, andava sempre envolto em trevas.

Capítulo XXXVIII

1

Cal, como toda a gente, sempre sentira necessidade de afeição e carinho. Se fosse filho único ou se Aron fosse diferente, Cal teria podido manter relações normais e fáceis com as outras pessoas. Mas notara desde pequeno que todos eram atraídos pela beleza e pela simplicidade de Aron. Como é natural, esforçava-se por despertar a atenção e a amizade do próximo tentando imitar o irmão. Mas o que era encantador na ingenuidade do louro Aron, tornava-se desagradável e suspeito em Cal, sempre sombrio e desconfiado. Os simuladores nunca são convincentes. Onde Aron era aceitado, Cal era repellido, apesar de dizer e fazer precisamente as mesmas coisas.

Do mesmo modo que alguns piparotes no focinho de um cachorro o intimidam, também as crianças se tornam desconfiadas e arredias quando são tratadas com maus modos. O cachorrinho encolhe-se, rola-se no chão e rasteja, enquanto que a criança procurará disfarçar o acanhamento sob a capa da indiferença ou da bravata. Basta que a criança seja repelida uma vez, para que passe logo a ver essa atitude em toda a parte, mesmo quando não existe, ou, o que é muito pior, para que a provoque, preparando-se de antemão para a defrontar.

Em Cal, a evolução fora tão lenta que ele nem sequer a estranhava. Para se defender do mundo, erguera à sua volta uma muralha de indiferença. E se a muralha tinha frestas, devia ser nos sítios onde se encontrava com Aron e Lee e, mais especialmente, com Adam. A segurança de Cal residia na indiferença do pai. Mais vale ser ignorado do que notado com animosidade.

Pequeno ainda, Cal descobrira um segredo; se se aproximasse sem rumor do lugar onde o pai se encontrava sentado, e se se debruçasse ligeiramente sobre o joelho paterno, a mão de Adam levantava-se automaticamente e ia afagar-lhe o ombro. É muito provável que o fizesse distraído, mas a carícia despertava uma tal onda de felicidade que a criança raramente a utilizava, Exceto nos momentos em que lhe era necessária. Era um encantamento de que dependia. Era o cerimonial simbólico de uma adoração canina.

As coisas não se modificam com uma mudança de cenário. Em Salinas,

Cal não tinha mais amigos do que em King City. Dispunha de parceiros, exercia uma certa autoridade, era admirado, mas não tinha amigos. Vivia sozinho e caminhava solitário.

2

Lee sabia que Cal saía de casa à noite e que só voltava muito tarde, mas nada dizia por ser impotente para remediar a situação. Os polícias de giro encontravam às vezes o rapaz. O sargento Heiserman tocou no assunto ao prefeito, que, não só lhe assegurou que Cal não se entregava à vadiagem, como tinha fama de ser um excelente aluno. O sargento conhecia Adam Trask. Como o filho não partia vidros e não provocava escândalos, disse aos polícias que andassem de olho bem aberto e que só interviessem no caso de o rapaz cometer algum desacato.

O velho Tom Watson encontrou Cal certa noite e perguntou-lhe: — Porque é que andas a passear a uma hora destas? — Eu não faço mal a ninguém — respondeu Cal, na defensiva.

— Isso sei eu. Mas já devias estar na cama.

— Não tenho sono — respondeu Cal.

O velho Tom achou que a resposta não formava sentido, pois toda a sua vida tivera sono. O rapaz assistia às partidas de fan-tan no bairro chinês, mas nunca jogava. Era um mistério, mas muitas coisas simples constituíam um mistério para Tom Watson, e ele preferia não as aprofundar.

Durante as passeatas noturnas, Cal recordava-se muitas vezes da conversa que ouvira no rancho entre Lee e o pai. Queria saber a verdade. A pouco e pouco, foi acumulando as informações: uma frase escutada na rua, uma alusão numa loja. Aron não as teria notado, mas Cal dava-lhes um sentido. Sabia que a mãe não estava morta. Ficara sabendo também, desde a primeira conversa através do falatório, que Aron sofreria muito quando conhecesse a verdade.

Uma noite, Cal encontrou Rabbit Holman que descia de San Ardo à cidade para apanhar a carraspana semestral. Rabbit acolheu Cal com efusão, como é costume dos camponeses quando encontram um conhecido em lugar afastado. Rabbit, enquanto metia à boca o gargalo da garrafa, foi contando a Cal tudo o que lhe passou pela cabeça. Vendera uma parte da sua terra por bom preço e vinha a Salinas para celebrar o acontecimento com uma paródia em cheio. As tipas haviam de ficar a saber o que era um homem.

Cal, sentado a seu lado, ouvia calmamente. Quando viu que Rabbit estava quase sem uísque, foi ter com Louis Schneider e pediu-lhe que lhe comprasse outra garrafa. Rabbit largou a garrafa e, quando tornou a pegar nela, reparou que estava cheia.

— Tem graça — disse ele —, julgava que estivesse vazia.

A partir desse instante, Rabbit esqueceu não só quem era Cal, mas também qual a sua idade. Lembrava-se, contudo, de que ele era o seu melhor amigo.

— Ouve uma coisa, George. Vou beber só mais um ou dois golos, e depois vamos os dois às pegas. Não me digas que estás liso, a despesa é por minha conta. Já te disse que vendi quarenta acres de terra? Também, não valiam nada.

— Depois de uma pausa, acrescentou: — Escuta, Harry. A gente hoje não vai às putas baratas, vamos antes à casa da Kate. Sai caro, dez dólares, mas a gente está-se nas tintas. Elas até têm um circo. Já foste ao circo, Harry? Aquilo é um circo do camandro. A Kate sabe as linhas com que se cose. Olha lá, George, lembras-te de quem é a Kate? É a mulher do Adam Trask, a mãe daqueles gêmeos do catano. Que Deus me valha! Nunca me hei de esquecer daquele dia em que ela lhe pregou com uma bala no canastro e se pôs a andar. Deu-lhe cabo do ombro, mas conseguiu safar-se. Talvez não valesse nada como mulher, mas como puta é de respeito! É bestial. Sabes porque é que se diz que uma puta dá uma boa mulher? Porque já sabe tudo e não tem vontade de aprender mais nada. Ajuda-me a levantar, Harry. Que estava eu dizendo? — Estavas a falar no circo — disse Cal em voz sumida.

— Ah! pois. Quando vires o circo da Kate até te saltam os olhos cá para fora. Tu sabes o que elas fazem? Cal postou-se de maneira que Rabbit não lhe visse a cara. Rabbit contou o que elas faziam. Cal sentiu-se agoniado. Não era, porém, do circo mas sim dos espectadores. Ao ver a expressão de Rabbit, imaginava a cara de todos aqueles homens reunidos no circo de Kate.

Atravessaram o matagal que crescia no jardim e subiram os degraus da entrada. Cal era crescido para a idade mas, mesmo assim, pôs-se no bico dos pés. O homem que abriu a porta não lhe prestou grande atenção. A casa era escura, parcamente iluminada pelos candeieirinhos disseminados, e Cal imiscuiu-se no grupo dos homens que esperavam com impaciência.

Cal desejava acumular provas, frases, obscuros materiais que lhe serviriam um dia. Após a visita à casa de Kate, veio-lhe uma vontade desesperada de se desfazer de tudo o que armazenara.

Certa noite, Lee, que escrevia à máquina, ouviu bater à porta de mansinho. Mandou entrar Cal. O rapaz sentou-se à beira da cama, e Lee enfiou o corpo magro na poltrona Morris. Sempre achara divertido que uma poltrona pudesse dar-lhe tanto prazer.

Cruzou as mãos em cima da barriga, como se usasse mangas chinesas, e aguardou com paciência. Cal observava qualquer coisa por cima da cabeça de Lee. Quando falou, fê-lo baixinho e depressa.

— Já sei onde está a minha mãe e o que ela faz. Até a vi. A mente de Lee formulou uma prece convulsiva, pedindo socorro.

— Que queres tu saber? — perguntou ele.

— Ainda não pensei nisso. Ando a ver se descubro. Prometes que me dizes a verdade? — Prometo.

As perguntas que borbulhavam no espírito de Cal eram tão espantosas que ele mal sabia qual escolher.

— O meu pai sabe? — Claro.

— Porque foi que ele disse que ela tinha morrido? — Para te evitar um desgosto.

— Que fez o meu pai para que ela o deixasse? — Amou-a de corpo e alma. Deu-lhe tudo o que lhe podia dar.

— Nunca lhe bateu? — Que eu saiba, não. Não era homem para bater.

— Porque fez ela aquilo, Lee? — Não sei.

— Não sabes ou não queres dizer? — Não sei.

Cal manteve-se calado durante tanto tempo que Lee se pôs a coçar os pulsos com a ponta dos dedos. Sentiu-se aliviado quando Cal falou de novo. O tom da voz mudara. Agora, era suplicante.

— Lee, tu conheceste-a. Como era ela? Lee suspirou e desenclavinhou as mãos.

— Só posso dizer o que penso. E posso estar enganado.

— Que é que tu pensas? — Cal — respondeu Lee — tenho passado muitas horas a refletir no assunto e continuo sem saber nada. Tenho a impressão de que ela não é como as outras pessoas. Falta-lhe qualquer coisa. A bondade, talvez, ou a confiança. Só podemos compreender as pessoas quando somos capazes de as sentir em nós mesmos. Ora, a ela, não sou capaz de a sentir. Assim que me ponho a pensar nela, tudo começa a ficar escuro. Não sei o que ela

queria, nem qual era o seu objetivo. Era uma mulher que nutria um profundo ódio, contra quem ou contra quê, ainda hoje o ignoro. É um mistério. E era um ódio doentio. Não era fúria ou raiva, era um ódio que nada tinha a ver com o coração. Talvez esteja a praticar um erro falando-te desta maneira.

— Mas eu preciso de saber.

— Para quê? Dantes, não te sentias melhor? — Sentia, sim. Mas agora já não posso parar.

— Tens razão — disse Lee.— Quando desaparece a primeira inocência, não se pode parar, a não ser que se seja um hipócrita ou um imbecil. Nada mais te posso dizer, visto nada mais saber.

Cal pediu: — Então, fala-me do meu pai.

— É fácil — disse Lee. — Mas logo se calou

— Não estará ninguém a ouvir-nos? É melhor baixarmos a voz.

— Fala-me dele — pediu Cal.

— Creio que o teu pai traz em si, mas aumentado, o que falta à tua mãe.

Na minha opinião, — a bondade e a confiança dele são tão grandes que se tornam tão incômodas como se fossem vícios. Estão sempre a pregar-lhe rasteiras e a cortar-lhe a passagem.

— O que foi que ele fez quando ela se foi embora?

— Cessou de viver — disse Lee.— Continuou a andar, mas estava morto.

Só há pouco tempo é que regressou a uma meia vida.

Lee viu uma expressão estranha e nova no rosto de Cal. Os olhos estavam mais abertos e a boca, geralmente fechada e rígida, descontraiu-se. Pela primeira vez, naquele rosto, e apesar da diferença de tez, Lee via Aron. Os ombros de Cal tremiam ligeiramente, como fazem os músculos depois de um esforço prolongado.

— Que se passa, Cal?

— Eu gosto do meu pai.

— Também eu. Talvez seja por isso que eu nunca fui capaz de o deixar.

Ele não é inteligente no sentido literal da palavra, mas é um bom homem. Talvez seja o melhor de todos os homens que eu conheci até hoje.

Cal ergueu-se de súbito.

— Boa noite, Lee.

— Espera um instante. Falaste no assunto a alguém?

— Não.

— E ao Aron? Não serias incapaz de o fazer.

— E se ele vier a saber?

— Nesse caso, terás de ficar a seu lado para o ajudares. Não te vás já embora. Depois de saíres deste quarto, talvez nunca mais tenhamos oportunidade de voltar a falar a sós. E talvez passes a gostar menos de mim por saberes que eu sei a verdade. Diz-me uma coisa... Tens ódio à tua mãe?

— Tenho — disse Cal.

— Bem me parecia — disse Lee. — Creio que o teu pai nunca a odiou. A única coisa que senti foi uma grande dor.

Cal recuou lentamente para a porta e enterrou as mãos nos bolsos. — Odeio-a porque sei qual foi o motivo que a levou a partir. E sei... porque a sinto dentro de mim. Baixara a cabeça e falava em voz dilacerada.

Lee levantou-se de um salto.

— Basta! — disse ele com dureza. — Ouve-me bem. Ai de ti se te torno a apanhar a pensar dessa maneira! Não há dúvida nenhuma que a tens dentro de ti, que te corre nas veias todo o mal que há nela. Dá-se o mesmo com toda a gente. Mas tu tens outra coisa. Levanta a cabeça e olha para mim.

Cal levantou a cabeça e olhou-o com cansaço.

— Que é que tu queres?

— Tu tens outra coisa. Estás a ouvir-me? Se não fosse isso, não tinhas feito a pergunta. E nunca escolhas o caminho mais fácil. Só os preguiçosos é que gostam de se desculpar com a ancestralidade. Vê se reages! Agora, olha-me bem para ver se nunca mais me esqueces. Seja o que for que tu fizeres, será um ato teu... e nunca da tua mãe.

— Achas que sim, Lee?

— Acho, sim, e tu também farás bem em achar se não queres que te faça num bolo.

Após a partida de Cal, Lee instalou-se na poltrona. “Que terei eu feito à minha calma oriental?”, pensou ele.

4

Cal, ao descobrir a mãe, procedeu mais a uma verificação do que a uma descoberta. Sabia, há muito, que a nuvem lhe pairava por cima da cabeça, mas desconhecia-lhe a forma. A reação que teve foi dupla. Sentia-se mais forte agora que estava a par dos fatos. Podia avaliar gestos e expressões, e interpretar vagas alusões. Podia, até, desenterrar e reconstituir o passado. Mas nada disso lhe consolava o sofrimento.

O seu corpo ia caminhando para a maturidade e era sacudido pelos ventos variáveis da adolescência. Num dia, mostrava-se dedicado, puro e devotado; na manhã seguinte, comprazia-se no mal; passado outro dia, rastejava de vergonha e surgia purificado.

A descoberta aguçou-lhe os sentidos. Convenceu-se de que tal herança fazia dele um ser único. Não conseguia acreditar nas palavras de Lee ou conceber que outros rapazes passassem pelos mesmos tormentos.

O circo de Kate não se lhe desvanecera da memória. Sempre que pensava nele, sentia-se percorrido pela chama da puberdade para, logo a seguir, ser dominado pela náusea.

Passou a observar o pai com mais atenção e descobriu nele uma tristeza e um desapontamento que Adam talvez nunca tivesse sentido em tal quantidade. O resultado dessa descoberta foi um amor apaixonado pelo pai, uma vontade de o proteger e de preencher o vácuo deixado pelos sofrimentos passados. Cal imaginava intoleráveis esses sofrimentos idos. Certo dia, entrou na casa de banho precisamente na altura em que Adam tomava banho e viu-lhe a cicatriz produzida pela bala. Se bem que não o desejasse fazer, perguntou: — Que cicatriz é essa, papai? A mão de Adam pareceu querer tapar a cicatriz.

— É um velho ferimento que me fizeram na campanha contra os índios. Um dia ainda te hei de contar.

Cal, que observava o pai, vira-o rebuscar no passado à procura de uma mentira. Cal não odiava a mentira, mas sim a necessidade que havia de mentir. Mentia de bom grado por razões concretas, mas ser obrigado a mentir parecia vergonhoso. Teve vontade de gritar: “Eu sei quem te feriu e não tem mal nenhum.” Mas limitou-se a dizer: — Gostaria que me contasses.

Aron também passou pelas mesmas dificuldades, mas as suas reações eram menos violentas. Os sentidos não o atormentavam com tanta estridência. As paixões adquiriram uma feição religiosa. Descobriu que tinha vocação para ministro da igreja e que era esse o seu futuro. Assistia a todos os serviços da igreja episcopal, punha flores no altar e passava muito tempo na companhia do Sr. Rolf, o jovem pastor de cabelo encaracolado. Aron tomou conhecimento das coisas deste mundo através de um homem que não possuía nenhuma experiência e que só era capaz de ensinar generalidades, como todas as pessoas sem experiência.

Aron foi confirmado na igreja episcopal e cantava no coro todos os domingos. Abra seguiu-o. Ela sabia que aquelas coisas eram necessárias mas destituídas de importância.

Era natural que Aron convertido pretendesse converter Cal.

Principiou a rezar silenciosamente por Cal, mas acabou por se lhe dirigir diretamente. Censurou-lhe a falta de fé e pediu-lhe que se modificasse.

Cal talvez estivesse disposto a fazer um esforço se o irmão tivesse sido mais inteligente, mas Aron atingira aquele vértice de pureza apaixonada em que todo o resto da humanidade nos parece maculada. Após alguns sermões, Cal achou que o irmão era insuportavelmente, aborrecido e disse. Ambos respiraram de alívio quando Aron resolveu abandonar o irmão à condenação eterna.

A religiosidade de Aron adquiriu, como era inevitável, uma feição sexual. Falou a Abra na necessidade da abstinência e resolveu viver uma vida de celibato. Abra, prudentemente, concordou, esperando que aquela loucura fosse passageira. O celibato era a única condição que ela conhecera até àquele momento, embora desejasse casar com Aron e ter filhos. Apesar do seu silêncio, começou a alimentar um ódio instintivo, e talvez justificado, pelo Reverendo Rolf.

Cal via o irmão triunfar de pecados que ele nunca cometera. Sentiu vontade de lhe dizer quem era a mãe, para ver a reação, mas logo reprimiu esse desejo. Sabia que Aron não poderia resistir à revelação.

Capítulo XXXIX

1

De vez em quando, Salinas soltava pequenos arrotos de moralidade. O processo nunca variava. Os arrotos eram sempre idênticos. Do alto do púlpito ou através de uma nova e ambiciosa presidente da Liga Cívica Feminina, era lançada a ofensiva. Na generalidade dos casos, a vítima era o jogo e já se vai ver por quê. Toda a gente podia discutir o assunto, o que já não acontecia com a prostituição. Tratava-se de um pecado evidente, e a maioria das casas de jogo pertenciam a chineses. Poucas probabilidades havia de pisar os calos a um parente. E a história repetia-se sempre do mesmo modo.

Depois de incendiar a Igreja e a Liga, o fogo alastrava aos dois jornais da cidade. Os artigos de fundo exigiam uma limpeza à cidade. A polícia respondia que não queria outra coisa, mas que lutava com falta de créditos. Em geral, aproveitava a oportunidade para pedir uma dotação mais elevada, o que às vezes

dava resultado.

Quando se chegava à fase dos editoriais, toda a gente sabia que as cartas estavam na mesa. A fase seguinte era regulada com a precisão e a minúcia de um bailado. A polícia preparava-se, as casas de jogo preparavam-se e os jornais também se preparavam para imprimir editoriais vitoriosos. Depois, seguia-se a rusga que ia direita ao objetivo sem provocar danos. Vinte ou mais chineses importados de Pajaro, uns tantos saloios, e cinco ou seis inocentes caixeiros viajantes caíam nas malhas da polícia, eram inscritos nos cadastros, encarcerados e soltos de manhã após o pagamento de uma multa. Depois daquele banho lustral, a cidade respirava e as casas de jogo perdiam uma noite de negócio, além das multas.

Um dos triunfos do ser humano é saber o que se passa e, mesmo assim, não acreditar...

Numa noite de outono, em 1916, Cal assistia ao jogo do fantan na casa do Lim Meia-Dose quando foi apanhado numa rusga. Na escuridão, ninguém o reconheceu e o sargento ficou bastante atrapalhado quando, na manhã seguinte, foi dar com ele numa célula. Telefonou logo a Adam que estava a tomar o pequeno almoço.

Adam fez o trajeto a pé, libertou o filho, atravessou a rua para ir buscar a correspondência ao correio e levou Cal para casa.

Lee pusera os ovos de Adam em banho-maria e preparara mais dois para Cal.

Aron atravessou a casa de jantar, de caminho para a escola.

— Queres que espere por ti? — perguntou ele a Cal.

— Não — respondeu Cal. Baixou os olhos e comeu os ovos. Adam ainda não abrira a boca para falar, Exceto quando dissera “Vem comigo”, depois de ter agradecido ao sargento.

Cal engoliu o pequeno almoço sem apetite, lançando olhares de esguelha ao pai. Não compreendia o que significava a expressão de Adam. Parecia simultaneamente embaraçado, furioso, pensativo e triste.

Adam também não despregava os olhos da xícara de café. O silêncio cresceu até se tornar insuportável. Lee meteu a cabeça pela porta.

— Café? — perguntou.

Adam fez que não com a cabeça. Lee desapareceu e fechou a porta da cozinha. No silêncio, apenas cortado pelo tique-taque do relógio, Cal deixava-se dominar pelo medo. Sentia desprender-se do pai uma força de que ele nunca suspeitara. Formigueiros percorriam-lhe as pernas, mas tinha receio de as mexer

para restabelecer a circulação. Deixou cair o garfo no prato, para fazer barulho, e o ruído foi tragado pelo silêncio. O relógio deu nove horas que também foram tragadas. Com o medo nascia o ressentimento. Cal era como a raposa que, ao cair na armadilha, fica furiosa com a pata entalada.

De repente, Cal pulou, sem saber que ia pular, e gritou, sem saber que ia gritar.

— Faça o que lhe apetece fazer! Vamos! e não se fala mais nisso! O grito angustiado também foi sorvido pelo silêncio. Adam ergueu lentamente a cabeça. Cal nunca tinha olhado o pai nos olhos. Há muita gente que nunca olhou o pai nos olhos. A íris de Adam era azul-clara com linhas escuras que convergiam para a pupila. No fundo dos dois olhos, Cal avistou a própria imagem deformada, como se dois Cal estivessem a olhar para ele.

Adam disse devagar: — Eu te traí, não é verdade?

Era pior do que um ataque.

— Que queres dizer? — perguntou Cal.

— Foste apanhado numa casa de jogo. Não sei como lá foste parar, nem por que, nem o que lá fazias.

Cal tornou a sentar-se desajeitadamente e fitou o prato.

— Tu jogas fan-tan?

— Não, papai. Só olho.

— Já lá tinhas ido?

— Já, sim, muitas vezes.

— Que vais lá fazer?

— Não sei. À noite apetece-me mexer... como às mulheres da vida.

Pensou em Kate e o gracejo de mau gosto pareceu-lhe horrível.

— Quando não consigo dormir, vou passear— disse ele. — para ver se me estafo. Adam pesou cada uma das suas palavras antes de falar.

— O teu irmão também costuma ir passear?

— Oh! não! Nem isso lhe passava pela cabeça. Ele não é... nervoso.

— Vês tu, eu nada sei a respeito de vocês os dois — disse Adam.

Cal desejava atirar os braços ao pescoço do pai, abraçá-lo, e ser abraçado por ele. Desejava uma grande demonstração de simpatia e de amor. Pegou na argola de madeira do guardanapo e enfiou nela o dedo.

— Bastava perguntares para saberes — disse ele.

— Mas nunca perguntei. Tenho sido tão mau pai como foi o meu.

Cal nunca ouvira Adam falar com aquela voz. Era pungente, lancinante, como se Adam tropeçasse em certas palavras que se recusavam a ser

pronunciadas.

— O meu pai fez uma forma e obrigou-me a entrar nela à força — disse Adam. — Eu era uma má peça, mas não podia ser refundido. Ninguém pode ser refundido. E continuei a ser uma má peça.

Cal disse: — Não fiques triste. Já sofreste bastante.

— Achas? Talvez... Mas da pior maneira, sem dúvida. Não conheço os meus filhos e não sei se conseguirei conhecê-los.

— Eu digo tudo o que quiseres. Basta perguntares.

— Por onde devo começar? Pelo princípio?

— Estás zangado comigo? Ficaste aborrecido por eu ter sido preso?

Com grande surpresa de Cal, Adam riu.

— Tu só estavas lá, não é verdade? Não fizeste mal nenhum, não é?

— Talvez fizesse mal em lá estar.

Cal procurava o castigo.

— Também eu já lá estive uma vez — disse Adam. — E fiquei na cadeia durante um ano por ter lá estado.

Cal tentou digerir esta heresia.

— Não acredito — disse.

— Há ocasiões em que eu também não. Mas o que eu sei é que, quando me evadi, assaltei uma loja e roubei roupa.

— Não acredito — repetiu Cal sem convicção.

Mas o calor, a intimidade do momento eram tão deliciosos que se agarrou a eles. Respirou devagar para não diminuir o calor.

Adam disse. — Lembras-te do Samuel Hamilton? Claro que te lembras. Ainda tu não passavas de um bebé, disse-me ele que eu era um mau pai. Até me bateu para que eu nunca o esquecesse.

— Aquele velho?

— Ele era rijo. Hoje é que eu compreendo o que ele pretendia dizer. Eu sou o que foi o meu pai. Ele proibiu-me que fosse uma pessoa e eu não soube ver que os meus filhos eram seres humanos. Era isto o que o Samuel pretendia explicar-me.

Fitou Cal nos olhos e sorriu. Cal sentiu tanta afeição pelo pai que até lhe doeu. Cal disse: — Nós não pensamos que tu sejas um mau pai.

— Pobres crianças — disse Adam. — Como haveriam de sabê-lo? Vocês nunca tiveram outro.

— Estou satisfeito por ter ido parar à cadeia — disse Cal.

— Também eu, também eu. —

Adam riu. — Já estivemos ambos presos, portanto é assunto que não tem segredos para nós.

Invadia-o uma alegria crescente. — Serás capaz de me dizer que gênero de rapaz és tu?

— Sou, sim, papai.

— A sério?

— Sim.

— Então, dize. Sabes, é preciso assumir certas responsabilidades quando se é um indivíduo. Isso não consiste unicamente em ocupar o lugar do ar no espaço. Quem és tu?

— Não estás brincando? — perguntou Cal timidamente.

— Não estou. Garanto-te que é a sério. Fala-me de ti... enfim, se quiseres. Cal começou: — Pois bem!... eu... — Deteve-se. — Custa muito quando se experimenta.

— Julgo que deve ser... impossível. Fala-me do teu irmão.

— Que queres saber dele?

— O que tu pensas. Não me podes dizer mais nada.

Cal disse: — Ele é bom. Nunca faz nada que seja mau nem tem maus pensamentos.

— Agora estás a falar de ti.

— Como?

— Admites que fazes e pensas coisas más.

As faces de Cal ruborizaram-se. — É verdade.

— Muito más?

— Sim, papai. Queres que te conte?

— Não, Cal. já compreendi. A tua voz e os teus olhos dizem que lutas contigo mesmo. Mas não tenhas vergonha. É horrível ter vergonha. O Aron costuma ter vergonha?

— Ele nada faz para isso.

Adam inclinou-se para a frente.

— Tens certeza?

— Completamente.

— Dize-me, Cal... tu o proteges?

— De que maneira?

— Suponhamos que ouvias dizer uma coisa má, cruel ou feia; serias capaz de ocultar?

— Acho que sim.

— Ele é demasiado fraco para suportar o que tu podes suportar?

— Não é isso, papai. Ele é bom, de verdade. Nunca faz mal a ninguém. Nunca diz mal seja de quem for. Ele não é mau por natureza. Nunca se queixa e é valente. Não gosta de jogar à pancada, mas fá-lo sempre que é necessário.

— Tu gostas do teu irmão, não é verdade?

— Gosto, sim. E às vezes faço-lhe mal. Engano-o, induzo-o a erro. Às vezes até o firo sem motivo.

— E depois sentes-te infeliz?

— Pois é.

— O Aron nunca se sente infeliz?

— Não sei. Quando me recusei a ir à igreja, pareceu ficar desesperado. E uma vez, quando a Abra se zangou e lhe disse que o odiava, ele ficou com um ar desgraçado. Chegou a adoecer e a ter febre. Não te recordas? O Lee mandou chamar o médico.

Adam comentou com espanto: — Mas como consegui eu viver com vocês e ignorar tudo isso? Por que se zangou a Abra?

— Não sei se devo dizer.

— Então, não digas.

— Não foi nada de importante. Sabes, papai, o Aron quer ser pastor. O Sr. Rolf falou ao Aron e o Aron disse que nunca se casaria e que talvez se retirasse do mundo.

— Como um frade?

— Sim, papai.

— E a Abra não gostou disso?

— Não gostou? Ficou doida varrida. Às vezes põe-se assim.

Pegou a caneta do Aron, jogou na rua e destruiu-a a pontapés. E depois disse que tinha desperdiçado metade da sua vida por culpa do Aron. Adam riu.

— Que idade tem ela?

— Vai fazer quinze anos. Mas, em algumas coisas, parece mais velha.

— Estou vendo. E que fez o Aron?

— Não disse nada, mas pareceu ficar ofendido.

Adam disse: — Podias ter aproveitado a oportunidade para lhe roubares a Abra.

— A Abra pertence ao Aron.

Adam olhou intensamente o filho nos olhos e, depois, chamou: — Lee!

— Como não obtive resposta, chamou mais uma vez: — Lee!

Depois, acrescentou: — Não o ouvi sair. Queria mais café.

Cal deu um salto.

— Vou fazer.

— Mas tu devias estar na escola — disse Adam.

— Não quero lá ir.

— Mas devias. O Aron foi.

— Sou feliz — disse Cal.— Prefiro ficar contigo.

Adam baixou a cabeça e olhou as mãos.

— Vai fazer o café — disse ele numa voz cheia de timidez.

Enquanto Cal estava na cozinha, Adam examinou-se com espanto. Uma espécie de apetite contraía seus nervos e músculos, os dedos tinham vontade de agarrar, as pernas de correr. Lançou um olhar ávido à sala. Viu as cadeiras, os quadros, as rosas vermelhas do tapete, e muitas coisas novas que pareciam animadas de vida própria, mas amistosa. Sentia vontade de viver os minutos seguintes, agradáveis e calorosos, como se devessem trazer-lhe o êxtase. Dentro dele estava nascendo uma madrugada que seria o prelúdio de um dia calmo e dourado. Juntou as mãos atrás da cabeça e estirou as pernas.

Na cozinha, Cal observava com impaciência a água que passava através do café, mas sentia-se feliz por ter de esperar. Um milagre deixa de o ser, assim que se torna familiar. Os termos em que se encontrava com o pai já não o admiravam, mas o prazer mantinha-se. O veneno da solidão e a inveja mordente de quem não é amado já o haviam abandonado; sabia-se purificado e pacífico. Tentou despertar um velho ódio para se pôr à prova, e verificou que já não sabia odiar. Teve vontade de servir o pai, de lhe oferecer um enorme presente, de realizar uma tarefa gigantesca em sua honra.

A cafeteira deitou por fora e Cal perdeu alguns minutos a limpar o fogão. E pensou lá para consigo que, na véspera, não teria feito aquilo.

Adam sorriu-lhe quando o viu chegar com o café fumegante. Cheirou-o e disse: — Deita um cheiro que era capaz de me fazer levantar da tumba.

— A cafeteira deitou por fora — disse Cal.

— O café só ganhou com isso — disse Adam.— Mas onde se terá metido o Lee? — Talvez esteja no quarto. Queres que vá ver? — Não. Se lá estivesse, teria respondido.

— Quando sair da escola, poderei ir para o rancho? — Já andas a fazer projetos? E o Aron? — Ele quer continuar os estudos. Não lhe digas que te contei. Espera que ele te diga e finge que ficas surpreendido.

— Muito bem — disse Adam.— Mas tu também não queres continuar a estudar?

— Acho que poderei ganhar dinheiro no rancho, pelo menos o bastante para pagar os estudos do Aron. Adam bebeu o café.

— É uma ideia generosa — disse. — Não sei se devo dizer, mas quando há pouco te perguntei que espécie de rapaz era o Aron, tu defendeste-o tão mal que cheguei a julgar que o odiavas.

— Já o odiei — disse Cal com veemência. — E também lhe fiz mal. Posso dizer uma coisa? Agora, já não o odeio. Nunca mais odiarei ninguém. Acho que nunca mais odiarei ninguém, nem mesmo a minha mãe...

Calou-se, admirado por ter dado aquele passo em falso, e logo o seu espírito se imobilizou numa atitude defensiva. Adam não pestanejou. Continuou a olhar a direito. Depois, passou a mão pela testa e acabou por dizer calmamente: — Tu sabes tudo a respeito da tua mãe.

Não era uma pergunta.

— Sei... sim, papai.

— Absolutamente tudo?

— Sim.

Adam empertigou-se na cadeira.

— O Aron está a par?

— Não. Oh! não. Ele não sabe nada.

— Por que dizes isso assim?

— Não teria a coragem de contar a ele.

— Por quê?

Desamparado, Cal disse: — Não me parece que fosse capaz de suportar. Não tem maldade que chegue. — Quis continuar: — “Nem tu”. Mas calou-se. Adam deu mostras de cansaço e abanou a cabeça.

— Ouve, Cal. Achas que o Aron poderá continuar a ignorá-lo? Pensa bem no que te pergunto.

Cal respondeu: — Ele nunca vai aos sítios onde poderiam informá-lo. Ele não é como eu.

— E se alguém lhe dissesse?

— Não acreditaria. Dava cabo de quem lhe dissesse uma coisa dessas. Pensava que era um mentiroso.

— Estiveste na casa dela?

— Estive, sim, papai. Eu precisava de saber. — E prosseguiu logo, muito comovido: — Se o Aron saísse da cidade para ir para a Universidade, se nunca mais cá voltasse...

— Sim, é possível, mas ainda tem de passar aqui dois anos — respondeu

Adam abanando a cabeça.

— Talvez eu lhe pudesse pedir para se despachar e para acabar tudo num ano. Ele é inteligente.

— Tu és mais do que ele...

— Não sou da mesma maneira — disse Cal.

Adam pareceu crescer a ponto de encher toda a sala. Tinha a severidade estampada no rosto e o olhar era agudo e penetrante.

— Cal — disse ele bruscamente.

— Papai?

— Tenho confiança em ti.

2

A modificação das relações com o pai originou um fermento de felicidade em Cal. Passou a andar com mais ligeireza, com a expressão iluminada por um sorriso. Exteriorizou-se.

Lee, que reparara na mudança, perguntou-lhe: — Não terás, por acaso, arranjado uma namorada?

— Não. Quem precisa de uma namorada?

— Todos — respondeu Lee.

Depois, Lee perguntou a Adam: — O que há com o Cal?

— Ele sabe tudo a respeito dela — respondeu Adam.

— Não me diga! — Lee sentiu-se aliviado. Lembra-se de lhe ter dito que era preciso contar-lhes a verdade.

— Eu não contei nada. Ele já sabia.

— Ora vejam! — disse Lee. — Mas com certeza que não é por isso que ele assobia enquanto estuda e que atira a boina ao ar quando anda. E o Aron?

— Esse é que me preocupa. Não queria que soubesse.

— Agora talvez já seja tarde demais.

— Talvez eu pudesse ter uma conversa com o Aron — disse Adam. Lee examinou Adam.

— Também o acho mudado. É possível! Cal não se contentava em assobiar, em atirar a boina ao ar e em despachar rapidamente os seus deveres escolares. Em seu novo júbilo, nomeou-se guardião da felicidade paterna. Quando dissera que não odiava a mãe, não tinha mentido. Mas ela ferira Adam. O que já fizera uma vez, poderia tornar a fazê-lo. Prometeu a si mesmo

informar-se o mais que pudesse de tudo o que se referisse a ela. Um inimigo que se conhece é menos perigoso, e não se corre o risco de se ser surpreendido.

À noite, sentia-se atraído pela casa do outro lado do caminho de ferro. Em certas tardes, escondia-se nos matagais que cresciam no passeio da frente. Via sair as mulheres, solenemente vestidas de escuro. Saíam sempre aos pares e Cal seguia-as com os olhos até à esquina de Castroville Street, onde viravam à esquerda para a Main Street. Verificou que, se se ignorasse de onde vinham, não se poderia dizer quem eram. Mas não era por essas mulheres que esperava. Queria ver a mãe à luz do dia. Acabou por descobrir que Kate saía todas as segundas-feiras, à uma e meia.

Cal obteve dispensas para faltar à escola nas segundas-feiras, mediante a apresentação de exercícios excelentes. Respondeu às perguntas de Aron dizendo que estava a preparar uma surpresa que devia manter-se secreta. Esclareça-se que Aron não se mostrou muito interessado. Imerso em si mesmo, depressa esqueceu.

Cal, depois de ter seguido Kate numerosas vezes, acabou por aprender o itinerário de cor. Ela ia sempre aos mesmos sítios: primeiro, ao banco de Monterey, onde gastava um quarto de hora atrás das grades brilhantes que protegiam a secção dos cofres-fortes; depois, percorria a Main Street observando as montras; entrava nos estabelecimentos Porter e Irvine, olhava os vestidos e, às vezes, fazia uma compra: alfinetes-de-ama, um véu, um par de luvas; cerca das duas e um quarto, entrava no instituto de beleza de Minnie Franken onde passava uma hora, e saía com os cabelos frisados e um lenço de seda enrolado na cabeça.

Às três e meia, subia os degraus que levavam ao consultório do Dr. Rosen. Em seguida, detinha-se na confeitaria Bell e comprava um quilo de chocolates sortidos. Era sempre a mesma coisa. Quando saía da confeitaria Bell, encaminhava-se diretamente para Castroville Street e para casa.

Vestia como toda a gente, podendo ser confundida com qualquer burguesa de Salinas que fizesse as suas compras numa tarde de segunda-feira. Mas usava sempre luvas, o que era raro em Salinas.

Sob as luvas, as mãos pareciam enchumaçadas. Kate movia-se como se fosse protegida por uma campânula de vidro. Não dirigia a palavra a ninguém, dir-se-ia não ver ninguém. Às vezes, um homem voltava a cabeça quando ela passava, mas prosseguia logo o seu caminho com um ar perturbado. Mas, para a maioria dos transeuntes, ela deslizava como um ente invisível.

Cal seguiu Kate durante várias semanas, procurando não se tornar notado. E, como Kate andava sempre olhando a direito, ele estava convencido de que ela

não suspeitava de nada.

Assim que Kate entrava no seu jardim, Cal prosseguia o seu caminho com um ar desprendido. Seria incapaz de dizer ao certo porque era que a seguia, a não ser que era para saber tudo a seu respeito.

Na oitava semana, seguiu-a como de costume, mas não continuou o seu caminho quando ela entrou no jardim.

Esperou um instante e, depois, empurrou também a porta desconjuntada.

Kate estava escondida atrás de um alfeneiro. Friamente, perguntou-lhe: — O que é que quer? Cal ficou varado. O tempo parecia ter parado. Nem sequer ousava respirar. Muito novo ainda, aprendera a dominar-se para recuperar a calma.

Pôs-se a observar pormenores que nada tinham a ver com o principal objetivo. Reparou na maneira como o vento acamava as folhinhas do alfeneiro, observou a vereda traçada por passos numerosos, e os pés de Kate que se conservavam afastados da lama, escutou uma locomotiva da Pacífico Sul que se esganiçava em apitadelas agudas, provou o ar fresco na penugem que lhe despontava na cara, sem contudo nunca perder Kate de vista. Viu pela forma e pela cor dos olhos, pelo cabelo e até pelo jeito dos ombros — pareciam encolhidos — que Aron se lhe assemelhava muito. Ainda não conhecia bastante bem a própria cara para reconhecer as suas feições naquela boca, nos dentinhos e nas maçãs do rosto muito afastadas. Assim ficaram uma eternidade, separados pelas lufadas de vento do sul.

Kate disse: — Já não é a primeira vez que me segue. Que quer?

Ele baixou a cabeça. — Nada.

— Quem lhe pediu para me seguir?

— Ninguém... minha senhora.

— Não quer dizer, não é verdade?

Cal ouviu a sua própria frase com estupefação. Pronunciou-a antes de pensar em contê-la: — A senhora é minha mãe e eu queria saber como era.

Era a verdade exata e saltara como a chicotada de uma serpente.

— Como? O que é? Quem é você?

— Chamo-me Cal Trask — disse ele.

Notou que se operava nela uma ligeira modificação. As posições inverteram-se. Kate conservava a mesma expressão, mas Cal compreendeu que ela se pusera na defensiva.

Kate observou-o atentamente, esmiuçando as feições uma a uma. Uma imagem confusa e obscura de Charles surgiu do passado. Subitamente, disse: —

Vem comigo.

Deu meia volta e meteu pela vereda, tendo o cuidado de não pisar a lama. Cal só hesitou um momento antes de a acompanhar. Recordava-se da grande sala escura, mas o resto era-lhe estranho.

Kate precedeu-o até ao fim do corredor e no seu quarto. Ao passar diante da cozinha, gritou: — Chá. Duas xícaras.

No quarto, deu mostras de ter esquecido o visitante. Despiu o casaco, puxando as mangas com os dedos enluvados e desajeitados. Depois, dirigiu-se para uma porta recém-aberta na parede, no canto da sala onde se encontrava a cama. Abriu a porta e entrou.

— Vem cá — disse ela. — Traz a tua cadeira.

Ele penetrou por sua vez na sala nua que parecia uma caixa. Não havia janelas. As paredes eram cinzento-escuras. Um tapete cinzento cobria o chão. Os únicos móveis da sala eram uma larga poltrona com almofadas de seda cinzenta, uma mesa de leitura, inclinada, e um candeeiro de pé com um quebra-luz espesso. Com a mão enluvada, Kate puxou o cordão do comutador, descrevendo um largo círculo com o polegar e o indicador, como se a mão fosse artificial.

— Fecha a porta — disse ela.

O candeeiro projetava um círculo na mesa de leitura e apenas espalhava uma débil claridade na sala. Dir-se-ia que o cinzento absorvia a luz e a destruíra.,.

Kate instalou-se nas fofas almofadas e tirou lentamente as luvas. Os dedos das duas mãos estavam envoltos em ligaduras. Violentemente, disse: — Não olhes dessa maneira. É artrismo. Bom, queres ver? Desatou a ligadura embebida em óleo que envolvia o indicador direito e estendeu o dedo deformado para a luz.

— Aqui tens, olha — disse ela. — Agora já sabes o que é o artrismo. Fez uma careta de dor ao ligar novamente o dedo.

— Estas luvas doem-me tanto — disse ela. — Senta-te.

Cal instalou-se na borda da cadeira.

— Também virás a ter — disse Kate. — A minha tia-avó tinha e a minha mãe começava a ter... Calou-se. A sala estava completamente silenciosa. Ouviu-se um bater discreto à porta.

— És tu, Joe? — gritou Kate. — Deixa o tabuleiro no meu quarto. Joe, estás aí? A porta foi atravessada por um murmúrio. Kate despejou numa voz monótona: — A sala está cheia de lixo. Limpa-a. A Anne não arrumou o quarto. Torna a avisá-la. Diz-lhe que é a última vez que a avisas. A Eva quis ser esperta ontem à noite. Eu trato dela. Não te esqueças de dizer ao cozinheiro que, se ele

nos tornar a servir cenouras esta semana, vai logo para a rua. Estás a ouvir? A porta deixou transpirar novo murmúrio.

— Mais nada — disse Kate. — Cambada de porcos! — murmurou. — Eram capazes de apodrecer na própria porcaria se a gente não andasse com o olho em cima deles. Vai lá fora buscar o chá.

O quarto estava vazio quando Cal abriu a porta. Regressou à salinha contígua e colocou em equilíbrio na mesa uma grande bandeja de prata com um bule, duas xícaras finas como papel, um açucareiro, um jarrinho de leite e uma caixa de chocolates.

— Serve o chá — disse Kate. — Doem-me as mãos.

Meteu um chocolate na boca.

— Reparei que estavas a olhar para esta sala — continuou ela depois de ter engolido a guloseima. — A luz faz-me mal aos olhos. Costumo vir descansar aqui.

Reparou na espreitadela rápida que Cal lhe lançara aos olhos e acrescentou num tom sem réplica: — A luz faz-me mal aos olhos.

Depois, bruscamente: — O que é? Não queres chá?

— Não, minha senhora — respondeu Cal. — Não gosto de chá.

Ela pegou a fina xícara com os dedos juntos.

— Bem. O que é que queres?

— Nada, minha senhora.

— Querias me olhar?

— Sim, minha senhora.

— Estás contente?

— Sim, minha senhora.

— E que ar tenho eu? — Dirigiu-lhe um sorriso ignóbil e mostrou os dentinhos aguçados.

— Está bem — respondeu Cal.

— Já devia calcular que não dirias nada. Onde está o teu irmão.

— Deve estar na escola, ou em casa.

— Como é ele?

— Parece-se com a senhora.

— Deveras?

— Ele quer ser pastor — disse Cal.

— Ótimo — disse Kate. — Parece-se comigo e quer entrar para a Igreja. É lugar onde pode causar muitos estragos. Os homens que aqui vêm põem-se em guarda, enquanto que na igreja se descobrem.

— Ele quer mesmo ser pastor — disse Cal.

Kate inclinou-se para ele. O seu olhar era vivo.

— Enche a minha xícara. O teu irmão é idiota?

— É muito simpático — disse Cal.

— Perguntei-te se era idiota?

— Não é, não, minha senhora.

Ela voltou a mergulhar nas almofadas e ergueu a xícara.

— E o teu pai?

— Não quero falar nele — disse Cal.

— Ah! não? Então é porque gostas dele?

— Gosto dele, gosto.

Kate perscrutou o jovem rosto e foi sacudida por um estranho espasmo, uma espécie de dor no peito. Mas voltou logo a dominar-se.

— Queres um chocolate? — perguntou.

— Quero, sim, minha senhora. Por que fez aquilo?

— Que foi que eu fiz?

— Deu um tiro de revólver no papai e abandonou-nos.

— Foi ele quem lhes disse isso? — Não, ele não nos disse nada.

Kate pôs uma das mãos em cima da outra e retirou-a logo como se o contato tivesse despertado uma queimadura. Depois, perguntou: — O teu pai nunca recebe moças — ou mulheres novas lá em casa?

— Não — disse Cal. — Por que disparou e se foi embora?

Todos os músculos do rosto de Kate endureceram como se fossem repuxados por um fio invisível. Ao levantar a cabeça, mostrou um olhar implacável.

— Pareces-me bastante adiantado para a idade, mas não o bastante. Era melhor que te fosses embora, que fosses jogar ao berlinde e assoasses o nariz.

— Às vezes consigo irritar o meu irmão — disse ele. — Faço-o estrebuchar e até chorar. Ele não percebe como é que eu consigo isso. Sou mais esperto do que ele. Mas não quero tirar proveito. É uma coisa que me põe doente.

Kate falou como se respondesse a uma pergunta.

— Eles se achavam inteligentes. Olhavam-me e pensavam conhecer-me. Eu é que os conhecia. Enganei-os a todos. E quando eles imaginavam que podiam dar-me conselhos, então é que eu os enganava melhor. Charles, garanto-te que os enganei bem.

— O meu nome é Caleb — disse Cal. — Caleb chegou à Terra da

Promissão. Foi o que me disse o Lee, e vem na Bíblia.

— O chinês! — disse Kate. — E prosseguiu com violência: O Adam pensou que podia fazer de mim o que quisesse. Quando me encontrou ferida, mandou-me entrar, me tratou e me deu de comer. Fez tudo para me prender a ele. A maior parte das pessoas deixam-se prender assim. E ficam reconhecidas, contraem uma dívida. Que par de algemas. Ninguém pode me prender. Eu fui esperando, esperando até sentir-me forte e, depois, libertei-me. Não me apanham na armadilha — disse. — Eu ia olhando para ele e ia esperando.

Na sala cinzenta, o silêncio foi mobilado pela respiração arquejante de Kate.

— Por que atirou nele? — perguntou Cal.

— Porque se atravessou no meu caminho. Podia tê-lo morto, mas não o fiz. Só queria que ele me deixasse passar.

— Nunca se arrependeu de se ter ido embora?

— Não, meu Deus! Mesmo quando era pequena, já podia fazer tudo o que quisesse. Eles nunca percebiam como eu me arranjava. Nunca. Estavam sempre certos de terem razão. Nunca souberam. Nunca ninguém soube.

Kate parecia estar a desenhar o seu retrato diante dos próprios olhos.

— Tu és da minha raça. Talvez te pareças comigo. Por que não, afinal?

Cal levantou-se e apertou as mãos atrás das costas. Em seguida, perguntou: — Quando era pequena... — Depois, deteve-se para ordenar os pensamentos. — Nunca teve a impressão de que lhe faltava alguma coisa? Como se os outros conhecessem qualquer coisa e a senhora não? Como se não quisessem revelar-lhe um segredo? Já sentiu isso alguma vez?

Enquanto ele falava, o rosto de Kate petrificou-se e, assim que ele se calou, ela aproveitou para cortar o fio que os unia, dizendo: — Então me ponho a discutir com criança!

Cal desenlaçou as mãos e escondeu-as nos bolsos.

— A falar com fedelhos — disse ela. — Devo estar doida.

Cal tinha o rosto contraído e os olhos esbugalhados. Kate disse: — O que tens?

Ele se manteve imóvel, com a fronte inundada de suor e os punhos fechados.

Kate, por hábito, tentou cravar a faca brilhante mas rígida da crueldade. Riu docemente: — Eu poderia ter-te dado coisas interessantes como isto... — Mostrou as mãos disformes. — Mas se és epiléptico, não é a mim que o deves. Fitou-o, aguardando o choque e procurando adivinhar a inquietação que se ia

apoderar dele.

Cal falou alegremente.

— Pronto— disse ele — vou embora. Estou contentíssimo. O Lee tinha razão.

— Que foi que ele disse?

— Eu estava com medo de você em mim.

— E tem — disse Kate.

— Não tenho não. Eu sou eu. Não preciso de ser a senhora.

— Como sabes? — perguntou ela.

— Sei, acabou-se. Só agora o percebi. Se sou mau, a maldade é minha.

— O teu chinês encheu-te a cabeça de teias de aranha. Por que me estás a olhar assim?

Cal respondeu: — Não é verdade que a luz lhe faz mal aos olhos. No fundo, o que tem é medo.

— Sai daqui — vociferou ela. — Sai já daqui para fora.

— Vou-me embora. — Cal levou a mão à maçaneta da porta. — Não a odeio — disse ele — mas estou contente por ver que tem medo.

Kate tentou gritar “Joe”, mas a voz estrangulou-se.

Cal abriu a porta e saiu, batendo-a com força.

Joe estava na sala, conversando com uma das mulheres. Ouviram passos leves e rápidos. Quando ergueram a cabeça, já uma silhueta imprecisa chegara à porta e se esgueirara para a rua. O pesado batente estremeceu. Depois, apenas escutaram passos na escada e o ruído abafado de dois pés que tocavam no chão após um salto.

— O que é isto?— perguntou a moça.

— Só Deus sabe — retorquiou Joe. — Há dias em que julgo ter visões.

— Também eu — respondeu a moça. — Já te disse que a Clara tem as nádegas todas picadas?

— Pudera! Ela que não abuse da seringa — disse Joe. — Mas cá na minha opinião, quanto menos um tipo sabe, menos se chateia.

— Lá isso é verdade — aquiesceu a moça.

Capítulo XL

1

Kate afundou-se nas almofadas da poltrona. Ondas nervosas percorriam seu corpo, eriçando os pelos à medida que passavam e deixando atrás de si um frio que queimava.

De mansinho, pôs-se a falar consigo mesma: — Acalma-te. Não é nada. Vê se não pensas. Ranhoso indecente! Subitamente, veio-lhe à ideia a única pessoa que receara e odiara simultaneamente. Era Samuel Hamilton com a sua barba branca, as bochechas cor-de-rosa e os olhos risonhos que pareciam levantar a pele para ver o que ela tapava.

Com o indicador disforme, Kate tirou o fio de ouro que usava ao pescoço e de onde pendiam duas pequeninas chaves de cofre-forte, um relógio de ouro e um tubozinho de aço. Com mil cuidados, desenroscou a tampa do tubo e, depois de ter afastado os joelhos, fez cair no tecido esticado da saia uma pequena cápsula de gelatina. Olhou-a à transparência: continha seis cristais de morfina, a conta certa. Tornou a meter a cápsula no interior do tubo, enroscou a tampa e escondeu o fio de ouro entre a pele e o vestido.

As últimas palavras de Cal ecoavam interminavelmente: “Tem medo”, “tem medo”. Disse a frase em voz alta para lhe destruir o sentido. As palavras ritmadas desvaneceram-se mas, em compensação, logo se formou uma vigorosa imagem que ela deixou desenvolver-se para a poder observar à vontade.

2

Era antes da construção da salinha. Kate entrara de posse da herança de Charles. Convertera o cheque em notas que arrecadara no seu cofre do banco de Monterey.

Foi pouco mais ou menos nessa época que sentiu as primeiras dores nas mãos. O dinheiro que tinha chegava e sobejava para abandonar o negócio, mas não queria vender a casa à pressa. E depois, preferia esperar até ficar curada.

Nunca mais voltou a sentir completamente bem. Nova York parecia ficar muito longe.

Certo dia, recebeu uma carta assinada por uma “Ethel”. Quem seria? Fosse quem fosse, só podia ser doida para cair na asneira de pedir dinheiro. Há centenas de Ethel. Há uma a cada esquina das ruas. Aquela escrevia mal em papel quadriculado.

Pouco tempo depois, Ethel veio visitar Kate que teve dificuldade em a reconhecer. Sentada atrás da secretária, mostrou-se prudente, desconfiada e senhora de si.

— Há muito tempo que a gente não se via — disse Kate.

Ethel respondeu como o soldado que, cinquenta anos depois, vai visitar o sargento que lhe deu ordens.

— Isto vai mal — disse ela.

Engordara bastante e assemelhava-se a um barril cingido por arcos de banha. A roupa era limpa, usada e pobre.

— Onde vive agora? — perguntou Kate, ansiosa por que a outra dissesse onde queria chegar. — Tenho um quarto no Hotel Pacífico Sul.

— Então já não trabalha em nenhuma casa? — Nunca mais pude voltar ao trabalho. A senhora não me devia ter posto na rua. — Limpou a uma luva de algodão as lágrimas que lhe assomavam ao canto dos olhos.— Isto vai o pior possível — disse ela.— As dificuldades principiaram quando chegou o novo juiz. Apanhei três meses, eu que não tinha cadastro... Pelo menos aqui. Quando saí do xilindró, pregaram-me um esquentamento. Eu não sabia o que tinha, e peguei-o a um tipo porreiro que trabalhava na polícia. Ele ficou danado e saltou em cima de mim. Desfez-me o nariz, partiu-me quatro dentes e o tal juiz novo obrigou-me a amochar com mais seis meses. Kate, está a ver a minha sorte? Em seis meses perdem-se todas as relações e os amigos esquecem-se de nós. Nunca mais consegui trabalhar.

Kate esboçou um aceno de cabeça falsamente simpático. A Ethel estava-se a preparar para vibrar o golpe do costume. Antes que ela o pudesse fazer, Kate abriu a gaveta da secretária, agarrou nalgumas notas e estendeu-as a Ethel.

— Eu nunca abandono uma amiga — disse ela.— Vá para outra cidade e veja se recomeça pelo princípio. Às vezes é bom para quebrar o azar.

Ethel contou as notas e afastou-as com o desdém de quem afasta uma vaza de pôquer... Quatro dez. Quarenta dólares! Com certa emoção, articulou: — Pensava que tivesse outra coisa para me oferecer.

— Por quê?

— Então não recebeu a minha carta?

— Qual carta?

— Ah! — disse Ethel. — Deve ter-se extraviado no correio. São tão desorganizados! Enfim, a minha esperança era que me tomasse à sua conta. Ando tão em baixo. Até parece que sinto um peso na barriga. — Suspirou e, depois, falou tão depressa que Kate compreendeu que ela decorara o discurso. — Talvez se recorde de que eu sou muito dada aos palpites. Estou sempre a adivinhar coisas que hão de acontecer. Quando sonho com alguma coisa, dá sempre certo. Conheço um tipo que me disse que eu devia dedicar-me aos negócios. Ele até diz que eu sou um autêntico médium. Lembra-se?

— Não — respondeu Kate.

— Ai não? Se calhar é porque não reparou. Todas as minhas colegas sabiam. Eu disse-lhes uma data de coisas que aconteceram.

— Mas onde quer chegar?

— É que tive um sonho. Lembro-me dele porque foi na mesma noite em que morreu a Faye. — Ergueu os olhos para a cara impassível de Kate. Depois, prosseguiu: — Nessa noite estava a chover e também chovia no meu sonho. Seja como for, estava tudo molhado. Eu vi-a sair em sonhos pela porta da cozinha. Havia nuvens, mas a Lua aparecia de vez em quando. Tenho a certeza de que era a senhora. Foi até ao fundo do jardim e fez qualquer coisa. Não sei o que foi. Depois, voltou sem fazer barulho. E depois... E depois, morreu a Faye.

Deteve-se, aguardando alguma coisa, mas o rosto de Kate mantinha-se inexpressivo. Ethel continuava à espera. Kate conservou-se silenciosa.

— Como já lhe disse, sempre tive confiança nos meus sonhos. É engraçado, não havia nada no fundo do jardim, a não ser uns frasquinhos partidos e a borracha de um conta-gotas.

Kate disse preguiçosamente: — Nessa altura, levou-os a um médico. E que foi que ele encontrou nos frascos?

— Nunca fiz tal coisa.

— Mas devia ter feito.

— Não gosto de arranjar problema para ninguém. Já me bastam os que tenho. Guardei os cacos num envelope e escondi-o.

Kate perguntou afavelmente: — E vem pedir-me um conselho?

— Sim, minha senhora.

— Pois vou dizer-te o que penso — prosseguiu Kate. — Não passas de uma velha puta estafada que já não regula dos miolos.

— Não vai dizer-me que estou doida...

— Talvez não estejas. Mas estás doente e cansada. Já te disse que nunca abandonava as amigas. Podes voltar para cá, claro que não é para tornares a

trabalhar, mas sempre poderás dar uma ajuda, limpar a casa e ajudar o cozinheiro. Dou-te cama, mesa e roupa lavada, mais algum dinheiro para os teus alfinetes. Que achas? Ethel deu dois ou três passos hesitantes.

— Não, minha senhora. Não me apetece... dormir aqui. Não carrego o envelope comigo. Fique sabendo que o confiei a um amigo.

— O que é que tu esperavas?

— Pensei que estivesse disposta a compreender de que lado está o seu interesse e que me desse cem dólares por mês para me ajudar a endireitar a vida e a tratar da saúde.

— Tu moras no Hotel Pacífico Sul?

— Sim, minha senhora. O meu quarto fica no corredor ao lado do escritório, o guarda-noturno é muito meu amigo e nunca dorme durante o serviço. Um tipo estupendo. Kate disse: — É escusado molhares as calças, Ethel. Só deves pensar numa coisa: quanto vai custar o teu tipo “estupendo”? Espera um instante.

Kate contou seis novas notas de dez dólares e entregou-as a Ethel, que perguntou: — Manda-me o dinheiro no dia um de cada mês ou prefere que venha buscá-lo?

— Fique descansada que mandarei — disse Kate. — Acho que devias mandar analisar os frascos — acrescentou.

— Só farei tal coisa se for obrigada a isso.

Ethel arrebanhou as notas. Exultava de alegria. Triunfara. Era a primeira vez que a vida lhe sorria. Depois de se ter ido embora, Kate foi ao fundo do jardim. Após tantos anos, ainda restava um montinho no lugar onde a terra fora revolvida.

Na manhã seguinte, o juiz escutou distraidamente o resumo das atividades noturnas, e perguntou ao quarto queixoso: — Quanto lhe roubaram?

O homem de cabelos castanhos respondeu: — Uns cem dólares.

O juiz voltou-se para o agente que efetudara a prisão.

— Quanto encontraram?

— Noventa e seis dólares. Ela comprou uísque, cigarros e jornais ao guarda da noite aí pelas seis da manhã.

Ethel gritou: — Eu nunca vi esse tipo na minha vida!

O juiz ergueu a cabeça.

— Condenada duas vezes por prostituição e hoje por roubo. Está-nos a sair muito cara. Saia desta cidade antes do meio-dia. — Virou-se para o polícia: — O xerife que a vá pôr fora da minha comarca. — Depois, falando novamente

para Ethel: — Se a torno a ver aqui, aplico-lhe a pena máxima, e isso significa que vai parar em San Quentin. Entendeu?

Ethel pediu: — Senhor juiz, desejava falar-lhe a sós.

— Por quê?

— É preciso. Trata-se de uma maquinação.

— É sempre uma maquinação — disse o juiz. — O caso que se segue.

Enquanto o xerife adjunto levava Ethel para o outro lado da ponte que atravessa o rio Pajaro, o queixoso flanava pela Castroville Street e, na altura em que ia entrar em casa de Kate, mudava de ideias e arrepiava caminho para a barbearia Kenoe.

3

A visita de Ethel não afligiu muito Kate. Sabia que não fariam caso das acusações de uma prostituta. E a análise dos fragmentos de vidro não revelaria nenhuns vestígios de veneno. Quanto a Faye, já quase a esquecera e aquela cena não era mais do que um incidente desagradável.

Contudo, gradualmente, a recordação do fato foi-se avolumando. Uma noite, quando conferia a conta do merceeiro, sentiu-se varada por uma ideia fulgurante. Foi tudo tão rápido que desviou, os olhos da soma. Porque seria que aquela angústia tinha o rosto sombrio de Charles? E o olhar admirado e alegre de Samuel Hamilton? Porque tinha tido um arrepio? Voltou a mergulhar nas contas. Mas a cara de Charles debruçava-se por cima do seu ombro. Doíam-lhe os dedos. Arrumou a fatura e vagueou pela casa. Era uma noite silenciosa... uma noite de terça-feira. Não havia espectadores em número suficiente para organizar o circo.

Kate sabia qual era o sentimento que infundia nas pensionistas: o terror. Ela assim o quisera. Odiavam-na mas isso não tinha importância. As mulheres confiavam em Kate. Desde que respeitassem as regras, Kate tomaria conta delas e protegê-las-ia. No contrato não se fazia referência ao amor nem ao respeito.

Kate nunca as recompensava e só avisava as infratoras duas vezes antes de as despedir. As mulheres tinham a certeza de não serem castigadas sem motivo.

Quando viam chegar Kate, as moças assumiam um falso ar de naturalidade. Kate sabia por que era e não se surpreendia. Mas, naquela noite, tinha a impressão de não estar sozinha. Acompanhava-a Charles, ora a seu lado,

ora atrás dela.

Atravessou a sala de jantar, entrou na cozinha e abriu o frigorífico. Em seguida, levantou a tampa do caixote de lixo para ver se não haveria desperdício. Fazia aquilo todas as noites.

Assim que saiu da sala, as mulheres interrogaram-se com o olhar e encolheram os ombros. Eloíse, que falava com Joe, o homem dos cabelos castanhos, disse: — Que se passa? — Nada. Por quê? — Não sei. Ela tinha um ar nervoso.

— Há qualquer coisa que não corre bem.

— O que é? — Eh lá! — disse Joe. — Eu não sei nada e tu também não sabes nada.

— Já percebi. Não tenho nada a ver com a vida dos outros.

— Tens toda a razão. Assim mesmo é que é.

— Não me interessa saber nada.

— Muito bem dito.

Kate tornou a atravessar a sala depois do seu giro pela casa.

— Vou me deitar — disse ela a Joe. — Não me incomodes sem motivo.

— Deseja alguma coisa?

— Desejo, sim. Faz-me chá. Passaste a ferro o teu vestido, Eloise?

— Sim, minha senhora.

— Ninguém diria.

— Pois não, minha senhora.

Kate não tinha sono. Pôs todos os papéis em ordem. Quando Joe lhe levou

o chá, pediu que colocasse o tabuleiro ao lado da cama. Enterrada nas almofadas, saboreando o chá, Kate refletia. Charles? Era isso mesmo. Charles era inteligente e Sam Hamilton também o era a seu modo. Fora isso que dera lugar à angústia. Eles eram inteligentes. Sam e Charles tinham morrido, mas havia outros. Lentamente, foi estudando o assunto.

“Se eu tivesse desenterrado os frascos, o que é que teria pensado e o que é que teria feito?” Encheu-se logo de medo. Porque é que os frascos estavam partidos e enterrados? Não era veneno! Porque os enterrara então? Imbecil! Devia tê-los atirado para a valeta ou para o caixote de lixo. O Dr. Wilde já morreria. Mas talvez tivesse um ficheiro? Ela não sabia de nada. Se tivesse encontrado os frascos e se soubesse o que eles continham, não teria perguntado a alguém: “Qual é o efeito do óleo de cróton sobre o organismo? Que acontece se ministrarmos pequenas doses com frequência?” A pessoa interrogada saberia

responder. Muitas outras pessoas poderiam sabê-lo.

“E se ouvisse falar numa rica proprietária que morreu depois de ter legado tudo a uma nova pensionista?” Kate sabia perfeitamente qual seria a sua primeira reação. Que grande asneira ter afastado a Ethel! Agora, ninguém a conseguiria achar. Devia ter pago à Ethel e obrigá-la a devolver os cacos do frasco. Onde estariam? Num sobrescrito... Mas onde? Como se poderia encontrar a Ethel? A Ethel não tardaria a conhecer os motivos da expulsão. Era estúpida mas poderia falar a alguém que o não fosse. E se ela contasse a história: a doença de Faye, os sintomas, o testamento? Kate arquejava e tinha a pele toda arrepiada. Mais valia partir para Nova York ou para outro lado qualquer. Era escusado vender a casa. Não precisava de dinheiro. Até tinha de mais. Ninguém conseguiria descobri-la. Pois sim, mas se fugisse e se alguém que não fosse idiota ouvisse a história de Ethel? Não ligaria imediatamente uma coisa à outra? Kate levantou-se e tomou uma forte dose de sonífero.

Fora a partir de então que o medo nunca mais a largara. Quase ficou contente por saber que as dores provinham do artritismo. Uma voz maldosa murmurara-lhe que aquilo talvez fosse o castigo.

Daí em diante, passou a ter repugnância em sair. Sabia que os homens a olhavam e a conheciam. E se um deles tivesse a cara de Charles ou os olhos de Samuel? Viu-se obrigada a fazer um esforço para sair uma vez por semana.

Mandou construir a salinha cinzenta. Explicou que a luz lhe fazia mal aos olhos e, a pouco e pouco, acabou por acreditá-lo.

Doíam-lhe sempre os olhos após um passeio pelas ruas. Cada vez era maior o tempo que passava encafuada na salinha.

Há pessoas, como Kate, por exemplo, que conseguem sustentar simultaneamente duas teses contrárias. Ela acreditava que a luz lhe fazia mal aos olhos, mas sabia, ao mesmo tempo, que a salinha cinzenta era um esconderijo, uma caverna subterrânea, um sítio onde os olhares não a podiam lóbrigar. Um dia em que estava sentada na sua poltrona, veio-lhe à ideia mandar abrir uma saída secreta. Mas logo renunciou instintivamente. Deixaria de estar protegida. Se ela pudesse sair, também qualquer coisa poderia entrar, essa coisa que deslizava no jardim, trepava pelas paredes e a espreitava pelas janelas. Kate teve de fazer um esforço cada vez maior para sair nas tardes de segunda-feira.

Quando Cal começou a segui-la, teve um medo terrível. E quando se escondeu atrás do alfeneiro para o apanhar de surpresa, já se sentia à beira do pânico.

Mas, naquela noite, a sua cabeça descansava nas fofas almofadas e as

pálpebras fechavam-se deliciosamente sob a ação do sonífero.

Capítulo XLI

1

Assustada e seduzida ao mesmo tempo, a América caminhava imperceptivelmente para a guerra. Já havia mais de sessenta anos que as pessoas não eram sacudidas pela emoção. A luta contra a Espanha, em Cuba, fora mais uma expedição do que uma guerra. O Presidente Wilson fora reeleito em Novembro e, da plataforma do trem presidencial, prometera manter-se à margem dos conflitos europeus. Mas todos lhe aconselhavam firmeza, o que significava, inevitavelmente, a guerra. O comércio prosperava e os preços subiam. O país era percorrido por enviados da Intendência britânica que adquiriam víveres, tecidos, metais e produtos químicos. O pulso do país batia a ritmo acelerado. Todos se preparavam para a guerra, mas ninguém queria acreditar nela. No vale do Salinas prosseguia a vida rotineira como se nada estivesse para acontecer.

2

Cal ia para as aulas com Aron.

— Tens um ar cansado — disse Aron.

— Achas?

— Ontem à noite, ouvi-te entrar, já eram quatro horas. Que andas tu a fazer até tão tarde?

— Passeio e penso. Que dirias se deixássemos a escola e se voltássemos para o rancho?

— Para fazer o quê?

— Para ganharmos dinheiro para o papai.

— Só quero acabar o curso para me ir logo embora. Quem me dera sair desta cidade. Toda a gente faz pouco de nós.

— Isso é imaginação tua.

— Não é, não. Não fui eu quem perdeu o dinheiro. Não fui eu que tive a ideia idiota das alfaces. Apesar disso, é de mim que troçam. Eu nem sei se o dinheiro que temos chega para eu tirar o curso.

— O pai não fez de propósito.

— Mas, mesmo assim, perdeu tudo.

Cal disse:

— Só te falta mais um ano para ires para a Universidade.

— Julgas que não sei isso? — Se trabalhares a valer, talvez possas fazer exame este verão e entrar para a Universidade no outono. Aron deu uma volta:

— Isso é impossível.

— Não me parece. Fala ao diretor. Tenho a certeza de que o Reverendo Rolf te ajudava. Aron disse: — Quero sair desta cidade e nunca mais cá voltar. Continuam a chamar-nos Pés de Alface e a fazer pouco de nós.

— E a Abra?

— Depois se vê.

— Que dirá se te fores embora?

— Ela fará o que eu quiser.

Cal refletiu um momento: — Ouve. Vou tentar ganhar algum dinheiro. Se fizeres um esforço e se fores a exame com um ano de antecedência, ajudar-te-ei a continuar os estudos.

— Eras capaz disso?

— Claro que era.

— Vou já falar com o diretor.

Aron apressou o passo. Cal chamou-o.

— Aron! Espera. Escuta. Se ele te disser que é possível, não contes nada ao papai.

— Por quê?

— É para lhe fazermos uma surpresa agradável.

— Que vantagem tem isso?

— Não tem?

— Não. Parece uma idiotice.

Cal sentiu uma vontade desesperada de gritar: “Eu sei quem é a nossa mãe e até posso mostrar.” Seria o suficiente para o meter na linha.

Cal encontrou Abra à entrada da escola. A sineta ainda não tinha tocado.

— O Aron anda esquisito — disse ele.

— É possível.

— Tu deves saber por quê.

— Ele anda nas nuvens. A culpa é do Reverendo.

— Ele costuma acompanhar-te a casa? — Costuma, mas parece que se tornou transparente. Já não toca no chão. É como se tivesse asas.

— Anda chateado com a história das alfaces.
— Bem sei — disse Abra. — Tenho tentado acalmá-lo, mas ele deve estar convencido de que assim se torna mais interessante.
— Que queres tu dizer?
— Nada — respondeu Abra.
Naquela noite, depois do jantar, Cal pediu licença ao pai para ir ao rancho na sexta-feira seguinte. Adam voltou-se para ele: — Para fazer o quê?
— É só para dar uma olhada.
— O Aron vai contigo?
— Não, tenciono ir só.
— Não tenho objecção nenhuma a fazer. E você, Lee, tem?
— Não — respondeu Lee.
— Pensas a sério em dedicar-te à lavoura? — perguntou Lee observando Cal.
— Talvez. Se tu me confiasses o rancho, papai, estava disposto a explorá-lo.
— O arrendamento ainda dura mais de um ano.
— E depois, poderia ir para lá?
— E os teus estudos?
— Nessa altura, já terei acabado.
— Logo se vê — disse Adam. — Talvez tenhas vontade de ir para a Universidade. Quando Cal saiu, Lee acompanhou-o.
— Por que queres tu lá ir? — perguntou.
— Para passear.
— Já percebi. Não me queres meter no segredo.
Lee dispunha-se a entrar novamente em casa, mas mudou de ideias e chamou Cal. O rapaz deteve-se.
— Tiveste alguma contrariedade, Cal?
— Não.
— Eu tenho um pé-de-meia de cinco mil dólares. Está à tua disposição.
— Para quê?
— Não sei — disse Lee.

3

Will Hamilton gostaria do seu escritório envidraçado. O campo das suas

atividades não se confinava ao comércio de automóveis, mas preferia manter-se na garagem.

Costumava sentar-se na sua grande poltrona de couro encarnado e passava a maior parte do tempo saboreando a vida regalada que conseguira alcançar. Sempre que lhe falavam no irmão Joe, que ganhava tanto dinheiro na publicidade, Will respondia que, em comparação, ele não passava de uma grande rã num pequeno charco.

“As grandes cidades metem-me medo”, dizia ele. “Eu não passo de um rústico”. E gostaria de ouvir o riso provocado por esta frase. Aquilo só demonstrava que os amigos sabiam que ele desfrutava uma ótima situação.

Cal foi visitá-lo num sábado de manhã. Perante o olhar espantado de Will, explicou: — Meu nome é Cal Trask.

— Ah! pois claro! Como está crescido! O seu pai também veio?

— Não, vim só.

— Então, sente-se. Não fuma, pois não?

— Só cigarros, de vez em quando.

Will pôs um maço de Murads em cima da secretária. Cal pegou nele, mas largou-o logo.

— Fica para mais tarde, obrigado.

Will observou o jovem rosto sombrio. Aquele rapaz agradava-lhe. “É inteligente, pensou. Não é dos que se deixam levar.”

— Suponho que tenciona dedicar-se aos negócios — disse em voz alta.

— Tenciono, sim. Penso em explorar o nosso rancho quando sair da escola.

— Isso não dá nada — disse Will. — Os lavradores não ganham um tostão. Os lucros vão todos para os intermediários. A lavoura é um negócio desgraçado.

Will sentia que Cal o examinava, o avaliava, o experimentava. Não podia deixar de o aprovar. Cal, embora decidido, não foi direito ao fim.

— O senhor não tem filhos?

— Não, e lastimo muito. É esse mesmo o meu maior desgosto. Por que pergunta?

Cal ignorou a pergunta.

— Seria capaz de me dar um conselho?

Will sentiu-se invadido por uma baforada de prazer.

— Se estiver ao meu alcance, é com muito gosto. Que deseja saber?

Cal fez então uma coisa que Will Hamilton aprovou, como homem

experimentado que era. Cal empregou a candura como arma.

— Queria ganhar muito dinheiro e gostaria que me dissesse o que fazer.

Will refreou a vontade de rir. A frase talvez fosse ingênua, mas Cal não o era.

— Isso é o desejo de todos. Que entende por muito dinheiro?

— Vinte ou trinta mil dólares.

— Que Deus nos acuda! — exclamou Will.

E debruçou-se para o rapaz. Tomou, então, a liberdade de rir, mas não era para troçar de Cal. Este também se pôs a sorrir.

— Pode dizer-me por que quer ganhar tanto dinheiro? — perguntou Will.

— Posso, sim — disse Cal. — Vai já saber.

Pegou o maço de Murads, tirou um dos cigarros achatados com ponta de cortiça e acendeu-o.

— O meu pai perdeu muito dinheiro.

— Bem sei — atalhou Will. — Eu bem o preveni de que era perigoso lançar vagões de alfices naquela aventura.

— Ah! sim? E por quê?

— Não havia garantias — explicou Will. — Um comerciante deve proteger sempre a retaguarda. Em caso de acidente, ele não dispunha de nenhum recurso, e foi o que sucedeu. Continue.

— Eu quero ganhar o dinheiro necessário para lhe devolver o que ele perdeu.

Will esbugalhou os olhos. — Por quê?

— Porque quero.

— Gosta muito dele?

— Gosto.

A cara gorda de Will contorceu-se enquanto ele era açoitado pelo vento de uma recordação. Não foi um lento regresso ao passado, mas uma imagem bem definida que lhe surgiu. Todos aqueles anos, uma paisagem, um desespero, tudo se imobilizou e cristalizou como num instantâneo fotográfico. Lá estavam Samuel, irradiante, belo como o Sol, elegante como um voo de andorinha; Tom, chocando um fogo sombrio; Una, que cavalgava as tempestades; a deliciosa Mollie; Dessie e o seu riso; George e a sua elegância e o seu perfume que enchia uma casa e, depois, Joe, o mais novo, o adorado. Cada um deles, sem o mínimo esforço, trouxera um dom à família.

Não há ninguém que não possua um cofre onde encerra as suas dores e cuja chave não confia a ninguém. Will dissimulara o seu atrás das gargalhadas, e

nunca deixara que o ciúme viesse à tona. Pensava de si mesmo que tinha o espírito lento, conservador, sem gênio, terra a terra. Não havia sonho de envergadura que o fizesse elevar, não havia desespero que o esmagasse. Era o homem das coisas no seu lugar que se mantinha no círculo familiar graças a uma fraca contribuição: a prudência, a lucidez e a vontade. Era ele quem fazia as contas, contratava os advogados, encomendava os funerais e, eventualmente, liquidava as faturas. Os outros nem sabiam que precisavam dele. Ele conhecia a arte de ganhar dinheiro e de o conservar. Julgava ser desprezado pelos Hamilton precisamente por causa desse dom. Sempre gostara deles e estava sempre disposto a pagar os erros que cometiam. Pensava que tinham vergonha dele e lutava desesperadamente para continuar a ser um deles. Fora tudo isso que detivera o avanço do tempo.

Os olhos um pouco proeminentes estavam úmidos e fitavam um ponto para lá de Cal. O rapaz perguntou: — Que tem, Sr. Hamilton? Não se sente bem? Will não compreendera a família. Ela aceitara-o sem saber que havia algo a compreender. E agora aparecia-lhe aquele rapaz, franco, transparente, próximo. Era aquele o filho que ele devia ter tido, ou o irmão, ou o pai. As personagens do instantâneo começaram a mover-se. Will sentiu-se atraído por Cal que não fizera um gesto, continuando à espera.

Will obrigou o olhar a mudar de direção. Não sabia quanto tempo durara o seu silêncio.

— Estava a pensar — disse desajeitadamente. Mas deu logo à voz o tom severo: — Pediu-me qualquer coisa. Eu sou um negociante. Não dou; vendo.

— Sim.

Cal mantinha-se na defensiva, mas compreendia que Will Hamilton gostaria dele. Will disse: — Vai responder-me à pergunta que vou fazer. Está disposto a dizer a verdade?

Depende — disse Cal.

— Prefiro assim. Não quer comprometer-se antes de conhecer a pergunta. É inteligente e honesto. Muito bem. . . Sei que tem um irmão. O seu pai gosta mais dele do que de você?

— Como todos — respondeu calmamente Cal. — Todos preferem o Aron.

— E você?

— Eu também. Pelo menos...

— Que quer dizer esse “pelo menos”?

— Às vezes acho-o estúpido, mas também gosto dele.

— Muito bem. E do seu pai?

— Gosto muito dele — disse Cal.

— Mas ele prefere o seu irmão?

— Não sei.

— Disse que queria devolver ao seu pai o dinheiro que ele perdeu. Por quê?

O olhar de Cal, geralmente desconfiado, adquiriu uma acuidade insuportável. Cal vivia tão chegado à sua alma quanto é possível fazê-lo.

— O meu pai é bom — disse ele. — E eu quero dar a ele o que puder, visto não ser bom.

— Isso o tornaria melhor?

— Não — respondeu Cal. — Os meus pensamentos são ruins.

Will nunca encontrara ninguém que falasse uma linguagem tão despida. Sentia-se embaraçado diante daquela nudez, mas sabia qual era a segurança de Cal, desembaraçado da sua armadura.

— Mais uma pergunta — disse ele. — Mas a esta não é preciso responder. Pessoalmente, acho que não responderia. Ei-la: suponhamos que conseguisse arranjar o dinheiro e o desse a seu pai. Não ficaria com a impressão de que estava tentando comprar o amor dele?

— Lá isso é verdade.

— Era tudo o que eu queria saber.

Will deixou cair a testa úmida entre as mãos. Nunca se sentira tão perturbado na sua vida. Cal pressentia o triunfo ao alcance da mão. Sabia que ganhara, mas não o dava a entender.

Will endireitou a cabeça, tirou os óculos e limpou-os.

— Venha daí dar uma volta de carro — disse ele.

Naquela época, Will possuía um enorme Winton com um potente motor coberto por uma tampa tão grande que mais parecia um longo ataúde. Deixaram King City pelo sul e meteram pela estrada municipal. A primavera desabrochava por toda a parte, as flores resplandeciam nos prados e os pássaros cantavam em todos os ramos.

O pico Blanco elevava-se a Poente, todo coroado de neve, e, no Vale, as filas de eucaliptos pareciam escorrer prata.

Quando chegou ao caminho que levava ao rancho dos Trask, Will parou à beira da estrada. Não abrira a boca desde que tinham saído de King City. O potente motor calou-se depois de emitir um silvo prolongado.

Will, olhando para a frente, perguntou: — Cal, quer ser meu sócio?

— Quero, sim, senhor.

— Não costumo associar-me com quem não tem dinheiro. É evidente que podia emprestar, mas isso só daria problema.

— Eu posso arranjar o dinheiro — disse Cal.

— Quanto?

— Cinco mil dólares.

— Acha... Não acredito.

Cal não retorquiu.

— Pensando melhor, acredito — disse Will.

— Emprestado?

— Emprestado, sim, senhor.

— Quais são os juros?

— Nenhum.

— Boa ideia. E onde?

— Não lhe posso dizer.

Will abanou a cabeça e riu. Estava encantado.

— Talvez não passe de um imbecil, mas creio em você. Aliás, não sou nenhum imbecil. Ligou o motor e deixou-o aquecer.

— Ouça. Costuma ler os jornais?

— Costumo.

— Estamos quase entrando na guerra.

— É o que parece.

— Assim pensa muita gente. Sabe qual é o preço atual do feijão? Quanto pagam por cem sacos de feijão em Salinas?

— Não tenho certeza, mas acho que anda por volta de seis a sete centimos por quilo.

— E diz que não tem certeza? Como é que sabe?

— Tenho intenção de explorar o rancho.

— Estou vendo. Mas não precisa fazer isso. Seria tempo perdido. O rendeiro do seu pai se chama Rantani. É um suíço-italiano, que entende do ofício. Atualmente, está cultivando cerca de quinhentos acres. Se nós lhe garantirmos dez centimos por quilo e lhe dermos um sinal para a semente, está disposto a plantar feijão. O mesmo acontece com todos os outros lavradores da região. Poderíamos contratar cinco mil acres de feijão.

Cal perguntou: — E que vamos nós fazer do feijão a dez centimos, quando só pagam por ele sete centimos? Ah! já percebi. Mas tem certeza?

Will perguntou: — Ficamos sócios?

- Sim, senhor.
- Trate-me por Will.
- Está bem, Will.
- Quando poderá arranjar os cinco mil dólares?
- Quarta-feira próxima.
- Toque.

E, solenemente, o homem gordo e o rapazinho magro trocaram um aperto de mão. Will, sem largar a mão de Cal, disse-lhe: — Agora passamos a ser sócios. Eu estou em ligação com a Junta de Compras Britânica e tenho um amigo na Intendência. Poderemos vender todo o feijão que conseguirmos desencantar a vinte cêntimos o quilo ou mais.

— Quando poderá vendê-lo?

— Mesmo antes de ter sido semeado! Quer ir ao rancho falar com Rantani?

— Quero, sim senhor.

Will destravou o Winton e o grande carro verde lá foi aos saltos pela estrada fora.

Capítulo XLII

Os outros é que sofrem sempre com a guerra. Em Salinas, todos sabíamos que os Estados Unidos eram a maior e a mais poderosa nação do mundo. Cada americano era um atirador nato e um americano valia dez ou vinte inimigos.

A expedição de Pershing ao México, para combater Villa, contribuíra para destruir um dos nossos mitos. Acreditávamos sinceramente que os Mexicanos atiravam de esguelha e que dormiam todo o dia. Afinal, quando as nossas tropas voltaram de orelha murcha, ficamos a saber que tudo isso era falso. Os Mexicanos, raios os partam!, sabiam atirar. E os cavaleiros de Vilia tinham destroçado os nossos campeões. Não haviam sido suficientes as duas tardes mensais de treinos. Para mais, os Mexicanos enrolaram o nosso Pershing conforme lhes apeteceu. Quando a disenteria se aliou aos Mexicanos, foi o fim do mundo. Os nossos soldados só se recompuseram passados muitos anos.

Seja como for, não comparávamos os Alemães aos Mexicanos. A pílula tornou a ser dourada. Um americano valia vinte alemães. Partindo deste princípio, bastava que fizéssemos um gesto para que o Kaiser caísse de joelhos.

Ele não ousaria atacar o nosso comércio... Mas atacou. Ele não ousaria

afundar os nossos barcos... Mas afundou. Tal atitude, da parte dele, era ridícula, mas como a tomou, só nos restava entrar na luta.

A guerra, pelo menos a princípio, só atingiu os outros. Nós, eu, a minha família, os meus amigos, ocupávamos excelentes lugares donde seguíamos o combate com interesse apaixonado.

A guerra atinge sempre os outros e são os outros que se deixam matar. Virgem Santíssima!... também não era verdade. Os horríveis telegramas começaram a deslizar por debaixo das portas, comunicando a dor e o luto, e os mortos eram gente nossa. Não era o fato de estarmos a seis mil milhas da fúria e do estrondo que deixava de nos poupar.

Uma época medonha. As Liberty Belles podiam desfilarem de chapéu branco e alvo saio, o nosso tio podia tornar a impingir o discurso do 4 de Julho para vender bônus da Defesa, nós podíamos, na escola, brandir espingardas de pau e decorar o Manual de Infantaria durante a aula de educação física, que tudo era escusado. Deus nos valha! Não era por isso que Martin Hopps deixava de ser morto, nem o filho dos Berges, que morava do outro lado da rua, de ser reduzido a migalhas por um obus. Lembrem-se dele, não é verdade? Era aquele bonito rapaz por quem a minha irmã mais nova andava apaixonada desde os três anos de idade.

Os rapazes novos, de mala na mão, desfilavam arrastando os pés pela Main Street, em direção à gare da Pacífico Sul. Lá iam, como carneiros, precedidos pela banda de Salinas que tocava Stars and Stripes Forever, enquanto as famílias choravam e a música soava a Requiem. Os recrutas não olhavam para as mães. Faltava-lhes a coragem. Nunca acreditáramos que a guerra pudesse chegar até nós.

Os boatos principiaram a ferver em Salinas. Umas pessoas tinham sido informadas por um soldado... Não nos diziam a verdade. Os nossos homens eram enviados para a frente de batalha sem armas. Os transportes de tropas eram afundados e o Governo ocultava-nos o fato. O poderio do exército alemão era tão grande que nós não tínhamos nenhuma probabilidade de vencer. O Kaiser era um tipo esperto. Até já se preparava para desembarcar na América. O Presidente Wilson ainda estaria disposto a moer a mesma cantiga? Com certeza que não. Em geral, as tais pessoas bem informadas eram as que tinham dito que um americano valia vinte alemães... precisamente as mesmas.

Pequenos grupos de soldados ingleses em uniforme de campanha — mas tinham um ar elegante — percorriam o país e compravam tudo o que não estava pregado ao chão. E pagavam bem. Na sua maioria, eram mutilados, mas usavam

farda apesar disso.

Entre outras coisas, adquiriam feijão, pois o feijão é fácil de transportar, conserva-se bem e alimenta o soldado. O feijão — muito raro — valia vinte e cinco centimos o quilo. E os lavradores arrependiam-se de o terem vendido por quatro centimos na planta, seis meses antes da subida de preços.

Toda a nação e o vale do Salinas mudaram de disco. Primeiro, tínhamos berrado que íamos arrasar Heligoland, enforcar o Kaiser e reparar os estragos que os malandros dos estrangeiros haviam feito na própria casa. E, de repente, pusemo-nos a cantar: “Na maldição vermelha da guerra, ergue-se a enfermeira da Cruz Vermelha. Ela é a rosa da Terra de Ninguém”. E depois: “Está, está, ligue-me para o Paraíso, que está lá o meu paizinho”. E mais ainda: “É a oração de uma criança que voa para as estrelas quando cai a noite: Ó meu Deus, pede ao papai que tenha cuidado consigo.” Parecíamos um garoto espadaúdo que leva um soco no nariz mal começa a zaragata. Dói-lhe e só deseja que aquilo acabe depressa.

Capítulo XLIII

1

Um dia, quase no fim do verão, Lee entrou em casa com o grande cesto das compras no braço. Desde que habitava em Salinas, vestia-se como um conservador. Sempre que saía, punha um fato preto. Usava camisas brancas, altos colarinhos engomados e enrolava ao pescoço umas fitas pretas iguais às dos senadores sulistas. Cobria a cabeça com um chapéu de coco, como se precisasse de espaço para guardar uma trança. O seu aspecto era esplêndido.

Certa vez, Adam manifestara-lhe a sua admiração e Lee respondera a sorrir: — É preciso. Só uma pessoa rica se vestia tão mal como o senhor. Os pobres têm de se vestir bem.

— Pobre! — explodira Adam. — Um destes dias, é você quem nos empresta dinheiro.

— Quem sabe? — respondera Lee.

Naquela tarde, ao chegar, pôs o pesado cesto no chão.

— Vou ver se faço uma sopa de abóbora, à moda chinesa. Tenho um primo no bairro chinês que me deu a receita. Ele trabalha numa casa de jogo.

— Pensava que não tivesse parentes — disse Adam.

— Todos os chineses são aparentados e o nome de Lee é mais um laço que nos une. O meu primo é um Suey Dong. Ainda há muito pouco tempo teve de fazer uma cura de repouso, e aproveitou a oportunidade para aprender a cozinhar. Mete-se a abóbora numa panela, corta-se a parte de cima com todo o cuidado e enfia-se lá dentro uma galinha, cogumelos, avelãs e uma pitada de gengibre. Depois, torna-se a pôr a tampa na abóbora e deixa-se cozer, a fogo lento, durante dois dias. Deve ser estupendo.

Adam estava estirado na poltrona, com as mãos enlaçadas atrás da nuca, e sorria para o teto.

— Muito bem, Lee. Muito bem — disse ele.

Adam endireitou-se.

— Afinal, julgamos conhecer os nossos filhos e verificamos que é um engano.

Lee sorriu.

— Passou-lhe despercebida alguma particularidade da vida deles? —

perguntou.

Adam soltou um risinho.

— Só por acaso é que descobri — disse ele. — Eu já tinha reparado que o Aron se ausentava muito, mas pensava que andasse se divertindo lá fora.

— A divertir-se? — disse Lee. — Há muitos anos já que ele deixou de se divertir.

— Seja como for — prosseguiu Adam — encontrei esta tarde o Sr. Kilkenny; sabe quem é, o reitor do liceu? Ele imaginava que eu estivesse a par. Sabe o que é que o meu filho anda a preparar?

— Não — disse Lee.

— Já estudou o programa do ano que vem e vai fazer os dois anos num só para poder entrar para a Universidade. O Kilkenny está convencido de que ele passa. Que me diz a isto?

— Digo que é extraordinário — respondeu Lee. — Por que será que ele fez isso?

— Para ganhar um ano.

— E depois?

— Valha-me Deus! Lee, então não vê que ele é ambicioso? Não compreende?

— Não — disse Lee. — Nunca consegui compreender.

Adam disse: — Ele nunca deixou escapar uma palavra. Até o irmão é capaz de não saber.

— Ele é capaz de querer fazer-lhe uma surpresa. O melhor é não falarmos no caso.

— Deve ter razão, Lee. Não imagina o orgulho que sinto. São coisas como esta que me fazem feliz. Quem me dera que o Cal fosse tão ambicioso como ele.

— Talvez seja — disse Lee. — Quem nos diz que também não tem um segredo? — Tudo é possível. A verdade é que quase não lhe temos posto a vista em cima nestes últimos tempos. Acha que seja bom para ele nunca estar em casa? O Cal anda a ver se se descobre — disse Lee. — Penso que isso de andar a brincar às escondidas com ele mesmo nada tem de extraordinário. Certas pessoas levam toda a vida nisso e nunca conseguem descobrir-se.

— Veja lá uma coisa destas — disse Adam. — Realizar o trabalho de dois anos num ano! Quando nos disser, temos de lhe dar uma prenda.

— Um relógio de ouro.

— Isso mesmo — disse Adam. — Vou comprar um e mandar gravá-lo.

Que acha que devo mandar inscrever?

— O joalheiro logo lhe dirá — respondeu Lee. — Passados os dois dias, tiram-se os ossos à galinha e torna-se a metê-la na abóbora...

— Que galinha?!

— O caldo de abóbora — explicou Lee.

— Temos dinheiro que chegue para mandá-lo para a universidade, Lee?

— Se tivermos cuidado e se ele não adquirir hábitos dispendiosos...

— Descanse que não adquire.

— Também eu pensava não os ter... e, afinal, tenho.

E Lee olhou com admiração para o tecido do casaco.

2

A reitoria da igreja episcopal de São Paulo era um espaçoso edifício, que fora construído para ministros com família numerosa. O Sr. Rolf, homem solteiro de hábitos simples, condenara quase todas as portas. Mas, quando Aron queria estudar, o Reverendo punha à sua disposição uma grande sala e ajudava-o a trabalhar.

O Sr. Rolf gostaria muito de Aron. Gostaria da beleza angélica do seu rosto, das faces redondas e macias, das ancas estreitas e das pernas finas. Gostaria de se sentar na sala onde Aron estudava e observar a tensão do esforço no rosto do rapaz. Compreendia que Aron não conseguisse estudar em casa, onde a atmosfera era imprópria para a concentração do espírito. O Sr. Rolf tinha a impressão de que Aron era criação sua, o seu filho espiritual, o seu contributo à Igreja. Encaminhando-o para o celibato, julgava conduzi-lo para uma angra de paz e sossego.

As suas discussões eram prolongadas e íntimas.

— Eu sei que sou criticado — disse um dia o Sr. Rolf —, acusam-me de ser católico por não querer admitir que a confissão seja um sacramento menos importante do que a comunhão. Mas Ouça bem o que lhe vou dizer: estou disposto a restabelecer a confissão, mas gradualmente e com muito tato.

— Tenciono fazer o mesmo quando tiver uma igreja.

— É preciso o maior cuidado.

Aron disse: — Gostaria que houvesse na nossa Igreja... que houvesse... mais vale não estar com rodeios... gostaria que houvesse lugares como os conventos dos Agostinhos ou dos Franciscanos, lugares onde nos pudéssemos

retirar. Às vezes, sinto-me conspurcado. Desejaria abandonar o mundo e purificar-me.

— Sei o que sente — disse o Sr. Rolf com fervor — mas não posso concordar consigo. Não creio que Jesus, Nosso Senhor, deseje que o seu clero viva separado do mundo. Não se esqueça de quanto Ele insistiu para que pregássemos o Evangelho, auxiliássemos o doente e o desamparado, e não hesitássemos em nos conspurcar se estivesse em jogo a salvação de uma alma. Devemos respeitar a integridade do Seu exemplo. — Passou-lhe um clarão pelo olhar e a voz tornou-se rouca, como se fizesse um sermão. — Talvez não devesse dizer-lhe isto e espero que não me acuse de orgulho. Mas a verdade é que me sinto arrebatado. Nas últimas cinco semanas, uma mulher tem assistido a todos os ofícios noturnos. Não me parece que a possa avistar do coro. Ela senta-se sempre no último banco, do lado esquerdo... Sim, claro que a pode ver. Usa véu e retira-se sempre antes de eu ter tempo para voltar.

— Quem é? — perguntou Aron.

— Bom, é melhor dizer-lhe já porque são coisas que acabará por saber. Fiz umas indagações muito discretas e... Não consegue adivinhar... É... enfim, ela tem uma casa de má nota.

— Aqui, em Salinas? — Aqui, sim. — O Sr. Rolf inclinou-se para Aron. — Estou a ver-lhe a repulsa estampada no rosto. Temos de passar por cima dessas coisas. Não se esqueça de Nosso Senhor e de Maria Madalena. Sem querer incorrer no pecado de orgulho, sempre lhe direi que gostaria de redimir essa criatura.

— Que vem ela cá buscar? — perguntou Aron.

— Deve vir procurar o que lhe podemos oferecer: a salvação. É preciso muito tato. Já estou a ver a cena: um dia, bate-me à porta e suplica que a deixe entrar — essa gente é muito tímida. Espero, então, Aron, ter a paciência e a sabedoria necessárias. Acredite no que lhe digo: quando acontece uma coisa dessas, quando uma alma perdida procura a luz, trata-se da maior e da mais maravilhosa experiência que a um pastor é dado viver. Nós estamos na terra para isso, Aron. É para isso que estamos na terra. — O Sr. Rolf respirava com dificuldade. — Permita Deus que eu não falhe.

3

Adam Trask imaginava a guerra através das vagas recordações que

conservava da campanha contra os índios. Ninguém sabia o que era uma chacina generalizada. Lee pôs-se a ler a História da Europa, tentando prefigurar o futuro pelo que sucedera no passado.

Lizza Hamilton morreu com um sorrisinho murcho e as maçãs do rosto tornaram-se surpreendentemente bicudas depois de ficarem lívidas.

Adam aguardava com impaciência que Aron lhe viesse comunicar o resultado dos exames. O relógio de ouro maciço estava à espera debaixo de uma pilha de lenços. Adam dava-lhe corda e via se regulava comparando-o com o seu.

Lee já tinha as suas instruções. Na noite do grande dia, assaria um peru e faria um bolo.

— Tem de ser uma festa — dissera Adam. — E se comprássemos champanhe? — Boa ideia — respondera Lee. — Já leu alguma vez Von Clausewitz? — Quem é? — É um homem que escreve coisas bastante desanimadoras. Só uma garrafa de champanhe? — Há de chegar. É para fazer uma saúde ao Aron.

Não lhe passava pela cabeça que o filho pudesse reprovar.

Uma tarde, Aron entrou em casa e perguntou a Lee:

— Onde está o meu pai? — Está a fazer a barba.

— Esta noite não janto em casa — informou Aron.

Na casa de banho, pôs-se atrás do pai e falou à cara ensaboada que se refletia no espelho.

— O Sr. Rolf convidou-me para jantar na reitoria.

Adam limpou a navalha a uma folha de papel higiénico.

— Muito bem — disse.

— Posso tomar banho?

— Só me demoro mais um minuto — respondeu Adam.

Quando Aron atravessou a sala, deu as boas-noites a toda a gente e saiu. Cal e Adam acompanharam-no com os olhos.

— Tornou a servir da minha água-de-colónia — disse Cal. — Até aqui cheira.

— Pôs-se de ponto em branco — comentou Adam.

— Ele tem razões para estar satisfeito. Praticou uma verdadeira proeza.

— Que proeza?

— O exame. Ele não te disse? Foi aprovado.

— Ah pois, o exame — disse Adam. — Disse, sim. Trabalhou para valer. Sinto-me muito orgulhoso. Acho que lhe vou oferecer um relógio de ouro.

Cal atirou com violência: — Ele não te disse coisa nenhuma!

— Disse, sim, disse-me esta manhã.

— Esta manhã ainda ele não sabia — replicou Cal.

E saiu. Caminhou apressadamente através das trevas que se adensavam, atravessou a Central Avenue, passou rente ao parque e à loja de Stonewall Jackson, indo até ao fim da rua, onde deixava de haver candeeiros e começava a estrada municipal que tornejava a casa dós Tollot.

Por volta das dez horas, Lee saiu para ir pôr uma carta no correio e encontrou Cal sentado no primeiro degrau da entrada.

— Por onde andaste? — perguntou.

— Tenho andado a passear.

— Que se passa com o Aron?

— Não sei.

— Ele parece andar rancoroso com alguém. Queres vir comigo ao correio?

— Não.

— Que estás tu a fazer aqui?

— Vou partir-lhe a cara.

— Não faças isso — disse Lee.

— Por quê?

— Porque não podes. Ele dava cabo de ti.

— Talvez tenhas razão — disse Cal. — Que filho da mãe!

— Vê lá como falas.

Cal riu. — Acho que vou contigo.

— Já leste Von Clausewitz?

— Nunca ouvi falar.

Quando Aron regressou a casa, era Lee quem o esperava no primeiro degrau da entrada.

— Poupei-te uma sova — disse Lee. — Senta-te.

— Vou-me deitar.

— Senta-te. Preciso de falar contigo. Por que não disseste ao teu pai que tinhas passado no exame?

— Ele seria incapaz de compreender.

— O que tu merecias era um pontapé dos rijos.

— Não gosto que me falem nesses termos.

— E porque julgas tu que eu os utilizo? Não pertenço ao número das pessoas que são grosseiras sem querer. Aron, o teu pai só vivia na expectativa

dessa notícia.

— Como é que ele sabia? — Tu próprio é que lhe devias ter dito.

— Não tens nada com isso.

— Vais já ao quarto dele e acordá-lo caso esteja a dormir, mas não creio que seja preciso, para lhe dares a novidade.

— Isso é que não vou.

Lee perguntou baixinho: — Aron, já alguma vez tiveste de lutar com alguém duas vezes menor que tu?

— Onde queres tu chegar?

— Não conheço nada tão embaraçoso. O pequeno adversário atira-se a nós e chega o momento em que temos de lhe bater. Não há nada pior. Aí é que começam as verdadeiras contrariedades.

— Que estás tu a dizer?

— Se não fizeres o que te peço, Aron, vou bulhar contigo. Não achas ridículo?

Aron tentou passar. Lee postou-se diante dele, com os punhos fechados, mas a pose era tão cómica que desatou a rir.

— Não sei como há de ser, mas vou experimentar.

Aron recuou, enervado. Por fim, resolveu sentar-se no degrau e Lee suspirou.

— Arre! — disse ele. — Acabou-se. Sempre evitamos uma coisa terrível. Que tens tu, Aron? Antigamente, costumavas desabafar sempre comigo.

Subitamente, Aron falou: — Quero ir embora desta cidade nojenta.

— Não digas isso. É uma cidade como outra qualquer.

— Eu não sou daqui. Quem me dera nunca ter vindo aqui. Não sei o que tenho, mas quero ir-me embora. Lee passou-lhe o braço pelos ombros robustos.

— Estás a ficar um homem — disse ele.

— Talvez seja essa a razão. É a altura da vida em que somos submetidos às mais duras provas. Pomo-nos a olhar para dentro de nós e a contemplar-nos com horror. Chegamos a acreditar que os estranhos conseguem ver o que vai cá por dentro. Tudo o que é repelente se torna mais repelente ainda, e a pureza parece muitíssimo mais pura. Tudo isso passa, Aron. Basta esperar um bocadinho. Bem sei que não te parecerá muito reconfortante, pois não acreditas que seja possível, mas nada mais posso fazer por ti. Faz por compreender que as coisas não são tão boas nem tão más como parecem. Mas, apesar do que disse, talvez te possa ajudar. Vai deitar-te e, amanhã de manhã, levanta-te cedo e vai dar a notícia de que passaste no exame a teu pai. Mostra-te satisfeito. O teu pai

está muito mais só do que tu, pois já não tem nenhuma esperança de futuro. Toma a iniciativa, era um dos conselhos que costumava dar Sam Hamilton. Faz os gestos da felicidade que talvez te sintas feliz. Faz os gestos, faz... Agora, vai deitar-te. Eu vou fazer um bolo para o desjejum. Aron... o teu pai escondeu um presente debaixo do teu travesseiro.

Capítulo XLIV

1

Abra só aprendeu a conhecer a família Trask depois de Aron ter partido para a Universidade, pois ambos viviam enclausurados na sebe do seu amor. Quando Aron se afastou, a cerca ruiu e Abra afeiçoou-se aos outros Trask, descobrindo que tinha mais confiança em Adam e que gostaria mais de Lee do que do próprio pai.

Pelo que respeitava a Cal, sentia-se indecisa. Umas vezes despertava-lhe raiva, outras pena e outras, ainda, apenas curiosidade. Parecia estar sempre disposto a brigar com ela. Como ignorava os sentimentos de Cal, não se mostrava inclinada a gostar dele. E ficava aliviada quando chegava a casa dos Trask e Cal não estava lá para a olhar de soslaio a julgá-la, observá-la e desviar o olhar assim que se via surpreendido.

Abra era uma mulher robusta, bem constituída e só esperava pelo sacramento do matrimónio — mas esperava. Adquiriu o hábito de ir a casa dos Trask quando saía da escola e de se sentar na cozinha para ler a Lee trechos da carta quotidiana de Aron.

Aron aborrecia-se em Stanford. Todas as cartas vinham impregnadas do desejo de rever a amiga. Perdera o ar distante com que a tratava em Salinas. A solidão e o afastamento ateavam-lhe a paixão. Estudava, comia, dormia e escrevia a Abra, voltando as costas a tudo o que não fosse o seu amor.

Quando Abra chegava a casa dos Trask, ao fim da tarde, ajudava Lee a descascar vagens ou ervilhas. Algumas vezes fazia um doce e, frequentemente, preferia ficar para jantar a ir para casa.

Não havia assunto que não discutisse com Lee. As raras coisas de que podia conversar com o pai ou a mãe pareciam-lhe insípidas, sem interesse e inconsistentes. Com Lee, era diferente. Abra só gostaria de contar a Lee o que

era verdade, mesmo quando não tinha a certeza absoluta de estar dizendo a verdade.

Lee, sentado, sorria, e as suas mãozinhas ágeis pareciam adejar como se estivessem animadas de vida própria. Abra não compreendia que só falava de si mesma. Por isso, às vezes, enquanto ela falava, o espírito de Lee corria à aventura, deixava a cozinha, voltava como um cão vadio e o chinês abanava a cabeça, aquiescendo com um murmúrio.

Lee gostaria de Abra por sentir que era uma criatura forte, bondosa e de temperamento ardente. Os músculos do rosto, audaciosamente vincados, prometiam uma grande beleza ou, quem sabe, uma grande fealdade. Lee, enquanto a ouvia conversar, pensava nas caras redondas e delicadas dos Cantoneses. Lee devia preferir essa espécie de beleza pois quase sempre se prefere aquilo que se nos assemelha, mas não era assim. Quando pensava nos Chineses, só se lembrava dos rostos dos rapazes Manchus, rostos arrogantes e desapiedados de um povo que herdara a autoridade.

— Talvez tenha sido sempre assim — disse um dia Abra. — Não sei. Ele nunca me falou muito no pai. Só depois de o Sr. Trask ter o aborrecimento das... das alfaces é que o Aron se mostrou zangado.

— Por quê?

— Porque faziam pouco dele.

Lee retomou o fio à meada.

— Troçaram do Aron? E por quê? Ele não tinha culpa nenhuma.

— É o que ele pensava. Quer saber o que eu acho?

— Com certeza — disse Lee.

— Encontrei uma solução, mas ainda não está bem definida. Acho que ele se sentiu sempre... digamos, mutilado... ou antes, incompleto, pelo fato de não ter mãe.

Lee arregalou os olhos e tornou logo a fechá-los.

— Estou a ver — disse ele. — Pensa que se dá o mesmo com o Cal?

— Não.

— Por que com o Aron, então?

— Ainda não descobri. Talvez seja porque certos seres têm necessidades maiores, ou talvez odeiem com mais força. O meu pai sempre detestou os nabos e ninguém sabe por quê. Assim que vê nabos fica furioso. Mas furioso a valer. Um dia, a minha mãe, levada não sei por que ideia, fez um puré de nabos gratinado no forno. O meu pai comeu um prato inteiro antes de perguntar o que era. A minha mãe respondeu-lhe que eram nabos. Quando ouviu aquilo, o meu

pai atirou o prato para o chão, levantou-se e saiu de casa. Tenho a impressão de que nunca lhe perdoou.

Lee soltou uma risada.

— Pois devia perdoar-lhe, visto a sua mãe ter respondido que eram nabos. Mas suponha, Abra, que a sua mãe tinha respondido outra coisa à pergunta do seu pai, que ele tinha achado aquilo excelente e que tinha comido um segundo prato? Suponha que ele descobria em seguida a verdade? Talvez a tivesse matado.

— Nunca se sabe. Seja como for, acho que o Aron precisava mais de uma mãe do que o Cal. Creio que sempre censurou o pai.

— Por quê?

— Isso não sei. É só o que penso.

— Ninguém a engana, hem?

— Acha ruim?

— De forma nenhuma.

— Quer que faça um doce?

— Hoje não. Ainda temos.

— Então, que hei de fazer?

— Pode preparar as costeletas. Janta conosco?

— Hoje não posso. Vou a um aniversário. Acha que ele virá a ser pastor?

— Como quer que saiba? — disse Lee. — Talvez a ideia lhe passe.

— Espero que não venha a ser pastor — disse Abra.

E fechou logo a boca, admirada com o que tinha dito.

Lee levantou-se, pegou na tábua de bater a carne e numa peneira com farinha.

— Sirva-se da faca ao contrário — disse ele, colocando a carne em cima da tábua.

— Eu sei.

Abra esperava que ele não tivesse percebido, mas Lee perguntou: — Por que não quer que ele seja pastor?

— Não devia ter dito isso.

— Pode dizer o que lhe apetecer, que não é obrigada a dar explicações.

Lee voltou a sentar-se. Abra peneirou a farinha em cima da carne e começou a bater com a faca. Taque, taque, taque.

— Eu não devia falar desta maneira.

Taque, taque, taque.

Lee virou a cara para pôr a moça à vontade.

— O Aron nunca está com meias medidas — disse ela enquanto continuava a tarefa. — Se se fizer religioso, há de escolher a ordem mais ascética. Ele disse-me uma vez que os pastores não deviam casar.

— Não era isso o que ele parecia dizer na última carta — observou Lee.

— Bem sei, mas foi antes. — A faca imobilizou-se. No jovem rosto assomava um desânimo doloroso. — Lee, eu não sou suficientemente boa para ele.

— Então, então! Mas que ideia é essa? — Não estou a brincar. Quando ele pensa em mim, não vê a Abra mas sim uma outra pessoa qualquer que imaginou e a quem eu sirvo de capa. Eu não me pareço com... com aquela que ele inventou.

— Como é ela? — Pura — respondeu Abra. — Toda ela é pureza. Não tem maldade nenhuma. Eu não sou assim.

— Ninguém é assim — comentou Lee.

— Ele não me conhece nem me quer conhecer. Só gosta desse tal fantasma branco. Lee tirou do forno um tabuleiro de biscoitos.

— Não gosta dele? Bem sei que ainda é muito nova, mas a idade não conta.

— Como quer que não goste se vou ser mulher dele? Mas desejava que ele também gostasse de mim. E como será isso possível se ele não me conhece? Eu imaginava que ele soubesse quem eu era, mas agora já sei que me enganei.

— Talvez ele esteja atravessando um período difícil. A Abra é inteligente. Porque não tenta parecer-se com o fantasma branco? — Tenho sempre receio de me trair. Posso zangar-me, ou cheirar mal, ou sei lá o quê. Ele dava logo por isso.

— Quem sabe? — disse Lee. — Não deve ser fácil conseguir ser ao mesmo tempo um fantasma etéreo e um ente humano de carne e osso. Não se pode impedir que os humanos cheirem mal.

Abra afastou-se da mesa.

— Lee, eu queria...

— Não deixe cair farinha no chão — disse ele. — Que queria?

— Foi uma ideia que me veio à cabeça. Julgo que o Aron, como não conheceu a mãe, imaginou que ela possuía todas as qualidades que ele desejaria encontrar numa mulher.

— É muito possível. E vai daí, está convencida de que ele a enfeitou com essa tralha toda? Ela fitou-o com insistência e passou os dedos pela lâmina da faca.

— Apetecia-lhe devolver a tralha, não é verdade? — perguntou ele.

— Pois.

— E se ele deixar de gostar de si?

— Prefiro correr esse risco e mostrar-me tal qual sou — declarou ela.

Ele disse: — Nunca conheci ninguém que andasse tão metido na vida dos outros como eu. Ora eu não sou homem para dar conselhos definitivos. Arranja-me as costeletas ou não? Abra recomeçou a trabalhar.

— Acha que seja divertido abordar questões deste gênero, quando ainda ando na escola?

— As coisas não se poderiam passar de outra maneira — disse Lee. — O riso virá mais tarde, como os dentes do siso, e quando tiver aprendido a rir de si, talvez tarde demais, já estará lançada numa corrida desenfreada contra a morte.

As pancadas que Abra vibrava na tábua tornaram-se mais violentas e desordenadas. Lee colocou cinco carços de lima em cima da mesa e pôs-se a desenhar figuras geométricas — uma linha, um ângulo, um círculo. As pancadas detiveram-se.

— A Sra. Trask está viva? O indicador de Lee manteve-se em suspenso, depois, empurrou um carço e o “O” transformou-se num “Q”. Sabia que Abra estava a olhar para ele. Adivinhava até o pânico que dela se apossara pela pergunta que fizera. Procurou a resposta como um rato que procura a saída da ratoeira. Suspirou e renunciou. Voltou-se lentamente para ela, olhou e viu que adivinhara. Numa voz sem timbre, disse: — Temos falado muito, mas não me lembro de já termos falado de mim. — Sorriu com timidez. — Abra, deixe que lhe fale de mim. Sou um criado. Sou velho. Sou chinês. Tudo isto já sabe. Mas sinto-me cansado e sou covarde.

— Não diga... — começou ela.

— Caluda — interrompeu ele. — Sou muito, muito covarde. Ao ponto de não querer influir num destino.

— De que modo?

— Abra, o seu pai só detesta os nabos?

A moça não quis ceder. — Eu fiz uma pergunta.

— Não ouvi pergunta nenhuma — disse ele suavemente. — E a voz adquiriu um tom de confiança. — Não me fez pergunta nenhuma, Abra.

— Deve pensar que eu sou ainda muito nova... — principiou Abra.

Mas Lee atalhou: — Trabalhei em casa de uma mulher de trinta e cinco anos que era feia e estúpida. Se tivesse seis anos, teria feito o desespero dos pais. Mas aos trinta e cinco anos tinha o direito de dispor de uma fortuna e das vidas

humanas que a rodeavam. Não, Abra, a idade não tem nada a ver com o caso. E se eu tivesse qualquer coisa a dizer... era a si que diria.

A moça sorriu.

— Eu sei ser má — disse ela. — Quer que experimente?

— Não, por amor de Deus!

— Então, não quer que eu tente compreender?

— Faça o que quiser, mas não quero imiscuir-me nisso. O homem, por muito bom que seja, também é fraco e negativo, e carrega consigo todos os pecados que pode suportar. Ora eu já tenho bastantes pecados que me aflijam. Talvez não sejam grandes pecados, em comparação com outros, mas os que tenho chegam-me perfeitamente. Peço-lhe que me perdoe.

Abra estendeu a mão e tocou na de Lee. Lee olhou para a marca branca que fora deixada pela farinha na pele lisa e esticada. Abra disse: — O meu pai preferia ter um filho. Acho que ele detesta os nabos e as moças. Anda sempre a contar a toda a gente que me pôs um nome ridículo. Lee sorriu-lhe.

— Você é um encanto de moça. Se vier jantar amanhã, compro-lhe nabos.

Abra perguntou timidamente: — Ela está viva? — Está — respondeu Lee. Ouviu-se bater a porta da entrada e Cal entrou na cozinha.

— Bom dia, Abra. O meu pai está aqui?

— Ainda não veio — respondeu Lee. — Por que trazes esse ar tão radiante?

Cal mostrou-lhe um cheque.

— Toma, é para ti.

Lee olhou para a quantia.

— Eu não te exigi juro — disse.

— Assim é melhor. Pode ser que ainda me venha a fazer falta.

— Não me queres dizer como o arranjaste?

— Não, ainda não. Tenho uma boa ideia... — Os olhos de Cal voltaram-se para Abra.

— Vou para casa — anunciou ela.

Cal disse: — Mais vale preveni-la. Resolvi fazer a tal coisa no dia de Ação de Graças e a Abra há de estar aqui assim como o Aron.

— Qual coisa? — perguntou Abra.

— O presente ao meu pai.

— O que é?

— Não posso dizer. Logo verás nesse dia.

— O Lee já sabe?

— Já, mas esse não conta nada.
— Acho que nunca te vi tão satisfeito — disse Abra. — Tenho até a impressão de que nunca te vi satisfeito.
Havia qualquer coisa em Cal que a atraía. Mal saiu, Cal sentou-se.
— Não sei se dou antes ou depois do jantar.
— É melhor depois — disse Lee.
— É verdade que tens o dinheiro?
— Quinze mil dólares.
— Dinheiro honesto?
— Queres saber se o roubei?
— Pois claro.
— Então fica sabendo que é dinheiro honesto — disse Cal. Lembras-te de quando tivemos champanhe por causa do Aron? Pois bem! Havemos de tê-lo outra vez. E até podíamos enfeitar a sala. A Abra ajudava-nos.
— Estás convencido de que o teu pai aceita o dinheiro?
— Por que não?
— Espero que não te enganes — disse Lee. — Como vão esses estudos?
— Fracos. Vou ver se ganho o tempo perdido — disse Cal.

2

Quando terminaram as aulas, no dia seguinte, Abra correu atrás de Cal e apanhou-o.
— Bom dia, Abra. O teu doce estava estupendo.
— Ficou muito seco. Devia estar mais solto.
— O Lee anda perdido de amores por ti. O que foi que lhe fizeste? — Eu gosto muito do Lee — disse ela. — Depois: — Tenho uma coisa a pedir, Cal.
— O que é?
— Tu conheces bem o Aron, não conheces?
— Por quê?
— Parece que só pensa nele.
— Isso não é novidade. Zangaste-te com ele?
— Não. Quando se pôs a falar da Igreja e do celibato, tentei lutar contra ele, mas ele não quis.
— Não me digas que ele já não queria casar contigo. Mas que disparate!
— Pois, agora, escreve-me cartas de amor, mas não é a mim que as dirige.

— Então?

— Parecem escritas a si mesmo.

Cal disse: — Descobri o esconderijo debaixo do chorão.

Ela não pareceu admirada.

— É verdade?

— Estás aborrecida com o Aron?

— Não. Não consigo atingi-lo. Eu não o conheço.

— Vai tendo paciência. Deixa ver se ele se descobre.

— Gostaria de saber se ele chegará a descobrir-se. Achas que tenho andado enganada desde o princípio?

— Como queres que saiba?

— Cal — perguntou ela — é verdade que passeias de noite e que vais para sítios de má fama?

— É — respondeu ele. — É verdade. Foi o Aron quem te disse?

— Não, não foi o Aron. Por que vais a esses lugares?

Cal continuou a caminhar ao lado dela e não respondeu.

— Dize-me, anda.

— Que tens tu com isso?

— É por seres mau?

— Achas que sou?

— Eu também não sou boa — disse ela.

— Tu és doida — disse Cal. — O Aron logo te tira essa ideia da cabeça.

— Achas que consegue?

— Pois claro — disse Cal. — Não tem outro remédio.

Capítulo XLV

1

Joe Valery ia vivendo menos mal, de olho alerta e ouvido apurado, e expondo o cachaço o menos possível. Armazenara os seus ódios a pouco e pouco, primeiro por uma mãe desmazelada e, depois, por um pai choramingão que lhe batia. Fora-lhe fácil transferir as sementes de ódio para o professor que o castigara, para o polícia que o prendera e para o padre que lhe pregara um sermão. Muito antes de um primeiro magistrado se ter interessado por ele, já Joe possuía um sortido completo de ódios que iam atingir toda a gente conhecida.

Mas o ódio não pode viver sozinho. Tem de caminhar a par do amor, servindo de mola real, de agulhão ou de estimulante. Joe passou a amar Joe. Reconfortou, lisonjeou e estremeceu Joe. Construiu muros para proteger Joe do mundo hostil. E, insensivelmente, Joe transformou-se em tabu. Se Joe tinha desgostos, era porque o mundo queria mal a Joe. Mas quando Joe atacava o mundo, era uma vingança bem merecida — sim, essa corja de malandros não merecia outra coisa. Joe embalava o seu amor e aperfeiçoou uma série de regras dispostas pela seguinte ordem:

- 1 — Não acredites em ninguém. Todos te querem mal.
- 2 — Bico calado. Não dês o flanco.
- 3 — Ouvidos bem abertos. Se os gajos disserem alguma coisa, guarda-a bem guardada que ainda te pode vira servir.
- 4 — São todos uns filhos da puta que começam a afiar o dente mal te vêem chegar.
- 5 — Nunca te atires de caras. Vai sempre de roda.
- 6 — Nunca te fies numa mulher para coisa nenhuma.
- 7 — Confia só no dinheiro. Todos o querem. Todos se vendem.

Havia outras regras, mas não passavam de sutilezas. O seu sistema era bom e, como não conhecia outros, a comparação tornava-se impossível. Joe sabia que era preciso ser esperto e se considerava esperto. Se o golpe dava certo, era um espertalhão. Se falhava, era uma vítima. Joe defendia-se o melhor que podia e vivia com um mínimo de esforço. Kate mantinha-o ao seu serviço por sabe-lo capaz de fazer fosse o que fosse por cupidez ou por medo. Não tinha

ilusões nenhuma a respeito dele — os Joe são necessários a quem trabalha.

Quando entrou para a casa de Kate, Joe procurou as fraquezas em que se apoiava para viver: vaidade, concupiscência, angústia, remorso, histeria. Havia de descobri-las, pois Kate era uma mulher. Teve, porém, um grande choque quando compreendeu que, se Kate tinha algum ponto fraco, era impossível dar com ele. Aquela mulher pensava e agia como um homem, embora fosse mais dura, mais rápida e mais inteligente. Joe cometeu alguns erros e Kate deu-lhe uma lição para que não voltasse a repeti-los. Passou a ter por ela uma verdadeira admiração baseada no medo.

Quando chegou à conclusão de que certas espertezas não resultavam com Kate, resolveu pô-las inteiramente de lado. Kate fez dele um escravo, como sempre fizera escravas as mulheres que dirigia. Alimentou-o, vestiu-o, deu-lhe ordens e castigou-o.

Assim que Joe reconheceu que ela era mais forte do que ele, só lhe faltava dar um passo para concluir que ela era a mais forte de todas as criaturas. Kate possuía dois dons que ele julgava indispensáveis: era viva e tinha sorte. Que mais se podia pedir? Por isso, fazia o seu trabalho com prazer e só receava não ser capaz de o fazer.

— A Kate nunca se engana — dizia Joe. — E é escusado armar em esperto com ela.

A opinião transformou-se num hábito. Quando se tratou de pôr Ethel fora de ação, nem sequer fez perguntas; aquilo constituía parte do seu trabalho quotidiano. Ninguém tinha nada com isso e Kate sabia o que fazia.

2

Kate nunca conseguia dormir quando tinha um ataque de artritismo. Ficava com as articulações inchadas e emperradas, e preferia pensar noutra coisa, mesmo que fosse desagradável, para esquecer o mal que lhe paralisava os dedos. Procurava recordar-se de todos os pormenores de uma casa onde não entrava há muito tempo ou fitava o teto enquanto fazia contas de somar. Certas vezes, evocava recordações, a cara do Sr. Edwards, a sua roupa, a palavra gravada na barra dos suspensórios. Nunca prestara atenção mas, contudo, sabia que a marca era “Excelsior”.

Muitas vezes, de noite, pensava em Faye e lembrava-se dos seus olhos, do cabelo, do timbre da voz, da tagarelice das mãos e de uma grainha de carne no

polegar esquerdo, cicatriz de uma ferida antiga. Kate perguntava a si mesma que sentimento a ligara a Faye. Desprezo? Afeição? Pena? Sentia remorsos de a ter matado? Kate media os pensamentos como a lagarta que anda a intervalos regulares. E acabava por se convencer de que Faye lhe fora indiferente. Que se recordasse, nunca a amara ou odiara. Houvera uma época, durante a agonia, em que o ruído e o cheiro emitidos pela velha tinham despertado em Kate uma fúria assassina: apetecera-lhe matá-la imediatamente para se ver livre dela.

Kate lembrava-se da última vez em que vira Faye, estendida no caixão forrado de veludo violeta, vestida de branco, com um sorriso na boca arranjado pelos gatos-pingados e a cara toda pintada para disfarçar a lividez.

Uma voz atrás de Kate dissera: — Há muitos anos que não parecia tão bonita.

A outra voz retorquira: — Talvez fosse disso que eu precisasse.

E tinham-se ouvido duas fungadelas. A primeira voz devia pertencer a Ethel e a segunda a Trixie. Kate também se recordava da sua própria reação. Ora! uma puta morta era igual a outra pessoa qualquer.

Sim, a primeira voz devia ser a de Ethel. A Ethel desempenhava um grande papel nas divagações noturnas de Kate. Trazia sempre com ela um vendaval de medo. Ethel... essa velha puta bronca, idiota, esse estafermo. Frequentemente, elevava-se uma voz que dizia a Kate: “Mais devagar! Porque é que lhe chamas puta velha? Por teres cometido um erro? Porque a mandaste expulsar? Se tivesses raciocinado e se ficasses com ela aqui...” Kate perguntava a si mesma onde estaria Ethel. Porque não pagar a uma agência para a descobrir ou, pelo menos, para saber que direção havia tomado? Sim, mas depois a Ethel era capaz de dar à língua e de mostrar os frascos. E, em vez de um, seriam logo dois a fazer chantagem. Mas que importância tinha se, sempre que a Ethel bebia uma cerveja, se punha a despejar o saco ao primeiro que lhe aparecesse? Pois era, mas todos pensavam que eram histórias da carochinha. E um detective particular...? Não. Detectives, não.

Kate passava muitas horas na companhia de Ethel. Teria o juiz percebido que se tratava de uma marosca com os cordelinhos todos à vista? Cem dólares eram uma conta demasiado certa. E o xerife? O Joe viera dizer que tinham levado a Ethel para a província de Santa Cruz. Teria ela dito alguma coisa ao adjunto que a acompanhara? A Ethel era uma velha preguiçosa. Se calhar, tinha ficado em Watsonville. Havia Pajaro, depois era o entroncamento ferroviário e, a seguir, o rio Pajaro, e a ponte para Watsonville, sempre cheia de um constante vai-e-vem de operários: mexicanos e alguns hindus. A besta da Ethel era muito

capaz de ter imaginado que conseguia ganhar a vida com os trabalhadores do caminho de ferro. Mas que piada se ela nunca tivesse saído de Watsonville, que só distava cinquenta quilómetros! Afinal, se lhe desse na gana, podia atravessar a fronteira e vir visitar os amigos. Talvez viesse a Salinas algumas vezes? Talvez estivesse em Salinas naquela altura? Os pasmas tinham mais que fazer do que perder o tempo com a Ethel. Talvez fosse boa ideia mandar o Joe a Watsonville. A Ethel talvez tivesse ido até Santa Cruz. O Joe podia lá ir deitar uma vista de olhos. Não levava muito tempo. O Joe era capaz de descobrir uma puta em poucas horas, por mais escondida que estivesse. Se a encontrasse, poderia obrigá-la a voltar. A Ethel era uma parva. Mas, se a encontrasse, talvez fosse preferível que Kate a fosse ver. Fechar a casa. Pôr um letreiro. “Encerrado”. Poderia ir a Watsonville, liquidava o assunto e voltava. Táxis, não. Num autocarro. Não se costuma reparar nas pessoas que viajam de noite nos autocarros. Os passageiros dormem depois de terem tirado os sapatos e enrolado os casacos em almofada atrás da cabeça. Subitamente, percebeu que teria medo de ir a Watsonville. Mas tinha que tomar uma decisão, para pôr termo a todas aquelas perguntas. Era estranho que não tivesse pensado no Joe mais cedo. Ele estava mesmo a calhar. O Joe tinha habilidade para certos trabalhinhos e, ainda por cima, julgava-se um alho. Portanto, não custava a manejar. Mas a Ethel era estúpida e isso é que tornava as coisas mais complicadas.

As mãos e o cérebro de Kate iam-se deformando. Cada vez confiava mais em Joe Valery, braço direito, intermediário e carrasco. Desconfiava das pensionistas, não porque fossem piores do que Joe, mas porque alimentavam uma histeria latente que poderia destruir o edifício comum ao mínimo abalo. Kate sempre soubera dominar esse perigo permanente, mas a lenta petrificação das articulações e o medo crescente obrigavam-na a valer-se de alguém; Joe, neste caso.

Kate podia depositar inteira confiança em Joe, pois tinha nos seus arquivos um relatório sobre um certo Joseph Venuta que se evadira de San Quentin um ano antes de cumprir a pena de cinco anos por ataque à mão armada. Kate nunca tocara no assunto a Joe Valery, mas estava convencida de que aquilo chegaria para o acalmar, caso se mostrasse atrevido.

Joe trazia-lhe todas as manhãs o pequeno almoço — chá verde, leite e torradas. Depois de colocar a bandeja em cima da mesa de cabeceira, fazia um resumo dos acontecimentos e recebia as instruções diárias. Joe sabia que ela dependia cada vez mais dele. Devagar, com toda a prudência, ia procurando o meio de deitar mão ao negócio. Se ela ficasse bastante doente, talvez fosse uma

boa oportunidade. Mas Joe tinha medo de Kate.

— Bom dia — disse ele.

— Não posso sentar-me, Joe. Serve-me uma xícara de chá, que eu não posso segurá-la.

— Doem-lhe as mãos?

— Doem. Logo estarei melhor.

— Parece que passou mal a noite.

— Não — disse Kate. — A noite foi boa. O novo remédio deu resultado.

Joe levou a xícara aos lábios de Kate. Ela bebeu aos Bolinhos, soprando o líquido para o arrefecer.

— Não quero mais — disse ela, depois de beber metade da xícara.

— Que se passou ontem à noite?

— Quase vim acordá-la — disse Joe. — Apareceu aí um gajo de King City, cheio de marra. Acho que tinha acabado de vender a colheita. Largou um monte de notas: setecentos dólares sem contar com o que deu às pequenas.

— Como se chamava?

— Não sei. Mas espero que torne a aparecer.

— É preciso tomar sempre nota do nome, Joe. Já te tenho dito isto.

— Ele era acanhado.

— Mais uma razão. Nenhuma das moças o enrolou?

— Não sei.

— Pois trata de saber. — Joe pensou que ela tinha gênio e sentiu-se bem.

— Hei de saber — garantiu. — Não custa nada.

Kate examinou-o com o olhar, perscrutando-o e avaliando-o.

Joe compreendeu que se ia passar qualquer coisa.

— Gostas do teu lugar? — perguntou ela baixinho.

— Ai, não, não gosto!

— Pois podias arranjar um lugar bem melhor ou... pior.

— Gosto daqui — repetiu ele, pouco à vontade, procurando descobrir que falta teria cometido. — Sinto-me como peixe na água. Kate humedeceu os lábios com a ponta da língua aguçada.

— Podíamos trabalhar juntos.

— Como quiser — disse ele com um sorriso encorajador.

Joe sentiu-se invadido por uma lufada de satisfação. Pacientemente, esperou até que ela se decidisse.

— Joe, eu não gosto de ser roubada.

— Eu não lhe tirei nada.

— Eu também não te acusei.

— Quem foi, então?

— Já lá chegamos, Joe. Lembras-te daquela ranhosa que tivemos de pôr a andar?

— Refere-se à Ethel-não-sei-quê?

— Sim. Ela foi embora levando uma coisa. Quando dei por isso, já era tarde demais.

— O que era?

A voz tornou-se cortante: — Não tens nada com isso, Joe. Tu não és idiota nenhum. Se eu te pedisse para a encontrares, onde a irias procurar? Joe fez trabalhar a matéria cinzenta com rapidez, pondo de parte o raciocínio e apelando para a experiência e para o instinto.

— Ela ficou muito abatida e não se deve ter afastado muito. Esses estupores nunca vão para muito longe.

— Muito bem raciocinado. Achas que esteja em Watsonville?

— Talvez. Ou em Santa Cruz. Seja como for, aposto que não passou de San José.

Kate afagou os dedos.

— Queres ganhar quinhentos dólares, Joe?

— Quer que a descubra?

— Sim, mas mais nada. Quando souberes onde está, é preciso que ela não suspeite de nada. Arranja-me só o endereço, compreendeste? Apenas desejo saber onde está.

— Muito bem — disse Joe. — Ela deve ter-lhe levado uma boa maquia.

— Isso não é da tua conta.

— Está bem, minha senhora — disse ele. — Quer que vá já?

— Sim, é melhor andares depressa, Joe.

— Talvez custe um bocado. Já passou muito tempo.

— Arranja-te como puderes.

— Vou a Watsonville esta tarde.

— Está bem, Joe.

Kate ficou pensativa. Sabia que tinha ainda qualquer coisa a dizer, mas receava continuar. Por fim, resolveu-se: — Joe, naquele... dia... Depois do julgamento... ela não disse nada?

— Não. Só disse que era tudo premeditado. É o que todos dizem. Joe lembrou-se então de uma coisa em que não reparara nesse momento e tornou a ouvir a voz de Ethel: “Senhor juiz, precisava de lhe falar a sós. Tenho uma coisa

para lhe dizer”. Joe procurou manter uma expressão impassível para não ser obrigado a repetir a frase.

Kate perguntou: — O que foi?

Não soubera dissimular. Procurou uma resposta. — Há qualquer coisa — disse ele para ganhar tempo. — Estou tentando me lembrar.

— Trata de te lembrares!

A voz era aguda e ansiosa.

— Então?...

Joe já descobrira. — Ouvi-a dizer aos policiais ... Espere... Ela perguntou por que não podia ir para o Sul, e disse-lhes que tinha família em San Luís Obispo.

Kate inclinou-se para ele.

— E depois?

— Os policiais responderam-lhe que era muito longe.

— Tens boa memória, Joe. Onde vais primeiro?

— A Watsonville — respondeu ele. — Tenho um amigo em San Luís.

Vou telefonar-lhe para que ele também faça buscas por minha conta.

— Joe — disse ela secamente — não quero que isto transpire.

— Por quinhentos dólares, faz-se trabalho rápido e perfeito.

Sentia-se satisfeito consigo mesmo, embora Kate o examinasse de novo com os olhos semicerrados. A frase seguinte quase lhe virou o estômago do avesso.

— A propósito, Joe... O nome de Venuta diz-te alguma coisa?

Tratou de responder antes que a voz se lhe estrangulasse.

— Absolutamente nada.

— Volta assim que puderes. Diz à Helen para subir. Ela fica a substituir-te.

3

Joe fez a mala, foi à estação e comprou um bilhete para Watsonville. Em Castroville, primeira estação do percurso, desceu do trem e esperou quatro horas pelo expresso de San Francisco, o Del Monte, que para em Monterey. Aí, alugou um quarto no Hotel Central, sob o nome de John Vicker, tornou a sair, foi comer um bife ao restaurante Pop Ernst, comprou uma garrafa de uísque e voltou para o quarto.

Tirou os sapatos, o casaco, o colete, o colarinho e a gravata e estendeu-se na cama de ferro, colocando o uísque e um copo ao alcance da mão. A luz do candeeiro instalado à cabeceira da cama não o incomodava. Nem sequer dava por ela. Com método, começou por beber meio copo de uísque para desentorpecer o cérebro, depois, juntou as mãos atrás da cabeça, cruzou as pernas e pôs-se a comparar ideias, impressões e suposições.

Não se saíra mal da conversa e tinha-a ludibriado. Mas como é que ela sabia que ele se tinha evadido? Teve vontade de partir para Reno ou talvez para Seattle. Um porto sempre é mais seguro. E depois — mas espera: deixa-me pensar um instante.

A Ethel não roubara nada, mas devia saber qualquer coisa. A Kate tinha medo da Ethel. Quinhentos dólares era muita massa só para desencantar uma puta velha. Em primeiro lugar, o que a Ethel queria dizer ao juiz era verdade. Em segundo lugar, a Kate tinha medo do que ela dissesse. Mas que inferno! E o cadastro? Joe não estava interessado em regressar a San Quentin para cumprir o ano, mais o castigo pela evasão.

Mas não fazia mal pensar no caso. Suponhamos que tinha de apostar quatro anos contra... digamos dez mil dólares. Valeria a pena? Pergunta ociosa. A Kate já sabia há muito tempo e nunca o denunciara. Talvez, no fundo, a Kate confiasse em Joe.

Talvez a Ethel não passasse de uma carta furada.

Agora... um instante só. Vejamos. Talvez fosse a grande oportunidade. Que devia fazer com o jogo de que dispunha? A Kate não faltavam recursos. Teria envergadura para jogar com ela? Seria melhor jogar a cartada ou passar? Sentou-se e encheu o copo. Apagou a luz e ergueu o estore. Enquanto bebia o uísque, observou, num quarto do outro lado da rua, uma mulher magra metida num roupão a lavar as meias numa bacia. Joe sentia o álcool a latejar nas fontes.

Talvez fosse a sua grande oportunidade. Há quanto tempo esperava por ela! Só Deus sabia o ódio que tinha àquela putéfia de dentinhos afiados! Mas era preciso cuidado.

Abriu a janela sem fazer barulho, pegou numa caneta que estava em cima da mesa e atirou-a aos vidros da janela em frente. Sentiu-se divertido com o susto da mulher, que correu o estore mal viu do que se tratava.

Bebido o terceiro copo, a garrafa ficou vazia. Joe teve vontade de descer à rua e de ir visitar a cidade, mas preferiu obedecer à regra que sempre se impusera: nunca sair do quarto quando se bebe. É assim que se evitam as maçadas. E as maçadas significavam os policiais, os policiais significam a

verificação dos documentos e isso significaria, mais certo do que a morte, um passeio a San Quentin e, desta vez, não o mandariam trabalhar numa estrada para o recompensar do seu bom comportamento. Pôs de parte a ideia de ir dar uma volta.

Joe dispunha de outro prazer que reservava para os momentos de solidão, mas ele não sabia que era um prazer. O quarto de hotel era um local propício. Estendido na cama, rememorou a infância infeliz e a adolescência tormentosa. Raio de azar... nunca tivera sorte nenhuma. Só os figurões é que têm sorte. Claro que conseguira fazer certos trabalhinhos sem ser fisgado, mas... e a mala cheia de navalhas? Os pasmas saltaram em cima dele e filaram-no. A partir dessa altura passara a ter cadastro e a polícia nunca mais o largara da mão. Em Daly City, se um gajo qualquer se cortava com um punhado de framboesas, era logo o Joe quem pagava as favas. E na escola fora a mesma coisa. Os professores estavam contra ele, o diretor estava contra ele. Era demais. Joe, o indesejável, pusera-se a cavar.

À força de repisar tantas ilusões perdidas, começou a encher-se de tristeza até que as lágrimas lhe vieram aos olhos. Pôs-se a chorar pensando na criança desgraçada que fora e no homem em que se tinha tornado — olhem para ele — um falhado, um tipo que trabalhava numa casa de putas enquanto outros tinham os seus lares e os seus carros. Eles, à noite, sentiam-se felizes e tranquilos, e depois fechavam as janelas na cara do pobre Joe. Chorou de mansinho até adormecer.

Na manhã seguinte, levantou-se às dez horas e foi tomar um copioso pequeno almoço ao restaurante Pop Ernst. Depois, embarcou num autocarro para Watsonville e jogou três partidas de bilhar com um amigo a quem telefonara. Joe, após ter ganho a última partida, arrumou o taco e estendeu duas notas de dez dólares ao adversário.

— É escusado — disse o amigo. — Guarda o teu dinheiro.

— Fica com ele — disse Joe.

— Mas eu não te prestei serviço nenhum.

— Pelo contrário. Disseste-me que ela não estava cá e, se havia alguém que me pudesse informar, eras tu.

— Não me queres dizer porque é que andas à procura dela? — Wilson, já te disse e torno a repetir que não sei nada. Trata-se apenas de um serviço.

— Pois eu não sei mais nada. Espera lá... Ouvei dizer que há um congresso de... deixa ver... de cirurgiões-dentistas ou lá o que é. E já nem sei se ouvi dizer que ela ia lá, ou se fui eu que imaginei. Devo estar a perder a memória. Telefona

para Santa Cruz. Não conheces lá ninguém? — Tenho alguns conhecimentos — disse Joe.

— Vai ter com o H. V. Maliler. Hal Maliler. Ele tem uma sala de bilhar e nos fundos tem jogo.

— Obrigado — disse Joe.

— Vamos, Joe, guarda o teu dinheiro.

— O dinheiro não é meu... É para comprares um charuto.

O autocarro depô-lo a duas portas de distância dos bilhares. Era a hora do jantar, mas continuava-se a jogar. Joe teve de esperar uma hora. Por fim, Hal saiu da mesa para ir aos lavabos. Joe foi atrás dele. Não custa nada travar conhecimento nos urinóis. Hal examinou Joe com os olhos pálidos, aumentados por lentes espessas. Abotoou a braguilha, ajustou as mangas de alpaca e endireitou a pala verde.

— A gente logo conversa depois de acabar o jogo — disse ele.

— Queres jogar?

— Já tens parceiro, Hal?

— Só um.

— Então vou ser teu parceiro.

— São cinco dólares por hora — disse Hal.

— E dez por cento se eu ganhar?

— Entendido. A banca é de um tipo alourado que dá pelo nome de Williams. À uma hora da manhã, Hal e Joe entraram no Grill Barlow.

— Duas costeletas e batatas fritas. Queres sopa? — perguntou Hal a Joe.

— Não. Nem batatas fritas. Dão-me azia.

— A mim também — disse Hal — mas sempre vou comendo. O que eu tenho é falta de exercício.

Hal era um tipo silencioso, Exceto, à hora das refeições. Só abria a boca quando a tinha cheia.

— De que se trata? — perguntou ele através da costeleta.

— De um trabalhinho. Eu recebo cem dólares e passo-te vinte e cinco? Convém?

— Precisas de provas, de documentos?

— Não. Era preferível, mas cá me arranjurei sem eles.

— Bem. Então, ouve. A tipa veio pedir-me para eu a deixar trabalhar na minha casa mediante uma comissão. A gaja não valia nada, nem sequer me rendeu vinte dólares por semana. O mais certo era eu nunca ter sabido o que lhe aconteceu, se não fosse o Bill Primus que a tinha visto na minha casa e que me

veio fazer perguntas quando a encontraram. O Bill é um tipo porreta. Aqui, a polícia é tudo paga.

Ethel não era má mulher — desmazelada, porca, mas um bom coração. Só desejava ser tratada com dignidade e que lhe dessem importância. Não era esperta nem bonita e, portanto, não tinha sorte. Ficaria aflita se soubesse que, quando a tiraram da areia onde as ondas a tinham deixado, a saia arregaçada lhe deixara as coxas à vela.

Hal prosseguiu: — Os pescadores de sardinha estavam cheios de massa e foram fazer uma pândega lá a casa. Eu estou mesmo a ver como as coisas se passaram: um dos tipos meteu-a no barco e depois atirou com ela pela borda fora. Não entendo como é que teria conseguido cair à água.

— Talvez se tenha atirado do cais? — Ela? — disse Hal, apesar das batatas fritas. — Macacos me mordam se não era preguiçosa demais para se matar! Queres ver o corpo? — Se tu dizes que é ela, é porque é — disse Joe. E pôs uma nota de vinte dólares e outra de cinco em cima da mesa. Hal enrolou as notas como um cigarro e meteu-as no bolso do colete. Em seguida, cortou um bocado de carne e levou-o à boca.

— Garanto-te que é ela — disse. — Queres uma dose de torta? Joe tencionava dormir até ao meio-dia, mas acordou às sete horas. Deixou-se ficar na cama, pois só queria voltar a Salinas depois da meia-noite. Precisava de tempo para refletir.

Quando se levantou, aproximou-se do espelho e mimou a expressão que tencionava arvorar. Queria mostrar-se desapontado, mas não muito. Com Kate, era preciso desconfiar. O melhor seria deixá-la falar e procurar uma saída. O diabo é que ela nunca se abria. Joe teve de admitir que Kate lhe infundia um pavor terrível.

A sua prudência ditava-lhe: “Volta para casa, conta-lhe tudo e embolsa os teus quinhentos dólares.” Mas respondeu com raiva à prudência: “E a sorte? Quantas ocasiões já tive? Quando se tem uma oportunidade, é preciso é agarrá-la. Terei de ser um chuleco toda a vida? Tenho mas é de fazer um jogo cerrado. Vou deixá-la falar. Isso não tem mal nenhum. Se der mau resultado, posso dizer-lhe depois que acabei de receber a informação.” “Olha que ela é mulher para te pôr à sombra enquanto o diabo esfrega um olho.” “Só se eu não jogar cerrado. Que tenho a perder? Já alguma vez tive uma oportunidade destas?”

Kate sentia-se melhor. O novo remédio parecia dar resultado. A dor acalmara-se e tanto as articulações como os dedos já não estavam tão inchados. Dormira bem naquela noite, coisa que não lhe sucedia há muito tempo. Apeteceu-lhe um ovo escalfado para o pequeno almoço. Levantou-se, vestiu um robe, pegou num espelho de mão e voltou para a cama. Aí, encostada às almofadas, pôs-se a estudar a cara.

O repouso operara maravilhas. A dor contrai as maxilas, dá aos olhos um falso brilho angustioso e incha levemente os músculos das têmporas, das faces e, até, do nariz. Assim fica o rosto do doente que luta contra a doença.

Mas que diferença naquele rosto repousado! Tinha menos dez anos. Abriu a boca e examinou os dentes. Já ia sendo tempo de os mandar limpar. Sempre fora muito cuidadosa com eles. Só tinha uma ponte de ouro no sítio onde faltavam os três molares. Estou com um ar extraordinariamente jovem”, pensou Kate. Uma boa noite de sono e logo readquiriria toda a sua vitalidade. Era essa outra coisa que os enganava a todos. Julgavam-na frágil e delicada. Sorriu para a imagem — delicada como uma ratoeira de aço. Mas não havia cuidados que não tivesse consigo. Nada de álcool e nada de drogas. E, recentemente, até pusera de parte o café. O resultado estava à vista. Tinha uma expressão angélica. Inclinou ligeiramente o espelho para não ver as rugas que tinha debaixo do queixo.

De repente, pensou noutra fisionomia angélica que se assemelhava à sua — mas como se chamava o rapaz? Alec? Não? Estava a vê-lo, de cruz alçada, caminhando lentamente, com a sobrepeliz branca orlada de renda, de cabeça baixa e com os cabelos que resplandeciam à luz dos círios. Havia nele algo de maravilhosamente longínquo, puro e inacessível. De resto, já alguma coisa ou alguém atingira ou conspurcara Kate? Com certeza que não. Só a couraça sofrera escoriações. Por dentro, mantinha-se intata, tão pura e brilhante como esse rapaz... Mas como se chamava ele? Sorriu. Era mãe de dois rapazes e parecia uma criança. Se alguém a visse com o loirinho, desconfiaria de alguma coisa? Imaginou-se ao lado dele, deixando que os outros adivinhassem os laços que os uniam. Que faria o... Aron — era esse o nome dele — se soubesse a verdade? O irmão, esse, sabia. O filho da puta — não, isso também era de mais, até eram capazes de acreditar. Bastardo? Também não. Ele nascera de um sagrado matrimónio. Kate riu, encantada.. Mas que engraçado! O outro, o moreno, preocupava-a. Parecia-se com Charles. A Charles tivera ela respeito — e o Charles acabaria por a matar se tivesse podido.

Que remédio maravilhoso! Não só acabava com a dor como dava coragem. Dentro em pouco, venderia tudo, iria para Nova York e realizaria o seu

projeto. E dizer que tivera medo da Ethel! Era preciso ter estado muito doente! Medo daquele traste estúpido! E se a matasse só à força de bondade? Assim que o Joe a encontrasse, porque não haveria de levá-la para Nova York e mantê-la ao alcance da mão? Kate teve uma ideia divertida. Seria um crime cómico e um caso insolúvel. Chocolates! Caixas de chocolates! Pacotes de bombons! Toucinho cozido, do mais gordo, vinho do Porto e manteiga com fatura! Todos os pratos a nadarem em manteiga e em creme desnatado. Nada de legumes e nada de fruta. E distrações nenhuma. Fica em casa, querida. Pois claro, então não havia de confiar em ti? Olha pelas coisas. Tu estás cansada. Vai-te deitar. Deixa-me encher-te o copo. Trouxe-te bombons. Porque não os comes na cama? Se não te sentes bem, toma um clister. Que ricas nozes, não achas? A refinadíssima cadela estourava em seis meses. E a bicha solitária? Nunca teriam assassinado ninguém com a bicha solitária? Como se chamava aquele homem que morreu de sede... Tântalo? Kate babava-se de prazer. Antes de se ir embora, ofereceria uma festa aos filhos. Uma festinha simples com uma sessão de circo para terminar, só para os queridinhos — as suas joias. E então lembrou-se do lindo rosto de Aron, tão semelhante ao seu. A recordação despertou-lhe uma dor estranha no peito, uma espécie de vertigem. Aron era uma criatura indefesa, incapaz de se proteger. Mas o moreno podia ser perigoso. Medira forças com ele e fora vencida. Antes de se ir embora, havia de lhe dar uma lição. Talvez... pois claro, porque não?... uma boa blenorragia o ensinasse a ter juízo.

Mas não queria que Aron descobrisse a verdade a seu respeito. Talvez ele a fosse visitar a Nova York? Nesse caso, era capaz de pensar que ela sempre tinha vivido numa elegante casinha do East Side. Iriam os dois ao teatro, à ópera, e as pessoas ficariam admiradas com a sua beleza, tomando-os umas vezes por irmãos e, outras, por mãe e filho. Eram tão parecidos! Também iriam juntos ao enterro da Ethel. Seria necessário encomendar um caixão especial e contratar seis matulões para carregar com tamanho peso. Kate divertia-se tanto que não ouviu Joe bater à porta. Farto de esperar, o rapaz espreitou pela nesga da porta e avistou a expressão jovial de Kate.

— O café da manhã — disse ele. — E empurrou a porta com o canto da bandeja, fechando-a com o joelho. — Quer que ponha lá dentro? — perguntou ele designando com o queixo a salinha cinzenta.

— Não, aqui. E traz-me um ovo quente e torradas com canela. O ovo com quatro minutos e meio para não ficar muito cru.

— A senhora parece estar muito melhor.

— E estou — disse ela. — O novo remédio é miraculoso. Mas que cara a

tua, Joe. Não te sentes bem?

— Não tenho nada. — Joe colocou a bandeja em cima da mesa, diante da grande poltrona. — Quatro minutos e meio?

— Sim. E se encontrares uma boa maçã, das rijas, traz também.

— Nunca a vi nesse estado desde que a conheço.

Na cozinha, enquanto esperava que o ovo cozesse, sentiu-se ligeiramente apreensivo. E se ela soubesse? Cuidado! No fim de contas, ela não o podia censurar por ignorar qualquer coisa. Não era um crime. De regresso ao quarto, Joe disse: — Não havia maçãs, mas o cozinheiro recomendou-me esta pêra.

— Melhor ainda — disse Kate.

Viu-a cortar a casca do ovo e introduzir a colher na gema.

— Que tal? — Está ótimo — disse Kate. — Mesmo como eu gosto.

— Está com um aspecto esplêndido — disse ele.

— Sinto-me perfeita. Agora, tu é que me pareces esquisito. Que há? — Patroa, não há alguém que necessite tanto de quinhentos dólares como eu... Kate emendou: — Não há ninguém...

— Como? — Nada. Que estás tu para aí a querer dizer? Que não a encontraste, não é verdade? Se, de fato, a procuraste com cuidado, podes estar descansado que recibes os teus quinhentos dólares. Conta lá o que se passa.

Kate pegou no saleiro e sacudiu-o em cima do ovo. Joe repetiu a mímica que estudara diante do espelho do hotel.

— Muito agradecido — disse. — Estou sem cheta e vai-me fazer arranjo. Para começar, estive em Pajaro e em Watsonville. Em Watsonville deram-me uma pista e fui até Santa Cruz, mas ela já tinha tornado a desaparecer.

Kate provou o ovo e pôs mais sal.

— Mais nada? — Não — respondeu Joe. Depois de procurá-la ao acaso, dei um salto até San Luís. Disseram-me que a tinham visto, mas que se tinha posto na alheta.

— Sem deixar vestígios? Não fazes ideia do sítio para onde possa ter ido? Joe pôs-se a brincar com os dedos. Tudo dependia das palavras que iria proferir e sentia relutância em dizê-las.

— Então? — disse ela. — Sabes alguma coisa? Fala.

— O que sei pouco interessa. Nem sei que pensar.

— Não penses. Fala, que eu me encarrego de pensar — disse ela com segura.

— Talvez não seja verdade.

— Por amor de Deus! — Tive uma conversa com o último tipo que a viu.

Chama-se Joe como eu...

— E não te disse também o nome da avó? — perguntou Kate com sarcasmo.

— Esse tal Joe contou-me que, numa noite em que ela estava com um carregamento de cerveja, lhe disse que ia voltar para Salinas e ajustar umas certas contas. Depois, ela esfumou-se. O tipo não sabia mais nada.

Kate não conseguia disfarçar a aflição. Joe leu-lhe na cara a apreensão, o medo, o desespero e o pânico. Acertara em cheio. Fosse o que fosse, não havia dúvida de que estava ali a sua grande oportunidade.

Kate ergueu a cabeça: — É desnecessário tornar a pensar nesse estafermo — disse ela. — Vais receber os teus quinhentos dólares, Joe.

Ele respirou devagar, receando distraí-la. Kate acreditara.

E, o que era melhor, estava acreditando em coisas que ele nunca dissera. Tinha de sair daquele quarto o mais depressa possível.

— Muito obrigado, minha senhora — disse ele em voz muito baixa, encaminhando-se silenciosamente para a porta.

Já tinha a mão na maçaneta quando Kate perguntou num tom falsamente indiferente: — A propósito, Joe...

— Minha senhora?

— Se ouvires dizer alguma coisa, não te esqueças de me prevenir.

— Claro. Quer que continue a indagar?

— Não. Não vale a pena.

Mal fechou a porta do quarto à chave, Joe sentou-se, cruzou os braços, sorriu de contentamento e tratou logo de estabelecer o seu plano. O melhor seria deixá-la chocar a história durante, digamos, uma semana. Quando ela ficasse mais sossegada, voltaria novamente à baila com a Ethel. Ignorava o alcance e a potência da sua arma, mas tinha uma vontade enorme de se servir dela. E Joe teria rebentado a rir se soubesse que Kate estava sentada, de olhos fechados, na poltrona da sala cinzenta, com a porta fechada à chave.

Capítulo XLVI

Não é frequente chover no vale do Salinas em Novembro. O acontecimento é tão raro que tanto o Journal como o Index lhe costumam consagrar um artigo de fundo. Basta uma noite de chuva para que as colinas se cubram de verdura e o ar rescenda a tudo o que é bom. Mas a chuva nessa época

do ano não traz nenhum benefício especial à lavoura, a não ser que se prolongue, o que é extremamente invulgar. Na maior parte dos casos, dá-se o regresso da seca. Os rebentos murcham ou são queimados pela geada e lá se vai a futura colheita.

Os anos de guerra foram chuvosos. Muita gente dizia que a inconstância do tempo era devida aos tiros de canhão que se disparavam em França, opinião esta que chegou a ser seriamente debatida pelos jornais.

Não enviamos muitas tropas para França durante este primeiro inverno, mas treinamos intensamente milhões de homens que para lá deveriam seguir.

A guerra, por muito horrível que fosse, era apaixonante. Os Alemães não tinham sido detidos. Pelo contrário, haviam retomado a iniciativa, avançando metodicamente sobre Paris. Só Deus sabia quando poderiam ser sustidos, caso isso fosse possível. Se nos restava alguma esperança de salvação, estava nas mãos do General Pershing. O seu magnífico perfil marcial surgia todos os dias nos jornais. Tinha uma queixada de granito e não se lhe notava uma prega no capote. Era o padrão do verdadeiro soldado. Ninguém sabia ao certo o que ele pensava.

Nós só sabíamos que não podíamos perder, apesar de tudo indicar que caminhávamos para a derrota. Já não se conseguia arranjar farinha branca, a não ser que se comprasse quatro vezes mais farinha escura. As pessoas de maiores posses faziam pão e biscoitos de farinha branca e davam às crianças papas de farinha escura.

Na velha sala de armas, a Milícia, constituída por homens com mais de cinquenta anos, envergando estranhos uniformes, exercitava-se duas vezes por semana. Todos davam ordens uns aos outros e havia discussões intermináveis para saber quem devia comandar. William C. Burt faleceu na sala de armas durante uma cena de pancadaria; o coração não aguentou.

Havia ainda os Homens-Minuto, assim chamados porque faziam discursos de um minuto a favor da América nos cinemas e nas igrejas. Também usavam farda.

As mulheres enrolavam ligaduras, ostentavam uniformes da Cruz Vermelha e consideravam-se Anjos da Caridade. Todas tricotavam qualquer coisa para alguém. Estavam na moda os punhos de lã, destinados a evitar que o vento entrasse nas mangas dos soldados, e os capuzes de lã só com um buraco na frente para se poder olhar. Estes últimos pretendiam evitar que os capacetes de metal gelassem na cabeça.

Todos os pedaços de couro de qualidade eram aproveitados para fabricar

botas e os elegantes cinturões Sam Browne, reservados apenas aos oficiais. Estes cinturões compunham-se de um largo cinto e de uma correia que atravessava o peito e passava sob a dragona esquerda. Creio que eram copiados pelos dos Ingleses, que já haviam certamente esquecido a sua primitiva função, isto é, segurar uma pesada espada. As espadas só se usavam nas paradas, mas nenhum oficial queria morrer no campo de batalha sem um cinturão Sam Browne. Os de melhor qualidade custavam vinte e cinco dólares.

Os Britânicos ensinaram-nos muitas coisas e não os teríamos copiado se não fossem magníficos combatentes. Os homens começaram a usar o lenço na manga e certos tenentes aperaltados já não se mostravam em público sem o pingalim na mão. Apenas houve uma moda a que resistimos mais tempo por nos parecer extremamente idiota: o relógio de pulso.

Também tínhamos os nossos inimigos internos e exercíamos uma aturada vigilância. San José praticava a caça ao espião e Salinas não se deixaria ficar para trás — Salinas era uma grande cidade.

O Sr. Fenchel Pinha oficina de alfaiate, em Salinas, há mais de vinte anos. Era um homenzinho gorducho com um sotaque bastante cómico. Trabalhava todo o dia na sua loja de Alisal Street e, à noite, regressava a pé à sua casa da Central Avenue. Passava o tempo a pintar as paredes e a cerca branca que delimitava o jardim. Ninguém dera pelo seu sotaque até ao dia em que rebentou a guerra. De repente, todos compreendemos. Era um sotaque alemão. Finalmente, tínhamos um alemão muito nosso. Não lhe serviu de nada arruinar-se na compra de Bónus da Defesa. Que maneira tão fácil de disfarçar! A Milícia não queria prendê-lo. Introduzir um espião na sede da Defesa Nacional? Nunca! E quem estaria disposto a usar um fato cortado pelo inimigo? Ninguém! O Sr. Fenchel continuou a ir à oficina, mas passava o dia a alinhar e a coser o mesmo bocado de pano.

Fomos extremamente cruéis com o Sr. Fenchel. Ele era o nosso alemão. Todos os dias o víamos passar à nossa porta e tempo houvera em que cumprimentava todos os homens, todas as mulheres, todas as crianças e todos os bichos, e em que todos retribuía, Mas, agora, já ninguém lhe falava e, quando penso nele, torno a ver a sua pobre cara em que se estampavam a tristeza, a solidão e o amor-próprio ferido.

A minha irmã mais nova e eu desempenhamos um papel no caso do Sr. Fenchel. É uma dessas amargas recordações que eu não consigo evocar sem sentir um aperto na garganta e a testa coberta de suor. Uma noite, quando estávamos no nosso jardim, vimo-lo avançar pelo passeio do outro lado. Levava

o impecável chapéu preto muito direito na cabeça. Não me lembro se estávamos combinados, mas não seria para admirar, dado o brio com que efetuamos o ataque.

Mal ele se aproximou, a minha irmã e eu atravessamos a rua.

O Sr. Fenchel levantou a cabeça quando viu que nos dirigíamos para ele e que nos detínhamos à beira do passeio.

Assomou-lhe um sorriso aos lábios e disse: — Poa nôte, Chon, poa nôte, Mary.

Nós não nos mexemos e, de repente, gritamos em coro:

— Hoch der Kaiser! Estou a ver-lhe a cara, os grandes olhos azuis, o olhar inocente e estupefato. Ele quis dizer qualquer coisa, mas desatou a chorar. Nem sequer tentou defender-se, dizer que não era alemão. Deixou-se ficar quieto e continuou a soluçar. Então, a Mary e eu viramos as costas e tornamos a entrar no nosso jardim. Sentíamo-nos horivelmente culpados. Ainda hoje nos sentimos.

Mas nós não tínhamos idade suficiente para acometer o Sr. Fenchel. Por isso, foram homens vigorosos — uns trinta que tomaram conta do caso. Numa noite de sábado, reuniram-se num bar e, formados a quatro, subiram a Central Avenue gritando: “Hurra! Hurra!” Depois, arrancaram a cerca branca do Sr. Fenchel e pegaram fogo à casa. Os filhos da puta do grandíssimo Kaiser que fossem gozar para a terra deles! E agora Salinas já podia pedir meças a San José.

Isto teve o condão de excitar os de Watsonville. Para que não nos ficássemos a rir, pegaram num polaco que tomaram por um boche e mergulharam-no em alcatrão, cobrindo-o depois de penas. A verdade é que o homem também tinha sotaque.

Nós, em Salinas, fizemos o que se faz inevitavelmente quando há guerra, e pensamos como se costuma pensar. Soltamos brados de alegria quando os comunicados oficiais eram bons, e morríamos de medo quando as notícias eram más. Todos tinham um segredo que confiavam sem mencionar a origem. O nosso padrão de vida mudou como é hábito em tais conjunturas, os salários e os preços treparam. Quando se falou em racionamento, todos nos pusemos a comprar e a armazenar víveres. Pacatas senhoras da melhor sociedade arrepelavam-se umas às outras por causa de uma latinha de tomates.

Mas nem tudo era maldade, mesquinhez ou histeria. Também houve heroísmo. Muitos homens, que não eram obrigados a alistar-se, foram para a guerra. Outros, que recusavam combater por motivos de consciência moral ou religiosa, sofreram o inevitável calvário. Alguns, deram tudo o que tinham, pois

tratava-se da última guerra e, se a ganhássemos, seria como se arrancássemos um espinho da carne do mundo e não se tornaria a repetir tamanha insensatez. . .

A morte no campo de batalha não se reveste de dignidade. Na maioria dos casos, consiste numa pavorosa confusão de carne e sangue oferecendo um espetáculo assaz repugnante. Mas existe uma grande e quase serena dignidade no desgosto, nesse desgosto impotente e desesperado que se abate sobre uma família quando se recebe um telegrama. Não há nada a dizer, nada a fazer, só resta uma esperança — espero que não tenha sofrido — e é a esperança mais atroz que se possa imaginar. É bem certo que algumas pessoas, atenuado o desgosto, o substituíram por uma espécie de orgulho muito mais arrogante e embaraçoso. Algumas, mesmo, até dele tiraram proveito depois da guerra. É tudo quanto há demais natural, assim como é natural que um homem cujo ofício é ganhar dinheiro o ganhe com a guerra. Não se censurava um homem por isso, mas esperava-se que investisse uma parte dos lucros em Bónus da Defesa. Em Salinas, julgávamos ter inventado tudo isso, incluindo o desgosto.

Capítulo XLVII

1

Na casa dos Trask, ao pé da padaria Reynaud, Lee e Adam penduraram na parede um mapa da frente de batalha e semearam-no de alfinetes de cabeça colorida. Tinham a impressão de participar na guerra. Quando morreu o Sr. Kelly, Adam Trask foi convidado a substituí-lo na Junta de Recrutamento. Adam era o homem indicado. Tinha uma honrosa folha de serviços e a fábrica de gelo não lhe roubava muito tempo.

Adam Trask já estivera na guerra — uma pequenina guerra de manobras e emboscadas — mas, de qualquer modo, vivera essa experiência que consiste em infringir as leis e matar o maior número possível de homens. Adam só muito vagamente se recordava da sua guerra. Certas imagens tinham-lhe ficado gravadas na memória: um rosto, um monte de corpos queimados, uma carga de cavalaria de sabre desembainhado, o som arrepiante e irregular das salvas de carabina, a voz fria de um clarim na noite. Mas não passavam de ilustrações nas páginas de um livro, gravuras estáticas, confusas e mal desenhadas.

Adam cumpriu o seu novo dever com regularidade e tristeza. Não

conseguia escapar à sensação de que estava enviando para a morte os rapazes que apurava para o serviço. E como se sabia fraco, tornou-se cada vez mais rigoroso e menos propenso a aceitar desculpas e alegações que poderiam justificar a passagem à reforma de determinados indivíduos. Levava as listas para casa, ia visitar os pais e, na realidade, realizou muito mais trabalho do que se lhe poderia exigir. Parecia um daqueles juízes que lavram sentenças de morte e têm horror à força.

Henry Stanton observava Adam tornando-se cada vez mais calado e soturno. Henry gostaria de rir — o riso fazia-lhe falta. Um colega de cara bisonha punha-o doente.

— Descontraia esses nervos — disse ele um dia a Adam. — Parece que resolveu carregar sozinho com o peso da guerra. Afinal de contas, você não tem responsabilidade nenhuma. A sua tarefa consiste em obedecer a uma série de regras. Siga as regras e deixe o resto. Não é você quem dirige a guerra.

Adam desceu o estore de madeira para esconder o sol do fim da tarde e fitou as sombras paralelas projetadas na secretária.

— Eu sei — disse ele com lassidão — Oh! se sei. Só me apoquento quando a resolução depende de mim, quando depende do meu próprio juízo. Apurei o filho do juiz Kendal e ele, afinal, morreu na instrução.

— Isso não é consigo, Adam. Porque não bebe uns copos antes de se deitar? Ou vá ao cinema, para mudar de ideias. — Henry enfiou os polegares nas cavas do colete e entornou-se na cadeira. — E já que estamos a falar no assunto, Adam, deixe-me dizer-lhe que os rapazes não ganham nada com os seus escrúpulos. Eu até o vi recrutar homens que seriam dispensados por mim do serviço.

— Bem sei — disse Adam. — Só gostaria de saber quanto tempo isto ainda vai durar.

Henry lançou-lhe um olhar penetrante, tirou um lápis do bolso do colete e pôs-se a tamborilar com ele nos incisivos superiores.

— Percebo o que quer dizer.

Adam olhou-o com espanto. — O que é que eu quero dizer? — perguntou.

— Peço-lhe que não seja suscetível. Só agora é que me dou conta da minha felicidade. Não há nada como ter filhas.

Adam percorreu com o dedo uma das sombras que atravessavam a secretária.

— Pois é — disse ele numa voz débil, acompanhada por um suspiro.

— Os seus filhos só terão de se apresentar daqui a bastante tempo.

— Pois é.

Adam percorreu uma linha luminosa e, depois, penetrou numa zona de sombra.

— Não gostaria nada de... — principiou Henry.

— De quê?

— Gostaria de saber o que sentiria se tivesse de decidir a sorte de dois filhos.

— Eu me demitiria — disse Adam.

— Compreendo perfeitamente. Um pai talvez se sentisse tentado a dispensar os filhos.

— Não — disse Adam. — Demitia-me precisamente porque seria incapaz de os livrar, mesmo que eles o merecessem. Henry juntou as mãos e pô-las em cima da secretária.

— Não — disse ele.

— Tem razão. — Henry gostaria de se divertir e, sempre que podia, evitava as discussões a sério que, para ele, eram sinónimo de aborrecimento. — Que tal se dá o Aron em Stanford?

— Muito bem. Manda-me dizer que é difícil, mas que irá até ao fim. Já me prometeu vir passar o Dia de Ação de Graças conosco.

— Gostaria de o ver. Uma noite destas, encontrei o Cal na rua. A esse não lhe fazem o ninho atrás da orelha.

— Pois sim, mas não conseguiu acabar o curso um ano antes.

— Talvez não estivesse interessado nisso. Eu, por exemplo, não frequentei a Universidade. E você? — Também não. Estive na guerra.

— Isso é uma experiência magnífica.

Adam levantou-se vagarosamente, tirou o chapéu do cabide de chifre de veado e disse: — Boa noite, Henry.

2

De regresso a casa, Adam ia pesando as suas responsabilidades. Ao passar diante da padaria Reynaud, viu Lee a sair com um pão dourado.

— Apetecia-me pão de alho — disse Lee.

— Pois eu gosto dele com carne — disse Adam.

— É o que temos para o jantar. Havia correio?

— Esqueci de olhar a caixa.

Entraram em casa e Lee encaminhou-se para a cozinha. Poucos instantes depois, Adam foi ter com ele e sentou-se à mesa.

— Lee — perguntou — se mandarmos um homem para a guerra e o matarem, seremos responsáveis?

— Vá para a frente — disse Lee. — Prefiro sempre ouvir de uma só vez tudo o que têm a dizer-me.

— Suponha que surge uma pequena dúvida, mas que, apesar disso, mandamos o homem para a guerra e lá o matam? — Estou a ver. O que é que o apoquenta? A responsabilidade ou a censura? — Não se trata de recluir a censura.

— Às vezes a responsabilidade é pior.

— Tenho andado a pensar naquele dia em que o Sam Hamilton e você tiveram uma interminável discussão acerca de uma palavra. Que palavra era? — Agora compreendo. A palavra era Timshel.

— Timshel! E você disse...

— Eu disse que essa palavra conferia grandeza ao homem que soubesse tirar partido dela.

— Recordo-me que o Sam Hamilton se sentiu muito reconfortado.

— Porque a palavra o libertou — disse Lee. — Dava-lhe o direito de ser um homem com um destino diverso do dos outros homens.

— Isso corresponde à solidão.

— Como tudo o que é valioso.

— Como era a tal palavra?

— Timshel... Tu podes...

3

Adam aguardava com impaciência o Dia de Ação de Graças, data marcada para a visita de Aron. Embora o filho se tivesse ausentado havia muito pouco tempo, já o esquecera e formava dele uma imagem diferente; como todos os que amam, transformava o objeto amado. Com Aron ausente, os silêncios eram a consequência desse afastamento e com ele se relacionavam todos os pequenos dissabores. Adam falava no filho, orgulhava-se dele e contava mesmo a quem isso não interessava que Aron era inteligente e que fizera dois anos num só. Queria transformar o Dia de Ação de Graças numa autêntica festa para

demonstrar ao rapaz que tinham sabido apreciar os seus esforços.

Aron vivia num quarto mobilado, em Paio Alto, e percorria todos os dias, a pé, o caminho até à Universidade. Andava desgostoso. Esperara entrar num mundo vago e maravilhoso. Imaginara rapazes de olhar franco, moças imaculadas, envergando togas académicas e encaminhando-se para um alvo templo no cimo de uma colina. Os rostos eram luminosos, as vozes entoavam um cântico radioso e a cena passava-se à tardinha. Não sabia onde fora desencantar aquela visão da vida escolar. Talvez fosse nas ilustrações de Gustave Doré para o Inferno de Dante. A Universidade construída por Leland Stanford em nada se parecia com isso. Era um cubo de pedra castanha erguido no meio de um prado. Ao lado, havia uma igreja ornada de mosaicos italianos; as aulas tinham móveis de pinho envernizado e eram um universo como outro qualquer onde campeavam os sórdidos e mesquinhos antagonismos humanos, de mistura com alardes de fraternidade e quedas espetaculares. Quanto aos supostos anjos, não passavam de pálidos adolescentes com calças sebatas de bombazina. Uns enfronhavam-se nos estudos. Outros já praticavam os vícios dos progenitores.

Aron, que sempre supusera não ter lar, sentia agora saudades pungentes do seu. Não quis adaptar-se à nova vida, nem participar dela. Após o que sonhara, o banzé e as palhaçadas dos estuantes pareceram-lhe horríveis.

Trocou o dormitório da Universidade por um sinistro quarto mobilado onde se poderia entregar a outro sonho mais recente.

Depois das aulas, regressava logo a casa para viver no meio das recordações que pusera a descoberto. A vivenda contígua à padaria Reynaud era objeto de constantes e saudosas peregrinações. Lee era o melhor dos amigos e dos conselheiros, o pai era um ídolo, o irmão um encanto, e Abra... Abra era um sonho imaculado. Criado o sonho, irrompeu a paixão. À noite, terminado o estudo, Aron mergulhava na carta quotidiana como se entrasse num banho perfumado. À medida que essa imagem de Abra ia ficando mais radiosa, mais pura e mais bela, Aron ia sentindo um prazer crescente em se considerar perverso. Freneticamente, lançava no papel jubilosas abjecções a respeito de si próprio, até que se deitava purificado, como se saísse de um ato sexual. Bastava-lhe descrever os seus desejos para renunciar a eles. O resultado eram cartas banhadas de melancolia, mas uma melancolia tão elevada que deixava Abra apreensiva. Ela era incapaz de perceber que a sexualidade de Aron enveredara por um caminho normal.

Aron cometera um erro. Embora o admitisse, tinha de suportar as consequências. Assim que voltasse a casa, adquiriria a certeza. Talvez nunca

mais regressasse à Universidade. Lembrou-se de que Abra sugerira que fossem viver para o rancho, e era esse, agora, o seu sonho. Pôs-se a recordar os frondosos carvalhos e o ar puro, o vento perfumado que descia dos montes e a ramaria a tremular. Abra esperava-o debaixo de uma árvore. Era ao anoitecer. Lá, após o trabalho, como é evidente, viveria em pureza e em paz com o mundo, dele separado pelo pequeno vale. E, à noite, ficaria ao abrigo de tudo quanto é vil...

Capítulo XLVIII

1

No fim de novembro, a Negra morreu e foi enterrada na austeridade, conforme pedira no seu testamento. Esteve exposta durante um dia na capela funerária da casa Muller, encerrada num caixão de ébano e prata, onde o seu perfil severo e magro parecia ainda mais ascético à luz dos quatro enormes candelabros dispostos a cada canto do ataúde.

O marido, um preto de baixa estatura, acorrou-se como um gato junto ao seu ombro direito, e ali se deixou estar várias horas tão imóvel como ela. Não houve flores, nem coroas, nem sermões, nem lágrimas. Mas apareceu uma estranha coleção de homens, que entraram no bico dos pés e deitaram uma olhadela à defunta: advogados, operários, empregados de escritório e de banco, muitos deles já com mais de meia idade. Depois, vieram, uma a uma, as pequenas da Negra, por decoro e porque dava sorte.

Com a morte da Negra desaparecia uma instituição de Salinas. A cidade perdia o templo onde se adorava o fatal e escuro sexo com o mesmo desespero e a mesma selvajaria de um sacrifício humano. Ficava a casa de Jenny com o seu estardalhaço de gargalhadas. Na casa de Kate, os homens continuariam a deleitar-se em êxtases maléficos que os deixavam transtornados, fracos e assustados com a própria perversidade. Mas nunca mais se assistiria à sombria comunhão que tanto se assemelhava a uma oferenda da liturgia vudu.

O enterro, também por exigência do testamento, apenas foi constituído pelo carro funerário e por um automóvel onde seguia amarfanhado o homenzinho preto. O dia estava cinzento e, mal a casa Muller desceu o caixão com roldanas lubrificadas e silenciosas, a carreta desapareceu e foi o próprio

marido que teve de atirar a terra para o coval com uma pá nova. O porteiro do cemitério, que aparava a relva um pouco mais longe, ouviu um gemido levado pelo vento.

Joe Valery fora beber um copo com Butch Beavers e aproveitaram a ocasião para deitar uma vista de olhos à Negra. Butch estava cheio de pressa, pois tinha de ir a Natividad para leiloar um rebanho de Herefords de cabeça branca por conta dos Tavernetti.

Ao saírem da casa mortuária, Joe encontrou Alf Nicholson — o estarola do Alf Nicholson — um dos raros sobreviventes de uma era remota. Alf era o homem dos sete ofícios: carpinteiro, canalizador, ferreiro, eletricista, estucador, amola tesouras e remendão. Alf, que sabia fazer de tudo e trabalhava sem descanso, nunca conseguira amealhar fortuna. Era um homem que sabia tudo sobre todos, desde que o mundo era mundo.

No tempo em que fora novo, havia dois gêneros de pessoas que tinham acesso a todas as casas e a todas as bisbilhotices: a costureira e o homem-quedava-uma-ajuda. Alf conhecia todas as histórias de todas as casas que ficavam dos dois lados da Main Street. Era um bisbilhoteiro inveterado, insaciavelmente curioso e vingativo, embora sem maldade.

Olhou para Joe e tentou recordar-se onde já o tinha visto.

— Eu te conheço — disse ele. — Espera, não me digas.

Joe recuou. Desconfiava das pessoas que o conheciam.

— Já sei. Tu trabalhas em casa da Kate.

Joe soltou um suspiro de alívio. Receava que Alf o tivesse conhecido mais cedo.

— Isso mesmo — concordou ele rapidamente.

— Nunca me esqueço de uma cara — disse Alf. — Vi-te lá na casa quando andava a fazer a salinha cinzenta. Para que era que ela queria aquilo? Nem sequer tinha janela!

— Ela gosta de estar às escuras — explicou Joe. — Tem dores nos olhos.

Alf fungou. Podiam dizer-lhe as coisas mais simples que ele não acreditava. Se alguém desse os bons-dias a Alf, ele procuraria logo descortinar o sentido oculto dessa palavra. Convencera-se deque toda a gente dissimulava um segredo e de que só ele o poderia decifrar.

Com um aceno da cabeça, designou a casa Muller.

— Mais uma — disse ele. — Já desapareceram quase todos os pioneiros. Quando a Jenny se for, será o fim. E já falta pouco.

Joe sentia-se nervoso. Apetecia-lhe ir embora, e Alf bem o sabia. Alf

descobria sempre quais eram as pessoas que se queriam furtar à sua companhia. Talvez fosse esse o motivo que o levava a armazenar tanta coscuvilhice; quem não escutaria um homem que conhecia tantas histórias saborosas a respeito dos vizinhos? No coração de todos nós, há uma bisbilhoteira em embrião. Ninguém gostaria de Alf, mas todos lhe davam ouvidos. O mexeriqueiro compreendeu que Joe ia invocar um pretexto para se afastar. Subitamente, lembrou-se de que havia já muito tempo que não sabia novidades de Kate. Talvez pudesse trocar algumas velhas histórias por outras mais recentes.

— Bons tempos que nunca mais voltam — prosseguiu ele.

Nessa altura, eras tu um petiz.

— Tenho de me encontrar com um tipo meu amigo — disse Joe.

Alf fingiu que não tinha ouvido.

— Olha a Faye, por exemplo — disse ele. — Aquilo é que era uma mulher. — E acrescentou entre parênteses: — Antes era a Faye quem mandava na barraca. Ninguém sabe como foi que a Kate a sucedeu. É um mistério que chegou a levantar suspeitas.

Alf teve a satisfação de perceber que o tipo a quem Joe marcara um encontro ia ter de esperar um bom bocado.

— Que suspeitas? — perguntou Joe.

— Ora! Tu sabes o que são os boatos. Se calhar não tinham fundamento nenhum. Mas a verdade é que tudo aquilo foi bastante esquisito.

— Queres tomar qualquer coisa? — perguntou Joe.

— Já não era sem tempo — respondeu Alf — Há quem diga que os funerais dão vontade de ir para a cama com uma mulher. Eu devo estar a ficar velho; a mim, só me dão sede. A Negra também era um caso sério. Se eu contasse o que sei... Há trinta e cinco... não, há trinta e sete anos que a conhecia.

— Quem era a Faye? — perguntou Joe.

Entraram no bardo Griffin. Era um homem que tinha horror ao álcool e que desprezava soberanamente os alcoólicos. Amo e senhor absoluto do seu bar, havia certos sábados em que chegava a recusar uma rodada de vinte copos aos fregueses que, na sua opinião, já estavam demasiado tocados. O negócio corria-lhe às mil maravilhas e frequentava-se o seu bar limpo e sossegado para efectuar transações ou para discutir sem receio de ser interrompido.

Joe e Alf sentaram-se à mesa redonda do fundo e cada qual bebeu três canecas de cerveja. Joe foi posto ao corrente do verdadeiro e do falso, do que era fundado e infundado, das suspeitas e das insinuações. De toda aquela trapalhada confusa, extraiu algumas ideias. Devia haver algo de equívoco na morte da Faye.

Kate talvez fosse mulher de Adam Trask. Não se mostrou interessado por isto — o Trask talvez estivesse disposto a pagar. Quanto à história da Faye, ainda estava muito quente para lhe tocar. Precisava de pensar no assunto — mas a sós.

Ao cabo de duas horas de tagarelice, Alf estava danado. O Joe não se tinha descaído. Em troca do que ficara a saber, não havia fornecido a mínima ideia nem a mínima indicação. Alf concluiu então: se um tipo não quer abrir a boca é porque pretende esconder alguma coisa. A quem hei de pedir informações dele? Finalmente, Alf disse: — Sabes, eu gosto muito da Kate. De vez em quando, arranja-me trabalho, paga-me bem e sem demoras. Tudo o que contam a respeito dela deve ser mentira. Mas, se pensarmos melhor, é uma mulher muito estranha. E tem um destes olhares! Não achas? — Eu não me tenho dado mal — afirmou Joe.

A perfídia de Joe teve o condão de enraivecêr Alf que resolveu vingar-se com uma alfinetada: — Uma vez, passou-me uma ideia esquisita pela cabeça. Eu estava a fazer a salinha sem janela e ela olhou-me com aquele olhar frio. Vai daí, pus-me a matutar que se ela soubesse tudo o que eu sei dela e me oferecesse um copo ou uma fatia de bolo... pois sim! dizia-lhe logo: “Não minha senhora, muito obrigado”.

— Pois eu entendo-me muito bem com ela — repetiu Joe. — E agora tenho de ir estar com o tal tipo.

Joe encaminhou-se para casa, pois queria pensar em sossego no seu quarto. Sentia-se apreensivo. De repente, pôs-se de pé, examinou a mala da roupa e abriu todas as gavetas. Receava que alguém lhe tivesse revistado o quarto. Uma desconfiança, sem mais nem menos. Mas estava tudo em ordem. Contudo, ficou nervoso. Procurou dar uma arrumação às coisas que acabara de saber.

Bateram à porta e Thelma entrou, de olhos inchados e nariz vermelho.

— Gostaria de saber o que é que deu à Kate.

— Ela tem andado doente.

— Não me refiro a isso. Estava eu na cozinha a beber um copo de leite, quando ela chegou e me deu uma bofetada.

— Tens a certeza de que não havia uísque no teu leite?

— Não. Juro-te que era só leite com baunilha. Ela não tem o direito de me tratar deste modo.

— Mas tratou, não tratou?

— Sim, mas eu é que não estou disposta a aturar uma coisa destas.

— Ai não, que não estás!

Thelma fitou-o com o seu belo olhar sombrio e misterioso. Recuperada a calma, já se sentia mais forte.

— Joe — perguntou ela — tu és realmente um filho da puta ou apenas finges ser?

— Que tens tu com isso?

— Nada, seu filho da puta!

2

Joe resolveu agir devagar, com muita cautela e só depois de madura reflexão.

“Agora que tenho os cordelinhos na mão, não posso desperdiçá-los.” Foi receber ordens ao quarto de Kate, mas apenas lhe viu as costas. Ela estava sentada à secretária, com a pala verde em cima dos olhos, e nem sequer se voltou para ele. Após ter dado as ordens numa voz seca, prosseguiu: — Joe, não sei se tens tomado conta da casa como deve ser. Eu estive doente, mas agora já me sinto melhor.

— Passa-se alguma coisa?

— É muito possível. Tenho a impressão de que a Thelma estava a beber uísque em vez de leite com baunilha. Não gosto que ela beba uísque. Aí deve andar desmazelo teu.

Joe procurou uma desculpa.

— Tenho tido muito que fazer!

— Muito que fazer?

— Pois claro. Tenho andado às voltas com o seu caso.

— Que caso?

— Então, não sabe? A Ethel.

— Deixa pra lá a Ethel!

— Está bem — disse Joe. — Depois, sem querer, acrescentou: — Vi ontem um tipo que me disse que a tinha encontrado.

Se Joe não a conhecesse, não teria feito a pequenina pausa, não lhe teria concedido os rígidos dez segundos de silêncio, ao cabo dos quais ela perguntou: — Onde?

— Aqui.

Kate rodou lentamente a cadeira giratória e encarou-o.

— Eu não devia ter te deixado trabalhar às escuras, Joe. Custa muito

confessar um erro, mas, às vezes, não há outro remédio. Escusado será lembrarte que fiz com que a polícia pusesse a Ethel fora da comarca. Pensava que ela me tivesse feito algum mal. — A voz adquiriu um tom melancólico. — Afinal, tinha-me enganado. Só mais tarde é que compreendi. Agora sinto remorsos por lhe ter causado dissabores sem nenhuma necessidade. Quem me dera encontrá-la e ajudá-la a esquecer. “És capaz de achar estranho este meu desejo.

— Não acho, não.

— Então vê se a encontras, Joe. Só me sentirei melhor quando tiver recompensado essa pobre desgraçada.

— Vou tentar descobri-la.

— Joe, se precisares de dinheiro, é só dizer-me. Se a encontrares, repete-lhe o que te disse. Se ela não quiser vir cá, pergunta-lhe para onde posso telefonar. Precisas de dinheiro? — Para já, não. Mas vou ter que me ausentar muitas vezes de casa.

— Muito bem. Podes ir, Joe.

Joe estava delirante de alegria. No corredor, cruzou os braços e abraçou os ombros, como se quisesse conter a satisfação que se apoderara dele. Por pouco, era capaz de pensar que fora tudo imaginado por ele. Atravessou a sala quase às escuras e cheia de murmúrios, abriu a porta da rua e contemplou o céu onde as estrelas apareciam e desapareciam entre as nuvens arrastadas pelo vento.

Joe pensou no pai. Recordava-se de qualquer coisa que o velhote lhe tinha dito: “Desconfia das almas caridosas, aconselhara o pai. É preciso muita cautela com essas damas que andam sempre de mão estendida.” Joe murmurou: — Uma alma caridosa! Sempre a julguei mais forte do que isso.

Lembrou a conversa que acabara de ter com ela e pesou cada uma das palavras para ter a certeza de que não eram uma faca de dois gumes. Não, não era nada disso. Tornou a pensar no que Alf lhe dissera: “Se ela me oferecesse um copo ou uma fatia de bolo...”

3

Kate continuava sentada à secretária. Ouvia o vento que assobiava nos alfeneiros, e tanto o vento como a escuridão estavam cheios de Ethel, gorda, flácida, viscosa como uma alforreca. Kate sentiu-se tremendamente exausta.

Entrou na salinha cinzenta, fechou a porta e sentou-se no escuro, escutando as pequeninas dores que marinhavam pelos dedos como formigas. O

sangue latejava-lhe nas fontes. Apalpou a cápsula pendente do fio de ouro e esfregou na cara o tubinho de metal ainda morno do contato com os seios. A coragem voltou a pouco e pouco. Foi lavar a cara, pintou-se, penteou-se e tufou o cabelo. Depois, desceu até à sala, mas deteve-se à porta, como de costume, para escutar.

Duas mulheres e um homem estavam a conversar, mas todos se calaram quando Kate entrou e disse: — Helen, precisava de falar contigo se não estivesses ocupada.

A moça acompanhou-a até ao quarto. Era uma loura deslavada com uma pele cor de osso encerado.

— Que há, minha senhora? — perguntou ela receosamente.

— Senta-te. Não há nada de especial. Tu foste ao enterro da Negra?

— Não queria que fosse?

— Isso não interessa. Foste ou não?

— Fui, sim, minha senhora.

— Conta-me.

— O quê?

— Tudo de que te lembrares. Como foi?

Helen respondeu nervosamente: — Foi horrível e magnífico ao mesmo tempo.

— Que queres tu dizer?

— Não sei. Não havia flores, nem coisa nenhuma. Mas havia... uma espécie... uma espécie de dignidade. A Negra estava estendida num caixão preto com quatro enormes candelabros até parecia nem sei como dizer.

— Já disseste, deixa lá. Como estava vestida?

— Vestida?

— Sim. Não a enterrariam nua, não é?

Helen tentou concentrar-se. — Não sei — acabou por dizer. — Não me lembro.

— Foste ao cemitério?

— Não, minha senhora. Ninguém foi a não ser ele.

— Quem?

— O homem dela.

Kate perguntou depressa, quase com demasiada pressa: — Tens fregueses esta noite?

— Não, minha senhora. Hoje é véspera do Dia de Ação de Graças. O negócio está fraco.

— Já me tinha esquecido — disse Kate. — Podes ir embora.

Mal a moça saiu, aproximou-se da secretária. E enquanto examinava a conta discriminada do canalizador, ia afagando com a mão esquerda o fio pendurado ao pescoço: aquilo dava-lhe uma vaga sensação de conforto e de segurança.

Capítulo XLIX

1

Lee e Cal procuraram dissuadir Adam de ir à estação esperar o expresso San Francisco-Los Angeles.

— Por que não deixas ir antes a Abra sozinha? — perguntou Cal. — É a primeira pessoa que ele deve querer ver.

— Se fôssemos todos, ele até era capaz de não dar por nós — acrescentou Lee.

— Eu quero vê-lo sair do trem — disse Adam. — Ele deve estar muito mudado. Lee disse: — Só se foi embora há dois meses; é impossível que tenha mudado ou envelhecido.

— Pois eu ia jurar que sim.

— Se tu fores, teremos todos de ir — disse Cal.

— Não tens vontade de ver o teu irmão? — perguntou Adam com severidade.

— Claro que tenho. Mas ele é que não deve ter vontade de me ver... pelo menos, em primeiro lugar.

— Tem, sim — disse Adam. — Não subestimes o teu irmão.

Lee levantou as mãos em sinal de desistência: — Então, vamos.

— É formidável — disse Adam. — Quantas coisas não terá ele aprendido? Só queria saber se já fala de outra maneira. Sabe, por acaso, Lee, que no Leste os estuantes costumam adoptar a linguagem da Universidade que frequentaram? É fácil distinguir um estudante de Harvard de um estudante de Princeton. Pelo menos, é o que se diz.

— Hei de apurar o ouvido — disse Lee. — Sempre gostaria de saber que dialecto usam em Stanford. O chinês e Cal trocaram um sorriso, mas Adam não achou graça nenhuma.

— Pôs fruta no quarto dele? Não se esqueça de que ele adora a fruta.

— Pus peras, maçãs e uvas moscatel.

— É verdade, ele gosta muito de uvas moscatéis. Agora me lembro.

Empurrados por Adam, chegaram à estação meia hora antes da tabela do trem. Abra já lá se encontrava.

— Amanhã não posso almoçar, Lee — disse ela. — O meu pai quer que fique em casa. Irei logo depois do jantar, assim que estiver despachada.

— Parece-me um pouco ansiosa — observou Lee.

— E você não está?

— Também estou, sim. Espreite lá para a linha para ver se o sinal já está verde.

2

A pontualidade dos trens constitui motivo de orgulho e de apreensão para muita gente. Quando o sinal passa do encarnado ao verde e surge o farol da locomotiva pondo em relevo todos os pormenores da estação, os homens costumam consultar o relógio e dizer: “Chega à tabela.” A sensação de orgulho é acompanhada de alívio. A noção da importância do segundo nas atividades humanas tem aumentado cada vez mais. Pouco falta para que o segundo seja substituído pelo décimo de segundo, depois, pelo centésimo, até ao dia — custame a crer que ele chegue — em que o homem extenuado há de dizer: “E depois, no fim de contas, o que é uma hora na vida de um homem?” Mas esta preocupação da fração de segundo não é ridícula. Um fato que se produz demasiado cedo ou demasiado tarde pode escangalhar o mecanismo moderno e as consequentes perturbações propagar-se-ão, como círculos num charco para onde se atirou uma pedra.

O expresso, lançado a toda a velocidade, penetrou na gare como se não tivesse a intenção de parar. A máquina e os furgões já tinham passado quando se ouviu o silvo dos freios de ar comprimido.

Do trem desceu muita gente, especialmente parentes que vinham visitar a família naquele dia de festa, ajoujados ao peso da bagagem e das prendas. A família de Aron não o descobriu logo. O rapaz parecia ter crescido.

Aron trazia um chapéu de copa achatada com fita estreita, extremamente elegante. Assim que avistou a família, desatou a correr e tirou o chapéu. Tinha os cabelos louros cortados à escovinha. Os olhos brilhavam e o grupo riu de prazer

ao vê-lo.

Aron largou a mala e ergueu Abra nos braços. Depois de a colocar no chão, estendeu as mãos a Adam e a Cal. Finalmente, empunhou Lee pelos ombros e abraçou-o com risco de o sufocar.

De regresso a casa, todos falavam ao mesmo tempo: “Como estás?” “Pareces vender saúde.” “Abra, tu estás esplêndida.” “Porque cortaste o cabelo?” “É a moda.” “Tinhas um cabelo tão bonito.” Percorreram rapidamente a Main Street. À esquina da Central Avenue, passaram diante da montra da padaria Reynaud, onde se amontoavam as belas carcaças douradas, e a dona acenou-lhes com a mão enfarinhada. Finalmente, entraram em casa.

Adam perguntou: — Há café, Lee? — Deixei-o ao fogo antes de sair.

As xícaras tinham ficado prontas. Subitamente, compreenderam que estavam todos novamente reunidos, Aron e Abra no divã, Adam na sua poltrona debaixo do candeeiro, Lee que servia o café, e Cal de pé, de braços cruzados, na moldura da porta. Conservaram-se calados por já ser muito tarde para as banalidades e muito cedo ainda para outra coisa qualquer.

Adam rompeu o silêncio: — Quero que me contes tudo. Tiveste boas notas?

— Só faço exame no mês que vem, papai.

— Estou certo de que hás de ter boas notas. Mesmo contra vontade, Aron esboçou uma careta de impaciência.

— Amanhã logo falamos — disse Adam. — Tu deves estar cansado.

— Apostava o contrário — disse Lee. — Ele deve ter é vontade de ficar só. Adam olhou para Lee e disse: — Evidentemente... evidentemente. Queres que nos vamos deitar? Abra resolveu o problema.

— Eu não posso ficar muito tempo — disse ela. — Acompanhas-me a casa, Aron? Amanhã logo nos vemos todos outra vez.

Durante o trajeto, Aron sentia arrepios apesar de ir aconchegado ao braço de Abra.

— Vamos ter geada — disse ele.

— Gostaste de voltar a casa?

— Gostei. Tenho muitas coisas a dizer-te.

— Boas?

— Isso depende de ti.

— Estás com um ar muito sério.

— O caso é sério.

— Quando te vais embora?

— No domingo à noite.

— Então, temos muito tempo à nossa frente. Eu também preciso de falar contigo. Ainda temos o dia de amanhã, sexta, sábado e todo o domingo. Não te importas de não entrares esta noite em minha casa?

— Por quê?

— Depois te explico.

— Eu queria saber já.

— O meu pai anda com uma crise.

— Contra mim?

— Sim. Amanhã não posso jantar contigo. Mas tenciono comer pouco em casa. Não te esqueças de pedir ao Lee para me guardar alguma coisa.

A timidez apoderara-se novamente de Aron. Abra podia senti-lo pelo braço que se soltara, pelo silêncio e pela cabeça levantada.

— Não te devia ter dito isto esta noite.

— Fizeste bem — respondeu ele devagar. — Diz-me com franqueza: continuas a gostar de mim?

— Continuo.

— É tudo o que pretendo saber. Vou-me embora, adeus. Amanhã nos tornaremos a ver.

Abra ficou um instante à porta, guardando nos lábios o gosto do beijo fugaz e sentindo-se um pouco vexada por ele ter concordado em se ir embora tão depressa. Depois, troçou de si mesma, pois era ridículo ficar vexada quando se obtinha o que se pedia. Os passos afastavam-se rapidamente e Abra entrou em casa. “Devo estar doida. Não passou tudo de imaginação minha.” 2 No seu quarto, depois de ter dado as boas-noites aos demais, Aron sentouse à beira da cama e contemplou as mãos cruzadas entre os joelhos. Sentia-se abandonado, incapaz de se defender da ambição do pai. Até àquela noite nunca avaliara a amplitude dessa ambição e perguntava a si mesmo se não lhe faltariam as forças para se libertar. Não conseguia ordenar as ideias. A casa parecia úmida e fria. Arrepiou-se, levantou-se e abriu de mansinho a porta do quarto. A luz de Cal estava acesa. Bateu à porta e entrou sem esperar pela resposta.

Cal estava sentado diante de uma secretária nova, entretido a recortar papéis de cor. Ao ouvir entrar Aron, tapou apressadamente qualquer coisa com o mata-borrão. Aron sorriu.

— Presentes? — perguntou.

— Sim — respondeu Cal, sem acrescentar mais nada.

— Posso falar contigo?

— Evidentemente. Mas fala em voz baixa se não queres que o papai apareça. Ele tem sempre medo de perder alguma coisa.

Aron sentou-se na cama, mantendo-se calado durante tanto tempo que Cal lhe perguntou: — Há alguma coisa? Tiveste alguma contrariedade?

— Não, não tive. Queria falar contigo. Cal, eu não quero voltar para a Universidade.

Cal teve um sobressalto e voltou-se: — Que dizes? Por quê?

— Não gosto daquilo.

— Espero que ainda não tenhas dito nada ao papai? Ele ficava desapontado. Já basta que eu também não queira ir. Que tencionas fazer?

— Gostaria de ir viver no rancho.

— E a Abra?

— Foi ela quem me fez a proposta.

Cal observou-o atentamente.

— Não sabes que o rancho está arrendado?

— Sei, sim.

— E sabes que a lavoura não dá nada?

— Eu de pouco preciso. Contento-me com o suficiente para viver.

— Isso para mim não me chegava — disse Cal. — Tenciono ganhar muito dinheiro e hei de consegui-lo.

— De que maneira?

Cal sentia-se mais velho e mais maduro do que o irmão. Mais forte, também.

— Se continuares a estudar, durante esse tempo montarei num negócio. Quando tiveres terminado, faço-te meu sócio. Cada um de nós dirigirá um ramo diferente. Seria uma boa ideia.

— Que necessidade tenho eu de voltar à Universidade?

— Porque assim quer o nosso pai.

— Não é razão.

Cal lançou um olhar feroz ao irmão. Analisou os cabelos louros, os olhos muito abertos e, de súbito, compreendeu porque é que o pai preferia Aron. Apressadamente, disse: — Espera por amanhã. Mais valia que terminasses o período e que não fizesses nada por enquanto. Aron ergueu-se e encaminhou-se para a porta.

— Para quem é o presente?

— Para o papai. Amanhã, depois do jantar.

— Não estamos no Natal.

— Não — disse Cal. — Mas ainda há de ser melhor do que no Natal.

Assim que Aron saiu do quarto, Cal afastou o mata-borrão e tornou a contar as quinze notas novinhas em folha. O banco de Monterey mandara-as vir de propósito de San Francisco e só depois de ter procedido a indagações. Causava escândalo que um garoto de Dezesete anos pudesse ter tanto dinheiro e que andasse com ele, ainda por cima. Os banqueiros não gostam de ver o dinheiro a passear, mesmo que a viagem tenha um objetivo sentimental. Fora necessário que Will Hamilton afirmasse que o dinheiro pertencia a Cal, que ele o ganhara honradamente e que podia fazer dele o que lhe apetecesse.

Cal embrulhou as notas em papel de seda e atou-as com uma fita encarnada, tentando, desajeitadamente, fazer o laço. O embrulho era tão pequeno que se poderia pensar que continha um lenço. Depois de o esconder debaixo das camisas, no armário, foi-se deitar. Mas não conseguiu conciliar o sono. Estava ansioso. Apetecia-lhe que o dia seguinte já tivesse decorrido e que o presente já estivesse nas mãos do dono. Pôs-se a imaginar o que tencionava dizer: “ Isto é para ti.” “O que é?” “Um presente.” A partir daqui, não conseguia prever o que se passaria. Deu voltas e reviravoltas na cama e, mal amanheceu, vestiu-se e saiu de casa com pezinhos de lã.

Na Main Street, o velho Martin conduzia a carroça da limpeza. A edilidade inscrevera no orçamento municipal a aquisição de um veículo automóvel para aquele serviço, e o velho Martin tinha esperanças de vir a ser o condutor, mas referia-se sempre à novidade com um cínico desengano. Os novos é que tiravam proveito de tudo. A carroça do lixo dos Bacigalupi passou por ele e Martin lançou-lhe um olhar cheio de rancor. Aquilo, sim, é que era negócio. Aqueles, já estavam cheios dele.

Na rua não se avistava vivalma, Exceto alguns cães que farejavam junto às portas fechadas e um simulacro de atividade no restaurante San Francisco. O táxi novo de Pet Bulene esperava à porta pois, na véspera, tinham prevenido Pet de que as irmãs Williams tomariam o trem da manhã para San Francisco.

O velho Martin chamou Cal.

— Eh! amigo! Tens um cigarro?

Cal deteve-se e apresentou-lhe o maço de Murads.

— Cigarros de luxo — comentou Martin. — Também não tenho fogo.

Cal deu-lhe fogo tendo o cuidado de não inflamar as barbas de Martin. O velho soltou um suspiro de dilacerar a alma.

— Os novos é que tiram proveito de tudo — disse ele. — Tenho certeza de que não me deixam dirigir.

— O quê? — perguntou Cal.

— Ora o que há de ser? O novo carro da limpeza. Então tu não sabes? Mas por onde tens andado? Parecia-lhe incrível que um ser humano, a não ser que acabasse de chegar de uma ilha deserta, ignorasse a compra do carro da limpeza. Mas esqueceu-se logo de Cal. Talvez os Bacigalupi estivessem dispostos a dar-lhe trabalho. Ganhavam dinheiro em barda. Já tinham três carros e um camião novo.

Cal virou para Alisai Street, entrou no correio e olhou para o apartado 632. Estava vazio. Regressou vagarosamente a casa e encontrou Lee na cozinha entretido a rechear um enorme peru.

— Passaste toda a noite fora? — perguntou Lee.

— Não, fui dar um passeio.

— Estás enervado?

— Estou.

— É natural. No teu lugar, eu também estaria. Custa muito dar, mas ainda custa mais receber. Achas isto ridículo? Queres café?

— Sim.

Lee limpou as mãos e encheu duas xícaras de café.

— Como achaste o Aron?

— Achei-o bem.

— Conseguiu falar com ele?

— Não — respondeu Cal. Assim era mais fácil. Lee queria saber o que ele tinha dito. Ora, aquele dia não pertencia ao Aron, mas sim a Cal. Marcara-o no calendário e pretendia aproveitá-lo o mais possível. Aron entrou com uma cara ainda ensonada.

— A que horas é o almoço, Lee?

— Não sei... Às três e meia, quatro horas.

— Não podias adiá-lo para as cinco?

— Se não fizer atrapalhar o Adam. Por quê?

— Porque a Abra não pode vir antes disso. Eu queria pedir uma coisa ao papai e gostaria que ela estivesse presente.

— Havemos de dar um jeito — prometeu Lee.

Cal levantou-se precipitadamente e correu para o quarto. Sentou-se à secretária, acendeu o candeeiro e deixou-se invadir por uma vaga sensação de angústia a que não faltava um certo ressentimento. Sem se dar ao menor esforço, Aron roubara-lhe o seu dia. Pelos vistos, seria o dia de Aron. Depois, subitamente, encheu-se de vergonha, e mergulhou a testa nas mãos. Estou com

ciúmes. Sou ciumento, é o que sou. Mas não quero ter ciúmes.” E repetiu: “Ciumento, ciumento, ciumento, como se a palavra perdesse a virulência com a repetição. Já que fora tão longe, resolveu prosseguir na senda da punição: “Porque é que dou o dinheiro ao meu pai? Para bem dele? Não. Só para o meu. Foi o Will Hamilton quem disse... É uma tentativa para o comprar. Tudo isto é ignóbil. Tudo em mim é ignóbil. Aqui estou eu cheio de ciúmes do meu irmão. Sim, o melhor é chamarmos as coisas pelo seu nome. Porque não hei de ser honesto? Eu bem sei porque é que o meu pai gosta do Aron. É por ele ser parecido com ela. O meu pai nunca a conseguiu esquecer. Talvez ele nem o saiba, mas é a verdade. Gostaria de saber se ele dá por isso. Pronto, agora também tenho ciúmes dela. Mais valia que pegasse no meu dinheiro e me pusesse a andar. Não faço falta a ninguém. Não seria preciso muito tempo para que se esquecessem de que eu até tinha existido... Todos, Exceto o Lee. E, mesmo esse, não sei se gosta de mim. Se calhar, não gosta.” Cal dava punhadas na testa. “O Aron também terá de lutar assim contra si mesmo? Não me parece. Mas que sei eu? E se lhe perguntasse? Não me respondia, pela certa.” Cal oscilava entre a raiva de si mesmo e o dó por si mesmo. Ouviu-se, então, uma voz desdenhosa: “Se és honesto, porque não confessas que gostas de te infligir essas torturas? Essa é que é a verdade. Porque não te limitas a seres o que és e a fazeres o que desejas?” Cal ficou perplexo. Gostaria de se torturar? Era evidente. Pelo fato de se açoitar a si mesmo, evitava que outros o fizessem em seu lugar. Concentrou-se. “O melhor é entregar o dinheiro, mas sem ligar muita importância. Não esperar por nada e não prever coisa nenhuma. Dá-lo e esquecê-lo. E esquecer logo. Dar... dar. Dar este dia ao Aron. Porque não?” Ergueu-se de um salto e precipitou-se para a cozinha.

Aron mantinha aberta a pele do peru enquanto Lee metia o recheio. O fogão estourava de calor.

Lee disse: — Ora vejamos, nove quilos, a quarenta minutos por quilo, faz nove vezes quarenta. Portanto, trezentos e sessenta minutos. Seis horas. Das onze ao meio-dia; do meio-dia à uma...

Pôs-se a contar pelos dedos. Cal disse: — Quando estiveres despachado, Aron, vamos dar uma volta.

— Onde? — perguntou Aron.

— Pela cidade. Queria pedir-te uma coisa.

Cal levou o irmão aos estabelecimentos Berges & Garrisière, importadores de vinhos e licores que ficavam do outro lado da rua.

— Tenho algum dinheiro — disse Cal — e pensei que gostasses de

comprar vinho para o almoço. Vou dar-te o dinheiro.

— Que gênero de vinho?

— Tem de ser uma festa a sério. Levamos champanhe. Será teu presente.

Joe Garrisière disse-lhes: — Vocês ainda são muito novos. Lamento, mas não posso vender-lhes vinho. Cal disse: — Já sei o que vamos fazer. Nós pagamos e depois manda entregar o vinho ao meu pai.

— Muito bem — disse Joe Garrisière. — Tenho um Oeil de Perdrix que é uma especialidade. E deu um estalo com a língua como se estivesse a prová-lo.

— O que é isso? — perguntou Cal.

— É um champanhe da mesma cor do olho da perdiz, um pouco mais escuro que o rosado, mas muito seco. Cada garrafa custa quatro dólares e meio.

— Não é caro demais? — perguntou Aron.

— Claro que é — respondeu Cal, rindo. — Mande entregar três garrafas, Joe. — Depois, dirigindo-se a Aron: — É teu presente.

3

Parecia a Cal que o dia nunca mais passava. Apetecia-lhe sair de casa, mas não havia maneira de se resolver. Às onze horas, Adam foi para a Junta de Recrutamento, embora estivesse fechada, para estudar as fichas de uma nova batelada de recrutas.

Aron mostrava-se perfeitamente calmo. Estava sentado na sala, entretido a olhar os bonecos das aventuras cómicas de velhos números da Revista das Revistas. Da cozinha vinha um cheiro de peru assado que enchia toda a casa.

Cal foi ao quarto, tirou o presente da gaveta e pos em cima da mesa. Tentou escrever um cartão para lhe juntar. Para o meu pai, da parte do Caleb. Para Adam Trask, da parte de Caleb Trask. Rasgou os dois cartões aos bocadinhos e atirou-os para a retrete, puxando, em seguida, a corrente do autoclismo.

Começou a refletir: “Por que dar hoje? Amanhã também podia falar com ele calmamente e dizer: “Aqui tem isto”, indo logo embora. Seria mais fácil. Não, acrescentou em voz alta. Quero que os outros estejam presentes.” Assim é que seria. Mas respirava com dificuldade e sentia a umidade nas palmas das mãos. Era o medo. Tornou a pensar na manhã em que o pai o fora buscar à cadeia. Que calor, que intimidade! Isso é que ele devia recordar: a confiança do pai. Ele até afirmara: “Tenho confiança em ti.” Ao evocar estas palavras, Cal

sentiu-se melhor.

Cerca das três horas, ouviu os passos de Adam e um rumor de conversa na sala. Cal desceu na altura em que o pai dizia: — Os tempos mudaram. Só alcança sucesso o homem que se especializar. É por isso que eu estou tão satisfeito por tu continuares a estudar. Aron replicou: — Estive a pensar nisso e pergunto...

— Não penses mais. A primeira escolha que fizeste foi a melhor. Olha para o meu caso. Tenho conhecimentos superficiais sobre muitas matérias, mas não conheço nenhuma o bastante para poder ganhar a vida.

Cal sentou-se sem fazer ruído. Adam não deu por ele. Estava absorvido na conversa.

— É natural que um homem queira ver o filho bem sucedido — prosseguiu Adam. — Talvez eu esteja em melhor posição do que tu para o saber. Lee enfiou a cabeça pela porta.

— A balança da cozinha deve estar escangalhada. O peru vai ficar pronto antes do que eu pensava. Aposto que o bicho não pesava nove quilos.

— Deixe-o ficar ao pé do fogo — disse Adam. — Depois, continuou: — O velho Sam Hamilton tinha razão quando dizia que já passara a época dos filósofos universais. O peso da sapiência é grande demais para um só cérebro. Ele dizia que tempos viriam em que o homem se limitaria a explorar uma parcela, mas que a conheceria a fundo.

— Pois — disse Lee do limiar da porta — mas também o deplorava. Ele antevia essa época com horror.

— Sério? — perguntou Adam.

Lee entrou na sala. Segurava a colher do molho na mão direita, mantendo a esquerda por debaixo. Mas, ao entrar na sala, esqueceu-se da precaução que tomara e brandiu a colher. Alguns pingos de gordura caíram no tapete.

— Já que me fez a pergunta, sempre gostaria de saber se era ele que tinha horror ou se sou eu que tenho horror por ele.

— Não se exalte — disse Adam. — Já não se lhe pode dizer nada sem que leve a coisa à conta de insulto pessoal.

— Talvez o saber se tenha tornado demasiado vasto, mas quem sabe se o homem também não se tornou demasiado pequeno — disse Lee. — É muito possível que à força de se ajoelhar diante dos átomos ele acabe por ter uma alma do tamanho do que adora. Pode ser que o especialista não passe de um covarde que tem medo de olhar para o que existe fora da sua gaiola. Pense só no que perde o seu especialista: todo um mundo que palpita do outro lado das grades.

— Mas nós estávamos falando da maneira como um homem pode ganhar a vida.

— Ganhar dinheiro! — disse Lee. — Se é essa a sua finalidade, não custa nada a atingir. Mas, salvo raras exceções, não é dinheiro o que as pessoas procuram. O que elas querem é luxo, amor e admiração.

— Bom, bom. Tem alguma coisa a dizer dos estudos? Era disso que estávamos falando.

— Desculpem — disse Lee. — Têm razão. Num instante me excito. Se na Universidade o homem puder aprender a conhecer os seus semelhantes, nada tenho a objetar. Será assim, Aron?

— Não sei — disse Aron.

Ouviu-se um som sibilante na cozinha.

— Ai, os miúdos do peru, estão jogando fora! — gritou Lee correndo para a porta. Adam acompanhou-o com um olhar afetuoso.

— Que bom homem! Que bom amigo!

Aron disse: — Espero que viva cem anos.

— Quem te diz que ele já não os fez? — retorquiu-lhe o pai.

Cal perguntou: — Como vai a fábrica de gelo, papai?

— Assim-assim. Paga as despesas e deixa um pequeno lucro. Por quê? — Tive uma ou duas ideias que poderiam aumentar o rendimento...

— Hoje não — disse apressadamente Adam. — Segunda-feira, se ainda te lembrares, mas hoje não. Não imaginam como me sinto bem. Tenho uma sensação... como dizer... de plenitude. Talvez seja apenas o resultado de uma boa noite de sono e de uma profícua viagem à casa de banho. Talvez seja também por estarmos todos reunidos — E sorriu a Aron. — Só com a tua ausência é que tivemos a noção do que representavas para nós.

— Nos primeiros dias, cheguei a crer que não aguentava — confessou Aron.

Abra entrou, ligeiramente ofegante. Tinha as faces coradas e um aspecto radiante.

— Já viram? O pico do Toro está coberto de neve.

— Já vimos — disse Adam. — Dizem que é de bom augúrio para o ano que vem. Oxalá assim seja.

— Só petisquei umas coisas — disse Abra. — Queria ter fome aqui.

Durante todo o almoço, Lee não parou de se queixar. Acusou o fogão de gás de não dar um calor tão bom como os antigos fogões de lenha. Acusou os perus modernos de não serem iguais aos perus dos velhos tempos. E acabou por

se rir com toda a gente quando lhe redarguíram que se estava a portar como uma velha à cata de elogios.

Assim que veio o pudim de ameixas para a mesa, Adam serviu o champanhe. Beberam cerimoniosamente, fazendo brindes com um ar mundano; cada um deles bebeu à saúde dos outros e Adam endereçou uma breve saudação a Abra quando as taças se estenderam para ela.

Os olhos de Abra brilhavam e, debaixo da mesa, Aron segurava-lhe na mão. O vinho desfizera o nervosismo de Cal que já não tinha receio do presente.

Quando acabou de comer a fatia de pudim, Adam declarou: — Este dia será a nossa mais bela recordação.

Então, Cal rebuscou no bolso de dentro, tirou o embrulho com o laçarote e pô-lo diante do pai.

— O que é isto? — É um presente.

Adam estava encantado.

— Não estamos no Natal e oferecem-me presentes. Estou com curiosidade em saber o que é.

— Um lenço — disse Abra. Adam tirou a fita e desdobrou o papel de seda. Ao ver o dinheiro, pareceu ficar aparvalhado.

Abra perguntou: — O que é? — E levantou-se para ir ver.

Aron estendeu a cabeça. Lee, da porta, tentava disfarçar a inquietação e olhava para Cal que se revia no seu triunfo.

Vagarosamente, Adam passou os dedos pelas notas. A sua voz parecia vir de muito longe.

— O que é isto? O quê...

Não foi capaz de dizer mais nada. Cal engoliu em seco. — ... Ganhei... para ti... para substituir o dinheiro das alfaces.

Adam endireitou lentamente a cabeça: — Ganhaste? Como?

— O Sr. Hamilton... e eu... com o feijão. — As palavras seguintes saíram em tropel: — Compramos o feijão na terra a dez cêntimos e quando os preços subiram... É para ti. Quinze mil dólares. É para ti.

Adam juntou as notas, acertou-as e tornou a embrulhá-las. Depois, lançou um olhar desesperado a Lee.

Cal captou uma impressão... uma ameaça de calamidade, de destruição. Pairava no ar um mal-estar incrível. Ouviu o pai declarar: — Tu vais devolver este dinheiro.

— Devolvê-lo? A quem?

— À pessoa de quem o recebeste.

— À Junta de Compras Britânica? Eles não o querem. Pagam vinte e cinco cêntimos pelo feijão que compram em todos os países.

— Então, vais devolvê-lo aos produtores que roubaste.

— Roubei? — berrou Cal. — Mas nós pagamos quatro cêntimos acima do preço corrente. Ninguém os roubou.

Cal sentia-se suspenso no espaço e os segundos pareciam intermináveis. O pai levou muito tempo a responder. Dir-se-ia que havia grandes traços de união entre cada palavra que proferia.

— Ando mandando rapazes para a guerra. Sou eu que assino para eles irem, uns para morrerem e outros para perderem as pernas ou os braços. Raros são os que voltam ilesos. E tu, meu filho, ainda queres que eu venha a lucrar com uma coisa dessas?

— Fiz isto por ti — disse Cal. — Só pretendia recompensar o prejuízo que sofreste.

— Não me interessa o dinheiro, Cal. Quanto às alfaces... a minha intenção não era obter lucro. Era um jogo. Queria ver se conseguia expedir as alfaces para a outra costa e perdi. Mas não quero o teu dinheiro.

Cal não desviava os olhos da sua frente e sentia os olhares de Lee, de Aron e de Abra que lhe queimavam as faces. Mantinha-se suspenso dos lábios do pai.

— Agradeço-te muito teres pensado em dar-me um presente — prosseguiu Adam. — A tua intenção...

— Vou pôr o dinheiro à parte. Vou guardá-lo para ti — atalhou Cal.

— Não. Nunca hei de querê-lo. Teria ficado tão contente se tu tivesses dado... o que me deu o teu irmão... o orgulho que sinto pelo que está fazendo, a alegria de o ver progredir. O dinheiro, por honrado que seja, nunca poderá valer uma coisa dessas. — Soergueu ligeiramente as pálpebras e perguntou: — Ficaste aborrecido? Deixa lá, meu filho. Se quiseres oferecer-me uma prenda, dá-me uma vida boa. A isso é que eu dou apreço.

Cal tinha a impressão de sufocar. O suor escorria-lhe pela testa e a língua sabia-lhe a sal. Levantou-se com tanta violência que atirou a cadeira ao chão. Mal podendo respirar, precipitou-se para fora da sala.

Adam gritou-lhe: — Não fiques zangado comigo.

Todos o deixaram em paz. Cal sentou-se à secretária, julgando que ia chorar, mas as lágrimas não vieram. Evaporavam-se ao tomarem contato com o braseiro que lhe enchia a cabeça.

Passados momentos, a respiração tornou-se mais regular e deixou-o apto

a pensar com uma certa calma. Tentou lutar contra o ódio que o habitava, procurou repeli-lo, mas depressa fraquejou e o ódio, destilado, penetrou nas veias, envenenando-lhe todos os nervos. Principiava a não ter mão em si.

Por fim, a luta e o medo deram lugar a uma sensação de doloroso triunfo. A mão apoderou-se de um lápis e começou a desenhar espirais no mata-borrão. Quando Lee entrou, uma hora mais tarde, havia centenas de espirais que se tinham tornado cada vez mais pequenas. Cal não ergueu a cabeça.

Lee fechou a porta sem fazer ruído.

— Trouxe-te café — disse ele.

— Não quero... Pois sim, deixa ficar. Obrigado pela lembrança, Lee. Lee disse: — Para. Para com isso, peço-te.

— Parar com quê?

Lee estava embaraçado. — Já uma vez te disse quando tu me perguntaste: é uma coisa que está em ti. Os teus atos só de ti dependem.

— Não entendo o que estás a dizer.

Lee tornou: — Não me ouves? julgas que não adivinho o que vai em ti? Cal, será verdade que não percebes a que estou a referir-me?

— Estou a escutar-te, Lee. Que queres dizer?

— Ele não podia agir de outra maneira, Cal. O feitio dele é assim. Não tem por onde escolher. Mas tu tens, compreendes? Tu tens por onde escolher. As espirais tinham-se tornado tão pequenas que não passavam de simples manchas. Cal disse com frieza: — Estás a dar muita importância a uma coisa que não a tem. Deves estar enganado. Quem te ouvisse diria que matei alguém. Vai-te embora, Lee. Vai-te embora.

O silêncio assenhoreou-se do quarto e, quando Cal se voltou, já o chinês tinha desaparecido. Em cima da cómoda, fumegava uma xícara de café. Cal bebeu o líquido escaldante e desceu para a sala.

O pai atirou-lhe um olhar de quem pedia desculpa. Cal disse: — Peço perdão, papai. Não imaginava que tivesse essa reação.

Pegou o maço de notas que estava em cima da chaminé e meteu-o no bolso do casaco. — Vou ver o que posso fazer. — Depois, com muita naturalidade: — Para onde foram os outros?

— A Abra tinha que ir embora e o Aron foi acompanhá-la. O Lee também saiu.

— Vou tomar ar — disse Cal.

Estava-se em novembro e já era de noite. Cal foi até à porta e avistou a sombra de Lee que se recortava na parede branca da padaria francesa, do outro lado da rua. Lee estava sentado nos degraus e parecia inchado sob o espesso sobretudo.

Cal tornou a atravessar a sala.

— O champanhe dá sede — disse.

O pai não levantou a cabeça.

Cal escapuliu-se pela porta da cozinha e atravessou a horta de Lee. Saltou por cima da cerca, rodeou o charco e desembocou na Castroville Street, entre a padaria Lang e a loja do canalizador.

Encaminhou-se para Stone Street, onde se ergue a igreja católica, voltou à esquerda, passou diante da casa dos Carriaga, da dos Wilson, da dos Zabala, e tornou a voltar à esquerda para a Central Avenue, depois da casa dos Steinbeck. Dois quarteirões de casas mais adiante, voltou novamente à esquerda, depois da escola do West End.

Os choupos que marginavam o pátio de recreio estavam quase desnudados, mas o vento empurrava ainda algumas folhas amarelecidas.

Cal caminhava como se levasse antolhos. Não sentia a corrente de ar gelado que descia dos montes. Três casas à sua frente, avistou o irmão à luz de um candeeiro, avançando na sua direção. Cal reconheceu-o pelo andar e pela silhueta.

Cal afrouxou o passo e, quando se aproximou de Aron, disse: — Viva! Andava à tua procura.

Aron disse: — Lamento o que se passou esta tarde.

— Tu não podias fazer nada. O melhor é esqueceres.

Deu meia volta e os dois rapazes puseram-se a andar lado a lado.

— Queria que me acompanhasses — disse Cal. — Tenho uma coisa para te mostrar.

— O que é?

— Ah! é uma surpresa. Mas tem muito interesse. Principalmente para ti.

— Leva muito tempo?

— Não. É um instante.

Atravessaram a Central Avenue em direção à Castroville Street. Em geral, era o sargento Axel Dane quem abria a Junta de Recrutamento de San José às

oito da manhã mas, se chegava atrasado, era o cabo Kemp quem se encarregava disso, e este não era homem para se queixar. Axel era um caso vulgar. Alguns anos de serviço no exército americano entre as guerras contra a Espanha e a Alemanha tinham-no tornado incapaz tanto para a vida civil como para a guerra. Por esse motivo é que ocupava o seu posto na Junta de Recrutamento de San José. Além disso, namorava a filha mais nova dos Ricci.

Kemp não contava tantos anos de serviço, mas já conhecia todas as regras básicas: entender-se bem com o sargento e evitar os oficiais na medida do possível. As raras descomposturas do sargento Dane não o afligiam.

Dane entrou no escritório às oito e meia e deparou com o cabo Kemp a dormir em cima da secretária e com um rapaz que o aguardava, de ar completamente esgotado. Dane lançou um olhar ao rapaz, antes de se dirigir a Kemp e de lhe pôr uma mão no ombro.

— Acorda, querido — disse ele. — Já ouço o rouxinol na madrugada que desponta.

Kemp levantou a cabeça dos braços, espirrou e limpou o nariz às costas da mão.

— Santinho! — disse o sargento. — Põe-te de pé que temos um freguês. Kemp esfregou os olhos ensonados.

— A guerra que espere — disse.

Dane examinou o rapaz com mais atenção.

— Meu Deus! mas que beleza! Oxalá tenham cuidado com ele. Se calhar, o nosso cabo julga que ele deseja pegar em armas contra o adversário? Pois desengane-se; apenas foge ao amor.

Kemp, sentiu-se aliviado. O sargento já não devia estar em jejum.

— Julga que foi alguma boneca que lhe fez mal?

— O cabo estava sempre disposto a afinar pela música do sargento.

— Nesse caso, seria melhor mandá-lo para a Legião Estrangeira, não acha?

— Talvez ande a fugir ao passado.

Kemp disse: — Eu vi essa fita. Por sinal, havia um sacana de um sargento...

— Pura invenção — redarguiu Axel Dane. — Em sentido, mancebo. Tem dezoito anos?

— Sim, senhor.

Dane voltou-se para o subordinado.

— Que pensas?

— Que se lixe! — disse Kemp. — Se têm o tamanho, também têm a idade.

O sargento disse: — Fica então assente: dezoito anos. E daqui ninguém sai. Está de acordo?

— Estou, sim, senhor.

— Preenche este impresso. Conta pelos dedos o ano em que nasceste e escreve-o aqui. E trata de não o esqueceres.

Capítulo L

1

Kate ficava imóvel, horas a fio, olhando à toa, o que era um tormento para Joe. Aquilo significava que estava pensando e, como o rosto nada exprimia, Joe não tinha acesso aos seus pensamentos. O homem andava deveras preocupado; temia perder a sua primeira grande oportunidade.

O seu plano era simples— atazaná-la até ela perder a cabeça. Nessa altura, agiria conforme as circunstâncias o exigissem. Mas que fazer se ela se contentasse em fitar a parede? E já estaria de cabeça perdida, ou não? Joe sabia que ela não se deitava e, quando lhe perguntava se queria o pequeno almoço, abanava a cabeça tão imperceptivelmente que não se chegava a perceber se o tinha ouvido ou não.

Joe acautelava-se o mais possível: “Não tentes nada. Anda de ouvidos e de olhos bem abertos e deixa o resto.” As pensionistas sabiam que se passava qualquer coisa, mas todas forneciam versões diferentes e inverossímeis.

A verdade é que Kate não pensava. No seu cérebro, apenas adejavam impressões tal como os morcegos se debatem num recinto sem saída. Via a expressão do belo rosto louro e os seus olhos arregalados de horror. Ouvia as palavras grosseiras que ele proferira, dirigidas mais a ele do que a ela. E via o irmão moreno, encostado à porta e torcendo-se de riso.

Kate também rira — primeiro reflexo de autodefesa. Que faria o filho? Que teria ele feito depois de se ter ido embora? Ainda sentia pesar sobre si o olhar cruel de Cal na altura em que ele fechava a porta.

Por que teria ele trazido o irmão? Que queria? Que procuraria? Se ela soubesse, teria agido de acordo com as circunstâncias. Mas não sabia. A dor tornava a enviar as formigas devoradoras que, depois de se terem apoderado das mãos, atacavam uma nova região do corpo: a anca direita. A dor há de penetrar lentamente até ao centro e, mais cedo ou mais tarde, todas as dores se juntarão como os ratos numa cloaca.” Por mais conselhos que desse a si mesmo, Joe não pôde conter-se mais naquele dia. Pegou num bule, bateu discretamente à porta do quarto e entrou. Kate continuava na mesma posição.

— Trouxe-lhe chá.

— Põe em cima da mesa — disse ela. — Depois:— Obrigada, Joe.

— A senhora não se sente bem?

— Voltaram-me as dores. O remédio já não dá resultado.

— Quer que faça alguma coisa?

Kate ergueu e estendeu as mãos: — Corta-as... pelos pulsos. — O esforço obrigou-a a fazer uma careta de dor. — Uma pessoa até fica desesperada — queixou-se ela.

Joe nunca a ouvira falar num tal tom de fraqueza e o instinto avisou-o de que chegara o momento de passar ao ataque.

— Eu bem sei que não quer ser incomodada, mas soube uma coisa a respeito daquela... pessoa. Percebeu, pelo tempo que ela levou a responder, que acertara no alvo.

— Que pessoa? — perguntou ela baixinho.

— O estafermo.

— Ah! referes-te à Ethel?

— Pois.

— Já começo a estar farta da Ethel. Que há de novo?

— Vou contar como as coisas se passaram. Pela parte que me toca, não entendo patavina. Estava eu na tabacaria Kellog quando me apareceu um tipo. “Chamas-te Joe?” — disse ele, e eu respondi-lhe: “Por quê?”; “Tens andado à procura de alguém” — diz-me ele. “Despeja o saco” — digo-lhe eu. A cara do gajo não me dizia nada. Vai daí, sai-se-me com esta: “A tal pessoa disse-me que queria falar contigo.” “Pois que me venha falar” — respondi-lhe eu. O tipo, então, deitou-me um destes olhares cheios de intenção e disse-me: “Se calhar já esqueceste o que disse o juiz.” Acho que se referia à expulsão.

Observou a expressão de Kate. Estava calma e pálida, e não desviava os olhos da parede.

— E depois pediu-te dinheiro? — perguntou Kate.

— Não. Nem isso. Disse-me uma coisa que não fazia sentido. Perguntou: “O nome de Faye não te diz nada?” “Coisa nenhuma” — respondi eu. O tipo então disse-me: “Talvez fizesses bem em falar-lhe.” “Talvez” — respondi eu. E fui-me embora. Isto para mim não tem pés nem cabeça e é por isso que lhe pergunto.

— O nome de Faye diz-te alguma coisa? — perguntou Kate.

— Não me diz absolutamente nada.

A voz tornou-se muito suave: — O quê? Então não sabias que a Faye era a dona desta casa?

Joe sentiu uma dor de barriga. Pobre besta! Se não era melhor ter ficado calado. Procurou emendar a asneira.

— Ah! sim... é possível... tenho a impressão de que já ouvi dizer... mas estava convencido de que era um nome parecido com Faith. Este súbito alarme fez bem a Kate. Esqueceu a dor e a cabeça loura. Agora tinha com que se entreter. Lançou-se ao ataque com uma espécie de júbilo. Ouviu-se um risinho abafado: — Faith! Serve-me chá, Joe.

Não deu mostras de notar o tremor da mão que fazia com que o bico do bule batesse na borda da xícara. Não o olhou, nem mesmo quando ele pôs a xícara à sua frente e recuou logo para fora do seu campo visual. Joe suava de medo.

Kate pediu em voz suplicante: — Joe, serias capaz de me ajudar? Se eu te desse dez mil dólares, achas que serias capaz de arranjar coisas? Aguardou um segundo antes de virar a cabeça e de o fitar nos olhos.

Joe tinha o olhar úmido e lambia os lábios. Quando viu o movimento de Kate, recuou um passo, como se ela lhe tivesse batido. Kate não desviou os olhos.

— Apanhei-te com a boca na botija, Joe.

— Não entendo .

— Então, vai para o teu quarto e tenta perceber. Quando descobrires, volta cá outra vez. Tu és pessoa para compreenderes muitas coisas. Não te esqueças de mandar cá a Therese.

Joe tinha pressa de sair daquele quarto, onde acabava de ser vencido. Dera cabo de tudo. Teria deixado escapar a sua grande oportunidade? E aquela croia que ainda tinha a lata de lhe dizer: “Obrigada, pelo chá. Foste muito amável.” A sua vontade era bater com a porta, mas não teve coragem.

Kate levantou-se com dificuldade por causa da dor no quadril. Sentou-se à secretária e pegou numa folha de papel. Custava-lhe segurar na caneta. Movendo todo o braço, escreveu: “Caro Ralph, pede ao xerife que verifique as impressões digitais de Joe Valery. Tu conhece-lo: é o Joe que trabalha em minha casa. Tua, Kate”. Estava a dobrar a folha de papel quando Therese entrou com ar medroso.

— A senhora chamou por mim? Fiz alguma coisa? Não posso fazer melhor, minha senhora. Ultimamente não me tenho sentido bem.

— Chega cá — disse Kate. — Enquanto a moça aguardava ao lado da secretária, Kate endereçou e selou o envelope. — Queria que me fizesses um recado. Vais à confeitaria Bell e compras uma caixa de dois quilos e meio de

bombons sortidos e outra de um quilo. A maior é para ti e para as tuas colegas. Depois, passas pela drogaria Krough e compras-me duas escovas de dentes e um tubo de pasta dentífrica.

— Sim, minha senhora.

Era evidente o alívio de Therese.

— Tu és boa pequena — prosseguiu Kate. — Tenho andado a observar-te. Eu estou doente, Therese. Se tu te portares bem, ficarás a substituir-me enquanto eu estiver no hospital.

— A senhora... vai para o hospital? — Ainda não sei bem, querida. Mas vou precisar de ti. Aqui tens dinheiro para os bombons. E não te esqueças das escovas de dentes.

— Sim, minha senhora. Muito agradecida. Posso ir já? — Vai, sim. E sai sem fazeres barulho. Quero que os bombons sejam uma surpresa.

— Vou sair pelos fundos.

Therese encaminhou-se para a porta. Kate tornou a chamá-la. — Ah! já me esquecia. Não te importas de deitar esta carta no correio?

— Com certeza, minha senhora. Mais nada?

— Não, querida. Mais nada.

Assim que a moça saiu, Kate poisou os braços e as mãos em cima da secretária de forma que cada um dos dedos retorcidos ficasse apoiado. Agora é que era. Talvez o tivesse sempre sabido. Claro. Mas não valia a pena pensar já naquilo. Ficaria para depois. Iam levar o Joe, mas haveria alguém mais e, depois, a Ethel continuava a existir. Mais dia menos dia... Era escusado pensar já naquilo. O raciocínio deteve-se perante uma coisa que surgiu de repente e logo desapareceu. Surgira-lhe precisamente na ocasião em que pensara no filho de cabelos louros. A recordação fora despertada por aquele rosto onde se lia o espanto, o pavor e o desespero.

Ela não passava de uma petiza com uma cara tão bonita e tão pura como a do filho... sim, era apenas uma garotinha. Mas já sabia que era mais bonita e mais inteligente do que as outras. Porém, às vezes, enchia-se de terror, julgando-se cercada por uma floresta de inimigos do tamanho de árvores. Nessas ocasiões, não havia pensamento, palavra ou olhar que não fosse destinado a magoá-la, e ela nem sequer tinha onde se esconder. Chorava, então, de susto, ao ver-se metida naquele beco sem saída. Depois, certo dia, leu um livro — aos cinco anos já sabia ler. Lembrava-se perfeitamente da capa castanha, rasgada, do título a letras prateadas e das folhas sujas. Era Alice no País das Maravilhas.

Kate mexeu lentamente as mãos e ergueu-se um pouco para aliviar os

braços. Recordava-se das ilustrações, Alice tinha cabelos compridos. Mas o que modificara a sua vida fora a garrafa com o rótulo onde se lia: “Bebe-me”. Fora com Alice que aprendera aquilo.

Quando ficava cercada pela floresta de inimigos, não a apanhavam desprevenida. No bolso, tinha um frasco de água açucarada, e o rótulo com cercadura encarnada dizia: “Bebe-me”. Bastava beber um golo para se tornar muito pequena, tão pequena quanto quisesse. Os inimigos bem a podiam procurar. Cathy estava debaixo de uma folha ou escondida num formigueiro. E ria-se. Não conseguiam encontrá-la. Não havia porta que a encerrasse, não havia porta que fosse capaz de lhe impedir a entrada, pois podia passar por debaixo de todas as portas.

E Alice nunca a abandonava, Alice companheira de todos os jogos, Alice que gostaria dela e que tinha confiança nela. Alice era sua amiga e estava sempre disposta a recebê-la no reino do minúsculo.

Era tão agradável... tão agradável que quase valia a pena sentir desgraçada. E, depois, havia sempre outra coisa de reserva. Uma ameaça e uma certeza. Se bebesse todo o conteúdo do frasco, evaporar-se-ia, desapareceria e deixaria de existir. Mas havia ainda melhor: quando deixasse de ser, nunca teria sido. Que maravilhosa certeza! Às vezes, na cama, bebia a quantidade necessária de “Bebe-me” para ficar do tamanho de uma pulga. Mas nunca desaparecera, porque nunca fora preciso. Tinha aquilo de reserva, sem que ninguém soubesse.

Kate abanou tristemente a cabeça, recordando-se da garotinha. Porque teria ela esquecido o maravilhoso truque? Já a salvara de tantos desastres! A luz filtrada pelas folhas de um trevo era tão bonita! Cathy e Alice passeavam abraçadas pela cintura no meio da erva da altura de uma torre... a erva era a melhor amiga do mundo. E Cathy nunca precisara de beber todo o “bebe-me” porque tinha Alice a seu lado.

Kate descansou a testa no mata-borrão, entre as mãos deformadas. Tinha frio, sentia-se só e desolada. Por mais que quisesse, fora obrigada àquilo. Ela era diferente. Tinha algo mais que os outros. Levantou a cara e nem sequer tentou limpar as lágrimas que lhe escorriam pelas faces. Era verdade. Era mais forte do que os outros. Tinha qualquer coisa que eles não tinham.

O rosto sombrio de Cal flutuou diante dela, exibindo um sorriso cruel. Sentia-se esmagada por um peso enorme que lhe fazia pressão nos pulmões.

Eles tinham qualquer coisa que ela não tinha. E não sabia o que era. Uma vez ciente disso, ficou pronta. Compreendeu que estava pronta há muito tempo, que talvez o tivesse estado desde sempre. O cérebro funcionava como um

cérebro de pau, o corpo movia-se aos sacões, como se fosse uma marionete mal acionada, mas fez tudo o que tinha a fazer.

Era meio-dia, pois as moças palravam na sala de jantar. Aquelas mandrionas acabavam de se levantar da mesa.

Kate teve dificuldade em girar a maçaneta da porta até que a conseguiu rodar entre as palmas das mãos.

As moças pararam subitamente de rir e olharam-na. O cozinheiro entrou vindo da cozinha.

Kate era um fantasma doente, disforme e assaz horrível. Encostou-se à parede da casa de jantar e sorriu. O que assustou ainda mais as moças, pois os lábios de Kate pareciam abertos para soltar um grito.

— Onde está o Joe? — perguntou ela.

— Saiu, minha senhora.

— Ouçam — disse ela. — Há muito tempo que não durmo. Vou tomar um sonífero e não quero ser incomodada. Não me levem o jantar. Quero dormir enquanto me der na gana. Digam ao Joe que não quero ver ninguém, sob pretexto nenhum, até amanhã de manhã. Perceberam? — Sim, minha senhora.

— Boa noite. Bem sei que é de dia, mas é caso para dizer boa noite.

— Boa noite, minha senhora — respondeu o coro obediente. Kate voltou-se e dirigiu-se para o quarto caminhando como um caranguejo.

Fechou a porta, olhou à sua volta, e sentou-se à mesa. Desta vez, apesar da dor, obrigou a mão a escrever em letra bem clara: “Lego tudo o que tenho a meu filho Aron Trask. Datou e assinou: Catherine Trask”. Os dedos largaram a caneta. Levantou-se e deixou o testamento bem em evidência sobre a mesa. Encheu uma xícara de chá frio, levou-a para a salinha cinzenta e pô-la em cima da mesa de leitura. Em seguida, sentou-sediante do toucador, penteou-se, espalhou um pouco de rouge pelo rosto, aplicou uma ligeira camada de pó e pintou os lábios com a cor habitual: encarnado esmaecido. Depois, limpou e limou as unhas.

Quando fechou a porta da saleta cinzenta, a claridade exterior desapareceu e apenas ficou o cone de luz projetado pelo candeeiro de leitura na mesa. Ajeitou as almofadas e sentou-se. Escorou a cabeça numa posição confortável. Sentia-se contente como se fosse para uma festa. Pegou no fio de ouro, desenroscou o tubinho e sacudiu-o. A cápsula caiu-lhe na mão. Kate sorriu-lhe.

— Come-me — disse ela.

E meteu a cápsula na boca.

Pegou a xícara de chá.

— Bebe-me — disse ela, engolindo o chá frio e amargo.

Só queria pensar em Alice... tão pequena, e que a esperava. Debruçados sobre ela, havia outros rostos que a observavam: o pai, a mãe, Charles, Adam, Samuel Hamilton e, depois, Aron e, até Cal que lhe sorria. Ele não teve necessidade de falar, pois o brilho dos olhos afirmava: “Tu ignoraste uma coisa: havia neles algo que não foste capaz de descobrir.” Só a Alice é que contava. Na parede cinzenta da frente, havia um buraco deixado por um prego. A Alice devia lá estar escondida. Passaria o braço pela cintura de Cathy e Cathy passaria o braço pela cintura de Alice. Afastar-se-iam as duas, as melhores amigas do mundo, do tamanho de cabeças de alfinete.

Os braços e as pernas começavam a ficar entorpecidos. A dor fugia das mãos. As pálpebras pesavam como chumbo. Bocejou.

Pensou ou disse ou pensou que disse: “A Alice não sabe que vou voltar ao passado.” Os olhos fecharam-se e foi sacudida por uma náusea. Tornou a abrir os olhos e olhou aterrorizada à sua volta. O quarto cinzento escureceu e o cone de luz transformou-se em água corrente. Os olhos cerraram-se mais uma vez e as mãos crispavam-se como se agarrassem pequeninos seios. O coração pulsou com solenidade, a respiração afrouxou, Kate começou a diminuir, a diminuir e desapareceu — como se nunca tivesse existido.

2

Depois de Kate o ter mandado embora, Joe foi ao barbeiro. Era o seu remédio contra as preocupações. Cortou e lavou o cabelo, deu-se ao luxo de uma massagem ao couro cabeludo e à cara, aplicou uma máscara de lama, arranhou as unhas e engraxou os sapatos. Geralmente, este pequeno tratamento e a aquisição de uma nova gravata eram suficientes para retemperar as forças de Joe. Mas, desta vez, ao sair do barbeiro, depois de ter dado uma gorjeta de cinquenta cêntimos, continuava a sentir deprimido.

Caíra que nem um rato. Kate apanhara-o com a boca na botija. A rapidez com que ela reagira deixara-o desorientado. E aquela mania que ela tinha de os deixar adivinhar o que queria dizer, ainda piorava mais as coisas.

O serão principiou tristemente, mas Dezesseis membros e dois candidatos do Sigma Alpha Epsilon, de Stanford, entraram de roldão vindos de San Juan. Vinham todos em plena forma.

Florence, que tinha de fumar durante o seu número de circo estava cheia de tosse. A cada tentativa que fazia, punha-se a tossir e desistia. Além disso, o pónei garanhão estava com diarreia.

Os estuantes berravam e davam palmadas nas costas uns dos outros para manifestarem a sua alegria. Finalmente, acabaram por roubar tudo o que não estava aparafusado ao chão.

Assim que saíram, duas das mulheres encetaram uma discussão monótona e Therese descobriu os primeiros sintomas de um cavalo duro. Oh! senhores! Que noite! E pensar que ao fundo do corredor, atrás da porta fechada, estava aquele ser secreto e maléfico. Joe foi escutar antes de se deitar, mas não ouviu nada. Encerrou a casa às duas e meia e deitou-se às três horas. Mas não conseguiu dormir. Sentou-se na cama, leu sete capítulos da Vitória de Barbara Worth e, mal amanheceu, foi até à cozinha fazer café.

Bebeu com os cotovelos apoiados na mesa e segurando a xícara com ambas as mãos. Não havia maneira de compreender porque é que aquilo acabara mal. Talvez ela tivesse sabido que a Ethel estava morta. Era necessário agir com calma. Tomou, então, uma decisão e resolveu mantê-la com firmeza. Iria vê-la às nove horas e trataria de abrir bem os ouvidos. Talvez não tivesse percebido bem na véspera? O melhor seria pôr os pontos nos ii e deixar-se de fantasias. Pedir, suponhamos, mil dólares e dar às de vila-diogo e, se ela dissesse que não, pôr-se a cavar na mesma. Já estava saturado de trabalhar com fêmeas. Talvez pudesse encaixar-se numa casa de jogo de Reno... trabalhinho a horas certas e nada de gajas. Quem sabe se não poderia arranjar um apartamento e mobiliá-lo com grandes poltronas e um canapé? Era escusado estar a cansar a mioleira naquela cidade de merda. Talvez, até, tivesse toda a vantagem em sair daquele Estado. Pensou mesmo em partir logo, dois minutos para fazer a mala, passassem bem suas pécoras. Três ou quatro minutos quando muito. Sem dizer água-vai a ninguém. Quase se sentiu tentado a fazê-lo. Talvez a marosca da Ethel não fosse tão boa como ele julgara, mas mil dólares sempre eram alguma coisa. Mais valia esperar.

O cozinheiro apareceu muito mal disposto. Tinha um furúnculo do tamanho de um ovo de pomba, e as dores eram insuportáveis, de modo que não queria ver ninguém na cozinha.

Joe voltou ao quarto, leu um pouco mais e arranjou a mala.

Estava resolvido a ir embora, fosse qual fosse o resultado.

Às nove horas, bateu à porta de Kate e abriu-a. A cama estava vazia. Pousou a bandeja, encaminhou-se para a saleta cinzenta, bateu várias vezes e

chamou. Finalmente, abriu a porta.

O cone da luz iluminava a mesa de leitura. A cabeça de Kate estava profundamente mergulhada nas almofadas.

— Dormiu aqui toda a noite — disse Joe. Aproximou-se, viu os lábios descorados e os olhos brancos, entre as pálpebras semicerradas. Percebeu que ela estava morta.

Abanou a cabeça e saiu apressadamente da saleta para se assegurar de que deixara fechada a porta que dava para o corredor. Rapidamente, passou revista à cômoda, gaveta por gaveta, abriu as malas de mão, o cofrezinho ao pé da cama — e imobilizou-se. Ela não tinha nada. Nem mesmo o raio de uma escova com cabo de prata.

Voltou à sala cinzenta e examinou a morta. Nada. Nem um anel, nem um broche, nem coisa nenhuma. Depois, viu um fio de ouro pendurado ao pescoço e puxou-o: um relógio de ouro, um tubinho e duas chaves com os números 27 e 29.

— É então aí que guarda a massa, sua puta? Tirou o relógio do fio e meteu-o no bolso. Sentia vontade de lhe esmurrar as ventas. Mas lembrou-se da secretária.

O testamento em duas linhas atraiu logo a atenção. Talvez fosse negócio. Guardou-o no bolso. Na gaveta superior da secretária encontrou um punhado de papéis, faturas e recibos; por debaixo, apólices de seguros; a seguir, uma agenda com o curriculum vitae de todas as moças. Enfiou-a no bolso. Extraiu o elástico que segurava um maço de sobrescritos castanhos, abriu um e tirou uma fotografia. Nas costas estavam escritos, com a caligrafia nítida de Kate, um nome, uma morada e um título.

Joe riu com gosto. Ali estava a sua grande oportunidade. Abriu mais dois ou três envelopes. Uma mina de ouro! É uma verdadeira reforma para a velhice! Olhem-me só para o cu deste conselheiro municipal. Tornou a pôr o elástico no maço. Em seguida, descobriu oito notas de dez dólares e um molho de chaves. Meteu tudo no bolso. Na altura em que abria outra gaveta, cheia de papel de carta, de lacre e de tinta, ouviu bater à porta. Entreabriu-a: — Está um tipo à tua procura — disse o cozinheiro.

— Quem é?

— Sei lá.

Joe olhou o quarto, saiu, fechou a porta à chave e guardou-a no bolso. Talvez se tivesse esquecido de alguma coisa.

Oscar Noble estava parado na sala da frente, com o habitual chapéu

cinzento e a capa de oleado abotoada até ao pescoço. Tinha olhos cinza-claro, da mesma cor do bigode. A sala estava meio às escuras. Ainda ninguém se lembrara de abrir as persianas.

Joe entrou despreocupadamente e Oscar perguntou: — És tu, Joe?

— Quem é que está aí?

— O xerife deseja falar-te. Joe teve a impressão de que lhe aplicavam um saco de gelo na barriga.

— Vem prender-me? — perguntou ele. — Traz um mandato de captura?

— Nada disso — respondeu Oscar. — É por causa de uma informação.

Vem comigo.

— Ora essa — disse Joe. — Por que não?

Quando chegaram à rua, Joe sentiu um arrepio.

— Devia ter trazido o sobretudo.

— Queres ir buscá-lo?

— Não vale a pena — disse Joe.

Enquanto desciam a Castroville Street, Oscar perguntou: — Tens ficha?

Joe conservou-se silencioso.

— Tenho — disse ele finalmente.

— Motivo?

— Estava bêbado. Bati num tira.

— Isso depois se vê — disse Oscar, dobrando a esquina. Joe saltou como uma lebre e atravessou a rua em direção ao bairro chinês. Oscar teve de descalçar a luva e desabotoar o impermeável para tirar o revólver. Disparou uma só vez e falhou o alvo.

Joe continuou a correr aos ziguezagues. Já percorrera cerca de cinquenta metros e aproximava-se de um espaço vazio entre duas casas.

Oscar acercou-se de um poste telefónico, firmou o cotovelo esquerdo, apoiou o pulso direito na mão esquerda e desfechou segundo tiro em direção à esquina do beco, precisamente na altura em que lá entrava Joe. O fugitivo deu uma cambalhota no ar e estatelou-se.

Oscar entrou no café Filipino para telefonar. Quando saiu, já se aglomerava uma porção de gente em torno do cadáver.

Capítulo LI

Em 1903, Horace Quinn venceu o Sr. R. Keef nas eleições para o cargo de xerife. Há bastante tempo já que desempenhava as funções de adjunto principal. A maior parte dos eleitores pensou, e com razão, que se era ele quem fazia todo o trabalho, também era justo que gozasse as vantagens inerentes ao posto de xerife, lugar onde se manteve até 1919. Para nós, que tínhamos crescido no Condado de Monterey, “xerife” e “Quinn” eram meros sinónimos. Nem sequer podíamos imaginar que, um dia, viria a ser substituído. Mas a idade não perdoa. Além disso, manquejava devido a um antigo ferimento. Sabíamos que era um homem intrépido, pois dera o corpo ao manifesto em numerosos recontros com bandidos. Para mais, tinha físico de xerife: uma larga cara vermelhusca, bigode branco em forma de cornos e ombros possantes. À medida que envelhecia, foi ficando barrigudo, o que o tornava ainda mais imponente. Usava um belíssimo chapéu Stetson, e um casaco Norfolk; nos últimos anos do seu mandato, trazia a pistola num coldre guardado sob a axila. O antigo coldre pendurado à cintura pesava-lhe demasiado na barriga. Em 1903, já ele conhecia bem o Condado. Em 1917, não havia nada que ele ignorasse. Fazia parte integrante do vale do Salinas do mesmo modo que as montanhas que o rodeavam.

A partir da época afastada em que Adam fora ferido, Quinn nunca mais largara Kate de vista. Quando Faye morrera, suspeitara de Kate mas chegara à conclusão de que era quase impossível fazê-la condenar. Um xerife sensato não tenta o impossível. Afinal de contas, não passavam de duas meretrizes.

Nos anos que se seguiram àquele acontecimento, Kate fez jogo franco com ele e acabou por lhe despertar um certo respeito. Já que tem de haver bordéis, mais vale manter relações vantajosas com as donas. Sempre que Kate descobria um homem procurado pela polícia, tratava de denunciá-lo. O xerife Quinn e Kate entendiam-se na perfeição.

No sábado após o Dia de Ação de Graças, por volta do meio-dia o xerife Quinn entretinha-se a examinar os papéis encontrados nos bolsos de Joe Valery. A bala de 38 atravessara o coração e tinha despedaçado duas costelas.

O buraco por onde saía era do tamanho de um punho. Os envelopes castanhos estavam feitos num bolo pelo sangue derramado. O xerife molhou-os com um lenço para os separar.

Leu o testamento que, pelo fato de estar dobrado, só ficara manchado de sangue pelo lado de fora.

Examinou as fotografias e suspirou profundamente. Em cada sobrescrito jaziam a honra de um homem e o sossego de uma vida. Bem utilizadas, aquelas

fotografias poderiam ter provocado meia dúzia de suicídios. Mas Kate estava deitada na mesa de mármore da casa Müller, com as veias cheias de formol, enquanto o estômago se encontrava num frasco, em casa do juiz de instrução.

Depois de ter observado todas as fotografias, Quinn discou um número telefónico.

— Pode vir ao meu gabinete? Ah! sim? Então, deixe o almoço para depois! Sim, é muito importante. Fico à sua espera.

Alguns minutos mais tarde, quando o homem sem nome entrou no gabinete da velha cadeia por detrás do tribunal, o xerife Quinn estendeu-lhe o testamento.

— O senhor, que é advogado, diga-me se este papel tem valor. O visitante leu as duas linhas e respirou profundamente pelo nariz.

— É quem eu penso?

— É.

— Se ela se chamava Catherine Trask, se a letra é dela e se Aron Trask for seu filho, o testamento é ouro de lei.

Quinn afagou a ponta do bigode com o reverso do indicador.

— O senhor conhecia-a, não é verdade?

— Conhecia-a, não é bem assim. Apenas sabia quem era.

Quinn fincou os cotovelos na mesa e inclinou-se para a frente.

— Sente-se. Precisamos falar.

O visitante aproximou uma cadeira. Sentou-se e começou a brincar com um botão do casaco.

— Kate fazia chantagem contigo? — perguntou o xerife.

— Por quê? Mas que pergunta!

— É uma pergunta de amigo. Bem sabe que ela já morreu e que não tem mais nada a temer.

— Não entendo aonde quer chegar. Ninguém me faz chantagem.

Quinn extraiu uma fotografia de um envelope, virou-a como se fosse uma carta e pôs em cima da secretária. O visitante ajeitou os óculos e começou a respirar com dificuldade.

— Valha-me Deus! — exclamou em voz aturdida.

— O senhor não sabia que ela a tinha?

— Sabia, sim. Ela já me tinha avisado. Pelo amor de Deus, Horace, o que vai fazer com isso?

Quinn tirou-lhe a fotografia.

— Que vai fazer, Horace?

— Queimá-las. — O xerife pegou os envelopes e juntou-os num maço. — Com esta arma infernal podia-se aniquilar todo o Condado.

Quinn escreveu uma lista de nomes numa folha de papel. Depois, levantou-se apoiando-se na perna boa, e encaminhou-se para a salamandra que servia para aquecer o gabinete. Amarrotou o Salinas Morning Journal, botou fogo e introduziu-o na salamandra. Assim que todo o papel se incendiou, jogou o maço de envelopes e fechou a porta do fogão. O fogo crepitou e avistou-se uma chama amarelada pelo visor da salamandra. Quinn esfregou as mãos, como se estivessem sujas.

— Os negativos também arderam — disse ele. — Fiz uma busca em casa dela e não há mais cópias.

O visitante tentou falar mas apenas conseguiu emitir um murmúrio roufenho.

— Obrigado, Horace.

O xerife regressou à mesa e pegou a lista. — Vai me fazer um favor. Aqui tem uma lista. Vai prevenir todos estes cavalheiros de que queimei as fotografias. Eu sei que os conhece. Se a coisa partir de ti, não lhes custará tanto engolir a pílula. Ninguém é santo. Chame-os a todos à parte diga-lhes o que aconteceu. Olhe.

Foi até o fogão, abriu-o e remexeu as cinzas até se transformarem em cisco.

— Diga-lhes... isto.

O visitante olhou para o xerife e Quinn compreendeu que não haveria poder no mundo que pudesse impedir esse homem de o odiar. Dali em diante, haveria sempre um obstáculo entre ambos, embora não o quisessem admitir.

— Horace, não sei como agradecer-lhe.

E o xerife disse tristemente: — Não tem importância. Era o que eu esperaria que me fizesse um amigo.

— Que indecência! — disse o visitante em surdina.

E Horace Quinn percebeu que uma parte do insulto lhe era destinada. Percebeu também que já não seria xerife por muito tempo. Aqueles homens sentiam-se culpados e não descansariam enquanto o não derrubassem, o que era lógico. Suspirou e sentou-se.

— Vá acabar de almoçar — disse ele. — Eu tenho muito que fazer.

À uma menos um quarto, o xerife Quinn virou a esquina da Main Street e da Central Avenue. Na padaria Reynaud, adquiriu um pão branco ainda quente que exalava um maravilhoso odor de trigo levedado.

Agarrado ao corrimão, subiu os degraus da entrada da casa dos Trask. Lee abriu a porta com uma rodilha atada à cintura.

— Ele ainda não chegou — disse.

— Deve estar a chegar. Telefonei-lhe para o escritório e pedi-me que esperasse. Lee recuou e conduziu o xerife para a sala.

— Deseja uma xícara de café? — perguntou.

— Nunca recuso.

— Fi-lo agora mesmo — disse Lee dirigindo-se para a cozinha.

Quinn examinou o confortável aposento. Já não se importava de perder o cargo. Um médico dissera-lhe certo dia: “Gosto de trazer uma criança ao mundo porque, se cumprir bem a minha obrigação, concorro para criar uma atmosfera de júbilo.” O xerife pensara com frequência nessa observação. Se cumprisse bem a sua obrigação, concorreria para levar a dor a alguém. E o fato de ser indispensável já não lhe parecia motivo suficiente. Em breve se reformaria, quer quisesse quer não.

Todos os homens imaginam a reforma como uma espécie de evasão, de possibilidade de fazerem o que nunca puderam fazer uma viagem ou a leitura dos livros que não tiveram tempo de ler. Durante muitos anos, o xerife acalentara a ideia de passar o tempo livre pescando, caçando, passeando na serra de Santa Lucia e acampando à beira dos rios entrevistados. Mas agora, que esse tempo já se avizinhava, perdera de todo a vontade de o gozar. Dormir no chão seria doloroso para a perna aleijada. Lembrava-se de quanto custava a carregar com um veado e, depois, com toda a franqueza, nunca apreciara caça. Tanto fazia que Madame Reynaud a pusesse a abeberar em vinho e a enchesse de temperos; o resultado era sempre o mesmo — não se notava a diferença entre um bocado de carne e um sapato velho cozinhado daquela maneira.

Lee comprara uma máquina de fazer café. Quinn ouviu a água a ferver no globo de vidro e desconfiou de que o chinês lhe mentira. O café não estava feito.

Os anos de árduo labor tinham aguçado o espírito do velho xerife.

Aprendera a observar e era capaz de evocar um rosto e de perscrutá-lo, assim como de recordar cenas completas e conversas trocadas. Era até capaz de tocá-las como um disco ou de passá-las como um filme. Ao pensar na caça, pusera-se a examinar a sala e chegara à conclusão de que havia ali qualquer coisa que não estava certa: poltronas forradas de tecido de ramagens, cortinas de renda, pano de mesa de croché e as almofadas do canapé forradas com um tecido de padrão vistoso e impudente. Era uma sala feminina numa casa onde só havia homens.

Pensou na sua própria sala. Tudo o que lá estava, Exceto o

portacachimbos, fora escolhido e comprado pela Sra. Quinn. De resto, pensando melhor, também fora ela quem comprara o porta-cachimbos. Era uma sala feminina. Mas a sala dos Trask era demasiado feminina. Uma sala de mulher concebida por um homem.

Passava as marcas. Devia ser obra do Lee. O Adam, se calhar, nem dava por isso.

Horace Quinn recordou-se do interrogatório que fizera a Adam muitos anos antes, a um Adam na agonia e de olhar aterrorizado. Adam tinha a honestidade no sangue. Pela vida fora, muitas haviam sido as oportunidades de se encontrarem. Ambos pertenciam à Maçonaria, fazendo parte da mesma loja e ocupando os mesmos graus. Horace substituíra Adam no posto de Mestre da Loja e ambos usavam as insígnias na lapela. No entanto, Adam afastara-se da comunidade, erguendo um muro intransponível atrás do qual se mantinha prisioneiro. Mas naquele dia, no dia do interrogatório, a parede ainda não estava de pé.

Por intermédio da mulher, Adam travara conhecimento com o mundo dos vivos. Horace imaginou Kate ligada aos tubos de formol, cinzenta e lavada, com agulhas espetadas na garganta.

Adam não desejava nada e, portanto, era incapaz de atos desonestos. Só se é desonesto quando há necessidades a satisfazer. O xerife perguntou a si mesmo o que se passaria atrás da parede: que angústias, que prazeres, que mágoas não iriam por lá? Mudou de posição na cadeira para aliviar a perna aleijada. A casa estava em silêncio. Apenas se ouvia o ruído da máquina de café. Adam levou muito tempo a chegar do escritório. O xerife pensou divertido: “Estou a ficar velho e é coisa que não me desagrada.” Adam entrou a sorrir e estendeu-lhe a mão: — Bom dia, Horace... Trouxe a ordem de prisão? Se não estava realmente alegre, a imitação era perfeita. — Como vai isso? — perguntou Quinn. — Há pouco, falaram-me numa xícara de café... Lee, na cozinha, pôs-se a fazer barulho com a louça. Adam perguntou: — Nada de grave? Horace?

— No meu cargo as coisas são sempre graves. Se não se importa, prefiro esperar pelo café.

— Não se incomode por causa do Lee. Ele ouve sempre tudo. Mesmo através das portas fechadas. Não tenho segredos para ele, até porque seria impossível.

Lee entrou com a bandeja. Arvorava um sorrisinho satisfeito e, depois de ter servido o café e de se ter ido embora, Adam tornou a perguntar: — Nada de

grave, Horace?

— Acho que não. Adam, você ainda estava casado com aquela mulher?

Adam ficou hirto. — Estava, sim — disse ele. — Por quê?

— Suicidou-se na noite passada.

O rosto de Adam contraiu-se e as lágrimas assomaram-lhe aos olhos. Por instantes, tentou ainda manter a boca fechada mas acabou por renunciar e deixou cair a cabeça entre as mãos, pondo-se a chorar. — Minha pobre querida.

Quinn tornou a sentar-se. Passados momentos, Adam ergueu a cabeça. — Desculpe, Horace.

Lee entrou e entregou uma toalha a Adam, que enxugou os olhos e tornou a devolver a toalha.

— Não esperava por isto — disse Adam. — Parecia estar envergonhado.

— Que devo fazer? Vou reclamar o corpo e enterrá-lo.

— Não precisa — disse Horace. — A não ser que tenha vontade de o fazer. Mas não foi para isso que eu vim.

Tirou do bolso o testamento dobrado e estendeu-o a Adam, que esboçou um gesto de repulsa.

— É o... sangue dela?

— Não. Nem pensar nisso. Leia.

Adam leu as duas linhas e ficou a contemplar o papel como se olhasse para muito longe.

— Ele não sabe... que ela é mãe dele.

— Você nunca lhe disse?

— Não.

— Valha-me Deus! — exclamou o xerife.

Adam prosseguiu com uma espécie de convicção: — Tenho certeza de que ele não aceitaria nada que viesse dela. O melhor é rasgarmos este papel e esquecer-lo.

— Receio que seja impossível — disse Quinn. — Já cometi algumas ilegalidades. Ela tinha um cofre-forte. Escuso dizer onde obtive o testamento e a chave. Estive no banco sem sequer esperar pelo mandado do tribunal.

Não queria dizer a Adam que desconfiara de que houvesse mais fotografias no banco.

— O velho Bob deixou-me abrir o cofre. Estamos sempre a tempo de negar que o fizemos. Havia mais de cem mil dólares em dinheiro. Também havia ações, mas absolutamente mais nada.

— Mais nada? — Isto é... um contrato de casamento.

Adam deixou-se cair na cadeira. Após ter dado alguns passos no mundo exterior, voltava para trás da sua parede. Viu o café e bebeu um golo.

— Que conselho me dá? — perguntou numa voz indiferente.

— Só lhe posso dar a minha opinião pessoal — respondeu Quinn. — Não é obrigado a acatá-la. Mande chamar imediatamente o seu filho. Conte-lhe tudo em pormenor. Diga-lhe porque foi que nunca lhe contou nada até agora. Que idade tem ele? — Dezessete anos.

— Já é um homem. Mais dia, menos dia, terá de saber a verdade. Mais vale que venha a saber tudo de uma só vez.

— O Cal está ao corrente — disse Adam. — Gostaria de saber porque seria que ela contemplou apenas o Aron.

— Isso só Deus sabe! Então, que resolve? — Como não tenho ideia nenhuma, vou seguir a sua. Não se importa de ficar comigo? — Certamente.

— Lee! — chamou Adam. — Diga ao Aron que preciso de falar com ele. Ele veio dormir a casa, não veio? Lee deteve-se à porta. As pesadas pálpebras fecharam-se um instante e tornaram a abrir-se.

— Ainda não chegou. Talvez tenha voltado para a Universidade? — Nesse caso, avisava-me. Sabe, Horace, todos nós bebemos anteontem muito champanhe. Onde está o Cal? — No quarto — disse Lee.

— Diga-lhe que venha cá. Ele há de saber onde pára o irmão. Cal tinha a cara cansada e os ombros descaídos, mas a sua expressão era dura, fechada, desconfiada e agressiva. Adam perguntou-lhe: — Sabes onde está o teu irmão? — Não, não sei — disse Cal.

— Não lhe puseste a vista em cima? — Não.

— Há duas noites que não vem a casa. Onde se meteu ele? — Não faço a menor ideia. Ninguém me paga para tomar conta dele.

Adam baixou a cabeça, encolheu-se na cadeira e pareceu estremecer com um arrepio. No fundo dos seus olhos cintilou uma luz azul, extraordinariamente brilhante. Numa voz surda, disse: — Talvez tenha voltado para a Universidade. — As palavras pareciam articuladas por lábios gretados e a voz tinha o timbre de um sonâmbulo. — Achas que voltou para a Universidade? O xerife Quinn levantou-se.

— Não temos pressa nenhuma. Veja se descansa, Adam. Foi um grande choque.

Adam ergueu os olhos para ele: — Um choque... Ah! Obrigado, George, muito obrigado! George? — Muito obrigado — disse Adam de novo.

Após a saída do xerife, Cal regressou ao quarto. Adam enterrou-se na

cadeira e adormeceu logo a seguir. Pouco depois, ressonava de boca aberta.

Lee observou-o um instante antes de voltar para a cozinha. Levantou a cesta do pão e pegou um pequeno livro encadernado a pele, cujo título em letras prateadas estava quase completamente apagado. Era uma tradução inglesa das Meditações de Marco Aurélio. Lee limpou os óculos de aros de aço. Abriu o livro e folheou-o. Depois, sorriu, procurando tranquilizar-se conscienciosamente.

Mexendo os lábios, foi lendo devagar: Tudo dura apenas um dia, tanto o que lembra como o que é lembrado.

Observa constantemente que todas as coisas ocorrem mediante mudança, e acostuma-te a considerar que nada há que a natureza do universo ame mais do que transformar o que é naquilo que se lhe assemelha. Pois tudo quanto existe é, de certo modo, a semente daquilo que virá a ser.

Lee lançou um olhar ao fundo da página: Em breve morrerás e, contudo, ainda não és simples nem te livraste de perturbações; nem sequer da suspeita de seres ferido por causas externas; tampouco te sentes bondosamente disposto a encarar todas as coisas, pois nem usas de sabedoria agindo com equidade.

Lee ergueu os olhos e respondeu ao livro como teria respondido a um dos seus veneráveis parentes. “É certo, disse ele, mas que dureza. Desculpe. Mas não se esqueça de que também disse: “Toma sempre o caminho mais curto, pois é o caminho natural. Não o esqueça.” Deixou escorregar as páginas ao longo do polegar e parou na página de guarda onde se lia, escrito a lápis: Samuel Hamilton.

Lee sentiu-se melhor.. Perguntou a si mesmo se Samuel teria procurado o livro, se saberia que ele o tinha roubado. Lee achara que era o meio mais puro de se apropriar dele. Com a ponta dos dedos, acariciou o couro suave antes de tornar a pôr o livro debaixo da cesta do pão. Depois, refletiu: “Com certeza que sabia. Quem mais é que lhe poderia ter roubado o Marco Aurélio?” Voltou para a sala e puxou uma cadeira para perto de Adam que continuava a dormir.

2

Fechado no quarto, Cal estava sentado à mesa com a cabeça mergulhada nas mãos. A náusea dava-lhe tontura e o cheiro agriço do uísque impregnava-lhe os poros e a roupa, corria por suas veias misturado com o sangue.

Cal nunca sentira necessidade de beber. A visita à casa de Kate não aliviara o sofrimento e a vingança não correspondera a um triunfo. Suas

recordações não passavam de nuvens em turbilhão, de fragmentos de som, de visão e de sensação. Não conseguia definir o que era verdade e o que tinha imaginado. Ao saírem da casa de Kate, pousara a mão no ombro do irmão sacudido pelos soluços, e Aron atirara-o ao chão com um murro. Aron ficara de pé no escuro e, depois, saíram correndo, chorando como uma criança infeliz. Cal lembrava-se dos soluços rouquinhos e dos passos desordenados. Cal deixara-se ficar estendido no sítio onde caíra, ao lado do grande alfeneiro, no jardim de Kate. Ouvira as locomotivas a arfar e a apitar, e o som abafado dos vagões nas calhas. Fechara os olhos mas, ao ouvir passos ligeiros, tornara a abri-los.

Alguém se debruçara para ele, talvez Kate, mas a silhueta afastara-se sem rumor.

Cal levantara-se a seguir, limpou a roupa e afastara-se em direção à Main Street, surpreendido por ainda ter ânimo para cantar: Há uma rosa que cresce na Terra de Ninguém, nunca se viu tal maravilha...

Na sexta-feira, Cal andou todo o dia ao deus-dará. À noite, Joe Laguna comprou-lhe a garrafa de uísque. Cal ainda era muito novo. Joe não se teria importado de fazer companhia a Cal, mas deu-se por satisfeito com o dólar que o rapaz lhe deu para comprar a garrafa de zurrapa.

Cal encaminhou-se para o beco atrás da casa dos Abbot e sentou-se no recanto sombrio de onde avistara a mãe pela primeira vez. Vencendo a náusea e a repugnância, bebeu quase toda a garrafa de uísque. Vomitou duas vezes, mas continuou a beber até que a terra se pôs a dançar e os candeeiros encetaram uma valsa majestosa.

A garrafa escorregou-lhe das mãos e Cal mergulhou na inconsciência, continuando a vomitar. Um cão vadio de pêlo raso e ar muito sério, percorreu o beco de rabo no ar, parando em cada pedra. Quando deu pela presença de Cal, evitou-o com um grande desvio. Daí a pouco, Joe Laguna encontrou Cal e pôsse a farejá-lo também. Depois, pegou na garrafa caída ao lado da perna de Cal e olhou-a contra a luz. Ainda tinha um resto no fundo. Procurou a rolha e não a encontrou. Então, afastou-se com o polegar metido no gargalo para que o precioso líquido não se derramasse.

De madrugada, Cal foi acordado pela geada. Abriu os olhos para um mundo de pesadelo e arrastou-se até casa como um boneco desarticulado. A casa ficava próxima. Bastava sair do beco e atravessar a rua.

Lee ouviu-o entrar, tropeçar em todos os móveis e atirar-se para cima da cama. A cabeça de Cal parecia prestes a explodir, mas a lucidez era perfeita. Perdera a resistência à dor e sentia-se incapaz de se proteger contra a vergonha. Defendeu-se conforme pôde: tomou um banho gelado e esfregou o corpo com

um pedaço de pedra-pomes, cuja queimadura lhe pareceu benéfica.

Sabia que tinha de confessar a falta a seu pai e pedir-lhe perdão. Sabia que tinha de se humilhar perante Aron, não só hoje, mas até o fim dos seus dias. No entanto, quando o chamaram e se viu perante o xerife Quinn e o pai, voltou a fúria de um cão faminto e projetou sobre tudo o que o rodeava o ódio que sentia por si mesmo — sim, era apenas um cão vicioso desprezado por todos e a todos desprezando...

Mal regressou ao quarto, sentiu-se novamente assaltado pela culpa sem que dispusesse de armas para a combater.

Subitamente, teve receio pelo que pudesse acontecer a Aron. Talvez estivesse ferido? Aron não podia defender-se. Devia ir procurá-lo, encontrá-lo e reconstruir o mundo que destruíra. Mesmo que tivesse de dar a sua vida em troca. Então, implantou-se nele uma ideia do sacrifício, como em toda a consciência culpada. Talvez um sacrifício pudesse trazer Aron de volta...

Cal pegou o embrulho achatado escondido debaixo das camisas. Procurou e encontrou um pires que colocou em cima da mesa. Aspirou avidamente o ar fresco da manhã. Agarrou uma das notas, dobrou-a ao meio, riscou um fósforo e pôs fogo. O papel retorceu-se e escureceu. A chama subiu e só quando estava quase a tocar-lhe nos dedos é que Cal largou a nota no pires. Pegou outra nota e inflamou-a. Quando já ia na sexta, Lee entrou sem bater.

— Senti cheiro de fumaça — disse ele. — Mas, ao ver o que Cal fazia, exclamou: — Oh! Cal voltou-se, disposto a lutar. Mas Lee cruzou as mãos na barriga e, deixou-se ficar, calado e atento. Cal queimou nota após nota, até que ardessem todas; em seguida, esmagou as cinzas para as transformar num pó negro, e ficou aguardando os comentários de Lee. Mas Lee não falou nem buliu. Finalmente, Cal disse: — Anda, queres falar comigo? Então, fala!

— Não — disse Lee. — Estás enganado. Se não tens vontade de falar comigo, fico só mais um instante e depois vou embora. Vou-me sentar ali.

Sentou-se numa cadeira, enlaçou as mãos e esperou. Iluminava-o uma espécie de sorriso interior e tinha a expressão a que se chama “impenetrável”. Cal virou-lhe as costas.

— Sou capaz de ficar sentado mais tempo do que tu.

— Noutra competição qualquer talvez tu me vencesses. Mas em teimosia, não me parece.

Passados alguns instantes, Cal lançou com azedume: — Podes começar o sermão.

— Não é essa a minha intenção.

— Então, o que é que vieste cheirar aqui? Sabes muito bem o que fiz e também sabes que me embebedei ontem à noite.

— Do primeiro crime já suspeitava; quanto ao segundo, senti.

— Sentiu?

— Fedes tanto que tresandas.

— Foi a primeira vez — disse Cal — e não gostei.

— Eu também não gosto — disse Lee. — O meu estômago não suporta o álcool. E, depois, torna-me brincalhão. Intelectual, mas brincalhão.

— Que queres dizer?

— Posso dar um exemplo. Quando era novo, jogava ao ténis, não só porque gostaria, mas também porque é uma excelente distração para um criado. Pode aproveitar-se das asneiras do patrão e ganhar alguns dólares em vez de simples agradecimentos. Uma vez, num dia em que tinha abusado da ginjinha, deu-me para desenvolver a teoria de que o animal mais rápido e mais esquivo do mundo era o morcego. Fui apanhado a meio da noite no campanário da igreja metodista de San Leandro. Tinha uma raqueta na mão e teimava em explicar ao agente da polícia que me prendeu que estava a aperfeiçoar o meu estilo com os morcegos.

Cal riu com tanto gosto que Lee lamentou que a sua história não fosse verdadeira. Cal disse: — Pois eu sentei-me atrás de um poste e bebi que nem um porco.

— Sempre os animais...

— Tinha medo de meter uma bala na cabeça se não me embebedasse — interrompeu Cal.

— Tu nunca farias uma coisa dessas. Falta-te envergadura — disse Lee.

— A propósito, onde está o Aron?

— Fugiu correndo não sei para onde.

— Esse tem alguma envergadura!

— Eu sei. Achas que se terá suicidado?

Lee disse com desdém: — É espantoso! Sempre que alguém deseja tranquilizar-se, pede a um amigo que partilhe a sua opinião. É a mesma coisa que perguntar a uma peixeira se o peixe é fresco. Como queres que te responda?

Cal perguntou: — Por que fiz eu isto?

— Não compliques as coisas — respondeu Lee. — Tu bem sabes porquê. Ficaste a detestá-lo porque teu pai te magoou. Não custa nada perceber. E agiste com baixeza.

— Mas porquê? Eu não quero fazer mal a ninguém. Ajuda-me, Lee.

— Espera, pareceu-me ouvir o teu pai.

Lee precipitou-se para a porta.

Cal ouviu vozes embaixo e, depois, Lee tornou a entrar.

— Ele vai ao correio. Nós nunca recebemos correio à tarde. Aliás, ninguém recebe. Apesar disso, todos os homens de Salinas vão ao correio à tarde.

— Talvez bebam um copinho pelo caminho.

— Deve ser antes um hábito. E uma espécie de repouso. Vão passear e ver os amigos.— Em seguida, Lee acrescentou: — Cal, ando preocupado com o teu pai. Tem um ar aparvalhado. Ah! já me esquecia: sabes, a tua mãe se matou ontem à noite.

— Ah! — disse Cal. — Riu com escárnio. — Espero que tenha sofrido. Não! Não era isso o que eu queria dizer. Nem o que queria pensar. Não! de forma nenhuma.

Lee coçou um ponto da cabeça e acabou por coçá-la inteiramente, o que lhe dava o ar de estar imerso em profunda meditação. Finalmente, perguntou: — Sentiste um grande prazer em queimar todas as notas?

— Acho... que sim.

— E também sentes prazer em te castigar como o fazes? Gozas com o teu desespero?

— Lee!

— Muito presunçoso és tu! Sentes-te maravilhado com o trágico espetáculo oferecido por Caleb Trask. Caleb o magnífico! Caleb o único! Caleb, cujo sofrimento está pedindo um novo Homero. Já terás pensado que não passas de um ranheta, às vezes mesquinho, outras incrivelmente generoso, com um comportamento indecente e uma alma inocente? Talvez possuas mais energia, mas só energia — do que muitos outros, mas, fora isso, és igual a todos os outros ranhetas. Será caso que te tomes a sério? Estarás convencido de que és uma personagem sublime porque a tua mãe era rameira? E se acontecesse alguma coisa ao teu irmão, estarias disposto a arcar com as responsabilidades de assassinato? Ranheta!

Cal foi vagarosamente sentar-se à mesa. Lee o observava, contendo a respiração, como um médico que aguarda o efeito da injeção. Cal, transparente, exprimia tudo o que sentia. A raiva ante o insulto, a vontade de brigar, o vexame e, por fim... um princípio de calma.

Lee suspirou. Trabalhara com afincos, com ternura, e parecia ter sido bem sucedido. Em voz baixa, disse: — Nós somos um povo violento, Cal. Achas

estranho que me inclua? Sim, devemos descender de gente inquieta, de loucos, de criminosos, de heróis e fanfarrões, mas também corre nas nossas veias o sangue dos bravos, dos independentes e dos generosos. O sangue de todos aqueles que não quiseram morrer de fome nas terras esgotadas do velho mundo.

Cal voltou para Lee um rosto descontraído. Sorriu e Lee compreendeu que não conseguira enganar inteiramente o rapaz. Cal sabia que Lee lhe administrara um remédio, um excelente remédio, e estava grato.

Lee prosseguiu: — É por isso que eu me incluo. Todos nós herdamos o mesmo, embora os nossos pais viessem de terras diferentes. Os Americanos, por mais mestiçados que sejam, apresentam quase todos os mesmos traços de carácter. É uma raça selecionada acidentalmente. Nós somos inutilmente bravos e poltrões. Somos meigos e cruéis como as crianças. Temos a mania de atirar a nossa amizade à cara das pessoas e, ao mesmo tempo, desconfiamos dos estranhos. Gostamos de nos gabar e deixamo-nos impressionar com qualquer coisa. Somos sentimentais e realistas, mundanos e materialistas. Apesar disso, conheces mais alguma nação que se deixe arrastar tanto por ideais como a nossa? Comemos exageradamente e não temos o gosto nem o sentido das proporções. Desperdiçamos a nossa energia. Nos velhos continentes, dizem de nós que passamos diretamente da barbárie à decadência, sem o apogeu intermédio da cultura. Será possível que os nossos críticos não consigam descobrir a chave nem a linguagem da nossa cultura? Aqui tens o que todos nós somos, Cal. E tu não diverges muito disto.

— Continua — disse Cal, sorridente. — Vai falando.

— Não é preciso — disse Lee. — Já acabei. Quem me dera que o teu pai voltasse para casa. Ando preocupado com ele. E Lee sorriu com nervosismo. Lee foi dar com Adam encostado à parede, ao lado da entrada. Tinha os ombros descaídos e o chapéu em cima dos olhos.

— Que tem, Adam?

— Não sei. Sinto-me cansado, muito cansado.

Lee pegou-lhe pelo braço e conduziu-o para a sala. Adam deixou-se cair na poltrona e Lee tirou-lhe o chapéu. Adam esfregou as costas da mão esquerda com a mão direita. Tinha um olhar luminoso, muito estranho, mas fixo. Os lábios estavam secos, inchados, e a voz parecia vir de muito longe. Esfregava a mão com violência.

— É estranho — disse ele. — Desmaiei no correio. Nunca me tinha acontecido uma coisa assim. O Sr. Pioda ajudou-me a levantar. Pouco mais durou do que um segundo. Nunca tinha desmaiado.

Lee perguntou: — Havia correspondência?

— Sim... sim, acho que havia. — Levou a mão esquerda ao bolso e tornou a tirá-la. — Parece que tenho a mão entorpecida — disse ele como que a pedir que o desculpassem.

E vasculhou o bolso com a mão direita, extraindo um postal com franquia militar.

— Estava convencido de que já o tinha lido — disse ele. Devo tê-lo lido.

— Levou o postal aos olhos e, depois, deixou-o cair em cima dos joelhos. — Lee, preciso arranjar óculos. Nunca me tinham feito falta, mas já não consigo ler. As letras dançam diante dos olhos.

— Quer que eu leia?

— É engraçado... vou ter de arranjar óculos. Que diz o postal?

Lee leu: Querido papai, estou no exército. Disse que tinha dezoito anos. Tudo irá bem. Não te apoquentes. Aron.

— É estranho — disse Adam — tenho a impressão de já o ter lido, mas devo estar enganado.

E continuou a esfregar a mão.

Capítulo LII

1

Medonho e sombrio foi aquele inverno de 1917-1918! Os alemães tudo destruíam à sua passagem. Os Ingleses tiveram trezentas mil baixas em três meses. Várias unidades francesas amotinaram-se. A Rússia saíra da guerra. As divisões alemãs da frente leste, repousadas e reequipadas, eram lançadas na frente ocidental. A guerra parecia perdida.

Só em Maio é que conseguimos dispor de doze divisões prontas para o combate, o verão já principiara quando as nossas tropas começaram a atravessar o Oceano em número apreciável. Os generais aliados lutavam entre si. Os submarinos afundavam os nossos navios de transporte.

Todos aprendemos que a guerra não é uma carga heroica e rápida, mas sim uma operação lenta e incrivelmente complicada. Os nossos ânimos andaram muito abatidos naquele inverno. Perdêramos o entusiasmo e não tínhamos ainda aprendido a obstinação.

Ludendorff parecia invencível. Nada o detinha. Lançava ataques sucessivos contra os exércitos esgotados da França e da Inglaterra. Tínhamos medo de chegar tarde demais e de nos vermos sós perante os temíveis Alemães.

As pessoas procuravam esquecer a guerra, buscando a evasão no sonho, no vício ou numa alegria artificial. Os videntes e cartomantes estavam na moda e os cabarés faziam uma fortuna. Alguns, para fugirem ao medo circundante e ao desencorajamento, fechavam-se dentro de si mesmos com as suas alegrias e as suas tragédias íntimas. Não é de estranhar que hoje nos tenhamos esquecido de tudo isso — Lembramos a primeira guerra mundial como se fosse uma rápida vitória, com bandeiras e fanfarras, paradas, multidões ululantes, combatentes aclamados e desordens nos bares com as bestas dos Ingleses que estavam convencidos de ter ganho a guerra. Como esquecemos depressa esse inverno em que Ludendorff reinava e em que muita gente se preparava para aceitar uma derrota!

2

Adam Trask sentia-se desamparado. Não precisou de se demitir porque lhe concederam uma licença por motivo de doença. Passava horas a esfregar as costas da mão com uma escova rija molhada em água quente.

— É a circulação — dizia ele. — Assim que o sangue começar a circular, ficarei bom. O que me apoquentam são os olhos. Nunca tinha tido nada na vista e, agora, preciso de ir ao médico. Usar óculos, eu! Vai custar-me a habituar. Vou hoje ao oculista, mas sinto-me ainda um pouco tonto.

Na verdade, sentia-se mais tonto do que pretendia admitir. Não podia caminhar dentro de casa sem se apoiar às paredes. Lee ajudava-o a levantar-se da poltrona ou da cama e a atar os atacadores dos sapatos, pois ele não podia servir da mão esquerda entorpecida.

Referia-se a Aron quase todos os dias.

— Compreendo perfeitamente que um rapaz se queira alistar — dizia ele. — Se o Aron tivesse pedido a minha opinião, procuraria dissuadi-lo, mas seria incapaz de o proibir. Você sabe que é esta a minha maneira de pensar, Lee.

— Sei, sim.

— O que eu não entendo é porque se foi embora sem dizer palavra. Porque não escreve? Julgava conhecê-lo melhor. Terá escrito à Abra? Com certeza que lhe escreveu.

— Hei de lhe perguntar.

— Pergunte. Vá já perguntar.

— Os treinos são muito fatigantes. Pelo menos, é o que dizem. Talvez seja por isso que não tem tempo para escrever.

— Um postal escreve-se num instante.

— Quando estava na tropa, também escrevia ao seu pai? — Julga que me atrapalha com essa pergunta? Não escrevia, não; mas eu tinha uma razão. Não queria alistar-me. Foi o meu pai quem me obrigou. Fiquei ofendido com ele. Como vê, tinha uma boa razão. Mas o Aron... estava a ir tão bem na Universidade. Eles até escreveram a pedir notícias. Leu a carta? Ele não levou roupa nenhuma, nem sequer o relógio de ouro.

— Onde está não precisa de roupa nem de relógios de ouro. Lá só o deixam usar coisas castanhas.

— Tem razão. Mas não compreendo. Tenho de fazer alguma coisa pelos meus olhos; você não pode passar o tempo todo a ler em meu lugar. — Os olhos preocupavam-no deveras. — Vejo as letras, mas não consigo formar as palavras.

Era frequente pegar num jornal ou num livro, segurá-lo, diante dos olhos e pô-lo de parte.

Para o impedir de pensar noutra coisa, Lee lia-lhe todos os jornais e, muitas vezes, Adam adormecia. Ao acordar, perguntava: — Lee? És tu, Cal?

Nunca tive dores nos olhos. Amanhã, vou mandar examiná-los. Em meados de Fevereiro, Cal entrou na cozinha e disse: — Lee, ele está sempre a falar no mesmo. O melhor é levá-lo ao oculista.

Lee estava a fazer compota de alperche. Afastou-se do fogão para fechar a porta da cozinha, e aproximou-se de Cal.

— Convém evitar que ele lá vá.

— Por quê? — Aquilo deve ter outra origem e, se ele a descobrir, poderá ficar ainda mais abalado. Precisa de descansar mais uns tempos. Apanhou um choque muito grande. Primeiro, tem de se recompor. Prefiro passar os dias a ler-lhe os jornais.

— Que te parece que seja?

— Não sei bem. Talvez o Dr. Edwards pudesse passar um dia... por acaso.

— Faz como quiseres — disse Cal.

— Tornaste a ver a Abra?

— Tornei, sim. Mas ela me evita.

— Vê se descobres um meio de te aproximares.

— Pois claro. Atiro-a ao chão, dou-lhe um murro e obrigo-a a responder.

Mas não estou para isso.

— Há outros processos. Às vezes, a barreira é tão frágil que basta tocar-lhe para que caia. Tens de falar com ela. Diz-lhe que preciso de vê-la.

— Não.

— Deves sentir-te muito culpado.

Cal não respondeu. — Não gostas dela?

Cal não respondeu.

— Se mantiveres essa atitude, só poderás ir de mal a pior. Mais valia que abrisses o coração.

— Queres que diga ao meu pai o que fiz? Se me aconselhas isso, obedecerei.

— Não, Cal, por enquanto, não. Mas terá de ser, quando ele estiver melhor. Terá de ser por causa de ti. É um fardo demasiado pesado, que acabaria por te esmagar e por te matar.

— Talvez eu mereça morrer.

— Basta! — disse Lee com secura. — Não há forma mais mesquinha de indulgência para consigo mesmo. Basta!

— E o que hei de fazer para esquecer?

Lee mudou de assunto.

— Não entendo por que Abra não veio aqui.

— Já não tem motivos para vir.

— Nah, ela não costuma proceder desse modo. Aí anda mistério. Não a tens visto?

Cal franziu as sobrancelhas.

— Já te disse. Parece que também estás maluco. Já tentei falar com ela três vezes mas se esquivava sempre.

— Acho estranho. Ela é uma mulher franca e sensata.

— É uma moça — disse Cal. — Piada ouvir-te chamar de mulher.

— Não digas isso. Algumas já nascem mulheres. A Abra tem o encanto, a coragem, a força e o senso comum da mulher. Ela compreende as coisas e aceita-as. Estou convencido de que não há nela mesquinhez, nem maldade, nem futilidade, a não ser que se trate da futilidade que contribui para realçar a beleza.

— Parece que tens muita consideração por ela.

— A consideração suficiente para saber que ela seria incapaz de nos trair. A Abra faz muita falta. Pede-lhe que venha me ver.

— Já te disse que não me quer falar.

— Pois, então, corre atrás dela. Diz que a quero ver, que me faz falta.

Cal perguntou: — E se falássemos dos olhos do papai?

— Não.

— E se falássemos do Aron?

— Não.

3

No dia seguinte, Cal tentou encontrar Abra e só ao sair do liceu é que a viu à sua frente, de regresso a casa. Enfiou a correr por uma rua transversal, depois seguiu pela paralela e, quando imaginou que ela deveria ter chegado ao fundo da rua, dobrou a esquina.

— Bom dia — disse ele.

— Bom dia. Tinha a impressão de te ter visto atrás de mim.

— É verdade. Fui dar a volta ao quarteirão para te encontrar de frente.

Preciso te falar.

Ela olhou-o com gravidade.

— Não era preciso correr.

— Tentei falar-te na escola, mas tu me evitaste.

— Tu parecias completamente doido e eu não queria falar com um doido.

— Notava-se muito?

— Sim, pela cara e pela maneira como andavas. Hoje, já estás com um ar diferente..

— Tens razão.

— Não te importas de levar os meus livros? — perguntou ela a sorrir.

Cal respondeu calorosamente: — Com todo o prazer.

Meteu os livros debaixo do braço e pôs-se a caminhar ao lado de Abra. —

Lee pediu-me para te dizer que gostaria de te ver.

Abra estava encantada. — A sério? Então diz-lhe que irei. Como está o teu pai?

— Não vai lá muito bem. Sofre da vista.

Prosseguiram em silêncio mas, pouco depois, Cal não se conteve mais: — Sabes o que sucedeu ao Aron?

— Sei. Abre o meu livro de história e vê na primeira página.

Cal encontrou um bilhete postal.

Querida Abra.

Sinto-me impuro e indigno de ti.

Perdoa-me. Alistei-me no exército.

Não vás visitar o meu pai.

Adeus.

Cal fechou o livro com violência.

— Filho da mãe! — disse ele num sussurro.

— O quê?

— Nada.

— Eu ouvi o que tu disseste.

— Sabes por que foi embora?

— Não. Mas, se quisesse, saberia. Bastaria procurar. Mas não quero. Não estou disposta... A não ser que tu queiras dizer-me.

De súbito, Cal perguntou: — Abra... tu me detestas?

— Não. Mas sei que tu me detestas um pouco. Por quê?

— Porque tenho medo de ti.

— Não há razão nenhuma.

— Eu fiz-te mais mal do que tu pensas. E tu és a noiva do meu irmão.

— Tu fizeste-me mal? Eu não sou a noiva do teu irmão.

— Muito bem — disse ele com coragem. — Vou contar. E não esqueças que foste tu que me pediste. A nossa mãe era uma prostituta que tinha uma casa nesta cidade. Há muito tempo que eu o sabia. Na noite de Ação de Graças, levei lá o Aron e mostrei-lhe a mãe.

Abra atalhou. — E que fez ele?

— Ficou furioso, quase como louco. Depois de xingá-la, saímos, deu-me um murro e fugiu. A nossa querida mãe suicidou-se. O meu pai... adoeceu. Agora, já me conheces e já tens motivos para te afastares de mim.

— Agora, já conheço a ele — disse ela calmamente.

— Ao meu irmão?

— Sim, ao teu irmão.

— Ele era bom. Por que disse eu que era? É bom. Não é mau nem perverso como eu.

Tinham afrouxado o passo.

Abra deteve-se. Cal também. A moça olhou-o de frente.

— Cal — disse ela — há muito tempo já que eu sabia quem era a tua mãe.

— Ah! sim?

— Ouvi meus pais dizendo quando me julgavam a dormir. Queria confessar-te uma coisa difícil e agradável ao mesmo tempo.

— Queres mesmo confessar?

— É preciso. Ainda não há muito tempo que deixei de ser uma simples menina. Compreendes o que eu quero dizer?

— Compreendo — disse Cal.

— Tens certeza?

— Tenho.

— Pior para mim. Assim ainda vai custar mais. Devia ter dito isto mais cedo. Cal, eu já não gosto do Aron.

— Por quê?

— Vou tentar explicar. Quando éramos crianças, vivíamos uma história que tínhamos inventado. Mas eu cresci e a história já não me chega. Preciso de outra coisa. A história já deixou de ser verdadeira.

— Mas...

— Espera, deixa-me acabar. O Aron, esse, não cresceu. Talvez até fique uma criança toda a vida. Quer viver a sua história tal como a sonhou e não suporta de modo nenhum que ela prossiga de outra forma.

— E tu?

— Eu nunca estive interessada no remate da história. A única coisa que me interessa é vivê-la. Há muito tempo já... que nós éramos como dois estranhos. Ainda mantivemos a história porque estávamos habituados, mas eu já não acreditava nela.

— E o Aron?

— Esse, só quer que a história continue como ele entender, nem que, para isso, tenha de destruir tudo à sua volta.

Cal baixou os olhos para o chão. Abra perguntou-lhe: — Acreditas em mim?

— Esforço-me por compreender.

— Quando somos crianças, julgamos ser o centro do mundo. Tudo o que acontece é a nós que acontece. Os outros? São fantasmas postados ao pé de nós com quem nos dignamos dialogar. Mas quando crescemos e ocupamos o lugar que nos compete, ficamos reduzidos ao tamanho e ao formato exatos. As coisas passam a dar-se com reciprocidade. É pior mas também não deixa de ser melhor. Ainda bem que me falaste no Aron.

— Por quê?

— Porque, doravante, já sei que não sou inteiramente responsável. Ele não podia suportar a verdade acerca da mãe porque ela não fazia parte da sua história e porque não estava de forma nenhuma disposto a viver uma outra. Foi

por isso que destruiu tudo à sua volta, do mesmo modo que já tinha destruído a mim quando quis ser padre.

Cal disse: — Preciso refletir bem nisso tudo.

— Dá-me os livros — pediu ela. — Diz ao Lee que irei vê-lo. Agora já me sinto liberta. Também preciso refletir muito. Acho que gosto muito de ti, Cal.

— Eu não valho nada.

— Talvez seja por isso.

Cal entrou correndo em casa. — Ela vem amanhã.

— Que agitação é essa, rapaz? — perguntou Lee.

4

Abra entrou em casa na ponta dos pés e encostou-se à parede para não fazer ranger o soalho. Na altura em que assentava o pé no primeiro degrau da escada, mudou de opinião e dirigiu-se para a cozinha.

— Até que enfim — disse-lhe a mãe. — Não vieste diretamente da escola?

— As aulas, hoje, acabaram mais tarde. O papai está melhor?

— Acho que sim.

— Que disse o médico?

— A mesma coisa. Que tem trabalhado demais e que precisa de repouso.

— Mas o papai não parecia nada cansado.

A mãe tirou três batatas de um cesto e lançou-as na pia.

— O teu pai tem muita coragem, minha filha. Eu já devia ter desconfiado.

Além das suas próprias obrigações, tem trabalhado imenso para o esforço de guerra, e o médico diz que os nervos cederam de repente.

— Posso ir vê-lo?

— Acho que ele não quer ver ninguém. Há pouco, telefonou o juiz Knudsen e o teu pai mandou dizer que estava dormindo.

— Queres que te ajude?

— Vai mudar de vestido, querida. Não quero que sujes esse.

Abra passou diante da porta do pai no bico dos pés e entrou no seu quarto. O papel das paredes era agressivamente colorido e os móveis brilhavam sob a camada de cera. Havia fotografias dos pais em cima da cômoda, poemas encaixilhados pendiam das paredes e, no guarda-fato, tudo estava nos seus lugares. O soalho estava encerado e os sapatos meticulosamente arrumados. Era

a mãe quem fazia tudo, quem dirigia, quem punha e dispunha de Abra.

Abra já abandonara há muito tempo a ideia de ter algo de pessoal no seu quarto. Ali nada lhe pertencia, Exceto as suas ideias. Por isso, até as poucas cartas que recebera guardava na sala, escondidas entre páginas das Memórias de Ulysses S. Grant livro só por ela folheado desde que saíra da tipografia.

Abra sentia-se, agora, feliz e não procurava descortinar as razões desse seu estado. Havia certas coisas que ela sabia sem sombra de dúvida e que nunca comentava. Sabia, por exemplo, que o pai não estava doente e que se escondia. Adam Trask, esse, estava doente, pois vira-o andar na rua. Saber a mãe que o marido estava com medo? Abra despiu-se e vestiu a blusa de algodão que a mãe destinara, de uma vez para sempre, “à lida da casa”. Escovou o cabelo e passou novamente diante da porta do pai sem fazer ruído. No fundo da escada, abriu o livro de história e tirou o postal de Aron. Na sala, sacudiu o segundo livro das Memórias e fez cair as cartas de Aron. Dobrou-as e, depois de erguer a blusa, entalou-as no elástico das calcinhas. Quando chegou à cozinha, pôs um avental para disfarçar o livro.

— Vai descascando as cenouras — disse-lhe a mãe. — Essa água já está quente?

— Já.

— Então, joga um cubo de caldo de carne. O médico disse que fazia bem ao teu pai. Assim que a mãe saiu para ir levar a tigela de caldo ao doente, Abra abriu o incinerador, jogou as cartas lá dentro e botou fogo. A mãe observou, ao chegar: — Cheiro de fumaça...

— Fui eu que botei fogo no lixo. Já estava cheio.

— Podias ter perguntado a minha opinião. Só tencionava acender o incinerador amanhã, para aquecer a cozinha.

— Desculpe, mamãe — disse Abra. — Foi falta de pensar.

— Pois devias ter pensado. Ultimamente, acho-te muito distraída.

— Peço desculpa, mamãe.

— Mais valia que pensasses em vez de pedires desculpa.

O telefone tocou na casa de jantar. A Sra. Bacon foi responder.

— Não, o médico recomendou que não recebesse visitas. Ninguém. Não. Não. Ninguém.

Voltou à cozinha.

— Era o juiz outra vez — disse ela.

Capítulo LIII

1

No dia seguinte, durante as aulas, Abra andava satisfeita só com a ideia de ir ver Lee.

— Disseste-lhe que eu ia visitá-lo? — perguntou ela a Cal num intervalo.

— Começou logo a fazer uma torta qualquer — respondeu Cal.

Vestia uniforme: um dólmã mal cortado de gola muito alta e polainas nas pernas.

— Vais aos exercícios? — perguntou Abra. — Nesse caso, chego antes de ti. Que gênero de torta?

— Não sei. Mas deixa-me um bocado. Pareceu-me que cheirava a morangos. Não te esqueças de me deixar um ou dois bocados.

— Queres ver o presente que eu vou dar ao Lee? Olha.

Abra destapou uma caixinha de cartão.

— É um novo modelo de descascador de batatas. Só tira a pele. Não custa nada usar.

— Com isso, ele vai dar-te a torta toda — disse Cal. — Depois, acrescentou: — Se eu me atrasar, espera por mim.

— Vais levar-me a casa?

— Vou — disse Cal.

Ela fitou-o insistentemente, até ele baixar os olhos. Depois, correu para a aula.

2

Adam adquirira o hábito de dormir até tarde ou, antes; habituara-se a dormir com frequência. Sonos curtos, de noite e de dia.

Lee entrou várias vezes no quarto antes que ele acordasse.

— Sinto-me bem esta manhã — disse Adam.

— Se a isto se pode chamar manhã. Já são onze horas.

— Valha-me Deus! Tenho de me levantar.

— Para quê? — perguntou Lee.

— Para quê? Sim, de fato, para quê? Mas a verdade é que me sinto bem.

Talvez pudesse ir até ao escritório. Como está o tempo?

— Frio — respondeu Lee.

Ajudou Adam a levantar-se. Os botões e os atacadores dos sapatos eram uma carga de trabalhos para Adam. Enquanto Lee o auxiliava, Adam disse: — Tive um sonho bastante real. Sonhei com o meu pai.

— Era um homem de grande merecimento — disse Lee. — Li os recortes de jornais que mandou o advogado do seu irmão. Era um homem de grande valor.

Adam olhou calmamente para Lee. — Sabe que era um ladrão?

— Talvez fosse no seu sonho — disse Lee. — Ficou enterrado em Arlington. Num dos artigos, li que o Vice-Presidente e o Ministro da Guerra tinham assistido ao funeral. Talvez isso tivesse interesse para um artigo de fundo de um dos jornais da terra. Como estamos em guerra, vinha a propósito. E se nós reuníssemos os elementos necessários? — Ele era um ladrão — disse Adam. — Naquela altura, não quis acreditar, mas agora tenho a certeza. Desviou os fundos do G. A. R.

— É incrível — disse Lee.

Os olhos de Adam estavam marejados de lágrimas. Já era costume. Lee disse: — Sente-se que eu já lhe trago o café. Sabe quem vem cá esta tarde? A Abra!

— A Abra? Ah! a Abra! É boa moça.

— Eu gosto dela — disse Lee com simplicidade. — Sentou Adam diante da mesa de jogo

— Quer entreter-se com o puzzle enquanto eu preparo o pequeno almoço?

— Não, obrigado. Esta manhã, não. Prefiro pensar no meu sonho antes que o esqueça.

Quando Lee voltou com a bandeja, Adam já adormecera na cadeira. Lee despertou-o, leu-lhe o jornal enquanto ele comia e, depois, levou-o à casa de banho.

Toda a cozinha rescendia a bolos. Alguns morangos tinham-se queimado e espalhavam um cheiro agradável, agri-doce e adstringente.

Lee sentia-se feliz, aguardando o grande acontecimento do dia.

“O Adam está com os pés para a cova, pensou ele. Eu também devo estar, mas não o sinto. A sensação que tenho é de ser imortal. Quando era muito novo, sentia-me mortal, mas acabou-se. A morte recuou.” E perguntava a si mesmo se seria normal pensar daquela maneira.

“Que queria dizer Adam quando se referia às roubalheiras do pai? Devia fazer confusão com o sonho. Depois, Lee deixou-se arrastar pela imaginação, como tantas vezes lhe acontecia. “Supondo que era verdade — Adam, o homem mais estritamente honesto que se pudesse encontrar, vivera toda a vida à custa de uma fortuna roubada.” Lee riu para dentro. “E o seu filho Aron, confortavelmente instalado numa pureza egoísta, beneficiará toda a vida dos lucros de um bordel. Seria uma ironia do destino, ou estariam as forças assim equilibradas para que o fiel da balança se mantivesse horizontal?” Lee pensou em Sam Hamilton. Batera a tantas portas. Tinha tantas ideias, tantos projetos, e ninguém lhe dera dinheiro. Mas possuía outra riqueza. Que mais lhe poderiam dar? A riqueza parece chegar aos pobres sob uma forma espiritual e, para restabelecer o equilíbrio, os ricos não passam de uma corja de brutos. Lee perguntou a si mesmo se não estaria a ir longe de mais. Mas havia exemplos.

Pensou em Cal, queimando o dinheiro para se punir. Mas o castigo não o ferira tão profundamente como o crime. Lee disse para consigo: “Se, de fato, existe um lugar onde um dia me hei de encontrar com o Sam Hamilton, quantas histórias não terei para lhe contar!” E acrescentou: “E ele, então!” Lee voltou ao quarto de Adam e encontrou-o a tentar abrir a caixa que continha os artigos necrológicos sobre o pai.

3

Naquela tarde soprava um vento frio. Adam teimou em ir ao escritório da Junta de Recrutamento. Lee vestiu-o e acompanhou-o até à porta.

— Se se sentir mal, sente-se mesmo no sítio onde estiver.

— Está bem — anuiu Adam. — Mas hoje sinto-me bem. Talvez pudesse aproveitar para examinar os olhos.

— Deixe isso para amanhã. Eu irei consigo.

— Logo se vê — disse Adam. E pôs-se a caminho, balançando os braços com um ar marcial. Abra chegou com os olhos a brilhar e o nariz avermelhado pelo vento frio. Vinha tão radiante que Lee se pôs a rir de satisfação.

— Onde está a torta? — gritou ela. — Vamos escondê-la para o Cal não a encontrar! — Abra sentou-se na cozinha. — Estou tão contente por ter voltado!

Lee quis falar, mas engasgou-se. O que tinha a dizer era agradável, mas delicado.

— Poucas coisas tenho desejado na minha vida — começou ele. —

Aprendi muito cedo a ser pouco exigente; é a única maneira de evitarmos as decepções.

Abra disse alegremente: — Mas agora deseja qualquer coisa. O que é?
— Gostaria que fosse minha filha...

Sentiu-se extremamente chocado com o que dissera, aproximou-se do fogão a gás, apagou-o e tornou a acendê-lo. Abra respondeu docemente: — Pois eu gostaria que fosse meu pai.

Ele olhou-a de soslaio, mas desviou logo o olhar.

— Sêrio?

— Sêrio.

— Por quê?

— Porque gosto de ti.

Lee saiu precipitadamente e foi sentar-se no seu quarto, apertando as mãos com força até que a respiração se normalizasse.

Então, levantou-se e tirou da cômoda uma caixinha de ébano com um dragão na tampa. Voltou à cozinha e depôs a caixa nas mãos de Abra.

— É para ti — disse ele numa voz sem timbre.

Ela abriu a caixa e viu um pequeno alfinete de jade verde escuro trabalhado em forma de mão humana. Abra pegou na joia, levou-a à boca, molhou-a com a ponta da língua, passou-a pelos lábios e encostou-a ao rosto.

— Era a única joia da minha mãe — disse Lee.

Abra levantou-se, envolveu-o nos braços e beijou-o no rosto.

Era a primeira vez que tal coisa acontecia a Lee. — Parece que perdi a minha placidez oriental. O único meio de a recuperar é fazer chá, querida. — Fez uma ligeira pausa. — É a primeira vez na minha vida que emprego esta palavra. Nunca tratei ninguém assim.

Abra disse: — Esta manhã, quando acordei, senti-me feliz.

— Também eu — disse Lee. — E já sei por quê. Era por saber que vinha.

— Eu também era por isso, mas...

— Noto uma grande mudança em ti — disse Lee. — Já deixou de ser a menina que era.

— Foi por ter queimado todas as cartas do Aron.

— Ele portou-se mal contigo?

— Não. Não acho. Ultimamente, eu nunca me sentia suficientemente boa.

Há muito tempo que andava com vontade de explicar-lhe que era má.

— E agora que já não precisa de ser perfeita, pode ser boa, não é isso?

— Talvez. Acho que sim.

— Sabe quem era a mãe dos rapazes?
— Sei. Mas ainda não me ofereceu uma fatia de torta. E estou com sede.
— Beba chá, Abra. Gosta do Cal?
— Gosto.
— Ele está abarrotado de tudo o que é bom e o que é mau. Pareceu-me que bastaria apenas um empurrão com um dedo de uma certa pessoa...
Abra baixou a cabeça para a xícara de chá.
— Ele pediu-me para ir com ele ao monte Alisal quando as azaleas estiverem em flor.
Lee pousou as mãos na mesa e inclinou-se para a frente.
— Nem preciso perguntar-lhe se aceitou.
— É Aceitei.
— Não esteja tanto tempo sem voltar a esta casa.
— Os meus pais não querem que venha.
— Só os vi uma vez, mas pareceram-me boa gente. Às vezes, convém aplicar estranhos remédios. Gostaria de saber se eles não modificariam a atitude quando soubessem que o Aron acabou de herdar cem mil dólares.
Abra abanou a cabeça com gravidade, esforçando-se por não sorrir.
— Tem razão — disse ela. — Qual será a melhor maneira de lhes dar a notícia?
— Olhe, minha querida — disse Lee — se me dessem uma tal novidade, a primeira coisa que eu fazia era telefonar a alguém. Talvez me enganasse no número.
— E diria a esse tal número a proveniência do dinheiro?
— Claro que não — disse Lee.
Abra olhou para o relógio pendurado na parede. — São quase cinco horas. Tenho de ir embora. O meu pai não tem passado bem. Pensei que o Cal já estivesse de volta dos exercícios.
— Apareça assim que puder — disse Lee.

4

Abra encontrou Cal à saída da porta.
— Espera — disse ele, entrando em casa.
— Toma conta dos livros de Abra! — gritou-lhe Lee da cozinha.
Com a aproximação da noite, o vento tornara-se mais frio, fazendo

balançar os candeeiros e bailar as sombras dos transeuntes. Os homens que regressavam do trabalho escondiam o queixo na gola do sobretudo e apressavam o passo em direção ao calor. Ouvia-se a música monótona que vinha do ringue de patinagem.

Cal disse: — Não te importas de segurar um instante nos livros, Abra? Queria desapertar a gola que me está a cortar o pescoço.

Abriu-a e suspirou de alívio. No jardim dos Berges, os ramos da palmeira davam palmadas secas, enquanto um gato miava sem interrupção diante de uma porta de cozinha fechada.

Abra disse: — Nunca hás de dar um bom soldado. És independente de mais.

— Talvez — disse Cal. — Todas aquelas ordens que nos berra o velho Krag-Jorgensens me parecem ridículas. Se um dia me vier a interessar por elas, talvez faça um bom soldado.

— A torta estava maravilhosa — disse Abra. — Deixei ficar um pedaço para ti.

— Obrigado. O Aron, esse, deve dar um bom soldado.

— Também acho. Deve ser o melhor de todos. Quando iremos colher as azaleas?

— Nunca antes da primavera.

— Então, ela que venha depressa! Poderemos almoçar no campo.

— E se chover? — Pior para nós. Seja como for, não deixaremos de ir.

Abra pegou os livros e entrou no jardim da sua casa.

— Até amanhã — disse.

Cal não regressou diretamente a casa. Enfiou pela noite gelada, passou diante da escola e do ringue de patinagem que era constituído por um estrado tapado com uma grande tenda de onde saía o som estridente de uma orquestra mecânica. Não havia patinadores. O velho proprietário estava sentado na sua cabina e folheava com a ponta dos dedos um maço sebento de bilhetes de entrada.

A Main Street estava deserta. O vento empurrava detritos pelo chão. Tom Meek, o guarda de serviço, saiu da confeitaria Bell e travou conversa com Cal.

— Era melhor que abotoasse a gola, seu militar das dúzias — disse ele.

— Olá, Tom. Faz-me doer o pescoço.

— Já ninguém te vê a vadiar de noite.

— Pois não.

— Resolveste ter juízo?

— Quem sabe?

Tom gabava-se da sua aptidão para gozar as pessoas com o ar mais sério deste mundo.

— Não andará aí mouro na costa?

Cal não respondeu. — Ouvi dizer que o teu irmão conseguiu alistar-se. Estarás tu apaixonado pela noiva dele?

— Então, não haveria de estar?

O interesse de Tom aguçou-se. — O Will Hamilton anda a contar por toda a parte que ganhaste quinze mil dólares com o feijão. Será verdade?

— Claro que é — disse Cal.

— Tu não passas de um pequeno. Que tencionas fazer com tanto dinheiro?

Cal sorriu. — Queimei-o.

— Queimaste-o, como?

— Risquei um fósforo e queimei-o.

Tom perscrutou o rosto dele.

— Ah! Claro. Era o que tinhas de melhor a fazer. Eu vou para aquele lado. Boa noite, rapaz. Tom Meek não gostaria que fizessem pouco dele. “Ora o filho da mãe, pensou ele. Não querem ver que agora também arma em esperto?” Cal desceu vagarosamente a Main Street olhando para as montras. Gostaria de saber onde estaria Kate enterrada. Se soubesse, iria pôr um ramo de flores na sepultura. Achou graça a tal impulso. Estaria a ser fingido? O vento do Vale era capaz de levantar uma pedra sepulcral, quanto mais um ramo de cravos... Sem saber porquê, lembrou-se do nome mexicano dos cravos – deviam ter dito quando era pequeno. Chamavam-lhes cravos de amor, e aos malmequeres, cravos de morte. Era uma palavra assim... claveles. Talvez fosse melhor pôr malmequeres na tumba da mãe. “Estou começando a pensar como o Aron.”

Capítulo LIV

1

O inverno parecia relutante em afrouxar a pressão da sua garra fria, úmida e ventosa. E toda a gente dizia: “É por causa dos tiros de canhão que dispararam em França que dão cabo do tempo em todo o mundo.,, As sementes levaram tanto tempo a germinar no vale do Salinas e as flores silvestres abriram tão tarde que se chegou a recear que nunca mais desabrochassem.

Mas nós sabíamos — ou pelo menos tentávamos convencer-nos — que no Dia de Maio, dia destinado aos piqueniques escolares nas faldas do Alisal, estariam em flor as azáleas que crescem à beira das torrentes, pois elas faziam parte integrante desse dia festivo.

Mas o dia foi frio. O piquenique dissolveu-se sob uma chuva glacial e as azáleas não tinham um único botão. Duas semanas depois, continuava tudo na mesma.

Cal não previra esse contratempo quando marcara a floração das azáleas como sinal para o passeio. Forçoso era esperar.

O Ford estava recolhido no barracão dos Windham, com os pneus cheios e duas pilhas secas para facilitar o arranque. Lee tinha tudo preparado para fazer as sandes no dia a indicar, mas cansou-se de esperar e desistiu de comprar pão de forma dia sim dia não.

— Deixem-se de coisas e vão de qualquer maneira — dizia ele.

— Não posso — respondia Cal.

— Estou à espera das azaleas.

— E como é que sabes que já floriram?

— Os Silacci moram para aqueles lados e vêm à escola todos os dias.

Eles dizem que só deve faltar uma semana.

— Ó meu Deus! — disse Lee, erguendo os olhos para o céu.

— Porque não nos concedes o piquenique? Adam recuperava as forças a pouco e pouco. A mão esquerda estava mais vigorosa. Todos os dias ia aumentando o tempo que podia dedicar à leitura.

— As letras só se põem a dançar quando estou cansado — dizia ele. — Ainda bem que não comprei óculos. Era capaz de estragar a vista.

Lee abanava a cabeça e sentia-se feliz. Fora a San Francisco procurar os livros de que precisava e encomendara pelo correio numerosos exemplares de revistas.

Já nada ignorava da anatomia do cérebro, dos sintomas e da gravidade das lesões e das tromboses. Estudara e fizera perguntas com a mesma tenacidade de que dera provas ao espiolhar e analisar um verbo hebraico. O Dr. H. C. Murphy aprendera a conhecer Lee e a sua impaciência profissional para com o criado chinês transformara-se em profunda admiração pelo estudante. O Dr. Murphy chegara mesmo a pedir emprestadas a Lee algumas das suas revistas especializadas. Certo dia, confessou ao Dr. Edwards: “Este chinês já sabe mais do que eu e, pelo menos, tanto como você, acerca da patologia da hemorragia cerebral.” Falava com uma espécie de raiva afetuosa. A profissão médica é inconscientemente irritada pela concorrência.

Lee veio comunicar-lhe que Adam estava melhor.

— Parece que prossegue a reabsorção.

— Tive um doente... — começou o Dr. Murphy.

E contou uma história otimista.

— Receio novo ataque — disse Lee.

— Não temos outro remédio senão confiar na vontade do Todo-Poderoso — disse o Dr. Murphy. — Ainda não podemos remendar uma artéria como se fosse uma velha câmara de ar. Gostaria de saber como é que faz para lhe medir a tensão arterial?

— Aposto na dele e ele aposta na minha. É muito mais divertido do que as corridas de cavalos.

— E quem é que ganha?

— Poderia ser eu — disse Lee — mas não quero. Isso estragaria o jogo.

— Como é que consegue mantê-lo calmo?

— Isso é uma invenção minha — disse Lee. — Chamo tagareloterapia.

— Deve tomar-lhe o tempo todo.

— Pois toma — disse Lee.

2

No dia 28 de maio de 1918, as tropas americanas efetuaram a sua primeira grande intervenção na guerra mundial. A Primeira Divisão, comandada pelo General Bullard, recebeu ordens para capturar a aldeia de Cantigny. Esta,

situada numa eminência, dominava todo o vale do Avre. A defesa estava organizada por um sistema de trincheiras, de ninhos de metralhadoras e de artilharia. A frente tinha pouco mais de quilómetro e meio de extensão.

Às seis e quarenta e cinco do dia 28 de maio de 1918, teve início o ataque com uma hora de preparação pela artilharia. Tomaram parte as seguintes tropas: o 28 de Infantaria — Coronel Ely, uma companhia do 18 de Infantaria — Parker, uma companhia de sapadores e a artilharia divisionária — Summerall, apoiadas por blindados franceses e lança-chamas.

O ataque teve êxito completo. Os americanos apoderaram-se das posições e repeliram dois poderosos contra-ataques alemães. A Primeira Divisão foi felicitada por Clemenceau, Foch e Pétain.

3

Só no fim do mês de maio é que os Silacci anunciaram que as flores rosa-salmão das azaleas tinham acabado de abrir. Era quarta-feira e a campainha tocava para a aula das nove.

Cal precipitou-se para a aula de inglês e, na altura em que Miss Norris ia sentar-se à mesa, agitou o lenço e assoou-se ruidosamente. Depois, desceu para as retretes dos rapazes e esperou até que acionassem o autoclismo do lado das moças. Saiu pela porta da cave, esgueirou-se ao longo da parede de tijolos encarnados, escondeu-se atrás do pimenteiro e caminhou lentamente até que Abra se lhe juntasse.

— Quando floriram? — perguntou ela.

— Esta manhã.

— Esperamos por amanhã?

Cal olhou para o belo sol dourado, o primeiro daquele ano.

— Queres esperar?

— Não — respondeu ela.

— Eu também não.

Partiram a correr, compraram pão na padaria Reynaud e obrigaram Lee a correr. Adam, ao ouvir gritos na cozinha, entrou.

— Que barulho é este? — perguntou.

— Vamos fazer um piquenique — disse Cal.

— Hoje não há aulas? — Abra respondeu: — Há, mas resolvemos fazer gazeta.

Adam sorriu.

— Estás corada como uma rosa.

Abra atirou-lhe: — Por que não vem conosco? Vamos apanhar azáleas ao Alisal.

— Teria muito prazer em ir — disse Adam. — Depois, acrescentou: — Não, não posso. Prometi ir à fábrica. Estão montando novas máquinas. Que lindo dia!

— Havemos de lhe trazer flores — prometeu Abra.

— Divirtam-se bem.

Assim que ele saiu, Cal disse: — Por que não vens tu, Lee?

Lee lançou-lhe um olhar penetrante. — Nunca julguei que pudesses ser tão idiota.

— Venha, Lee! — insistiu Abra.

— Não sejam tolos! — disse Lee.

4

Aprazível é o riacho que rumoreja pelo monte Alisal, vindo da serra dos Gabilanes, a nascente do vale do Salinas. A água desliza pelos calhaus e lava incessantemente as raízes das árvores.

O aroma das azáleas e das folhas verdes aquecidas pelo sol enchia o ar. O Ford estava parado à beira do regato, ofegante ainda pelo esforço despendido. No banco de trás amontoavam-se os ramos de azáleas.

Cal e Abra estavam sentados na margem, entre os papéis do almoço, com os pés mergulhados na água.

— As flores murcham sempre antes de chegarem a casa — disse Cal.

— Mas são uma desculpa tão boa. Se não fores tu, estou a ver que terei de ser eu...

— A fazer o quê?

Ela pegou-lhe a mão. — Isto — disse. — Eu não me atrevia.

— Por quê?

— Não sei.

— Mas eu atrevi-me.

— As moças são mais atrevidas do que os rapazes.

— Talvez seja verdade.

— Tu nunca tens medo?

— Tenho, sim — disse ela. — Tive medo de ti no dia em que me dissesse que tinha feito xixi nas calças.

— Foi por maldade — disse ele. — Não sei por que fiz isso.

Subitamente, Cal ficou silencioso.

Ela apertou-lhe a mão.

— Sei no que estás pensando e quero que esqueças.

Cal olhou para a água e virou uma pedra escura com a ponta do pé.

Abra disse: — Julgas-te pior do que os outros? Estás convencido de que atraís o mal...

— É que...

— Vou dizer-te uma coisa. O meu pai está em apuros.

— Que gênero de apuros?

— Não fiquei escutando atrás das portas, mas ouvi. Ele não está doente. Tem medo por qualquer coisa que fez.

Cal voltou a cabeça.

— Suponho que roubou dinheiro. Ele ainda não sabe se os sócios o vão mandar prender ou se lhe vão dar tempo para devolver o dinheiro.

— Como sabes tu isso?

— Ouvi-os gritar no quarto. A minha mãe pôs um disco tocando para abafar as vozes.

— Tu não estás a inventar tudo isso? — perguntou ele.

— Não. É verdade.

Cal aproximou-se dela, pousou a cabeça no seu ombro e enlaçou-lhe timidamente a cintura.

— Como vês, não és o único...

Abra deteve-se e olhou-o de soslaio.

— Agora, estou com medo — disse ela em voz débil.

5

Nessa mesma tarde, às três horas, Lee folheava as páginas de um catálogo de sementes. As ervilhas-de-cheiro eram a cores.

— Ficavam bem na cerca das traseiras. Ainda por cima, tapavam o charco. Só não sei se terão sol que chegue.

Ao ouvir a própria voz, levantou a cabeça e sorriu. Acontecia-lhe cada vez mais surpreender-se a falar em voz alta, quando a casa estava vazia.

— É da idade — disse ele. — A cabeça a divagar... — Deteve-se e ficou imóvel. — É esquisito, pareceu-me ouvir qualquer coisa. Terei deixado o gás aceso? Não... agora me lembro. — Apurou novamente o ouvido. — Graças a Deus, não sou supersticioso. Se fosse impressionável, acabaria por ouvir fantasmas deslizando.

Bateram à porta da rua.

— Era isto. Era isto o que eu esperava. Pois toca à vontade. Não me deixarei guiar por pressentimentos. Podes bater enquanto quiser.

Mas não tornaram a bater.

Uma grande lassidão apoderou-se de Lee. Os ombros descaíram vergados ao peso da impotência. Procurou gracejar.

— Se lá for, encontro um prospecto debaixo da porta, mas se me deixar aqui ficar, a minha velha cabeça cansada há de teimar que foi a morte que nos bateu à porta. Prefiro o prospecto.

Lee sentou-se na sala e contemplou o envelope que tinha nos joelhos. De repente, cuspiu em cima.

— Toma — disse ele. — É para que saibas.

Abriu-o e pôs logo em cima da mesa.

— Não — disse ele, fitando o chão intensamente. — Não tenho o direito. Ninguém tem o direito de poupar uma experiência, por menor que seja. A vida e a morte são-nos devidas. Todos temos direito ao sofrimento.

Sentiu uma contração no estômago.

— Não tenho coragem. Sou um covarde indecente. Não conseguirei aguentar.

Foi ao banheiro, pôs três colheres de brometo num copo e acrescentou água até que o remédio encarnado ficasse cor-de-rosa. Levou o copo para a sala e sentou-se. Dobrou o telegrama e meteu-o no bolso. Depois, disse em voz alta: — Meu Deus, odeio a covardia! Ninguém imagina como odeio os covardes!

Tremiam-lhe as mãos e um suor frio escorria pela testa. Às quatro horas, ouviu Adam a abrir a porta da entrada. Lee umedeceu os lábios. Ergueu-se e dirigiu-se lentamente para a porta.

Na mão firme, levava o copo de brometo.

Capítulo LV

1

Todas as luzes brilhavam em casa dos Trask. A porta da rua ficara entreaberta e a casa estava gelada. Na sala, Lee parecia uma folha caída numa cadeira. Pela porta aberta do quarto de Adam saíam vozes.

Quando Cal entrou, inquiriu: — O que há?

Lee ergueu os olhos e designou com a cabeça a mesa onde estava o telegrama aberto.

— Teu irmão morreu — disse ele. — Teu pai teve um ataque.

Cal encaminhou-se para o quarto. Lee deteve-o. — Não vás. O Dr. Murphy e o Dr. Edwards estão com ele. Deixa-os sós.

Cal plantou-se diante de Lee. — É grave? Lee, é grave?

— Não sei.

Pôs-se a falar como se contasse uma velha história.

— Voltou fatigado. Mas eu tinha de lhe ler o telegrama. Era esse o seu direito. Durante cinco minutos, ficou a repeti-lo em voz alta e, depois, de repente, as palavras penetraram na cabeça e explodiram.

— Está consciente?

Lee disse com cansaço: — Senta-te e espera, Cal. Senta-te e espera. Tens de te habituar. Eu estou a ver se consigo.

Cal pegou o telegrama e leu a fórmula digna e seca.

O Dr. Edwards saiu, acenou amavelmente com a cabeça, atravessou a porta e fechou-a sem ruído. O Dr. Murphy pôs a maleta em cima da mesa, sentou-se e suspirou.

— O Dr. Edwards pediu-me que o prevenisse.

— Como está ele? — perguntou Cal.

— Vou dizer-lhe tudo quanto sabemos. Doravante, será você o chefe da família. Cal, sabe o que é uma hemorragia cerebral? — Não esperou pela resposta de Cal. — É um derramamento de sangue no cérebro. Certas partes são atingidas. Ele já teve derramamentos, mas menos importantes. O Lee sabe o que eu quero dizer.

— Evidentemente — disse Lee.

O Dr. Murphy deitou-lhe um olhar e dirigiu-se novamente a Cal. — O lado esquerdo ficou paralisado. O lado direito tem uma paralisia parcial. É provável que não veja nada do olho esquerdo, mas não podemos garantir. Por outras palavras, o seu pai está reduzido a completa impotência.

— Pode falar?

— Muito pouco. Só com dificuldade. Não o fatigue.

Cal tinha a garganta seca. — Poderá curar-se?

— Já ouvi falar em casos de reabsorção. Mas, pessoalmente, nunca vi nenhum.

— Então, vai morrer?

— Não sabemos. Pode viver uma semana, um mês, um ano ou mesmo dois. E pode morrer esta noite.

— Será capaz de me reconhecer?

— Verifique por si mesmo. Vou mandar-lhe uma enfermeira e, depois, arranje duas que se revezarão à cabeceira do doente. — O médico levantou-se. — Tenho muita pena, Cal. Coragem! Vai precisar de muita coragem. A coragem das pessoas surpreende sempre. O Dr. Edwards vem cá amanhã. Boa noite.

Estendeu a mão para tocar no ombro de Cal, mas o rapaz recuou e dirigiu-se para o quarto de Adam.

O pai descansava, encostado às almofadas. O rosto estava calmo e pálido, a boca mantinha-se firme, nem sorridente, nem severa. Os olhos estavam abertos, parecendo extremamente profundos e muito luminosos. Dir-se-iam dotados de uma nova acuidade. Quando Cal entrou no quarto, mexeram e pousaram-se nele. Depois de passarem pelo peito, subiram até ao rosto e ali se fixaram.

Cal sentou-se na cadeira ao lado da cama e disse: — Lamento muito. As pálpebras subiram e desceram como as de uma ave noturna. — Ouves-me? És capaz de me compreender? — Os olhos não mexeram. — Sou eu — soluçou Cal. — Sou eu o responsável pela morte do Aron e pela tua doença. Fui eu que o levei a casa da Kate e lhe mostrei a mãe. Foi por isso que ele fugiu. Eu não quero agir mal, mas sinto-me arrastado.

Pousou a cabeça na borda da cama para evitar o terrível olhar, mas continuava a senti-lo. Sabia que aqueles olhos nunca mais o largariam, como se fossem uma nódoa.

Bateram à porta. Pouco depois, Lee entrou no quarto, precedendo a enfermeira, uma mulher corpulenta com bastas sobrancelhas pretas. A mulher abriu simultaneamente a mala e a boca.

— Onde está o meu doente? Ah! aqui está. Mas que rico aspecto que ele tem! Que faço eu aqui? Mais valia que se levantasse e que tratasse de mim. Importava-se de tratar de mim? Oh! mas que doente tão bonito!

Segurou Adam com um braço musculoso e ergueu-o sem dificuldade enquanto, com a outra mão, virava as almofadas.

— Almofadas frescas! — disse ela. — Não gosta de almofadas frescas? Onde é o banheiro? Quem me arranja uma arrastadeira e uma bacia? Podem pôr aqui um canapé?

— Faça uma lista — disse Lee. — E se precisar de ajuda por causa dele...

— Precisar de ajuda para quê? Vamo-nos entender os dois muito bem, não é verdade, meu amor?

Lee e Cal retiraram-se para a cozinha. Lee disse: — Antes de ela chegar, ia obrigar-te a comer. Percebes, como certas pessoas que usam a comida para todos os fins, sejam eles bons ou maus. Ela deve ser desse gênero. Come ou não, como te der na gana.

Cal sorriu-lhe. — Se me tivesses obrigado, acho que teria adoecido. Mas, visto que levas as coisas para esse lado, parece que vou fazer um sanduíche.

— Uma não.

— Pois eu quero uma.

— Dá sempre resultado. Chega a ser triste. Acho mesmo indecente que toda a gente reaja da mesma forma.

— Já não quero sanduíche — disse Cal. — Sobrou torta?

— Procura no cesto do pão. Deve estar um pouco dura.

— Eu gosto dela dura — disse Cal. Pôs o prato em cima da mesa e sentou-se à frente.

A enfermeira meteu a cabeça pela porta.

— Mas que rica torta! — disse ela. — Pegou num bocado de torta, deu-lhe uma dentada e falou com a boca cheia. — Posso telefonar ao Krough por causa dos remédios? Onde é o telefone? Onde guardam a roupa? Onde está a minha cama? Já acabou de ler esse jornal? Onde foi que disse que ficava o telefone?

Pegou outro pedaço de torta e retirou-se.

Lee perguntou em voz baixa: — Ele falou?

Cal abanou a cabeça da esquerda para a direita, num movimento que parecia nunca mais acabar.

— Isto vai ser horrível. Mas o doutor tem razão. Nós somos uns animais maravilhosos que conseguimos suportar tudo.

— Eu não. — A voz de Cal era branca. — Eu não posso suportar. Não, não posso. Sou incapaz. Tenho de... Tenho de...

Lee segurou-lhe no pulso com violência.

— Rebelde! Não tens vergonha de pensar em tal coisa quando te vês rodeado por tanta bondade? Em que teu sofrimento é mais requintado do que o meu?

— Não se trata de sofrimento. Eu contei tudo. Matei o meu irmão. Sou um assassino e ele sabe.

— Ele disse? Então... ele disse?

— Não precisava. Via-se nos olhos. Disse com os olhos. Não há lugar onde me esconda para escapar àqueles olhos.

Lee suspirou e afrouxou a mão. — Cal, escuta. Os centros vitais de Adam foram atingidos. Tudo o que vês nos olhos dele talvez não passe do resultado da infiltração do sangue no seu cérebro. Não te recordas? Ele já não conseguia ler. Não era por causa dos olhos, mas da tensão. Tu não sabes se ele te acusou. É uma coisa que não podes afirmar.

— Acusou, sim. Eu sei que acusou. Ele disse que eu era um criminoso.

— Ele há de perdoar. Prometo.

A enfermeira surgiu no enquadramento da porta.

— O que é que tu prometes, Ching-Chong? Não me tinhas prometido uma xícara de café?

— Vou fazer. Como está ele?

— Dorme que nem uma criança. Há alguma coisa que se leia nesta casa?

— O que quer?

— Qualquer coisa que me faça esquecer os meus calos.

— Com o café, levo-lhe umas histórias indecentes escritas por uma rainha de França. Talvez as ache demasiado...

— Podes levá-las com o café — disse ela. — Por que não vais passear pelas brasas, catraio? O Ching-Chong e eu ficamos de atalaia. Não te esqueças do meu livro, Ching-Chong.

Lee pôs a máquina de café em cima do fogão. Depois, disse: — Cal?

— Que queres? — Vai ver a Abra.

2

Cal apoiou o dedo na campainha até que se acendesse uma luz e fosse

corrido o fecho de segurança. A Sra. Bacon deitou-lhe uma mirada.

— Queria falar com Abra — disse Cal.

Estupefata, ela abria a boca. — O que quer?

— Ver a Abra.

— Não pode ser. Já está deitada. Vá embora.

Cal repetiu com mais força: — Já disse que quero ver a Abra.

— Vá-se embora ou chamo a polícia.

— O que é? Quem é? — perguntou a voz do Sr. Bacon.

— Não faças caso. Vai deitar-te que estás doente. Eu trato de tudo.

Voltou-se para Cal. — Saia da minha porta. E se tornar a bater, telefono à polícia.

A porta bateu, o ferrolho rangeu e a luz apagou-se.

Cal ficou imóvel, sorrindo à ideia de que a polícia era representada por Tom Meek. Já o via a perguntar: — Então, Cal, o que andas a tramar?

A Sra. Bacon gritou de dentro: — Olhe que o estou a ver. Vá embora.

Atravessou vagarosamente o jardim e encaminhou-se para casa.

Ainda não dera vinte passos quando Abra chegou a correr ofegante. — Saí pela porta da cozinha — disse ela.

— Os teus pais vão dar por isso.

— Azar.

— Sério?

— Claro.

— Abra, eu matei o meu irmão e o meu pai ficou paralítico por minha causa.

Ela agarrou-lhe o braço com as duas mãos. Cal perguntou: — Ouviste?

— Ouvi.

— Abra, a minha mãe era uma perdida.

— Bem sei. Tu já me disseste. O meu pai é um ladrão.

— O sangue da minha mãe corre nas minhas veias, Abra.

— E o sangue do meu pai corre nas minhas.

Marcharam em silêncio, enquanto Cal tentava recuperar o equilíbrio. O vento estava gelado e aceleraram o passo para se aquecerem. Passaram diante do último candeeiro de Salinas. Para a frente, só havia escuridão. Debaixo dos pés, o solo era escorregadio. Tinham chegado ao fim da rua, ao fim da luz. A lama era pegajosa e a erva estava coberta de geada. Abra perguntou: — Para onde vamos? — Quero fugir ao olhar do meu pai. Vejo os olhos dele à minha frente. Quando fecho os meus, continuo a vê-los. Hei de vê-los sempre. O meu pai vai

morrer, mas os seus olhos continuarão a olhar-me para me dizerem que matei o meu irmão.

— Tu não o mataste.

— Matei, sim. Disseram-me os olhos do meu pai.

— Não fales assim. Para onde vamos?

— Um pouco mais adiante. Há uma fonte e um chorão ao lado. Recordas do chorão?

— Sim.

Cal disse: — Os ramos caem como uma cortina e cobrem o chão.

— Eu sei.

— À tarde, quando fazia sol, o Aron e tu afastavam os ramos e entravam.

E ninguém podia vê-los.

— Tu espreitaste?

— Claro. Quero ir contigo para baixo do chorão. É só isso o que eu quero. Ela parou e deteve-o.

— Não — disse ela. — Tu não tens o direito.

— Não queres ir comigo?

— Se é para te esconderes, não!

— Então, que devo fazer? Diz-me.

— Dás-me ouvidos?

— Não sei.

— Vamos voltar para casa.

— Que casa?

— Para a casa do teu pai.

3

Estavam todos violentamente iluminados pelo candeeiro da cozinha. Lee acendera o fogão para aquecer a casa.

— Ela obrigou-me a voltar — disse Cal.

— Por isso esperava eu.

Abra disse: — Ele teria voltado mesmo sozinho.

— Isso é o que nunca saberemos — disse Lee.

Saiu da cozinha e voltou pouco depois.

— Continua a dormir.

Colocou uma botija de pedra e três pequenas xícaras de porcelana

transparente em cima da mesa.

— Lembro-me dessa botija — disse Cal.

— Naturalmente. — Lee serviu a bebida negra. — Bebe-se um gole e deixa-se ficar na boca.

Abra fincou os cotovelos na mesa.

— Ajude-o — pediu ela. — Você sabe aceitar as coisas, Lee. Ajude-o.

— Eu não sei se as aceito — disse Lee. — Nunca tive ocasião de verificar. Sempre me tenho visto... cada vez menos na possibilidade de enfrentar a incerteza. Eu, tive de chorar... sozinho.

— Chorar? Você?

— Quando Samuel Hamilton morreu, o mundo extinguiu-se como uma vela. Tornei a acendê-lo para ver as suas maravilhosas criações, mas afinal só vi os seus filhos atirados uns contra os outros, dilacerados e destruídos, como se se tratasse de uma vingança. Devem conservar o ng-ka-py em cima da língua. — Prosseguiu: — Eu próprio descobri os meus erros. Julgava que os bons são destruídos, enquanto que os maus sobrevivem e prosperam... julgava que um deus furioso derramava fogo líquido para destruir ou purificar a sua obra de argila. Julgava ter herdado as cicatrizes deixadas pelo fogo, assim como as impurezas que tinham tornado o fogo necessário. Sim, julgava tê-las herdado. É isso o que sentem?

— Acho que sim — disse Cal.

— Eu não sei — disse Abra.

Lee abanou a cabeça.

— Mas não basta. É preciso ir mais longe. Talvez...

Calou-se.

Cal sentia o calor do álcool no estômago.

— Talvez o que, Lee?

— Talvez tu venhas a compreender que é necessário que cada homem de cada geração passe pela prova do fogo. Supões que um artífice, mesmo já velho, perde a ambição de fazer uma xícara perfeita, fina, sólida, translúcida? — Olhou a xícara à transparência. — Todas as impurezas são queimadas e a xícara fica pronta a receber um líquido glorioso ou a regressar à fornalha. Então, ou se amontoam as escórias, ou se obtém o que todos pretendem: a perfeição. — Despejou a xícara e disse em voz alta: — Ouve, Cal: achas que quem quer que presidiu à nossa criação estará disposto a desistir de tentar aperfeiçoar-nos?

— Não consigo convencer-me do contrário. Pelo menos, por enquanto.

Os passos pesados da enfermeira retumbaram na sala. A mulher deteve-se

à porta e observou Abra que continuava de cotovelos fincados na mesa e com o rosto entalado nas mãos.

— Têm uma garrafa para a água? Os doentes estão sempre com sede. Não sei se percebem, ele respira pela boca.

— Está acordado? — perguntou Lee. — Aqui tem a garrafa.

— Está acordado, está. E muito bem disposto. Lavei o rosto dele e penteiei-o. É um bom doente. Até tentou sorrir-me.

Lee levantou-se.

— Vem comigo, Cal. Venha também, Abra. É preciso que venha.

A enfermeira encheu a garrafa na torneira do lava-louças e saiu à frente. Quando entraram no quarto, Adam estava sentado, muito bem escorado pelas almofadas. As mãos brancas repousavam de ambos os lados do corpo e as veias, desde os pulsos até às falanges, pareciam mais salientes. O rosto tinha a cor da cera e os ossos destacavam-se com nitidez. Respirava lentamente. Os olhos azuis refletiam a luz.

Lee, Cal e Abra colocaram-se ao lado da cama e os olhos de Adam percorreram-nos sucessivamente enquanto os lábios tentavam formar uma palavra de saudação.

A enfermeira disse: — Olhem como está bonito! É o meu amorzinho, o meu torrão de açúcar.

— Cale a boca! — disse Lee.

— Não vão cansar o doente?

— Saia deste quarto — disse Lee.

— Hei de queixar-me ao doutor.

Lee voltou-se para ela com ar resoluto. — Saia do quarto e feche a porta. E vá queixar-se ao doutor.

— Não estou habituada a receber ordens de um china.

Cal disse: — Saia e feche a porta.

A enfermeira bateu com a porta de forma a demonstrar a sua desaprovação. Adam teve um ligeiro sobressalto.

Lee disse: — Adam.

Os grandes olhos azuis procuraram a voz e acabaram por pousar no rosto de Lee.

— Adam, não sei o que pode ouvir ou compreender. Quando tinha a mão entorpecida e não conseguia ler, eu tentava ajudá-lo. Hoje, está só, entregue a si mesmo. É muito possível que, por trás desses olhos claros, haja vida e lucidez. Quem sabe se vive num sonho obscuro e confuso ou se só descortina a luz e o

movimento, como sucede aos recém-nascidos? O seu cérebro foi atingido e talvez seja agora um novo homem. Talvez já não seja justo, nem honesto. Ninguém o sabe, a não ser você. Adam, está a ouvir-me?

Os olhos azuis fecharam-se e tornaram a abrir-se.

Lee disse: — Obrigado, Adam. Eu sei quanto deve custar. Mas vou pedir-lhe um esforço ainda maior. Aqui tem o seu filho Caleb, o seu único filho. Olhe para ele, Adam.

Os olhos claros moveram-se até encontrarem Cal. A boca de Cal formou uma palavra, mas não se ouviu nada. A voz de Lee continuou: — Não sei quanto tempo lhe resta de vida, Adam. Anos ou uma hora. Mas o seu filho viverá. Há de casar e os seus filhos serão tudo o que restará de você.

Lee enxugou os olhos com os dedos. — Ele agiu movido pela ira, Adam, por ter julgado que você o rejeitava. E a ira matou o irmão, o seu filho.

Cal disse: — Lee, não tens o direito...

— Tem de ser — disse Lee. — Tenho de o fazer, mesmo que o mate. Sou obrigado a escolher — Sorriu tristemente e repetiu a frase de Samuel: — “Se censura houver, a mim me cabe”. — Depois, endireitou-se e disse com vigor: — O seu filho sofre uma culpa... alheia... alheia... O fardo é grande demais para ele. Não o esmague com o desdém, Adam. Não o esmague. — Na garganta seca de Lee, sibilou o ar aspirado. — Adam, dê-lhe a sua bênção. Não o deixe só com a sua culpa. Adam, está a ouvir-me? Dê-lhe a sua bênção.

Nos olhos de Adam ateou-se um clarão terrível. Os olhos fecharam-se e assim se mantiveram, enquanto se formava uma ruga entre as sobrancelhas. Lee disse: — Ajude-o, Adam, ajude-o. Dê-lhe essa oportunidade. Liberte-o. É a única coisa que eleva o homem acima do animal. Liberte-o... abençoe-o!

Toda a cama pareceu estremecer. Esgotado pelo esforço, Adam respirou mais depressa, e, depois, lentamente, a mão direita ergueu-se um pouco acima do lençol e tornou a cair.

Lee tinha o olhar esgazeado. Aproximou-se da cabeceira da cama e limpou o rosto molhado do doente com a ponta do lençol. Em seguida, debruçou-se para aqueles olhos fechados.

— Obrigado, Adam. Obrigado, meu amigo. És capaz de mover os lábios? Forme o nome dele com os lábios.

As pálpebras abriram-se, deixando ver os olhos extenuados.

Os lábios afastaram-se, colaram-se, tentaram de novo. Depois, encheu os pulmões de ar e expeliu-o por entre os dentes.

A palavra murmurada pairava no ar: — Timshel!

Fechou os olhos e adormeceu.

FIM

.txt



.ePub



2013-1014